

O ARCHEOLOGO
PORTUGUÊS

Composto na Escola Tipográfica da Imprensa Nacional
Edição e propriedade do Museu Etnológico Português

O ARCHEOLOGO 202 PORTUGUÊS

COLECÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

REDACTOR—J. LEITE DE VASCONCELOS



VOL. XXIV

PREISTÓRIA—EPIGRAFIA



NUMISMÁTICA—ARTE ANTIGA

Veterum volvens monumenta virorum



SUMÁRIO

DR. AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO:	3.
SINAIS MEDIEVAIS DE TABELIÃO:	13.
LA CERAMICA PREHISTÓRICA DECORADA:	23.
UMA SEMANA ROMANICA:	33.
ESTATUÁRIA MEDIEVAL DE COIMBRA:	45.
LA STATION PALÉOLITHIQUE ANCIENNE D'ARRONCHES (PORTALEGRE) PAR L'ABBÉ H. BREUIL, PROFESSEUR À L'INSTITUT DE PALÉON- TOLOGIE HUMAINE (PARIS):	47.
OBJECTOS PALEOLÍTICOS DE ARRONCHES REMETIDOS AO MUSEU ETNO- LÓGICO PELO SR. P. ^o H. BREUIL:	56.
MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE MONTALEGRE:	58.
CERAUNIAS:	87.
ARCOS DE FERRADURA:	93.
ESTUDOS SOBRE A ÉPOCA DO FERRO EM PORTUGAL:	99.
VIAGEM DE PÉREZ BAYER EM PORTUGAL, EM 1782.	
ANDRÉ DE RESENDE E A CRÓNICA DO MOURO RASIS:	177.
ESTUDOS SOBRE A ÉPOCA DO BRONZE EM PORTUGAL:	193.
UMA ARA INÉDITA:	197.
OBJECTOS ARQUEOLÓGICOS DE ALCOUTIM:	198.
CASTRO DE PENUDE:	203.
O PELOURINHO DE CASTRO LABOREIRO:	211.
TRÓIA DE SETÚBAL, «CETÓBRIGA DOS ROMANOS?»:	213.
COISAS VELHAS:	215.
CURIOSIDADES ANTIGAS DE COIMBRA:	233.
UM MONUMENTO FUNERÁRIO DE PINHOVELO, CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS:	240.
AQUISIÇÕES DO MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS:	241.
HIEROLOGIA LUSITANICA:	270.
CARTAS DE AUGUSTO FILIPE SIMÕES:	286.
PARA A HISTÓRIA DA MEDALHÍSTICA:	291.
ESTELAS DISCÓIDES ANTIGAS DO MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS:	291.
BIBLIOGRAFIA:	293.
NECROLOGIA:	293.
CRÓNICA:	301.

Este volume vai ilustrado com 90 gravuras e 38 estampas.

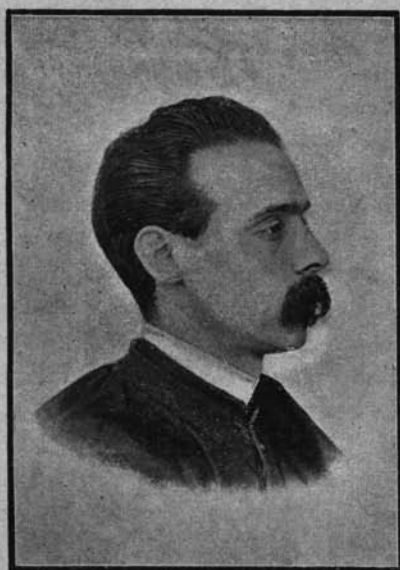
Bo

Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} Augusto Mendes Simões de Castro,

investigador consciencioso das antiguidades da nossa terra,
sobretudo de Coimbra,
o qual, de entre os cultores da Arqueologia, que ora vivem em Portugal,
é quem ha mais tempo trabalha nesse campo,
sempre com afínco:
se dedica o volume XXIV de «O Archeologo Português»,
em sinal de veneração.

Lisboa, 3 de Agosto de 1919.

J. Leite de Vasconcellos.



Dr. Augusto Mendes Simões de Castro

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XXIV

BIBLIOTECA

LISBOA

1919 & 1920

Dr. Augusto Mendes Simões de Castro

Entre as gerações que há cinquenta anos têm passado pela Universidade de Coimbra, difficilmente se encontrará alguêm, que, com manifesto amor aos livros e às antiguidades históricas, se não tenha relacionado com o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Quantos aqui fizeram o seu noviciado literário ficaram sabendo que falar-lhe em livros e antiguidades era ganhar-lhe o coração; e quem pretendesse consultá-lo, obter um esclarecimento, uma indicação bibliográfica, uma das variadas minúcias de que às vezes depende tudo em trabalhos literários, podia considerar-se apresentado pela própria natureza do assunto: era recebido de braços abertos, e tinha ali um expositor vivo, pronto a guiar e esclarecer com a mais franca liberalidade.

Tal é, ainda hoje, o Dr. Simões de Castro: os seus 74 anos bem andados não lograram afectar-lhe a inteligência viva, a memória vasta e pronta, o espirito communicativo, a índole bondosa e prestadia do seu límpido carácter.

Com vasta erudição, adquirida no estudo e em leituras constantes, que lhe absorveram o espirito desde rapaz, e com aquella ingénua e complacente franqueza, sempre disposto a proporcionar o auxilio dos seus variados e profundos conhecimentos, é fácil imaginar quantos serviços e de quanto aprêço tenha prestado aos que a elle recorreram. Raro será o investigador de antiguidades históricas e literárias que não lhe tenha batido à porta com grande proveito.

Feias ingratidões foram algumas vezes a recompensa de tais favores, tam boamente dispensados; porém muitos dos nossos melhores investigadores em livros e revistas têm prestado agradecida homenagem à erudição e à gentileza do Dr. Simões de Castro. O falecido escri-

tor Ramos Coelho, registando valiosos esclarecimentos recebidos, punha em relevo o «génio obsequiador» e o «belo exemplo» do Dr. Simões de Castro, em contraste com o procedimento doutros «nesta desinquieta república das letras, tam cheia de ambições nem sempre legítimas, e de egoísmos mal entendidos, quando não de gélida indiferença, que seca e esteriliza tudo!». (*O Instituto*, vol. xxxiii, pp. 132-133).

O Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, filho de Joaquim Mendes de Castro e D. Ana Augusta Simões de Castro, nasceu em Coimbra a 3 de Agosto de 1845. Concluídos os estudos preparatórios, matriculou-se em 1863 no primeiro ano da Faculdade de Teologia, que não concluiu, por doença. Ao reatar os estudos preferiu a Faculdade de Direito, na qual concluiu a formatura em 1871.

Não será excesso conjecturar que à sciência jurídica apenas consagrasse o tempo que lhe impunha o brio pessoal e o seu nunca desmentido espírito de ordem e disciplina.

As letras atraíam-no mais do que as leis. Muito antes de concluída a formatura, já Simões de Castro alcançara boa e larga reputação literária. Depois de ensaiar-se em numerosos artigos históricos e arqueológicos publicados em jornais e revistas, fundara o *Panorama Photográfico de Portugal*, uma das mais acuradas publicações portuguesas do seu género; e dera à estampa o seu livro *Guia Histórico do Viajante em Coimbra*, recebido com grande aplauso de todos os homens de letras e com vivo alvoroço de todos os que se dedicam a assuntos históricos. Poucos se poderão orgulhar de tam auspiciosa estreia, que deixou consagrado o nome do autor, pelo esmero da forma e pela abundância, escrúpulo e documentação das notícias históricas.

Nenhuma cidade portugüesa reúne em tam breve espaço a riqueza de memórias e tradições que enchem a história de Coimbra; e pela feição característica, em que predomina a actividade universitária, a aglomeração de colégios conventuais, o bulício da mocidade, a lenda poética, o desabrolhar do talento nos vãos da fantasia, todo esse formoso e quasi indefinível conjunto que parece condensar neste recanto a alma portugüesa no que ela tem de sentimental e apaixonado,—sob tais aspectos nenhuma outra iguala a linda cidade do Mondego. Pois ninguém como Simões de Castro ressuscitou essas memórias, restituiu à vida essas tradições.

Dos escritores que ao *Guia Histórico do Viajante em Coimbra* fizeram as mais elogiosas referências, um teve uma frase entusiástica

que define o livro: — «Quem tiver o *Guia Histórico* sobre a mesa tem Coimbra em sua casa».

*

Deixando os bancos da Universidade, o Dr. Simões de Castro consagrou toda a sua actividade aos estudos da sua maior predilecção. Vivo, ágil e desembaraçado, elle estava em toda a parte onde se fizesse a nota intelectual, onde se discutisse uma questão histórica ou arqueológica. Ninguém mais pontual, mais diligente, mais prestimoso; e assim se explica que a sua colaboração se tivesse por indispensável, quando se empreendiam trabalhos que exigiam amor e desinteresse.

Ao Instituto prestou o Dr. Simões de Castro os mais relevantes serviços, hoje ignorados de muitos, acaso esquecidos dos poucos que sobrevivem. Quem melhor quizer conhecê-los terá de percorrer as actas das sessões daquela prestigiosa agremiação, pois de muitos não houve conhecimento público.

Em sessão de 5 de Março de 1873, deliberou a Classe de Literatura e Belas Artes do Instituto, «que se nomeasse uma comissão de Archeologia, e que numa das salas do Instituto se desse cabida aos monumentos archeológicos e epigráficos que esta Associação pudesse adquirir e que chamassem a atenção dos que prezam as investigações archeológicas». Havia então em Coimbra um núcleo de homens apaixonadamente dedicados ao estudo da archeologia, e que do seu saber deixaram veneranda memória e perduráveis monumentos: Abílio Augusto da Fonseca Pinto, António Xavier de Sousa Monteiro, Augusto Mendes Simões de Castro, João Correia Ayres de Campos, João José de Mendonça Cortês, Manuel da Cruz Pereira Coutinho e Miguel Osório Cabral de Castro. Constituíram estes inicialmente a comissão de Archeologia do Instituto; dias depois aggregou-se-lhes Adolfo Loureiro.

Entre todos elles se escolheu uma Direcção, que de electiva se tornou permanente e se compunha dos mais afervorados e eruditos: Miguel Osório, presidente; Cruz Coutinho e Filipe Simões, vice-presidentes; Augusto Mendes Simões de Castro, secretário; e Ayres de Campos, conservador do museu. [Faz tristeza notar como vão esquecidos os trabalhos destes beneméritos, a quem tanto devem os estudos archeológicos e a cidade de Coimbra!

Com excursões repetidas e aturado estudo, conseguiram pôr a descoberto e esclarecer curiosos monumentos da antiguidade, tanto em Coimbra como em diversas terras dos arredores. Foi talvez então que o Dr. Simões de Castro enrijeceu as invejáveis pernas que ainda

recentemente o levavam em poucas horas de Coimbra ao Buçaco e a Lervão, galgando montes e vales, com a frescura dum passeio no Choupal.

Do saber, inteligência e zelo que o Dr. Simões de Castro provou na execução daqueles trabalhos deu público e solene testemunho Miguel Osório, no *Relatório dos Trabalhos da Secção de Archeologia*:

«Faltariam os a um dever de justiça e de verdade, se não mencionássemos que a este nosso consócio, o Sr. Augusto Mendes Simões de Castro, se devem em grande parte os progressos da Secção: o seu infatigável zelo tem animado todos os trabalhos: assíduo nas reuniões, exacto no cumprimento de todos os deveres de secretário, prompto para fazer parte de todas as excursões archeológicas, onde se apresenta sempre com grande cópia de notícias, que diminuem sensivelmente o trabalho dos investigadores, pode ser igualado mas não excedido. O público conhece sufficientemente o autor do *Guia do Viajante em Coimbra* para que possa suspeitar de exaggeradas as nossas expressões. As actas das sessões podem attesfar aos sócios do Instituto quanto está ainda muito longe da verdade o pouco que temos dito». (*O Instituto*, vol. xx, p. 88).

Seabra de Albuquerque, pessoa que muito de perto acompanhava e registava o movimento literário e scientifico de Coimbra naquele tempo, assinalou também os serviços do Dr. Simões de Castro à Secção de Archeologia do Instituto:... «Mendes de Castro — dizia — tem sido infatigável e muito zeloso no seu progredimento; não só engrandecendo o museu com muitos objectos, mas ainda mais com copiosas noticias sobre os que ali se acham depositados. — As actas das sessões, escritas por seu próprio punho, são um rico manancial de noticias histórico-arqueológicas que muito o honram». (*Bibliographia da Imprensa da Universidade de Coimbra*, 1880-1883, p. 42).

Ao Instituto prestou ainda outros serviços, já no secretariado da Direcção, já no corpo redactorial da revista.

*

Em 1875 publicou o Dr. Simões de Castro o *Guia Historico do Viajante no Bussaco*, livro não menos célebre do que o *Guia Historico do Viajante em Coimbra*. A história daquela aprazível estância nas suas origens monásticas, as noticias acêrca da formosa mata e dos seus pontos mais pitorescos, são assuntos tratados naquele livro com delicadeza e mimo bem proporcionados ao encanto do sítio, onde os frades conseguiram, como em parte nenhuma, reunir em harmonioso

conjunto o sentimento estético e as galas da natureza. A desolação do ermo, santificada no pensamento religioso para elevar o espírito à grandeza de Deus e fazê-lo baixar à miséria humana, foi suavizada pelas opulências da vegetação, que tornam mais denso o véo do isolamento e mais doce o enlévo da contemplação divina. ; Como no livro de Simões de Castro se reconhece a intenção daquelle instituto de carmelitas!

Porém o Buçaco, além dos seus encantos poéticos e do espírito religioso que inspirou a obra admirável dos frades, tem outro aspecto bem querido de todos os portugueses. Àquele recanto com orgulho chamam seu todos os que alimentam na alma o fogo sagrado do patriotismo, porque ali se feriu uma das mais memoráveis e mais sangrentas pelejas em defesa da independência nacional. Pelo recôncavo daqueles montes ecoou o troar do canhão que varria fileiras de homens; em cada palmo daquelas quebradas correu sangue de portugueses que morriam pela Pátria; jorrou sangue de inimigos que serviam a mais desvairada ambição que regista a história.

As notícias e documentos reunidos por Simões de Castro acêrca da batalha do Buçaco dão ao seu livro grande relêvo como trabalho histórico; e por isso êle se tornou conhecido até de estrangeiros, como fonte imprescindível para o conhecimento dos pormenores do combate e das disposições que antes dêle se tomaram. ; Obra encantadora de erudição, de escrupuloso critério, de labor beneditino e de quente patriotismo!

*

A bibliografia constituiu sempre uma das predilecções do Dr. Augusto Mendes Simões de Castro. Bastariam os auxílios que prestou ao autor e ao continuador do *Dicionário Bibliográfico Português*, para lhe darem jus à gratidão de todos os bibliófilos e de todos os estudiosos que naquela obra monumental procuram esclarecimentos e subsídios. Innocência da Silva e Brito Aranha testemunharam nobremente o valor da colaboração de Simões de Castro.

Com tam rara erudição bibliográfica e tam acrisolado amor ao trabalho e aos livros, foi convidado a prestar serviços na biblioteca da Universidade. Já como bibliotecário interino, já como encarregado do catálogo, executou naquelle estabelecimento os mais meritórios trabalhos, mais com a mira posta no prazer intelectual do que na mesquinha retribuição que lhe arbitraram. Durante muitos anos Simões de Castro foi como que a alma da biblioteca, quási catálogo vivo sempre à disposição dos estudiosos.

Um dos mais notáveis serviços, que ali tem prestado é a catalogação dos manuscritos, trabalho admirável de pormenor e de verdade, enriquecido de notas e referências da maior utilidade para os estudiosos e que bastaria para fazer a sua reputação de erudito. O catálogo ainda não está concluído; mas a parte já feita é muito considerável.

*

Mal se poderiam enumerar aqui os serviços que ao país tem prestado o Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, com os seus trabalhos em todos os ramos da arqueologia histórica.

Muito lhe deve, por exemplo, a história da arte portuguesa, pelos estudos históricos e descritivos de monumentos notáveis e pela vulgarização de documentos ignorados. No *Catálogo Illustrado da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental* se confessa o «grande auxílio» que o Dr. Simões de Castro deu na confecção daquele difícil trabalho.

Não é nosso intento, porém, alargar esta despretenciosa notícia além de poucas páginas, que bastem para afirmação de homenagem ao benemérito arqueólogo, e para apontar aos novos um estimulante exemplo de trabalho, probidade e dedicação ao património scientifico do espírito humano.

Das publicações do Dr. Simões de Castro oferecemos ao leitor, tam completa como nos foi possível organizá-la, a seguinte

Bibliografia

Guia Histórico do Viajante em Coimbra e Arredores, Condeixa, Loredão, Mealhada, Luso, Bussaco, Montemor-o-Velho e Figueira (com gravuras), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1867. Tem 328 páginas além de 4 inumeradas no princípio. Dêste livro está a fazer-se 2.^a edição, muito reformada, da qual já vimos impressas 240 páginas.

O Brasão de Coimbra, resenha do que escreveram e disseram acêrca d'elle alguns auctores distinctos, colligida e annotada por..., Coimbra, Imprensa da Universidade (1872). Êste trabalho publicara-o primeiramente o autor no vol. xv do *Instituto* (1872). O folheto formou-se com o artigo, aproveitada a respectiva composição tipográfica e introduzidas algumas ampliações. Passados 23 anos, em 1895, alcançando o autor noticia do brasão usado pelo município de Coimbra no ano de 1265 e no de 1385, brasão muito diferente do actualmente usado, publicou a p. 597 do vol. XLII do *Instituto* um artigo com o seu desenho e descrição. Do artigo se imprimiram alguns exemplares em separata com êste título:— *O Brasão de Coimbra* (separata do *Ins-*

tituto, vol. XLII, n.º 10), 8 páginas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1895.

Guia Historico do Bussaco (com gravuras), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1875. Com o título de *Guia Historico do Viajante no Bussaco* publicaram-se já dêste livro mais três edições, a saber: 2.ª em 1883; 3.ª em 1896; 4.ª em 1908. Esta última edição tem doze estampas e um mapa desdobrável (como também tem a 3.ª), no qual se indicam quasi todas as ruas do Buçaco, seus edificios e fontes.

Panorama Photográfico de Portugal, publicado sob a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro. Êste periódico, que sofreu várias interrupções, foi impresso em Coimbra nos anos de 1869, 1870, 1871, 1872, 1873 e 1874. Os seus números, dos quais o 1.º tem a data de 1 de Novembro de 1869, constituem quatro volumes; e cada volume era acompanhado de 12 estampas fotográficas, cujos assuntos estão indicados no *Dicionário Bibliográfico*, t. XVII, p. 385. Além de Simões de Castro, director, proprietário e editor da publicação, colaboraram nela A. A. da Fonseca Pinto, Adolfo Loureiro, Gonçalves Crêspo, A. F. Barata, António José Teixeira, Seabra de Albuquerque, Filipe Simões, Bernardo Mirabeau, Cândido de Figueiredo, Rodrigues de Gusmão, Vilhena Barbosa, Inocêncio da Silva, Frederico Laranjo, Simões Dias, Silvestre Ribeiro e vários outros.

Portugal-Pittoresco, sob a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro, 192 páginas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879. Apenas se publicou um volume, acompanhado de estampas cujos assuntos estão indicados no *Diccionario Bibliographico*, t. XVII, p. 390. O *Portugal Pittoresco* teve por colaboradores alguns do *Panorama Photográfico de Portugal*, e também, além doutros, os seguintes: Antero do Quental, A. C. Borges de Figueiredo, Pereira Caldas, Fialho de Almeida, Gomes Lial, Guilhermino de Barros, João de Andrade Corvo, J. C. Ayres de Campos, João de Deus, Joaquim de Araújo e Theóphilo Braga.

Noticia Historica e Descriptiva da Sé Velha de Coimbra (com uma fotografia), 31 páginas, Coimbra, Imprensa Académica, 1881.

Os tumulos de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I, 16 páginas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885.

Elogio de Coimbra em Versos Latinos por Ignacio de Moraes, Professor na Universidade no seculo XVI. Segunda Edição com um prólogo por Augusto Mendes Simões de Castro, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887. Êste escrito publicara-o Simões de Castro no *Instituto*, vol. xxxv, pp. 89-102 e 153-162, com o título:— *Um Livro Raris-*

simo de um Notável Litterato. Do Instituto se aproveitou a composição tipográfica, depois de entrelinhada em grande parte, para se imprimir o folheto.

A Universidade de Coimbra e o Marquez de Pombal, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913. É separata dum artigo publicado na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. I, p. 701.

Notas acêrca da Vinda e Estada de El-Rei D. João III em Coimbra no ano de 1550 e do modo como foi recebido pela Universidade, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914. É separata do artigo publicado no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, n.ºs 2, 3, 4 e 6.

A Batalha do Bussaco, por Augusto Mendes Simões de Castro, capítulo especial e outros trechos extraídos da 4.ª edição do seu livro Guia Histórico do Viajante no Bussaco, com uma estampa, cópia d'outra raríssima, representando a batalha, pertencente à preciosa colecção do Sr. Annibal Fernandes Tomás, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910.

Catálogo dos manuscritos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, no *Archivo Bibliográfico da Bibliotheca*, 1901, vol. I, p. 9; trabalho continuado nos treze volumes seguintes do mesmo *Archivo* e nos do *Boletim Bibliográfico da Bibliotheca*. O Catálogo encerra sumários e outras informações acêrca dos manuscritos, referências, conexões e várias indicações muito úteis.

Advertência, acêrca de uma carta, que no referido *Archivo* se publica de André Falcão de Resende, e assim intitulada: «Carta q̃ o Autor escreueo a hum seu Amigo em q̃ se conta a Vinda dos Ingresses a Lixª com dom Antonio Prior do Crato no Ano de mil e quinhêtos oytenta enoue annos». No *Archivo* cit., vol. I, p. 13.

A Dama da Cutilada, ib., vol. II, 1902, p. 13. Refere-se a um manuscrito em que se narra o decidido arrôjo de D. Guiomar Nunes, que assinalou com um gilvaz no rosto a um fementido amante que lhe prometera casamento e negava tal promessa.

Viagem da Rainha da Gram-Bretanha D. Catharina por Portugal no seu regresso de Londres a Lisboa em 1693, ib., vol. IX, 1909, pp. 93-96 e 107-112.

Advertência sôbre um curioso trabalho de Antonio Coelho Gasco que se intitula «Primeira Parte das Antiguidades da Muy nobre Cidade de Lisboa». Esta advertência precede, no *Archivo Bibliográfico*, vol. IX, pág. 123, a impressão do referido escrito de Gasco, que se conservava inédito no vol. n.º 504 dos manuscritos da Bibliotheca da Universidade.

O Dr. Simões de Castro tem publicado em revistas e jornais literários grande número de artigos históricos e arqueológicos, dos quais mencionaremos os seguintes:

Coimbra, no vol. I da colecção *A Arte e a Natureza em Portugal* (Pôrto, 1902). Neste artigo faz referência ao pitoresco aspecto da cidade; toca resumidamente a sua história e a da universidade e descreve alguns dos edificios universitários: paço das escolas, via latina, tórre, sala dos capelos, biblioteca.

Convento de Santa Clara em Coimbra, no vol. III da colecção *A Arte e a Natureza em Portugal*, Pôrto, 1903. Contém noticias históricas e descritivas dos objectos representados nas estampas juntas, a saber: 1.^a Mondego, ponte de ferro, velha igreja de Santa Clara, novos conventos de S. Francisco e de Santa Clara; 2.^a Túmulo de prata que encerra os restos da Rainha Santa Isabel; 3.^a Túmulo de pedra em que jazeu o corpo da Rainha Santa Isabel antes de trasladado para o túmulo de prata; 4.^a Claustro do mesmo convento.

O Bussaco, na colecção *A Arte e a Natureza em Portugal*, vol. VI, Pôrto, 1906. Contém noticias sobre os assuntos representados nas quatro estampas juntas: 1.^a Portaria da mata do Bussaco; 2.^a Avenida do Mosteiro; 3.^a O Mosteiro; 4.^a A Fonte Fria.

O Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida e a sua munificência para com a sua cathedral, no *Museu Illustrado*, 1878, vol. I, p. 254.

Duques de Coimbra, no *Museu Illustrado*, 1879, vol. II, pp. 158 e 184.

A Ponte de Coimbra, no *Amigo do Estudo*, Coimbra, 1867, p. 7.

Mosteiro de Chelas, no *Archivo Pittorresco*, vol. VII, p. 408.

Labyrinthos Curiosos, ib., vol. VIII, p. 64.

Mosteiro de Lorvão, ib., vol. VIII, pp. 75 e 87.

O Mosteiro de Santa Cruz, ib., vol. VIII, p. 391.

O Arco de Almedina, ib., vol. IX, p. 366.

O Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, ib., vol. X, p. 13.

A Villa da Figueira da Foz, ib., vol. XI, p. 337 e outras.

O Bispo de Coimbra D. Fr. Álvaro de S. Boaventura, no *Instituto*, vol. XV, p. 110.

Os Meninos de Palhavã—Destêrro de D. José e D. António no Bussaco, ib., p. 232.

As Ermidas do Bussaco, ib., vol. XVI, p. 45.

Jornada da Universidade a Elvas em 1645, ib., p. 91.

A Ermida do Calvário no Bussaco, ib., p. 284.

Acta da sessão de 5 de Junho de 1873 da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra, sobre as ruínas de Condeixa-a-Velha e a localização da antiga cidade *Aeminium*, ib., vol. XVII, p. 80.

Acta da sessão de 6 de Novembro de 1873 da Comissão de Archeologia do Instituto de Coimbra, sobre os mesmos assuntos da anterior, ib., p. 270. Esta acta e a anterior foram transcritas por Pinho Lial (*Portugal Antigo e Moderno*, t. II, pp. 372 e 374).

Bispos Condes, artigo sobre a origem do título de Conde de Arganil de que usaram os bispos de Coimbra, com o padrão pelo qual El-Rei D. Afonso V lhes concedeu aquela mercê, ib., vol. XIX, p. 17.

Convento do Bussaco, ib., p. 258.

A Floresta do Bussaco, ib., vol. XX, p. 199.

A Igreja de Sancta Justa de Coimbra e as inundações do Mondego, ib., vol. XXIV, p. 36.

Actas das sessões da Secção de Archeologia do Instituto de Coimbra, de 2 de Maio e do 1.º de Agosto de 1878, ib., vol. XXVI, pp. 140 e 142. Na segunda destas actas trata-se, entre outros assuntos, de várias pedras com inscrições romanas achadas no mesmo ano em Coimbra.

O Collégio dos Jesuitas, a Sé Nova e o Collégio das Artes em Coimbra, ib., vol. XXXII, p. 98.

Um livro raríssimo de um notável litterato, sobre o Conimbricæ Encomium, de Inácio de Moraes, ib., vol. XXXV, p. 89.

A Fonte da Fervença, no periódico *A Borboleta*, Braga, 1876, vol. I, pp. 120, 130 e 136.

Pascoal Parente, ib., vol. II, 1877, p. 102, com notícias acerca daquele pintor italiano, que residiu em Coimbra no século XVIII, e do qual existem várias pinturas nalgumas igrejas de Coimbra.

Apontamentos para a história de Coimbra, ib., vol. III, 1877, pp. 163 e 177.

Sé Velha de Coimbra, artigo com estampas do interior e do exterior daquele templo, na publicação intitulada *Coimbra, Boletim da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra e sua região*, n.º 1, Coimbra, 1916, p. 2.

Pórtico do Colégio de Santo Tomás em Coimbra, ib., n.º 2, p. 8.

Igreja do Antigo Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ib., p. 14.

A Torre da Universidade de Coimbra, ib., n.º 3, p. 16.

Um Manuscrito Interessante de D. Marcos da Cruz, no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, 1914, pp. 28-35.

Vinda de El-Rei D. João 3.º a Coimbra no ano de 1550, ib., pp. 78-86, 140-147, 191-194 e 291-294. Deste artigo fez-se separata com o título—*Notas acerca da Vinda e Estada de El-Rei D. João 3.º em Coimbra no ano de 1550 e do modo como foi recebido pela Universidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914.

Frontispício ornamentado de um exemplar, manuscrito em pergaminho, da «Chronica de D. Afonso Henriques» de Duarte Galvão, ib., pp. 236-241. Acompanha este artigo uma fototipia, que representa o formosíssimo frontispício do referido exemplar.

Alguns Apontamentos acêrca da 2.^a edição dos «Diálogos de Vária História» de Pedro de Mariz, ib., pp. 347-350. Junto do artigo está a reprodução, em fototipia, do rosto do referido livro.

A «Vita Christi» da Biblioteca da Universidade de Coimbra, ib., pp. 473-481. Com estampas que reproduzem algumas da Vita Christi.

*As Constituições do Bispado de Coimbra publicadas em 1521 pelo Bispo Conde D. Jorge de Almeida, e notas biográficas a êle relativas; ib., vol. II, 1915, pp. 99-109. Este artigo, acompanhado da reprodução fototípica do rosto das referidas Constituições e da página do seu Prologo, precede a reimpressão das mesmas, feita em várias páginas dos volumes II, III, IV e V do Boletim cit., e de tudo isso se fez uma separata com este título: *Constituyçoões do bispado de Coimbra: feytas pollo muyto reuerendo e magnífico senhor o senõr Dom Jorge Dalmeyda: Bispo de Coimbra Conde Darguanil. &c. . . Segunda impressão editada pela Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.**

Alguns Escritos do Cardeal D. Jorge da Costa, ib., vol. IV, 1917, pp. 159-164. Com notas biográficas acêrca do referido Cardeal; precede a publicação dalguns inéditos do mesmo, feita nos vol. IV e V do citado Boletim.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

Sinais medievais de tabelião

(Sec. XI-XIII)

«Até o fim do século XIII decorre o período mais obscuro da história do tabeliado em Portugal. Ainda assim, revela-se já o influxo que na instituição teve cá o direito de Justiniano, para a qual contribuiu não só com o nome dos officiaes que a representavam, mas ainda com muitos dos preceitos que a regiam». Deste modo se exprime o Sr. Gama Barros na *Hist. da administração*, t. III, p. 732. Nos nossos mais antigos documentos as pessoas que os escrevem apõem em geral aos seus nomes unicamente *notuit*, por exemplo: em um documento de 870 *Palmatius presbiter notuit*, nos *Diplomata et. Chartæ*, p. 4; num de 907 *Zidi presbiter notuit*, p. 10; num de 1002

Frontispício ornamentado de um exemplar, manuscrito em pergaminho, da «Chronica de D. Afonso Henriques» de Duarte Galvão, ib., pp. 236-241. Acompanha este artigo uma fototipia, que representa o formosíssimo frontispício do referido exemplar.

Alguns Apontamentos acêrca da 2.^a edição dos «Diálogos de Vária História» de Pedro de Mariz, ib., pp. 347-350. Junto do artigo está a reprodução, em fototipia, do rosto do referido livro.

A «Vita Christi» da Biblioteca da Universidade de Coimbra, ib., pp. 473-481. Com estampas que reproduzem algumas da Vita Christi.

*As Constituições do Bispado de Coimbra publicadas em 1521 pelo Bispo Conde D. Jorge de Almeida, e notas biográficas a êle relativas; ib., vol. II, 1915, pp. 99-109. Este artigo, acompanhado da reprodução fototípica do rosto das referidas Constituições e da página do seu Prologo, precede a reimpressão das mesmas, feita em várias páginas dos volumes II, III, IV e V do Boletim cit., e de tudo isso se fez uma separata com este título: *Constituyçoões do bispado de Coimbra: feytas pollo muyto reuerendo e magnífico senhor o senõr Dom Jorge Dalmeyda: Bispo de Coimbra Conde Darguanil. &c. . . Segunda impressão editada pela Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.**

Alguns Escritos do Cardeal D. Jorge da Costa, ib., vol. IV, 1917, pp. 159-164. Com notas biográficas acêrca do referido Cardeal; precede a publicação dalguns inéditos do mesmo, feita nos vol. IV e V do citado Boletim.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

Sinais medievais de tabelião

(Sec. XI-XIII)

«Até o fim do século XIII decorre o período mais obscuro da história do tabelião em Portugal. Ainda assim, revela-se já o influxo que na instituição teve cá o direito de Justiniano, para a qual contribuiu não só com o nome dos oficiais que a representavam, mas ainda com muitos dos preceitos que a regiam». Deste modo se exprime o Sr. Gama Barros na *Hist. da administração*, t. III, p. 732. Nos nossos mais antigos documentos as pessoas que os escrevem apõem em geral aos seus nomes unicamente *notuit*, por exemplo: em um documento de 870 *Palmatius presbiter notuit*, nos *Diplomata et. Chartæ*, p. 4; num de 907 *Zidi presbiter notuit*, p. 10; num de 1002

Gunsaluo notuit, p. 115; num de 1100 *Sisnandus notuit*, p. 547. Em vez de *notuit* pode encontrar-se outro verbo.

Dos dois termos sinonimos, *tabellio* e *notarius*, que vinham da antiguidade romana, através das leis dos Visigodos, e que designavam o escrevente de um documento ou auto, foi *tabelião* ou *tabelião das notas* (mais abreviadamente *tabelião de notas*) o que se radicon entre nós, ficando o outro para designar o *notario apostolico*: G. Barros, obr. cit., p. 725¹. «É desde o reinado de D. Affonso II, 1211-1223, continúa o mesmo illustre historiador, que se encontram em Portugal officiaes publicos com o titulo de *tabeliões*, cuja intervenção nos instrumentos de direito privado dá a estes actos a natureza de escriptos authenticos»². O titulo durou muitos seculos, e só modernamente foi substituido pelo seu rival, isto é, por *notario*, que hoje se tem até por mais nobre.

Tratar da origem e evolução do tabelionato ou notariado pertence á Historia das instituições sociais, como, com relação ás primeiras epochas da vida portuguesa, fez magistralmente o Sr. Gama Barros no seu mencionado trabalho. Alguma cousa fica porém ainda para a Etnografia: o tipo do tabelião ou notario, através dos tempos³; o seu cartorio; o seu livro de notas, *in folio*; de capa flexivel de carneira, atado com fitas da mesma substancia; o seu tinteiro de corno, metido no bôlso a toda a altura d'este, quando o notario vai longe fazer testamentos e escrituras⁴; numa palavra, os sinais e cetras⁵ com que o referido funcionario autentica o que escreve. João Pedro Ribeiro consagrou aos *sinaes publicos*, tanto de tabeliões como de pessoas particulares⁶, o capitulo I da sua Dissertação IX, e diz no princípio: «Posto que só no sec. XIII, e ainda mais no XIV, se frequentou entre

¹ O *tabelião das notas* tambem se chamava *do paço*, por ter *paço* em «casa afastada», para estar ao serviço das partes. Vid. G. Barros, *ibid.*, p. 764.

² P. 728.

³ No de D. Duarte, por exemplo, vestido de «roupas farpadas e devisadas de cores desvairadas com deferenças partidas bem devisadas»: trajo ainda usado em 1490, mas já como antiquado. Vid. G. Barros, *ob. cit.*, III, 760-761.

⁴ Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 236.

⁵ *Cetras* (plural de *cetra*) são «as riscas que se fazem no nome, para que a firma se não furte facilmente»; tambem se lhes chama *guarda do nome*. Vid. Moraes, *Dicc. da ling. port.*, s. vv. «guarda do nome» e «cetra». A palavra *cetra* vem de *et cetera*. A isto chamam os Franceses *paraphe*. — Acêrea de *cetra* cf. tambem J. P. Ribeiro, *Dissert. Chronol.*, t. III-II, p. 25 e nota d.

⁶ *Sinaes publicos* de pessoas particulares: isto é, usados por elas em contratos e outros documentos de caracter publico.

nós o uso dos sinais publicos dos Notarios, e Tabelliães, com tudo, desde o sec. IX, e nos mais antigos Documentos, que os nossos Cartorios conservão, apparece não só a simples cruz para indicar a roboração dos Contrahentes, dos Confirmantes, e dos Notarios, posto que menos vulgares até o sec. XI, e ainda até o XIII¹. E menciona em seguida varios exemplos de sinais publicos de pessoas particulares, do sec. IX em diante, e de notarios, do sec. XI em diante. O mesmo A. cita depois várias leis, de D. Denis (1305) etc., que obrigam o tabelião a pôr o seu sinal nos instrumentos que entregar às partes².

No presente artigo occupar-me-hei de alguns «sinais» medievais ou *signa*, tanto de tabeliães propriamente ditos, como de meros escribas, do sec. XI ao XIII.

Com quanto eu possua ou conheça sinais de todas as epochas da nossa historia, do sec. XI ao actual³, não passo para cá do sec. XIII, porque me falta agora tempo para mais. Tenho apenas em mira dar uma amostra de um ramo de Etnografia retrospectiva, ainda amplamente não explorado, como creio, entre nós⁴. Os meus exemplos colhi-os na Torre do Tombo⁵. Os desenhos são de Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico Portuguez.

Disponho da seguinte maneira o meu trabalho: agrupo em estampas cronologicamente os sinais, numerando-os; menciono nas páginas que vão agora seguir-se as proveniencias de cada um, e dou aí ás vezes outras noticias; no fim faço algumas considerações gerais⁶.

1. Documento do ano de 1092, de pergaminho; tem na Torre do Tombo o n.º 783. O *sinal* representa uma cruz de fantasia: braços enlaçados, dentro da cruz cinco pontos (=cinco chagas de Cristo), flores de lis nos cantos. De cada lado ha palavras, em parte abreviadas, que dizem: *Ordonius p(resbyter) not(uit)*. Propriamente *notuit* é

¹ *Dissert. Chronol.*, t. III-II, p. 10-12.

² *Ob. cit.*, *ibid.*, p. 12.

³ O uso do sinal publico de tabelião, isto é, de notario, foi abolido pelo decreto n.º 4170 de 26 de Abril de 1918, art. 17.º (vid. *Diário do Governo*, n.º 92, de 30-iv-1918).

⁴ No *Arch. Port.*, xix, 87, e xxii, 245-246, dei já umas amostras.

⁵ Tambem colhi exemplos de sinais publicos de pessoas particulares, mas d'esses não trato aqui.

⁶ O assunto será tratado com maior desenvolvimento na minha *Etnografia Portuguesa*, onde falarei de tudo o mais que concerne ao tabelião, e publicarei desenhos não só de outros sinais, desde a idade-media até o nosso tempo, mas de cetras ou guardas, tambem de diferentes epochas.

preterito de *notescere* «tornar-se notado ou conhecido», mas vale aqui por *notavit*, de *notare*, no sentido de «escrever».

2. Doc. de 1154, na caixa 80, maço 1.º, pergaminho n.º 11. Papagaio voltado para a direita do observador. Em frente d'ele um quadrilongo mais ou menos artistico, e dentro, em duas linhas: *Vere-mudus pinxit*. (A par de *Veremudus* encontra-se nos documentos medievais tambem *Vermudus*: vid. Cortesão, *Onomast.*, s. v.; e cf. Meyer-Lübke, *Die altportug. Personennamen*, p. 71). O papagaio pôde ser um simbolo falante. Lembro-me se o escriba, considerando, embora falsamente, o seu nome *Veremudus* como composto de *vere* + *mudus* (= *mutus*) «verdadeiramente mudo», quis, pelo contrário, mostrar que era bem-falante, e desenhou por isso ao lado uma ave que se tem por tipo de pessoa palradora. A mesma ave figura a falar numa poesia de El-Rei D. Denis, in *Cancion. da Vaticana*, n.º 137, onde o nome tem a fôrma provençal *papagai*: «E o *papagai* dizia: Bem, por quant'eu sey, senhora». Já Plinio na *Naturalis Hist.*, liv. x, cap. 42, § 117, falando de várias aves que obedecem a ordens do homem, ou imitam, quer o mugido do boi, quer o rincho do cavalo, acrescenta: *super omnia humanas voces reddunt, psittaci quidem etiam sermocinantes. India hanc avem mittit... imperatores salutat* (ed. de Mayhoff). Alem de existir na Asia (como diz Plinio), o papagaio existe tambem nas outras partes do Mundo, excepto na Europa, onde porem viveu no periodo miocenico. A graça de saudar os imperadores romanos é comparavel á que se lhe applicava em Portugal no tempo da monarquia, fazendo-o dizer que o rei ia á caça: cf. *Tradiç. pop. de Portugal*, § 301.—Em um antigo livro hespanhol, com o titulo de *Gobierno general... hallado en las aves mas generosas*, por Fr. Andrés Ferrer, Barcelona 1696, p. 273 sgs., ha algumas noticias curiosas acerca do papagaio. Vid. tambem H. Suolahti, *Die deutschen Vogelnamen*, Estrasburgo 1909, pp. 1-2: aí fala do papagaio romano (*Psittacus torquatus*), ido na idade-media para a Alemanha, onde varios documentos testemunham então a existencia da ave.

3. Doc. de 1195, c. 80., m. 2.º, n.º 79. Ao lado esquerdo do sinal, que representa acaso «N» (= *notuit*), lê-se *Martinus p(res)b(yte)r.*

4. Doc. de 1251, c. 83, m. 1.º, n.º 76. O centro do sinal é uma cruz de quatro braços espalmados, igual á que depois se usou na ordem de Cristo. A cruz está dentro de um quadro semelhante ao de que falei n-*O Arch. Port.*, XXIII, 312, fig. 238.

5. Doc. de 1251, c. 83, m. 1.º, n.º 81. Quanto ao quadrado, cf. o sinal anterior. O tabelião escreveu as seguintes palavras no documento: *hoc meū signum apposuj ī eodē*.

6. Doc. de 1259, c. 84, m. 1.º, n.º 13. Sinal de um «tabelião público»: quadrado inscrito noutro.
7. Doc. de 1260, c. 84, m. 1.º, n.º 31. Do Alentejo. O sinal é uma cruz de fantasia, inscrita numa epicycloide de quatro arcos.
8. Doc. de 1262, c. 84, m. 1.º Sinal de um *publicus tabellio*, que diz no documento: *hoc signum meum... apposui*.
9. Doc. de 1268, c. 84, m. 1.º, n.º 65. Sinal de um tabelião da «Terra da Maia». Lê-se em duas linhas: *spes mea in Deo est*, no prolongamento do sinal propriamente dito.
10. Doc. do sec. XIII, c. 85, m. 1.º, n.º 4. Cruz, cantonada por quatro estrelas, inscrita numa epicycloide de oito arcos.
11. Doc. de 1270, c. 85, m. 1.º, n.º 11. O centro do sinal é uma cruz cantonada por quatro pontos, e inscrita num círculo.
12. Doc. de 1270, c. 85, m. 1.º, n.º 13. Sinal de fantasia.
13. Doc. de 1271, de «tabelião público», c. 85, m. 1.º, n.º 14. Cruz cantonada por quatro arruelas.
14. Doc. de 1271, c. 85, m. 1.º, n.º 42. O centro é uma cruz.
15. Doc. de 1271, c. 85, m. 1.º, n.º 72: *signum de tabellio*, como no documento se lê. A base é uma cruz floreada.
16. Doc. de 1272, c. 85, m. 1.º, n.º 72. Este *signum de tabellio* representa um castelo analogo ao que veremos adiante, n.º 37.
17. Doc. de 1272, c. 85, m. 1.º, n.º 74.
18. Doc. de 1273, c. 85, m. 2.º, n.º 9. Sinal de tabelião público de Vilaviçosa.
19. Doc. de 1274, c. 85, m. 2.º, n.º 40. O documento a que pertence este sinal de tabelião era do mosteiro de Alcobaça. A base é uma flor cruciforme, com ornatos nos cantos da cruz: aspecto geral de rosa estilizada.
20. Doc. de 1274, colecção especial, caixa 85, doc. n.º 25. Chave.
21. Doc. de 1275, c. 85, m. 2.º, n.º 66. O tabelião era bracarense.
22. Doc. de 1276 (do mosteiro de Alcobaça), c. 85, m. 2.º, n.º 82. Cruz de fantasia, cantonada de arruelas.
23. Doc. de 1278, c. 86, m. 1.º, n.º 17. O sinal representa um «M» floreado. Tabelião de Ourem: deve ser o que noutro documento se chama «Martinus de Maia», que tem sinal igual (não posso agora verificar).
24. Doc. de 1278, c. 86, m. 1.º, n.º 72. Tabelião de Santarem.
25. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 27. Tabelião de Santarem, talvez o mesmo do sinal anterior (não posso agora verificar), porque os dois sinais parecem-se entre si. Vid. outro na c. 87, m. 1.º, n.º 25.

26. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 32. Tabelaio eborense. A base é uma cruz ornamentada nos cantos.

27. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 34. Tabelaio eborense. O sinal parece ser uma chave estilizada e floreada.

28. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 35. Tabelaio conimbrigense. Cruz de fantasia.

29. Doc. de 1279 (e de 1285), c. 86, m. 1.º, n.º 39 (e m. 2.º, n.º 55). Sinal do tabelaio santareno *Iohannes Dominici*. O aspecto geral é de cruz de braços muito compridos, cantonada de arruelas, e com uma letra em cada um dos extremos dos braços; mas devemos compreender que o pé da cruz representa um «I», inicial do nome proprio do tabelaio, e que as letras são «D» «D», voltados por simetria um para o outro, pois cada um representa a inicial do patronimico. Encontra-se simetria semelhante nos amuletos que têm «JML» (= Jesus, Maria, José), com o segundo «J» voltado para a direita.

30. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 44. Tabelaio de Torres Novas. A base é uma cruz, que tem outra no centro, cantonada de arruelas.

31. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 45. Tabelaio estremenho. A base é uma cruz muito desfigurada.

32. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 51. Tabelaio da Covilhã.

33. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 52. A base pode ser uma cruz.

34. Doc. de 1281, c. 86, m. 1.º, n.º 56. Tabelaio lisbonense. Cruz cantonada de arruelas, e encimada de um triangulo; aspecto geral de lança.

35. Doc. de 1281 (e de 1284), c. 86, m. 1.º, n.º 68 (e m. 2.º, n.º 38). Tabelaio bejense. O sinal, que é formado de uma lança que atravessa duas argolas, faz lembrar um pouco o do número anterior.

36. Doc. de 1282, c. 86, m. 1.º, n.º 79. Tabelaio de Porto de Mós.

37. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 8. Sinal de Giral Soares, «prubico tabalion de Sanctaren». O sinal representa uma cruz cantonada de outras menores e mais simples. Nos extremos dos quatro braços da cruz principal ou maior vêem-se os escudetes das quinas, um em cada extremo (mas todos eles voltados para baixo, o que nas moedas só aconteceu do tempo de D. João II em diante); no centro da cruz vê-se uma porta geminada, de arcos de ferradura, como nas portas arabicas: cf. *O Arch. Port.*, xxiii, 114. Este sinal tem certa parecença com os selos do concelho de Santarem, da mesma epoca, publicados pelo S.ºr Pedro de Azevedo in *O Arch. Port.*, iii, 173 sgs.—Acêrca dos selos dos concelhos, no sec. xiii, vid. Gama

Barros, *Hist. da admin.*, III, 117 sgs. (o A. promete tratar do assunto, mais desenvolvidamente, noutro lugar da sua vasta obra: vid. o que diz a p. 118, nota 7).

38. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 9. Do tabelião Martim Martinz, de Torres Novas. Cruz formada de várias cruces concentricas.

39. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 10. Do tabelião *Dominico Stephani*. Cruz dentro de um quadrado, como o de que falei sob o n.º 5 e 4; este quadrado combina-se com outro.

40. Doc. de 1284, c. 86, m. 2.º, n.º 38. Do tabelião *Stephanus Ihñis*, de Obidos. O sinal é floreado, e tem as letras «S», «T», «E», que começam a palavra *Stephanus*.

41. Doc. de 1284, c. 86, m. 2.º, n.º 47. Do tabelião *Dominicus Martini*, de Lisboa. O sinal é complexo, com cruces, e um «M» deitado, inicial do nome.—Cf. o n.º 11.

42. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 26. Do tabelião *Iohā Ssimōijz*, da Atouguia. No sinal póde estar representada a letra inicial do nome.

43. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 36. Do tabelião bejense *Johanne Hannes*. Poderá ser o sinal uma especie de monograma («I» + «A») floreado.

44. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 40. Do tabelião obidense *Aprilis Petri*. O sinal representa uma embarcação: numa extremidade avulta a *pôpa* com a *camara*, onde se exprime bem o *tombadilho* e as *vigias* (janelas redondas); na outra extremidade vê-se a *prôa*; ao centro o *mastro* inclinado. É possível que também em baixo, e á direita do observador, se quisesse figurar o *leme*, e do lado oposto um *remo*.

45. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 42. Do tabelião santareno *Michael Martini*. O sinal consta de ssss enlaçados e postos num quadro cujos angulos estão exteriormente ornamentados.

46. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 45. Do tabelião *Domingos Migez*, da Terra da Maia.

47. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 47. Do tabelião *Johannes Menendi*, de Lisboa. O sinal representa um mosaico, do tipo que os Romanos chamavam *pavimentum sectile*; desenha-se na tessela central uma cruz, e em cada uma das que immediatamente a circundam um cravo (alusão ao martirio de Cristo.)

48. Doc. de 1288, c. 87, m. 1.º, n.º 53. Do tabelião vimaranense *Ioane Stevaenz*. O sinal é formado de um escudo de brasão, encimado de uma cruz. No escudo ha faixas horizontais, como em alguns braços de familias (por exemplo no da família dos Ferreiros, que tem quatro); mas este será de fantasia.

49. Doc. de 1288, c. 87, m. 1.º, n.º 54. Do tabelião *Dominicus Johannis*, de Santarem. O sinal representa um castelo, como alusão certamente ás fortificações da cidade ou ao selo do concelho: cf. o desenho n.º 37. Este sinal é quasi igual ao n.º 14, e ambos pertencerão ao mesmo tabelião, o que não posso agora verificar.

50. Doc. de 1289 (?), c. 87, m. 2.º, n.º 3. Do tabelião *Gonçalo Martinz*. O sinal representa uma chave de cofre, que por isso difere da do n.º 20; dentro da *manzeira* ou *argola* da chave há um «G», inicial do nome.

51. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 9. Entrelaçamento artistico de duas pseudo-elipses.

52. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 16. Do tabelião de Almada, *Domingos Prz* (Piriz ou Perez). Sinal que lembra uma lira, posta ao invés.

53. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 21. De Garcia Moniz, *tabaliom* de Obidos.

54. Doc. de 1290, c. 87, m. 2.º, n.º 30. Do tabelião *Pero Dominuiz*, de Guimarães. Cruz dentro de um quadrado, em cujos angulos ha circulozinhos; o todo dentro de uma figura analoga á do n.º 36. Já noutros sinais vimos a cruz inscrita em um quadro: n.º 4, n.º 10, n.º 37, etc.

55. Doc. de 1291, c. 87, m. 2.º, n.º 39. De tabelião santareno. Cruz dentro de uma epicycloide de quatro arcos, a modo de roseta (cf. n.º 7), e o todo assente num quadro. Por baixo ha um rabisco, como pé ou haste de flor.

56. Doc. de 1291, c. 81, m. 2.º, n.º 72. O sinal representa uma especie de lira (cf. n.º 8, e n.º 51), com duas estrelas em cima, uma de cada lado, e o conjunto dentro de um quadrado que se combina com outro, como no n.º 39; nos triangulos resultantes d'esta combinação ha pontos. O tabelião juntou: *signũ meũ apposui*.

57. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 70. Do tabelião *Migueel Martijz*. A base do sinal é por isso um «M».

58. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 73. Do tabelião *Domingos Paez*, de Pombal. O sinal é uma cruz recruzetada, que tem inclusa outra.

59. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 79. De Domingos Martinz, tabelião «em Terra de Bayam e de Penaguyam».

60. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 82. Do tabelião *Domingos Dominguez*, de Alvito, que parece ter figurado no desenho um «D» em cada extremo da recta: D-D, iniciais simetricas.

61. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 83. Parece um «S» cortado por uma cruz. (Não tomei nota do nome do tabelião; talvez ajudasse a interpretar o sinal).

62. Doc. 1294, c. 87, m. 2.º, n.º 89. De um tabelião de *Leirea*.

63. Doc. de 1294, c. 87, m. 2.º, n.º 98. De um tabelião lisbonense. Desenho de fantasia: o centro é uma cruz de S. André, ou «X», cantonada por uma especie de escudetes.

64. Doc. do sec. XIII (não tomei nota da marcação). Cruz de braços vasados, que se expandem no centro d'ela; o todo dentro de um quadrado.

65. Doc. do sec. XIII (não tomei nota da marcação). Do tabelião *Johannes Suarii*. O sinal representa um «I» (inicial de *Johannes* = *Johannes*), com ornamentos laterais: cf. o n.º 29.

Resumamos em breves linhas o que fica exposto acima.

A religião, na idade-média, dominava a existencia inteira do homem, desde que este vinha á luz, até que ia morto para a campa: a cruz, que simboliza o cristianismo, tornou-se pois não só um dos elementos mais freqüentes dos sinais, mas uma das suas bases ordinarias,—cruz simples, cruz ornamentada e de fantasia, cruz inscrita em quadros, cruz cantonada de astros ou de arruelas, como nas moedas, por onde os tabeliões muitas vezes se regularam¹. Vid. os n.ºs 1, 4, 7, 10, 26, 28, 30, 39, 58, etc.

No n.º 20 temos claramente uma chave. O mesmo objecto, mais artistico, o julgo tambem representado no n.º 50, e talvez eu não erre dando igual nome á figura n.º 27. A chave como que indica a «firmeza» e validade do documento. Isto se confirma com os seguintes dizeres de uma *charta* do ano de 1223, citada por Maigne, *Lexicon manuale*, Paris 1866, s. v. «clavis»: *hanc chartam . . . clave sigilli nostri roboratam eidem contuli*, ao que Maigne acresta: «ubi aliae chartae praeferunt munimine», isto é, «com a segurança, etc.». Ainda nós hoje dizemos «fechar um contracto».

Acêrca dos castelos que se vêem nos n.ºs 16 e 49, e do sinal n.º 37, já ajuntei algumas observações quando os descrevi.

Como os sinais têm por fim sobretudo autenticar documentos, marcando bem a individualidade de quem os escreveu, é natural que manifestem o cunho d'essa individualidade: e que melhor modo de o

¹ O termo *arruela* é tirado da linguagem do brasão, e usado pelos numismáticos, a par com *anel*, e *ponto* (se o anel está apagado). Tambem poderia usar-se *globulo*. Estes sinais que cantonam as cruzes monetarias nasceram em longínquo passado, e perderam aqui a significação primitiva, que se relacionava com ideias astrolatricas. Cf. W. Deonna, «Les croyances religieuses, etc.» in *Bullet. de l'Institut. Nation. Genev.*, XLII, 371 s.

obter do que com a rubrica de cada tabelião? Por tal motivo se representam as iniciais dos nomes nos n.ºs 23, 29, 40, e creio que 60. Se é justa a interpretação que no lugar respectivo dei do n.º 2 (pagaio como contraste de mudez), encontramos aí um bom exemplo de chalaça portuguesa, que nem nas cousas graves, como documentos officiais, se soffreia!

Alguns *sinais* não passam de flores estilizadas (n.ºs 19, 32), de desenhos geometricos (n.ºs 6, 17), de simples figuras ornamentais, que lembram liras (n.ºs 8, 52, 56), mosaicos (n.ºs 45, 47), ou são meramente fantasticas (*passim*). Com relação a outros, apesar de referidos á realidade, como o n.º 44 (embarcação), o n.º 48 (braço), o n.º 35 (lança), não posso indicar a origem historica dos temas.

*

A colecção é demasiado curta para que do exame d'ela se tirem conclusões de grande alcance. Os sinais dos nossos tabeliães ora reflectem as ideias dominantes da epoca, ora aludem aos proprios funcionarios que os usavam, ou a cousas da vida local, ora são produtos da imaginação individual, mais ou menos rica: e nisto estão de acôrdo com o que se passava noutras nações, por exemplo na vizinha Hespanha¹, e em França², onde se faziam pelo mesmo tempo sinais semelhantes.

Na escassez em que nos achamos de obras d'arte, pinturas, iluminuras, desenhos á pena, relativas aos primeiros seculos da idade-media portuguese, olhemos com certa simpatia para esses modestissimos *sinais*, que por vezes testemunham tal ou qual destreza. Em verdade elles não se nos exibem directamente, mas por intermedio da mão de Saavedra Machado! Ainda assim, devo ponderar que, costumando o primoroso Desenhador do Museu Etnologico ser sempre exacto no que copia, as gravuras que constituem as adjuntas estampas traduzem fielmente (á parte talvez, aqui e acolá, a firmeza do traço), os emblemas e geroglifos que os tabeliães lançaram no pergaminho. Isto pelo que toca á Arte, e neste caso: Arte popular. Pelo que toca ao restante campo da Etnografia, os sinais, além de em si contituiem um costume, que nos vinha de eras remotas³, dão-nos ideia de uma embarcação do

¹ Merino, *Escuela paleográfica*, Madrid 1780, p. 124 (sec. x).

² Guigue, *De l'origine de la signature*, Paris 1863, p. 28 sgs., 61-62 63 sgs.

³ Cf.: Guigue, *ob. cit.*, p. 28 sgs., que faz ascender o uso dos sinais ao sec. vi; e já tambem J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, III-II, 10, nota b.

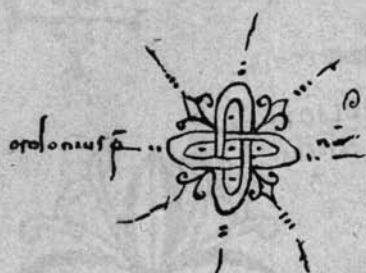


Fig. 1

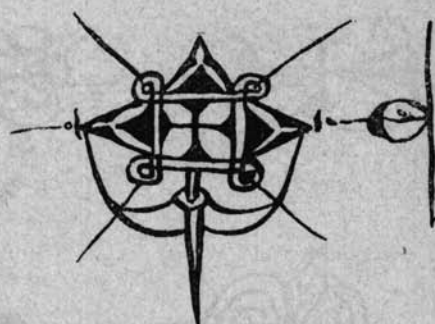


Fig. 4



Fig. 5

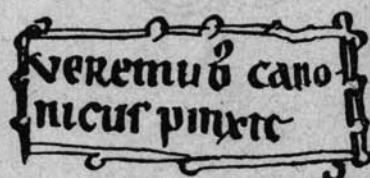


Fig. 2

Martin' pbr

Fig. 3



Fig. 6



Fig. 8



Fig. 7



Fig. 10



Fig. 12

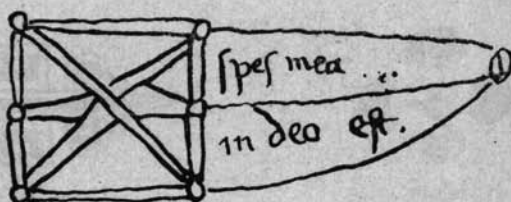


Fig. 9



Fig. 11



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 19



Fig. 17

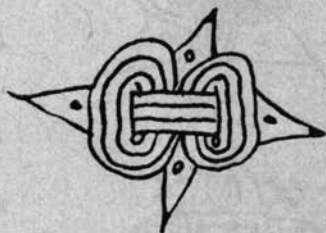


Fig. 21



Fig. 16

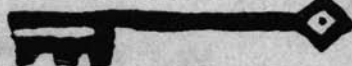


Fig. 20



Fig. 18



Fig. 22



Fig. 23

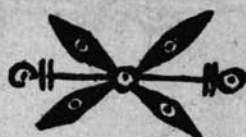


Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26

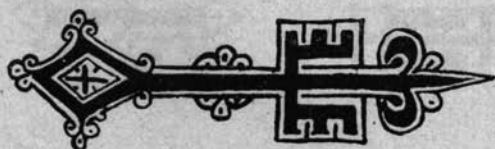


Fig. 27

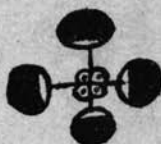


Fig. 28



Fig. 29



Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33



Fig. 34

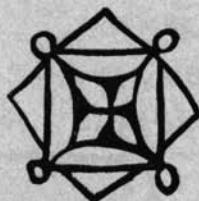


Fig. 39



Fig. 30



Fig. 36



Fig. 37



Fig. 40



Fig. 35

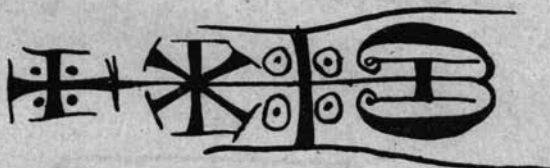


Fig. 41

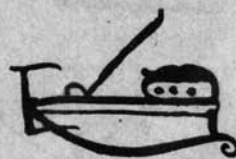


Fig. 44



Fig. 43



Fig. 42



Fig. 38



Fig. 45



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48

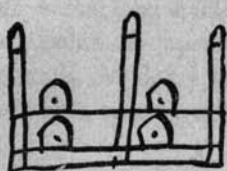


Fig. 49



Fig. 50



Fig. 51



Fig. 52

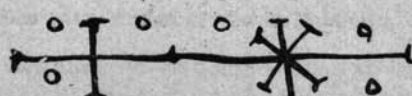


Fig. 53



Fig. 54



Fig. 55

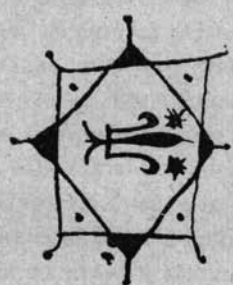


Fig. 56

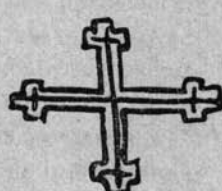


Fig. 58



Fig. 57



Fig. 59

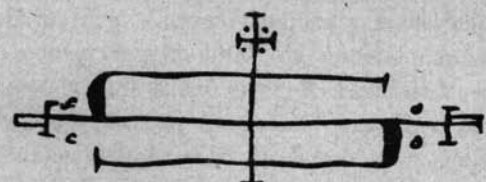


Fig. 60



Fig. 62



Fig. 63



Fig. 61



Fig. 64



Fig. 65

sec. XIII (quando a marinha nacional ainda estava embrionaria), de tipos de chaves usadas no mesmo seculo, e de fórmãs de cruces que na sua variedade espelham robustez de crenças.

Alguna cousa pois se colheu para o conhecimento da nossa vida medieva.

J. L. DE V.

La cerámica prehistorica decorada

Los vasos de las grutas de Palmella

La necesidad científica de estudiar comparativamente los monumentos arqueológicos de Portugal y de España justificará y disculpará a los ojos del público portugués este ensayo por parte de un modesto arqueólogo español. Ningunos países como los nuestros peninsulares tienen más razones para unir fraternalmente sus esfuerzos en favor de tan noble causa. La arqueología ibérica así lo demanda. Desde hace mucho tiempo perseguía yo ocasión oportuna de tratar del tema que voy a esbozar y que me parece de interés, tanto más hoy que por virtud de los numerosos e importantes descubrimientos conseguidos en los últimos años ha adquirido singular desarrollo el estudio de la Prehistoria en nuestra Península.

Confíandome pues en la benevolencia de los lectores, entro en materia.

I

Las grutas artificiales llamadas de Palmella por su situación a 4 kilometros al occidente de esta población, en el Casal Pardo, fueron exploradas en abril de 1876 bajo la dirección del Sr. Carlos Ribeiro por los Srs. Antonio Mendes y Agostinho José da Silva, de quienes se conserva una detallada noticia manuscrita corregida por el primero, la cual utilizó el Sr. J. Leite de Vasconcellos en su obra magistral *Religiões da Lusitania*¹ y publicó íntegra el Sr. P. Belchior da Cruz en el *Boletim da Sociedade Arqueologica Santos Rocha*² en 1906. Mr. Émile Cartailhac en su importante libro *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* dió en 1886 noticia descriptiva de las grutas³ por los informes que le comunicó el mismo Sr. Ribeiro y publicó, en dibujos, creemos que por primera vez, lo que particularmente nos interesa, esto es, los vasos decorados que formaban parte del menaje

¹ Tom. I, pp. 227 y sgs.—1897.

² Tom. I, n.º 3.

³ Pág. 118 y sgs.

sec. XIII (quando a marinha nacional ainda estava embrionaria), de tipos de chaves usadas no mesmo seculo, e de fórmãs de cruces que na sua variedade espelham robustez de crenças.

Alguna cousa pois se colheu para o conhecimento da nossa vida medieva.

J. L. DE V.

La cerámica prehistorica decorada

Los vasos de las grutas de Palmella

La necesidad científica de estudiar comparativamente los monumentos arqueológicos de Portugal y de España justificará y disculpará a los ojos del público portugués este ensayo por parte de un modesto arqueólogo español. Ningunos países como los nuestros peninsulares tienen más razones para unir fraternalmente sus esfuerzos en favor de tan noble causa. La arqueología ibérica así lo demanda. Desde hace mucho tiempo perseguía yo ocasión oportuna de tratar del tema que voy a esbozar y que me parece de interés, tanto más hoy que por virtud de los numerosos e importantes descubrimientos conseguidos en los últimos años ha adquirido singular desarrollo el estudio de la Prehistoria en nuestra Península.

Confíandome pues en la benevolencia de los lectores, entro en materia.

I

Las grutas artificiales llamadas de Palmella por su situación a 4 kilometros al occidente de esta población, en el Casal Pardo, fueron exploradas en abril de 1876 bajo la dirección del Sr. Carlos Ribeiro por los Srs. Antonio Mendes y Agostinho José da Silva, de quienes se conserva una detallada noticia manuscrita corregida por el primero, la cual utilizó el Sr. J. Leite de Vasconcellos en su obra magistral *Religiões da Lusitania*¹ y publicó íntegra el Sr. P. Belchior da Cruz en el *Boletim da Sociedade Arqueologica Santos Rocha*² en 1906. Mr. Émile Cartailhac en su importante libro *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* dió en 1886 noticia descriptiva de las grutas³ por los informes que le comunicó el mismo Sr. Ribeiro y publicó, en dibujos, creemos que por primera vez, lo que particularmente nos interesa, esto es, los vasos decorados que formaban parte del menaje

¹ Tom. I, pp. 227 y sgs.—1897.

² Tom. I, n.º 3.

³ Pág. 118 y sgs.

fúnebre de dichas grutas cuyo carácter sepulcral reconoció y han confirmado los dichos escritores.

Componían dicho menaje fúnebre, encontrado con algunos cráneos y otras osamentas humanas más algunas de animales, instrumentos de piedra: hachas, cuchillos, sierras y puntas de dardos de pedernal; placas de pizarra ornamentadas; punzones y otros objetos de hueso; cerámica; puntas de dardo de cobre y alguna otra pieza del mismo metal, todo ello conservado en el Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos. De ese conjunto de objetos se deduce, como así mismo de la planta circular y la forma abovedada de las cuevas, en relación con las criptas sepulcrales de construcción, en las que se han encontrado análogos objetos, que tales sepulturas datan del período de transición de la Edad de la piedra a la del metal, período hoy llamado eneolítico.

Cuando M. Cartailhac dió a conocer los vasos decorados de Palmella, en España se habían descubierto muy pocos de ese género y no semejantes. Algunos se conservan en Madrid, en el Museo Arqueológico Nacional y dos de ellos han sido publicados hace poco¹. Pero en 1894 una feliz casualidad nos puso a mi buen amigo D. António Vives y a mi en la pista de un hallazgo fortuito de vasos análogos ocurrido en Ciempozuelos (provincia de Madrid), en sitio que visitamos y donde el Sr. Vives por encargo de la Real Academia de la Historia practicó excavaciones por medio de las cuales logró descubrir unas sepulturas en las que juntamente con restos humanos de los que pudieron conservarse algunos cráneos, recogió vasos decorados, una punta de dardo y un estilete de cobre, objetos que se conservan en el Gabinete de antigüedades de dicha Academia y que motivaron doctos informes².—Todos reconocimos al ver los vasos decorados de Ciempozuelos que entre ellos y los de Palmella existía inmediato parentesco.

Nuevos representantes de la misma familia cerámica fueron hallados poco tiempo después en la vega de Carmona (provincia de Sevilla) por el inteligente arqueólogo M. G. Bonsor, el cual publicó

¹ *Guía Histórica y descriptiva del Museo Arqueológico Nacional*, Madrid 1917, p. 91 y lám. VII.

² *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tom. xxv, 1894, p. 436: Hallazgo prehistórico en Ciempozuelos, por D. J. F. Riaño, D. J. de la Rada y D. J. Catalina García.—Tom. xxx, 1897, p. 448: Cráneos antiguos de Ciempozuelos.—Tom. LXXI, 1917, p. 147, Cráneos eneolíticos de Ciempozuelos, por el Dr. Med. H. Deselaers.

el resultado de sus exploraciones en 1899¹. Por su parte el diligente explorador del sudeste de España M. Louis Siret² ha encontrado así mismo en la provincia de Almería, vasos decorados en sepulturas neolíticas y eneolíticas; otros ejemplares se han descubierto en la provincia de Toledo, en Talavera de la Reina y en Burujón³. El Sr. Marqués de Cerralbo, benemérito de la arqueología hispana, ha recogido ejemplares de cerámica decorada en la caverna de Somaen (provincia de Soria)⁴; y algunas muestras más podrían registrarse de que en nuestra Península se practicó esa manufactura cerámica, primera que en ella puede llamarse artística.

Existe pues una familia cerámica propiamente ibera. Pero no es menos cierto que existen también otras semejantes extranjeras. Es decir que vasos prehistóricos de análogas formas y decoración se han descubierto en Francia en los altos Pirineos, en Bretaña, en la Armorica; en la Sicilia; en Bohemia; en Alemania y en Inglaterra. Y sin que sea necesario un examen comparativo, que sería superfluo en este trabajo, puede asegurarse que de todo el cuadro de la cerámica decorada neolítica y eneolítica se destaca la de nuestra Península con importantes caracteres que le dan fisonomía propia.

II

La cerámica prehistórica a que me refiero es rojiza, negruzca, de pasta bien trabajada por lo general, de paredes delgadas, sobre todo en las piezas del periodo eneolítico, de superficie pulida por fricción; su manufactura es muy anterior a la rueda del alfarero, de cuya rotación no hay la menor huella; y está cocida al aire libre. Con razón se presume que esta cerámica debieron hacerla las mujeres en sus casas, pues los centros industriales de ese como de otros productos son muy posteriores y signos de civilización histórica de que aquí no se trata.

El antecedente de la cerámica decorada eneolítica es la neolítica, en la cual las formas son ollas u orzas, tazas o copas y escudillas, y la decoración consiste en fajas de rayas oblicuas, a veces en zizás

¹ Bonsor. — *Les Colonies agricoles pre-romaines de la Vallée du Betis*. — *Revue Archéologique*, 1899.

² Siret. — *Questions de Chronologie et d'Ethnographie ibériques*. — Paris 1913.

³ Conde de Cedillo. — *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tom. I, 1907, p. 463.

⁴ Marqués de Cerralbo. — *El Alto Jalón — Descubrimientos arqueológicos*, 1909; pp. 23 a 36.

contrapuestas formando angulos, y séries de triangulos, todo ello dibujado irregularmente a mano con punzon, en líneas seguidas o líneas de puntitos, incisas sobre el barro fresco. En este barro, que suele ser grosero se vé que cuidaron de mezclarlo con pedacillos de cuarzo para darle más consistência.

Los eneolíticos siguen esta misma técnica; pero perfeccionan la manufactura, dan perfiles curvos de cierta elegancia a los vasos, por lo cual la copa se convierte en el vaso llamado *caliciforme* y la escudilla adquiere forma semiesférica. La decoración que sigue siendo incisa está formada por rayas trazadas con seguridad y con bastante regularidad, y sus motivos siguen siendo geométricos predominando el zizás. Los vasos no tienen plano de estabilidad en su base, como si hubieran de ser colocados sobre arena.

Los vasos decorados peninsulares que es necesario señalar como típicos son los de Palmella y los de Ciempozuelos.

Los vasos de Palmella son de color rojizo o ceniciento, dieciocho de ellos están decorados, doce son lisos y de uno y otro género hay fragmentos de muchos. De los primeros, cinco son caliciformes, de 0^m,12 de diametro, por término medio y de 0^m,105 a 0^m,085 de altura; dos son tazas de fondo plano, de 0^m,07 de diametro de la boca y de altura respectivamente 0^m,037 y 0^m,022; los demás son cuencos semiesféricos (figs. 1 a 5), los dos mayores de 0^m,295 y 0^m,285 de diametro, los cinco medianos de 0^m,260 a 0^m,189 y los cuatro pequeños de 0^m,13 a 0^m,12.

Doce fueron los vasos de Ciempozuelos presentados a la Real Academia de la História de Madrid (figs. 6 a 9), la cual posee siete de ellos, todos negruzcos, rojizos. De los doce, cinco son vasos muy abiertos y de poca altura, de perfiles caliciformes, cuyas dimensiones, esto es diametro de la boca y altura son respectivamente:

Diametro	0 ^m ,285	—	altura	0 ^m ,115
»	0 240	—	»	0 910
»	0 236	—	»	0 900
»	0 230	—	»	0 900
»	0 215	—	»	0 080

Cuatro son vasos caliciformes, cuyas dimensiones son estas:

Diametro de la boca	0 ^m ,174	—	altura	0 ^m ,140
»	0 170	—	»	0 170
»	0 136	—	»	0 130

Los cuencos semiesféricos, miden:

Diametro	0 ^m ,145	—	altura	0 ^m ,055
»	0 150	—	»	0 062
»	0 120	—	»	0 050

Pieza fragmentaria, diametro 0^m,350.

El interés que ofrecen los vasos eneolíticos a que me refiero, de una y otra procedencia, es esencialmente artístico y no está tanto en las formas como en la decoración. Esta es de labor incisa, por zonas de líneas perpendiculares u oblicuas a la boca, o en ziszás, junto a la dicha boca, en el cuello y en el cuerpo del vaso; a esto se une en las escudillas caliciformes y en los cuencos semiesféricos unas fajas de igual ornamentación en cruz sobre el centro de la semiesfera o en forma radial de seis aspas trapeciales o bien una estrella de picos igualmente ornamentados, o un círculo u anillo de líneas en ziszás. En algun ejemplar de Palmella el borde plano de la boca lleva un feston de líneas en ziszás (fig. 4); y en algunas escudillas caliciformes de Ciempozuelos ese feston de ziszás está en el interior de la boca (fig. 7). Uno y otro caso me parecen significativos, como luego diré.

Toda esa ornamentación está trazada sobre el barro fresco con suma regularidad. Mr. Cartailhac, al examinar los vasos de Palmella, fijandose en esa regularidad de los motivos escribió: «Ces creux étaient obtenus non seulement au moyen d'encoches et de gravures à la pointe; mais il y a de nombreux exemples d'impressions si bien exécutées, qu'on assurerait volontiers que l'ouvrier s'est servi de la roulette. Il avait à sa disposition des poinçons ou cachets à estamper¹».

Por mi parte puedo añadir, respecto de los vasos de Ciempozuelos, que las líneas en ziszás estan obtenidas por repetición continua de una incisión de figura angulosa. Ello es evidente. Tal procedimiento hemos tenido ocasión de comprobarlo en las excavaciones de Numancia, donde se han descubierto vasos con ornamentación incisa, y de distintas épocas². Hay vasos de la Edad del bronce en los que la repetición de motivos de un mismo punzon es evidente. Sobresale por su rareza entre estos vasos uno en figura de botijillo decorado con fajas formadas por la repetición de un punzon triangular, dichas fajas formando cruz sobre la base, y con unas semiesferillas de cobre incrustadas. Vasos semejantes decorados y con laminillas de metal se han hallado

¹ *Les Âges préhistoriques*, p. 124.

² *Excavaciones de Numancia. Memoria por la Comisión Ejecutiva*.—Madrid. 1912.

en los palafitos suizos y en el norte de Italia, atribuyéndose a esa técnica origen ligure¹. El vaso de Numancia, único en España, se encontró juntamente con una punta de flecha bellamente tallada en sílex, de forma almendrada, correspondiente a fines de la Edad del bronce.

La técnica decorativa de estampar los motivos con punzon de puntas dobles, de incisiones a modo de vírgulas y de círculos concéntricos, se perfecciona y se prolonga en la manufactura cerámica numantina durante la Edad del Hierro. Y no solamente se han encontrado numerosos vasos así decorados sino también muchos de los punzones que sirvieron para decorarlos. Son estos punzones de asta o de hueso, largos y tallados o grabados por un extremo. Unas veces la talla es en forma aguda, para producir una incisión en forma de vírgula, otras veces la punta aparece hendida para producir dos puntos; otras veces una serie de cortes permitían, como con un peine, trazar una serie de líneas; otras veces enfin se vé grabado al extremo del punzon el característico motivo de círculos concéntricos.

Las indicadas series de piezas cerámicas así decoradas demuestran que el procedimiento se practicó en nuestra Península desde los tiempos eneolíticos.

En general puede asegurarse que la primera decoración cerámica fué la grabada o incisa. Luego fué la pintada. Aquella empezó por incisiones hechas a mano, esto es con un punzon manejado libremente, y con las desigualdades hijas de tan rudimentario sistema o valiéndose de cuerdecillas para las líneas continuas; tal es el sistema en los vasos neolíticos. En los eneolíticos el sistema se perfecciona y se inventa el punzón.

Mr. Louis Siret ha disertado largamente sobre los vasos caliciformes decorados ibéricos². Reconoce en la cerámica neo y eneolítica un estilo decorativo propio, primeramente poco caracterizado y con analogías respecto de los del centro de Europa, de Asia Menor y costa de África frontera a España; despues producto de un arte independiente cuyo apogeo corresponde a la época eneolítica. Atribuye el origen y superioridad de ese estilo al uso general del esparto, atestiguado en la época neolítica por la serie de cestillos y otros objetos de esparto descubiertos en la Cueva de los Murcielagos (provincia de Granada)³ objetos pertenecientes al Museo Arqueológico Nacio-

¹ Déchelette — *Manuel d'Archeologie*, II, p. 339.

² *Questions de Chronologie*, pp. 205 a 241.

³ Góngora — *Antigüedades Prehistóricas de Andalucía*. — Madrid, 1868; lám. II, p. 35.

nal, de Madrid; y entiende que las obras de espartería, con sus variadas convinaciones, avivaron el sentido artístico y marcaron una tendencia, cuyo efecto fué la decoración cerámica.

Sobre este particular de la relación de la cerámica con los tejidos de esparto es conveniente citar la hipótesis sustentada con carácter general de que esta industria precedió y dio origen a aquella, esto es que los primeros vasos se hicieran utilizando como molde un cestillo u objeto semejante de esparto¹ que dejara impreso en la arcilla su tegido regular. En vasos primitivos egipcios cuya decoración está pintada se reconoce en ésta todavía la imitación de los dibujos geométricos de los cestillos de esparto² análogos algunos de ellos a los dibujos de nuestros vasos.

A dicho sistema ornamental de la cerámica prehistórica peninsular o sea el de la decoración incisa, que en su concepción originaria debía producir efecto cuando la luz se quebrara en las incisiones, se unió para realzarla otro procedimiento que podríamos llamar pictórico, consistente en rellevar los huecos de las incisiones o motivos estampados con yeso o pasta blanca, que destaca sobre la pasta negra del vaso. Revelaron ésta novedad los vasos de Ciempozuelos, que son los únicos de tal sistema ornamental perfeccionado, del cual se han descubierto después otros ejemplares en España, donde también los hay sin pasta blanca, como tampoco la tienen los de Palmella.

Es este empleo decorativo de la pasta blanca en la cerámica una rareza que no sabemos se haya registrado en Europa más que en España. — M. de Morgan lo registró en Egipto³ en fragmentos cerámicos prehistóricos y en un plato de la dinastía III, de barro negro con dibujos incisos angulosos (fig. 10). Pero esta ornamentación, aunque análoga a la ibérica, difiere de ella y en cuanto a la pasta blanca en una y otra cerámica es un hecho aunque repetido aislado mientras no existan motivos para relacionarlas.

III

No hemos considerado los vasos eneolíticos peninsulares más que desde el punto de vista ornamental; mas no hay duda de que se relacionan con otras varias cuestiones interesantes también. Desde luego es de notar la presencia de los vasos en sepulturas, costumbre ge-

¹ Deniker. — *Les Races et les peuples de la terre*, p. 184.

² Capart. — *Les Débuts de l'Art en Égypte*, Bruxelles, 1094; pp. 103 y sgs.

³ Morgan. — *Les Origines de l'Égypte*, p. 161, fig. 482, lám. XI.

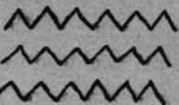
neral en la Antigüedad y a la que se reconoce un origen religioso. Dichos vasos se consideran como ofrendas funebres, relacionadas con el horror que el misterio de la otra vida y por tanto la soledad de la tumba, inspiraba a los hombres, los que por ello creían piadoso dejar al muerto comida y bebida. La ofrenda debió ser originariamente hecha en especie, real, con las sustancias mismas que la constituían y con el tiempo fué figurada, mero simulacro, sin perder por ello su valor espiritual y su eficacia ultraterrena; de modo que simplemente los vasos valieran por el contenido supuesto e no real. Si este contenido había de alcanzarlo el muerto en el mundo misterioso en que había de permanecer, los vasos, aun vacíos le eran necesarios. Uno de los vasos de Ciempozuelos debió tenerlo abrazado el cadáver pues adherido a aquel está un hueso del brazo de este (fig. 8). Por otra parte en la misma decoración de los vasos creemos ver algo que se relaciona con dicha práctica religiosa o por lo menos con la idea originaria del recipiente.

El motivo predominante en la ornamentación de los vasos de que tratamos es el ziszás. Notese la frecuencia con que aparece en líneas repetidas y paralelas, trazadas con preferencia en la zona superior del vaso; y también que en las copas de Palmella se vé ese motivo en el círculo plano de la boca (fig. 4) y en las copas de Ciempozuelos en el interior, junto al borde (fig. 7). Aparece pues en la línea a que podía alcanzar el líquido. Por todo ello creemos que el ziszás grabado en los vasos no es un simple ornato sino un signo del agua que el vaso pudiera contener. Al pensarlo así recordamos que unas líneas en ziszás constituyen el signo del agua corriente en la escritura jeroglífica egipcia; y los mismos egipcios convirtieron esas líneas en ornato, bien expresivo, de los frascos o botellitas de vidrio luego imitadas y difundidas por la industria fenicia.

Parecerá extraño a primera vista establecer comparación entre antigüedades prehistóricas y egipcias; pero el caso merece algún examen. Sabido es que el antecedente y origen de la escritura jeroglífica egipcia fué el ideografismo, manifiesto en pictografías y petroglifos, donde las figuras de seres y casas no tienen más valor que representaciones gráficas de las ideas, figuras a las que despues se dió un valor convencional y fonético sin perder por eso su valor ideografico, con lo cual esas figuras llegaron a formar un sistema de escritura en el que se emplean con un doble valor: fonético, como signos alfabéticos o silábicos; ideográfico, empleado como determinante de algunas partes de la oración o de ésta. Podemos pues decir que los egipcios expresaban por escrito sus ideas y a continuación

las pintaban, curiosa costumbre que no es otra cosa sino el recuerdo de los primitivos tiempos en que esa expresión era puramente ideográfica.

En el sistema jeroglífico el zizzás o sea el signo  es

la letra *n*; y cuando la línea aparece repetida  es de-

terminante de la idea del agua corriente, del Nilo o del mar o de una canal, etc.

Este signo ideográfico lo emplearon ya los egipcios cuando aun tales figuras no habían llegado a constituir un sistema de escritura, en tiempos prehistóricos o primitivos, de los que datan algunos vasos pintados descubiertos en sepulcros de Abydos, Gebelein y otros puntos del Egipto, en los que aparece de ese modo pintada el agua (fig. 11).

Si teniendo estos datos en cuenta volvemos ahora los ojos a las antigüedades de nuestra Península, encontramos por igual modo el signo o representación del agua en el arte rupestre, esto es en pinturas y grabados neolíticos, por ejemplo en Velez Blanco (fig. 12) y la Batanera (fig. 13) (provincia de Jaén) y lo encontramos, de un modo



Fig. 12. — El signo del agua
en El Gabal
(Velez Blanco. — Jaén).

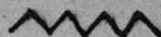


Fig. 13. — El signo del agua
en La Batanera
(Fuencaliente. — Jaén).

harto expresivo en las copas eneolíticas, lo cual lleva a sospechar un origen egipcio o libico, si se quiere, de este ideografismo. No damos a estas indicaciones más valor que el de una hipótesis, que por fruto de nuestra observación expusimos en 1902¹ y en 1906. Después el S. Siret, en 1913, discurre al propósito sobre el signo del agua con carácter general²; pero sin establecer o presumir filiación egipcia.

¹ Véase el resumen de mi Curso (1901-1902) de *Historia comparada del Arte antiguo* en la *Memoria* correspondiente de la *Escuela de Estudios Superiores* del Ateneo de Madrid, p. 52; mi estudio *Cerámica prehistórica de la Península ibérica*, en la revista *Nuestro Tiempo*, 1902; ps. 1:010 a 1:013; y mi discurso de recepción en la Real Academia de la Historia, *Iberia arqueológica ante-romana*, pp. 27 y 28.

² *Questions de Chronologie et d'Ethnographie ibériques*, pp. 227 y 228.

Acaso no están bastante estudiadas la prehistoria africana y la ibérica para que esa y otras analogías que pudieran señalarse den fuerza a la presunción mantenida en el campo de la Antropología y la Etnografía de un origen africano de los primitivos pobladores de nuestra Península. Pero es evidente que el signo ideográfico del agua ha sido comun al Egipto y a Ibéria.

La presencia de tal símbolo en los vasos peninsulares se relaciona segun nuestro modo de ver con el uso de los mismos. No se escondió a la penetración de M. de Cartailhac¹ que las copas de Palmella son demasiado grandes para beber. Identica observación ocurre al examinar los vasos de Ciempozuelos, de Carmona, etc. Y ello viene a corroborar nuestra presunción de que son vasos votivos, los cuales acaso no contuvieron agua nunca. Asi parece demostrarlo la presencia del signo del agua agua relleno de pasta blanca en el *interior* de la boca en algunos de los vasos de Ciempozuelos.—Bastaba pues el símbolo para dar permanencia a la cosa, en lo que sin esfuerzo se reconoce que la magia debió ser el fundamento de esas y otras creencias y prácticas religiosas prehistóricas.

De todo lo dicho deducimos como conclusiones siquiera sean provisionales:

1.º Que los vasos decorados eneolíticos representan un progreso en la técnica de la cerámica anterior al torno y al horno.

2.º Que representan asi mismo el arte de ese período prehistórico, siendo bellos por su forma y por su decoración.

3.º Que las piezas típicas de esa cerámica son en Portugal los de Palmella y en España los de Ciempozuelos.

4.º Que su ornamentación dá a estos vasos fisionomía propia y representa en lo técnico procedimientos hábiles y delicados, y por su estilo una manifestación singular del arte ibérico;

Y 5.º Que entre esos ornatos resalta con caracter simbólico el signo ideográfico del agua, lo cual, juntamente con el tamaño y forma de las copas, determina el carácter religioso de los vasos en relación con la costumbre de depositarlos en las sepulturas, costumbre observada en muchos pueblos antiguos, por el horror que les inspiraba la eterna soledad de la tumba donde segun los egipcios el muerto no tenía más que «el hambre por comida y la sed por bebida».

Madrid, Setiembre 1918.

JOSÉ RAMÓN MÉLIDA.

¹ *Les Âges préhistoriques*, p. 125.



Fig. 1

Vaso de Palmella — Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos

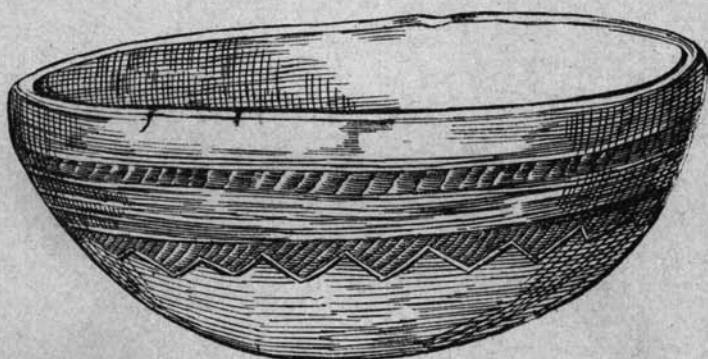


Fig. 2

Vaso de Palmella — Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos

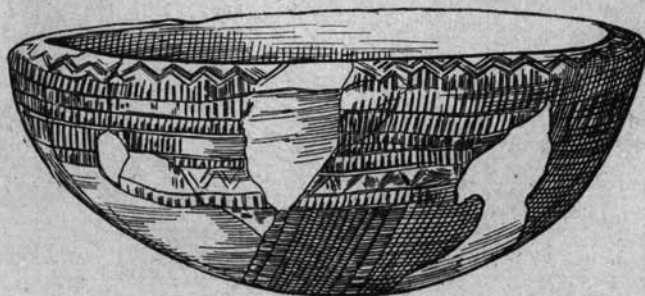
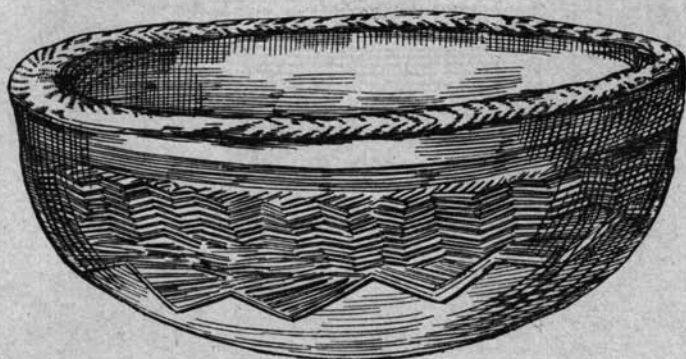
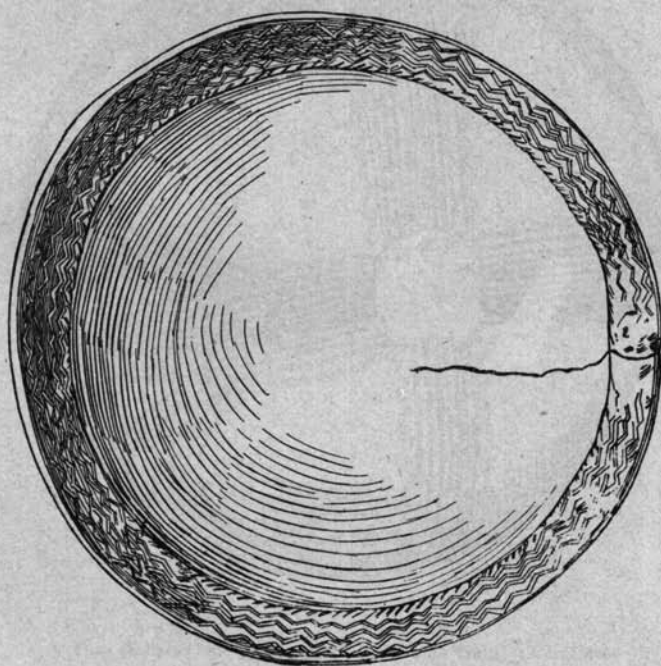


Fig. 3

Vaso de Palmella — Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos



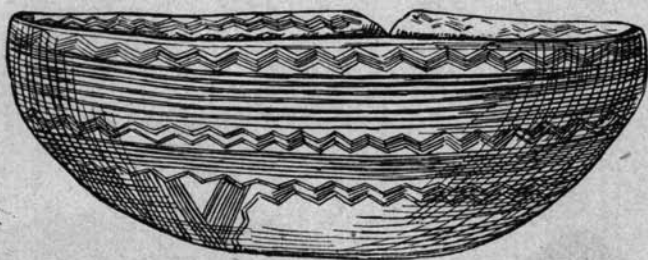
A



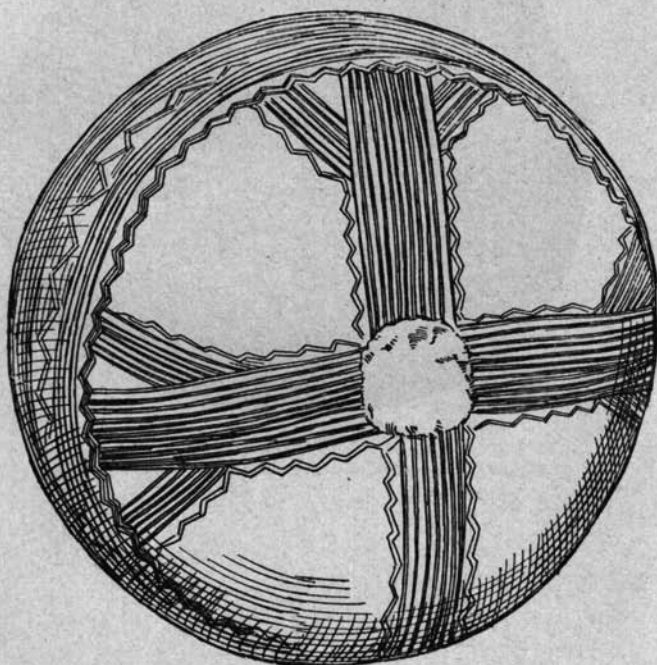
B

Fig. 4

Vaso de Palmella—Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos



A



B

Fig. 5

Vaso de Palmella — Museo de la Dirección de Trabajos Geológicos

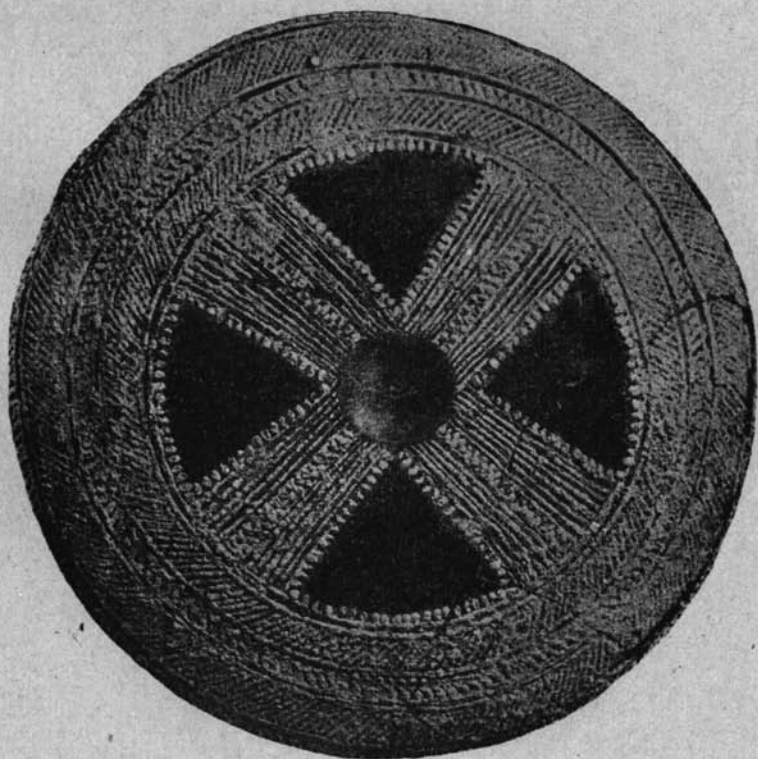


Fig. 6

Vaso de Ciempozuelos—Academia de la Historia.—Madrid



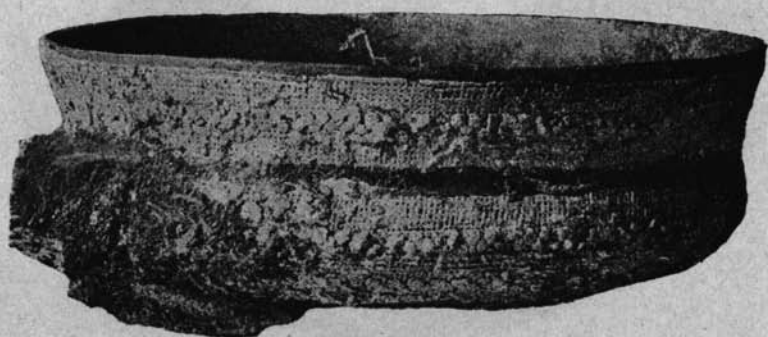
A



B

Fig. 7

Vaso de Ciempozuelos—Academia de la Historia.—Madrid.



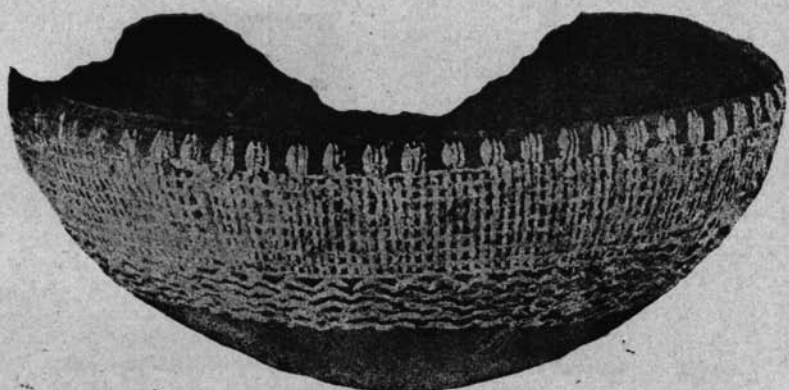
A



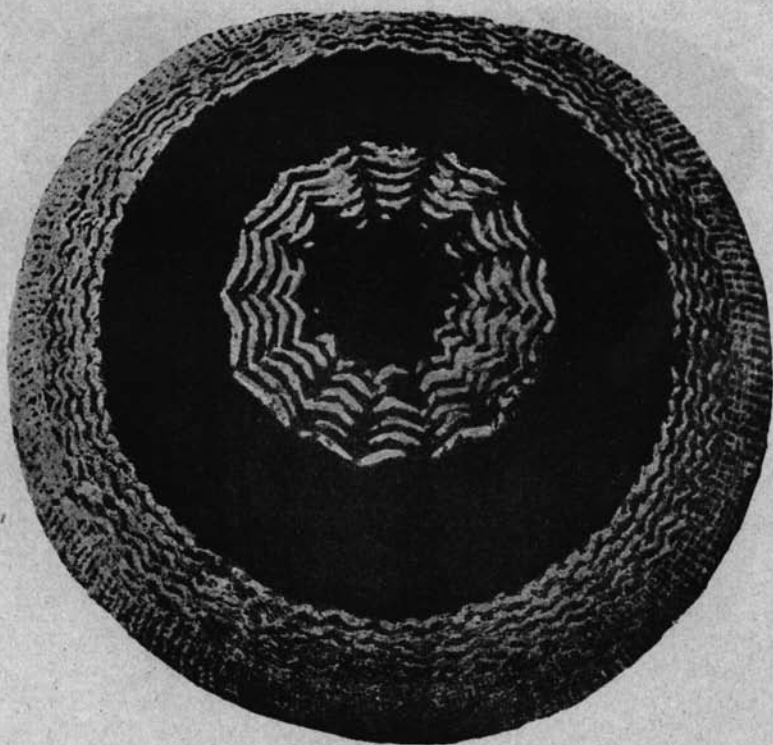
B

Fig. 8

Vaso de Ciempozuelos con un hueso adherido — Academia de la Historia. — Madrid



A



B

Fig. 9

Vaso de Ciempozuelos—Academia de la Historia.—Madrid

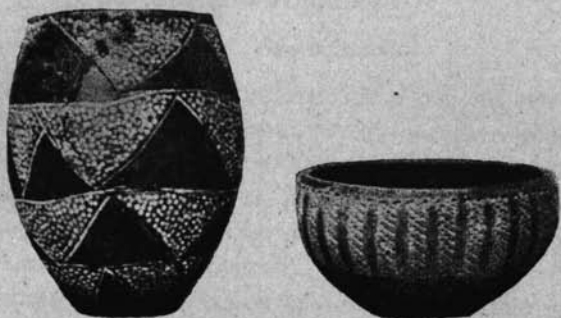


Fig. 10

Vasos egipcios decorados con pasta blanca, procedentes de Semalneh y de Abydos
Período tinita. — Museo del Cairo

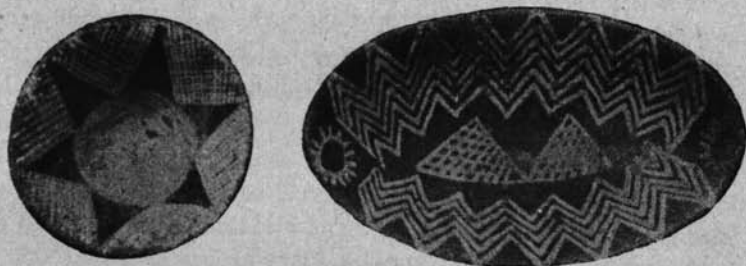


Fig. 11

Vasos egipcios pintados procedentes de Hamaradum y de Gebelein
Período tinita. — Museo del Cairo

Uma semana românica

1. A igreja de Freixo de Baixo

Quem, vinte minutos andados do Alto da Lixa, na estrada de Amarante, se deixar ir nos declivosos e apertados carreiros da encosta até o fundo vale dum arroio do Tâmega, à vista esplendorosa do Marão, encontra facilmente, sob frescas latadas e sombras de árvores, junto à corrente, a velha igreja de S. Salvador de Freixo, ou Freixo de Baixo. Segundo autorizadas informações dos habitantes desta assaz recatada freguesia, foi o templo românico castelo agareno, mau grado à sua situação, e, a quando da expulsão dos infiéis para além do território, imobiliária presa da cristandade que o afeiçoou às suas liturgias. É igreja do primitivo plano, de uma nave com, segundo a mais natural das conjecturas, capela-mor rectangular de simples diferenciação absidal em pé direito. Esta conformidade que, só da conjugação do exame monumental com as tradições locais duma restauração pouco antiga, na parte absidal, se me impôs, merece documentação esmerulosa. Por ser este, pois, o único ponto controverso em que o estudo da construção se pode dar, voltaremos a elle no fim duma desprevenida observação de todo o conjunto. No ângulo de sudoeste da frontaria avança a torre¹, servida por portas de volta redonda e uma janela geminada tendo uma parede por divisão e suporte da imposta central e os extremos dos arcos que nela começam assentes numa imposta corrida e longitudinalmente sulcada que cedia o lugar nas quatro faces da torre a janelas idênticas, as fronteiras respectivamente hoje vingadas e desmanteladas nas voltas. Sólida construção era a destes arcos como aí parou de desmantelar-se desde a cornija o primitivo aparelho ainda que os homens obstassem. O templo é que próximamente todo andou em precalços de ruína. Um corte desde a fachada tornou asado o recuo da parede do Evangelho desde o eixo, facto pouco menos vulgar que o corte das ábsides e de que eu já publiquei um exemplo em *S. Romão de Arões* (*loc. cit.* p. 18). Acaso de certo, mas o acaso capricha em estender as construções românicas para o lado sinistro. Este alargamento não trouxe a Freixo nenhuma dependência. ¿Seria pretexto tirado duma ameaça de ruína? Provavelmente. A ampliação é quasi imperceptível e só

¹ O Sr. Joaquim de Vasconcelos, referindo-se-lhe, a p. 19 do texto da *Arte Românica*, confronta-a com a Casa da Câmara antiga de Brangança.

basta o provar que a primitiva parede exterior da esquerda já não existe. Entrando pela porta principal, reintrante em três arcadas assentes em capitéis de estilização animal e vegetal vulgar¹, cujo tímpano, nota humorística, foi caído, depara-se-nos um interior vulgar de igreja aldeã, raso, nu e branco de cal, desgraça a que o exterior escapou. A cobertura de toda a construção foi o madeiramento, desde o início. ¿Teria o arco triunfal suporte de colunas? Não há vestígios nem a menor probabilidade. Ora, quanto à ábside, como a construção foi cortada na altura em que hoje assenta a tribuna, mesmo no extremo da capela-mor, onde se nota um poderoso desnivelamento de águas; como daí por diante uma dependência, já duas vezes levantada em tempos modernos, segue, em menor largura, por pouco mais ou menos a linha do corte; vem a ponto de concluir que ou esta dependência é a edição pelo menos terceira da ábside ou que esta se achava só diferenciada em pé direito, sob planta rectangular do mesmo eixo transversal, no corpo da capela-mor.

Em virtude das razões que aqui pude deixar expostas e doutras considerações que fogem às possibilidades da pena, eu aconselho a primeira conjectura, ainda que ela se dificulte mais e venha colocar a igreja de Freixo em condições ainda não comprovadas para nenhum dos nossos monumentos românicos, mas condições que cedem à logica das circunstâncias e das necessidades locais. No entanto não é possível impôr dogmáticamente uma probabilidade das dèste género e eu não vejo nada mais conveniente que uma reservada expectativa para o que um acaso ou uma observação mais feliz nos possam trazer de mais certo sobre a natureza da ábside e suas dimensões. Deixemos descansar na beatitude da sua paz estas reliquias religiosas, ainda que sobre elas pesem lamentavelmente as profanações dos homens e do tempo, inconscientes todas, mas lancemos à terra a semente de remoçado culto, pois muito interessará que, quando estes pobres mutilados expirem na sua inanição, o presente lhes saiba remexer dos escombros uma centelha de luz de rememoração para o futuro. Que na sua hora final uma compassiva mão recolha o seu testamento longo.

Até lá é impossível purificá-las todas. O povo cuja alma ingénua é a maior esperança da arte, ama-os mesmo assim.

Façamos que essa devoção carinhosa se herde, acrescentada em

¹ O último capitel da esquerda mostra na parte superior, sob o ábaco, uma ornamentação de rodas radiadas. O motivo vegetal é a fôlha de hera.

consciente reverência para com êsses pequeninos poemas humanos e divinos a que os risos da terra mandam a sua colorida nota de benéfica adoração.

2. A Igreja de Vilarinho

Pór detrás duma das várias eminências que dominam Vizela está escondida a igreja desta freguesia do concelho de Santo Tirso. Sem que admire encontrar-se mais esta encruzilhada num dédalo, mas sem também se lhe descortinar razão de ser, se tem visto que exageradamente lhe carregam danos os seus bastantes títulos de glória. A sua galilé podia ser um nártex sem precedente, a planta, de simplicidade extremada, um embrião estrutural, como se da arte latina tivesse nascido alguma cousa neste solo; as aparências sientíficas não se traíram. Mas hoje não é já tempo de iludir o testemunho ornamental. Se ainda fôsse, após tantas lições pelo absurdo expostas na clareza das plantas, necessário fazer testificar os exemplos decorativos, eu não digo que, num assunto onde termos técnicos e observações técnicas orçam pela insuficiência, a tese não ficasse mais comprometida. Mas não basta notar as ordens de secção nos caules vegetais, a tendência ao redondamento trilobado das axilas¹, na idea duma simetria que se realiza? os motivos animalísticos são tradicionalmente concebidos; mas a disposição do carácter humano do capitel direito da fresta do côro ao Evangelho não ressona coolusão sobre os similares, um, por exemplo, da parte interior da tórre de S. Pedro de Rates numa mísula? É verdade que as frases feitas desta dialéctica artística ficam quasi sempre e a evolução acentuadamente perceptível; quando começou? ora tantos exemplos como se poderiam citar fazem alguma fé e não há senão partir dêles ou não partir para cousa nenhuma. Portanto, vamos ao que importa. A galilé é verdade que vagamente compromete:—é de latitude inferior à da nave. Nela enquadram modernamente a tórre e altearam a água esquerda do telhado. A cobertura de madeira baixou também do lugar que ocupava formando o tecto de modo a encobrir por pouco a arcaria da portada da nave. Êste abaixamento devia ter-se dado também na nave de Águas Santas e algures mais; ali, quando lhe foi aplicada a cober-

¹ Esta feição evolutiva, se a quiserem reconhecer, é produto da influência estrangeira, que de nenhuma noção tipológica poderia resultar espontânea ao menos experimentado juízo crítico. Mas nas relações artisticas nada se reduz a factos isolados onde parece não poder ver-se outra cousa. Com effeito, a evolução tipológica é sempre um facto ao menos nas regiões donde se importa, realizada já.

tura mudejar que ainda se conserva. Aqui, na galilé de Vilarinho, só o mudejarismo de todo o carpinteiro peninsular assiste, o que basta ainda conservar-lhe o carácter no alçado¹. A porta de entrada para a galilé tem só isto de particular. A arquivolta assenta em rudísimos saiméis—impostas. A portada da nave tem três arcadas assentes em colunas cujas bases estão lavradas de folhagem sepalvide ou historiadas com cabeças de homem, bovídio, etc. Os capitéis estilizam fôlhas da mesma espécie (cintados?) e o primeiro da direita dois galos unidos no mesmo biso (o que o camponês que me acompanhou já *identificara*) tendo no meio outro animal deitado de que só o prótomo se vê, sem identificá-lo. O que é de notar é que todos estes capitéis e os restantes são curtos, o que não é de todo em todo românico, passados os primeiros três quartos do séc. XII, se o bem afirmam exemplos, mas que ser pode da época já do início da transição (meados do séc. XIII). A nave recebe luz por seis frestas românicas cuja volta assenta por capitéis em colunas. As impostas representam a conveniência de ligar o tecto ao corpo da parede.

O carácter da ornamentação dos capitéis destas frestas é o que já acentuei. Ao rasgo das paredes correspondem naturalmente os gigantes na parte exterior e não à existência de uma abóbada que não teve realidade. A abertura duma porta, de arco apontado como o da fresta da nave, excluiu adventiciamente a colocação dum gigante. Dêste momento em diante é que só a fé nos salva. Olhando a construção pelo lado exterior, da nave em diante a cornija estribada vê-se terminar.

Começa a capela-mor, restaurada em 1622, que pode ter sido uma do mesmo alcance, já terceira vez renovada perto do nosso tempo, com cornija de cimento. Valha-nos neste transe a igreja de Serzedelo, cuja capela-mor tem de aceitar-se rectangular, mais ou menos forçada. Os arcos apontados definitivamente, em uso mais essencial em Vilarinho que Serzedelo, a ornamentação, a existência da galilé, são bem concordes em assinar a construção das duas igrejas a época de fins do séc. XIII. Com uma tal pobreza de exem-

¹ A observação para Vilarinho é minha. Em todas as cousas dêste género a prioridade é do Sr. Joaquim de Vasconcelos, de quem fui discípulo na Universidade de Coimbra.

Walter C. Watson in *Portuguese Architecture* consignou o melhor das informações valiosíssimas de S. Ex.^a

Minha é a hipótese do abaixamento das coberturas, da qual, creio, não vem mal ao mundo!

plares não admira que me suceda o ter de lançar mão de um processo ainda mais crítico na reconstituição desta parte da igreja de Vilarinho que não da abside de S. Romão de Arões¹.

São isto aproximações que é conveniente ter em vista para o caso de se poderem estender, mas de quemquer que saberá guardar sensatamente reserva no caso de poucos elementos de prova subsistirem. De resto, é muito natural aproximar igrejas do princípio do séc. XIII, como Ferreira Arões, Unhão, Airões, etc, como natural parece aproximar de Vilarinho e Serzedelo todas as que do terceiro quartel do séc. XIII possam porvir. Entre Serzedelo e Vilarinho há comunidade de tradições monásticas. Teriam sido desde princípio igrejas de mosteiros que ali sabemos existirem desde o séc. XIV? Vilarinho ainda conserva fragmentos do séc. XV e anteriores porventura no claustro que encerra o seu pequeno cemitério. Uma inscrição numa das paredes de um arco da parede desse claustro fá-lo atribuir à era de 1410 (o claustro, na sua primeira ou segunda construção?). Em Serzedelo, de que vamos falar, nada se identifica do velho mosteiro.

3. A igreja de Serzedelo

O carácter das curvas architectónicas tem sido muito ligeiramente apreciado. Desde a curva ultra-semicircular, ainda hoje objecto de sérias e bem justificadas hesitações, até as esporádicas contrafacções dos conjuntos das arcarias concêntricas românicas, tem-se agitado tradicionalmente o absurdo. O Sr. Joaquim de Vasconcelos julgou, pois, necessário derruir os prejuízos góticos, de nossos dias ainda vigentes, com uma hipótese salvadora; podemos enunciá-la assim: A tendência para o arco apontado, bastante anterior à definitiva fixação do gótico, é um natural recurso ornamental. Recurso este, ajuntarei, que muitas vezes emendou dificuldades, algumas vezes, porém, despreocupadamente as levantou. Não pude deixar passar em claro, mas, por uma desesperadora inércia ou má vontade não já minha, ainda não chegou a vez da publicidade ao meu reparo necessário, e vou desfazer aqui, por isso mesmo, um involuntário falso fotográfico do Sr. Marques Abreu que induzia um arqueólogo em erro. Trata-se do postal da igreja de Meinedo, imprópria e falsamente representada mudejar². Assim se orientou a impressão da

¹ *Allegro vivace*, p. 18.

² *Arte Românica*, p. 53 das reproduções. Traçado mudéjar, ultra-semicircular! Eis o pé das proporções que apurei em tam intrigante conjuntura:

Flecha do arco 1^m,107;

chapa — caso estranho! — mas as medidas que eu vou dar provam sómente que a imperícia da construção ou o mal entendido do resultado a tirar descentraram os elementos arquivoltados da arcaria. Tam pouco era gótica Serzedelo nos seus arcos, se das suas arquivoltas todas isoladas e românicas, não inscrevesse parte, bem românicas, as arcarias essenciais. São estas a portada da galilé para a nave que forma com a capela-mor o corpo principal do templo; o arco de triunfo; ao passo que as portas laterais, a da sacristia, direcção «formera» e os docéis dos sarcófagos da galilé são ogivados. Quanto à planta pode dizer-se de Serzedelo: — É a arte românica que revive num monumento gótico; — quanto à ornamentação: — É uma saúde românica que inflora emurhecida aqui; — mas no alçado o traço românico leva a melhor, pelo menos em primitividade autêntica, mas a linha da ogiva, pôsto que modesta é já inquebrantavelmente definida. Na planta, tem a galilé, revivescência ou melhor resurreição do nártex, que, caído em desuso o prè-românico tramo «in antis», eu nunca pude reconhecer no corpo avançado das nossas igrejas rurais, apendicular e necessário ao desenvolvimento das portadas românicas de sucessivas arquivoltas¹. Depois da nave, sem colaterais, alumiada por várias frestas laterais e pela janela ou fresta gótica, vulgar desde fins do século XIII na nossa arte românica de transição (exemplo desenvolvido em Santa Clara de Coimbra, fachada) colocada sobre a portada da nave, acima do tecto da galilé, está a capela-mor quadrada. ¿Não teria esta parte sido reduzida na abside ou em si própria? Será natural² pensá-lo. O que é certo é que uma dependência lhe continua da parte da Epístola, com uma estreita janela gótica que não é necessário fazer remontar muito baixo, do fim do século XIII³. Vê-se, nisto só, que a igreja de Serzedelo não

Vão do arco 1^m,662 (quebrado);

Flecha da penúltima arquivolta 1^m,675;

Vão da penúltima arquivolta 3^m,702 (redondo).

¹ Veja-se adiante desenvolvida a discussão a propósito da igreja de S. Vicente de Sousa.

² Não é preciso voltar ao assunto do próximo parentesco que da contemporaneidade em que, até certo ponto, as consideramos, resulta entre esta igreja e a de Vilarinho. A quem o não aceitasse, admitiríamos ainda dúvidas sobre se a capela-mor teria sido ampliada.

³ Veja-se a opinião do Walter Crum Watson sobre as nossas janelas góticas, tam *a priori* quanto assenta numa só (*Portuguese Architecture*, p. 65). A de Serzedelo vem reproduzida na *Arte Românica*, p. 30 das reproduções. Ver *ibidem*, p. xxviii dos «detalhes» uma janela do claustro de Leça do Balio, muito arcaica.

teve o tempo necessário de concepção para se fortalecer na corrente das innovações que afectavam, meio século antes e menos, as suas irmãs e vizinhas da, já assim chamada, transição. Na ornamentação, enfim é que o tradicionalismo por completo vingou. Ela é, porém, tam pequena parte na feição do templo, quanto discrita e miúda, cingiria em arquivolta todos os arcos antes de rebocados. Na porta de entrada na galilé e no templo em geral, é um denticulado em triângulos na arquivolta e nada mais. O arco assenta em imposta que se perde no corpo do aparelho e não avança para dentro da linha diametral. A arquivolta da portada da nave chegou por meios seus à decoração banal como que sagitada, corrida em curvaturas de intenção simétrica bastante irregular em princípio.

Cingi-a uma espinha, motivo tradicional e até luso-romano e popular. Os dois capitéis da portada da capela-mor infloram nos dois ângulos intactos duas estilizações vice-versa, uma mais antiga contemporânea já do tipo de Águas Santas, outra do tipo de Unhão, antiguidades só relativas fora da concretividade dos anos. E é isto, muito simples e muito *sui generis*, a igreja de Serzedelo. Do lado sul está enterrada os seus dois metros no solo.

Fraco e ingrato amparo, mas que lhe tirou as preocupações de se estabilizar com gigantes que não possui para que fôsse coberta senão de madeira. Tem telhados de duas águas e as empenas primitivas estão protegidas de cruces. Na cornija não há gárgulas; corta-se de quando em quando sobre a fieira da cachorrada e a água escorre, o que é vulgar. Creio que por êste discriminar, só me terá passado o campanário. Pois lá está êle, uma parede encostada ao ângulo da igreja com três voltas sineiras, mas; pobre monumento!

Quem fôr a Serzedelo, é justo que, à custa de meia hora de cavalgar por ingratos caminhos, tribute a sua visita aos setecentos e trinta e sete anos duma igreja cuja frontaria faz desanimar, mas que rodeada à vista da sua cachorrada com pobres historiações e penetrada pela porta românica do norte, se reconhece ser membro da família do séc. XII.

O corpo da nave lá está que é o primitivo. As paredes que separam no topo avançam a receber o arco triunfal, irritantemente pintado. E o resto aí está, é essa capela-mor rectangular. Quando ao saírem dela retomarem o seu caminho ou retrocedendo para a estação de Lordelo ou atravessando Silves para Guimarães, levarão sem grande esforço, com a recordação das máscaras dos estribos, das suas frestas e da nudez violada, mais um monumento românico para a conta. É S. Martinho de Candoso.

4. A Igreja de Santa Maria de Airões

Quem, como eu, tivesse pretendido uma tese de romanização, pelo confronto toponímico, em Arões¹, encontrando, a ter descido para o vale, logo abaixo de Fareja, na encosta do monte Columbarino dos romanos, a cuja aposta vertente se abrigam Margaride e o culto da Virgem Quitéria, o vasto foco duma *cividade*, não teria deixado passar despercebido o achado de antiguidades romanas junto à igreja de Airões, uma légua distante da vila de Felgueiras. Chega-se lá atravessando, um pouco por sudeste da vila uma região animada ainda com visos dramáticos de Basto. Airões e Arões tem semelhança toponímica recíproca e ainda com outras terras próximas, mas a denominação deve ser medieval. De resto também as duas igrejas românicas se parecem muito em manifestações tardias de incidência românica; sómente a igreja de Airões, que se não pode ao certo inculcar anterior ou posterior, guarda para a de Arões, com certos relevos, o carácter de mais seguido e talvez lógico acabamento. É, para mais, de destaque entre os espécimes da região uma certa parte dos distintivos que fazem o comum pecúlio destas duas igrejas. Representam elas, no entretanto, uma época e não uma anomalia, enquanto diz respeito ao seu fundo comum. Ainda no decurso destas análises monográficas lhes havemos de encontrar outras relações mais remotas mas lídimas de parentesco. Com S. Romão de Arões já eu acariei a igreja de Ferreira. São em geral individualidades, por vezes pouco dependentes, dêste tipo, as igrejas em transição para o gótico. E, com um portal em que a obra de canteiro em nada destrói do tipo regionalmente consagrado, como

¹ *Allegro vivace*, p. 17, nota 1. Uma rectificação esperava eu fazer noutro número quanto a S. Romão de Coronado. É esta: Do Ex.^{mo} Sr. Dr. Pires de Lima recebemos o seguinte bilhete que muito agradecemos e, sem, a nosso ver, demolir a hipótese que formamos, constitue uma judiciosa restrição que, com licença de S. Ex.^a, muito nos apraz publicar:

«Há no concelho de Santo Tirso duas freguesias antigas — S. Mamede Coronado (ou S. Mamede de Coronado) e S. Romão de Coronado.

Em documentos antigos tenho visto chamar à de S. Romão — S. Romão de além de Coronado e suponho que, por isso, a designação de Coronado era exclusiva da de S. Mamede, passando a chamar-se de além de Coronado a de S. Romão por estar para além de S. Mamede e abreviando-se mais tarde a designação em S. Romão de Coronado. Sendo assim, o adjectivo Coronado só se aplica a S. Mamede (ao santo e não à freguesia) e certamente a explicação do facto está em ter sido coroadado êste santo o que é fácil verificar em qualquer *Flos Sanctorum*. — António Augusto Pires de Lima»

em Unhão¹, Ferreira², Travanca, etc., por influxo monacal, se isto pode pensar-se duma tam pouco célebre innovação como tem de ser sempre as de ordem ornamental, a uma norma de estilização um pouco cluniense; com esse aspecto de singeleza rural que, já hoje conhecidas tantas igrejas de freguesia, deixa de constituir, pela simplicidade da planta, de uma só nave embora, um critério de vetustez, como ainda no tempo de Crum Wattson; com isto, a igreja de Airões pode dizer-se orgânicamente ogival desde o arco do triunfo. A sua capela-mor não é todavia muito recente na época da transição, por isso que a construção foi ininterrompida. A sua capela-mor tem uma dependência coberta ainda a abóbada de berço; mas nem podia ser doutra maneira. De resto, como em Arões os arcos «formeros» da abóbada simples de ogiva assentes em grossos capitéis dos quais os segundos não assentam já aqui nas fortes bases lavradas senão em fustes cortados pelo terço superior em pirâmide invertida; como em Arões também a abside cortada — destino quási inquebrantável destes monumentos³ — podia ter sido tam românica como a de Ferreira, mas não podia ter nunca um carácter pronunciadamente ogival para além da certíssima promessa de que o gótico nunca se generalizou entre nós nem mesmo seródio⁴.

¹ Ver as fotografuras da frontaria desta igreja na *Arte Românica*, p. 102-104 das reproduções.

² Ferreira tem muito mais de puro normando que simples rasgos — muitas peças de modinatura completas. Esta igreja, considerada no seu ponto de vista de historiação e architectura duma escola, não podia ser reputada mais antiga do que a mesma de Unhão onde nada existe de ogival? A ogiva não basta a constituir critério cronológico; mas a estilização sofre a cada passo imprevistos embates da rotina ou se purifica no espírito dos primitivos modelos ou aceita influências quaisquer. A planta raro dá elementos para a destrição. É um terreno todo conjectural

³ Não admira que das três igrejas românicas que restam em Coimbra só à S. ficasse a parte absidal, ainda falha da absidiola do lado da Epístola. Nas igrejas românicas da província em que a existência dela tem de admitir-se forçosamente sem dilema, são de dois terços, sem exagêro, os casos de mutilição completa e quísi gerais os de mutilação parcial. Teimoso acaso! E os restaurós nas condições de Roriz? as injúrias que o tempo tem feito sofrer a belos exemplares de ábsides como a de Vales Longos (Monção)?... É um rosário infindável de misérias...

⁴ E, todavia eu não esqueço nenhum dos nossos monumentos góticos. Lamento que a igreja de Atouguia da Balóia (Estremadura litoral), um dos primeiros, ficasse tam pouco esclarecida no artigo em que o Sr. Ribeiro Cristino teve a fortuna de apresentá-la na *Terra Portuguesa*, I, p. 110, porque tem grande interêsse cronológico. Os espécimes de Leça do Balio, Oliveira de Conde, os S. Fran-

Os capitéis da capela-mor de Arões são bem mais complexos de estilização que os da de Airões. Estes são simples. Um representa dois cavaleiros de frente um para o outro com as lanças verticais — é vulgar. Outro há de estilização floral mais larga e em geral, como em Arões, fôlhas em curta ondulação espiralada sobem para o ábaco. Mas nos outros dois o motivo vegetal é dado realisticamente, quasi sem estilização, e será isto, no sentido tipológico duma observação latamente confirmada, um carácter de recentismo como eu quis mostrar nos estribos lavrados de S. Romão de Arões? (*loc. cit.*, p. 19, nota 3).

As escolas de ornamentação começam rudimentares e é também rudimentares que acabam. A arte românica, mesmo nas regiões mais puras acabou mais realisticamente ainda do que começou, porque nos seus inícios importou modelos. Mas para que a minha observação tenha toda a latitude duma lei geral é necessário provar-se, e eu não o conseguiria, que o estilo românico chegou à decadência. É já muito longa a digressão de ideas a que a recatada e inédita igreja minhota me trouxe. Para concluir, posso fixar-lhe sem receio para idade o meio século XIII, salientando todavia o vago indefinido com que destas igrejas de que S. Romão de Arões é tipo característico saímos de indagar-lhes o passado. É uma impressão deprimente. Sobre S. Romão de Arões eu fui levado a produzir um treno. É que a fisiologia, por assim dizer, da arte românica não está sequer inventada. É um esqueleto, apesar de todos os esforços já feitos, e se os meus ainda vingassem, passaria da reconstituição de múmia? Instituição social dos povos latinos, como eu a considero e creio bem que depois de mim todos concordaram em considerá-la, eu creio bem que muito importaria que ela aparecesse aos olhos da nossa curiosidade como aos do nosso interesse em toda a evocação dum organismo vivo.

ciscos de Guimarães, Évora e Pôrto, a Sé da Guarda a Santa Clara de Coimbra são trechos artísticos, não corpos duma instituição artística nacional. Eu apontaria ainda mais exemplos — e o meu paradoxo resultaria mais flagrante?.. não! Eu tenho até Afonso Domingues no rol das minhas devoções particulares; tenho uma grande predilecção artística pelos nossos sarcófagos góticos, como os dois magníficos túmulos de Alcobaça, e o do bispo Afonso Pires na gloriosa e antiga basílica goda de Balsemão, o esquecido túmulo que, mutilado, esmagado, é, emfim, uma illustração de indumentária e uma recordação raro compulsada de história, na igreja dos Anjos, em Montemor-o-Velho. Tenho mais isso, a predilecção pela estatuária gótica e não é isso menos português até a Renascença que a abóbada milagrosa da Batalha. Mas insisto em crer inabalavelmente que a arte românica com os seus precedentes godos e as suas sobrevivências paleo-étnicas de motivos ornamentais, foi ainda em arte a única instituição social espanhola.

5. A igreja de S. Vicente de Sousa

Fica em terras montanhosas, mas menos talvez duma légua de Unhão, da estrada de Penafiel. Ninguém a visita no inverno.

Pelas fundas ravinas a água corre, todo o caminho, tumultuariamente, na estação das chuvas e ficam lamaçais todo o ano. Foi por isso que uma fidalga Loba, diz a pitoresca tradição, tendo molhado um pé no caminho da igreja de Idães, protestou que seria a última injúria que a água lhe faria em sua vida e mandou levantar o templo. Não surgiu ele, ainda que o lendário e ingénuo epigrama teimasse, instantâneo à indignação umedecida da proponente; mas, se quiserem, o século XII viu-lhe o fim, que eu não apanhei da água da região para dissolver a cal que a branqueou nem tam pouco os obreiros da fidalga, e posso, ainda assim, prescindir da data que o rebôco ilegibilizou para recolher nela um testemunho incontroverso de semelhante antiguidade.

O portal desenvolve-se num corpo avançado da nave e de menos latitude, constituindo a bem dizer duas antas ladeando um espaço aberto desde a portada e incluindo no vão crescente a que dá lugar o decrescimento de grossura, o alçado crescente das arquivoltas. O lavrado delas não carece de ser descrito. A pp. 55-56 das reproduções da *Arte românica* podem ver-se duas fotogravuras, a primeira explicada d'este modo: — Fachada com nártex saliente... — o que eu discuto, apesar da consideração com que tal opinião, vindo muito provavelmente do doutíssimo autor do texto, se me impõe. ¿Pois acaso o corpo da Sé Velha de Coimbra, igreja tipo de representação da arte românica do séc. XII e sem contestação, avançada em torreão defensivo para conter o pórtico, nártex saliente? ¿E o reduzidíssimo corpo avançado de igrejas como a de Unhão, que se mede a centímetros, será nártex rudimentar? ¿não só ainda bem se o colateral único do norte em tantas igrejas não representasse bem melhor as suas funções utilitárias? ¿Pois não é este o único método plausível na arqueologia emancipada e generalizada em sciência, não já conjectural? Assim me parece com franqueza, mas caiba à minha opinião pessoal responsabilidade só pessoal, que é quanto deve dar-se também, e com mais vantagem à do Sr. Joaquim de Vasconcelos, verosímil e conseqüente, porém não metódicamente científica. Mas volte-mos à «igreja dos báculos» que assim pode chamar-se a de S. Vicente de Sousa, atenta a expansão da representação nas suas pedras do sceptro episcopal, bem menos representado na de Airães. Ilumina-a pela fachada da nave um espelho de que só pela reprodução da *Arte*

Românica, na p. 7 dos «Detalhes» se pode fazer idea bem nítida. A planta é de uma só nave. A ábside é redonda na primitiva e da sua curva, sob a ampliação mais antiga de que uma inscrição reza, se encontra uma ligeira ondulação na parede sul da actual capela-mor. Mas, que avançar na reconstituição de toda a antiga capela-mor e abside desta interessante igreja com tam poucos dados? Nada. E não fica já bem demonstrado o seu lugar cronológico? Já toquei demais ou menos perto o problema da cronologia de cada uma das igrejas românicas da região. Uma falta e de que não me ocuparei em especial atenta a generalidade e conhecimento do seu tipo. É a igreja de Pombeiro. De três naves com respectivas capelas absidais redondas, reproduz, com efeito um tipo muito generalizado e completo de monumento românico. Uma cousa, porém, é necessário fazer ver. Se pela falta da abóbada de berço e por outros caracteres de entre os quais avulta o de maior antiguidade na ornamentação, a semelhança que a planta do Pombeiro apresenta com a de Travanca é mais um reparo a valorizar a identidade do tema decorativo de monstros encadeados no pórtico e na entrada da torre militar de respectivamente aquela¹, e esta². Este é o mesmo tema que, na igreja de Santa Maria do Cárquere³ impressionou o Sr. Dr. Vergílio Correia a favor de fazer entrar o mosteiro de Travanca nesta cronologia. Mas nem por isso daria mais pela resolução trazida ao problema por S. Ex.^a ou pelo Sr. Joaquim de Vasconcelos criticadas que ficaram segundo o meu critério numas linhas recentes⁴. Como estas já não são o relato da minha impessoal apreciação sempre agora acrescentarei que, perante as minhas conclusões sobre a evolução da curva ultra-semicircular⁵, a hipótese do Sr. Joaquim de Vasconcelos quanto à cronologia de Travanca (início do séc. XI para o acabamento)⁶ perdeu muito da sua razão de ser, Pombeiro considero eu posterior a S. Vicente de Sousa. Vê-se que esta cronologia dos monumentos românicos, desce sem grande escrúpulo, mas desce no interesse de verosimilhança e, espero bem que da verdade.

EDMUNDO ALVES.

¹ *Arte Românica*, p. 107 das reproduções.

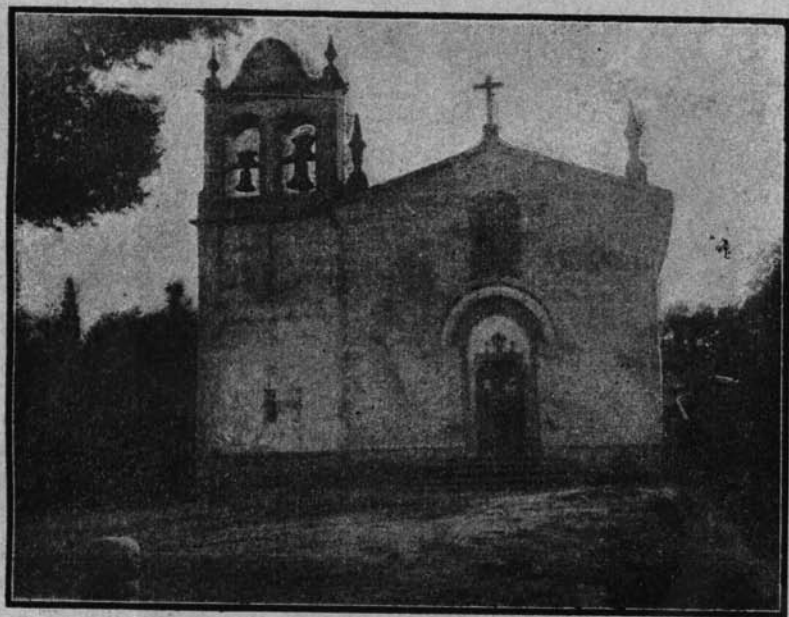
² *Arte Românica*, p. 62 das reproduções.

³ *Terra Portuguesa*, III, p. 59, fig. 4.

⁴ A questão cronológica de Travanca em *Instituto*, Coimbra, Agosto 1918.

⁵ Ainda inéditas mas já entregues para saírem num próximo volume da *Revista da Universidade* à data em que esta monografia foi redigida. Vieram, porém de 4 para o *Arqueólogo Português*.

⁶ *Arte*, Pôrto. Janeiro de 1908. 6-8 14-16 e 19-20.



F g. 1

Igreja de S. Romão de Arões. — *Frontaria*

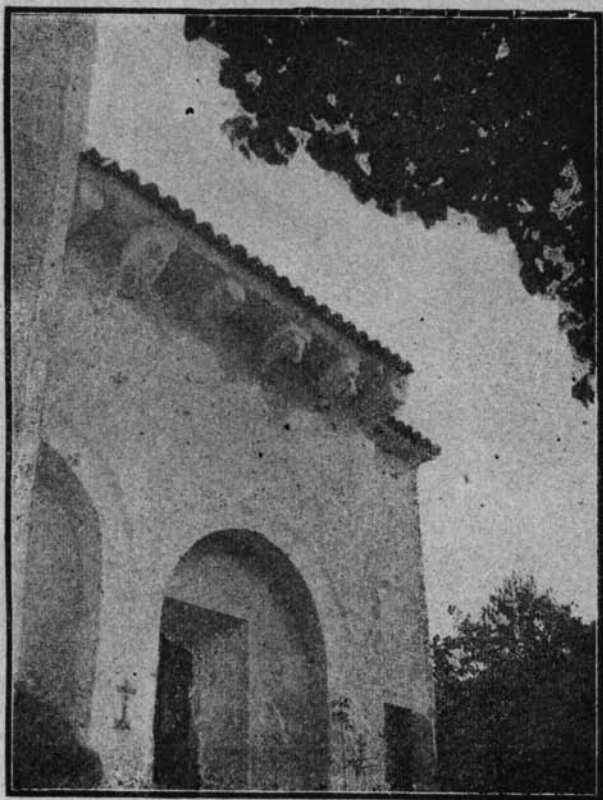


Fig. 2

Igreja de S. Romão de Arões.—*Aspecto lateral do norte* (sacristia)

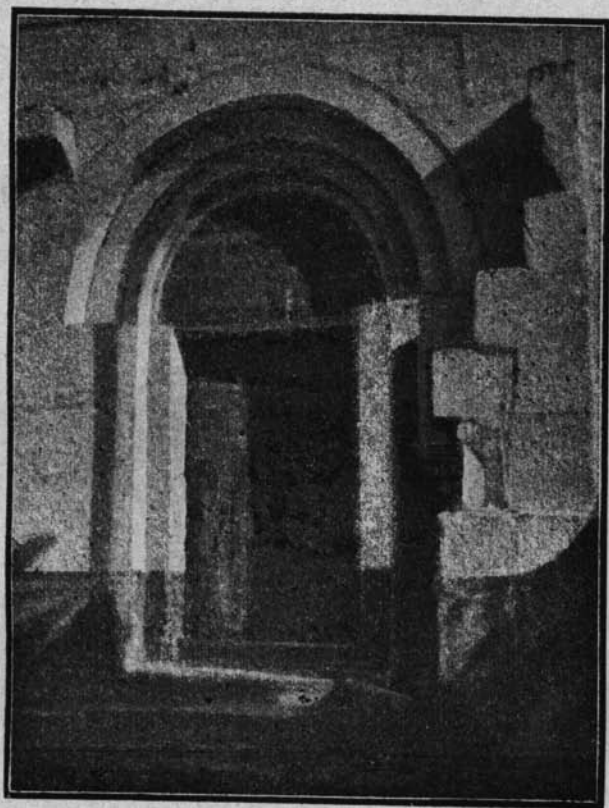


Fig. 3

Igreja do S. Romão de Arões. — *Porta lateral do sul*

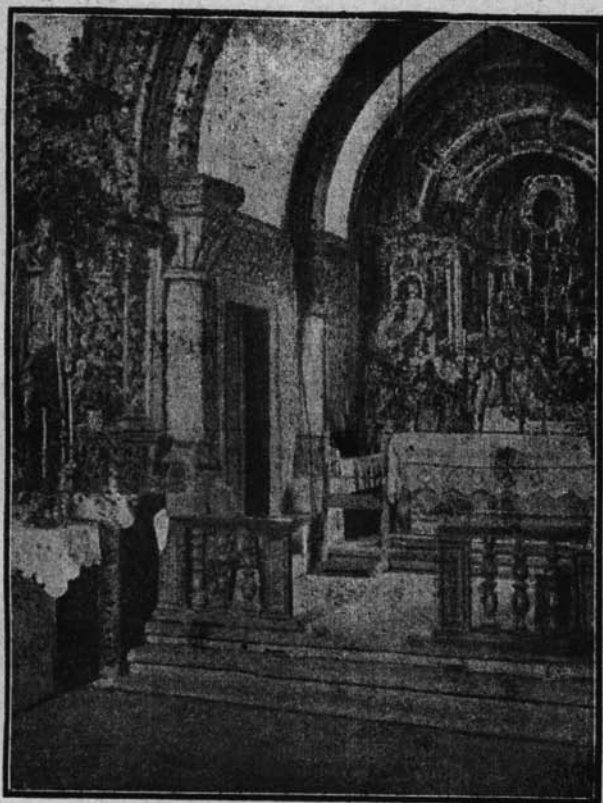


Fig. 4

Igreja de S. Romão de Arões. — *Trecho da capela mor (capitéis)*

Estatuária medieval de Coimbra

Pode afirmar-se que a escultura lapidar em Coimbra ascende a um passado longínquo, quasi aos inícios da monarquia, pela documentação existente. E, em conjecturas presumíveis, não seria de grande temeridade recuar-lhe a origem a épocas anteriores.

Os exemplares da statuária medieval conhecidos (pondo de parte a iconografia tumular) desde o séc. XIII, atestam claramente os esforços e as aptidões notáveis desses ingênuos obreiros, que imprimiam na pedra as visões confusas do seu entendimento e a sua sensibilidade. Neles se revelam preceitos de formas, de atitudes e de expressão, persistentes e conduzidos no sentido dum comum ideal. E sobre estes cânones aceitos e consagrados pelo assentimento da alma colectiva, se afirmou uma escola, de características definidas e inconfundíveis, que atinge no reinado de D. Dinis a sua fase culminante.

Sei quanto o assunto é delicado e de árduas responsabilidades, para que devam ser banidos alvitres não susceptíveis de demonstração cabal; não obstante, creio poder assegurar, com aparências de certeza moral, que antes desta época os imaginários conimbricenses trabalhavam segundo normas tradicionais, exclusivamente entregues à sua inspiração e aos recursos naturais do seu engenho.

Pelo exame comparativo destes espécimes, que em abundância se encontram nesta região, ou daqui foram transportados a diversos pontos do país, relacionando-os pelos traços de afinidade que os ligam, pelas analogias da modelação hesitante, e pelas audácias intencionais, tantas vezes frustradas, adquire-se a convicção de que nenhuma influência estranha se fez sentir sobre este movimento, acelerando-o, ou orientando-o, antes de 1280.

Pela disposição dos panejamentos sobretudo, se pode estabelecer a seriação cronológica e o momento em que aparecem os indícios da cooperação alheia, guiando a mão trémula do artista. Geralmente os vestidos caem em duas pregas obliquas dominantes; o manto em rugas acumuladas exuberantes e a fimbria pendente, enrolam-se em espirais de fantasia e com ostentação caprichosa. As mãos reduzem-se a limitadas fórmulas convencionais sempre reeditadas. Os cabelos, as coroas, os ornamentos, as jóias, etc., tudo se acentua em traços de tam completo assentimento, como se pela mesma mão fôsem delineadas as figuras congêneres, classificadas em agrupamentos coevos.

E, sob a aparência superficial de rudeza e supostas incorrecções que emoções imprevistas e benignas oferecem essas ingénuas e admiráveis obras! A simplicidade familiar e doce destas imagens amorosas como devia ser compreensível à inteligência e ao sentimento de populações, incultas, oprimidas e desoladas!

Só observando-as de perto se pode ajuizar que vasto campo de estudo e agradável alvoroço aí está prometido aos peritos, que queiram explorá-lo, arrancando-as dos esconderijos solitários e sombrios dos altares rurais e trazendo-as à luz da crítica e da publicidade. Só então será apreciada esta dispersa e desamparada galeria de candidas esculturas, que exaltam as qualidades da raça e marcam o nível atingido pela arte, num dado momento da nossa existência histórica.

Preciso, é porém, que aqui proclame uma restrição preventiva. E vem a ser que circunscrevo estas asserções a Coimbra, que considero como centro de actividade e irradiação de toda esta estatutária de que me occupo. É nesta região que existem os elementos mais expressivos de elucidação e seguras conclusões.

O desconhecimento dêste interessante capítulo, tam grato ao nosso affecto patriótico, explica-se pelo aspecto arcaico e equívoco dêstes icones hirtos e enigmáticos. Ou, melhor ainda, porque as deficiências e lacunas, em matéria de arte, são um deplorável estigma da civilização portuguesa..

Por isso se tem asseverado a penúria da nossa estatutária medieval, ao mesmo tempo que se admitia o absurdo da transplantação eventual da escultura da Renascença para o terreno de Coimbra. Como se fôsse possível a importação duma arte, que lançou raízes e floresceu, sem que a tradição anterior lhe fertilizasse a seiva, que havia de fixá-la ao solo e expandi-la à luz do sol!

É o caso da nossa pintura quinhentista..

As razões, em que fundamento as minhas asserções não poderiam ser expostas num artigo ligeiro, superficial e rápido. E tanto mais que, nos domínios da crítica e da história da arte, as sumidades consagradas estão assumindo uma attitude de exclusivismo hostil e defendem o ingresso aos ingénuos, como se fôsem incursões furtivos, devastando ceara alheia e afrontando direitos de propriedade!..

É preciso contudo que estes assuntos sejam trazidos a debate, sem sacrificar à intolerância de ideas preconcebidas a interpretação rigorosa dos factos e sem veleidades sacerdotais de infalibilidades e anátemas..



Fig. 1



Fig-2



Fig. 3



Fig. 4

Neste momento o enunciado da questão é simples pretexto, para concorrer com a minha desvalorizada oferta ao *lausperenne* celebrado em honra do Dr. Simões de Castro, do homem de saber, de modéstia e bondade, respeitado e querido, como o mais puro exemplo da austeridade moral e da abnegação generosa.

Limito-me, pois, nesta lacónica referência, ao assunto vasto, digno da atenção perspicaz dos devotados e sapientes.

As gravuras adjuntas (figs. 1 a 4) darão em traço vivo uma leve ideia dessas figuras intimamente tocadas de scintilha divina, que podem revelar-se sob todas as formas, sem obedecer a convenções e prescritos moldes. E, para que nelas fulja todo o encanto de beleza ingénua, é preciso olhá-las sem prevenções. Assim seremos cativados pela carinhosa simpatia que despertam, porque são criações do povo, que nelas imprimiu a mais pura scintilação das aptidões da nossa raça.

A. GONÇALVES.

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches
(Portalegre) par l'abbé H. Breuil,
Professeur à l'Institut de Paléontologie Humaine (Paris)

Au cours de l'expédition de quelques semaines que je réalisai en Mai et Juin 1916 à travers les provinces espagnoles de Ciudad Real, Caceres et Badajoz, je recueillis, on s'en souvient, non seulement de précieux relevés de peintures rupestres, mais aussi un abondant matériel paléolithique¹.

Le point extrême de mon excursion fut, à l'ouest, en territoire portugais, la localité d'Arronches, à environ 12 kilomètres de la frontière espagnole, et une dizaine de La Esperança², dont j'ai décrit la belle roche peinte. Mon séjour en cette localité me permit d'y découvrir une importante station paléolithique ancienne, au voisinage du cimetière.

Le gisement occupe la surface d'une ancienne terrasse, dominant d'au moins 20 mètres la rivière actuelle, le Rio Caya, et s'étend sur

¹ H. Breuil, «Glanes paléolithiques anciennes, dans le bassin du Guadiana», in *L'Anthropologie*, t. xxviii, 1917, p. 2 à 19.

² H. Breuil, «La roche peinte de Valdejunco à La Esperança, près Arronches (Portalegre)», in *Terra Portuguesa*, n^{os} 13 et 14, 1917.

Neste momento o enunciado da questão é simples pretexto, para concorrer com a minha desvalorizada oferta ao *lausperenne* celebrado em honra do Dr. Simões de Castro, do homem de saber, de modéstia e bondade, respeitado e querido, como o mais puro exemplo da austeridade moral e da abnegação generosa.

Limito-me, pois, nesta lacónica referência, ao assunto vasto, digno da atenção perspicaz dos devotados e sapientes.

As gravuras adjuntas (figs. 1 a 4) darão em traço vivo uma leve ideia dessas figuras intimamente tocadas de scintilha divina, que pode revelar-se sob todas as formas, sem obedecer a convenções e prescritos moldes. E, para que nelas fulja todo o encanto de beleza ingénua, é preciso olhá-las sem prevenções. Assim seremos cativados pela carinhosa simpatia que despertam, porque são criações do povo, que nelas imprimiu a mais pura scintilação das aptidões da nossa raça.

A. GONÇALVES.

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches
(Portalegre) par l'abbé H. Breuil,
Professeur à l'Institut de Paléontologie Humaine (Paris)

Au cours de l'expédition de quelques semaines que je réalisai en Mai et Juin 1916 à travers les provinces espagnoles de Ciudad Real, Caceres et Badajoz, je recueillis, on s'en souvient, non seulement de précieux relevés de peintures rupestres, mais aussi un abondant matériel paléolithique¹.

Le point extrême de mon excursion fut, à l'ouest, en territoire portugais, la localité d'Arronches, à environ 12 kilomètres de la frontière espagnole, et une dizaine de La Esperança², dont j'ai décrit la belle roche peinte. Mon séjour en cette localité me permit d'y découvrir une importante station paléolithique ancienne, au voisinage du cimetière.

Le gisement occupe la surface d'une ancienne terrasse, dominant d'au moins 20 mètres la rivière actuelle, le Rio Caya, et s'étend sur

¹ H. Breuil, «Glanes paléolithiques anciennes, dans le bassin du Guadiana», in *L'Anthropologie*, t. xxviii, 1917, p. 2 à 19.

² H. Breuil, «La roche peinte de Valdejunco à La Esperança, près Arronches (Portalegre)», in *Terra Portuguesa*, n^{os} 13 et 14, 1917.

plusieurs centaines de mètres le long de la ville, entre le cimetière, les « olivaias », et un chemin allant sans doute à Senhora do Rosário.

Des exploitations de terres pour tuileries y ont fait creuser de nombreux trous, parfois profonds de 4 ou 5 mètres, généralement d'un ou deux. De puissantes couches de galets volumineux se trouvent noyées dans une terre jaunâtre qu'on exploite, principalement au-dessus et au-dessous des lits de galets. — Au milieu de ceux-ci, à une faible profondeur dans leur masse, j'ai trouvé plusieurs instruments volumineux fort grossiers, analogues à de grands coups de poing usés. — Au-dessus et à leur surface, mais bien en place dans la terre jaune, se rencontrent facilement des éclats non roulés, des disques-nucléus assez volumineux, des coups de poing, plus ou moins bien faits, mais plus travaillés que ceux de la couche inférieure. Il n'y a aucun doute que ce gisement contienne du Chelléen et une industrie un peu plus jeune, probablement de l'Acheuléen. La position de nombreuses pièces en place ne permet aucune hésitation sur l'âge fort ancien de ce gisement. Néanmoins une bonne partie de mon matériel d'étude procède des rejets d'exploitation; en effet, les ouvriers jettent en tas, soit dans les recoins de la carrière, soit dans les sinuosités du sol, les cailloux qu'ils rencontrent en extrayant la terre tuilière.

I. Description de l'outillage

I. Les objets que j'ai recueillis étant volumineux et pesants, je n'en ai emporté à Paris qu'un choix assez sévère; une autre série, moins bonne, mais comprenant une grande pièce très usée provenant des graviers, se trouve au musée de Belem.

L'étude qui suit portera naturellement sur les matériaux que j'ai conservés dans cette intention.

La matière première de tous les objets a été empruntée aux alluvions mêmes de la terrasse, composées de roches dures provenant de la dégradation des « serras » quartzitiques et schisteuses voisines.

Ma description portera sur 45 pièces, se décomposant en 18 coups de poing, 9 disques ou disques coups de poing, 18 outils sur éclat ou éclats. Inutile de souligner que ces séries empiètent l'une sur l'autre, que certains coups de poing sont faits sur éclats, et que certains disques passent au coup de poing.

1. Coups de poing

1. Grand coup de poing lancéolé de quartzite noire en plaquette d'aspect schisteux (fig. 1); deux faces analogues; usure sensible; trouvé en place à la surface des graviers; longueur: 0^m,21.

2. Coup de poing allongé (fig. 2); galet retaillé sur la face supérieure, du côté droit seulement, comme un racloir. Patine forte, assez usée; longueur: 0^m,16.

3. Coup de poing ovale court (fig. 3), longueur: 0^m,095; quartzite patinée roussâtre. La face non figurée est la surface du galet avec quatre éclats enlevés à droite et au bout.

4. Petit coup de poing cordiforme, longueur: 0^m,10 (fig. 4). La face inférieure est la surface du galet, avec seulement deux tailles à gauche. Quartzite fortement patinée en roux, usure modérée.

5. Coup de poing cordiforme asymétrique (fig. 5), longueur: 0^m,123: en roche d'aspect ophitique ou basaltique très altérée, assez usée, patinée en roux. La retouche du bord droit très verticale. Sur l'autre face seulement deux éclats à droite et à gauche de la pointe: la surface du galet y est ailleurs respectée.

6. Coup de poing cordiforme, en galet de quartzite patinée en roux, modérément usé, retaillé seulement sur la face supérieure (fig. 6). Longueur: 0^m,11.

7. Coup de poing cordiforme (non figuré), longueur 0^m,117 d'ophite, très altéré et rubéfiée, fortement usé; taille à grands éclats (cinq) sur la face supérieure; la surface du galet, réservée en-dessous, n'a que deux éclats à droite et vers la pointe.

8. Coup de poing lancéolé, long de 0^m,116, à pointe brisée et refaite, en quartzite patinée en roux et lustrée (fig. 7). La surface du galet a été réservée à la base et, sur le milieu de la face supérieure. Celle-ci est retouchée à menus éclats, tandis que l'autre face ne présente que trois grands facettes.

9. Coup de poing (non figuré), long de 0^m,115; en quartzite usée, à patine rousse; face supérieure convexe, formée de la surface du galet, base pointue à petite retouche, extrémité lancéolée, brisée, à retouches bilatérales sur la face supérieure seule. Face inférieure occupée par une large surface d'ablations de grands éclats.

10. Coup de poing (non figuré) de forme irrégulière, façonné sur un gros éclat de quartzite, enlevé d'un galet et en conservant la surface convexe. Longueur: 0^m,125. Pièce usée et patinée en roux.

11. Coup de poing irrégulier (non figuré), façonné dans un fragment de galet de quartzite; forme accidentelle de pic très grossier, très épais, pointu aux deux bouts. L'extrémité est retaillée à petits éclats sur un bord, l'autre côté est à grandes facettes. Longueur: 0^m,114.

12. Petit coup de poing de quartzite noire, lustrée (fig. 8), long de 0^m,075; taillé à larges facettes d'un côté, à surface du galet

respectée de l'autre, sauf des deux côtés de la pointe. La silhouette est un fuseau assez ventru; la base et la pointe ayant le même profil.

13. Gros coup de poing très épais (fig. 9), sur éclat ovale taillé sur quartzite noire non usée, seulement un peu roussie. Retouche sur tout le pourtour du dos de la pièce, formé par la croûte du galet. Longueur: 0^m,14.

14. Coup de poing lancéolé sur grossier éclat de quartzite fortement patinée en roux, sensiblement roulé, sans surface de galet conservée (fig. 10). Longueur: 0^m,135. L'aspect général est celui d'une pointe massive; la face inférieure, formée du plan d'éclatement, présente quelque retouches assez régulières le long du bord gauche, et plusieurs larges écailles à droite, vers la base. Sur la face convexe, les deux bords ont été soigneusement retouchés d'un bout à l'autre: l'extrémité est rompue en cours d'usage.

15. Coup de poing façonné dans un gros éclat rectangulaire qui conserve la convexité du galet (fig. 11). Quartzite patinée en brun rouge, simplement lustrée; l'extrémité de l'éclat, carrée, forme taillant, retouché discrètement sur la face supérieure; les deux bords sont retouchés avec assez de soin sur la face supérieure; le bord droit seul est retouché de l'autre côté, et sur toute la longueur. Dimension: 0^m,115.

16. Éclat analogue au précédent, mais à taillant sans retouches, celles-ci se localisant aux deux côtés (fig. 12). La surface convexe est entièrement formée, sauf les retouches, par celle du galet primitif. Longueur; 0^m,119. Quartzite rousse, peu altérée, angles vifs.

17. Gros éclat triangulaire épais, retouché en coup de poing trapu, épais (non figuré), en quartzite brune usée. Longueur: 0^m,115.

18. Petit coup de poing triangulaire court, irrégulier, long de 0^m,088. La base est rectiligne et transversale; tous les bords sont retouchés sur la face supérieure; seul le bord droit de la face inférieure est l'objet du même travail; (non figuré).

2. Disques et analogues

19. Instrument amygdaloïde ovale-oblong, long de 0^m,135, taillé en quartzite brune, peu usée, peu altérée (fig 13); bien que l'aspect superficiel évoque la pensée d'un coup de poing genre limande, entièrement retouché, et à double taillant terminal, le travail en rappelle davantage certains disques. La face supérieure est convexe, l'autre presque plate; les bords latéraux et une extrémité, du côté bombé, sont soigneusement retouchés; de l'autre, il n'y a que des facettes assez amples, disposées toutes transversalement, et parallèlement

entre elles. Ce même parallélisme est observable dans les facettes longitudinales, partant de la base de l'autre côté; ces détails de travail dénotent certainement une technique assez évoluée.

20. Objet analogue (non figuré), accentuant le caractère de disque oblong; la matière, quartzite noirâtre peu patinée, nullement usée, dénote aussi une date relativement récente. La pièce est rectangulaire allongée, et de chaque extrémité, sur des faces opposées, on en a enlevé parallèlement des éclats oblongs de petite taille; c'est donc un vrai nucleus à lames courtes.

21. Galet aplati, taillé sur tout le pourtour de la face supérieure d'éclats convergents donnant à l'objet un aspect hexagonal (fig. 14); longueur: 0^m,083. En quartzite noir non altérée.

22. Objet analogue (non figuré), mais dont un angle a été nettement adapté en pointe par deux écailles enlevées sur la face inférieure du galet, de sorte qu'il semble qu'on ait voulu le transformer en coup de poing. Longueur: 0^m,112. La matière, quartzite rousse assez altérée, mais peu usée, dénote un âge un peu antérieur.

23. Disque nucleus typique (fig. 15), malgré sa silhouette de coup de poing court; la face supérieure présente de grands facettes d'ablation d'éclats courts et larges, l'autre présente seulement la surface naturelle du galet. Dimensions: 0^m,115. Quartzite noire, sans patine ni usure.

24. Disque (non figuré) taillé dans un fragment de coup de poing plus ancien; il y a donc double patine. Le centre de la surface de galet conservée est piqué d'une cupule de contusion. Les retouches qui s'étendent aux deux faces semblent plutôt destinées à transformer l'objet en percuteur. Le diamètre de la pièce est de 0^m,12.

25. Disque analogue à 22, mais avec taille sur la face inférieure vers la base. Non figuré.

26. Disque vrai, circulaire (fig. 16), en plaque de schiste dur métamorphysé, fracturé et incomplet d'un tiers. Patiné et usé. Diamètre: 0^m,105. Toutes les retouches sont sur la même face.

27. Disque mince ou éclat discoïdal transformé en disque. Diamètre, 0^m,10. Une partie du bord est façonnée en grattoir; non figuré.

3. Éclats divers

30. Large éclat Levallois, prélevé sur un galet de quartzite rousse, non usé; long de 0^m,12; retouché en racloir courbe à droite vers le bord; non figuré.

31. Éclat de galet de quartzite noire, non usé, étroit, allongé,

épais; retouches le long d'un bord en racloir rectiligne; long de 0^m,10; non figuré.

32. Éclat allongé, irrégulier, taillé dans un galet de quartzite rougeâtre; angles un peu usés; extrémité pointue. Sommairement adapté en taraud. Longueur: 0^m,125; non figuré.

33. Éclat de quartzite brune (fig. 17), un peu usé, en forme de pointe triangulaire; le côté droit présente trois larges tailles sans petites retouches; le gauche est entièrement retouché de petites écailles d'usage. Longueur: 0^m,09.

34. Éclat allongé analogue racloir-pointe avec retouches le long des deux bords. Longueur: 0^m,095; même patine et conservation (fig. 18).

35. Autre éclat analogue de taille (fig. 19), roche et conservation; bord gauche bien retouché, pointe en ogive, bord droit tranchant; Dimensions; 0^m,095.

36. Éclat large de quartzite noire peu usée (fig. 20), à base large et rectiligne, à petites retouches; longueur: 0^m,08.

37. Éclat court et large, à retouches irrégulières le long du bord gauche (fig. 21). Quartzite rousse très altérée et usée; les retouches sont d'un âge plus récent que la taille de l'éclat. La face supérieure est la surface naturelle du galet. Longueur: 0^m,074.

38. Petit éclat en forme de D, retouché sur tous les bords, en quartzite rousse peu usée; longueur: 0^m,06 (fig. 22).

39. Petit éclat en forme de D, à tranchant rabattu sur la convexité, à bord rectiligne gauche tranchant; même roche et conservation que le précédent (fig. 23).

40. Éclat triangulaire court, à base épaisse, sans retouches (fig. 24), provenant apparemment du débitage d'un gros disque. Quartzite noire non usée. Longueur: 0^m,08.

41 à 45. Éclats divers de quartzite sans retouches à patine plus au moins profonde, d'aspect préoustérien.

II. Comparaisons

Les découvertes chelléennes et acheuléennes dans la Péninsule Ibérique, comparables par le matériel utilisé à celle que nous venons de décrire, se font de plus en plus nombreuses.

Je ne citerai que pour mémoire celles de San Isidro à Madrid, et de Torralba (Soria), de la grotte de Furninha à Peniche, dont la matière première est ordinairement différente.

Dans la région Cantabrique, outre le coup de poing de type chelléen des couches profondes de la caverne de Castillo à Puente-Viesgo, et les gisements sur la pente avoisinante, il faut signaler les trouvailles

isolées faites par moi dans ce district, en divers points, spécialement près de Hornos de la Peña et de Unqueza.

Dans la province de Caceres, j'ai trouvé cette année dernière un coup de poing chelléen roulé très volumineux, dans la vallée du Rio Alburrel au Nord-Est de Valencia de Alcantara, et plusieurs autres dans la vallée du Rio Alagor, en aval de Martinebron, non loin de Granadilla, et aussi à l'est de Zarza de Granadilla, non loin de la station de Casa de Monte.

À Salamanque même, j'ai trouvé des stations à quarts laiteux taillé (dont un grand coup de poing lancéolé) et quartzite sur les terrasses du Tormes (rive gauche en amont de la ville). (Juin de 1918). Ces diverses trouvailles sont encore inédites.

J'ai publié dans l'*Anthropologie* mes nombreuses trouvailles du bassin du Guadiana, citées en tête du présent travail, où le Chelléen et l'Acheuléen tiennent une large place. Dans le bassin du Guadalquivir, en dehors des trouvailles anciennes de Posada, près de Cordoue, signalés par Vilanova, je rappellerai celles que j'ai faites sur le Guadalimar, et que M. Cabré et P. Wernert ont exploitées après moi autour de Puente-Mocho¹.

Plus au sud, dans la province de Cadix, j'ai publié, et M. M. Pacheco et Cabré également, les gisements de la Laguna de la Janda (Taivilla, Tapatanilla, etc.) et signalé depuis d'importantes stations analogues à Los Barrios et entre Castellar et Almoraima².

En Portugal, les publications du paléolithique ancien, chelléen ou acheuléen, ne sont pas très nombreuses. Voici la liste de celles que je connais:

CARLOS RIBEIRO, *Descrição de alguns sílex e quartzites lascadas encontradas nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado. 1871.*

Les figures de ce mémoire sont trop sommaires pour se former une opinion.

¹ Institut de Paléontologie humaine: *Rapport sur les travaux de l'année 1913 (L'Anthropologie, 1914)*, p. 225 et seg.—fig. 15: coup de poing chelléen en quartzite, Plaine du Guadalimar (Jaen).

—J. Cabré et P. Wernert: *El paleolítico inferior de Puente Mocho* (memoria n.º 11 de la Comision de investigaciones paleontológicas y prehistóricas), Madrid 1916.

² H. Breuil: *Stations chelléennes de la Province de Cadix*. Institut Français d'Anthropologie. Séance du 20 Mai 1914.

—Observations sur les terres noires de la Laguna de Janda. *L'Anthropologie* 1917 p. 235.

F. A. DE VASCONCELLOS PEREIRA CABRAL, 1) *Estudo de depositos superficiais da bacia do Douro, Lisboa 1881.* 2) *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. (Congrès International de Lisbonne, 1880, p. 155*

Dans ces deux travaux, sont figurés nombre de pièces purement naturelles, mais quelques-unes sont évidemment des coups de poing chelléens plus ou moins grossiers.

J. F. N. DELGADO, *La grotte de Furninha à Peniche* (Congrès International de Lisbonne, p. 207). Coup de poing chelléen en silex bien connu.

E. CARTAILLAC, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, signale et figure un coup de poing chelléen en quartzite des environs de Leiria (1881, p. 29, figs. 23 et 24).

CONGRÈS DE LISBONNE, 1880. Le discours du secrétaire mentionne une assise à quartzites et silex taillés acheuléens des environs de Mealhada.

FONSECA CARDOSO, *Nota sobre uma estação chelleana do valle de Alcantara. Revista de Sciencias Naturais e Sociais*, Porto 1895, vol. III, p. 10.—M. Fontes croit une partie des pièces douteuses, mais en admet cependant au moins une.

C'est à M. J. Fontes que les principales publications chelléennes portugaises de ces dernières années sont dues. Voici la liste de ses publications :

J. FONTES, *Industrias paleolíticas do Casal do Monte*, separata do vol. II, n.º 2, de *Materiais para o estudo das antiguidades Portuguesas*, publicadas sob a direcção de F. Tavares Proença, 1910. Figure un coup de poing en quartzite.

Subsidios para o estudo do Paleolitico Português. Separata d'*O Archeologo Português*, t. XVII, 1912, n.ºs 1-9. Outre Casal do Monte, il y est signalé un certain nombre d'autres trouvailles.

Sur quelques types inédits de coups de poing du Portugal (Congrès International de Genève, 1912).—Description de coups de poing en quartzite de Casal do Monte.

Trois coups de poing acheuléens de Portugal. Bull. Soc. Préhist. France, 25 Juillet 1912.

Station Paléolithique de Mealhada, extrait du tome XI «Comunicações do Serviço Geológico de Portugal», 1915. Coup de poing chelléen lancéolé de quartzite.

Instruments paléolithiques des environs de Porto. Bull. Soc. Portug. de Sc. Nat., tome VII, 7 Juillet 1915. Coup de poing chelléen du vallon d'Ervilha.



Fig. 1

Coup de poing lancéolé en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

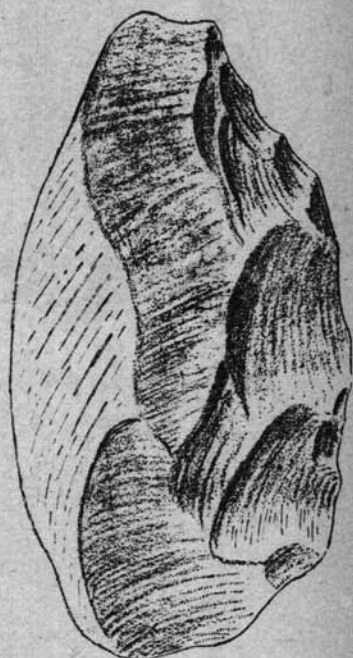


Fig. 2

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 3

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 4

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$





Fig. 5

Coup de poing en quartzite et basalte

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 6

Coup de poing en quartzite et basalte

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 7

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 8

Petit coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{11}{2}$

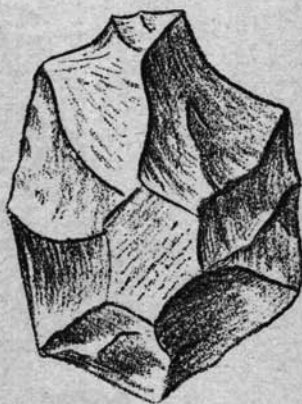


Fig. 14

Disque de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 9

Coup de poing sur gros éclat de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

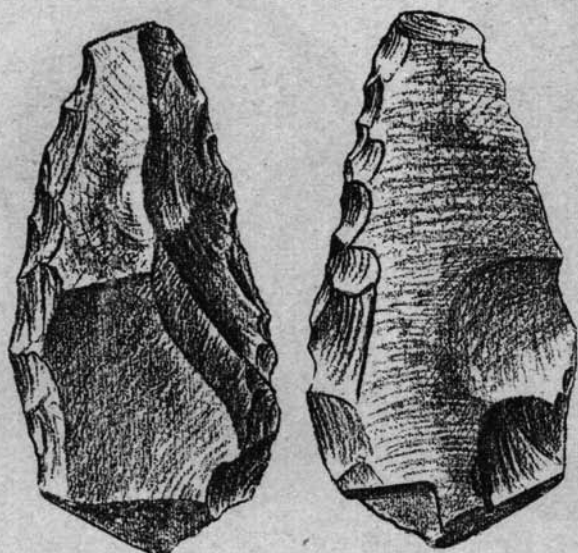


Fig. 10

Coup de poing sur éclat de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

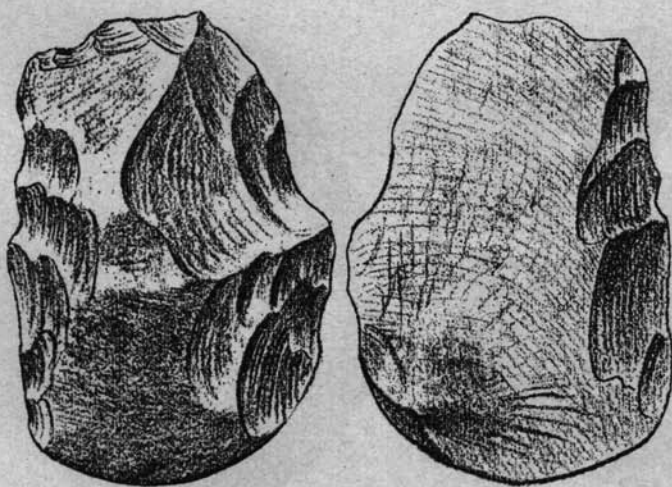


Fig. 11

Éclat de quartzite transformé en éclat à large taillant. Echelle $\frac{1}{2}$

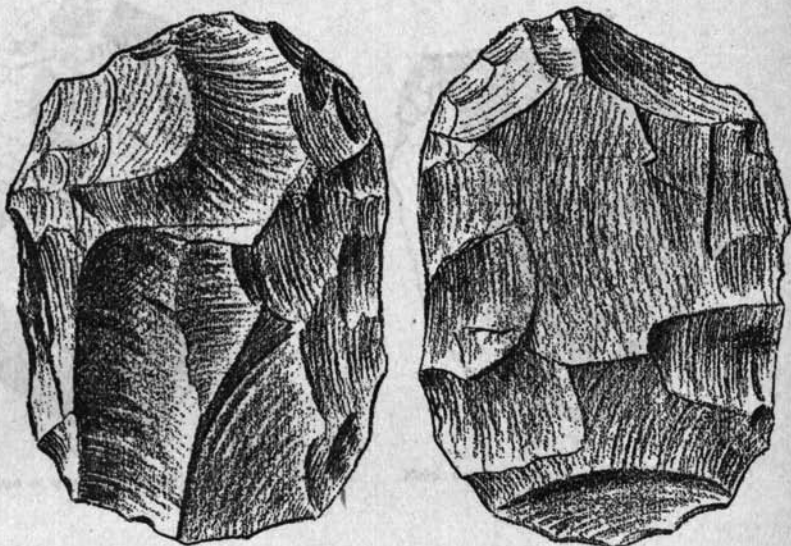


Fig. 13

Disque — Coup de poing de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 12

Eclat de quartzite à large taillant. Echelle $\frac{1}{2}$

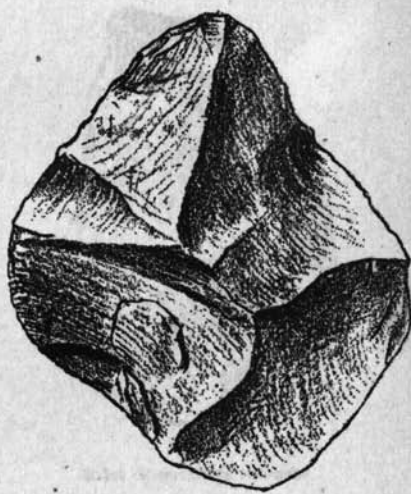


Fig. 15

Disque de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

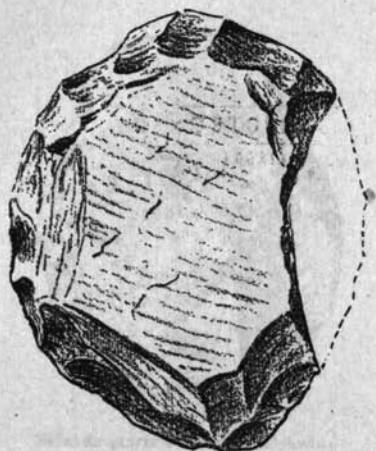


Fig. 16
Disque en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

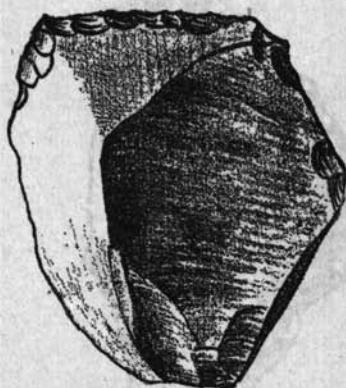


Fig. 20
Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 17
Eclat retouché en quartzite.
Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 18
Eclat de quartzite retouché
Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 21

Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 22

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 19

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$

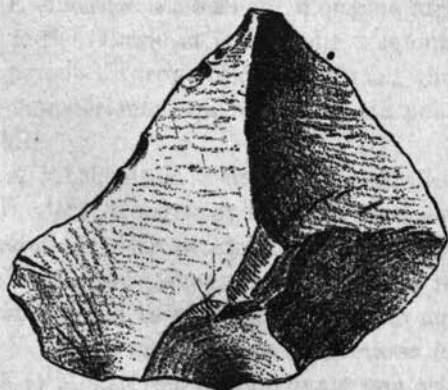


Fig. 24

Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 23

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$

Note sur le chelléen du Casal du Monte. Bull. Soc. Port. de Sc. Nat., 17 Mars 1915.

Les travaux suivants sont relatifs au même mouvement de recherches :

J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Objectos paleolíticos do Casal do Monte.* Boletim da 2.^a Classe da Academia das Siências de Lisboa, vol. VIII, 1915.

A. A. MENDES CORRÊA, *Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa.* Separata da *Gente Lusa*, n.^o 3, 2.^a série, 1916.

Bien qu'inédites, je ne puis passer sous silence les importants récoltes de quartzites et silex, en partie chelléens et acheuléens, dues aux recherches de Mr. Vergílio Correia et Mesquita de Figueiredo aux environs de Lisbonne.

Toutes ces découvertes, de même que celles faites sur le versant nord des Pyrénées, tant aux environs de Dax et Bayonne que de Toulouse, présentent une industrie à base de quartzite, en somme répandue dans toute la péninsule, et qui a les plus grands rapports avec l'aspect du Chelléen africain et surtout saharien.

Dans les péninsules méridionales de l'Europe, c'est-à-dire, l'Italie et l'Ibérie, le Chelléen est très amplement développé; mais sa répartition géographique atteint à peine le Rhin, au delà duquel on ne trouve qu'un faciès très spécial d'Acheuléen évolué en certains points (Bavière, Pologne, Hongrie). D'autre part, les gisements de Taubach à faune ancienne, bien que d'âge contemporain, ont, dès cette époque ancienne, un faciès à tendance moustérienne, qu'on retrouve à Krapina et à Grimaldi avec des faunes anciennes. Les paléontologistes et les préhistoriens ont déjà discuté tous cette anomalie apparente; à mon sens, elle pourrait s'expliquer de la manière suivante.

L'industrie chelléenne, d'origine africaine, a pénétré en Europe par le SO (Ibérie et Italie), elle a colonisé la France et l'Angleterre, tandis que l'Europe Centrale formait une province ethnique distincte, pré-moustérienne, qui s'étendait au pourtour alpin (Krapina et Grimaldi).

À l'Acheuléen le flot occidental s'est avancé jusqu'en Belgique, en Bavière, Hongrie et Pologne. Mais avec la dernière glaciation, les populations dérivant des tailleurs de silex de Taubach, chassées par les intempéries, avec la faune des pays froids, ont apporté en Europe occidentale et méridionale l'industrie moustérienne typique.

V. Commont, dont nous regrettons tous la disparition, considérait déjà le Moustérien comme ayant une origine distincte de l'Acheuléen et n'en dérivant en aucune manière.

**Objectos paleolíticos de Arronches
remetidos ao Museu Etnologico pelo Sr. P.^o H. Breuil**

(Desenhos de Saavedra Machado)

Teve o Sr. H. Breuil a boa sorte de descobrir em 1916 junto de Arronches uma estação palcolítica, revelada por algumas dezenas de objectos que o mesmo illustre arqueologo aí colheu. Uns, os melhores, levou-os provisoriamente para Paris, para os estudar, e de facto os descreveu no artigo que os leitores viram acima; os restantes enviou-os ao Museu Etnologico, onde receberam no inventário os n.^{os} 9760 a 9794-A. O S.^{or} Breuil tenciona tambem enviar os outros, ou alguns d'elles.



Fig. 1



Fig. 2

São trinta e seis os objectos mandados agora pelo Sr. Breuil para Belem, todos de quartzite, ora lascados por inteiro, ora feitos de calhaus rolados em que parte da superficie natural ficou intacta. A mór parte dos objectos não passa de pedaços de instrumentos, ou de lascas indefinidas. Noutros poderão descortinar-se fórmias, como vamos ver.

N.^o 9760.—Instrumento cordiforme, completamente coberto de pá-tina de côr rubra e lustrosa; lascado com amplos córtes na face anterior, que ficou com tres facetas, mais ou menos simetricas (mas uma fallhada), conserva intacta a face posterior (convexa), excepto em dois

sítios opostos, um mais acima, e outro mais abaixo. Base irregular, ponta quebrada, bordos esmoucados. Comprimento 0^m,235. Fig. 1.

N.º 9761. — Objecto com aspecto de rudíssimo *coup-de-poing* chelense, quasi inteiramente lascado, sendo a base um plano oblíquo que ficou em seu estado natural. Comprimento 0^m,154. Fig. 2.

N.º 9762. — Objecto semi-circular, acaso raspador, lascado em quasi toda a sua superficie, ficando só intacta a parte do bôrdo oposta ao gume. Comprimento 0^m,16. Fig. 3.

N.º 9763. — Outro analogo ao precedente, porém menor; lascado numa face, ficando quasi intacta a outra. Comprimento 0^m,12. Fig. 4.

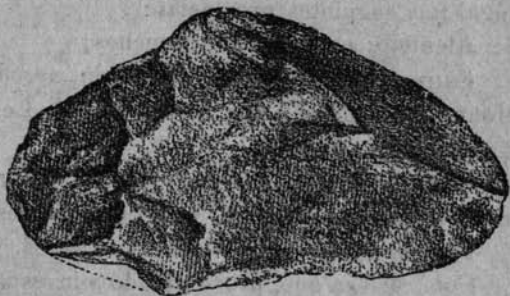


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

N.º 9769. — Lasca sub-pentagonal, trabalhada numa face, estando quasi intacta a outra; base levemente curva. Ponta de secção triangular. Comprimento 0^m,07. Fig. 5. — Poderá comparar-se a algumas pontas achadas nos arredores de Lisboa, que se guardam no Museu Etnologico.

Escolhi e descrevi como objectos paleolicos estas cinco peças, visto que provém duma collecção em que ha instrumentos bem caracterizados, quais os de que o Sr. Breuil falou; se elas apparecessem avulsas, em locais não archeologicos, creio que difficilmente alguém poderia considerá-las produto de trabalho humano.

*

Os achados do Sr. P.º Breuil permitem que conheçamos agora um pouco melhor do que antes a área geografica da civilização paleoli-

tica portuguesa. Atéqui não se havia ainda descoberto ao Sul do Tejo, indiscutivelmente, nenhuma estação paleolítica. Ao presente sabe-se que o homem na primeira idade da pedra estacionou em Portugal nas seguintes províncias:

Alentejo: estação de Arronches;

Estremadura: Peniche, Cezareda, arredores de Lisboa (Casal do Monte, etc.), das Caldas da Rainha, de Leiria, de Alcobaça (?);

Beira: Mealhada;

Entre-Douro-e-Minho: arredores do Porto, e de Viana de Castelo (descobrimento inedito do Dr. Vitor Fontes);

Tras-os-Montes: arredores de Chaves.

Com certeza que, prosseguindo a investigação, se devem descobrir muitos outros vestígios do viver dos nossos primitivos antepassados, ainda que parece que a civilização neolítica, entre nós, aniquilou em grande parte a anterior.

J. L. DE V.

Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre

Conquanto o concelho de Montalegre seja rico em monumentos arqueológicos, na bibliografia da especialidade apenas se nos depararam referências muito passageiras, em consequência do que aqui apresentamos estes simples apontamentos que no decurso de poucos meses pudemos coligir. Esperamos completá-los, se algum dia dispusermos de tempo para o fazer, visitando com mais demora lugares já por nós ligeiramente estudados, e algumas freguesias aonde não pudemos ir por no-ló vedarem as exigências do serviço que desempenhávamos no comando da secção da guarda fiscal daquela vila.

Começaremos a exposição por Montalegre, sede da comarca do mesmo nome, e capital da antiga Terra de Barroso.

1. Montalegre

Na esquerda do Cávado há um pequeno monte chamado do *Crasto*, no qual se vêem algumas pedras naturais que não têm vestígios de fortificação.

Na veiga de Meixêdo, em cujo extremo do Oeste fica aquele monte, há algumas mamôas, a que o povo dali chama *toutiços*, cuja situação vai indicada na fig. 1. As suas dimensões são as seguintes:

Neste momento o enunciado da questão é simples pretexto, para concorrer com a minha desvalorizada oferta ao *lausperenne* celebrado em honra do Dr. Simões de Castro, do homem de saber, de modéstia e bondade, respeitado e querido, como o mais puro exemplo da austeridade moral e da abnegação generosa.

Limito-me, pois, nesta lacónica referência, ao assunto vasto, digno da atenção perspicaz dos devotados e sapientes.

As gravuras adjuntas (figs. 1 a 4) darão em traço vivo uma leve ideia dessas figuras intimamente tocadas de scintilha divina, que pode revelar-se sob todas as formas, sem obedecer a convenções e prescritos moldes. E, para que nelas fulja todo o encanto de beleza ingénua, é preciso olhá-las sem prevenções. Assim seremos cativados pela carinhosa simpatia que despertam, porque são criações do povo, que nelas imprimiu a mais pura scintilação das aptidões da nossa raça.

A. GONÇALVES.

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches
(Portalegre) par l'abbé H. Breuil,
Professeur à l'Institut de Paléontologie Humaine (Paris)

Au cours de l'expédition de quelques semaines que je réalisai en Mai et Juin 1916 à travers les provinces espagnoles de Ciudad Real, Caceres et Badajoz, je recueillis, on s'en souvient, non seulement de précieux relevés de peintures rupestres, mais aussi un abondant matériel paléolithique¹.

Le point extrême de mon excursion fut, à l'ouest, en territoire portugais, la localité d'Arronches, à environ 12 kilomètres de la frontière espagnole, et une dizaine de La Esperança², dont j'ai décrit la belle roche peinte. Mon séjour en cette localité me permit d'y découvrir une importante station paléolithique ancienne, au voisinage du cimetière.

Le gisement occupe la surface d'une ancienne terrasse, dominant d'au moins 20 mètres la rivière actuelle, le Rio Caya, et s'étend sur

¹ H. Breuil, «Glanes paléolithiques anciennes, dans le bassin du Guadiana», in *L'Anthropologie*, t. xxviii, 1917, p. 2 à 19.

² H. Breuil, «La roche peinte de Valdejunco à La Esperança, près Arronches (Portalegre)», in *Terra Portuguesa*, n^{os} 13 et 14, 1917.

plusieurs centaines de mètres le long de la ville, entre le cimetière, les « olivaias », et un chemin allant sans doute à Senhora do Rosário.

Des exploitations de terres pour tuileries y ont fait creuser de nombreux trous, parfois profonds de 4 ou 5 mètres, généralement d'un ou deux. De puissantes couches de galets volumineux se trouvent noyées dans une terre jaunâtre qu'on exploite, principalement au-dessus et au-dessous des lits de galets. — Au milieu de ceux-ci, à une faible profondeur dans leur masse, j'ai trouvé plusieurs instruments volumineux fort grossiers, analogues à de grands coups de poing usés. — Au-dessus et à leur surface, mais bien en place dans la terre jaune, se rencontrent facilement des éclats non roulés, des disques-nucléus assez volumineux, des coups de poing, plus ou moins bien faits, mais plus travaillés que ceux de la couche inférieure. Il n'y a aucun doute que ce gisement contienne du Chelléen et une industrie un peu plus jeune, probablement de l'Acheuléen. La position de nombreuses pièces en place ne permet aucune hésitation sur l'âge fort ancien de ce gisement. Néanmoins une bonne partie de mon matériel d'étude procède des rejets d'exploitation; en effet, les ouvriers jettent en tas, soit dans les recoins de la carrière, soit dans les sinuosités du sol, les cailloux qu'ils rencontrent en extrayant la terre tuilière.

I. Description de l'outillage

I. Les objets que j'ai recueillis étant volumineux et pesants, je n'en ai emporté à Paris qu'un choix assez sévère; une autre série, moins bonne, mais comprenant une grand pièce très usée provenant des graviers, se trouve au musée de Belem.

L'étude qui suit portera naturellement sur les matériaux que j'ai conservés dans cette intention.

La matière première de tous les objets a été empruntée aux alluvions mêmes de la terrasse, composées de roches dures provenant de la dégradation des « serras » quartzitiques et schisteuses voisines.

Ma description portera sur 45 pièces, se décomposant en 18 coups de poing, 9 disques ou disques coups de poing, 18 outils sur éclat ou éclats. Inutile de souligner que ces séries empiètent l'une sur l'autre, que certains coups de poing sont faits sur éclats, et que certains disques passent au coup de poing.

1. Coups de poing

1. Grand coup de poing lancéolé de quartzite noire en plaquette d'aspect schisteux (fig. 1); deux faces analogues; usure sensible; trouvé en place à la surface des graviers; longueur: 0^m,21.

2. Coup de poing allongé (fig. 2); galet retaillé sur la face supérieure, du côté droit seulement, comme un racloir. Patine forte, assez usée; longueur: 0^m,16.

3. Coup de poing ovale court (fig. 3), longueur: 0^m,095; quartzite patinée roussâtre. La face non figurée est la surface du galet avec quatre éclats enlevés à droite et au bout.

4. Petit coup de poing cordiforme, longueur: 0^m,10 (fig. 4). La face inférieure est la surface du galet, avec seulement deux tailles à gauche. Quartzite fortement patinée en roux, usure modérée.

5. Coup de poing cordiforme asymétrique (fig. 5), longueur: 0^m,123: en roche d'aspect ophitique ou basaltique très altérée, assez usée, patinée en roux. La retouche du bord droit très verticale. Sur l'autre face seulement deux éclats à droite et à gauche de la pointe: la surface du galet y est ailleurs respectée.

6. Coup de poing cordiforme, en galet de quartzite patinée en roux, modérément usé, retaillé seulement sur la face supérieure (fig. 6). Longueur: 0^m,11.

7. Coup de poing cordiforme (non figuré), longueur 0^m,117 d'ophite, très altéré et rubéfiée, fortement usé; taille à grands éclats (cinq) sur la face supérieure; la surface du galet, réservée en-dessous, n'a que deux éclats à droite et vers la pointe.

8. Coup de poing lancéolé, long de 0^m,116, à pointe brisée et refaite, en quartzite patinée en roux et lustrée (fig. 7). La surface du galet a été réservée à la base et, sur le milieu de la face supérieure. Celle-ci est retouchée à menus éclats, tandis que l'autre face ne présente que trois grands facettes.

9. Coup de poing (non figuré), long de 0^m,115; en quartzite usée, à patine rousse; face supérieure convexe, formée de la surface du galet, base pointue à petite retouche, extrémité lancéolée, brisée, à retouches bilatérales sur la face supérieure seule. Face inférieure occupée par une large surface d'ablations de grands éclats.

10. Coup de poing (non figuré) de forme irrégulière, façonné sur un gros éclat de quartzite, enlevé d'un galet et en conservant la surface convexe. Longueur: 0^m,125. Pièce usée et patinée en roux.

11. Coup de poing irrégulier (non figuré), façonné dans un fragment de galet de quartzite; forme accidentelle de pic très grossier, très épais, pointu aux deux bouts. L'extrémité est retaillée à petits éclats sur un bord, l'autre côté est à grandes facettes. Longueur: 0^m,114.

12. Petit coup de poing de quartzite noire, lustrée (fig. 8), long de 0^m,075; taillé à larges facettes d'un côté, à surface du galet

respectée de l'autre, sauf des deux côtés de la pointe. La silhouette est un fuseau assez ventru; la base et la pointe ayant le même profil.

13. Gros coup de poing très épais (fig. 9), sur éclat ovale taillé sur quartzite noire non usée, seulement un peu roussie. Retouche sur tout le pourtour du dos de la pièce, formé par la croûte du galet. Longueur: 0^m,14.

14. Coup de poing lancéolé sur grossier éclat de quartzite fortement patinée en roux, sensiblement roulé, sans surface de galet conservée (fig. 10). Longueur: 0^m,135. L'aspect général est celui d'une pointe massive; la face inférieure, formée du plan d'éclatement, présente quelque retouches assez régulières le long du bord gauche, et plusieurs larges écailles à droite, vers la base. Sur la face convexe, les deux bords ont été soigneusement retouchés d'un bout à l'autre: l'extrémité est rompue en cours d'usage.

15. Coup de poing façonné dans un gros éclat rectangulaire qui conserve la convexité du galet (fig. 11). Quartzite patinée en brun rouge, simplement lustrée; l'extrémité de l'éclat, carrée, forme taillant, retouché discrètement sur la face supérieure; les deux bords sont retouchés avec assez de soin sur la face supérieure; le bord droit seul est retouché de l'autre côté, et sur toute la longueur. Dimension: 0^m,115.

16. Éclat analogue au précédent, mais à taillant sans retouches, celles-ci se localisant aux deux côtés (fig. 12). La surface convexe est entièrement formée, sauf les retouches, par celle du galet primitif. Longueur; 0^m,119. Quartzite rousse, peu altérée, angles vifs.

17. Gros éclat triangulaire épais, retouché en coup de poing trapu, épais (non figuré), en quartzite brune usée. Longueur: 0^m,115.

18. Petit coup de poing triangulaire court, irrégulier, long de 0^m,088. La base est rectiligne et transversale; tous les bords sont retouchés sur la face supérieure; seul le bord droit de la face inférieure est l'objet du même travail; (non figuré).

2. Disques et analogues

19. Instrument amygdaloïde ovale-oblong, long de 0^m,135, taillé en quartzite brune, peu usée, peu altérée (fig 13); bien que l'aspect superficiel évoque la pensée d'un coup de poing genre limande, entièrement retouché, et à double taillant terminal, le travail en rappelle davantage certains disques. La face supérieure est convexe, l'autre presque plate; les bords latéraux et une extrémité, du côté bombé, sont soigneusement retouchés; de l'autre, il n'y a que des facettes assez amples, disposées toutes transversalement, et parallèlement

entre elles. Ce même parallélisme est observable dans les facettes longitudinales, partant de la base de l'autre côté; ces détails de travail dénotent certainement une technique assez évoluée.

20. Objet analogue (non figuré), accentuant le caractère de disque oblong; la matière, quartzite noirâtre peu patinée, nullement usée, dénote aussi une date relativement récente. La pièce est rectangulaire allongée, et de chaque extrémité, sur des faces opposées, on en a enlevé parallèlement des éclats oblongs de petite taille; c'est donc un vrai nucleus à lames courtes.

21. Galet aplati, taillé sur tout le pourtour de la face supérieure d'éclats convergents donnant à l'objet un aspect hexagonal (fig. 14); longueur: 0^m,083. En quartzite noir non altérée.

22. Objet analogue (non figuré), mais dont un angle a été nettement adapté en pointe par deux écailles enlevées sur la face inférieure du galet, de sorte qu'il semble qu'on ait voulu le transformer en coup de poing. Longueur: 0^m,112. La matière, quartzite rousse assez altérée, mais peu usée, dénote un âge un peu antérieur.

23. Disque nucleus typique (fig. 15), malgré sa silhouette de coup de poing court; la face supérieure présente de grands facettes d'ablation d'éclats courts et larges, l'autre présente seulement la surface naturelle du galet. Dimensions: 0^m,115. Quartzite noire, sans patine ni usure.

24. Disque (non figuré) taillé dans un fragment de coup de poing plus ancien; il y a donc double patine. Le centre de la surface de galet conservée est piqué d'une cupule de contusion. Les retouches qui s'étendent aux deux faces semblent plutôt destinées à transformer l'objet en percuteur. Le diamètre de la pièce est de 0^m,12.

25. Disque analogue à 22, mais avec taille sur la face inférieure vers la base. Non figuré.

26. Disque vrai, circulaire (fig. 16), en plaque de schiste dur métamorphysé, fracturé et incomplet d'un tiers. Patiné et usé. Diamètre: 0^m,105. Toutes les retouches sont sur la même face.

27. Disque mince ou éclat discoïdal transformé en disque. Diamètre, 0^m,10. Une partie du bord est façonnée en grattoir; non figuré.

3. Éclats divers

30. Large éclat Levallois, prélevé sur un galet de quartzite rousse, non usé; long de 0^m,12; retouché en racloir courbe à droite vers le bord; non figuré.

31. Éclat de galet de quartzite noire, non usé, étroit, allongé,

épais; retouches le long d'un bord en racloir rectiligne; long de 0^m,10; non figuré.

32. Éclat allongé, irrégulier, taillé dans un galet de quartzite rougeâtre; angles un peu usés; extrémité pointue. Sommairement adapté en taraud. Longueur: 0^m,125; non figuré.

33. Éclat de quartzite brune (fig. 17), un peu usé, en forme de pointe triangulaire; le côté droit présente trois larges tailles sans petites retouches; le gauche est entièrement retouché de petites écailles d'usage. Longueur: 0^m,09.

34. Éclat allongé analogue racloir-pointe avec retouches le long des deux bords. Longueur: 0^m,095; même patine et conservation (fig. 18).

35. Autre éclat analogue de taille (fig. 19), roche et conservation; bord gauche bien retouché, pointe en ogive, bord droit tranchant; Dimensions; 0^m,095.

36. Éclat large de quartzite noire peu usée (fig. 20), à base large et rectiligne, à petites retouches; longueur: 0^m,08.

37. Éclat court et large, à retouches irrégulières le long du bord gauche (fig. 21). Quartzite rousse très altérée et usée; les retouches sont d'un âge plus récent que la taille de l'éclat. La face supérieure est la surface naturelle du galet. Longueur: 0^m,074.

38. Petit éclat en forme de D, retouché sur tous les bords, en quartzite rousse peu usée; longueur: 0^m,06 (fig. 22).

39. Petit éclat en forme de D, à tranchant rabattu sur la convexité, à bord rectiligne gauche tranchant; même roche et conservation que le précédent (fig. 23).

40. Éclat triangulaire court, à base épaisse, sans retouches (fig. 24), provenant apparemment du débitage d'un gros disque. Quartzite noire non usée. Longueur: 0^m,08.

41 à 45. Éclats divers de quartzite sans retouches à patine plus au moins profonde, d'aspect préoustérien.

II. Comparaisons

Les découvertes chelléennes et acheuléennes dans la Péninsule Ibérique, comparables par le matériel utilisé à celle que nous venons de décrire, se font de plus en plus nombreuses.

Je ne citerai que pour mémoire celles de San Isidro à Madrid, et de Torralba (Soria), de la grotte de Furninha à Peniche, dont la matière première est ordinairement différente.

Dans la région Cantabrique, outre le coup de poing de type chelléen des couches profondes de la caverne de Castillo à Puente-Viesgo, et les gisements sur la pente avoisinante, il faut signaler les trouvailles

isolées faites par moi dans ce district, en divers points, spécialement près de Hornos de la Peña et de Unqueza.

Dans la province de Caceres, j'ai trouvé cette année dernière un coup de poing chelléen roulé très volumineux, dans la vallée du Rio Alburrel au Nord-Est de Valencia de Alcantara, et plusieurs autres dans la vallée du Rio Alagor, en aval de Martinebron, non loin de Granadilla, et aussi à l'est de Zarza de Granadilla, non loin de la station de Casa de Monte.

À Salamanque même, j'ai trouvé des stations à quarts laiteux taillé (dont un grand coup de poing lancéolé) et quartzite sur les terrasses du Tormes (rive gauche en amont de la ville). (Juin de 1918). Ces diverses trouvailles sont encore inédites.

J'ai publié dans l'*Anthropologie* mes nombreuses trouvailles du bassin du Guadiana, citées en tête du présent travail, où le Chelléen et l'Acheuléen tiennent une large place. Dans le bassin du Guadalquivir, en dehors des trouvailles anciennes de Posada, près de Cordoue, signalés par Vilanova, je rappellerai celles que j'ai faites sur le Guadalimar, et que M. Cabré et P. Wernert ont exploitées après moi autour de Puente-Mocho¹.

Plus au sud, dans la province de Cadix, j'ai publié, et M. M. Pacheco et Cabré également, les gisements de la Laguna de la Janda (Taivilla, Tapatanilla, etc.) et signalé depuis d'importantes stations analogues à Los Barrios et entre Castellar et Almoraima².

En Portugal, les publications du paléolithique ancien, chelléen ou acheuléen, ne sont pas très nombreuses. Voici la liste de celles que je connais:

CARLOS RIBEIRO, *Descrição de alguns sílex e quartzites lascadas encontradas nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado. 1871.*

Les figures de ce mémoire sont trop sommaires pour se former une opinion.

¹ Institut de Paléontologie humaine: *Rapport sur les travaux de l'année 1913 (L'Anthropologie, 1914)*, p. 225 et seg.—fig. 15: coup de poing chelléen en quartzite, Plaine du Guadalimar (Jaen).

—J. Cabré et P. Wernert: *El paleolítico inferior de Puente Mocho* (memoria n.º 11 de la Comision de investigaciones paleontológicas y prehistóricas), Madrid 1916.

² H. Breuil: *Stations chelléennes de la Province de Cadix*. Institut Français d'Anthropologie. Séance du 20 Mai 1914.

—Observations sur les terres noires de la Laguna de Janda. *L'Anthropologie* 1917 p. 235.

F. A. DE VASCONCELLOS PEREIRA CABRAL, 1) *Estudo de depositos superficiais da bacia do Douro, Lisboa 1881.* 2) *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro. (Congrès International de Lisbonne, 1880, p. 155*

Dans ces deux travaux, sont figurés nombre de pièces purement naturelles, mais quelques-unes sont évidemment des coups de poing chelléens plus ou moins grossiers.

J. F. N. DELGADO, *La grotte de Furninha à Peniche* (Congrès International de Lisbonne, p. 207). Coup de poing chelléen en silex bien connu.

E. CARTAILLAC, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, signale et figure un coup de poing chelléen en quartzite des environs de Leiria (1881, p. 29, figs. 23 et 24).

CONGRÈS DE LISBONNE, 1880. Le discours du secrétaire mentionne une assise à quartzites et silex taillés acheuléens des environs de Mealhada.

FONSECA CARDOSO, *Nota sobre uma estação chelleana do valle de Alcantara. Revista de Sciencias Naturais e Sociais*, Porto 1895, vol. III, p. 10.—M. Fontes croit une partie des pièces douteuses, mais en admet cependant au moins une.

C'est à M. J. Fontes que les principales publications chelléennes portugaises de ces dernières années sont dues. Voici la liste de ses publications :

J. FONTES, *Industrias paleolíticas do Casal do Monte*, separata do vol. II, n.º 2, de *Materiais para o estudo das antiguidades Portuguesas*, publicadas sob a direcção de F. Tavares Proença, 1910. Figure un coup de poing en quartzite.

Subsidios para o estudo do Paleolitico Português. Separata d'*O Archeologo Português*, t. XVII, 1912, n.ºs 1-9. Outre Casal do Monte, il y est signalé un certain nombre d'autres trouvailles.

Sur quelques types inédits de coups de poing du Portugal (Congrès International de Genève, 1912).—Description de coups de poing en quartzite de Casal do Monte.

Trois coups de poing acheuléens de Portugal. Bull. Soc. Préhist. France, 25 Juillet 1912.

Station Paléolithique de Mealhada, extrait du tome XI «Comunicações do Serviço Geológico de Portugal», 1915. Coup de poing chelléen lancéolé de quartzite.

Instruments paléolithiques des environs de Porto. Bull. Soc. Portug. de Sc. Nat., tome VII, 7 Juillet 1915. Coup de poing chelléen du vallon d'Ervilha.



Fig. 1

Coup de poing lancéolé en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

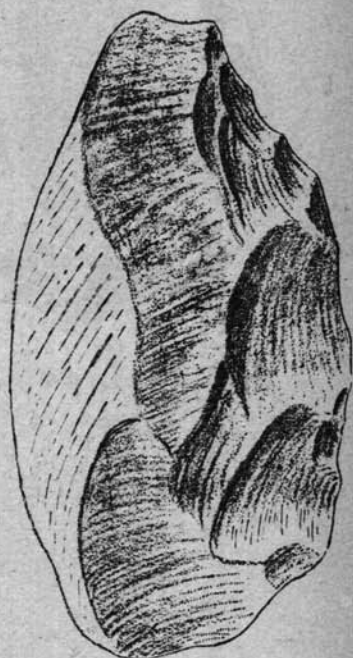


Fig. 2

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 3

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 4

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$





Fig. 5

Coup de poing en quartzite et basalte

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 6

Coup de poing en quartzite et basalte

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 7

Coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 8

Petit coup de poing en quartzite. Echelle $\frac{11}{2}$

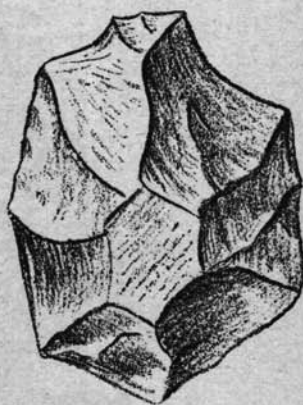


Fig. 14

Disque de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 9

Coup de poing sur gros éclat de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

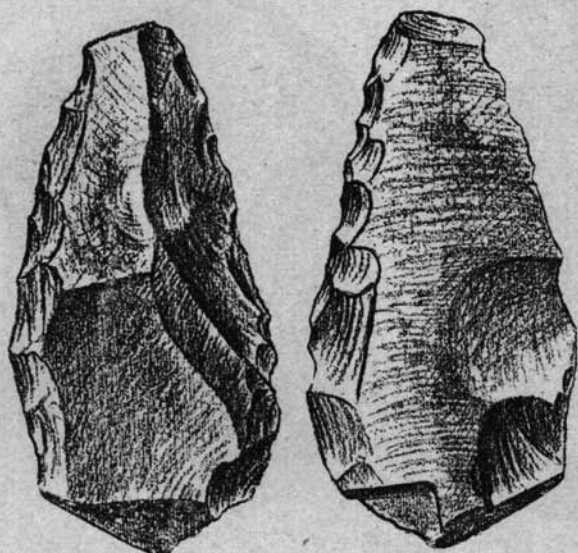


Fig. 10

Coup de poing sur éclat de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

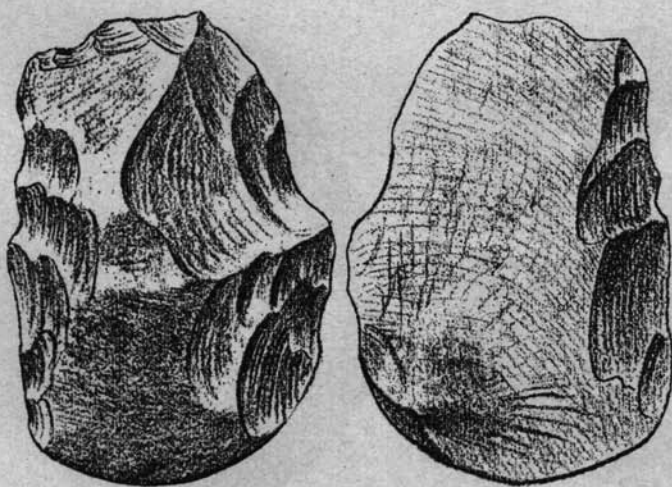


Fig. 11

Éclat de quartzite transformé en éclat à large taillant. Echelle $\frac{1}{2}$

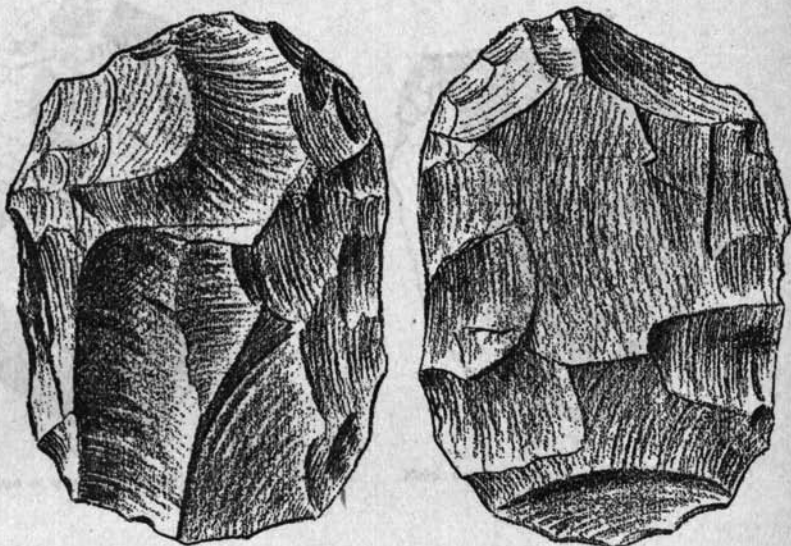


Fig. 13

Disque — Coup de poing de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 12

Eclat de quartzite à large taillant. Echelle $\frac{1}{2}$

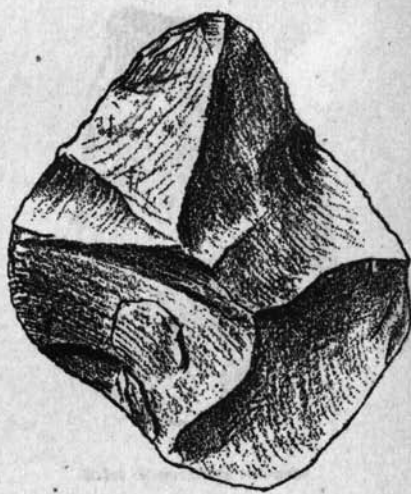


Fig. 15

Disque de quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

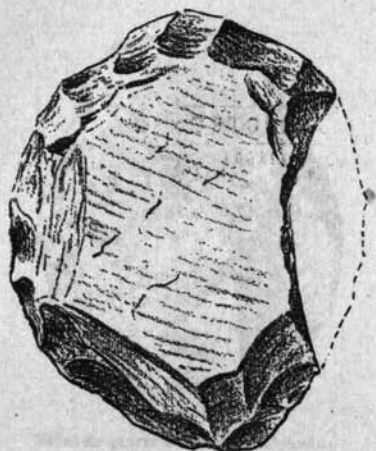


Fig. 16
Disque en quartzite. Echelle $\frac{1}{2}$

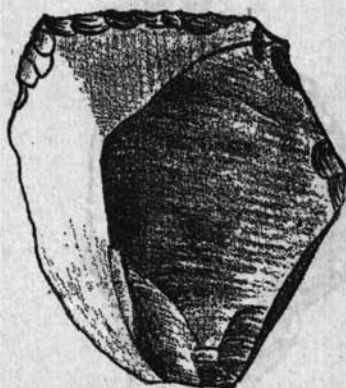


Fig. 20
Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 17
Eclat retouché en quartzite.
Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 18
Eclat de quartzite retouché
Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 21

Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 22

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 19

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$

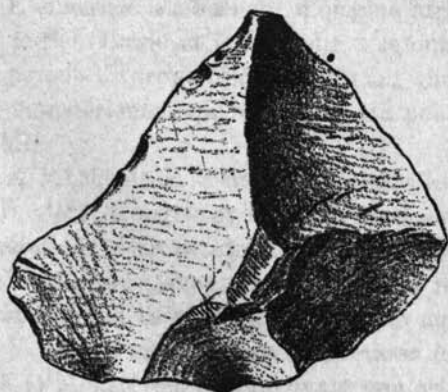


Fig. 24

Eclat de quartzite retouché. Echelle $\frac{1}{2}$



Fig. 23

Eclat de quartzite retouché

Echelle $\frac{1}{2}$

Note sur le chelléen du Casal du Monte. Bull. Soc. Port. de Sc. Nat., 17 Mars 1915.

Les travaux suivants sont relatifs au même mouvement de recherches :

J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Objectos paleolíticos do Casal do Monte.* Boletim da 2.^a Classe da Academia das Siências de Lisboa, vol. VIII, 1915.

A. A. MENDES CORRÊA, *Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa.* Separata da *Gente Lusa*, n.^o 3, 2.^a série, 1916.

Bien qu'inédites, je ne puis passer sous silence les importants récoltes de quartzites et silex, en partie chelléens et acheuléens, dues aux recherches de Mr. Vergílio Correia et Mesquita de Figueiredo aux environs de Lisbonne.

Toutes ces découvertes, de même que celles faites sur le versant nord des Pyrénées, tant aux environs de Dax et Bayonne que de Toulouse, présentent une industrie à base de quartzite, en somme répandue dans toute la péninsule, et qui a les plus grands rapports avec l'aspect du Chelléen africain et surtout saharien.

Dans les péninsules méridionales de l'Europe, c'est-à-dire, l'Italie et l'Ibérie, le Chelléen est très amplement développé; mais sa répartition géographique atteint à peine le Rhin, au delà duquel on ne trouve qu'un faciès très spécial d'Acheuléen évolué en certains points (Bavière, Pologne, Hongrie). D'autre part, les gisements de Taubach à faune ancienne, bien que d'âge contemporain, ont, dès cette époque ancienne, un faciès à tendance moustérienne, qu'on retrouve à Krapina et à Grimaldi avec des faunes anciennes. Les paléontologistes et les préhistoriens ont déjà discuté tous cette anomalie apparente; à mon sens, elle pourrait s'expliquer de la manière suivante.

L'industrie chelléenne, d'origine africaine, a pénétré en Europe par le SO (Ibérie et Italie), elle a colonisé la France et l'Angleterre, tandis que l'Europe Centrale formait une province ethnique distincte, pré-moustérienne, qui s'étendait au pourtour alpin (Krapina et Grimaldi).

À l'Acheuléen le flot occidental s'est avancé jusqu'en Belgique, en Bavière, Hongrie et Pologne. Mais avec la dernière glaciation, les populations dérivant des tailleurs de silex de Taubach, chassées par les intempéries, avec la faune des pays froids, ont apporté en Europe occidentale et méridionale l'industrie moustérienne typique.

V. Commont, dont nous regrettons tous la disparition, considérait déjà le Moustérien comme ayant une origine distincte de l'Acheuléen et n'en dérivant en aucune manière.

**Objectos paleolíticos de Arronches
remetidos ao Museu Etnologico pelo Sr. P.^o H. Breuil**

(Desenhos de Saavedra Machado)

Teve o Sr. H. Breuil a boa sorte de descobrir em 1916 junto de Arronches uma estação palcolítica, revelada por algumas dezenas de objectos que o mesmo illustre arqueologo aí colheu. Uns, os melhores, levou-os provisoriamente para Paris, para os estudar, e de facto os descreveu no artigo que os leitores viram acima; os restantes enviou-os ao Museu Etnologico, onde receberam no inventário os n.^{os} 9760 a 9794-A. O S.^{or} Breuil tenciona tambem enviar os outros, ou alguns d'elles.



Fig. 1



Fig. 2

São trinta e seis os objectos mandados agora pelo Sr. Breuil para Belem, todos de quartzite, ora lascados por inteiro, ora feitos de calhaus rolados em que parte da superficie natural ficou intacta. A mór parte dos objectos não passa de pedaços de instrumentos, ou de lascas indefinidas. Noutros poderão descortinar-se fórmás, como vamos ver.

N.^o 9760.—Instrumento cordiforme, completamente coberto de pá-tina de côr rubra e lustrosa; lascado com amplos córtes na face anterior, que ficou com tres facetas, mais ou menos simetricas (mas uma fallhada), conserva intacta a face posterior (convexa), excepto em dois

sítios opostos, um mais acima, e outro mais abaixo. Base irregular, ponta quebrada, bordos esmoucados. Comprimento 0^m,235. Fig. 1.

N.º 9761. — Objecto com aspecto de rudíssimo *coup-de-poing* chelense, quasi inteiramente lascado, sendo a base um plano oblíquo que ficou em seu estado natural. Comprimento 0^m,154. Fig. 2.

N.º 9762. — Objecto semi-circular, acaso raspador, lascado em quasi toda a sua superficie, ficando só intacta a parte do bordo oposta ao gume. Comprimento 0^m,16. Fig. 3.

N.º 9763. — Outro analogo ao precedente, porém menor; lascado numa face, ficando quasi intacta a outra. Comprimento 0^m,12. Fig. 4.

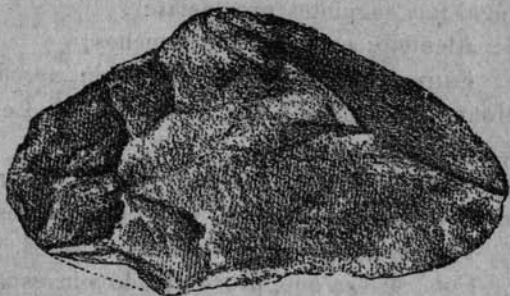


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

N.º 9769. — Lasca sub-pentagonal, trabalhada numa face, estando quasi intacta a outra; base levemente curva. Ponta de secção triangular. Comprimento 0^m,07. Fig. 5. — Poderá comparar-se a algumas pontas achadas nos arredores de Lisboa, que se guardam no Museu Etnologico.

Escolhi e descrevi como objectos paleolíticos estas cinco peças, visto que provém duma colecção em que ha instrumentos bem caracterizados, quais os de que o Sr. Breuil falou; se elas apparecessem avulsas, em locais não archeologicos, creio que difficilmente alguém poderia considerá-las produto de trabalho humano.

*

Os achados do Sr. P.º Breuil permitem que conheçamos agora um pouco melhor do que antes a área geografica da civilização paleoli-

tica portuguesa. Atéqui não se havia ainda descoberto ao Sul do Tejo, indiscutivelmente, nenhuma estação paleolítica. Ao presente sabe-se que o homem na primeira idade da pedra estacionou em Portugal nas seguintes províncias:

Alentejo: estação de Arronches;

Estremadura: Peniche, Cezareda, arredores de Lisboa (Casal do Monte, etc.), das Caldas da Rainha, de Leiria, de Alcobaça (?);

Beira: Mealhada;

Entre-Douro-e-Minho: arredores do Porto, e de Viana de Castelo (descobrimento inedito do Dr. Vitor Fontes);

Tras-os-Montes: arredores de Chaves.

Com certeza que, prosseguindo a investigação, se devem descobrir muitos outros vestígios do viver dos nossos primitivos antepassados, ainda que parece que a civilização neolítica, entre nós, aniquilou em grande parte a anterior.

J. L. DE V.

Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre

Conquanto o concelho de Montalegre seja rico em monumentos arqueológicos, na bibliografia da especialidade apenas se nos depararam referências muito passageiras, em consequência do que aqui apresentamos estes simples apontamentos que no decurso de poucos meses pudemos coligir. Esperamos completá-los, se algum dia dispusermos de tempo para o fazer, visitando com mais demora lugares já por nós ligeiramente estudados, e algumas freguesias aonde não pudemos ir por no-ló vedarem as exigências do serviço que desempenhávamos no comando da secção da guarda fiscal daquela vila.

Começaremos a exposição por Montalegre, sede da comarca do mesmo nome, e capital da antiga Terra de Barroso.

1. Montalegre

Na esquerda do Cávado há um pequeno monte chamado do *Crasto*, no qual se vêem algumas pedras naturais que não têm vestígios de fortificação.

Na veiga de Meixêdo, em cujo extremo do Oeste fica aquele monte, há algumas mamôas, a que o povo dali chama *toutiços*, cuja situação vai indicada na fig. 1. As suas dimensões são as seguintes:

tica portuguesa. Atéqui não se havia ainda descoberto ao Sul do Tejo, indiscutivelmente, nenhuma estação paleolítica. Ao presente sabe-se que o homem na primeira idade da pedra estacionou em Portugal nas seguintes províncias:

Alentejo: estação de Arronches;

Estremadura: Peniche, Cezareda, arredores de Lisboa (Casal do Monte, etc.), das Caldas da Rainha, de Leiria, de Alcobaça (?);

Beira: Mealhada;

Entre-Douro-e-Minho: arredores do Porto, e de Viana de Castelo (descobrimento inedito do Dr. Vitor Fontes);

Tras-os-Montes: arredores de Chaves.

Com certeza que, prosseguindo a investigação, se devem descobrir muitos outros vestígios do viver dos nossos primitivos antepassados, ainda que parece que a civilização neolítica, entre nós, aniquilou em grande parte a anterior.

J. L. DE V.

Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre

Conquanto o concelho de Montalegre seja rico em monumentos arqueológicos, na bibliografia da especialidade apenas se nos depararam referências muito passageiras, em consequência do que aqui apresentamos estes simples apontamentos que no decurso de poucos meses pudemos coligir. Esperamos completá-los, se algum dia dispusermos de tempo para o fazer, visitando com mais demora lugares já por nós ligeiramente estudados, e algumas freguesias aonde não pudemos ir por no-ló vedarem as exigências do serviço que desempenhávamos no comando da secção da guarda fiscal daquela vila.

Começaremos a exposição por Montalegre, sede da comarca do mesmo nome, e capital da antiga Terra de Barroso.

1. Montalegre

Na esquerda do Cávado há um pequeno monte chamado do *Crasto*, no qual se vêem algumas pedras naturais que não têm vestígios de fortificação.

Na veiga de Meixêdo, em cujo extremo do Oeste fica aquele monte, há algumas mamôas, a que o povo dali chama *toutiços*, cuja situação vai indicada na fig. 1. As suas dimensões são as seguintes:

N.º 1	—	Díametro	=	24 metros	—	Altura	=	0 ^m ,65
N.º 2	»		=	30	»		=	0 ^m ,90
N.º 3	»		=	30	»		=	0 ^m ,75 ¹
N.º 4	»		=	50	»		=	1 ^m ,60
N.º 5	»		=	40	»		=	1 ^m ,00
N.º 6	»		=	48	»		=	1 ^m ,80 ²
N.º 7	»		=	28	»		=	0 ^m ,75
N.º 8	»		=	40	»		=	1 ^m ,65
N.º 9	»		=	30	»		=	0 ^m ,65
N.º 10	»		=	50	»		=	1 ^m ,60
N.º 11	»		=	26	»		=	0 ^m ,75
N.º 12	»		=	20	»		=	0 ^m ,70
N.º 13	»		=	32	»		=	1 ^m ,30 ³

Entre a Fraga ou Lapas do Penouco e Roleiros do Coucão há uns campos onde o povo diz ter havido povoação, e nos quais se encontram grossos fragmentos de tijolos de barro vermelho, cacos de louça preta com sinais de ter sido modelada com os dedos, e, segundo nos informaram, bocados de mós.

Ao Sul, e junto da Fraga do Penouco, parece vêr-se um fosso.

A uns 100 metros a Noroeste do Monte do Crasto fica a capela de Santo Adrião, em cujo adro se vê uma sepultura cavada em rocha. Na parede do mesmo adro há três pedras isoladas, em cada uma das quais se vê uma sepultura, sendo uma destas de grandes dimensões⁴. No cunhal Sudoeste da capela nota-se uma pedra com vestígios de relevo de figura humana, já muito apagados pela acção do tempo.

A uns 400 metros a Nordeste daquela capela há um sítio chamado *Muradelhas*, e onde a tradição diz também ter havido antigamente uma povoação. Ainda ali encontrámos fragmentos de grossos tijolos de barro vermelho, e parece verem-se restos de muralhas de terra, e

¹ Esteios toscos com a espessura média de 0^m,20.

² Tem o nome de *Toutiço da Veiga*. Num esteio com a espessura de 0^m,20 estão gravadas pequenas cruces como sinais de divisão dos termos de Montalegre e de Meixêdo. Diz o povo que dali foi tirada uma cunha de ouro, talvez um machado de bronze.

³ Dêste dólmen enviámos para o Museu Etnológico um fragmento duma mó primitiva, tendo o n.º 5:358 de entrada.

⁴ As dimensões destas sepulturas foram publicadas na *Portugália*, tomo 2.º, p. 287, artigo do dr. Rocha Peixoto.

pedra miúda. Fomos informados de que numa parede próxima há duas ou três pedras com sepulturas, mas não as encontramos. Em tempos, segundo consta, foi ali achada uma pia com bocados de ferragens.

A Oeste da Fraga do Penouco fica a capela da Senhora das Neves, em cujo adro há uma pedra com uma sepultura nela cavada.

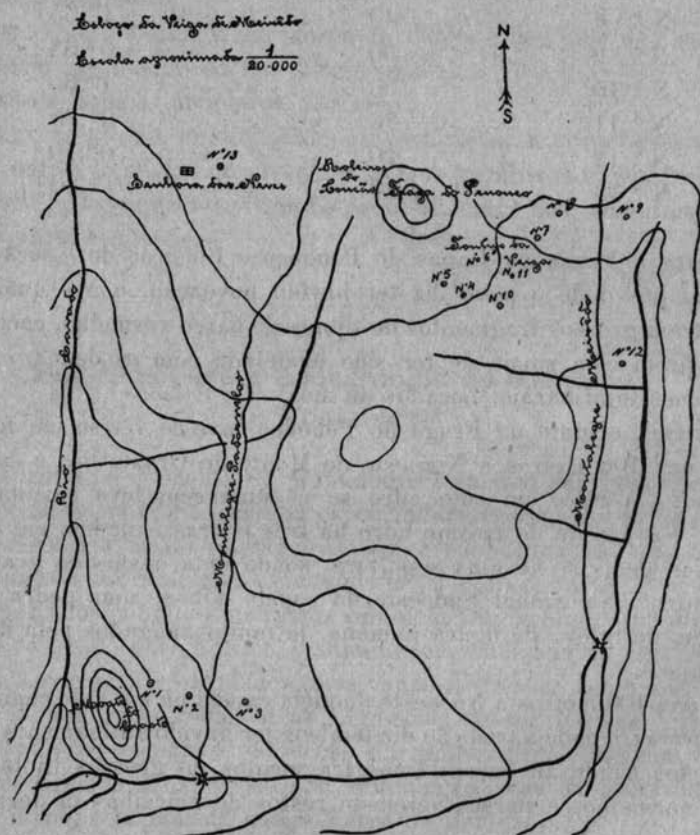


Fig. 1

Ainda a Leste da Fraga do Penouco fica a capela de S. Frutuoso, encontrando-se nuns campos próximos e a Noroeste fragmentos de tijolos.

A uns 1:800 metros ao Norte de Montalegre fica um sítio chamado *Agrovelho*, onde o povo diz ter havido uma grande cidade com aquele nome, e cuja população afligida por uma epidemia se viu obrigada a mudar para o lugar onde actualmente é a vila. Parece

verem-se ainda ali restos duma muralha de terra, no alto da qual se nos deparou uma sepultura aberta em rocha, e já um pouco destruída. Nos campos próximos encontram-se fragmentos de telhas ou tijolos.

Entre Agrovelho e o rio Cávado há um sítio chamado *Campo do Romeu*, onde há fragmentos de tijolos e telhas de barro vermelho, e cacos de barro preto.

Numa pedra natural e à superfície do terreno vimos uma inscrição ou cousa parecida, já incompleta, e da qual apenas pudemos copiar o seguinte:

:IXXΛ : 333
—

Ao sinal que se vê na parte inferior chama o povo a *Chave*. Em alguns penedos deste sítio notam-se pequenos buracos em xadrês irregular.

Diz a tradição que a capela de Santo Adrião pertencia às Muralhas, a de S. Frutuoso à povoação que ficava junto à Fraga do Penouco, e que a da Senhora das Neves era a igreja paroquial por nela haver arco e pia baptismal.

Na parte superior da porta da cadeia de Montalegre lê-se a seguinte inscrição encimada por uma corôa rial:

ESTA OBRA SE FES
EM O TEMPO DO IVIS D
FORA SPAR ROTZ DCARV
~1690~

2. Vilar de Perdizes¹

Na vêrga duma porta, ao rés-do-chão da casa que actualmente serve de escola do sexo feminino, a qual dizem que já serviu de tribunal e prisão, lê-se a seguinte inscrição:

† IHSMFIAT REC†ZER
1597TAIUSTCA
O IVIZ
DOMIN50SDIZ AMADOV FA

isto é, *Jesus Hominum Salvator [et] Maria: Fiat («faça-se») recta justiça: O juiz Domingos Diz a ma[n]dou fazer [no ano de] 1597.*

¹ E não Val de Perdizes como vem nas «Notícias archeologicas, extrahidas do Portugal Antigo e Moderno de Pinho Lial», por Rocha Dias, p. 306 (Lisboa 1903).

No sítio chamado Serra, ao Leste da Veiga da Porrinha, há uma fortificação de traçado rectangular, que tem no ângulo do Sudoeste uma mamôa¹. Os parapeitos são de terra com pouca pedra miúda. Na face de Leste é já pouco perceptível o entrincheiramento, mas na oposta ainda se vêem o fôssco e o parapeito, conforme vai indicado no perfil A B. A fortificação chama-se *Crastêlos*, e junto e ao Sudeste fica um sítio chamado *Praça de Crastêlos*, conforme vai indicado na fig. 2, na qual se vêem quatro mamôas, cujas dimensões são as seguintes:

N.º 1	—	Diâmetro	=	33 metros	—	Altura	=	0 ^m ,90
N.º 2	»		=	27	»		=	0 ^m ,65
N.º 3	»		=	27	»		=	0 ^m ,65
N.º 4	»		=	32	»		=	0 ^m ,65

A espessura média dum esteio tôsko da mamôa n.º 1 é 0^m,12.

Em toda a veiga da Senhora da Saúde há fragmentos de tijolos de barro vermelho, sobretudo desde a capela até Pênascrita (pedra com inscrição?), e ao campo do Tojás.

No sítio de *Rameseiros* ou *Rameseira* há um penedo com uma inscrição já bastante apagada, e da qual apenas nos foi possível reproduzir o seguinte:

ACURBERVRRIOCR·DIV·ADIVOREM
IN·AC·CONDVCTA·CONSERVANDA
HOE· IN·AC·CONDVCTA·P·MIRI·AV·MIRI
NVC?AVERIE·SI·R·EV·ÆCVNOVÆ RES·Æ·MORE INRO
...·AN·S·SI·ESIEVI FEAR·S·V·SE·VDANCEROΓ

O *Domingo Illustrado*, 3.º vol., n.º 114, p. 489, diz que «Argote, competentíssimo no assunto, não foi capaz de entender-se com ela. Quando muito chegou a concluir que aquilo devia ser mandado gravar por qualquer proprietário de terrenos cultivados, praguejando contra quem lhe roubasse frutos da propriedade», e publica a mesma inscrição do seguinte modo, pelo menos, mais incompleta:

INAC CONDUCTA·CONSERVANDA
OI· IN·AC·CONDUCTA·P·MICI
INVOLV·..IO·QUAECUQUE RES·Æ·MII
A·S·SI·SIQVI·EA·S·V·S·E·V·IANCE·CI·

¹ Cf. «Recintos formados com terra» in *Noções elementares de archeologia*, por Joaquim Possidónio Narciso da Silva, p. 19 (Lisboa, 1878).

O sítio de Rameseiros é muito pitoresco, a meia encosta dum vale apertado e arborizado, e é propriedade do reitor da freguesia, o qual nos informou ter, ao plantar ali uma vinha em 1911, notado a poucos metros ao Oeste do penedo uma quasi imperceptível depressão, cuja terra era preta, e nela, à profundidade de cerca de 1 metro, uma espécie de calçada de pedra miúda, e algumas pedras mais ou

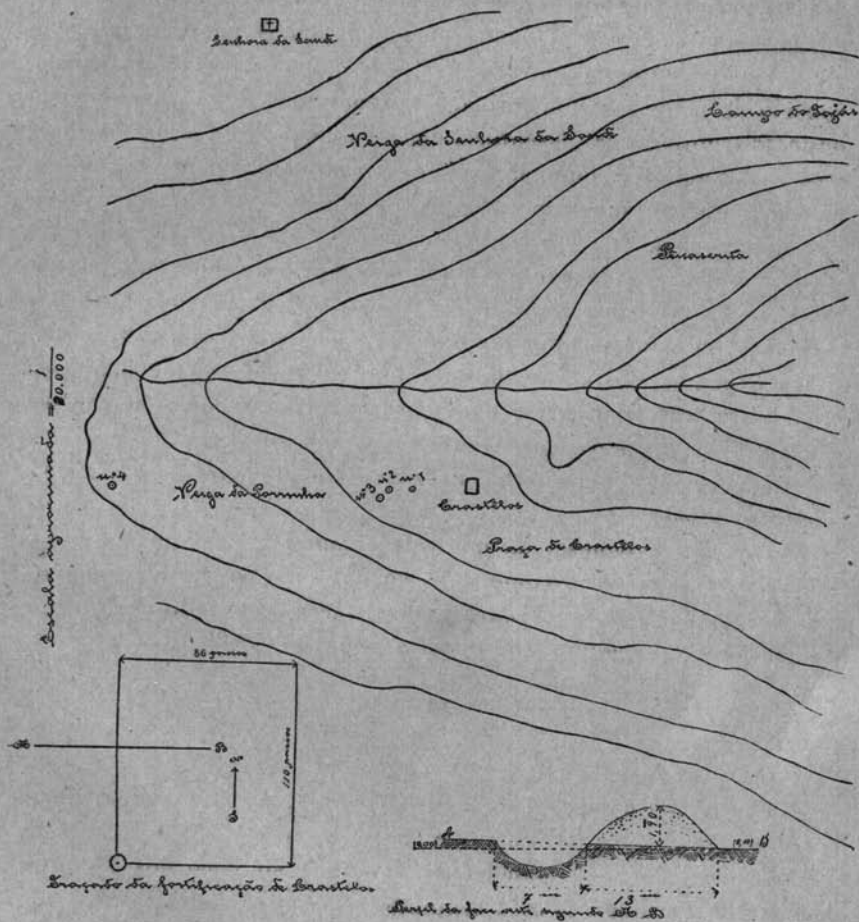


Fig. 2

menos arredondadas, e outras de feição elipsoidal, que pareciam ter sido trabalhadas pela mão do homem. Em Maio de 1912 tivemos ocasião de ver no local referido algumas pedras alongadas e achatadas de 0^m,50 de largo pouco mais ou menos, outras de forma achatada e circular com o diâmetro aproximado de palmo e meio, e ainda outras de forma elipsoidal com o comprimento de dois e meio a três palmos,

e uma grande também elipsoidal, e com o comprimento aproximado de sete palmos e meio¹. Além destas, apareceram ainda ao preparar-se o terreno para a plantação da vinha, outras escavadas, com a forma grosseira de pias, e cujo perfil transversal é o seguinte:



Diz a lenda que nos Rameseiros há Mouras encantadas, e há quem afirme tê-las visto estender ouro ao sol. Supomos que o terreno onde se notou a depressão deveria ter sido a câmara dalguns *tumuli* coberta de madeiramento formado por pernadas de árvores, ramos ou mato, sobre o qual assentaria depois a camada de terra e pedras, que, com o apodrecimento da madeira, foram parar dentro da câmara, ficando na parte superior a depressão, como se vê vulgarmente no alto das mamôas.

Diz ainda a lenda que nos Rameseiros e sobre o penedo que tem as letras aparece uma Moura a pentear-se, e que quando vê gente se esconde. Um homem já viu nos Rameseiros uma moura no feitio duma cabra a pentear-se, e ela disse-lhe que se lhe desse um beijo sem olhar para trás ficaria rico para a sua vida, mas como elle fugisse, ela lhe disse: *Fuge barbote, que te tiram no capote.*

Ao Norte da freguesia há um sítio chamado *Facho*, e a Leste o monte do *Pindo*.

No aro da freguesia há um vale chamado Porto dos Arcos, a Nascente do qual e próximo duns vestígios de construção, que supomos romana, está uma pedra natural faceada do lado do Norte, e na qual se vê o seguinte sinal com a altura de 0^m,30:



No extremo Sudoeste de Vilar de Perdizes, no sítio de Pardêllhas, notam-se fragmentos de tijolos de barro vermelho.

Na vêrga da porta duma casa, contígua ao Paço dos Fidalgos de Vilar de Perdizes, lê-se a seguinte inscrição:

HOSPITAL PERA AGAZALHO DOS ROMR^{os}
DE SANTIAGO ANNO
DE 1724

¹ Ao aparecimento destas pedras refere-se uma correspondência de Montalegre, referida a 24 de Janeiro de 1911, e publicada no *Comércio do Porto*, de 27 do mesmo mês.

No extremo Oeste da freguesia e junto à margem esquerda do rio que separa Portugal de Espanha há o sítio de *Crastêlos* ou *Casas dos Mouros*. Era uma fortificação dominada pelas duas vertentes do apertado vale; assentava em terreno declivoso, e era formada por quatro faces, das quais a paralela e mais próxima do rio tinha três muralhas sem fôssco que talvez fôsse constituído pelo próprio rio, enquanto que as outras faces tinham duas muralhas e três fossos. As muralhas estão desmoronadas, mas ainda se vêem perfeitamente delineadas por grossos cordões de pedra miúda e solta. Diz a lenda que ali era a assistência da Mourama, e que as muralhas eram para lá não entrar a cavalaria dos cristãos, tendo-as os Mouros esbarronado para se não dar com as portãs. Ainda se diz que dois homens acharam debaixo duma mó de moinho cinco esferas de ouro com que brincavam os Mouros, e que há quem os tenha lá ouvido a tecer. Dentro da fortificação há vestígios de construções, e na muralha interior do lado do rio vê-se uma porta de 2^m,5 de largo, ladeada por grossas lajes colocadas de cutelo. Próximo à fortificação fica o sítio da *Mina* ou *Cidadonha*, onde dizem que há um encanto e uma mina da Mourama, e que era uma cidade onde residia um rei Mouro. Nas proximidades da Cidadonha fica a *Fonte do Ouro*, onde as Mouras põem ao sol tesouras e pentes de ouro.

3. Sarraquinhos

No sítio chamado *Casa da Gafa*, aro de Cepêda, foi encontrada em Janeiro de 1914 uma anta, cuja mamôa formada por terra e pedras era pouco perceptível, em consequência do terreno, com declive suave, ser cultivado. A parte lítica desta anta, que ainda pudemos ver alguns dias depois de descoberta, compunha-se de três esteios colocados verticalmente, *ab*, *bc* e *cd*, e dispostos pela forma indicada na fig. 3, estreitando a câmara um pouco na direcção do Sul.

A tampa era formada, segundo informações do achador, por diversos esteios colocados uns ao lado dos outros na direcção de Leste-Oeste. Ao lado do esteio *bc*, e formando ângulo com elle, estava a pedra *ce*, sem aparelho, que nos informaram ser achada naquela posição. O esteio *ad* foi deslocado e partido pelo achador. A mesma sorte tiveram os esteios *bf*, *fg*, e *gc*, bem como todas as pedras que cobriam as câmaras *abcd*, e *bfgc*. A distância do esteio

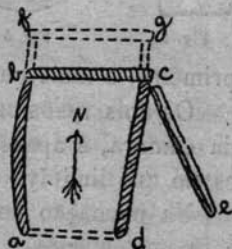


Fig. 3

bc ao *fg* deveria ser duns dois palmos. As dimensões dos esteios que ainda pudemos ver no seu lugar são as seguintes:

Designação dos esteios	Situação	Altura desde o ponto em que assentavam no solo abaixo da linha de terra	Largura	Espessura
<i>ab</i>	Intacto	0 ^m ,76	<i>ab</i> = 1 ^m ,09	0 ^m ,11
<i>bc</i>	»	0 ^m ,72	<i>bc</i> = 0 ^m ,67	0 ^m ,11
<i>cd</i>	»	0 ^m ,67	<i>cd</i> = 0 ^m ,93	0 ^m ,11
<i>ce</i>	?	—	<i>ce</i> = 1 ^m ,20	—

A orientação do megalito é de Norte-Sul, e o seu material é o granito grosseiro da região, talvez com aparelho. Todavia algumas pessoas da povoação afirmaram-nos que é fácil encontrar nos montes pedras como as da câmara, sem aparelho algum. A pequena câmara *bfgc* era ladrilhada, segundo as informações do achador. O espólio funerário foi o seguinte:

a) Um vaso de forma de caneca, de barro claro, com o fundo exterior aproximadamente circular. Interiormente era rectangular, arredondado nos ângulos (fig. 4 e 5).

A fig. 5 representa o fundo, cujo diâmetro era de 0^m,076. A altura da caneca 0^m,09, espessura da parte inferior da parede 0^m,008, da parte superior 0^m,004 e do fundo 0^m,007. A superfície exterior apresentava-se polida toscamente, e a interior era áspera. Largura da base da asa 0^m,015, adelgaçando depois até 0^m,012.



Fig. 4



Fig. 5

b) Um vaso de barro mais escuro que o primeiro, e mais quebradiço, com o fundo curvo (fig. 6).

Os dois vasos estavam cheios de terra preta idêntica à do interior da câmara, e apareceram colocados interiormente e junto do esteio que limitava a câmara do lado Sul.

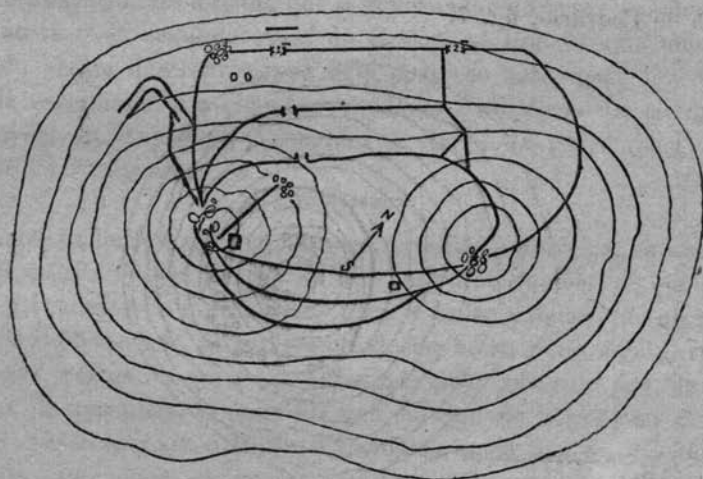
Na povoação de Cepêda, ao compor-se um cunhal duma casa pertencente a António Seara Velha, fronteira ao tanque público e à capela da Senhora da Assunção, apareceu um barril (?) de barro colocado uns três metros abaixo dos alicerces, o qual continha umas 140 moedas de prata do imperador Trajano e imperadores seguintes, segundo nos informou o Sr. Dr. Liberal, de Outeiro Seco, em cujo poder estão.



Fig. 6

No aro de Pedrário fica o sítio de Lamêgo, no qual se vêem fragmentos de tijolos de barro vermelho e três sepulturas abertas em rocha, estando duas quasi juntas e orientadas na direcção de Noroeste-Sudeste, e têm respectivamente as seguintes dimensões, todas tomadas na parte superior:

Comprimento total, 1^m,78 e 1^m,66; largura dos ombros, 0^m,43 e 0^m,50; linha dos ombros à dos pés, 1^m,41 e 1^m,43; largura da linha onde davam os pés, 0^m,22 e 0^m,28; diâmetro máximo da fossa destinada a alojar a cabeça, 0^m,35 e 0^m,22; fundo do lado dos pés, 0^m,25 e 0^m,30; fundo do lado da cabeça, 0^m,45 e 0^m,26. Numa delas a linha dos ombros não estava bem definida, e no seu lado direito e aos pés nota-se uma pequena goteira. A outra está afas-



*Esquema da muralha interior 6^{ma} a 3^{ma} anterior 3^{ma}
Esboço das Muralhas ou Rochas de Pedrário*

Fig. 7

tada alguns metros das primeiras e orientada na direcção de Norte-Sul, e tem as seguintes dimensões: comprimento total, 1^m,84; largura dos ombros, 0^m,48; linha dos ombros à dos pés, 1^m,56; largura da linha onde davam os pés, 0^m,25; diâmetro máximo da fossa destinada a alojar a cabeça, 0^m,30; fundo do lado dos pés, 0^m,25; fundo do lado da cabeça, 0^m,40. Na parte média e superior nota-se um rebaixo da largura de 0^m,20 para assentar a tampa. Esta sepultura estreita para os pés, onde tem a largura de 0^m,15. Na terra que lhe foi extraída, a fim de poder ser medida, appareceu um fragmento de tijolo vermelho, chato, e que naturalmente denota ter sido esta

sepultura revestida de feijolo. Do sítio do Lamêgo enviámos para o Museu Etnológico Português, onde tem o n.º 5:355 de entrada, uma *mola manuária*, granítica, vazada pelo orifício central e cilíndrico; achatada, de média espessura, o montículo que circunda o orifício é descaído para dentro, e tem pequeno relêvo.

No sítio de Strogãos, aro de Cepêda, apareceu em tempos, segundo informação, enterrado num campo um alguidar (?) de barro amarelo, bem fabricado, e com a grossura de três dedos. O alguidar, que foi partido pelo achador, estava cheio de terra, e assentava entre quatro pedras colocadas de cutelo formando um rectângulo, tendo o ó lado maior um metro pouco mais ou menos. Sobre as quatro pedras assentava outra colocada horizontalmente.

A uns 600 metros ao Norte do sítio denominado Lamêgo fica o Castro de Pedrário, fig. 7.

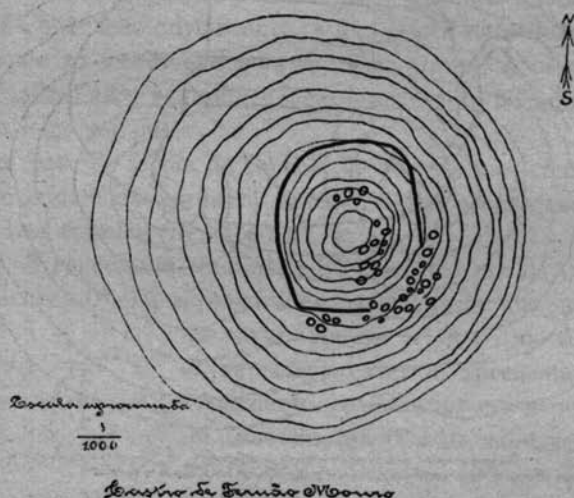


Fig. 8

A uns 1:000 metros para Nascente da povoação de Pedrário fica um sítio cultivado, no qual o povo diz ter havido povoação. Chama-se Pardieiros, e ali se nos depararam alguma pedra miúda, pedaços de tégula, um fragmento de pia de pedra, e uma *mola manuária*, de granito, espessa e bastante lascada. Entrou no Museu Etnológico com o n.º 5:357.

A uns 600 metros a Sudoeste do Castro de Pedrário há um sítio denominado *Porto das Antas*; é uma fraga cercada de lendas maravilhosas de tesouros encantados, chamada *Penedo da Hedra* ou *Pedra das Hedras*.

No sítio da Fraga das Cabanas, aro de Pedrário, há duas mamôas que têm respectivamente as seguintes dimensões: diâmetro 15 metros e 12 metros; altura 1^m,15 e 1 metro. A primeira tem a anta formada por pedras tôscas, granito da região, e na segunda, que parece estar intacta, achei à superfície um pequenino fragmento de louça que parecia ser neolítica. Diz o povo que as pedras da anta eram para os antigos ali queimarem os dizimos (Cf. *Tradições populares de Portugal*, do Sr. J. Leite de Vasconcelos, n.º 79, p. 38).

Fronteiro ao Castro de Pedrário, e dominando-o, fica o Castro de Fernão Mouro, fig. 8, e ao Norte dêste um monte chamado Castelo da Chãira. Numa esplanada da falda de Leste do monte onde está o Castro de Fernão Mouro parece verem-se vestígios duma mamôa.

Ficando fronteiros os castros de Sarraquinhos ou Fernão Mouro e o de Pedrário, diz a lenda que o governador do primeiro, chamado Fernão, e o do segundo chamado Crasto, só tinham uma marra, e quando algum deles precisava dela pedia ao outro para lha atirar. Lenda semelhante é a chamada de *Mello e do Jerumello* citada nos relatórios da Expedição Sciêntifica à Serra da Estrêla em 1881, secção de Etnografia.

4. Solveira

Entre os termos de Santo André, Gralhas e Solveira, na margem direita do ribeiro das Forçadas, há o castro de Soutêlo, de que ainda restam vestígios de muralhas de terra e pedra iniúda, e de um fôssô do lado do Nascente. Ao Sul e ao Sudoeste vê-se muita tégula, ruínas de casas, restos de povoação circuitada pelo Nascente por algumas ordens de muralhas. O povo diz que em Soutêlo houve uma cidade, e dali enviámos para o Museu Etnológico, onde tem o n.º 5:356 de entrada, uma *mola manuaría*, granítica, levemente abaúlada; sobe para o orifício, largo e baixo, que tem a forma de calote, e não é circundado de montículo. O castro tinha traçado quási triangular, e junto dêle, como se vê na fig. 9, há o sítio da *Cidadonha*, onde a tradição diz ter havido povoação.

A montante da ponte de Mandis, e numa encosta, ficam as ruínas dum pequeno castro, constituído por uma muralha sem fôssô. Andalle ligada a lenda de que o fizeram os Mouros enquanto o povo estava ouvindo a missa, porque eles viravam as fragas todas num quarto de hora, e tinha mais fôrça um Mouro do que três juntas de bois.

No aro de Solveira fica um sítio chamado *Pay-Mantela*.

No sítio das *Antas*, aro de Solveira, houve antigamente povoação, segundo ouvimos dizer a um lavrador da localidade. Junto

e ao Sul das Antas, no sítio de Lombos, vimos dois fragmentos de tijolos de rebordo de barro vermelho.

Junto ao rio há um cabeço coroado por penedos, chamado *Moinhos de Gola*, onde dizem haver Mourama. Houve quem ali visse de longe

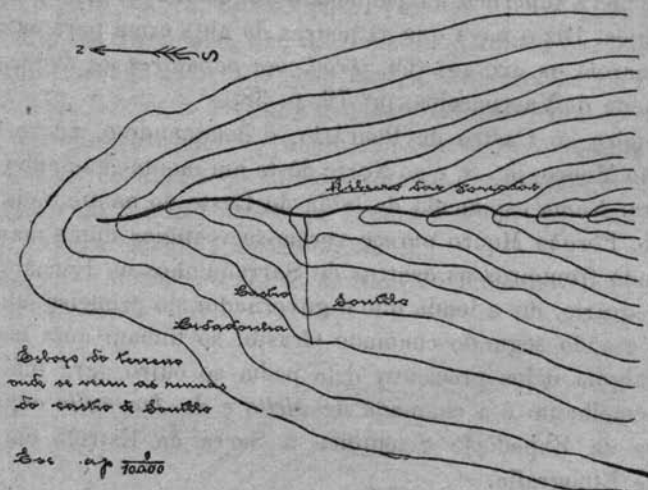


Fig. 9

um homem com chapéu de aba muito larga, e que abaixava e levantava o corpo repetidas vezes, mas ao aproximarem-se do sítio onde ele estava não o encontraram apesar de muito procurado.

5. Cervos

No sítio de Tojais de Pedrário, aro da povoação de Arcos, há uma mamôa, cujas dimensões são as seguintes: altura, 1^m,20; diâmetro 24 metros. Da anta apenas um esteio estava de pé do lado do Nascente, o qual tinha as seguintes dimensões: altura visível acima do terreno, 1^m,90; largura, 0^m,72; espessura média, 0^m,30. Junto daquele estava outro tombado, e já partido numa das extremidades, tendo a altura de 1^m,60 e a espessura de 0^m,20. Os esteios são de granito tóscos, e a mamôa formada com terra e pedra miúda, havendo-a também de quartzite, que não se encontra nas proximidades do local. Informaram-nos que em tempos foram achados na mamôa dois objectos de pedra, os quais pareciam ser uma enxó e uma entalhadeira.

Ao Sudoeste de Arcos há um sítio chamado *Antas*, e a leste da mesma povoação, no sítio da Portela, vimos fragmentos de tégulas, havendo quem nos informasse de que num campo próximo havia duas pias de pedra, que por certo deveriam ser sepulturas.

Num campo chamado do Padrão, e a 150 metros a Nascente do caminho de Arcos para Cervos, está cravado um esteio com a gravura indicada na fig. 10, tendo oito palmos acima do terreno, dois palmos e meio na base adelgaçando para a parte superior, a espessura de palmo e meio, e três covinhas em linha recta na face esquerda.

No aro de Arcos há a *Fonte do Ouro*, e para o lado do Nascente informaram-nos que havia o *Penedo da Moura* e o sítio do *Facho*, onde se viam vestígios de casas e muralhas (?).

A uns 300 metros a Nordeste da povoação de Cortiços há um pequeno morro chamado *Outeiro do Facho*. Na mesma direcção, e a uns 1:400 metros, fica a capela de Nossa Senhora da Natividade ou de Galegos, próximo da qual há vestígios do local ter sido povoado. Junto à capela e para o lado do Poente vimos duas sepulturas abertas em rocha, orientadas na direcção Norte-Sul, e tendo uma as seguintes dimensões: comprimento total, 1^m,75; comprimento da linha dos ombros à dos pés, 1^m,50; largura dos ombros, 0^m,50; diâmetro máximo da fossa destinada a alojar a cabeça, 0^m,29; fundo do lado da cabeça, 0^m,26. A outra tinha respectivamente as seguintes dimensões, 1^m,80; 1^m,64; 0^m,38; 0^m,27; 0^m,21, e mais as seguintes: fundo do lado dos pés, 0^m,20; largura da linha onde davam os pés, 0^m,18.

Informaram-nos que houve ali mais sepulturas, mas que tinham sido destruídas pelos pedreiros. A uns 100 metros ao Sul da capela há ainda uma pequena sepultura aberta em rocha com as seguintes dimensões: comprimento total, 0^m,52; comprimento da linha dos ombros aos pés, 0^m,38; largura da linha onde davam os pés, 0^m,15; fundo do lado da cabeça, 0^m,21; fundo do lado dos pés, 0^m,15; largura dos ombros, 0^m,24. Do lado dos pés tem duas goteiras na disposição indicada na fig. 11.

A Sudoeste da capela e junto ao *Outeiro do Facho* fica o sítio de Pedregal, onde se vêem fragmentos de tijolos de barro vermelho. Segundo nos informou o Sr. padre João Álvares de Moura, de Firvidas, foi achada nas proximidades da ca-

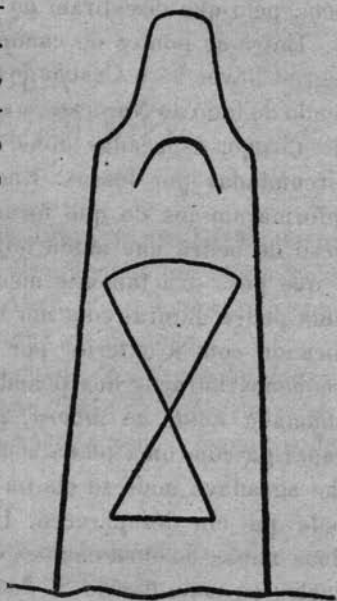


Fig. 10



Fig. 11

pela, no sítio de Galegos, uma ponta de lança de cobre. Acêrca da imagem da Senhora há a lenda de que foi roubada algumas vezes pelos galegos, mas que sempre lhes fugia, até que da última vez em que a roubaram a meteram numa caixa de pedra, donde fugiu também, pelo que desistiram de a roubar mais vezes.

Entre as pontes do caminho Cortiços-Arcos e da estrada Montalegre-Chaves há o Castro de Cortiços na margem direita dum riacho, tendo do lado do Noroeste, o mais exposto, três muralhas denominadas do *Castro*, espaçadas duns 30 metros, e sendo as duas exteriores circundadas por fossos. Encontram-se ali fragmentos de tijolos, e informaram-nos de que foram lá achados utensílios de ferro e um pêso de pedra que ainda hoje é utilizado na povoação de Cortiços, e que pesa exactamente meia arroba. Na parte Norte do castro há uma pedra natural com um buraco aproximadamente circular comunicando com o exterior por uma goteira. No lado do Sul notam-se pequenos buracos nos penedos. Ao norte e próximo do castro há a chamada *Fonte da Moura*, na qual diz a lenda que apareceu uma rapariga com uma tenda a um velho pastor, e perguntando-lhe qual lhe agradava mais se ela ou a tenda, elle lhe respondeu que a tenda, pelo que ela desapareceu. Há também a lenda de que ali existem duas minas ou dois caixões, um de ouro e outro de peste, e que no castro ao meio dia de S. João se ouve um tear a trabalhar.

A uns 400 metros a oeste do castro fica um sítio chamado *A Casinha*.

A uns 100 metros ao Norte da povoação de Vilarinho há um sítio chamado *Pedra da Moura*, onde numa pedra natural se nota um buraco de forma elíptica comunicando com o exterior por uma goteira, e em tudo semelhante ao que já foi indicado como existente no castro. Tem as seguintes dimensões: eixo maior, 0^m,45; menor, 0^m,32. O fundo é curvo. Notam-se noutras pedras pequenos buracos.

Próximo e ao Sul da povoação de Cervos há um monte coroadado por alguns penedos chamado *Alto do Castro*. Não tem vestígios de fortificações, e ao Norte e próximo fica-lhe a *Fonte da Moura*.

A uns 1:000 metros ao Norte de Cervos fica o *Alto dos Fachos*, e a Sudeste da mesma povoação o *Alto da Vigia*.

A Leste e próximo de Cervos há um sítio chamado Ferrialhos ou Ferraria, onde diz o povo ter havido povoação. Dali proveio uma pedrinha rectangular, preistórica, de anfibolite, achatada, com dois orifícios, e com as arestas gastas. Tem o n.º 5:410 de entrada no Museu Etnológico, para onde a enviámos.

Na padieira duma janela da residência paroquial, e que se vê ter sido posta já depois de construída a parede, está gravada a seguinte inscrição, que no volume III, p. 198, do *Arqueólogo Português*, foi publicada com erro:

* D. EOTNIO FIDOS DVQS.
 * DE BRAGAN. D. IAMES ED. IOA
 M D MENDZABES. CAS. MF. IS 68.

6. Contim

A Noroeste da povoação fica o sítio das *Antas*, e a uns 1:000 metros a Sudoeste, confinando com o termo de Brandim há um monte chamado *Crasto*, e próximo da Senhora de Abril, diz a lenda, que aparece uma Moura, com uma tenda, na manhã de S. João.

Ao Sul da povoação de S. Pedro fica o chamado *Penedo do Mouro*, e na mesma direção há um monte chamado *Torre do Lobo*, em cujas proximidades existe a *Pedra da Mira*, já partida pelos crendeiros de tesouros encantados.

7. Viade

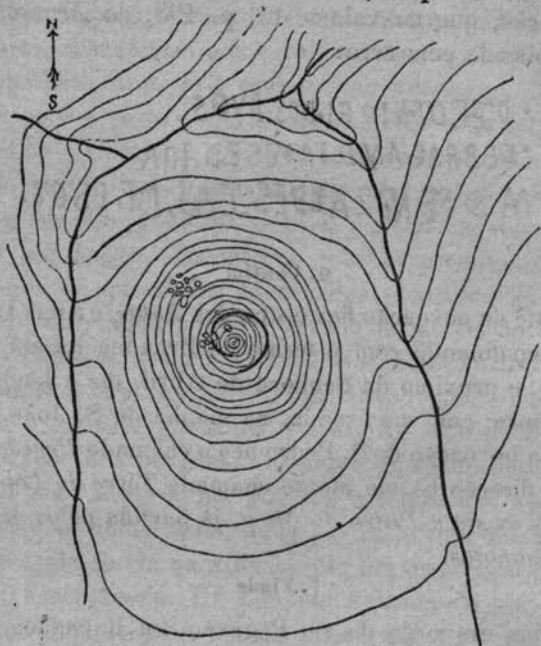
Na margem esquerda do rio Regavão, ou Rabagão, nota-se um penhasco conhecido por Coto ou Castelo de S. Romão, onde se vêem as ruínas duma grande fortificação, e nas faldas dos lados de Leste, Sul e Oeste, muitos alicerces de casas de pedra rectangulares, algumas de cantaria, e fragmentos de vasilhas de barro preto. Em alguns rochedos notam-se escadas feitas a picão, e cavidades que deveriam ter servido para postos de sentinelas. Do lado do Oeste e na parte superior há um recipiente rectangular, parte cavado na rocha e parte feito de pedra de esquadria e argamassa. Tem as seguintes dimensões: comprimento, 3^m,83; largura, 2^m,47; altura, 1^m,34. O povo tem destruído quasi por completo este antigo monumento para lhe aproveitar a pedra de cantaria. Do lado do Sul há um penedo faceado, no qual parece verem-se sinais e grandes letras já muito apagadas pela acção do tempo.

No aro de Brandim, segundo nos informaram, têm aparecido algumas *mós manúarias*.

8. Paradela

A uns 1:000 metros a Oeste de Paradela fica um cabeço chamado *Crasto*, de que a fig. 12 indica o traçado da muralha, da qual ainda há vestígios. A este crasto está ligada a lenda de que lá aparece uma Moura, a tecer, no dia de S. João.

No sítio do Arieiro, dizem também que aparece no mesmo dia uma mulher com uma tenda muito linda, e que na Fonte do Sal-



*Desenho do castelo de S. Pancrácio
Escala aproximada 1/10.000*

Fig. 12

gueiro há um capote de ouro dum rei Mouro, que vale mais que Portugal todo. Ainda dizem que há *dinheiro* na Fonte do Ouro.

A Leste, e próximo a Paradela, fica o sítio das *Antas*.

9. Covelães

A uns 1:500 metros ao Norte da povoação há um monte chamado *Atalaia*.

Na *Portela da Mourela* há uma mamôa com o diâmetro de 16 metros e 1^m,10 de altura.

No sítio do *Ramiscal* vêem-se dois dólmenes já mexidos.

10. Tourém

Numa pedra colocada sobre a padieira da porta da sacristia da igreja paroquial há a seguinte inscrição:

CAETANVS TEYXEY
RABBRAGANCA FE
CIT FIERI 1731

Próximo e a Sudeste da povoação há um monte chamado *Crastelo*, onde a tradição diz ter havido um castelo (por castro), e que as *fossetes* que há em alguns penedos eram destinadas à colocação de paus para sinais. Diz ainda a lendária tradição que aquele castelo fazia frente ao da Piconha, em território espanhol, mas outrora português. A uns 30 metros a Sudeste do Crastelo há um dólmen já violado.

Num campo próximo da raia, segundo nos informaram, foi em tempos achada uma sepultura feita de tijolos grossos de barro vermelho, ouvindo também dizer que por aqueles campos estão os dólmenes profusamente espalhados.

11. Cambêses

No sítio da *Laja Gorda*, entre os termos de Montalegre e Cambêses, aparece um encanto antes do nascer do sol na manhã de S. João.

Na esquerda do Cávado, sítio de *Arregada*, há um dólmen com o diâmetro de 28 metros, e 1^m,15 de altura. A espessura média dos esteios da anta já destruída é 0^m,20.

No aro de Cambêses e a Sudeste da povoação fica o monte da Atalaia.

Ao Norte da povoação de Frades há um monte com o nome de *Corucho* ou *Crôa do Coto*¹, onde se vêem grandes penedos com *fossetes*, e em volta deles vestígios duma muralha aproximadamente circular com o diâmetro duns 100 metros. A uns 1:500 metros a Noroeste há outro monte chamado *Altar da Moura*, no qual a lenda diz haver dinheiro dos Mouros e aparecer na manhã de S. João uma Moura a estender roupa. No fundo da vertente Sudeste do monte da Crôa do Coto há num cabeço as ruínas dum castro com restos de muralhas e fôssos. A Oeste e junto deste castro fica o sítio da *Cividade*, e a uns 200 metros a Sudeste há o sítio da *Anta* ou *Antas*.

Diz o povo que no castro houve antigamente Mouros, e que há uns 50 anos foi lá encontrado dinheiro antigo por uns pedreiros que andavam a arrancar pedra.

12. Melxêdo

A uns 1:000 metros a Sudoeste da povoação, no Monte do Facho, há um dólmen, em que se vêem ainda levantados três esteios, a que

¹ Acêrea da lenda ligada a este monte veja-se *Tradições populares de Montalegre*, na *Revista Lusitana*, vol. xviii, p. 301.

o povo chama *Casulo do Facho*, e neles estão gravadas a picão em forma de cruz vários sinais de delimitação de freguesias.

Segundo nos informaram, a uns 1:200 metros ao Sul de Meixêdo, junto do leito do caminho daquela povoação para Codeçoso da Chã, apareceram há uns 10 anos três vasilhas de barro que estavam metidas entre quatro lajes cravadas de cutelo no terreno.

Proveniente de Codeçoso da Chã, possui o Sr. Dr. Liberal, de Outeiro Sêco, uma espada árabe (?).

13. S. Vicente da Chã

No aro de Travassos há o *Crasto de Travassos* ou *Outeiro do Crasto*, fig. 13. Fica situado na margem direita do rio da Chã, e a fortificação era formada por três muralhas de pedra, havendo do lado do Norte um grande fôssco que talvez noutros tempos fôsse aquático. Daquele lado assentava a muralha exterior em alicerces formados por grossos blocos de granito de esquadria. Há quem se lembre de ter visto

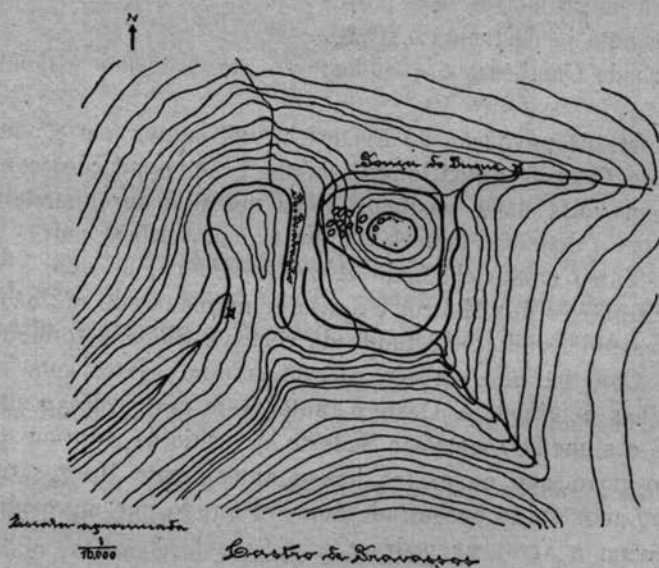


Fig. 13

na muralha exterior, e do lado do Poente, uma entrada com um arco de cantaria. Ainda ali vimos uma pedra tôska cavada em forma de pia estreita. Esta fortificação era vasta, e devia ser muito defensável no tempo das armas brancas. Estando num sítio aprazível não podia o povo deixar de cercar o castro de lendas maravilhosas, dizendo que lá há muitas riquezas do tempo dos Mouros. Em alguns penedos vêem-se

covinhas que a lenda diz terem servido para nelas se meterem as trancas das portas. Do lado do Sudoeste nota-se um grande buraco circular cavado em rocha, a que chamam a *caldeira*, e dizem ter apparecido nele muito dinheiro. Os ciprianistas têm perdido algum tempo por lá, tendo-nos um individuo dito que nos seus tempos de rapaz ouviu os Mouros a tecer no interior da terra. A leste do castro fica o sítio de Marmurais, onde se indica uma pedra como sendo côncava na parte voltada para a terra e na qual os Mouros cozião o pão. A este lugar anda ligada a seguinte lenda: Um mouro do castro namorou e raptou uma rapariga que andava com o gado num campo contíguo e a Poente. Um dia foi com ela à feira de S. Domingos, e lá lha roubaram, pelo que elle com as saudades cantava:

Adeus penedos do Crasto,
Fontelas de Marmurais,
Penedos de S. Domingos,
Porque vos não arrazais?

A feira de S. Domingos vinha a ficar, segundo a lenda, na vizinha freguesia de Morgade.

Ainda ouvimos outra versão da lenda do rapto da pastora pelo Mouro. Assim este, tendo-a agarrado, levou-a para o castro, e gostava muito que ella o catasse, mas um dia a rapariga deixou-o adormecer, e fugiu. O mouro chorava então muito por ella e dizia:

Adeus penedos do Crasto,
Fontelas de Marmurais,
Adeus penas do meu peito,
Que vos não acabais.

Outra lenda diz que do castro iam duas Mouras fiar à povoação de Travassos, mas uma vez que viram entrar dois homens mascarados de mulheres fugiram e por engano levaram um rapazito em lugar dum pequeno Mouro que tiham levado consigo.

No regresso duma visita ao castro de Travassos, deparou-se-nos num campo, a 200 metros ao Sul de Medeiros, um fragmento de mó de mão.

Entre as povoações de Travassos e Castanheira há o sítio da *Pedra da Anta*.

Ainda no aro de Travassos e a Sudeste do Castro fica o Monte de Cotas, onde se notam três sepulturas abertas em rocha, a que o povo chama *Masseirões dos Mouros*, e igual número de mamôas, como indica a fig. 14.

As dimensões das mamôas são as seguintes:

N.º 1	—	Diâmetro	=	22 metros	—	Altura	=	0 ^m ,70
N.º 2	»		=	32	»		=	1 ^m ,50
N.º 3	»		=	52	»		=	2 ^m ,10

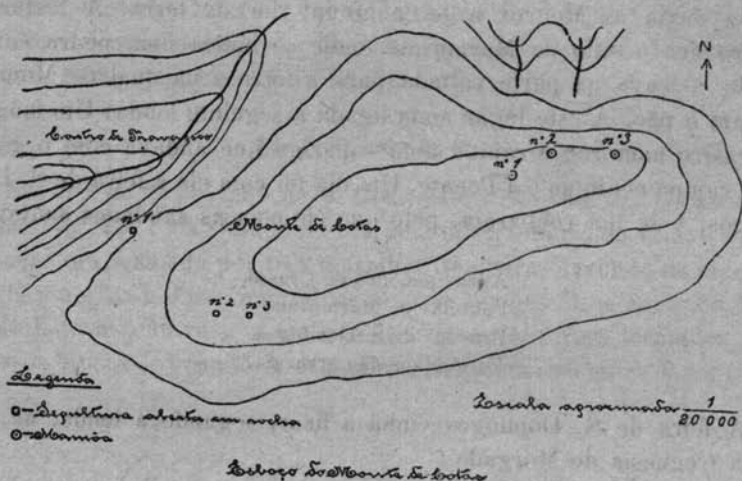


Fig. 14

As dimensões que ainda pudemos medir nas sepulturas constam do quadro seguinte:

Números das sepulturas	Comprimento total	Largura dos ombros	Comprimento da linha dos ombros à dos pés	Largura da linha onde davam os pés	Fundos respectivamente dos lados da cabeça e pés	Diâmetro máximo da fossa destinada a alojar a cabeça
1	1 ^m ,85	—	—	—	—	—
2	1 ^m ,77	0 ^m ,25	1 ^m ,44	0 ^m ,20	0 ^m ,32 e 0 ^m ,23	0 ^m ,24
3	1 ^m ,78	0 ^m ,39	1 ^m ,56	0 ^m ,16	0 ^m ,22 e 0 ^m ,20	0 ^m ,20

A sepultura n.º 2 tem em volta vestígios dum rebaixo, e aos pés e do lado direito um orifício. Em algumas paredes do Monte de Cotas há fragmentos de mós, e pedras com vestígios de terem sido utilizadas em construções.

No sítio da Grova, aro de Fírvidas, apareceu, segundo nos informaram, uma vasilha de barro contendo moedas de cobre e prata já muito deterioradas, e parecendo que eram romanas e de Constantino. No mesmo local foram achados dois objectos de ferro, hoje em poder

do Sr. Dr. Liberal, de Outeiro Sêco, e que têm a forma de pequenas picaretas.

Na *Corga dos Homens*, aro de Fírvidas, vêem-se quatro dólmen.

Ainda no aro de Fírvidas se me depararam quatro mamôas cujas dimensões constam da fig. 15.

No aro do Peirêzes há um monte chamado *Muradal*, onde os crendeiros de tesouros encantados têm feito escavações, e no qual se nota alguma pedra solta.

À direita da estrada de Montalegre para Chaves, no sítio chamado *Cabeço dos Mouros*, aro de Medeiros, há um forte castro, de traçado

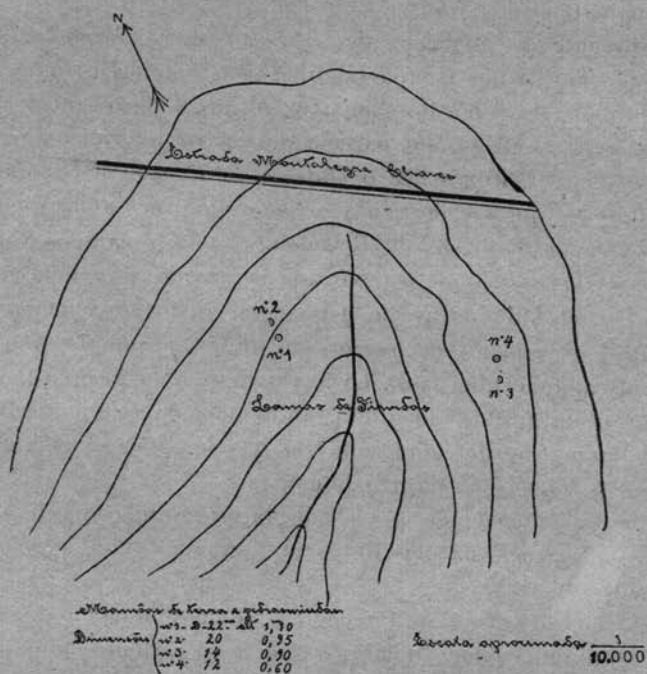


Fig. 15

aproximadamente circular. É cercado por um fôssco, excepto pelo lado do sudeste, que assentando num declive é reforçado por três muros. A espessura da muralha é superior a 3 metros, tem alicerces de pedra de cantaria, e os muros, dos quais hoje se vêem grossos cordões de pedra solta, apoiavam-se em grandes pedras naturais. O diâmetro da muralha circular deve ser superior a 100 metros. Este castro devia constituir uma verdadeira fortaleza difficilmente acessível principalmente pelo lado cercado pelo grande fôssco. No lado do Nascente fica a *Fonte do Castro*, dizendo a lenda que os Mouros

tinham ali um tanque para os cavalos beberem. A uns 400 metros a Nordeste do castro de Medeiros há dois dólmenes, e a uns 1:000 metros a Leste vêem-se mais dois. Ao Sul do castro fica a *Veiga de Carigo*, onde há pedra sôlta miúda e fragmentos de tejo vermelho de rebôrdo. Dali enviámos uma ara¹ para o Museu Etnológico, onde tem o n.º 5:206 de entrada. Ainda no aro do castro, ao Sul de Peirêzes, na margem direita do Regavão, notámos vestígios do terreno ter sido removido, alguma pedra miúda, e próximo e ao Norte dêste sítio, que tem o nome de *Antelas*, deparou-se-nos um dólmen ainda por explorar, mas que soubemos ter sido violado recentemente, e já depois de termos estado no local.

A Nascente de Medeiros fica o *Outeiro de Vilãozinho*, a Leste e junto do qual há nos campos alguma pedra miúda e fragmentos de grossos tijolos de rebôrdo. Ainda lá se nos deparou um fragmento de louça de barro preto, que parecia ser a parte inferior duma ânfora.

A Oeste de Peirêzes fica o *Outeiro do Rôcho*, onde também há fragmentos de tijolos e de telhas, e uma sepultura aberta em rocha.

No extremo Sudoeste de Penedones há uns campos chamados *Leiras dos Padrões*, onde o povo diz ter havido uma cidade moura. Têm ali aparecido pedras de esquadría, restos de encanamentos, fragmentos de objectos de barro e de tijolos, e mós de mão. Numa parede do caminho que passa no local vimos uma grande pia aberta em pedra, e um grande bloco de granito em forma de paralelepípedo, a que chamam *Padrão*, tendo em três das suas faces vestígios muito apagados de relevos de figuras humanas.

Próximo de Penedones, e à esquerda do caminho que liga aquella povoação a Negrões, há dois dólmenes, situados num terreno de ligeiro declive.

No extremo do Oeste de Penedones há um sítio chamado *Casares*, onde se vê alguma pedra miúda, que o povo atribui, como todas as antigualhas, ao tempo dos Mouros.

Ainda próximo e ao Norte de Penedones, na *Portela do Antigo*, há seis sepulturas abertas em rocha, e vestígios doutras danificadas pelos pedreiros. Nota-se nestas sepulturas um orifício circular pequeno visivelmente artificial. Algumas delas são contíguas entre si, e uma era para criança. O povo supõe que eram estas cavidades para os mouros se deitarem.

¹ A fotografura dêste monumento saiu n'O *Archeologo Português*, vol. xix, p. 89, artigo do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

No aro de Penedones há um sítio chamado *Cortinha da Anta*.

A uns 400 metros ao sul de Torguêda há uns campos chamados *Antas*, e nos quais, segundo ouvimos referir, se encontraram algumas vasilhas de barro, desde logo estúpidamente partidas, e dizendo-se que continham cinzas e moedas a desfazerem-se.

14. Fiães do Rio

Na igreja de Fiães há uma pia baptismal cujo pedestal assenta num soco de granito que tem numa das faces a fig. 16.

A Sudeste da povoação há um monte chamado *Castelos*, sem vestígio algum de fortificação, e próximo dele e na direcção do norte fica outro chamado *Atalaia*.

No sítio do Oural aparecem os mouros pelo meio dia de S. João.

Na margem esquerda do Cávado, acidentada e arborizada, junto ao rio há duas grutas, próximas uma da outra, e chamadas *Palas dos Morcegos* ou *dos Mouros*, grande e pequena. A primeira parece ter sido feita, pelo menos em parte, pela mão do homem.

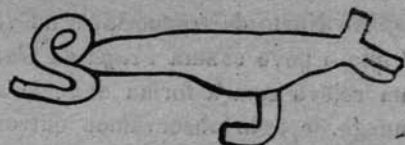


Fig. 16

15. Outeiro

A Sudeste da povoação e à direita do Cávado fica o *Castro*, e próximo dele e junto ao rio há o sítio chamado *Ponte dos Mouros*.

Junto e a Leste de Parada fica um monte chamado *Cabeça do Castro*.

Em Sirvozêlo há muito próximos uns dos outros os seguintes sítios: *Anta*, *Valdanta*, *Fonte da Anta*, *Barreira da Anta*, *Anta Dominga*, *Antinha*, e *Cancela da Anta*, e nas dependências dalgumas casas de lavoura as adegas e cortes são debaixo de grandes penedos, o que faz lembrar cavernas, às quais o povo chama *palas*.

16. Santo André

A 300 metros ao Norte do sítio denominado *Castelo da Carvalhosa*, está uma fraga, na qual se vêem gravadas na sua parte superior duas pégadas humanas, que a lenda diz terem sido feitas por uma Moura que trazia muita riqueza quando se encantou. Um pouco a Nascente do Penedo das Pégadas dizem que apareceu um púcaro de barro, cheio de terra, e metido entre *lajas* colocadas a prumo e cobertas por outras. Tinha, diz a informação, o fundo arredondado, e estreitava para a parte superior.

No norte da freguesia fica um monte chamado da *Vigia*.

Nas faldas do Larouco, e junto a um riacho, fica o sítio da *Cidade do Grou*, no qual se vêem as ruínas da muralha dum castro, de traçado rectangular, arredondado nos ângulos, e cercado por diversas ordens de fossos. As faces dos lados do Sul e do Oeste e parte da do Norte do castro foram organizadas defensivamente, com uma trincheira interior e traveses de pedras, pelos realistas do comando de Paiva Couceiro depois da sua retirada de Chaves, em 8 de Julho de 1912. A 80 metros a Sudoeste da Cidade do Grou há uma mamôa com o diâmetro de 26 metros, e 1 metro de altura, e ao Sul fica outra com as mesmas dimensões.

Ao Norte da freguesia, e na vertente do Larouco, há um penedo a que o povo chama *Fraga da Gata*, em consequência de apresentar um relêvo com a forma daquele animal. O penedo está coberto de musgo, e nele observamos outros sinais que poderiam talvez ter sido produzidos pela acção do tempo. Noutros penedos juntos não se vêem os referidos sinais. Próximo corre o ribeiro do Inferno, em cuja margem direita nos informaram haver uma mina também chamada da *Gata*, e que é atribuída ao tempo dos Mouros, mas por mais que procurássemos semelhante mina não nos foi possível encontrá-la. Talvez no caso haja mais imaginação do que realidade. É junto ao riacho do Inferno que fica a *Cidade do Grou*, acima citada. À Fraga da Gata anda ligada uma lenda já publicada na *Revista Lusitana*, vol. XVIII, p. 300¹.

17. Padrôso

Ao Norte da freguesia, e a 60 metros a Oeste das *Pedras do Curral*, há uma mamôa com o diâmetro de 27 metros e a altura de 1^m,10, na qual ainda se vêem alguns esteios com a altura aproximada de 2 metros, e a espessura variando entre 0^m,15 e 0^m,35. A câmara tinha a orientação de Noroeste-Sudeste. A 30 metros a Oeste desta mamôa há outra com o diâmetro de 20 metros e a altura de 0^m,95, a câmara na mesma orientação da primeira, e os esteios de menores proporções.

No sítio denominado *Místico*, entre as freguesias de Padrôso e Padornelos, há cinco mamôas dispostas segundo se vê na fig. 17.

¹ No artigo *Tradições populares de Montalegre* (vol. XVIII e XIX da *Revista Lusitana*) publicámos já outras lendas recolhidas em Barroso.

As dimensões das mamôas são as seguintes:

N.º 1	—	Diametro	=	12 metros	—	Altura	=	0 ^m ,70
N.º 2	»	=	20	»	»	=	0 ^m ,95	
N.º 3	»	=	18	»	»	=	0 ^m ,85	
N.º 4	»	=	32	»	»	=	1 ^m ,45	
N.º 5	»	=	18	»	»	=	1 ^m ,20	

A mamôa n.º 4 ainda conserva um esteio da anta, no qual estão gravadas algumas cruces como sinal de separação de freguesias.

No extremo Oeste da povoação há um sítio chamado *Cigadonha*, próximo do qual corre o Ribeiro dos Mouros, e onde, diz a lenda,

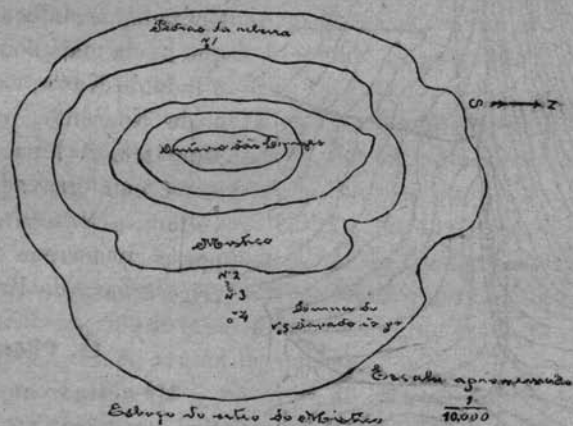


Fig. 17

têm aparecido fadas. No sítio de Parozélos, fig. 18, e mesmo no leito do Ribeirinho dos Ramos foi achada uma estela¹, granítica, funerária, romana, que tem no Museu Etnológico o n.º 5:205 de entrada.

A Poente de Padrôso fica um sítio chamado *Covas de Baixo*, no qual se vêem vestígios de casebres rectangulares e outros de traçado irregular. Um deles apoia-se em pedras naturais, e junto a um dos ângulos apresenta uma abertura de 0^m,60, que parece ser a entrada. Diz a tradição que foi ali que se refugiou o povo no tempo da segunda invasão francesa.

No sítio chamado *Outeiro do Seixo* há uma mamôa com 24 metros de diâmetro e 0^m,90 de altura. Próximo daquele ficam os sítios

¹ A fotografura d'este monumento romano saiu n' *O Archeologo Português*, vol. xix, p. 89, artigo do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

de *Toutigos*¹ e da *Pedra-Cortinha-Tapada*, onde parece verem-se vestígios de outra mamôa, e aquele nome seria talvez relacionado com o megalito².

No extremo Nordeste da freguesia fica o sítio do *Padrão*. Esta designação moveu a nossa curiosidade mas nada de notável ali se nos deparou. Ora como a algumas centenas de metros para Leste há alguns marcos rectangulares, de granito, nos quais se vê a letra

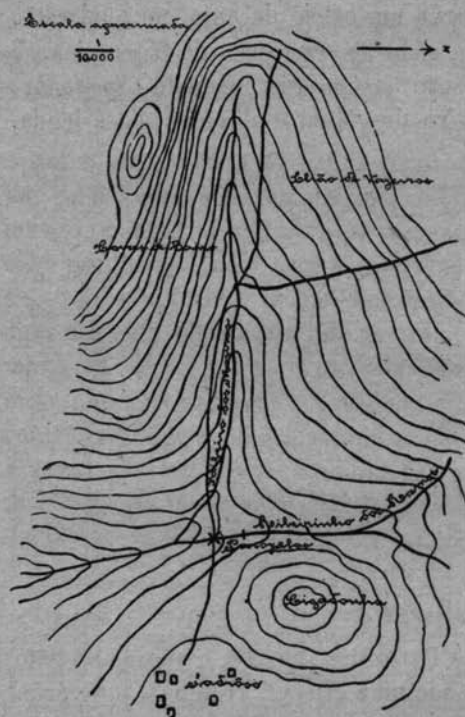


Fig. 18

B, é natural que de algum que ali existisse provenha a designação. Vimos dois daqueles marcos separados por uns 200 metros no sítio da Coutada, e informaram-nos que havia mais dois, um para o lado do Norte, e outro para o de Nascente, no sítio da Mourisca. A letra que neles se vê está gravada na face voltada a Nascente, e indica por certo terreno outrora fô-reiro à casa de Bragança.

18. Pitões

Há nesta freguesia um antigo mosteiro, ao qual anda ligada a seguinte lenda: Nas sucessivas correrias que os mouros faziam por estas terras, nos fins do séc. XI, um cristão escondeu no tronco

dum carvalho a imagem de Nossa Senhora da Assunção. Pouco tempo depois vindo dois fidalgos de Galiza caçar áqueles montes os seus cães, perseguindo um porco montês, pararam latindo ao pé do carvalho. Apearam-se os cavaleiros e vendo a imagem resolveram desde logo fazer-lhe uma boa igreja e um mosteiro, que em pouco tempo ficaram concluídos. Na cornija do portal do cemitério paroquial, contíguo à igreja, vêem-se em tôska escultura dois cães de pedra que,

¹ É assim que em Montalegre chamam às mamôas.

² No aro de Penedones há um sítio denominado *Cortinha de Anta*.

diz a lenda, servem de guarda a Nossa Senhora das Junias, apparecida num carvalho que está junto do caminho. Ainda se diz que no local, ao construir-se o convento, havia uma mina de azeite e outra de vinho, e que os cães eram encarregados de as guardar.

Junto à porta travessa da igreja vimos a seguinte inscrição: EMCSXXXV, que é muito diferente da versão que lhe atribui Pinho Lial, no seu *Portugal antigo e moderno*, vol. 7, p. 106, naturalmente por deficiência de informação. Na mesma parede e servindo de soleira a uma janela deparou-se-nos uma pequena e bela estátua jacente dum frade.

Entre os rios do Gerez e da Ponte da Sela há um cabeço denominado *Castelo*, onde se vê no meio de muitos arbustos e penedos, uma espécie de gruta que ingenuamente dizem ter sido a igreja da povoação que ali existiu no princípio do mundo. A povoação a que se refere esta lenda existiu junto e ao Sul do *Castelo*, e dela se vêem ainda muitos vestígios de edificações. Fica o local num sítio baixo e abrigado, ao contrário da actual povoação, que, ficando num contraforte da serra do Gerez, tem clima muito áspero no inverno que ali é a maior parte do ano, e é natural que os seus antigos moradores lá tivessem a sua residência inverneira, à semelhança dos de Castro Laboreiro, ou que tivesse sido a primitiva povoação. Como quer que seja, devia ter sido habitado em épocas remotas, pois que da tradição-nenhum elemento se pode colher acêrca de quem ali habitou.

Na serra da Mourela, no sítio do *Marco do Couto*, junto do caminho de Pitões para Tourém, há quatro dólmenes já explorados, e ao Norte e no sopé da serra do Gerez fica o sítio chamado *Casal da Moura*.

19. Padornelos

A uns 1:000 metros a Leste de Sendim há um sítio chamado *Santa Cruz*, onde o povo diz ter havido uma povoação. Ainda lá se vêem uma cruz de pedra, uma pedra isolada com um cavado em forma de corpo humano, e bocados de telhas.

A uns 1:000 metros a Nordeste de Sendim, mesmo na raia, fica o *Poço do Grou*, que é um enorme fojo em cujos taludes parece verem-se algumas cavernas. Diz a tradição que ali perto (já em Espanha) houve a cidade chamada Rússia, que se «afundiu». A uns 100 metros a Sudoeste e Sul do Poço do Grou há dois dólmenes, que têm respectivamente 30 e 34 metros de diâmetro, e 1^m,20 e 1^m,70 de alto. A anta do último é formada por esteios toscos com a espessura média de 0^m,20.

Na *Fonte dos Navalhos* é crendice corrente haver grandes riquezas encantadas, e ainda há poucos anos alguns indivíduos, rezando e cumprindo rigorosamente todas as fórmulas referidas no livro de S. Cipriano, enquanto outros procediam a escavações acompanhadas de várias macaquices, procuraram descobrir um tesouro encantado que não apareceu até hoje. Próximo do Larouco Pequeno há uma pedra chamada das *Passadas*, por nela se verem marcadas, dizem, muitas pègadas de animais, que naturalmente são cavidades devidas à acção do tempo. Junto dela também os crendeiros têm feito escavações.

A Sudeste de Padornelos fica um monte chamado *Pedregalho*, no qual se vêem restos de muralhas, de casebres e de vasilhas de barro preto. Ao Norte daquele monte e próximo do caminho para Gralhas há dois dólmenes, tendo respectivamente 35 e 14 metros de diâmetro, e 1^m,50 e 0^m,65 de alto.

No sítio da *Lama da Carneira* há um dólmen com o diâmetro de 24 metros e a altura de 1^m,45.

Ao Norte e junto à povoação de Padornelos há um monte chamado *Fraga de Albagueira*, circuitado por pedras naturais, onde há uns buracos a que a povo [chama ingenuamente *Casas dos Mouros*, e andando ligadas ao local algumas lendas mouriscas. A uns 500 metros a Noroeste da Albagueira vêem-se no sítio da *Verea* fragmentos de tijolos de barro vermelho, e alguma pedra miúda.

Na povoação há o lugar da *Cidade*.

20. Donões

Junto à margem direita do Cávado há um castro de forma aproximadamente circular, com o diâmetro duns 66 metros. A parte interior é conhecida pela *Eira do Crasto*. Era cercado por uma muralha de pedra solta, e por três fossos, dos quais ainda se vêem vestígios bem pronunciados. Diz a lenda que os fossos do Castro de Donões eram para os Mouros levarem os cavalos a beber no rio. A algumas centenas de metros ao Norte do Castro fica a capela de Santo Amaro, aos lados da qual se vêem algumas sepulturas abertas em rocha. Num campo próximo e a Leste da capela há fragmentos de tijolos, e a uns 50 metros a Sudoeste apareceram um cunhal de pedra de edificação, bocados de mós de mão e de tijolos, restos de feragens, e cinzas. No sítio das *Igrejas*, a Oeste da capela, assim como a uns 100 metros ao Norte, também há fragmentos de teijolos.

A uns 1:500 metros a Nordeste de Donões há o sítio da *Quadrela*, onde se diz ter havido povoação, talvez um castro.

21. Negrões

Nesta freguesia há os castros de Negrões, de Vilarinho e de Lamachã. O de Negrões domina um desfiladeiro, e tinha o recinto fechado por pedras naturais e muralhas, de que ainda há vestígios. Junto e a Leste do castro fica a *Corga dos Mouros*, e ao Norte a *Fonte do Castro*. Nos penedos vêem-se *fossetes*.

O castro de Vilarinho fica num monte escarpado, e dele ainda restam vestígios de muralhas e dos alicerces dum casebre. Próximo e a Oeste fica a chamada *Fonte do Crasto*. Os penedos têm *fossetes*, e a uns 100 metros a Leste parece verem-se algumas pedras naturais cavadas em forma de pias.

No castro de Lamachã vêem-se vestígios de fôssos, de muralhas dispostas em andares, e de alicerces de casebres circulares e rectangulares. Alguns penedos têm *fossetes*. Próximo e a Noroeste fica o sítio da *Grova*, e ao Sul a *Fonte da Moura*, onde alguns crendeiros têm perdido muito tempo em escavações à procura de riquezas encantadas.

Entre Negrões e Lamachã fica o sítio do *Porto das Antas*.

22. Mourilhe

No aro desta freguesia há um cabeço denominado *Castro*.

Montalegre, Junho de 1914.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

Ceraunias

Tratando de pedras preciosas, menciona Plínio entre elas a *ceraunia* (sc. *gemma*), de que havia várias espécies, mas de que só aqui importa indicar tres: uma de fôrma redonda, e de côr preta, chamada *betulus*, que servia para, pela sua acção, fazer render cidades cercadas, e frotas em combate; outra, de fôrma comprida, e de côr rubra, chamada *ceraunia* propriamente dita (palavra correspondente ao adjectivô grego feminino *κεραυνία*, que deriva de *κεραυνός* «raio»); outra, muito procurada pelos magos dos Partos, que aparecia apenas onde caía raio. Acrescenta o mesmo A. que as duas primeiras tinham aspecto de machadinhas¹.

¹ Vid. *Naturalis Historia*, liv xxxvii, §§ 134-135.

21. Negrões

Nesta freguesia há os castros de Negrões, de Vilarinho e de Lamachã. O de Negrões domina um desfiladeiro, e tinha o recinto fechado por pedras naturais e muralhas, de que ainda há vestígios. Junto e a Leste do castro fica a *Corga dos Mouros*, e ao Norte a *Fonte do Castro*. Nos penedos vêem-se *fossetes*.

O castro de Vilarinho fica num monte escarpado, e dele ainda restam vestígios de muralhas e dos alicerces dum casebre. Próximo e a Oeste fica a chamada *Fonte do Crasto*. Os penedos têm *fossetes*, e a uns 100 metros a Leste parece verem-se algumas pedras naturais cavadas em forma de pias.

No castro de Lamachã vêem-se vestígios de fôssos, de muralhas dispostas em andares, e de alicerces de casebres circulares e rectangulares. Alguns penedos têm *fossetes*. Próximo e a Noroeste fica o sítio da *Grova*, e ao Sul a *Fonte da Moura*, onde alguns crendeiros têm perdido muito tempo em escavações à procura de riquezas encantadas.

Entre Negrões e Lamachã fica o sítio do *Porto das Antas*.

22. Mourilhe

No aro desta freguesia há um cabeço denominado *Castro*.

Montalegre, Junho de 1914.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

Ceraunias

Tratando de pedras preciosas, menciona Plínio entre elas a *ceraunia* (sc. *gemma*), de que havia várias espécies, mas de que só aqui importa indicar tres: uma de fôrma redonda, e de côr preta, chamada *betulus*, que servia para, pela sua acção, fazer render cidades cercadas, e frotas em combate; outra, de fôrma comprida, e de côr rubra, chamada *ceraunia* propriamente dita (palavra correspondente ao adjectivô grego feminino *κεραυνία*, que deriva de *κεραυνός* «raio»); outra, muito procurada pelos magos dos Partos, que apparecia apenas onde caia raio. Acrescenta o mesmo A. que as duas primeiras tinham aspecto de machadinhas¹.

¹ Vid. *Naturalis Historia*, liv xxxvii, §§ 134-135.

Se condensarmos estas informações, podemos assentar que para a imaginação dos antigos, incluindo os Romanos, o raio era uma machadinha de pedra, que gozava de virtudes maravilhosas, superstição muito espalhada no tempo e no espaço, e ainda hoje vivíssima¹.

Já nas *Religiões da Lusitania*, I, 403-404, e II, 107, citei textos antigos (de Suetonio, Solino, Sidonio Apolinar, Claudiano, e S. Isidoro Hispalense), que dão a superstição da pedra de raio como existente na Iberia, e em especial na Lusitania. Esses textos venho commentá-los hoje com documentos ministrados pela Arqueologia nacional, e principalmente com o objecto desenhado na fig. 1, que representa um machado de pedra polida. Como é sabido, as «pedras de raio» actuais, de fôrma de machado ou machada, foram realmente instrumentos prehistóricos (neolíticos), que ficaram no seio ou á superfície da terra, desde tempos imemoriais. E no mesmo caso estão muitas «pedras de raio» antigas, como consta do livro de Blinkenberg, mencionado em nota, e como num trabalho analogo, publicado em 1877, o S.^{or} Émile Cartailhac havia tambem estabelecido.

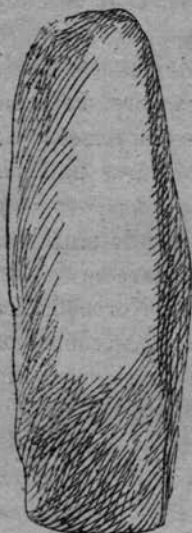


Fig. 1

Ora o machado representado na fig. 1 (tem 0^m,14 de comprimento, o gume muito apurado, e o resto grosseiramente talhado) appareceu, com mais dois, no filão de ferro da mina dos Monges, frêguesia de S. Tiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, — mina explorada na epoca romana². Ha nesta mina galarias estreitas, e em um buraco de uma d'elas estava uma lucerna de barro, do séc. I, que se vê na fig. 2. Pela parte superior ao local em que se encontrou a lucerna encontraram-se, num poço que comunicava com a galaria, qua-

¹ O mais recente trabalho que conheço sobre o assunto é o de Chr. Blinkenberg: *The thunderweapon in religion & folklore*, Cambridge 1911, rico de noticias, e claro. No que toca a Portugal, o A. unicamente lembra alguns poucos factos citados em revistas estrangeiras; tinha outros nas minhas *Tradiç. pop. de Portugal*, Porto 1882, p. 62 sgs., e nos *Ensaio Ethnographicos*, III, 142 (cf. IV, 139).

² Escoural está por *escoiral, palavra derivada da greco-latina scoria, e correspondente à hespanhola *escorial*, que significa «terreno donde se han beneficiado minas de metales; lugar donde se echan las escorias» (Dicc. de la Academia). Em português tambem *escorial* tem a significação de terreno em que apparecem escorias (Bairrada: vid. o *Novo Dic. da ling. portug.* de C. de Figueiredo, s. v.). Deve entender-se que estas escórias são antigas, geralmente provin-

tro anforas grandes, de 1 metro de altura, *plus minus*, terminadas em bico. Infelizmente os dois machados suplementares perderam-se, e as anforas quebraram-se, sumindo-se do mesmo modo os fragmentos. As anforas e a lucerna determinam a epoca da exploração da mina, — epoca romana, segundo se notou. É pois natural supôr que os tres machados estavam na mina com intuitos supersticiosos, isto é, como *ceraunias* ou «pedras de raio». Com que outro intuito estariam lá? Não conserva hoje o povo em casa, por todo o Portugal, e sobretudo na Estremadura e Alentejo, machados de pedra, a que liga grande importancia, pois os julga preservativos contra a trovoadas? «Onde está uma de tais pedras, diz ele, não cai raio».

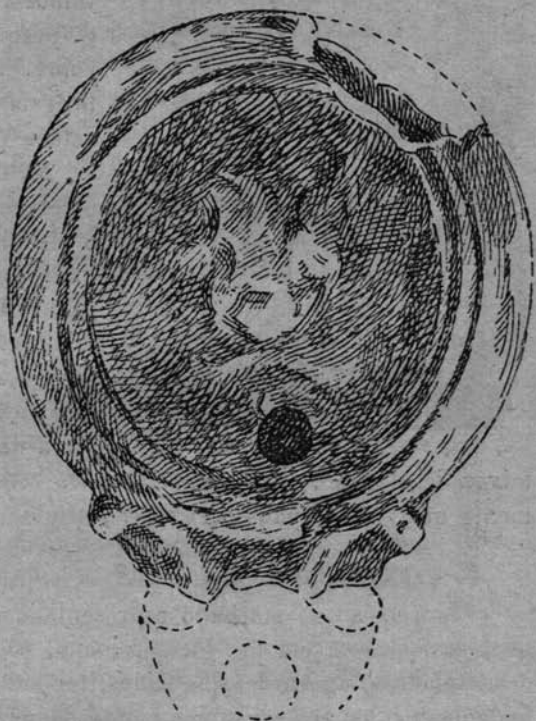


Fig. 2

A hipotese, què acima avengei, de serem *ceraunias* os tres machados de pedra da mina romana de Escoural reforça-se com o terem apparecido outros machados de pedra em minas antigas, posto que eu d'estas não possa determinar a data com tanta precisão como a respeito da primeira. Os novos machados são dois, e vão desenhados nas figs. 3 e 4.

das da epoca romana. No nosso onomastico a palavra *Escoural* apparece mais vezes, e com ela *Escoura*, por **escoira*. Em Hespanha ha um famoso mosteiro, denominado *San Lorenzo de Escorial*, e na Galiza encontram-se localidades que se chamam *Escoira*, *Escoiras*, *Escourello*, *Escoureda*, *Escoirida*. Estas tres últimas, palavras bem como *Escoural* e *Escorial*, tem morphologia analogá ás de *Pedreda*, *Pedrido* e *Pedral*. — Em vez de *Escorial* tambem em hespanhol se escreve *Escorial*. — De significação paralela ás palavras que me estão occupando são no nosso onomastico *Ferreira* e *Ferraria*, que se encontram repetidamente.

O machado desenhado na fig. 3 mede 0^m,115 de alto, é mais apurado, no conjunto, do que o antecedente, e tem o gume um tanto gasto, de haver servido para fricção. Apareceu na mina da Carrasca, lugar das Quatro Freiras, concelho do Sabugal: estava com os entulhos vindos de um poço antigo



Fig. 3

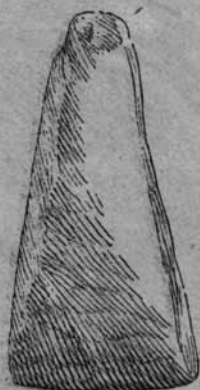


Fig. 4

de pesquisa, sobre um filanete de cobre. Havia mais quatro, que ficaram nas mãos de Antonio Geraudes Vilas-Boas, hoje falecido.

Na fig. 4 temos, como disse, o terceiro e último machado: de 0^m,10 de comprido, polido nas duas faces maiores, um tanto gasto nas laterais, com gume nítido, e extremidade falhada. Apareceu num entulho saído de uma excavação antiga de uma mina da serra da Queiriga (Çátão), mina talvez de estanho, explorada em epoca remota. Aí appareceu igualmente uma pá de pau (carvalho?), que se vê desenhada na fig. 5.

*

Com relação ao machado representado na fig. 1 não ha dúvida que ele appareceu em um local romano, e deve como os seus dois companheiros, agora desaparecidos, ter sido para ali levado por um trabalhador ou trabalhadores romanos ou lusitano-romanos. Com relação aos que se vêem nas figs. 3 e 4, não serei tão afirmativo, porque me faltam objectos claramente romanos que, como a lucerna, possam servir de data (a pá não sei ao certo a que epoca pertence): mas é possível que os trabalhos das minas datem da mesma epoca. Em todo o caso ficamos sabendo que em minas antigas, uma d'elas claramente do sec. I, appareceram nove machados neolíticos, que, segundo todas as probabilidades, foram colocados nelas como «pedras de raio» ou ceraunias. Esta noticia não deixa de ter sua importancia para o conhecimento da vida psiquica de nossos maiores.

Os machados neolíticos são amuletos gerais contra o raio, mas aqui especializaram-se por causa da analogia intima que se julga existir entre raio e mina metálica.

*

Passando agora a considerar factos conexos, pertencentes á Etnographia moderna, lembrarei, que por um lado, o povo diz que «as

minas atraem as trovoadas e por outro, que Santa Barbara, como noutros países catholicos, é advogada contra estas, e *ipso facto* padroeira dos mineiros em geral.

Na fig. 6 que extraio do *Acto* (ou *Auto*) de Santa Barbara, Porto 1790¹, vê-se a Santa pisando raios, ilesa: tem na mão direita o ciborio, que os afugenta, e na esquerda a palma do martirio. De um lado está a torre em que jazeu encerrada, e do outro a sua capela. Aqui achamos nós intima relação entre raios e minas, a qual vem de muito longe, pois diz Justino que nos confins da Lusitania havia um *mons sacer* onde o raio, quando caía, punha ouro a descoberto, que se considerava dadiva do deus local². Santa Barbara cristianiza sem dúvida um mito pagão, como outros muitos santos cristãos. Na Mina de S. Domingos, no concelho de Mertola, até ha uma capela que lhe é dedicada³. Os mineiros festejam a Santa, levando-a em procissão, e dando tiros de pólvora sêca. Em Aljustrel, tambem região mineira, festeja-se Santa Barbara com tiros de dinamite; outr'ora havia igualmente procissão. Os tiros significam simbolicamente trovões, como penso, e são ao mesmo tempo imitações e reminiscencias da scena final da historia da Santa Martir, pois seu pai, que lhe decepou a cabeça, morreu fulminado, por vingança do Ceu⁴.



Fig. 5

Na hierologia de outros povos encontramos cerimoniaes semelhantes, de character dramatico-imitativo. Assim a festa grega, de Dioniso ou Baco era acompanhada de danças executadas sobre odres cheios de vinho⁵. Em Roma, na festa de Diana, havia corridas em que se levavam archotes, por ela ser a deusa nocturna da luz⁶. Nos povos selvagens é vulgar imitar com cantos e danças os gritos e movimentos de certos animais, embora aqui se tenha em mente obter efeitos ma-

¹ Exemplar pertencente ao Museu Etnologico, onde existe outro da ed. de 1787 (Lisboa). O A. do auto é Afonso Alvares (sec. xvi).

² Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 104.

³ O nome da Mina provém do da Serra de S. Domingos em cujo sopé ella fica.

⁴ P.^o Luis Cardoso, *Breve noticia dos Santos*, t. I (1727), p. 22, onde se reporta ao Breviario Romano, dia 4 de Dezembro.

⁵ A. Maury, *Hist. des relig. de la Grèce antique*, II (1857), 188.

⁶ L. Preller, *Römische Mythologie*, 2.^a ed., feita por Reinhold Köhler, Berlin 1865, p. 280, e nota 4.

gicos¹. Na propria Igreja catolica, o que é a celebração das endoenças, na semana santa, senão uma dramatização da paixão de Cristo?



Fig. 6

timio, que se cantam, no concelho de Mertola, a Santa Barbara algumas cantigas, por exemplo:

Ó Senhora Santa-Barbara,
Tenha dó dos barraneiros:
Traballham d'baixo do chão
À luz dos seus candieiros,

onde *barraneiros* significa «mineiros», porque aos tiros que se dão na mina durante o trabalho, e aos tiros de dinamite, em geral, se chama

Tornemos á mina de S. Domingos. Na fig. 7 publico o desenho de uma medalha de níquel que se cunhou em 1904, por ocasião de uma festa excepcionalmente brilhante, ali celebrada em honra do orago da localidade:

Anv: SANCTVS DOMINGOS ORA PRO NOBIS. Igreja de S. Domingos.

Rev: FESTEJOS A S. DOMINGOS—MINA DE S. DOMINGOS. Capela da mesma Mina².

Embora a medalha nada tenha directamente com as ceraunias, publico-a como illustração do assunto.

Pelo mesmo motivo acrescentarei, por último,



¹ Cf.: Frazer, *Le rameau d'or*, I, 20 sgs.; Carolina Stewart, *The origin of the wervolf superstition*, Missouri 1909, p. 9-10.

² Quem delineou a medalha, quis pôr os letreiros em português, mas deixou ir em latim *ora pro nobis*, por isto ser frase liturgica, e muito conhecida do povo, que a declama constantemente na ladainha. Igualmente pôs *Sanctus* por *São*.

barranos ou *barrenos*. Em vez de *barraneiros* também se diz *barreneiros*. Propriamente *barreno* é o buraco que se faz na rocha com a *barrena* ou «broca», mas depois passou a significar «tiro». A origem está em correspondentes palavras hespanholas (*barrena* «broca», *barreno* «orificio feito com a *barrena*», *barrenero* «o que leva *barrenas* aos mineiros»), o que não admira, pois S. Domingos fica perto de Hespanha.

Do que fica dito vê-se mais uma vez que o presente anda com frequência ligado ao passado, e que em geral um ha-de explicar-se pelo outro.



Fig. 7

*

Todos os objectos representados nas figuras pertencem ao Museu Etnologico: os cinco primeiros, por oferta que me fez o S.^{or} Carlos Van Zeller, Engenheiro de minas, que ao mesmo tempo me deu as informações que á descripção d'elles juntei; o sexto por oferta do S.^{or} Augusto de Vargas, de Mertola. A ambos estes illustres Senhores dou aqui público testemunho da minha gratidão.

Os desenhos que serviram para as figuras 1 a 5 e 7, foram feitos pelo S.^{or} Saavedra Machado, Desenhador do mesmo Museu. A figura 7 serviu de base a propria gravura do *Acto*.

J. L. DE V.

Arcos de ferradura

I

Há meses, num improvisado artigo que saíu publicado numa fôlha de Guimarães, não sei qual, mas aqui lhe agradeço a hospitalidade, tam raras vezes concedida a assuntos de arqueologia, e publicado, dizem-me, em grande estado de deformação, chamei para um problema, que se destaca da portada do Capitulo do claustro da Oliveira, a atenção dos poucos interessados. Esse problema tem, na construção românica dessa portada, a razão dos arcos de ferradura

barranos ou *barrenos*. Em vez de *barraneiros* também se diz *barreneiros*. Propriamente *barreno* é o buraco que se faz na rocha com a *barrena* ou «broca», mas depois passou a significar «tiro». A origem está em correspondentes palavras hespanholas (*barrena* «broca», *barreno* «orificio feito com a *barrena*», *barrenero* «o que leva *barrenas* aos mineiros»), o que não admira, pois S. Domingos fica perto de Hespanha.

Do que fica dito vê-se mais uma vez que o presente anda com frequência ligado ao passado, e que em geral um ha-de explicar-se pelo outro.



Fig. 7

*

Todos os objectos representados nas figuras pertencem ao Museu Etnologico: os cinco primeiros, por oferta que me fez o S.^{or} Carlos Van Zeller, Engenheiro de minas, que ao mesmo tempo me deu as informações que á descripção d'elles juntei; o sexto por oferta do S.^{or} Augusto de Vargas, de Mertola. A ambos estes illustres Senhores dou aqui público testemunho da minha gratidão.

Os desenhos que serviram para as figuras 1 a 5 e 7, foram feitos pelo S.^{or} Saavedra Machado, Desenhador do mesmo Museu. A figura 7 serviu de base a propria gravura do *Acto*.

J. L. DE V.

Arcos de ferradura

I

Há meses, num improvisado artigo que saíu publicado numa fôlha de Guimarães, não sei qual, mas aqui lhe agradeço a hospitalidade, tam raras vezes concedida a assuntos de arqueologia, e publicado, dizem-me, em grande estado de deformação, chamei para um problema, que se destaca da portada do Capitulo do claustro da Oliveira, a atenção dos poucos interessados. Esse problema tem, na construção românica dessa portada, a razão dos arcos de ferradura

que avultam, entre outros pormenores menos comuns. No citado artigo exclui a hipotética solução de Walter Crum Watson de «an uns-killed attempt at stiling» —uma inábil tentativa de alteamento—, por melhor preparado do que o autor inglês, que, todavia, à data da publicação de *Portuguese Architecture*, devia, conhecer os exemplos de Germigny-les-Prés, ou melhor os de Fontgombaud e da cripta de Göllingen, não menos estranhos que o da Oliveira, melhor preparado, no entanto, por factos do meu país, a pensar com mais largueza de vistas, não posso patrocinar tam infundado subterfúgio. Como toda a técnica dos arcos se opõe a tal consideração, hesitei entre as hipóteses duma tradição visigoda ou mosárabe, na absoluta certeza duma delas. Invoquei mesmo a frente do presbitério de Lourosa, que supus concluída nas iguais condições históricas do séc. XII, pondo a janela da Oliveira a par do ajimez da igreja beirã, e, se o meu juízo a tal respeito fica temporariamente suspenso, outros argumentos, tirados da natureza e proporções dos arcos, me não faltam.

O arco da porta do Capítulo da Oliveira mede de vão $1^m,660$, de flecha $1^m,040$, de raio $0^m,870$, e o seu alteamento acima da linha das impostas é de $0^m,170$, um quinto do raio. A sua curva não é rigorosamente circular; a chave, que deve ter baixado milímetros, devia exceder também de alguns milímetros a altura marcada no raio médio de $0^m,835$, mas foi circular nas tendências e processos de construção. A convergência das pedras é feita a pontos da flecha e não ao meio da linha das impostas. Esta observação serve também para os dois arcos da janela. Também estes têm chave. Medem $0^m,535$ de vão, $0^m,443$ e $0^m,460$ de flecha, com, respectivamente, $0^m,298$ e $0^m,305$ de raio, e, portanto, um terço de alteamento. Nota-se que os arcos da janela e o da porta, comparados, excedem o semi-círculo na razão inversa do tamanho, como os visigóticos ou constantinianos da Ponte de Pinos, em Granada (vide Gomez-Moreno, «Excursión através el arco de herradura» in *La Cultura Española*, 1906, n.º III, Agosto, pág. 800). Demais, as suas proporções e técnica são godas e não mouriscas.

É pois uma tradição goda que eu reconheço aqui, como sempre estive inclinado a crê-lo. Como garantia única aos que quiserem ver antes a tradição mosárabica, deixo as arquivoltas envolventes que esbulharam da importância aparente as curvas de extra-dorso, com o cuidado insano de as transformarem em alfizes, o que é muito difícil e pouco proveitoso. Já tirei da história do duplo mosteiro e posterior colegiada a hipótese explicativa, tam lógica e possível, duma construção anterior, guarda da tradição artística que invoco. Até a

própria colocação do Claustro que Watson nota, sem conseqüências porém, me serviu. Como falo ao interesse dos esclarecidos, a minha missão aqui terminou, e, indo, no desejo de resolver o grande problema de arte peninsular, continuar a minha peregrinação por este originalíssimo campo da nossa arte — o mais original de certo — espero à gloriosa colegiada, ainda não despida por completo do seu véu de mistério, no interesse de outros a finalidade do amor estético que lhe tenho.

Pôrto, 2 de Abril de 1917.

II

No caso do claustro da Oliveira, estão talvez a igreja do mosteiro de Travanca, estudada na *Arte*, revista portuense,¹ pelo Sr. Joaquim de Vasconcelos, sem indicação, porém, dos pormenores de que carece para a determinação dos seus arcos ultra-semicirculares as de Castrón e Socueva, na Galisa e a de S. Juan de la Peña em Huesca (Lamperez y Romea—*Historia de l'arquitectura cristiana española en la Edad Media*, p. 258). As igrejas galegas foram apontadas pelo Sr. Lopez Ferreiro em obras que desconheço e Lamperez cita, *ibidem*, p. 256. Estão por estudar. A de Huesca é românica; os seus arcos de ferradura são restos de uma construção do sec. IX. A comparação de um dos ditos arcos (da entrada do claustro) com os da Oliveira é muito sugestiva. Este é mais altiado que os nossos e, portanto, a disposição das juntas tende mais a radial. O Sr. D. Vicente Lamperez julga que a forma radial é própria da arquitectura mosárabe, chamando assim a toda a arte de construir que não é asturiana nem visigoda, donde eu, não obstante a autoridade incontestável do sábio espanhol, distingui a corrente de tradição neo-goda entre os mosárabes (caso da Oliveira). Julgo eu poder formular que a disposição radial das pedras dum arco é tanto mais definida quanto a ultra-semicircularidade é maior. Isto é a confirmação do acôrdo entre os arcos visigodos e os da Oliveira. O Sr. Lamperez parece não ver isto ao passo que deixa correr as influências mouriscas a par da tradição goda, para cimentar nas bases históricas dos mosárabes uma afirmação de tam flagrante inconsistência que até a existência de um *folk-lore* mosárabe ao lado da tradição cristã vem abalar, parecendo apoiá-la. Provém ela dos levíssimos, mas quasi constantes desvios dos prismas científicos do ilustre arqueólogo, que fácilmente desafiam a análise lógica, mas muito embaraçam o estudo, não tendo

¹ Janeiro de 1908 sgs.

em consideração as proporções e a técnica, para ver tudo à luz baça de uma história que nem tudo descobre. Eu persisto em atribuir às proporções e à técnica toda a sua importância. Só assim se cria arqueologia científica. E, com efeito, a diferença de proporções entre os arcos de Nossa Senhora da Oliveira e de S. Juan de la Peña produzidos quasi nas mesmas condições históricas, não nos deixam outro caminho a seguir.

Coimbra, 14 de Abril de 1917.

III

Poderia acrescentar muito a lista dos monumentos românicos que, além dos preromânicos, possuem a curva ultra-semicircular no alçado, mas só espero tirar proveito dos pormenores desse inventário quando a questão técnica não corra perigo de ser desvirtuada pelas refrações dos meios histórico e geográfico. Depois do artigo publicado no número de Julho deste ano na revista conimbrigense. *O Instituto*, sob o título de «Uma circunstância modificadora das proporções da curva ultra-semicircular», a minha intervenção neste estudo tomou uma orientação muito mais exclusiva do que a mais eclética corrente de opiniões em que a cultura de Guimarães se terá permitido acompanhar-me. Mas, como tenho ainda com ela compromissos tomados, que a especialização da minha actividade não de todo dispersa me não impede de cumprir, tenho de antecipar ideias que deviam ter já tomado lugar próprio, se as contrariedades não vencessem. Nesse número de *O Instituto*, pp. 1 a 4, aproximei, sob o ponto de vista de uma tendência que já tinha reconhecido na Oliveira, as proporções dos arcos da Ponte de Pinos (Granada) os pequenos arcos do interior da ábside de Fonte-Arcada (Póvoa de Lanhoso) e interpretei, à luz dessa relação, o problema iniciado em Lourosa, renunciando à hipótese da gestação românica do ajimez. Considerei visigoda a corrente artística que presidiu à formação de todos os arcos ultra-semicirculares do território português, incluindo os mesmos de Travanca. Era esta já a minha opinião, formulada no segundo artigo desta série sob uma reserva, no entanto, que as falsas bases do critério oposto não mereciam. Será fácil tarefa despreocupar a opinião pública do efeito das invenções do Sr. Joaquim de Vasconcelos que faziam consistir no segredo dos seus desenhos a chave das proporções mosárabes dos arcos de Travanca.

No número da *Arte*, de Janeiro de 1908, em nota ao primeiro artigo sobre Travanca, o Sr. Vasconcelos quer obstinadamente inscrever um triângulo quasi equilátero (não conhecemos o direito dos

quásis em arqueologia), a base a coincidir com o vão, nos arcos mitrados de Travanca! Contra isso, isto:

Vão de um arco toral de Travanca 4^m,22

Flecha do mesmo arco 2^m,95

Alteamento, portanto, um terço, nada mais.

Vão de um arco «formero» 2^m,28, flecha 1^m,46.

Alteamento, o mesmo.

Os arcos de Travanca não apresentam dessemelhanças sensíveis entre si. Os arcos cuja rigorosa medição fica, são do segundo tramo da igreja duriense. E que pode valer a forma quebrada desses arcos, no fecho, como outros, visigodos, se encontram quebrados na linha diametral? É o que tentaremos fazer sentir no artigo próximo, não com tanta facilidade como evidência.

S. Tomé de Caldelas, 31 de Agosto de 1917.

IV

O Sr. D. José Pessanha, ampliando arbitrariamente uma citação que faz do livro clássico do Sr. Lamperez, chegou a atribuir à natureza monocêntrica dos arcos da igreja de Lourousa um critério de cronologia mosárabe¹. Mas esse escritor não devia ignorar e talvez nem ignore que os arcos policêntricos e os monocêntricos ligados aos pontos de nascença por meio de curvas de sentimento são grande minoria ao lado dos arcos ultra-semicirculares visigodos. Ora os poucos arcos daquela natureza mantem a importância estrutural da flecha como centro de irradiação linear, e em regra, mesmo esteriótômica, se pois pensarmos bem na sua gestação e sobretudo na finalidade muito restrita desses arcos, havemos de encontrar para essa invenção uma única e mera razão ornamental. Que diremos, então, de arcos cujas tendências ultra-semicirculares não são contrabalançadas por um incremento certo dado à linha diametral? O que nos levaria a individualizar os arcos da igreja de Travanca, para fora do seu significado ornamental? Assiste-nos, a meu ver, o direito de os tratarmos como ultra-semicirculares, a dentro do lugar que lhes dão as suas proporções. Estão pois, lançadas as bases de uma investigação do máximo interesse. Tenhamos, sobretudo, ao lado de uma grande ponderação, um minucioso critério. E, já agora, para concluir, vou tentar desembaraçar-me de dois arcos afectando levemente a forma de ferradura sem a precisarem, o que me leva,

¹ Terra Portuguêsa, III, pag. 53.

desta vez, à opinião paralela à que combati a Walter Watson, para a Oliveira. De facto, ao passo que os arcos da porta do Capítulo são de todo o carácter, como o provei, eu considero os dois da porta principal e da parte interna da lateral do sul da igreja de S. Romão de Arões (figs. 1 a 4)¹ tentativas inábeis de alçado, resultando em alteamento, apesar do muito que tenho a dizer do precioso monumento das cercanias de Fafe². A lenda que corre nas páginas da *Arte românica*³ acêrca do «mudejarismo» do arco da igreja de Meinedo (Penafiel), desfaz-se à simples vista, *in loco*, de um arco sem outros caracteres que a forma ogivada, que não desce nada abaixo da linha da arquivolta exterior, românica, a que os vãos de todas as linhas reintrantes do portal correm paralelos⁴.

S. Tomé de Caldelas, 6 de Setembro de 1917.

Conclusão

Em 1908, como dissemos, observou pela primeira vez, na *Arte, reprodução das obras de arte*, revista portuense do Sr. Marques Abreu, com a superficialidade necessária quasi no ano em que havia ainda de sair a obra de Lamperez e por uma falta, se o foi, sem precedentes na carreira exemplar do Sr. Joaquim de Vasconcelos, observou sua Ex.^a, ainda mal, o particular dos arcos de Travanca. Que o eminente arqueólogo ou eu, a quem de direito cumpria, não tivéssemos tentado reconstituir os arcos de Balsemão, é isso, pelo menos no meu caso, uma questão para ulteriores debates ainda que o público se dê por convencido da infrutuosidade de qualquer possível tentativa. Em 1912, o Sr. Dr. Vergílio Correia citou pela vez primeira, sem aplicação que só mais tarde lhe dei, sciência espanhola⁵. Desde o primeiro número da *Terra Portuguesa*, o Sr. D. José Pessanha entrou na questão e eu depois, como as datas destes pequenos

¹ Segundo fotografias de Domingos Ruas da Silva.

² Disse efectivamente no número único publicado do meu *Allegro vivace*, pp. 17 a 21, Pôrto 1917.

³ Pp. 53 e 54, das reproduções.

⁴ Ver a demonstração numérica da minha asserção em «Uma semana românica» monografia 3. — A igreja de Serzedêlo, nota 1 [no original], publicada neste volume [se por ventura não deixar de o ser], n.º , p. .

⁵ A igreja de Lourosa da Serra da Estrela, Lisboa 1912, p. 12. Ficou-me da primeira leitura dêste opúsculo a falsa impressão de que o Sr. Vergílio Correia tinha exposto a teoria das proporções de alteamento e já em qualquer parte lhe attribui erradamente essa prioridade. S. Ex.^a cita, no entanto a obra de Lamperez onde o assunto é ponto basilar. Resolvo portanto o engano, apresentando as minhas desculpas a quem delas se julgar credor.

artigos demonstram, com a boa vontade de deixar S. Ex.^a terminar antes de pronunciar-me, intento aliás frustrado, porque irrisório seria após uma demora igual.

Vem até muito tarde a conclusão do meu humilde trabalho, que deveu ser felizmente irreductível para pungir questões de prioridade. Quási nada aceitei; a hipótese da quebradura ornamental dos arcos devo no emtanto, tal qual vai, restituí-la ao Sr. Joaquim de Vasconcelos. Creio também não ter dado, através quatro meses de operosa expectativa em que estes artigos me caíam das mãos, grande medida de dispersão nem a minha consciência de defesa acusa lacunas. Fui breve e, por mais que digam, o mais impessoal possível. Muitos verão nestas páginas ¿que sei eu? descortezia em suma. Não..., e firo a nota com a tranquilidade que me dá a consciência ainda! o que aqui podem ver-se são impassíveis machadadas de quem abre caminho à verdade em Portugal. Ai vão afirmações despretenciosas. E que valeria a pretensão. As ideas são de todos.¿... o homem passa; a obra fica? se não absurda, essa immortalidade era ainda falaz.

Coimbra, 21 de Maio de 1918.

EDMUNDO ARMÉNIO CORREIA LOPES.

Nota.—Os *Arcos de ferradura*, I e II, foram muito espaçadamente publicados nos *Ecos de Guimarães* (8 de Abril e 2 de Setembro de 1917), Os outros dois (ver *Allegro vivace* p. 20, nota 5) que se lhes seguem, bem me custaram a revindicar, inéditos mesmo. Eis uma das causas da demora da publicação e a outra idea em que estive de os dar à *Revista de Guimarães*.

C. L.

Estudos sobre a epoca do ferro em Portugal

À semelhança do que fiz com a epoca do bronze (vid. *Arch. Port.*, XI, 179–180), inauguro aqui uma secção destinada a conter estudos, ou simples notas, respeitantes á epoca do ferro, que, como é sabido, se subdivide em dois periodos, de Halstatt, e de La Tène.

I

Objectos do Museu Arqueologico de Faro

(Desenhos de Saavedra Machado)

Referi-me n-*O Arch.*, XXIII, 111, a alguns objectos da epoca do ferro possuidos pelo Museu de Faro, e d'eles prometi falar depois.

artigos demonstram, com a boa vontade de deixar S. Ex.^a terminar antes de pronunciar-me, intento aliás frustrado, porque irrisório seria após uma demora igual.

Vem até muito tarde a conclusão do meu humilde trabalho, que deveu ser felizmente irreductível para pungir questões de prioridade. Quási nada aceitei; a hipótese da quebradura ornamental dos arcos devo no emtanto, tal qual vai, restituí-la ao Sr. Joaquim de Vasconcelos. Creio também não ter dado, através quatro meses de operosa expectativa em que estes artigos me caíam das mãos, grande medida de dispersão nem a minha consciência de defesa acusa lacunas. Fui breve e, por mais que digam, o mais impessoal possível. Muitos verão nestas páginas ¿que sei eu? descortezia em suma. Não..., e firo a nota com a tranquilidade que me dá a consciência ainda! o que aqui podem ver-se são impassíveis machadadas de quem abre caminho à verdade em Portugal. Ai vão afirmações despretenciosas. E que valeria a pretensão. As ideas são de todos.¿... o homem passa; a obra fica? se não absurda, essa immortalidade era ainda falaz.

Coimbra, 21 de Maio de 1918.

EDMUNDO ARMÉNIO CORREIA LOPES.

Nota.—Os *Arcos de ferradura*, I e II, foram muito espaçadamente publicados nos *Ecos de Guimarães* (8 de Abril e 2 de Setembro de 1917), Os outros dois (ver *Allegro vivace* p. 20, nota 5) que se lhes seguem, bem me custaram a revindicar, inéditos mesmo. Eis uma das causas da demora da publicação e a outra idea em que estive de os dar à *Revista de Guimarães*.

C. L.

Estudos sobre a epoca do ferro em Portugal

À semelhança do que fiz com a epoca do bronze (vid. *Arch. Port.*, XI, 179–180), inauguro aqui uma secção destinada a conter estudos, ou simples notas, respeitantes á epoca do ferro, que, como é sabido, se subdivide em dois periodos, de Halstatt, e de La Tène.

I

Objectos do Museu Arqueologico de Faro

(Desenhos de Saavedra Machado)

Referi-me n-*O Arch.*, XXIII, 111, a alguns objectos da epoca do ferro possuidos pelo Museu de Faro, e d'eles prometi falar depois.

Cumpro agora a promessa, e reuno os objectos em dois grupos: espolio funerario dos arredores da Lagôa; e espetos de bronze.

a) ESPOLIO FUNERARIO DOS ARREDORES DA LAGOA:

Este espolio, já dado como da epoca do ferro por Monsenhor Bôto, *Glossario critico do Museu*, Faro 1889, p. 28, consta dos seguintes objectos:

—Xorca de bronze, de 0^m,10 de diametro, e de secção circular: tem enfiados doze pendentes ornamentais de fôrma de chouriço. Vid. fig. 1^a.

—Outra xorca de bronze, de 0^m,055 de diametro, a qual representa uma cobra de duas cabeças, que se aproximam uma da outra. Vid. fig. 2. Nas *Religiões da Lusitania*, III, 501, publiquei um bracelete analogo a este, senão que contém quatro cabeças. Cf. tambem sobre o assunto: Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II-3, p. 1217, § 10, e nota 3; W. Deonna, «Les croyances relig. et superst.» in *Bulletin de l'Institut Nat. Genév.*, XLII (1917), p. 239 sgs.; e *O Arch. Port.* XXIII, 218, e nota 2 (onde cito outras obras).

—Contas vitreas pretas, oculadas de massa branca, semelhantes ás de que falei no meu livro *De Campolide a Melrose*, pp. 23 e 134. Vid. fig. 3.

¹ E não «onze» como por equívoco diz Bôto, *loc. cit.* (Ao que eu aqui chamo *chouriço* chama o referido autor *sanguessuga*). Da existencia d'estes chouriços na xorca vê-se que não deve ter-se por «arrecada» um aparecido em Santa Olaia (2.^o periodo do ferro), como fez Santos Rocha na *Portugalia*, II, 328 (cf. est. xxx, 50), equívoco em que era facil cair, perante um objecto avulso. No Museu Etnologico ha dois chouriços iguais, um que appareceu em Mertola, e me foi dado pelo S.^o João Manoel da Costa, outro que obtive em Condeixa-a-Velha em 1917. Além do que se disse acima, o pendente de Condeixa está muito fechado, para que pudesse ter servido de arrecada. Os pendentes de Condeixa e de Mertola é possivel que apparecessem em sedimentos pre-romanos, propriamente nas ruinas de *Conimbriga* e *Myrtilis*; se appareceram em sedimentos romanos, devem porém ter provindo da época do ferro, como se vê da comparação com os de Santa Olaia e Lagôa. Para illustração do assunto, publico os pendentes de Mertola e Condeixa nas duas figuras adjuntas (figs. a e b). Ultimamente (Novembro de 1917) veio do castro de Cendufe (Alto-Minho) um chouricinho igual, tambem de bronze, trazido para o Museu pelo D.^o Felix Alves Pereira. D'este castro é o tronco de estatua lusitanica publicado n-*O Arch. Port.*, XIII, 202, pelo mesmo illustre investigador.—Tudo isto concorda cronologicamente entre si.



Fig. a



Fig. b



—Contas de vidro azul, umas globulares, outras achatadas, e todas elas irizadas. Vid. fig. 4.

—Contas de vidro amarelado, côr de ambar, achatadas. Vid. fig. 5.

O resto de que fala Bôto, já não existe.

b) ESPÊTOS DE BRONZE:

—O espêto que se representa na fig. 6, tem 1^m,05 de comprimento, é de secção quadrangular, e vai estreitando para a ponta. O cabo, elegantemente talhado, termina em cima por uma expansão da extremidade do espêto, e fica delimitado em baixo por duas aselhas: ha nele breve ornamentação, constante de círculozinhos postos num espaço compreendido entre grupos de linhas paralelas. Apareceu no Cabo de S. Vicente. Cf. Bôto, *Glossario*, p. 30.

—Outro espêto, fig. 7, de 1^m,03 de comprimento. O cabo na sua parte superior é ornamentado por uma linha de SS. Junto da aselha ha tres séries verticais da mesma figura, em linhas paralelas, tanto de um lado como do outro. Cf. Bôto, *ob. cit.*, p. 51. Este espêto foi oferecido ao Museu de Faro por El-Rei D. Carlos; d'ele fala Estacio da Veiga nas *Antiquid. mon. do Alg.*, t. iv, est. xxv, n.º 8.

Os objectos que hoje se têm por espêtos¹ eram outrora considerados como armas da idade do bronze (espadas, estoques).

II

Espêtos de bronze do Museu Etnologico Português

(Desenhos de Saavedra Machado)

No Museu Etnologico ha, como digo na respectiva *Historia*, p. 189, tres espêtos de bronze: de Alguber, de Figueiros, e de Beja. O último, que pertenceu ao Dr. Teixeira de Aragão, em cujo espolio o comprei, foi já mencionado e figurado por Estacio da Veiga nas *Antiquid. mon. do Algarve*, t. iv, p. 208, e est. xxv, n.º 9; os dois restantes estão inéditos, e d'elles vou aqui falar.

O espêto que se representa na fig. 8 tem 1^m,05 de comprimento e secção rectangular. Vai estreitando para a ponta. O cabo, com uma expansão central, fica delimitado da parte de fóra por uma especie de concha bivalva, e da outra parte por duas aselhas: nisto

¹ Vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, t. II, -2, p. 798 sgs., e t. II-3, p. 1412 sgs.; eundem, *Les origines de la drachme et de l'obole*, Paris 1911; e cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 189, e nota 3, e *O Arch. Port.*, xx, 13 e nota (Alves Pereira).

se assemelha a um dos do Algarve, já descritos. Como este, tem também uma ornamentação simples, mas diversa: consta de linhas cruzadas, de fôrma de x , postas entre faixas de linhas paralelas. A ornamentação é nas duas faces, embora numa esteja mais apagada que na outra. Apareceu na Serra de Todo o Mundo, ou de Alguber, concelho do Cadaval, e foi-me oferecido, particularmente a mim, pelo Sr. José Maria Fogaça, já ha anos.

O objecto que se representa na fig. 9 tem 0^m,825 de comprido, e secção quadrangular. Estreita para a ponta. O aspecto geral é analogo ao do espêto antecedente, porém o objecto está desprovido de ornamentação. Apareceu na referida Serra de Todo o Mundo, vizinhanças de Figueiros, concelho de Cadaval. Foi obtido pela Direcção dos Trabalhos Geologicos, que o enviou para o Museu Etnologico.

Nas figs. 10 e 11 representam-se duas hastes aguçadas, uma de 0^m,155 de comprido, e outra de 0^m,102, ambas de secção quadrangular. Fizeram evidentemente parte de espêtos, cada uma de seu. A primeira era maior quando appareceu, mas quebraram-na. Ambas foram achadas ao pé do Painho, também no Cadaval, e pertencem-me.

Os lugares de Alguber, Figueiros e Painho são vizinhos uns dos outros: por isso os quatro objectos que descrevi acima provêm, pôde dizer-se, de uma unica localidade: cf. *Historia do Museu Etnologico*, p. 189. O concelho do Cadaval abunda de objectos da idade da pedra e do bronze, apparecidos a cada passo, sobretudo os da primeira especie. Objectos da idade do ferro, à parte os de Pragança, é que têm apparecido pouco.

III

Jóias da prata do Museu de Castelo Branco

(Desenhos de Sales Viana)

No Museu de Castelo Branco ha uma bela collecção de jóias de prata, —xorcas e fibulas—, apparecidas num esconderijo ao pé das muralhas de Monsanto da Beira. Aqui as vou publicar, mercê de desenhos feitos em 1916, expressamente, e a meu pedido, pelo S.^{or} Sales Viana, Professor do Liceu da mesma cidade. O escrúpulo que tive de dar a lume estes objectos, quando n-*O Arch. Port.*, xxii, 297, falei do Museu albicastrense, cessou com o falecimento de Tavares de Proença Junior, que os havia coligido, e os tencionava estudar.

Acompanharei de algumas palavras os desenhos, e dividirei o meu artigo em duas secções, correspondentes aos dois grupos de jóias. No fim farei algumas considerações gerais.

I. XORCAS.

As xorcas que vi, são em número de oito, mas quatro são muito semelhantes, por isso só figuro cinco.

Xorca 1.^a—Formada de cordões, uns lisos, outros torcidos. Em dois dos lisos foram cinzeladas, na parte média, umas figuras que vão desenhadas em separado: uma tem aspecto de folha; outra consta de dois triangulos ligados pelas bases e terminados em circulozinhos. Vid. fig. 12.^a (No centro vão as figuras supplementares).—Analogas a esta xorca ha mais tres.

Xorca 2.^a—Xorca lisa: vai adelgaçando para os dois extremos, que terminavam em argola (falta uma). Secção circular. Na parte mais grossa applicaram-se dois cordões, tambem de prata, achatados e dispostos, como ziguezague, entre tres faxas, cada uma d'elas de quatro estrias. Parte do cordão e parte d'uma das faxas faltam. Vid. fig. 13.^a (No centro especifica-se o pormenor do cordão suplementar, e fóra, ao lado, figura-se a argola que resta de um dos topos).

Xorca 3.^a—Fita pouco espessa, que se dobrou, formando uma xorca aberta, fig. 14.^a: na extremidade ha exteriormente um desenho, que se pormenoriza na fig. 15.^a (extremidade da xorca rectificada).

Xorca 4.^a—Lisa e chata, aberta como a anterior. Fig. 16.^a.

Xorca 5.^a—Haste dobrada, para se adaptar ao punho. Tem em parte secção circular, em parte secção octogonal. Adelgaça do meio para as extremidades, que terminam em argolas; na parte central é ornada de pontos, dispostos em series paralelas sobre a parte oitavada.—Fig. 17.^a

Todas as figuras são menores que o tamanho natural.

II. FIBULAS.

Tenho desenhos de quatro fibulas de prata.

Fibula 1.^a—Bastante complicada, e de diffi descripção. A cabeça da fibula é formada por uma haste horizontal, em cada uma de cujas extremidades se levanta um pescoço de cavalo, voltado para fóra. A haste encaixa numa dobra do arco, em que ha vestigios de ferro, e apresenta adiante uma cabeça de boi, com restos de douradura. No dorso do arco está prêsa por um prego de prata uma especie de ponte em que se levantam duas hastes terminadas em protuberancias (uma das hastes termina em cinco, a outra em seis), hastes que representarão plantas, ou figuras muito estilizadas. O pé da fibula termina em cabeça de animal, de cujo meio se ergue outra cabeça estilizada. A cabeça de animal, ou extremidade do pé da fibula, fixa-se por um prego de prata (com vestigios de douradura) á cauda de um quadru-

pede que vai encostar-se ás duas protuberancias que estão sobre a ponte. Outros pregos da mesma substancia se vêem por baixo da ponte, segurando as hastes ou figuras. — Houve desejo de reunir aqui muitos animais. — Vid. fig. 18 (parte anterior da fibula), e fig. 19 (a fibula vista de lado, no seu conjunto).

No Museu ha varios fragmentos soltos de fibulas analogas.

Fibula 2.^a e 3.^a — Em cada uma d'elas a cabeça dobra-se, fórma um olhal por onde passa uma travessa terminada de cada lado em botão, na qual devia enrolar-se espiralmente um fio que falta, bem como falta o fusilhão. O pé tem uma goteira para descanso do fusilhão; segue-se ao pé um apendice artistico, de fórma de roca de fiar, mais apurado na fibula 3.^a que na 2.^a Este apendice, na fibula 2.^a, toca o dorso do arco, como no tipo classico de La Tène I. — Vid. figs. 20 e 21.

Fibula 4.^a — De charneira. Na cabeça ha uma haste horizontal, onde se prendia o fusilhão, de que só resta parte da cabeça, de ferro. O sistema de ligação do fusilhão com a cabeça da fibula é de charneira, mas o fusilhão falta; só ha vestigios de ferro no ponto de junção. O apendice do pé volta-se, e vem agarrar-se ao arco, junto da cabeça, por duas expansões laterais (como garras); é cinzelado longitudinalmente. O descanso do alfinete está partido. — Vid. fig. 22 (fibula vista de lado) e fig. 23 (fibula vista de dorso).

CONSIDERAÇÕES GERAIS ACERCA DAS JOIAS PRECEDENTES:

A xorca n.º 1 (fig. 12) é semelhante, no aspecto geral, a outras de prata, achadas com denarios da Republica romana na frêguesia de Monforte da Beira, concelho de Castelo-Branco, e ora existentes no Museu Etnologico, onde têm os seguintes numeros no inventario especial: 105* a 108*. A xorca n.º 108* foi já publicada na *Historia do Museu*, p. 369, porém na explicação, p. 368, disse-se por engano que ela apparecera no concelho da Idanha. Com elas confronte-se a fig. 5, est. VII, entre pp. 240 e 241, de *L'Art et l'Industrie* de P. Paris, que a considera iberica, pp. 246-247. No Museu Etnologico ha outra de prata, e um fragmento, aparentados com as de Monsanto e de Monforte, embora apparecidos em Vila Velha de Ródão; e ha do mesmo modo uma de ouro, igualmente de Monforte (N.º 42*), comparavel ao n.º 4 da citada estampa de P. Paris.

Para a xorca n.º 2 (fig. 13) não me occorrem termos de comparação.

A xorca n.º 3 (fig. 14 e 15), no seu conjunto, é comparavel a uma de bronze de Alcacer do Sal, ora no Museu Etnologico, tam-

bem ornamentada de faxas, mas com outros desenhos que diferem dos d'aquela.—Esta necropole existia já no sec. IV—III a. C., mas continuou a existir até depois d'esta data¹.

A ornamentação da xorca n.º 4 (fig. 16) é semelhante, em parte, à da xorca n.º 3 (fig. 14 e 15); mas termina de cada lado em uma especie de franja formada de angulos em cujos vertices ha circulo-zinhos.

A xorca n.º 5 (fig. 17) lembra, no modo de torsão, uma de Tras-os-Montes, publicada n-*O Arch.* xv, 85 sgs. por Henrique Botelho (ora no Museu Etnologico), tambem de prata, apparecida com denarios que datam quasi todos do tempo da Republica Romana.

As comparações que tenho feito ajudam a determinar a epoca das xorcas.

*

As fibulas relacionam-se tipologicamente com familias de fibulas ibericas muito conhecidas dos archeologos². Importa porém notar algumas particularidades. Em primeiro lugar o serem de prata; nenhuma das outras de Portugal o é. Em verdade, no Museu Etnologico ha uma fibula de prata, já descrita n-*O Arch. Port.*, xi, 1 sgs., por J. Fortes, mas é de origem romana. De Hespanha só agora me ocorre uma³. Em segundo lugar não conheço entre as fibulas ibericas nenhuma perfeitamente igual à 1.^a, posto que na Hespanha as haja com desenhos de cavalos e de cavaleiros: além d'isso é a primeira vez que se cita, me parece, uma fibula zoomorfica apparecida em Portugal. As fibulas ibericas do tipo de cavalo, ou do cavalo & cavaleiro, têm por modelo fibulas italicas semelhantes, introduzidas por comércio⁴. Com quanto estes modelos possam ascender ao sec. IV—V a. C.⁵, o tipo que resultou d'elas continuou até tarde, até depois da era cristã, isto é, até pelo menos, o seculo IV⁶.

As fibulas 2.^a e 3.^a, no corpo e no appendice, assemelham-se a algumas das que Fortes, no seu consciencioso estudo, chama do *tipo*

¹ Vid *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 181—188.

² Vid.: Cartailiac, *Les âges préhist.*, pp. 277, 299; P. Paris, *L'Art et l'industrie*, II, 264 sgs.; Fortes, «As fibulas do Noroeste da Peninsula (Iberica)», in *Portugalia*, II, 16 sgs.; Déchelette, *Sur la Chronolog. préhist. de la Penins. ibérique*, 1909, pp. 62—64; eundem, *Manuel d'Arch.*, II—2, pp. 685 e 854; W. Deonna, «Les croyances relig. et superst.» in *Bullet. de l'Institut. Nat. Genevois*, XIII, 277.

³ Vid. R. Lantier, *El santuario ibérico de Castellar*, Madrid 1917, p. 109.

⁴ Déchelette, *Chronologie*, pp. 63—64, e *Manuel*, II—2, p. 855.

⁵ Déchelette, *locis citatis*.

⁶ Deonna, p. 277, cita uma d'esse seculo, publicada anteriormente por Besson

de *Sabroso*, mas diferenciam-se na terminação do arco, que, em vez de se transformar, como aquelas, em mola espiraliforme, se transforma em uma argola, onde passa um travessão, como na fibula de Santa Luzia, figurada por mim n-*O Arch.*, VIII, 19, e reproduzida por Fortes e Déchelette. Análoga a elas é, igualmente com argola, uma de Pragança que figurei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 365¹. Déchelette inclue no 1.º periodo do ferro, ou de Halstatt, a fibula de Santa Luzia, e outras de aspecto semelhante²: por tanto tambem ao mesmo periodo pertenceriam a 2.ª e 3.ª de Monsanto; contudo a 4.ª é bem semelhante, pela volta do pé, e contacto com o arco, às de La Tène I ou II. Na fibula 1.ª tambem a extremidade do pé atinge o arco: esta fibula poderá considerar-se de transição do 1.º periodo do ferro, ou de Halstatt, para o 2.º, ou de La Tène, a não a considerarmos antes como de La Tène especial. Assim como nela um dos elementos está fixo com um prego, assim tambem, embora noutras circunstancias, se fez intervir outro prego na fibula 17.ª de José Fortes (loc. cit., p. 20): notò a coincidência, por curiosa.

*
* *

No tesouro em que appareceram, como vimos, as xorcas e as fibulas appareceram tambem moedas de prata (denarios) do tempo da Republica romana, sec. III-I a. C. Aqui temos pois um elemento cronologico que não destoa das considerações apresentadas acima acêrca da idade d'aquellas joias: cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 368.

Numa excursão que fiz a Monsanto em 1916 informei-me de que no aro dessa vila tinham apparecido varios fragmentos de outras xorcas de prata, e tambem ricos objectos de ouro, que foram para fóra, os quaes já não cheguei a tempo de ver; por mim, adquirir dois denarios consulares, e fragmentos de um vaso de prata que os continha. É muito freqüente o apparecerem por ali moedas d'aquellas³. O referido vaso achou-se por 1900 no sitio da Atalaia, no *couto* ou «herdade» do Pôço do Salvado, a uns 5 kilometros de Monsanto, para o Nascente: além das duas moedas que adquirir, continha mais 71, que não examinei, mas que, pelas informações, deviam ser igualmente consulares.

¹ Em Pragança ha varias fibulas de molas.

² *Chronologie*, p. 54, *Manuel*, p. 685.

³ Cf. *O Arch. Port.*, XXII, 305.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

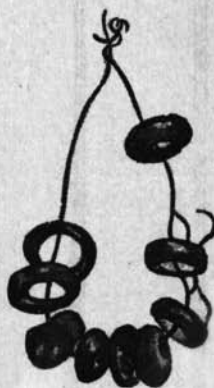


Fig. 5



Fig. 12 (=xorca 1.^a)

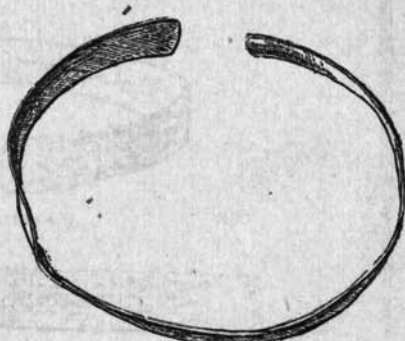


Fig. 14 (=xorca 3.^a)

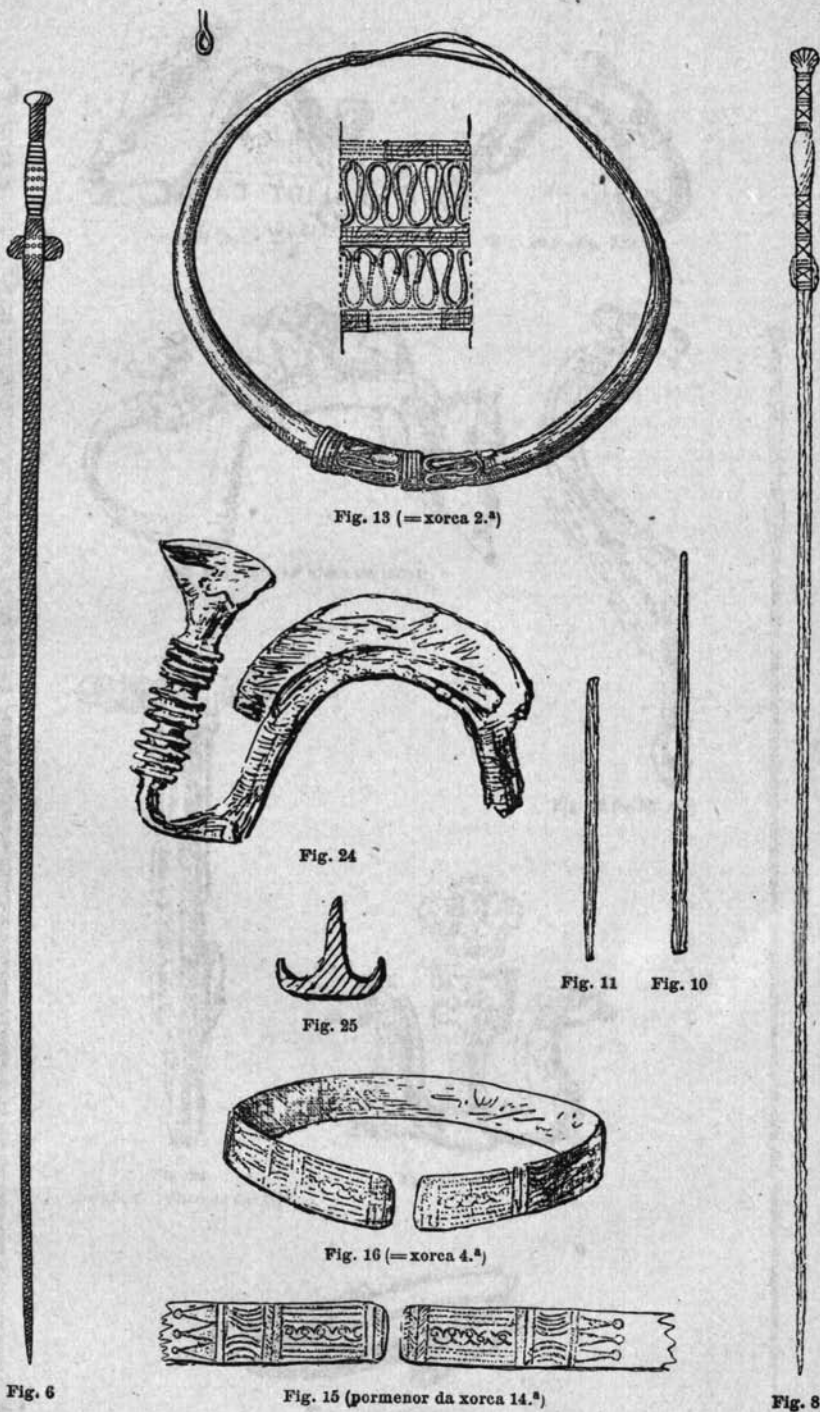




Fig. 7



Fig. 21 (=fib. 3.^a)



Fig. 20 (=fib. 2.^a)



Fig. 19 (=fib. 1.^a vista de lado)



Fig. 22 (=fib. 4.^a)

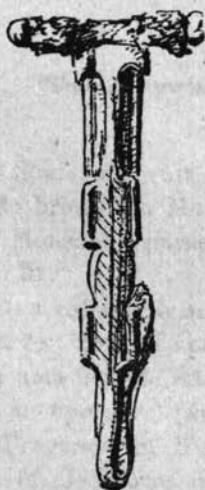


Fig. 23
(=fib. 4.^a, vista de dorso)



Fig. 18 (=fib. 1.^a)



Fig. 17 (=xorea 5.^a)



Fig. 9

Como é sabido, appareceu em 1907 no vizinho concelho de Penamacôr outro tesouro de objectos de prata, um d'elles muito rico: vid. *O Arch. Port.*, XIV, 44 sgs., onde o falecido Santos Rocha o descreveu; e cf. *Religiões da Lusitania*, III, 397 (nota 3) e 484-487. Ainda que Santos Rocha não lhe indica a data com precisão, e apenas o põe vagamente na «epoca luso-romana», pôde acrescentar-se que uma lucerna de barro que acompanhava os objectos tem a fôrma das do sec. I antes e depois de Cristo.

Do que fica dito tira-se a seguinte conclusão cronologica: que as xorcas e fibulas de Monsanto da Beira, bem como as xorcas de Monforte, com quanto de origem iberica, ainda estavam em uso na Lusitania, pelo menos nos dois primeiros seculos da dominação romana. Em todos estes achados devemos ver documentos da civilização da tribo dos Igaeditani, ou Igeditanos, que demoraram por aquella região, e que conhecemos directamente por muitas lapides e inscrições romanas, as quais nos dão testemunho da sua provavel etnogenia, da sua lingua, das suas crenças, das suas artes (escultura), da sua instrução¹. Algo ficamos tambem conhecendo agora do luxo do vestuario.

IV

Fíbula de bronze do Museu de Castelo Branco

(Desenho de Sales Viana)

Com as fibulas de prata, que ficam descritas no cap. III, está tambem uma de bronze no Museu de Castelo Branco; todavia esta não provém de Monsanto, parece que foi achada na cêrea do castelo da cidade. Fig. 24.^a

Falta-lhe a cabeça; o arco ou corpo central tem a secção que represento na fig. 25.^a; o appendice do pé, erecto, formado de roscas, termina em uma especie de funil ou campanula.

Quanto ao tipo geral (disposição do appendice e roscas), cf. duas fibulas de Pragança na *Hist. do Mus. Ethnolog.*, p. 364; quanto á campanula, cf. J. Fortes in *Portugalia*, II, 17-18, fig. 7.^a (de Sabroso).

Á presente fíbula de C. Branco se applicam as considerações que fiz acima.

J. L. DE V.

¹ Vid.: Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, p. 233; *Religiões da Lusitania*, II, 370, e III, 213; e *O Arch. Port.* I, 232 (artigo meu), e XIV, 169 sgs. (artigo de Alves Pereira).

Viagem de Pérez Bayer em Portugal, em 1782

Na secção de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa existe um volume in-4.º, de 100 fls. numeradas, encadernado, e de letra do século XIX, que tem a numeração bibliotecal B $\frac{3}{18}$ (antiga) e 342 (moderna), e os seguintes dizeres no frontispício: *Diario || das primeiras viagens || que fez pelas terras de Portugal || D. Francisco Perez Bayer || Arcediago da Igreja Cathedral de || Valencia, Mestre dos Infantes de || Espanha, e Bibliothecario Mayor || da Real Bibliotheca de Madrid || copiado || de um Ms. que tem || D. Jozé Cornide de Saavedra ||*. Pelo meio do volume ha varios desenhos á pena. A letra do manuscrito é de mais de uma pessoa.

O autor é bem conhecido dos especialistas como orientalista, por causa dos trabalhos que escreveu sobre moedas, alfabeto e lingua da Fenícia. Tendo efectuado no nosso país, em 1782, uma viagem archeologica (de Moura, por Evora, Aldeia-Galega, Lisboa, Mafra, Coruche, Estremoz, a Elvas), escreveu um relatorio d'ela, onde dá noticia de muitas antiguidades epigraficas, etc., que encontrou. A viagem relaciona-se com outra na Andaluzia, porém d'esta não me importa aqui tratar. O referido volume manuscrito contém o relatorio, que é porém de uma só origem, e não de mais de uma, como diz o frontispício. Alem das noticias puramente archeologicas, Pérez Bayer fala de alguns eruditos nossos e coleccionadores, como Cenaculo (principalmente), Felix Caetano (vid. *O Arch. Port.*, XVII, 178), Fr. Vicente Salgado, Marquês d'Angeja (D. Antonio José Xavier de Noronha), etc. Às vezes esboça curiosos quadros familiares, como o primeiro encontro com Cenaculo em Beja, e o serão no paço episcopal. De mais a mais, temos na obra uma ideia geral do modo como se jornadeava em Portugal no último quartel de século XVIII. Por tudo isto entendi que convinha publicar no *O Archeologo* o trabalho de Pérez Bayer, e aqui o publico hoje. Ele está escrito com muita naturalidade, ao correr da pena, e tanto que o autor a cada passo alude ás suas refeições quotidianas (*desayuno, comer, cenar, chocolate*), que parece o preocupavam bastante!

Encarreguei da cópia do manuscrito o Sr. Luís Chaves, ao tempo Conservador interino do Museu Etnologico, que no cotejo com o original foi ajudado pelo meu antigo aluno da Faculdade de Letras D.ºr André Daniel Calvo Velasco, de origem hespanhola, o qual passou tambem revisão ás provas tipograficas. A fim de se emendarem alguns erros, e completarem algumas faltas do manuscrito, obtive, por

intermedio do S.^{or} D. Rúben Landas, que o S.^{or} G. Arteta revisse e corrigisse as respectivas provas por outro manuscrito (original?), existente na Biblioteca da Academia da Historia de Madrid. — Conservou-se a ortografia, ainda quando esta contradiz a pronúncia hespanhola: assim o autor, que era valenciano, escreve *s* por *c* (e o inverso; *i* por *y*, etc.) Tambem o nosso texto tem ora *ó* ora *o*, ora *á* ora *a* (e outras variedades de acentuação), ora *-ava* (nos verbos) ora *-abá*; ha palavras ligadas, como *aver* = *a ver*, etc.

Suponho que o trabalho de Bayer está ainda inedito; pelo menos, havendo eu consultado sobre o caso o meu amigo D. Juan Menéndez Pidal, do Archivo Historico Nacional de Madrid, hoje falecido, ele escreveu-me o seguinte, em carta de 8 de Abril de 1913: «En la *Biblioteca Valenciana* con adiciones y enmiendas á la »de don Vicente Ximeno, por D. Justo Pastor Fuster (Valencia, »1830), á la pag. 141, se inserta un *Elogio histórico y bibliográfico »del ilmo. señor don Fran.^{co} Perez Bayer, presentado en 1828 á la »Real Sociedad de amigos del Pais de Valencia*. Es una biografia »bastante completa, en la cual se habla del viaje que P. B. hizo á »Portugal en 1782 (p. 147). Según el *Elogio*, en la susodicha fecha »estaba inédito el *Diario del Viaje desde Valencia á Andalucía hecho »por* etc. En la segunda parte que intituló *Diario del Viaje de »Andalucía y Portugal* se refiere (dice el *Elogio*) á inscripciones y »monumentos de Moura, Beja, Evora, Lisboa, Mafra, Estremoz, »Elvas (p. 157). Son las únicas noticias que puedo comunicar á Vd. »en relación con sus deseos». Por outro lado, Emilio Hübner, em *La Arqueologia de España [y Portugal]*, Barcelona 1888, dá igualmente, p. 191, como inedita a viagem.

Ao relatório de Bayer se refere o mesmo Hübner no *Corpus inscr. Latín.*, II, por ocasião de publicar inscrições já mencionadas por aquele. O nosso Fr. Vicente Salgado tambem se lhe refere nas *Memórias do Algarve*, Lisboa 1786, p. 304 (-305), nota, e fez mais do que isso, porque deixou manuscrito um *Extracto* do *Diario*, preparado por ele proprio em 1799, como consta de um codice existente na biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa, Gab. 5.^o ^{n.^o 126} _{E. 14}, no qual *Extracto* ora resume, ora transcreve literalmente a Bayer Fr. Vicente era muito curioso, e ha d'ele numerosos cadernos manuscritos na biblioteca da Academia.

A par com o que fica indicado, encontro nos meus apontamentos o que vai ler-se, que não sei d'onde extrai, pois, contra o meu costume, não tomei nota, por esquecimento: «Nos archivos da Real »Academia de Historia de Madrid existe o manuscrito da Viagem

antiquaria, que Don Francisco Perez Bayer fez pela Andaluzia e Portugal no ano de 1782.—D'esse manuscripto foi copiado o seguinte no ano de 1860. Gama Xaro (assignado).

Outra allusão, não á viagem, mas ao ilustre viajante, temo-la numa carta do arabista Fr. João de Sousa, o qual, como fosse a Madrid, se apresentou a Bayer, com recomendação de Cenaculo, e diz: «mostrou-me a sua grande livraria», etc. (Carta de Sousa a Cenaculo, de 25 de Fevereiro de 1786, ms. da Biblioteca de Evora). Era natural que a visita a Portugal de uma pessoa da categoria social e scientifica de Bayer despertasse nos nossos eruditos certo desejo de tratar com ele (Fr. João de Sousa não era de origem portugueza, mas viveu e educou-se cá).—Para remate, lembrarêi que na Biblioteca Nacional, n.º 3192 dos Manuscritos, ha uma poesia latina de Bayer dedicada a Cenaculo: cópia do proprio Bayer, enviada a Ribeiro dos Santos.

Se o *Diario* de Bayer, no que pertence aos textos epigraficos, perdeu a sua importancia, pois que o leitor os pode ver no *Corpus*, vol. II, e nas *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, conserva porém alguma, por causa dos desenhos, embora singelissimos, que uma vez por outra acompanham as cópias das inscrições. Não me dei ao trabalho de anotar estas, visto que o leitor pôde consultar as mencionadas obras, onde todas elas estão criticamente transcritas. Tambem deixei de anotar o manuscripto no seu conjunto, posto que o começasse a fazer; mas devo confessar que a preparação d'este texto para a impressão me deu tanto trabalho e enfado, que não me senti com forças para concluir as anotações.

*

Segue-se agora o *Diario* de Bayer¹.

J. L. DE V.

¹ O personagem D. José Cornide de Saavedra, de que se fala no título do *Diario*, foi outro viajante hespanhol, que andou por terras portuguezas (1798-1801). Cornide nasceu na Curuñia em 1734. Havendo-o encarregado a Academia de la Hist. de Madrid de vir a Lisboa examinar um ms. que constava ahi havia de *Las Partidas* de Alfonso o Sabio, Cornide não só aceitou esse encargo, mas propôs á Academia fazer em Portugal uma *viagem literaria*, como quem era muito versado na nossa historia, e já conhecedor do país por cá ter estado. A Academia aceitou a proposta, e Cornide partiu para Portugal em Outubro de 1798, demorando-se em Mérida. No outono de 1799 percorreu o Alentejo e o Algarve; na primavera de 1800 toda a Estremadura e parte do Alentejo;

Portugal

Jueves 31 — Este dia temprano seguimos nuestra ruta á la villa de MOURA que dista de la hermita ya dicha quatro leguas de mui buen camino: Llegamos á ella á las onze horas. Es villa grande y Plaza de Armas con fortificaciones á la moderna, pero mui derrotadas. Hai tropa de cavalleria. En la entrada me preguntaron quien era, y tomaron mi nombre. Despues huve de enseñar mi pasaporte al Administrador de aquella Aduana Don Juan Marquez Vinhas. Debíle y á toda su Casa la mayor atencion, y me ofreció hospedage, y quanto pudiese yo necesitar. Díxome que por su parte me despacharia al instante y me daria la guia baxo de mi palabra, de que desde Lisboa le embiaria la responsiva, ó tornaguia; pero que era preciso me viese el Secretario N. y tomase razon de mi, y de mis familiares, etc. Era ya hora de comer y hubo esta diligencia de diferirse para la tarde con lo que se nos cortó la jornada, y huvimos de hacer noche en Moura. Vino por la tarde á visitarme el Administrador Don Juan Marquez, y me llevó á casa del Secretario que estava en una posesion suya de campo. Se huvo de bolver por la noche. Hizome el Secretario varias preguntas, sin embargo de que tenia á la vista el pasaporte. Entre otras, á que hiva á Lisboa? Dixe que no llevaba mas dependencia que mi curiosidad de ver aquella Corte. *Que hedad tenia?* Huve de confesar mis setenta años cumplidos: Tomóme las señas como pudiera de un $\tau\epsilon\tau\epsilon \alpha \pi\acute{o}\delta\epsilon\upsilon$ y puso en el testimonio, que guardo en mi poder. *Don Francisco Perez Bayer Espanhol Cavalleiro da Ordem de Carlos Terceiro de Espanha de idade de 70 a.ª estatura alta, cara comprida, ollos pardos, cabelo russo*

nos meses seguintes, até começos de 1801, a Beira e as duas provincias septentrionais. Cornide vinha acompanhado de um amanuense e de um desenhador, e além d'isso de D. Narciso de Heredia, Professor de Filosofia Matematica, de Granada. Esteve em Portugal até 3 de Março de 1801. «He recogido, diz ele, una abundante copia de inscripciones de todas edades, y varios planos y dibujos de los mon. antiguos existentes en las principales ciudades, y observaciones y noticias sobre historia, geografia y estado político» (p. xi-xii). A morte não lhe permitiu coordenar varios cadernos e apontamentos que tinha; mas ele deixou pronto para a impressão uma obra intitulada *Estado de Portugal en el año de 1800*, que a Academia de Madrid publicou em o *Memorial Histórico Español*, volumes xxvi (1893), xxvii (1894), e xxviii (1897), com um prologo de Sánchez Moguel, d'onde extraí as noticias precedentes, p. v-xvi do t. xxvi. Vem uma curiosa carta de Cornide no t. xxviii, pp. 246-259, a este proposito. — Cornide tambem esteve em relação com o nosso Cenaculo: cfr. o codice eborense $\frac{xxvii}{2-3}$, pp. 253-281, onde ha cartas d'aquela para este.

barba o mesmo, trigueiro dorado (o colorado) etc. Tomó razon tambien de mi familia con expression de los que son de mi servicio y los que vienen para el cuidado de las bestias.—El Administrador me dió otro papelito impreso que es la guia, la qual dice: «N.º 654—Las Armas || del Rey de || Portugal || Alfandega de Moura || A fol. 1971 do livro das fianças affiançou nesta Alfandega o Ill.^{mo} D. Francisco Perez Bayer morador na Corte de Madrid Reino de Espanha tres machos castilhanos serrados, dois castanhos, e hum preto, e tres Rocins, dois pretos e hum ruço, tudo avaliado no termo de sua obrigação, com que pasa para a cidade de Lisboa por Beja, e obrigado á descarga de dois meses. Moura, 31 de Outubro de 1782. O Juiz da Alfandega, Lopez. O Feitor, Vinha. O Escrivao, Braga».

Dióme assimismo una instruccion de lo que havia de practicar para la tornaguia, y me favoreció con haver hecho de mi algun elogio con la gente de distincion de aquella Villa: de resulta de lo qual vinieron á visitarme un Señor Cavallero, y tres Oficiales, uno de ellos el Comandante de la tropa de Cavalleria á ofrecerme el primero su casa, los segundos su quartel y sus facultades. Signifiqué á todos mi gratitud y la presision en que me hallava de partir de Moura por la mañana, y assi mi imposibilidad de corresponderles con mi visita. Dieronme por dispensado, y nos despedimos, con lo que me quedó un rato para retirarme á continuar mi Diario hasta hora de cenar y recogerme.

Viernes 1 día de Noviembre

Oida Misa mui temprano proseguimos este dia nuestra ruta. A dos leguas poco mas de Moura pasamos por vado el rio Guadiana; vá por alli mui tendido y no lleva sino una terciá por donde mas de agua. Al salir de Moura dexamos á la derecha una Torre de las del antiguo Castillo de la Villa cuya mitad en la parte superior, aunque conserva su nivel, está dislocada y separada de la inferior; y por un lado forma uno como escalon para subir, y por el opuesto otro como para bajar: en esta forma ¹.

Pregunté con curiosidad si era aquello efecto del Terremoto del año 1755 y me dixerón que lo hizo un hornillo de los del último sitio en los años pasados el qual levantó en el ayre por mas de dos varas la parte desquiciada de la Torre, la qual volvió á caer á plomo sobré la misma sin perder su nivel, aunque se desvió (por mas de

¹ [Falta o desenho].

una quarta) algun tanto del que antiguamente: Cosa por arte imposible de executarse.

Informaronme despues mejor y me dixeron que la Torre se abrió con el Terremoto y despues el hornillo la separó en la forma que oy tiene.

PEDRÓGO.—A las once llegamos á un Lugar que se llama el Pedrógo el qual dista tres leguas de Moura. Alli comimos infelizmente por que ni havia huevos (ni les hallamos en Moura) ni pescado, ni judias, ni fruta, ni cosa alguna. La dueña de la casa donde nos albergamos (por que tampoco hai mesón) nos guisó un arroz que parecian puches. Acogimonos todos á un poco de queso de la alforja, y assi se pasó aquella mañana.

BEJA.—Por la tarde proseguimos nuestra ruta á la ciudad de Beja que dista del Pedrógo quatro leguas de buen camino. Llegamos al ponerse el Sol sin contratiempo á Dios gracias, y nos hospedamos en la que llaman *la Corredoira, frente de la Porta nova dos prazeres*, donde esto escrivo hoi 3^a de Noviembre á las nueve de la noche. Trabajé un rato en mi diario. Despaché mi doble oficio de los Fieles Difuntos, cené, y me recogí con tiempo para madrugar el dia siguiente.

Sabado 2 de Noviembre

Este dia temprano me fui á la Iglecia de Religiosas de la Ymaculada Concepción, donde dixe las tres Misas por los Fieles Difuntos en su solemne commemoración.

Havia yo venido aesta Ciudad de Beja, que es la antigua PAX IVLIA no tanto por sus memorias Romanas (aunque sabia por Resende y Morales y otros autores que se conservaban en ella muchas) como por conocer y tratar al Ill.^{mo} Señor Don Fray Manuel del Cenaculo, Obispo de ella, Religioso Franciscano de la Orden Tercera, sugeto de gran credito en todo genero de literatura, de quien havia yo leído algunos opusculos, y entre ellos la Oración Latina Eucharística, que dixo casi de repente en el Capitulo General de su Religión tenido en Valencia mi Patria los años pasados de 1770, o por ai. Este deceso me hizo desviar del camino real y más trillado de Portugal que es por Badajoz, y venirme por esta trocha que no admite ruedas.

Ya en Moura tuve el disgusto de oír al Administrador D. Juan Marquez, que el Señor Obispo de Beja estava en visita en el Partido o Territorio de *Vrique*, hacia el Algarve, que es justamente el lado opuesto de Lisboa á donde yo me encaminava; pero me lisongeaba

con que acaso se restituiria su Yll.^{ma} á Beja para la solemnidad de Todos Santos y dia de Animas.

El Palacio de su Ill.^{ma}, que es la Casa en que estuvieron antes los Jesuitas expulsos, está contiguo á la Puerta que llaman de Moura, por donde el dia antecedente entré yo en Beja, y con el cuidado que traia de saber de su Ill.^{ma} pregunté á unos vecinos de Palacio si el Señor Obispo estava en la Ciudad? Dixeronne que no y que no bolveria hasta el Lunes 4. Sentilo mucho por lo que me estrecha el tiempo de mi vuelta á Madrid, y con este disgusto me encaminé á la Posada. Esto fue el Viernes quando llegué á Beja.

No quiero omitir que la mañana del mismo dia Viernes dexé á mi izquierda la villa de SERPA (que acaso es la SERIA ó FAMA IVLIA de Plinio), en que oygo se conservan oy algunas inscripciones y otras memorias. Acordéme en esta ocasion de una moneda con caracteres desconocidos que Jacobo Bari, en una carta mui larga que escribió á Adriano Relando, y este la imprimió en su *Palestina Sacra*, atribuye á dha Villa de Serpa por unas razones, que quando lehi la tal Carta me parecieron paradoxas. Pinta el Bari en el reverso de esta Moneda un peral cargado de fruto y un hombre que sube á cogerle por una escalera de mano (ó cosa tal) y sino me engaño dice que SERPA es lo mismo que *cor piri* ó el *Corazon de la Pera* ó *Manzana*, y dá la razon de este nombre. Pongolo solo por noticia, o por memoria para bolverlo á vér en la Palestina de Relando, y vuelvo á Beja.

Dichas mis tres Misas volvime á la Posada y luego que tomé mi desayuno me encaminé a palacio de su Ill.^{ma} para tomar noticias de su venida. Hallé en el al M. R. P. Fray Antonio Martinez de la Piedad, tambien Franciscano Tercero, Difinidor General de su Religion, hermano de su Ill.^{ma}, al qual expuse el motivo de mi venida á Beja. Acogiome este R. P. con toda la atencion posible; hizome entrar en la Camara de la morada de su Ill.^{ma}, y me dixo que por las preguntas que el dia antecendente al entrar en Beja havia yo hecho á las gentes vecinas de Palacio tenia alguna noticia de mi llegada, y que venia solo á ver y tratar al Ill.^{mo} su hermano (aunque no sabia quien yo era) y añadió que acabava de decir las tres Misas y se preparava para venirme á visitar. Yo mostré estimarselo mucho, y le di gracias. Haviale antes dicho mi nombre, y me manifestó que su R.^{ma} y su Ill.^{mo} hermano tenian mucha noticia de mi, y que su Ill.^{ma} tendria mucho gusto en que yo me hospedase en su Palacio, y assi me pidió una y muchas veces con la mayor instancia que me quedase en Beja, y que si no lo hacia yo assi su Ill.^{ma} lo sentiria, y le

reprehenderia por que no me havia obrigado á ello. En suma no huvo expresion en este genero que yo no debiese á su cortesania.

Respondi á su R^{ma} que mi estancia en Beja siempre seria mui corta, y que pendia de la buelta de su Yll.^{ma} a ella, por que si se diferia, tendria yo la presision de privarme del gusto de conocer a su Ill.^{ma} y de ofrecirme como deseaba personalmente á su disposicion. Dixome su R^{ma} que vendria su Ill.^{ma} el Lunes 4 (escribo esto en el mismo dia, que es el de San Carlos Borromeo, cuyo nombre tienen nuestro amable Soberano, el Príncipe Nuestro Señor, y el Infante su Hijo, y justamente poco antes del medio dia en cuya hora será en el Escorial el gran Besamanos). Dudé si iria á Ourique, donde su Yll.^{ma} estava, pero era desviarme mucho, y acaso incomodar a su Yll.^{ma} Entre estas dudas me ocurrió que tal vez quedarian en Beja algunas inscripciones, y monumentos antiguos de los que Resende, Morales, y otros citan, en cuya copia pudiese yo en Beja ocupar los dos dias que tardaria su Yll.^{ma} Dixome el P. Definidor General que si havia, y que en el Palacio se conservaban algunas y en otras partes de la Ciudad.

Rogué pues a su R^{ma} que me encaminase a algun sugeto curioso de estas antigüedades, el qual me guiasse a los sitios de esta Ciudad en donde se hallan. Bolvióme entonces á instar á que me quedase en Palacio pues que estavan alli las más, y haviendome yo cortesánamente escusado, me dixo que a la tarde me buscaria en mi Posada un sugeto de su satisfaccion y mui versado en las cosas de Beja su Patria, de las quales havia escrito la Historia.

En efecto por la tarde vino a mi Posada a visitarme el R^{mo} P.^e Definidor acompañado de un cavallero del pais llamado Don Felix Cayetano de Sylva¹, sugeto á quien después experimenté mui habil y practico de las antigüedades y otras memorias de Beja, de las quales me enseñó el dia siguiente la Historia que havia escrito con gran critica y conocimiento de la Chorografia de la antigua Lucitania, de que es natural hable yo después.

La tarde se pasó en cumplimientos, y después salimos juntos un rato apaseo. Paramos en Palacio, y alli bevi y tomé chocolate, y me mantuve hasta las nueve que me retiré á mi Posada, y proseguí en mi Diario asta hora de recogerme.

Domingo 3

Este dia, desocupado de la Misa y oficio, me empleé en varias cosas y prevenciones economicas. A las nueve vino el Señor Don

¹ [Acérca d'este antiquario vid. *O Arch. Port.*, xxii, 178 sgs.]

Felix Cayetano de Sylva y me trajo la Historia que havia escrito de las cosas de Beja su Patria. Estava el dia mui malo para salir, y assi hubo tiempo para registrar en grueso la obra, y aun para leer algunos de sus capitulos. En efecto vi en los capitulos 3.º y 5.º y tres siguientes poco menos que demostrado matematicamente que Beja es la antigua *Colonia Pax Julia y Convento Juridico*: Que la misma se llamó después *Pax Augusta* y que Badajos jamas tuvo este nombre ni fué Colonia ni Convento Juridico, ni tuvo Silla obispal asta los ultimos tiempos, como la tuvo antiguamente Beja, y que de esta fué obispo Apringio y no de Badajos, etc., y todo escrito con mui buena critica y copia de doctrina. Restituyóse á su casa este cavallero y me dexó los Libros de su obra, y otro compuesto por él mismo para que leyese en ellos lo que me pareciese.

Por la tarde bolvió, y aunque el tiempo era malo fuimos a ver y copiar algunas inscripciones que aun se conservaban en Beja. La principal de todas y que mas honor hace á dha Ciudad está en la Plaza mayor en las Casas del Ayuntamiento pared que mira al Medio dia. Dice assi:

L · AELIO · AVRELIO
 COMMODO
 IMP · CAES · T-AELI · HA
 DRIANI · ANTONI
 NI · AVG · PII · PP · FILIO
 COL · PAX · IVLIA
 D · D ·
 Q · PETRONIO · MATERNO
 C · IVLIO · IVLIANO
 II VIR

Sobre la inscripcion hai una cabeza de buie á este modo...¹: pero es piedra diferente. De estas cabezas hai varias en algunos parages de la Ciudad: En la Torre de Santa Maria: Dos detrás de la Iglecia de San Juan, y una en la calle que llaman *del Toro*, en que se vee parte del cuello y de los brazos, y se dibujará como esta, y en otros sitios. Yo conté hasta seis o más, y hago memoria de que Ambrosio de Morales trata de estos Toros de Beja y hace algunas congeturas sobre su significado.

¹ [Falta o desenho].

De alli fuimos á la Puerta de Mertola. Entre los dos arcos se halla esta inscripcion:

Q · PETICIO · T · F

RVFO

MATER · FILIO

El Arco exterior de la dha Puerta de Mertola és Romano, se muestra en el dibujo siguiente.

Aqui el dibujo del arco exterior de la Puerta de Mertola de Beja¹.

Fuimos de alli á la Rua llamada de *Esquivel*, y en su esquina vi la inscripcion siguiente:

D · M · S ♡

HEL · AERIA

NVS · ANN

ORVM · XII ·

HS · E · S · T · T · L.

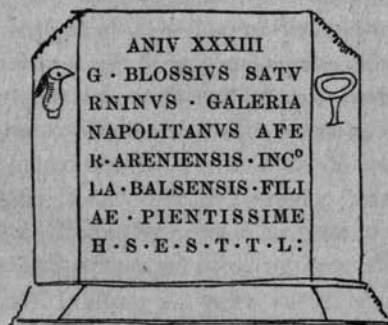
De alli fuimos por fuera de la Ciudad, y en una de las Torres de la Muralla que mira á Nordeste, en lo alto de ella, está este fragmento de letras semiunciales:

I [REDACTED] CNV SALVIAN [REDACTED]

[REDACTED] M · AVG

Yo suplía la ultima linea MAGISTER LARVM AVGVSTI.

Fuimos ultimamente á Palacio del Ill.^{mo} Señor Obispo donde por entonces vimos las inscripciones siguientes:



¹ [Falta o desenho].

Otra al lado

de la antecedente, tosca, que dice:

D · M · S
 SVLPICIA IVL
 IANA VIX · AN
 N · XXVIII SVI
 ... IVS MONI...
 VS · VXSORI
 VLPICIA
 MATER

Haciase tarde, y como estas inscripciones estan en un descubierto que tiene el Palacio, supolo el P. Definidor General, hermano de su Ill.^{ma}, y baxó y nos obligó a que subiesemos a abrigarnos y tomar chocolate, donde la tarde antes subimos, refrescamos y estuvimos en conversacion hasta las ocho con su Rma el Provisor de su Ill.^{ma} y otros concurrentes. A essa [hora] se me puso la *Chaeza* (que es el coche de su Ill.^{ma} de dos asientos) y me bolví á la posada en compaña del Sr Sylva. Proseguí en mi Diario asta hora de cena y de recogerme.

Lunes 4.

Este dia, fiesta de San Carlos, después de ogida Misa, me fui aver algunas antigallas de esta Ciudad con el Dibujante para que las copiase. Presto nos hizo bolver el ayre frio, y lluvioso. Llegamos sin embargo á la Puerta de Evora, que es tambien en parte romana, y casi toda compuesta de fragmentos y piedras romanas.

Sobre esta Puerta, assi tambien como sobre la de Mertola, se halla una inscripcion mui particular en honor de la Ymaculada Concepcion de Maria Santissima, compuesta por el Secretario de Estado de Portugal D. Antonio de Souza de Macedo en el año 1646, quando el Rey Don JuanQuarto, en las cortes que celebró el mismo año, tomó por

Patrona de su Reyno, y quiso que este fuese tributario de esta Gran Reyna. Dice assi:

AETERNIT · SACR ·
 IMMACVLATISSIMAE
 CONCEPTIONI · MARIAE
 IOANNES · IV · PORTVGALIAE · REX
 VNA · CVM · GENERAL · COMITIB
 SE · ET · REGNA · SVA
 SVB · ANNVO · GENSV · TRIBVTARIA
 PVBLICE · NOVIT
 ATQUE · DEIPARAM · IN · IMPERII · TVTELARË · ELECTAM
 A · LABE · ORIGINALI · PRAESERVATAM · PERPETVO · DEFENSVRVM
 IVRAMENTO · FIRMAVIT
 VIVERET · VT · PIETAS · LVSITAN
 HOC · VIVO · LAPIDE · MEMORIALE · PERENNE
 EXARARI · IVSSIT
 ANN · CHRISTI · M · DC · XL-VI-IMPERI · SVI · VI ·

Por la tarde arreció aun mas el viento con algo de lluvia, por lo que me estuve en casa asta el anochecer que me fui á Palacio á esperar al Ill.^{mo} Señor Obispo, á quien su hermano el Difinidor y otros havian salido á recebir. Vino al fin; besé su anillo, me abrazó mui estrechamente, me miró con cuidado, y me dixo que me estava viendo y como que dudaba que Don Francisco Perez Bayer estuviesse en Beja, y en su Palacio; pero que ya que estava en él, no havia de salir, ni volver á la posada; y vuelto á su hermano el Difinidor le dixo que havia tenido poca maña para obligarme, y en caso necesario para hacerme fuerza a que me quedase alli. Dixe á su Ill.^{ma} que el P. Difinidor se havia excedido, que una y muchas veces me havia rogado con la mayor instancia, añadiendo que su Ill.^{ma} le reñiria sino; y añadi que me havia todos los dias regalado postres exquisitos y dado por la tarde de beber, etc.

Subimos al Quarto de su Ill.^{ma} No acabava este Señor de admirarse de que yo estuviesse alli: Hablóme de los Señores Don Gregorio Mayans, Don Josef Climent, Obispo que fué de Barcelona, y de Don Manuel de Roda, Secretario de Estado de Gracia y Justicia de su Magestad: Todos tres difuntos en este año 1782, y exclamó: *Que tres Hombres!* Hablóme de otros varios sugetos doctos de España que oy viven. Preguntóme del estado de nuestra Literatura, y Estudios de nuestras Universidades: Habló con mucho honor de la de Valencia, y del buen gusto de sus profesores, y dandole yo

gracias por la merced que en ello a mi me hacia, me aseguró que era justicia debida á su merito, y que lo havia assi experimentado.

Venimos ultimamente á hablar del obgeto de mi viaje á Portugal: Expusele succintamente, y que ya que havia venido á Andalucia y al confin del Reyno de Sevilla por los motivos que expuse en el Prologo de la primera parte, y acercadome á las Villas de Aracena, Alhafar y el Castaño por adquirir noticias de Benito Arias Montano (que son la frontera de Portugal) me dexé facilmente persuadir de la vecindad, y añadí que no fué pequeña parte el saber que estava su Ill.^{ma} en Beja para dexar el Camino Real y regular de Badajos, y haver tomado esta travesía. Mostró agradecermelo mucho y manifestó con aprecio grande el proposito o intencion con que he comenzado, y espero en Dios proseguiré mi obra. Animóme mucho á ello, y me manifestó quanto sentia no poderme ofrecer que me ayudaria por ser la materia de que yo trato tan remota del conocimiento vulgar y del todo agena de su pericia, con otras mil expresiones que me hizo hijas de su gran zelo por el adelantamiento de las Letras en España y llenas de buena voluntad hacia mi. De quando en quando exclamava: *Que tenga yo á Don Francisco Perez Bayer en mi Casa!*. Toda la noche se conversó de Letras, de los Libros que salian á luz en España y Portugal. Díxome que quantos se publicavan en Madrid se los hacia venir: Que tenia la Biblioteca Rabínica de Don Josef Rodrigues de Castro, los Apologos de Don Tomás Yriarte, el Proceso contra los Falsarios de los nuevos descubrimientos de Granada, etc., etc.

Díxele que no tendria un Libro anonymo intitulado *Avisos al Maestro de escribir*, escrito en verso y prosa, la qual es glosa ó comentario de las coplillas en que estan los avisos. Díxome que ni noticia tenia de tal Libro, pero que haria diligencia de él. Díxele que bien pudiera su Autor haversele regalado, por que sabia yo que era grande amigo de su Ill.^{ma}, y que merecia el tal libro un lugar mui distinguido en su libreria; pero que hoi dudaba yo mucho que lo pudiese conseguir *nec prece nec pretio*: por que su Autor (que se sabe quien es por mil caminos y por que lo publicó el mismo, y estuvo algun tiempo en quieta y pacifica posesion de que era produccion suya la tal obra) después que algun amigo suyo, o algun sugeto bien intencionado¹ le desengañó que le hacia poquissimo honor, procuró y procura a toda costa recoger los exemplares que á su nombre se

¹ [Á margem do manuserito de Madrid, com outra letra: «D. Javier de Santiago Palomares, e.»].

havian esparsido y regalado. Salió este libro á luz en Madrid (no sé, no me acuerdo, digo si por Ybarra ó Sancha) en la Primavera del 1781, es en octavo, tendrá unas cien paginas, dirigese á una Señora llamada Doña Ynes Molano y comienza la primera copla ó estrofa:

Escribir Amiga Ines

Es lo mismo que pintar, etc.

Esto es dar señas del libro, contar sus gracias en prosa y verso es imposible; Que Orlando ni Hercules furioso! Sino estando su Autor espiritado etc. Tanto dixé á su Ill.^{ma} que entró en gran deseo de saber quien era, y mas con lo que le havia antes dicho *que era su amigo*: No quise explicarme mas, solo añadí *que era sugeto encyclopedico: que havia escrito de Cimbrios, Lombardos y Godos*: Nombróme su Ill.^{ma} a algunos y me le nombró tambien pero yo no quise jamás declararme¹.

Bolviendo á nuestra conversación, en esto y en lo tocante á metodos de Estudios se nos hizo mui tarde. Eupusome él que se practicaba ya en su Palacio, que ojalá que se observase en las Universidades de España en los ramos de Filosofia, Teologia, Mathematicas y lenguas. No sabiamos separarnos. Fuime á mi posada en la silla o *chaiza*² de su Ill.^{ma}, haviendo quedado en que nos veríamos queriendo Dios...

Martes 5

A las nueve de la mañana. En efecto fui yo a essa hora á Palacio, y hallé que havia su Ill.^{ma} salido después de haver dicho Misa á visitarme á mi posada. Sentí mucho el cansancio³ (*sic*) que se havia su Ill.^{ma} tomado, aunque me honró y honró mucho con una tal demonstración. Esperé á su Ill.^{ma} en Palacio, vino, dile en cierto modo mis quejas. Dixome con franqueza *era mui debido*, y concluyó: *dexemos esso*. Pidió á las diez su desayuno (pués nada havia aún tomado), traxeronle un vaso grande de agua y un panete: tomó un canterillo y lo comió, y bebió un poco de agua. & *haec de tota littera textus* asta las tres de la tarde que es la hora regular en que su Ill.^{ma} come. Concluido su desayuno me conduxo á la Libreria que ha hecho publica para los Ordenandos y si algun curioso se aficiona á las Letras. Está esta Libreria en su mismo Palacio, y sin salir de él entra su Ill.^{ma} y sale quando quiere en ella. Es una pieza mediana, abunda

¹ [Numa chamada do manuscrito de Madrid, com a mesma letra da nota anterior: «El autor del libro es el conde de Campomanes; adquiri em Londres el ejemplar mismo que el Conde regaló al Baron de Dylon. a.»].

² [Quererá dizer *caleça* ou *caleche*].

³ Cansancio.

en Libros de Humanidad, Philosophia, Teologia en todos sus ramos, Disiplina é Historias Ecclesiasticas, Liturgia, Ritos Sagrados, Catecismo, y todo lo que puede contribuir a que se crien buenos Párrocos. Hai tambien Libros de eloquência especialmente sagrada para Predicadores. Algo de Historia profana, Griega y Latina antigua y moderna.

Desde alli me condujo su Ill.^{ma} á su libreria. Son tres piasas mui capases, todas llenas, y la primera de ellas tiene además de esso en medio estantes de quita y pon. En la primera y segunda piasa hai los cuerpos que se conocen más famosos y voluminosos, los Bolandos de Antuerpia, la Historia Bizantina, los Grevios, y Gronovios de Holanda: las actas y memorias de varias Academias, los Santos Padres de San Mauro: las mejores edicciones de los Poetas, Oradores é Historiadores, Griegos, y Latinos: las Políglotas de Antuerpia, y de Londres: en suma quanto suele hallarse en las Librerias más selectas y de más credito.

La tercera pieza contiene cosas mui raras y curiosas: Una collección grande de manoscritos, y algunos antiguos y mui recomendables. Biblias Latinas manuscritas creo que me mostró diez y mui bien tratadas, aunque no muchissimo antiguas, todas en vitela: Psalterios, Breviarios, Misales, Rituales, Kalendarios, Legendarios, Oficios de Nuestra Señora y otros Libros Ecclesiasticos.

Entre los manuscritos me enseñó cinco tomos en folio, en vitela, traducción castellana del *Chronicon de Eusebio Cesariense* hecha por el Señor Alonso de Madrigal ó el Tostado, tan bien conservados como si acabaran hoi de escribirse: letra hermosisima y acaso del tiempo de su insigne Traductor. En la primera pagina tiene el primer tomo un Escudo de Armas iluminado, sostenido de dos Angeles á este modo¹.

A mi al principio me parecieron las Armas de los Zuñigas, ó Stunicas, Duques de Béjar; pero nada entiendo de Blazón. Es obra digna de un Monarca.

Enseñóme la Biblia antigua Castellana de Ferrara del año 1553, és la de Iom Tob, y de Abraham Usque con la Dedicatoria á Doña Gracia Naci, las dos versiones Castellanas de Cassiodoro Reyna y Cipriano Valera ambas con el nuevo Testamento: El nuevo Testamento separado con la versión Castellana de Encinas: Un Psalterio Castellano Anonymo: *La Biblia Hebrea y Española* nuevamente estampada en Amsterdam; y la *Biblia Moguntina* de Juan Fust, y

¹ [Falta a figura].

de M. Schoiffer de Gernsheim del año 1462, en vitela hermosísima y conservadíssima, la qual guarda en un caxón de carton forrado con taflete, como un tesoro, y me aseguró haverle costado setecientos mil reis, que son casi otros tantos mil maravedís, ó más: Yo hize juicio que le costaria como mil y trescientos pesos de Castilla de á quince reales y dos maravedís cada uno. Es tambien alaja de un Príncipe. Tambien tiene alli su Yll.^{ma} la *Biblia Polyglota Complutense*, el *Psalterio Quadrilingue* de Agustin Justiniano, Obispo de Nebiense, y otras raridades de que es facil acordarse.

Vinimos al Monetario¹: Dixome que lo que tenia de oro y plata se lo estaban poniendo en orden en el Algarbe. Enseñóme las medallas desconocidas de metal, que eran las que yo deseava ver por si havia alguna que no hubiese llegado á mis manos. En efecto vi una que ya en dos partes tengo diseñada, pero mui mal conservada. La que aqui vi lo está más, aunque no del todo. Pedile á su Ill.^{ma} me la permitiese copiar. Tomola, y pusola en mi mano, y me dixo: *Tibi habeto: y no se hable más, y lo mismo* (añadió) *de qualquiera otra, ó de qualquier libro que haya al proposito de Vñd ó le guste; por que aunque estas cosas* (prosiguió) *son las de que yo hago el mayor aprecio en este Mundo sé tambien privarme de ellas en obsequio de un amigo, que conozco hará mejor uso que yo.* Agradeci á su Ill.^{ma} la atención, y admeti la moneda por que ni á su Ill.^{ma} hacia falta y á mi me puede conducir: Es á este modo²:... Tambien tiene el corte de las Samaritanas y se conoce mui bien el bocado de la tixera á un lado y á otro. Todas las letras estan claras menos la I 𐤀, que no se percibe si es una letra assi 𐤀, ó si son dos como se muestra en la cópia; tambien la ultima letra, leyendo al uso de los Hebreos, puede dudarse si és assi 𐤀 ó assi 𐤁: talvez se aclarará la moneda algo más³.

En estas vistas y revistas, y varios assumtos que las mismas iban produciendo para la conversación nos dieron las dos. Para su Ill.^{ma} no era tarde. Yo ya tenia gana de comer, y conocia que hacia mala obra á mi familia. Despedíme asta la tarde y antes rogué á su Ill.^{ma} que saliese á tomar su paseo, que yo bolveria á Palacio y me entretendria copiando algunas inscripciones que hai alli unas de Beja, otras de las imediaciones, y algunas asta de Lisboa. Quedamos en que assi se haria y me dixo que, además de las

¹ [No texto *Monasterio*].

² [Falta a figura da moeda].

³ [Creio será uma moeda de *Eviom*. Cf. *O Arch. Port.*, I, 81].

inscripciones que havia en un descubierto de Palacio, tenia su Ill.^{ma} otras guardadas y cerradas, y me llevó adonde estaban, y me dió la llave para que á la tarde las copiase.

Fuime á la posada, comí, dormí un poco de siesta y á eso de las quatro volví a mis copias. Una inscripción dice.



otra:

D · M · S
SEXTLIA
ANN · XXX

Otra en letras casi unciales:

C · ALBIVS
C · F · AL · ALBIC · VS

otra:

D · M ·

otra:

FE · LICIO · ANN ·
XXXXV · H · S ·
E · S · T ·
T · L ·

otra en el borde o boca de un grande almirez de piedra.

DEAE SANCTAE GRATR° SAHTILIO CO

Otra Ecclesiastica:



Otra:

D · M ·
 MARTIAL I
 SECVNDINA
 SOROR · F · C ·

Otra:

D · M ·
 L · IVNIO · L · F · GAL
 CANDIDO · QVI · VIXIT
 ANN · V · MENS · VI

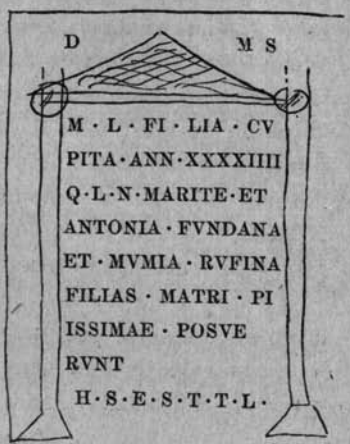
Otra dice:

D · M ·
 MVMIVS · C · L ·
 SIA ■■■VS
 ANN · XV
 MVMIA
 FVNDANIA
 LIBERTO-ME
 RENTI · POS
 H · S · E · S · T · T · L

Otra:

Q · POMPEIVS
 VARI · LIB ·
 ■■■VSTVS

Otra:



Otra dice:

M · D · S ·
 A CHELICE ·
 AN · XXXVII
 GONIAETIA
 MOA IX
 POSVIT
 MATER
 H · S · E · S · T · T · L ·
 Q · FVLVIO · Q · F · GAL
 SALVIANO

Se iba haciendo de noche, y quedaban aun inscripciones que copiar. Vino Su Ill.^{ma} de su paseo y me buscó donde estaba y me llevó á su habitación. Sobrevinieron algunas gentes, tomamos chocolate, y el resto de la noche hasta las diez hubo conversaci6n por la mayor parte literaria: pero quando quedamos solos le debí muchas confianzas, y me manifestó su modo de pensar en orden á la plantificaci6n, ó nueva creaci6n de su Obispado. Confieso que aprendí muchas cosas, y que hubiera dado gustosamente lo que más estimo en este Mundo por que hubieran oído á esto Docto y Zeloso Prelado algunos de las principales Iglesias de España. Admiróme sobre todo ver la solidez de los principios sobre que descurria, y la claridad con que se explicaba en varios assumtos heterogeneos, como si no tuviese más que el de que actualmente trataba. Que cosas dixo de lo que importa á un Obispo que se haga la debida estimaci6n y aprecio de su Clero, y mui especialmente de los Párrocos! Quanto se dolia de no poderlos sublevar agregandoles algunas rentas y beneficios! Quantas diligencias havia practicado a esse fin! Quanto finalmente le affigia el ver un ramo de tanta importancia como este (del qual pende no solo la cultura, y buena educaci6n de los Pueblos, sino que és el principal cimiento para la industria, y adelantamiento en las Artes, Ciencias, Comercio, Agricultura, etc.) tan abandonado! Dixome mucho más, q^e no és para el Diario, con que me tuvo gran rato suspenso, y dixe más de una vez entre mí: Quan poco hai de esto en el Mundo!

Despedíme como dicen *ex abrupto*, porque sino hubiera durado hasta media noche la conversaci6n. Esperabame el Calesin ó *seggia* de Su Ill.^{ma} en que me volví á mi posada, donde tomé un bocado de cena y me recogí hasta el

Miercoles 6

Este dia me desocupé temprano de mi oficio, y oida Misa me volvi á Palacio á proseguir en la copia de las inscripciones. No tardó su Ill.^{ma} en venirme á buscar sin embargo de que estaba yo en un descubierta y el dia era mui crudo. Dixome que me guardaba una [inscripción] Hebrea que estubo otro tiempo en la Sinagoga de Lisboa, con otras traídas del territorio de la misma Corte, y de sus cercanias. Aun las tenia encaxonadas. Desclavaronse los caxones. La [inscripción] Hebrea és larga tiene verso, y prosa, y está bastante maltratada. Yo me dolia de que su Ill.^{ma} pasase aquel frio, y tampoco podia aguantarlo. Dixome que me la embiaria á Madrid copiada. Copióse otra mui breve que dice.

[Segue-se a fôlha toda em branco, frente e verso; apenas, no alto, se vê uma linha e quási metade de uma segunda, cujo texto se copiou; falta, pois, a leitura da inscrição mencionada. Ao fundo, no canto exterior da face da fôlha, está a letra M].

M · IVLIVS

MARCEL

LVS H · S · E ·

Otras tres inscripciones quedaban que yo hubiera copiado entonces mismo, pero el frio nos incomodava mucho. Dexaronse para la tarde. Subimonos á la habitación de su Ill.^{ma}, que tenia otro temple, volvimos á nuestro vomito, quiero decir á nuestras conversaciones literarias. Vi las pinturas en que me dixo algunas originales, una del Españolito, dos del Bazán; un capricho de cierto Pintor Portugues llamado N. Vris con su firma. Esta pintura me pareció insigne, aunque no lo entiendo ni puedo dar la razon porque.

En un retrato del Papa Clemente xiv leí el Epigrama siguiente y le copié tomado antes el permiso de su Ill.^{ma} Dice assi

Respice mirator CLEMENS est iste benignus
Per quem firmatur pacis in Orbe bonum
Nomine sub IESV sociam ambitione furentem
Dissociat, CHRISTI grex sociata manet.
Optimus hic Pastor longum promiserat aevum
Ah! crudele nefas ingeme Roma ferox

No dexé de admirar la libertad del Poeta, y que tan sin disfraz se hablase de un assunto tan delicado, y problematico. Ni me atrevi a preguntar cuyo era. Ello vale mui poco, y no tiene alma ni calor, ni estro, ni propiedad.

Tenia una visita que hacer y me fui temprano á la Posada, y á hacer mi cumplido. Por la tarde volvi á mis copias. Una inscripci3n dice:



DIS · MANIB
L · COMINI
EXPECTATI
IVSTVS
ET-avgvstanvs cvm
COMINIA
MATRE
PATRI-OPTIMO



Otra dice

D · M	π
CAECILIO · P · F	FRATER-AEIVS
HERMETIANO	VIXIT-ANNOS
V · A · II · M · XI · D · XVII	VII-MENSES
P · CAECILIUS	IV-DIES-VI
IV	
SILICIANVS-FRATER-AEIVSVAVIIIIIIID	
HERMES	
PATER-FECIT	

Otra



Quedaban aun alli otras dos 3 tres inscripciones pero mal tratadas, por cuya razon no me atrevi a copiarlas. Quando concluia yo la que antecede sobrevino Su Ill.^{ma}, quien me acompa3n3 asta su Quarto y me dixo que aquella noche queria que oyese yo un concierto de musica compuesto en la mayor parte de eclesiasticos jovenes, sus alumnos, *por que*, a3nadi3, *Yo gusto que en las horas fuera*

del estudio se ocupen en esta diversión no solo inocente sino preservativa de algunos daños. Dixe que estava mui bien, que á mi me gustava la musica y que recibiria en ello mucho favor. Huvo un rato de conversación asta ora de beber. Después comenzó el concierto. Cantaba un Tiple Italiano que casualmente havia hido á Beja desde Lisboa. Uno de los violines era seglar, los demás todos eclesiasticos ó de vestido talar. Tocabase una simphonia o una aria y en el intermedio el Maestro de Retorica de Palacio decia una pequeña harenga latina. Después el de Poesia recitaba un Epigrama. Todo era en elogio mio, lo que en medio de la gran merced que en ello me hacia Su Ill.^{ma}, me causaba gran mortificación. Conociólo Su Ill.^{ma}, y Yo procuré tambien darlo a entender assi en las respuestas que dava á los recitantes; y Su Ill.^{ma} vuelto á mi me dixo; *No hai sino que aguantar y tener paciencia que esta és noche de decir verdades*, y aún dixo más que yo omito, aunque convendria saberse para mostrar quanto Su Ill.^{ma} me favoreció.

Prosiguió el concierto y cantico. Dixome Su Ill.^{ma} que la musica lo transportaba, y que de joven havia sido mui aficionado, y havia aprendido algo. Respondi que á mi me sucedia lo mismo, y que permitiendomelo Su Ill.^{ma} daria luego una prueba de ello; y luego que se acabó la symphonia que se tocaba pedi un violin y vuelto á Su Ill.^{ma} le dixe que en su obsequio, y en correspondencia de tanto como me honraba haria una travesura, y veria si me acordaba de lo que havia aprendido en mi juventud. Pusieron una simphonia cuyo primer allegro tenia bastante execución; confesé que estaban ya mis dedos torpes para tanta nota. Dexé que se tocase el allegro, toqué el adagio y el segundo allegro, previniendo al Maestro de Capilla que no fuese mui corrido. Sali en fin de mi empeño y quando se concluyó dixe á Su Ill.^{ma}

...semel insanivimus omnes.

No puede decirse quanto celebró Su Ill.^{ma} el pasage, y quanto lo aplaudieron los tertulianos. Dixo su Ill.^{ma} muchas cosas. Yo me disculpé por mi poca pericia, y mis muchos años, y á Su Ill.^{ma} le dixe lo de M. Ant. Mureto. *Repuerascere me cogit amor in meos*.

Bolvimos un ratito á nuestra conversación. Prevínose una aria para que se cantasse. Manteniame yo con Su Ill.^{ma} pero quiso que la acompañasse yo, y no me hice de rogar mucho. Tomé segunda vez el violin; pero dixe al que hacia de primero que tocase conmigo por que yo me fiaba poco de mi; y assi lo executó y salimos sin contratiempo del empeño; lo que Su Ill.^{ma} manifestó que celebraba mucho.

Se nos hacia tarde, y yo tenia que disponer en la posada para mi viage que havia por la mañana de proseguir. Quiseme despedir de Su Ill.^{ma} pero me dixo que nos veriamos, que queria que saliese de Beja en su *seggia* y acompañarme. Roguéle con quanto encarecimiento pude que no hiciese tal; pero fué en vano, y me añadió: *Con sugetos de menos caracter que el suyo lo practico assi: y aún sin eso lo practicaria con V. por su merecimiento y por el afecto que le tengo. Digo que nos veremos. Vayase ahora á descansar.*

Fuime, até mis papeles, cené y me recogí con intencion de madrugar. En efecto el

Jueves 7

á las seis y media de la mañana estaba todo dispuesto para marchar: Parecióme pasar á Palacio de Su Ill.^{ma} para dexar un recado de que yo me havia ya marchado, y evitar con esso á Su Ill.^{ma} la molestia que se queria tomar. Fui allá en efecto, di mi recado á un su familiar, sugeto de satisfacción. Volvime á la posada y quando iba ya á ponerme á cavallo me vi á Su Ill.^{ma} que venia; hizome entrar en su *seggia*, y no quiso volverse asta andada bien una legua. Allí nos despedimos, y no puedo yo bien ponderar las demonstraciones de afecto que debí á aquel insigne Prelado en esta ocasión.

LA CUBA.—Fuimos á comer á la Cuba, tres leguas cortas de Beja y de buen camino. Tambien allí hallé la fineza de Su Ill.^{ma}, que con ocasion de hallarse en aquel pueblo Don Felix Cayetano de Sylva, le ordenó me previniese postres para el camino, y en efecto me presentó en nombre de Su Ill.^{ma} una fuente de dulces, bizcochos y rosquillas, que llegaron hasta Lisboa. En efecto cada passo que daba (y que he dado asta aqui: escribo en Lisboa á 16 de Noviembre) era y es una nueva deuda y obligación con que más y más me honra este Señor como hiré diciendo.

En una de las puertas de la Parroquial de este pueblo que és la que mira á medio dia hai esta inscripcion renovada:

D · M · S ·

TERENTI

VS · CHRYSO

GONVS ·

ANN · XXXVII

H · S · E · S · T · T · L

ALVITO.—Por la tarde fuimos á dormir á otro pueblo llamado Alvito, dos leguas largas de Cuba, y nada ocurrió digno de notarse.

Viernes 8

AGUIAR.—Este dia salimos algo tarde por ser el camino de la mañana corto, fuimos á comer á un pueblo llamado Aguiar, el qual dista dos leguas mui largas de Alvito; á una legua entre uno y otro pueblo pasamos por la Villa de Viana. En Aguiar comimos y tomamos temprano el camino de la Ciudad

EVORA.—Evora, que dista quatro leguas no largas de Aguiar y de buen camino. Llegamos con sol á aquella Ciudad.

Haviame el Ill.^{mo} de Beja dado dos cartas de recomendación para Evora; pero no se contentó con estó. Avisó a dos Señores sus amigos, Don Juan de Aguilar y Meneses, Inquisidor de aquella Ciudad, y Don Josef Maldonado, Seglar. Este me salió á recibir en su seggia á un quarto de legua de la Ciudad; pero como yo lo ignoraba tomé una vereda desviada del camino carretero y no nos encontramos. Vinieron luego que llegué ambos á la posada. Yo me havia pasado al Convento de San Fran.^{co} que está enfrente de ella, sin decir donde iba. Esperaronme un buen rato asta que anocheció. Fueronse, pero se quedó alli un lacayo del Inquisidor para enseñarme la casa si queria yo ir. Fui en efecto y me tenian prevenida una merienda esplendida. Estava con el Inquisidor el Dean de Evora su Pariente, y ambos me dixeron serlo del Señor Don Ayres de Sáa, Embaxador que fué muchos años en España. Sobrevino el Señor Maldonado, á quien debi quanto es decible de atención y obsequio.

Alli estube asta las nueve que me recogí á mi posada, haviendo quedado con el Señor Maldonado que el dia siguiente á las nueve vendria por mi y andariamos por la Ciudad á ver lo que huviese digno.

Sabado 9

Por la mañana me fui á Misa á San Francisco, que es Iglesia magnifica, cerrada a lo Gothico primorosamente. Tambien lo és el claustro, y en un angulo de él hai una capilla baxa pero bastante capaz, y sostenida de dos ordenes de columnas, las quales, y todas las paredes de ella estan incrustadas de huesos humanos sin que se vea en toda quanta és la capilla ni en las columnas un dedo siquiera de pared, y estan los planos embutidos de canillas puestas á tizón, de suerte que no se vén sino los muñones por donde se une la pierna con el Muslo, y las Calaveras forman un tetrico dibujo que al paso que conmueve excita otros afectos mui diversos. Lo más estraño és que dos ó tres esqueletos que se conservan casi enteros y con su

piel acartonada estan en un angulo de la capilla atados como se ata un haz de leña, y colgados sin tocar, como dicen en Cielo ni en Tierra. Confieso que á mi me chocó el tal espectáculo.

Vino por mi á la posada el Señor Maldonado con su seggia. Buscóme en San Francisco y me llevó á la Cathedral, cuyo Arzobispo és el Cardenal Patriarca Acuña⁴: Assi el Dean como todos aquellos Canonigos y Dignidades me honraron mucho. El Templo no és grande pero tiene mucha magestad: Es de tres naves de bastante elevación. El cuerpo de el edificio y el cruzero son de arquitectura gothica del siglo trece; El presbiterio es moderno y cosa de gran gusto, assi por dentro como por fuera. El retablo mayor es de piedras mui bien distribuidas, que hacen un objeto mui agradable á la vista, y mui desahogado, y serio. El quadro principal és de Agustin Massucci, pintor romano, a quien conocí yo el año de 1755 en su Patria. En las paredes hai otras dos pinturas del mismo Autor. La silleria es mediana, y para corto numero de residentes, y en efecto no pasaban de veinte y quatro los que havia en el coro aquel dia. Todo me lo mostraron acompañandome el Dean y varios con gran curiosidad de saber que tal me havia parecido aquella Iglesia y preguntandome muchos que tan grandes y ricas eran las Iglesias de Toledo y Sevilla y la de Valencia, que numero de Canonigos, Dignidades, Beneficiados, y Dependientes tenian, etc.

Ademas del coro bajo que está dentro del presbiterio desde donde vén los que residen y cantan toda la Iglesia y quienes entran y salen, y ellos son tambien vistos (lo que no em pareció bien) hai otro coro alto como el del Escorial sobre la Puerta principal de la Iglesia y la silleria tiene unos relieves mui hermosos de fieras y batallas etc.

Lo exterior del presbiterio está incrustado de marmoles y otras piedras que forman sus planos, pilastras, capiteles, frisos, y cornisas con una distribución mui estudiada. Dixeronne que el todo del presbiterio costó setecientos mil cruzados, que son tre[s]cientos y cincuenta mil pesos fuertes. En el centro de la convexidad de la pared exterior se lee

Joannes Federicus Ludovisius

Regius Architectus

futuri operis specimen absolutissimum

ad quartam undequaque partem contractum

ex ligno exigi curavit.

MDCCXXI

Llevaronme de allí á la Capilla del Santo Lefío de la Cruz, y me honraron con enseñarme y permitir que adorase aquel precioso instrumento de nuestra redención. Es mui grande, tiene dos brazos al modo de el que se venera en el Monasterio de San Miguel de los Reyes del Orden de San Geronimo extramuros de la Ciudad de Valencia mi Patria, y puede dudarse qual de los dos sea mayor. Para abrir el Sacrario huvieron de concurrir tres sugetos que guardan cada uno su llave, el Dean, el Tesorero, y otro. La custodia en que está es mui preciosa de plata sobredorada de figura quadrada, tachonada de *ochocientos y quarenta diamantes: quatrocientos y dos rubies: ciento y ochenta esmeraldas, y dos zafiros*; y está estimada en *treinta mil cruzados*, segun se expresa en una noticia con que me favoreció el Señor Tesorero, en la qual se expresa que dió aquella Cruz, esto es la Custodia, un Arzobispo de aquella Santa Iglesia llamado Frai Luis de S.^a (assi está en la noticia), Religioso de la Santissima Trinidad. Es obra del siglo pasado, ó quando más de cerca del año 1600.

Fuimos de allí á la sacristia, enseñaronme las alajas de plata y oro del servicio del altar, los ornamentos preciosos, especialmente antiguos de imagineria, y brocados de tres altos; los Libros de Coro, ya sin uso por su antigüedad, que eran los que yo deseaba ver. No hai cosa de gran consideración ni tienen libreria.

Despedime del Señor Dean, Thesorero, y demás que me acompañaron con la mayor atención hasta la puerta de la Iglesia, manifestando yo á todos mi gratitud y deseos de complacerles.

Llevóme de allí el Señor Maldonado á las carnicerías publicas que llaman el *Azogue* y justamente estan en el que antiguamente fué Templo de Diana, y de él se conservan á la parte de Norte y Poniente algunas columnas con sus capiteles corintios mui suntuosas en la forma que expresa el dibujo adjunto

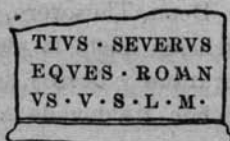
¶ Aquí el dibujo de las columnas del Templo de Diana en Evora¹.

De allí pasamos al contiguo Convento de la Orden de San Juan Evangelista, cuyo instituto no es conocido en España, y me dixeron aquellos Padres que procedia de un Convento de Venecia llamado San Georgio in Alga, de donde fue San Lorenzo Justiniano, de que

¹ [Falta o desenho a qué o texto se refere].

yo hacia alguna memoria. Entramos alli para ver una Torre que hai en el huerto ó cercado del Convento, á la qual llaman vulgarmente la *Torre de Sertorio*. Veese la tal Torre desde afuera; y aún desde alli me olió su fabrica á mui moderna. Vila después de cerca, entré en ella y subí asta lo más alto con el Señor Maldonado, un eclesiastico que nos acompañaba y un religioso anciano, que era nuestro conductor. La Torre ni es del tiempo de Sertorio, ni lo piensa, ni tiene de quinientos años arriba. Dixelo assi; pero el Padre se mantenía con su Sertorio. Yo dixé entonces *que era tan Sertoriana como la Vniversidad de Huesca en Aragon*. Quiso Dios que no me entendió antes bien la tomó por concedida, y añadió: *essa abértura que tiene (está hendida de arriba abajo) se cree que sea del terremoto que hubo quando murió Nuestro Redemptor en la Cruz*. No me pareció sacarle de su buena fée ni lo huviera logrado, y assi callé y quedamos amigos. Todos aquellos Padres nos hicieron muchas honras y nos combidaron á comer y nos acompañaron hasta las gradas de la puerta.

Fuimos de alli á la casa donde nació y moró el famoso Evorense Andrés de Resende. Dicen que hubo otro tiempo en ella muchas antigüedades. Hoi solo se encuentran en el huerto de la casa el fragmento siguiente.



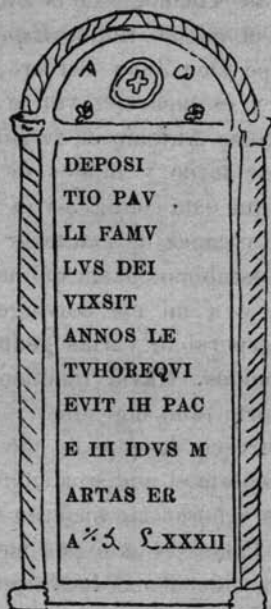
Otros tres ó quatro trozos se conservan en el mismo huerto de una tabla delgada en que hubo inscripci3n romana, pero dificultosos de ajustar, por lo que, y por haverme parecido inscripci3n sepulcral, no quise entretenerme en acoplarla.

Otra inscripci3n hai en una camara sobre la puerta en que se lee

IVLIA · RVFI · F
MVNILLA
IVLIA · GALLA
H · S ·

Otra finalmente en la pieza que hoi és cocina en un vasar, sobre la qual (que és á manera de tabla y de pizarra) se pone la alcuza

del azeite: y assi huvo de ponerse en limpio para poderse leer. Dice de esta suerte:



Era ya hora de comer, y yo deceaba retirarme á la posada; pero el Señor Maldonado quiso que antes viesemos al Señor Inquisidor Aguilar. Metimonos en la Seggia y me llevó allá. Estaba la mesa puesta como de dia de boda: conoci queria el Señor Aguilar que comiese en su compañía y del Señor Dean, y del Señor Maldonado y parece lo tenian concertado assi: Quiseme despedir para mi posada y nada bastó. Obligarónme á quedar, y embiaron recado para que mis gentes no me esperassen. Comimos los quatro solos. Vino sobre mesa otro canonigo llamado Palha y tomó el caffè, y nos avisaron que estaban las seggias puestas para ir al Monasterio de la Cartuja, extramuros de Evora, donde el Señor Obispo de Beja me dixo havia algunos manuscritos.

Fuimos allá en efecto y aquellos buenos Padres nos hicieron mucho honor. Vimos la Iglesia, Sacristia, Claustro y demás Oficinas. No és Convento grande ni comparable con ninguna de quantas Cartujas yo he visto en España. Intitulase *Scala Caeli*. Hai algun manuscrito estimable, pero no gran cosa. Una Cadena de Santos Padres Griegos sobre el *Paralipomenon* (creo) y otros libros Griegos antiguos de Humanidad. Uno hay Español con este titulo.

«*Espejo de la Princesa Christiana* dirigido á la mui alta y esclarecida Princesa Doña Catalina, Reyna de Portugal y de los Algar-

»bes, Señora Nuestra, por su indigno Capellan el Doctor Francisco de »Moncon, Cathedratico de Theologia de la Universidad de Coimbra».

Otro tomo hai con el mismo titulo. *Espejo del Principe Christiano* dirigido al Principe Don Juan Tercero, del mismo autor, que sin duda fué español; y és menester ver si hace de él mención, y de estas obras Don Nicolas Antonio en su *Biblioteca Hispana Vetus*.

Quedaba un poco de tarde y fuimos de alli a una quinta del Señor Canonigo Palha, que está contigua y és mui hermosa y grande, toda cercada de pared, y capaz de mantener una casa mui decentemente por si sola. Alli estuvimos hasta que nos quiso anochecer que nos volvimos á Evora y a mi me condugeron á casa del Señor Maldonado, donde me esperaban varias gentes de distinción de la ciudad y algunos canonigos. Havia tambien algunas señoras que hacian visita á la Consorte (aun mui niña) y Padres del Señor Maldonado. Sirvióse un refresco decente de thé con vizcochos (que és el estilo del Pais) y chocolate el que se añadió por mi respeto. Huvo varia conversación: Las señoras me hicieron mil preguntas especialmente de Madrid y de Palacio y mui por menor de la Princesa de Asturias nuestra Señora; los demás hablaron de diversos assumtos politicos [y] literarios. Havia en la conversación un Medico llamado el Doctor Manuel Carvalho, el qual en la conversación anterior havia mostrado bastante erudición y conocimiento de libros ó Historia Literaria. Pusieron en sus manos una vihuela. Tocó divinamente. Yo en mivida he visto cosa no solo igual, pero ni que se le parezca. A mi me admiró, y me tuvo encantado todo el rato que tocó. Para mostrar su destreza y quan dueño estaba hecho del diapason de su vihuela, la presentaba á qualquiera de los circunstantes y le decia: *pise Vm. con el dedo la cuerda que quiera y en el traste que quiera*. Haciase assi, y por el sonido que la cuerda hacia, tocaba después por aquel termino un quarto ó mas de hora, fabricandose un tema ó intención en un momento, la qual seguia hasta el fin con mil glosas y diferencias, con una agilidad increible en ambas manos. Hizose hora de retirarme. Vine á mi posada en la seggia del Señor Maldonado, y quedamos en que el dia siguiente vendria temprano por mi porque havia yo de copiar unas inscripciones antiguas que hai en la Plaza: con lo que me despedi de aquella assamblea; cené y me recogí temprano porque estaba cansadissimo.

Domingo 10

Por la mañana rezé mi Oficio, passéme á San Francisco á oir Misa, volvíme á mi posada y me desayuné. Tardaba en venir el Señor

Maldonado. Fuime con un criado á la Plaza, dexando dicho á mis gentes que quando viniesse dicho Señor le dixesen donde yo estaba.

Puseme á copiar las inscripciones antiguas que alli existen. Una dice:

I MANILIA · M · F
 MAXVMA · AN · XII
 H · S · E · S · T · T · L ·
 C · VIBIVS · TANJI
 NVS · COCNATAE
 SVAE

Otra:

II LARIBVS · PRO
 SAUTE · ET · INCOI
 MIT^ATE · DOMVVS
 Q · SERTORI
 COMPETALB · LVDS
 ET · EPVIYM · VIC^INEIS
 IVNIA · DONACE · DO
 MESTICA · EIIVS · ET
 Q · SERTOR · IERMES
 Q · SERTOR · CEPALO
 Q · SERTOR · ANEROS
 LIBERTEI

Otra hai que dice assi:

III Q · VOCONIO · L · F ·
 QVIR · PAVLLO · AED · C ·
 IIVIR · FLAM · RO
 DIVORVM · ET · AVGG ·
 PRAEF · COH · I · LVSI^T · ET · CO
 VETTONVM · > · LEG · III · I^TAL ·
 OB · CAVSAS · VTILITATESQ · PVBL
 CAS · APVT · ORDIN · MPLISS ·
 FIDELITER · ET · CONSTANter ·
 DEFENSAS · I^{PG}ATIONE · QA · GR
 TVITA · R^oAE · PRO · R · SA · FVN^T · ES
 LIB · IVL · EBORA
 PVBLICE · IN · FORO

Otra:

IV P · STAIVS
 P^oLIB
 MERIDIA
 NVS · H · S · E ·

Otra:

V

D · M · S

C. ANTONIO · C · F · FLA

VINO · VIVIRO · IVN

HAST · LEG · II · AVG · TORQ ·

A/R · ET · AN · DVPL · OB · VIRT

DONATO · IVN · VER^oCVM

DA · FLA · PERP · MVN · EBOR

MATER · F · C ·

Otra dice assi:

VI

CILIO · Q · F

VOLVS AEF

COH · I · C · R · SEX

PROVOC · VICTORI

DON · DONATO · AB

IMPER II · HAST

PVR · III · VEXILL

CIVIC · I · MVR

III · OBSID NIBVS

HIS · IN · REP · S · FVNC

EBORENSI · CIVI · OPT ·

MERITA · EIVS · IN

MVNIC · MARMOR

BASI · AENE D · D ·

DIVO IVLIO

LIB · IVL · EBORA

OB · ILIVS · IN · MVN ·

E · MVN · LIBERATA

TEM · EX · D · D · D ·

QVOIVS · DDECATIO

NE · VENERI · GENE

ThIC · DONVM · MATRO

NAE · CESTVM

TVLERVNT

Otra hai que me pareció renovada, quando no sea falsa como me pareció la que he de hablar después. La renovada dice assi:

[Ha vestigios de uma folha cortada].

I · O · M

OB · PVLLOS · A · Q · SERTOR ·

METEL · ADQ · POMPEI · IVN

DONACE · CORONA · ET · SCEP

TR · EX · ARG · MVNVS · ADTVLIT

FLAMIN · PHIALAM · CAELATAM

HIERODVLIS · COENAM · D · D ·

[No verso desta folha nada ha escrito].

La que juzgo q'és falsa dice:

C · MINICIVS · C · F

LEM · IVBATVS ■■■■

LEG · X · GEM · QVEM

CONTRA VIRIAT

VOLNERIB · SOPI

TVM · IMP · CLAVD ·

VNIMA · PRO · MOR

TVO · DERELIQVIT

EBVR ■■■■ LITIS · LVSI

TANI · OPERA · SERV

■■■■ RARIQ · IVSSVS

PAVCOS · SVPERV · DI

ES · MAESTVS · OBI ■■■■

QVIA · BENEMER

GRAT ■■■■ NON · RETV

Assí concluye: Todas estas inscripciones estan en la Plaza mayor de Evora, colocadas en una fuente en tiempo del Señor Felipe Tercero Rey de España y Portugal sobre un friso antiguo en que hai bucranios y platos de relieve en la forma que solia usarse en la arquitectura de los Romanos, y no seria fuera de razon pensar que hubiesse este friso sido del antiguo Templo de Diana de que se habló antes.

Acompañóme a esta copia el Señor Maldonado y tambien después á visitar al Señor Aguilar y otros Señores que me havian favorecido; y tambien á su misma casa pués quise despedirme de su Señora y de sus Padres, y manifestarles mi reconocimiento como lo hice, y después vino con migo hasta la posada, á cuya puerta nos despedimos.

Comi temprano, y poco después del medio día tomé mi ruta para la Villa de MONTEMOR el nuevo que dista de Evora cinco leguas regulares de buen camino. Llegamos á Montemor con día, passados del viento friissimo que nos incomodó todo el camino.

Yo escribi un poco de mi Diario, pero cené y me recogí temprano.

Lunes 11

Este día salimos, temprano de Montemor y fuimos á comer *as VENTAS NOVAS*, junto á un Palacio ó casa Real de Campo de los Reyes de Portugal, distante quatro Leguas de Montemor, buen camino. Por la tarde fuimos al *Pregun*, otras ventas sin poblacion tres leguas largas de *as ventas novas*, buen camino, pero bastantes trozos de arenal, nada ocurrió este día digno de notarse.

Martes 12

Por la mañana salimos del PREGUN para ALDEA GALLEGA, que dista cinco leguas llanas, pero de muchos arenales. Llegamos á Aldea Gallega á esso de las once y media, y encontramos alli al R. P. Fr. Vicente Salgado, Religioso Francisco Tercero, Discipulo del Yll.^{mo} Señor Obispo de Beja², con dos Cavalleros Portugueses Hermanos, uno de los quales está casado con sobrina carnal del mismo Señor Obispo: los quales, de orden ó de parte de su Yll.^{ma}, me esperaban con la comida, y una falúa prevenida para pasar el Tajo, que alli se extiende asta tres leguas ayudado de las maréas. Quando llegamos, era la que llaman baxa mar ó reflujo, y assi comimos y yo dormi mui bien la siesta porque de todos modos habiamos de quedarnos aquella noche alli, y esperar el fluxo ó llena mar que no vendria asta las nueve de la mañana siguiente. Es de advertir que el embarcadero para Lisboa está inmediato á Aldea Gallega, y el mar ó la marea llega asta el mismo embarcadero con el fluxo ó llena mar; pero en el reflujo ó baxa mar se desvia del embarcadero un trecho bastante grande, y las embarcaciones que en aquel espacio coge se quedan encalladas alli asta el día siguiente, en que el fluxo ó llena mar las levanta y vuelve á poner en movimiento.

Sali con el P. Fr. Vicente y Señores Compañeros nuevos apaseo por Aldea Gallega, fuimos á la Parroquial y a otra Iglesia que alli hai, y vueltos á la posada, estuvimos en conversacion hasta hora de

² [Vid. a seu respeito o *Dicc. Bibliogr.* de Innocencio, s. v., e o que escrevi em *Da Numismática em Portugal* (no prelo), p. 120-124].

bever. Despues yo me retiré á mi quarto, porque tenia que rezar, y queria no atrasarme mas de lo que ya estaba en mi Diario. A esso de las nueve cenamos, y de alli á poco nos recogimos á dormir.

Miercoles 13

Este dia á esso de las nueve ó poco más nos embarcamos, yo con un criado en la fálua que los Señores que dixé me tenían prevenida. Mis gentes y las cavallerias en el barco del publico, que va todos los dias á Lisboa. Tardariamos como dos horas en pasar y daba gusto el hirse insensiblemente acercando a este gran pueblo [LISBOA] en hora en que el Sol lo batia de lleno y en un dia claro como aquel era, y en aquella hora desembarcamos sin que nadie nos dicesse nada. Llegamos á la casa del Señor Antonio Duarte, mercader de paños, cuñado del Ill.^{mo} Obispo de Beja, donde havia prevenida una seggia, en que después de haverme despedido de los dos compañeros seglares nos metimos el P. Fr. Vicente y yo, y me condujo á la Posada de la Estrela, frente del Monasterio de San Benito (que aqui se se llama San Bento). Esta es una de las más acreditadas de Lisboa, aunque está algo distante del comercio. Escogiose por haverse creido que havia tambien alli lugar para las cavallerias, y porque no lejos de ella tiene la casa el Señor Conde de Fernan Nuñez, Embajador de S. M. Catholica en esta Corte, á quien debia yo inmediatamente presentarme.

Segun íbamos, obserbaba yo el rumbo de muchos edificios, su igualdad y la del material de que constan, su fortaleza, y hermosura, lo espacioso, largo, y derecho de las calles, y me parecia no haver asta ahora visto su semejante. Haviamos antes de entrar en casa del Señor Duarte detenidonos un poco en el Plaza, que no tiene sinó tres hazes porque la quarta, que és la del medio dia, está descubierta al mar ó al río (que alli es todo uno) y tiene en su ribera una infinidad de barcos, que cargan y descargan, van y vienen, y en el medio muchissimos navios y embarcaciones mayores, lo que hace un espectaculo mui agradable á la vista.

En la posada me dieron de comer mui bien y un quarto mui decente al medio dia y con buenas luces que era lo que yo deseaba, pero no se pudieron acomodar alli las cavallerias y costó gran trabajo el hallar de pronto lugar.

Como no saqué de Valencia sino unos habitos de verano mui ligeros y comenzaba á apretar el frio fue preciso reponerme aqui de ropa assi talar como de camino. Entre escoger la tela, y tomarme el sastre (que en Portugues como tambien en Arabe llaman *Alfayate*)

las medidas se iba pasando la tarde, pero yo en la misma, y con el vestido de camino quise presentarme al Señor Embajador á quien no hallé en casa, pero dexé un papelito mio y recado para Su Ex.^a de que tardaria tres dias en volver, porque venia estropeado de ropa assi de corto como de talar, y mientras tanto que no me la hacian no podia parecer delante de gentes. Recogime despues á mi posada y proseguí mi Diario.

Jueves 14

Fuime por la mañana a oír Misa a San Bénto, que és una Iglesia magnífica, y lo es tambien el Monasterio. Vi despues una grande Iglesia que se está fabricando á expensas de S. M. Fidelissima en honor del Sagrado Corazon de Jesus. Dixeronme que era cumplimiento de cierto voto que S. M. havia hecho. Estan ya puestos los capiteles por igual en la Iglesia y fachada, y todo me pareció sumtuoso y acabado con mucha proligidad. Fuime desde allí á la ribera del Tajo que viene ciñendo á Lisboa situada en su Ribera derecha, u occidental, y encorvandose á manera de un arco ó de media luna menguante por espacio de larga legua y media ó casi dos leguas (que tanto como esto se extiende por lo largo Lisboa, y una legua por lo más ancho). Confieso que me sorprendió aquella vista, y más que todo la capacidad de aquel puerto, en que havia y hai continuamente un bosque ó selva de navios y otras embarcaciones. Insensiblemente me fui hasta la Plaza mayor (que és donde nos haviamos el dia antes desembarcado), volvíla a mirar com más reflexión y hice juicio que ni la que en Roma llaman Navona, ni la de San Marcos en Venecia, ni otra alguna de quantas yo he visto pueden compararse con ella en grandeza ni hermosura; sin embargo de que no está aún acabada, y que quando se acabe será uno de los grandes y hermosos edificios de la Europa. El perfil de toda ella le vi algunos dias después en Casa del Marques de Angeisa, (*sic*) de pluma y cada brazo ó punta del edificio por la parte contigua al Tajo ha de acabar en una Torre mui gruesa y elevada con su capitel hermosissimo, que á la verdad és obra de Romanos ó de Griegos. En medio de esta Plaza está la gran estatua equestre de bronce del Rey D. Josef, llamado el magnanimo. Dicen que no solo la estatua y el cavallo sino las figuras, trofeos, y adornos, que forman el grupo y plano sobre que pisa el cavallo, és una sola pieza vaciada y diseñada y hecha en su modelo por artifices portugueses; lo que hace sin duda honor al Pais. Yo hacia memoria de haver visto estampa de esta estatua, y me prometia que la hallaria en Lisboa; y tenia intención de ponerla en este Diario, pero no pude encontrarla venal. Si la hallase

la ingiriré donde pueda. La estampa que yo havia visto és de buril mui fino y delicado; pero me acuerdo que me pareció quando la vi que tenia mui poco fondo en el primer termino. Después vi otra estampa de la misma estatua de humo hecha en Londres divinamente. Huviera dado por ella de mui buena gana un doblón de á ocho. Ambas á dos van en un pliego regular de papel imperial.

La estatua es incomparablemente mayor que el Felipe Quarto del Retiro y que el Luis Catorze de Mompeller y que quantas yo he visto de bronce asta ahora. La base sobre que está eregida és de bellos marmoles, y el todo excede en altura á los edificios de los tres ramos ó brazos que forman la Plaza. En suma *Regis Opus* como decia a ótro assumto Horacio.

Haciaseme tarde, volvime a mi posada, media legua buena de la Plaza; hallé que mis cavallerias y buena parte de mi familia estaba mui distante y fuera mano, y yo necesitaba especialmente al dibujante cerca de mi, y assi hice animo de mudarme y ponerme más cerca del comercio y de mis gentes.

Puseme á comer, y aessa hora vino a favorecerme el Marqués de Irlanda, titulo de Castilla y habitante en Madrid, a quien yo conocia, y me conocia el Marques á mi. Dixome que la noche antes havia visto en casa del Señor Embaxador la targeta que havia yo dexado, y que venia a ofrecerse desde su Quarto (porque estabamos ambos en la misma Posada de la Estrella, y este Señor desde principios de Agosto). Estiméle mucho su atencion y me ofreci en quanto pudiesse para servirle. Estando en esto sobrevino el Señor Embaxador, que se informó de mi posada y quiso honrarme con su visita. Estubieron ambos asta que conclui, y el Marqués se fue con el Señor Embaxador á comer en su casa. A mi me dixo su Ex.^a que en su casa se comia á las dos, que qualquier dia y todos si quisiese podia ir yo a acompañarle á la mesa que tendria en ello mucho gusto. Estimélo mucho, y dixé que no desaprovecharia yo la ocasión de disfrutar sus honras.

Informéme de las Posadas que hai mas distinguidas en Lisboa y cerca del comercio. Dixeronme que la mejor era la que llaman la *Piamontesa en la Rua nueva de Almada*, frente de la Iglesia de la *Concepción nueva*. Supe que tenia quarto desocupado mui decente y con buena luz, y assi me mudé aquella misma tarde con un criado y los demás, y las cavallerias se mantuvieron donde antes. Alli fué la Justicia á examinar su pasaporte y guias etc., y me dixo uno de los mios que havia querido llevarse preso al mesonero por que no havia dado cuenta.

En mi posada nueva encontré á un comerciante de Cadiz y al Marqués de la Motilla, cavallero de Sevilla, pariente de mi amigo el Conde del Aguila, con quienes estuve un rato en conversación, y luego me retiré a rezár y á proseguir mi Diario hasta hora de cenar y de recogerme. En la posada comi siempre y cené en mi quarto y jamás bajé á la mesa redonda.

Viernes 15 y Sabado 16

Estos dós dias, desocupado de mi oficio y Missa, me fui embozado en mi capote por las librerias de Lisboa. Las principales son cinco, sin otras que hai de menor nombre cuyos dueños son Portugueses. Las quatro son de Franceses, Viuda de Bertrand, Borel, Paulo Martin, y Mr. le Beux. La quinta és de un tal Reicend Turinés.

En casa de un librero Portugués hallé y compré dós libros.

Salón, *Vida de Santo Tomas de Villanueva*. Madrid, 4.º, 1670.

No havia jamás visto esta impresión.

Fr. Joseph Anglés Franciscano Cathedratico de Salamanca, *Flores Theologicar. Questionum*. En Turin, 8.º.

Fue este Autor Valenciano. Dedicólo al famoso Antonio Perez, hijo de Gonzalo, y dá mui buenas noticias en la Dedicatoria de varios sugetos illustres en su tiempo en letras en la Universidad de Salamanca.

En la Libreria de la Viuda de Beltrand compré:

Diago, *Anales de Valencia*

..... *Condes de Barcelona*.

Vicente Roca, Cavallero Valenciano, *Origen é Historia de los Turcos*. Valencia, 15.

..... fol. de letra calderilla, ú de Tortis

La perdida de Rodas fol. letra calderilla.

En casa de Reicend el Turinés compré

Las Cronicas del Rey Don Alfonso el Sabio;

de Don Sancho el Bravo y de Don Fernando Quarto el emplazado: en fol. Calderilla.

Pontifical Romano antiguo creo que del an. 1546. fol. Letra Calderilla.

Paracleticum, ú oficio de Nuestra Señora por todo el año según el rito Griego, en Griego con las rubricas Griegas encarnadas. En fol. Roma cerca del 1600.

Despues compré los libros caballerescos siguientes:

Amadis de Gaula fol. Alcalá 1580,

y en el mismo Tomo.

Lisuarte de Grecia y Perion de Gaula, Zaragoza 1587.

Amadis de Gaula, Alcalá fol. 1580. Calder. Las Sergas de Esplandian. Alcalá 1588. y en el mismo tomo.

Lisuarte de Grecia, Sevilla 1550: fol.

Lisuarte de Grecia singular ni año fol. Calder.

Reinaldos de Montalvan, Salamanca, fol. 1526. Calderilla.

Belianis de Grecia, Zaragoza, 1580 fol. y en el mismo tomo:

Policisne de Beocia. Valladolid 1602.

Este ultimo andante no havia yo jamas oído mentar. Sinó uno de los Amadis que está maltratado, todos los demás estan buenos. Escaparonseme Palmerin de Oliva, y Don Girongilio de Tracia, los quales tuvo tambien este mismo librero, y el primero me dixo que lo havia vendido: el segundo me dió esperanzas de que lo hallaria y me lo venderia.

Talvez parecerá á alguno que empleé mal mi dinero en estos libros ridiculos. Ni me costaron caros (todos 432 reales) y en España ni por mil reales se comprarian, y esto dado que se encontrassen pues son ya mui raros. Además de que importa que se conserven estos libros para que se vea el modo de pensar de nuestros antiguos y el gusto del vulgo de España aun en el siglo XVI en que florecieron en ella tantos sabios. Conviene especialmente estos libros en una libreria publica, y yo holgaria mucho con tener los que faltan para completar la coleccion.

En la Libreria de Monsieur Borèl compré el

Geografo Nubiense en Arabigo solo. Roma imprenta Medicea. 1592. 4.º

Fr. Benito de la Soledad. 4.º

Testamento nuevo en Español antiguo, en Venecia, 8.º 1556. (creo).

Esta version es mui diversa de la de Encina y rarissima. Yo jamás la havia visto. Tiene un Prologo mui piadoso y docto (*nisi lateat anguis*). No tiene nombre de Autor ni hallo en el libro por donde pueda descubrirse. Borel me aseguró que no havia jamás visto sino otro exemplar.

Biblia Española, Amsterdam fol. 1630.

Biblia Española, Amsterdam, Gillis Joost fol.

Biblia Española, Amsterdam, 1726: 2 tom 8.º

Esta ultima la compré en casa de la Viuda de Bertand.

Dictatum Christianum B. Ariae Montani Antuerp. Plantin 1574.

Tambien sali estos dias á gozar de la diversion del rio y puerto de Lisboa, y vi algunos Templos y recibí algunas visitas de los li-

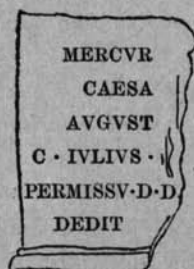
teratos de Lisboa, á quienes havia escrito el Señor Obispo de Beja, es á saber el famoso Sr. Antonio Pereyra Figueredo, antes Padre del Oratorio de San Felipe Neri, el qual me regaló el libro *Biblioteca Monasteri Alcobatiensis*: El Señor Don Joseph Correa da Cerra, sugeto mui acreditado por su literatura, que estuvo muchos años en Italia: el P. Fr. Juan Souza, natural de Damasco, Religioso Francisco Tercero: el P. Joachin de Santa Anna de Silva Paulino (de San Pablo primer Hermitaño, Religion no conocida en España), de la Mesa Censoria, y otros de quienes no hago memoria.

Domingo 17

Este día por la mañana a esso de las nueve me fui al Monasterio de San Bento (o Benito), porque supe que alli havia gran funcion en honor de Santa Getrudis la Magna, tomé lugar con tiempo, asisti á toda la función, oí el sermon y aunque no acababa bien de entenderle, hize juicio de que hechaba el Orador... Ampullas etc. sequipedalia verba. Huvo mui buena Musica. Previneme antes con Misa sinó no la huviera ohido segun la distracción con que me tenia aquel espectáculo.

Assi se passó la mañana: Por la tarde vino por mi el P. Vicente Salgado y me llevó á la rua de Santa Maria Magdalena á cuja entrada á mano izquierda estan encastradas en la pared las inscripciones siguientes:

I



II

DEVN · MTR ■■■
T · LICINIVS
AMRANTIVS
V. S. L. M.

[O reverso desta fôlha [58] está todo em branco. Seguem-se-lhe duas folhas, igualmente em branco].

III

L · CAECILIO · L · F · CELERI · REC^{TO}
 QVAEST · PROVINC · BAET ·
 TRIB · PLEB · PRAETORI
 FEL · IVL · OLISIPO

Son mui de notar los empleos de *Tribuno de la Plebe* y *Pretor* en una inscripcion provincial. Yo no hago memoria de haverlos jamas visto ni tengo a mano al Grutero para poderme asegurar.

IV

MATRI · DE
 VM · MAGIDI
 AE · PHRYG · FL ·
 LYCHE · CERNO
 PI · IRPERNI IV
 CASS · I · F · CASS · SEV ·
 MAT · ET · ANN · COSS · CAL

Assi está: Yo confieso que no acabé de entenderla.

Fuimonos desde alli a la Iglesia del Señor San Antonio de Padua, que es la casa donde el Santo nació. Su plantá es hermosa y bastante capaz; pero solo está acabado el cuerpo de la Iglesia y falta el cruzero. De alli fuimos a la Cathedral antigua, que llaman la *Seevelha*. Es Iglesia muy capaz y hermosa en cuya renovacion ó reedificacion despûes del Terremoto han procurado conservar quanto han podido de lo antiguo. Hai en ella siempre en el cruzero dos soldados de centinela que la guardan, y me dixeron que eran de la Tropa Real.

Estaba yo combidado en casa del Señor Antonio Duarte a beber. Fui allá con el P. Fr. Vicente. Despues del refresco que fue The con vizcochos hubo baile y danzaron tres sobrinas del Señor Obispo de Beja. Mantuveme hasta las ocho, á cuya hora me retiré y me recogí temprano.

Lunes 18

Este dia por la mañana volvi a mi vomito de andar por las librerias buscando libros. Compré en efecto en casa de M^r. Borel los siguientes:

Wolfi, Biblioth. Hebraica, 4 vol., 4.^{to}

Novum Testam., Hebr. Graec. Lat. curante Tremellio, 1 tom., fol.

Biblia Hebraica cum Massora et commentar. Rabbin. Danielis Bombergii Venet. 1.

Biblia Polyglotta parva ex officina Sanct-Andreana, 3 tom., fol.

Rabbi Mose Almosnino, *Regimiento de la vida Humana, ó Espejo de Sabios con el tratado de los sueños y su interpretacion* del mismo Autor, en 4.º *Incertum quo loci* aunque se cree impresso en Thesalonica hoi *Saloniquio*.

De este libro és menester decir que, aunque está escrito en caracter Hebreo Rabbinico sin puntos, su idioma és Español tan puro como el que hoi hablamos. Su primer titulo és este.

«Libro intitulado *Regimiento de la vida* y prosigue pudiendose verdaderamente llamar *Espejo de sabios y bienaventurados* compuesto por el famosissimo Sabio $\text{רַבִּי מֹשֶׁה אֱלֹמֹסְנִינו}$ (esto és: la gloria de nuestro Maestro, ó Rabbi, Rabbi) Moseh Almosnino Dios le conserve, á requerimiento de su intimo querido y sobrino, en el qual se contiene quanto conviene para poder bien andar toda la jornada de la vida humana sin error, comprendiendo en él toda la filosofia moral mui copiosamente.

«Y seguirse ha despues de el otro mui sublimado tratado sobre la esencia y ser de los sueños e de sus causas y significaciones e solturas verdaderas que tambien competen al regimiento de la vida, compuesto por el mesmo actor á requerimiento del mui ilustre senior el senior don Joseph Naci (ó Nasi) que el Dió conserve, e aumente su prospero estado. Amen».

En las primeras onze paginas se contienen los Indices de materias, y capitulos de uno y otro libro en Hebreo. El prologo primero está en el fol. 12, pag. 1, con este titulo.

«Prologo y llave universal del Autor y sigue.

«Tratado ordenado á requerimiento de mi intimo, y querido más que Hijo en el amor, viendo en él una buena disposición &c.». No le nombra.

En el mismo fol. 12, pag. 2, hai otro Prologo con este titulo.

«Prologo particular á su sobrino.

Y sigue.

«mas que hijo natural &c. Tampoco lo nombra.

Comienza por fin el libro en el fol. 14, pag. 1, y dice.

Capítulo primero

«Una cosa universal que á los mozos conviene mucho asentar en el principio de la jornada de su buen andar, si quiero antes de todo decir, porque és mucho menester que seas en ella advertido, y és

»que pues saliste de las alas de tu Madre procures de acompañarte
»con buenos y virtuosos &c».

Acaba esta obra del *Regimiento de la Vida* en el fol. 138, pag. 2. en estas palabras. «Tal camino consiste siguiendo bien á la memoria »este divinissimo engemplo que te he prosupuesto, el qual te será mui »útil para seguir el beatissimo camino de esta vida, teniendo por »espejo lo que en este tratado tengo escrito, ÷ él por su piedad y »misericordia infinita te dê descanso y contentamiento para poderlo »bien efectuar. Amen.

«Fin del regimiento de la vida».

El Libro de los sueños comienza en el fol. 139, pag. 1 por estas, palabras.

«Aqui comienza el tratado de los sueños y sigue».

ΠΒΓΠΠ

Prologo del Autor

«Mui ilustre señor, discurriendo muchas vezes por la memoria »muchos tratados que en presencia de vuesa merced se praticaron »en el tiempo que yo gozé de su divina conversación entre ellos si »me acuerdo el presente averse dicho un saba (הַיָּא assi está) estando »en Belveder 17, 15.3 que deseaba en grande manera aver cosa buena »en el caso de los sueños ansi en la esencia delios como en sus cau- »sas, y ser satisfecho de tres dudas que a cerca delios siempre »tuvo &c.».

Acaba el tratado en el fol. 162, pag. 2 en estas palabras.

«De manera que lo que Joseph alcanzó por puro saber y verda- »dera especulación pienso aver yo alcanzado á lo menos por espe- »riencia cierta y derecha razón, que siendo tan manifestas las cau- »sas, qualquiera juzgará no poder mancar tal efecto, y ser asegun- »dado el sueño, y en el tiempo, que fué, y ser soltado en el mesmo »sueño es senial de lo que Josef dixo, que és la cosa ordenada »y aparejada, y compuesta de con el Dio y que se apresurará a »hazerlo, y assi sea, y él lo confirme. Amen.

»A servicio de Vuesa Merced Mose Almushino sigue en seis folios »la exposicion Hebrea de algunas palabras ó voces Españolas en que »concluye el Libro.

Bartolocci no hace mención de esta obra, Wolfio si en su tomo III de la *Bibliotheca Hebraea*, pag. 732, n.º 2, en que describe este Libro y esta misma edición la qual dice: *Prodiit primum Tessalonicæ 172W 3º24. Christi 1564, 4.º, foliis 162, apud Ioseph Ben Isaac*

Iabetz. Todo és assi menos lo de haverse impresso el libro en *Thessalonica* cuyo nombre yo no he hallado en mi exemplar. En la primera pagina se lee al pie haverse impresso *en casa de Iosef hijo de Isaac, hijo de Iosef Iabets Adurs* (ó *advors* ó cosa tal assi) טורד en el mes de *Elul* en el año 324. Tal vez Wolfio havrá inferido haverse este libro impresso en *Thessalonica* por que havrá visto otras obras impressas en dicha ciudad por los mismos impresores. El libro és raro, y mucho, y el mercader, que no sabia de él sino el titulo, quando yo le expliqué lo que contenia, y que estaba escrito en español sintió no haverlo sabido antes para vendermelo mas caro. Talvez en otra ocasión diré más de este libro.

Por la tarde de este dia volvimos el P. Fr. Vicente y yo á ver algunas inscripciones antiguas. En la *Rua dos Retroceiros* (*sic*), en casa del Señor Francisco Ribeiro de Silva, en su almacén, se halla la siguiente:

SACRVM
AESCULAPIO
M · AFRANIVS · EVPORIO
ET
L · FABIVS · DAPINVS
AVG
MUNICIPIO · D · M

De alli fuimos a la Plaza mayor, donde está la grande estatua equestre, y en la que llaman *Alfandega Velha*, vi y copié las inscripciones siguientes:

I

COCCEIA · L · FIL
CHRESTE
H · S · E · S · T · T · L

II

~~///~~ BIVS · IVSTI · F · GAL ·
RVFVS · CLVNIENS · AN · XXX^x
CAECILIA ♂ SCAPVLAE · F · GEMINA
AN · XVIII · VXOR · OLISIPONENSIS
HOC · MAESOLIVM ÷ SEMPRONIA ·
RVFINA · MATER · D · SVO · FACENDV
CURAVIT.

III

IVLIA THYM

ELE · MONTA

NI · H · S · E

IV

GRAPTVS

LVCCEIAE · CIN

NAMIDIS · SER

ANN · XIII · H · S · E

■ T · T · L

IN · FRONTE · P · XXX

IN · AGRO · P · XX

Fuimos desde alli á la Bibliotheca de la Mesa Censoria, que está en la misma *Alfandega Velha*. Es una pieza con otras dos agregadas que entre todas hacen un vaso mui capaz; pero son mui bajas de techo; copia de libros, pero casi acinados, y aun sin arreglo. Tampoco hai cosa especial, ni manuscrito grande, ni pequeño, según nos dixo el Bibliothecario.

Iba ya anocheciendo con lo que yo me recogí a mi posada para proseguir en mi Diario.

Martes 19

Tambien este dia fui á recorrer los libreros, y compré los libros siguientes:

Poetae Graeci Veteres qui heroico et Lyrico carmine scripsere, 2 vol., F.

Herbelot Biblioth. Oriental.

Wagenseilii Tela ignea Satanae, 4.º

..... *Sotha seu de uxore adulterii suspeta* Arrianus Expedit, Alexandri Gr. Lat. F.

Fui despues a comprar algunas cosillas, como pañuelos, cortaplumas, frutillas de Indias y de China para regalar en Madrid á los amigos. Tenia que ir á comer á casa del Señor Embaxador que nuevamente havia estado á visitarme y combidarme. Llevóme allá el Marques de la Motilla, cavallero sevillano que casualmente se hallaba en esta ciudad y en la misma posada que yo, y vecino de quarto: Comióse tarde: Subimos después el Marques de la Motilla y yo con el Señor Embaxador á un mirador que Su Ex.^a tiene, desde el qual se descubre todo el Rio Tajo asta Belen, y la Barra, y alli estuvimos mui entretenidos viendo tanta diversidad de obgetos, rio, mar, selva

de navios, y embarcaciones, casas, palacios, jardines, montes, y casas de campo en la opuesta ribera del rio, y dentro de la Ciudad: de suerte que puedo asegurar no haver visto jamás espectaculo más agradable y vario.

Pusose el sol y hacia un frio grande que nos obligó a recogernos. Despedimonos del Señor Embaxador, y el Marques me volvió a la posada en su seggia, y ya no sali de casa por la noche.

Miercoles 20

Este dia anduve viendo algunos Templos; comenzó á visitar a algunos sugetos que havian venido á verme. Bolvi finalmente á mi compra ó busca de libros. Adqueri los siguientes:

Schultens Vita Saladini. Arab. Lat. fol.

Historia Josephi Patriarchæ Arab. Lat., 4.^o

Pasio D. N. Jesu Christi. Arab. Lat., 4.^o

Historia Tamerlanis. Arab. Lat., 4.^o

Argote Nobleza de la Andalucia, f.

Di mis tientos á la Biblioteca Maxima veterum Patrum completa con los dos Tomos del Aparato de Nourri. En dos librerias se halla, pero en ninguna a menos precio que de cinco mil y quatrocientos reales. Tambien está la *Biblia Regia* de A. Montano. Pidieronme cien pesos: llegué hasta noventa y me dexaron ir.

Por la tarde me fui a pasear al puerto, vi aquella multitud importantium & exportantium. Tuve mucha complacencia; pero el ayre frio me sacó de alli presto. Recogime á mi posada y continué aquella noche mi Diario.

Jueves 21

Por la mañana tenia cita para ir á ver el museo de el Marques d'Angeisa¹. Haviame procurado licencia para ello el P. Fr. Juan de Sousa Damasceno, y debi al Marques que le dixese *que queria S. Ex.^a conocerme y que si iba el dia siguiente* (por el Jueves) *me esperará en casa asta las diez*: fui en efecto á la hora: mandóme S. Ex.^a entrar y me trató con la mayor atención. Preguntóme el motivo de mi venida, que tal me havia parecido Portugal y esta Corte: Dixome que tenia muchas noticias de mi: que havia visto el Salustio Español de S. A. el Señor Don Gabriel; ofreciosseme para quanto valiesse, llamó al sugeto que tiene á cargo el museo, y le previno que nada

¹ [Isto é: de Angeja. A este museu me refiro no meu trabalho *Da Numismatica em Portugal*, pt. III, secção 2.^a, cap. 5, onde transcrevo o que aqui diz Bayer].

dexase de enseñarme de lo más precioso y reservado. Di á S. Ex.^a gracias, y le correspondi, diciendo que si en España ocurriese á S. Ex.^a alguna cosa en que yo pudiesse servirle me hallaria mui pronto.

El museo de medallas, si quitamos la colección de varones ilustres en que abunda, y entre los que hai muchissimas medallas de oro y plata, y medallones, no és cosa particular. El de Historia natural és seguramente cosa mui grande. El ramo de minerales tiene piezas, una de oro como lo crió el Autor de la Naturaleza de una libra y más, y otras menores. De plata hai especialmente un trozo que pesa veinte y quatro libras castellanas: chrystal de roca en que hai una esmeralda: otro en que hay un zafiro, y otros en que se ven otras piedras y raridades no solo preciosas por su estrañeza, sino por su valor. Conchas con perlas ya formadas y pegadas á ellas muchissimas y mui grandes: piedras assi de Portugal como de fuera, diaspros, verde antico, lapis lazulli, agathas mui diafanas: piedras medicinales, y otras sin numero. Petrificaciones de insectos, de maderas de hongos, de una hoja de col, que coge tanto ambito como una mediana campana &c. Mucho y mui selecto de Ornitologia y Ichthyologia (ó de aves y peces), coquillages, insectos. Armas de los Indios de madera. Instrumentos para cortar arboles y labrar los utensilios de las casas, sillas, mesas, arcas, telas larguissimas y de séis y siete palmos de ancho á manera de los papeles gruesos de la China, sin que se reconozca tejido, ni urdimbre ni trama mui sutil y tan flexible como las muselinas lo que á mi me causava admiración, porque me dixo el que nos enseñaba el museo, que el material de aquella tela eran cortezas (quiso decir fibras ó la camisa interior entre la corteza y el tronco que és por donde se comunica á los arboles el jugo) de ciertas plantas, semejantes al *Biblo* o *papiro* de los Egipcios, y veemos que este papiro no és flexible y solo permite rollarse, y si lo doblan se quebranta. Vi una Mumia Egypcia mui bien conservada después talvez de algunos millares de años (quatro decia nuestro conductor á lo que yo ni contradixe, ni assenti) con muchas letras ó geroglyphicas Egypcias. Ninguno havia asta entonces visto tan bien conservado. Vi la calavera de un hombre que murió pocos años ha, asserrada por el cráneo, el qual era de un dedo de grueso. Conocióle tambien nuestro conductor, y dixo que fue un grandisimo borracho con quien algunas gentes de humor se entretenian diciendole *rompe tal puerta ó ventana con una mochada* y lo hacia, y el premio era media azumbre de vino. Vi muchas otras cosas mui raras de que no hago momoria: copia de piezas de baxilla de cobre esmaltado y con unos dibujos y coloridos exelentes con varias histo-

rias profanas y sagradas; Reparé que en todas estaba el año en que se hicieron: una tenia el de 1556, otra 1558. Otras de China mui preciosas. La primera pieza de este museo és libreria no grande pero selecta en punto de historias, nobiliarios, legislación, fueros y costumbres de Portugal. La segunda, pinturas en que las hai que me parecieron mui selectas, tampoco hai muchas. La tercera vaxilla, piezas de cobré esmaltado, barro, vasos de China, porcelanas. En la quarta, quinta, y otros escondites está el todo museo de quanto da de si la Madre Naturaleza, esto Dios, Autor de ella, y no cabe, antes está todo embutido que no luce tanto como pudiera en una una pieza más capaz.

Tenia yo por la mañana que hir á Casa del Señor D. Ayres de Saa, Ministro que fué de S. M. Fidelissima em España, donde lo conoci. Fui allá. No está lejos de Casa el Marques de Angeisa, pero de mi posada seguramente está una buena legua. Vive junto á Belen. Recibióme este Señor con mucho agrado. Como á media hora sobrevino el Señor Conde de Fernan Nuñes, ambas Personas Publicas y que talvez tendrian assumto que tratar, despedime mui presto, y quedé con el Señor Conde en que el lunes hiria á su casa á comer.

Entramos, Frai Juan Sousa y yo, en nuestra seggia. En otra venia el P. Fr. Vicente Salgado (que comieron aquel dia conmigo). Tragimos mui buen paso, y no obstante tardamos una hora en llegar á la posada. En el camino me señalaron el sitio cerca del qual hirieron al Rey Dn. Josef, en el qual se ha erigido una pequeña Iglesia. Vimos tambien el solar de las casas que fueron del Duque de Aveiro, y se arrasaron, y el Padron que en ellas se erigió para memoria en los siglos venideros. Tambien vi aunque á alguna distancia el lugar donde se executó la sentencia de los reos. Solo el recordarlo á vista de los sitios me causaba horror.

Comimos á las tres. Yo quise tomar un poco de siesta, y quando me levanté ya iba anocheciendo, y assi no sali de casa y la noche la passé en la continuación de mi Diario.

Viernes 22 y Sabado 23

En estos dias compré los libros siguientes:

Schultens Dissertationes de Lingg Oriental, 4.

Titus Livius Dua Kemborchii, 7 vol., 4.

Gorrii inscripciones antiquae, 3 t., fol.

Aristophanes Kurstevi, Fol.

Lambecii Prodromus Biblioth. Vindob. F.

Mazzochii Tabulae Heracheens, 2 t., F.

Fui despues á comprar tela para habitos y quatro baratijas para los amigos de Madrid y Valencia, y estuve entretenido viendo algunos generos de la India y China mui preciosos, assi de seda como de algodón. Huviera comprado alguna cosilla si no me huviera detenido el justo recelo del peligro que puede haver de su introducción en España. Tomé sin embargo algunas cosuelas de poco valor para mi uso en lo que se passó dulcemente la mañana asta hora de comer.

Por la tarde llovió muchissimo y huve de quedarme en casa, prosiguiendo mi Diario.

Domingo 24

Este dia tenia ideado ir á ver la gran funcion de la Bula, que dicen és de las más solemnes. Se nos aguló el dia, como la tarde antecedente, y ni por doblado precio del que se paga aqui por el alquiler de una seggia (que son 16 tostones o quarenta reales de vellón por un dia entero sin la gratificación del seggiero) se pudo hallar seggia en que ir, y assi tambien me encerré en casa por la mañana.

Por la tarde aclaró un poco, puseme mis botas, y me fui con un criado embozado en mi capote á la Patriarcal. Está media legua de la posada, mucha cuesta, muchos lodos, y unas calles que yo no hallo con quienes compararlas ni en Toledo, ni en Sevilla, ni con las que llaman en Granada *faltriqueras* y tan puercas y lobregas que no sé como hái quien se determine á morar alli.

Llegamos á la Patriarcal, cuya portada és bastante grande pero de mui mal gusto de arquitectura y escultura; las figuras de los Santos que ocupan los nichos son ridiculas. Á mi tales me parecieron. La Iglesia es mui capaz y rica del gusto moderno, figura de Cruz Latina. Tiene su gran coro en el presbiterio, en que no entran (segun me dixeron) sino los que llaman Principales y Monseñores, y otros de gerarquia alta. Hai otro coro pequeño en el brazo derecho de la cruz que forma la Iglesia. Esta, dicen que és de los Beneficiados inferiores. Los habitos de los Principales y Monseñores son segun el estilo de Roma. Yo no estuve á hora de coro, que assi hablo por mera relación. Fuera del coro llevan calzas de color de violeta, y no reparé si tambien lo és el cuello. Haciaseme de noche y temia la vuelta y las calles y assi me retiré con tiempo á casa donde me encerré la noche.

Lunes 25

Este dia por la mañana distribuí los libros que havia mercado en quatro caxones, y los mandé hacer bien ajustados. Solicité las licencias para extraherlos (estas las dá la Mesa Censoria) la qual

despacha á nombre de S. M. Fidelissima, y para que en la Aduana den la guia necesaria para que los arrieros puedan cargarlos és preciso presentar dicha licencia de la Mesa Censoria. Después supe que no se entiende ni es necesaria esta formalidad con los libros y otros generos ó recados que salen de casa del Embaxador de España.

Quedaba en uno de los caxones algo de lugar y acomodé en él dos libros que el mismo dia encontré y tuve en ello gusto por ser el uno de ellos muy raro.

Montaneo, la Historia del Rey En Iacme Darago. Lemosin, Fol. Dameto, Historia del Reyno Baleárico, y en el mismo.

Mut de cod. argumento.

Fui á comer con el Señor Embaxador. Quise despedirme de Su Ex.^a porque tenia animo de irme de Lisboa el Jueves 28, pero añ ad que volveria á tomar las ultimas ordenes. Dixome el Señor Embaxador que havia esse dia de ir á comer, y assi que me iria el viernes 29. Convineme en ello por complacer a Su Ex.^a y tambien a mi Señora la Condesa, que assi mismo manifestó gustaria de que fuese. Faltabanme tambien algunas visitas y en efecto ni assi sobró tiempo, pues en Lisboa con las distancias que hai enormes una visita se lleva entera una mañana.

Acabamos de comer á las quatro ó cerca. Después debi á mi Señora la Condesa el honor de un rato de buena conversación en que especialmente se habló de las cosas de Salamanca, donde esta Señora se ha criado, y consiguientemente tiene á esta ciudad mucho amor. Tambien se habló de Madrid y de la Corte, y especialmente de los Señores Infantes, y de los sucesos del Campo de San Roque y de las Esquadras combinadas.

Se hacia tarde, tomé el permiso de Su Ex.^a y me retiré á mi posada con el P. Fr. Vicente Salgado, y de camino hicimos visita al Señor Don Antonio Pereira Figueredo, uno de los juezes de la Mesa Censoria de quien tengo hablado antes.

Martes 26 y Miercoles 27

Ambos dias se emplearon en visitas de despedida. Entre las que hicimos el miercoles fué una la del P. Fr. Juan de Souza Damasceno, en el Convento de Jesus. Quiso este Padre y tambien Fr. Vicente Salgado que viesse yo en el mismo Convento el museo del R^{mo} Padre Confesor de S. M. (no sé si de la Reyna ó del Rey), Religioso tambien Francisco y de la misma Casa. No pudo entonces lograrse; pero el R. P. General de la Orden que reside alli mismo solicitó y obtuvo la llave del museo de dicho Padre Confessor, y, obtenida, avisó á

los P.P. Salgado y Sousa, y que el dia siguiente si yo queria podria verlo todo á mi satisfacci3n.

Nada ocurri3 de particular en estos dos dias.

Jueves 28

Este dia estando aun yo en la cama recibí un papel del Se1or Embaxador escrito la noche antes, en que me avisaba Su Ex.^a que el mismo dia havia una funcion solemnisima, y una musica que pocas vezes havia yo oido otra igual en la Iglesia de San Roque, antes Casa Profesa de Jesuitas, y a1adi3 en su papel que dexaria á la puerta de dicha Iglesia un criado que me encaminase á la capilla destinada para Su Ex.^a y para Monse1or Nuncio. Era esta funcion un oficio Aniversario de Difuntos, que celebraba 3 hacia la Confraternidad de los Musicos de Lisboa, en que estaban alistados no solo los profesores, sino tambien muchos aficionados.

Pareci3me razon no perder una fiesta de esta clase, y assi me vesti, tom3 chocolate y luego que vino Frai Vicente nos fuimos al Convento de Jesus. Quiso este Padre que antes passassemos por el Convento de San Caietano á cuyas espaldas en la pared del cercado se halla la inscripci3n siguiente:

DIBVS
SVCCESSIS
RVBRIA
SABINA

Es en mi juicio la inscripci3n mui particular assi por el obgeto á quien se dedica como por la expresi3n 3 palabra DIBVS que parece esta por DIIS 3 DIS. Trajome á la memoria otra que hubo en Valencia mi Patria y la copia Beuter que decia *Q. Fabius Nisus Fatis ex voto*. Una y otra tendrán pocos exemplos semejantes.

Estabamos ya esperando el Padre General en el Convento. Comenzamos por el museo de medallas, cosa pobrissima á excepci3n de un monton de Egypcias de Hadriano y Antonino Pio, todas de gran bronze halladas segun parece todas de una vez y en un sitio, por las quales se podr3 formar la serie chronologica del reynado de este Principe (de Hadriano digo, que de Antonino no hai tantas) á lo menos en gran parte, porque en todas se lee L^A-LB-LT &c.

Tambien lo de Historia Natural est3 mui á los principios. Pinturas si tiene algunas que me parecieron buenas. Libros algo moderno. Poco mas.

Salimos a un terradillo, en que tiene Su Rm.^a unos tiestos con flores, y alli vi y copié las inscripciones siguientes:

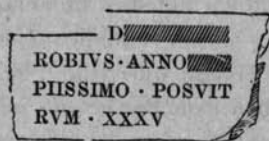
I

P.VRSIO · P · F · GAL · PRISCO · PIO
 PATER · POST · MORTEM
 P. VRSIO · P · C · Q · L · DEMETRIO

II

C · IVLIVS · FELIX
 CAPPADO
 ET · IVLIA · SEVERA
 VXOR

III



IV

D · I · M ·
 NIGELIONI
 M · MVNNA
 FILIO · P · P · XVII

V

D · M ·
 T · NIGRINO
 M · NNA
 ANNORVM
 VII
 M
 F

Todas estas son piedras pequeñas facilmente transportables de un sitio a otro; pero me aseguraron el P. General y los demás que nos acompañaban que todas se hallaron en Lisboa y en las zanjas que se abrieron para el edificio de aquel Convento, que és de los más magníficos de aquella ciudad.

Otras dos aparecieron después en el mismo terradillo tambien pequeñas. Dicen:

VI

D · M · S ·
TELEMACO
ANN · XL
NEMESIVS
PATRI · PIEN
TISSIMO
B · M · F · C

VII

D · M ·
π
MAIAE · FEL
CVLAE · ANN
XXVI
MATER · P ·

πReparesé en que el nombre FELICVLAE que significa la GATILLA se junta con MAIAE.

Baxamos desde alli al claustro bajo, y quiso tambien acompañarme el P. General, con quien bajaron otros Padres, y alli y en un descubierto y otras oficinas rusticas de dicho convento vi y copié las inscripciones siguientes, que estan en piedras mui grandes y de difícil transporte.

Dos hai en una misma piedra assi:

1

FLAMINICAE
PROVINCIAE
LVSITANIAE
SERVILIAE · L · F
ALBINI · D · D ·

2

LVCCEIAE
Q · F · ALBINAE
TERENTIANI
D · D ·

Otra dice:

3

////D · M ·
 ///D TVMIAE · Q · F ·
 QVINTILLAE
 ///VL · PAPIANVS
 ///XORI · OPTIMAE
 ///T · SIB · CARISSIMAE

Las tres tienen un caracter semiuncial.

Otras dicen :

4

///NATIAE
 AMOEAV
 LIA · TVSCILL^A
 MATER

5

LVCIVS
 C · L · CELER
 H · S · E ·

6

PRIMIGENIVS · C · TERENTI

7

C · TENATIO · C ·
 GAL · IVSTO

8

Q · IVLIO · M · F
 GAL · SILVANO
 POST · MTEM
 C · IVLIVS · RVFVS
 FRATER

9

M · PETRONIO
 M · F · CAL
 BASSO · D · D ·

10

C · CAECILIO · Q · F
 GAL · GALLO · AED ·
 PETICIA · P · F · TVSCA
 VXOR

11

PETICIAE · P · F
 TVSCAE

Eran ya cerca de las once y executaba la cita del Señor Embaxador. Despedime de aquellos RR. P.P. y con Frai Vicente me meti en mi seggia y nos fuimos á San Roque. Llegamos al tercer Nocturno de Maitines, oímos los Responsorios: La Misa con la sequencia y Responso ultimo: Yo antes de ir al sitio donde me encaminaba el villete del Señor Embaxador quise dar una vista a la Iglesia y desde la entrada de ella vi al señor Embaxador que con el de Suecia ó Dinamarca (porque yo no los sabia distinguir) estaba en uno de dos pulpitos que hai en ella, y por esso me mantuve en el mismo sitio asta que se concluyó la funcion.

Fue a la verdad solemnissima. Dixo la Misa un Principal ó Monseñor de la Patriarcal Mitrado. Los Asistentes me dixeron ser de la misma Iglesia y esso indicaba su modo de ropage á la Romana.

Lo principal y que atrajo a la Iglesia lo mas lucido de el concurso fue la musica. Estaba el tablado para ella dispuesto en el testero de la Iglesia con dos brazos que corrian uno por cada lado de la nave y en cada brazo havia tres gradas. En el testero estaba el Maestro de Capilla y las voces: En los lados los instrumentos. Lisboa abunda de capones italianos; diez conté por lo menos. A cada lado havia tres contrabaxos, y tres violines ó violencelos, que estaban en la grada inferior: sobre ellos en las otras gradas havia a cada lado bien doze ó mas violines que a la verdad parece que sacaban á la Iglesia de su quicio. La Composición Musica dixeronme que era de Jomelli.

Yo si havia visto funcion de mucho mayor numero de voces e instrumentos en Bolonia dia de San Petronio (que es el mismo de San Francisco, 4 de Octubre) y en la Iglesia de dicho Santo donde celebra anualmente una gran fiesta la Confraternidad de los Musicos de aquella Ciudad y de las inmediatas, pero ninguna con tanto orden y de tan buenas voces como esta. Cantaron a la verdad divinamente,

y yo me hubiera estado allí como estaba, esto és de pié y sin comer, y mui gustoso todo el dia.

Acabóse la funcion a la una y cerca de la media. Dexé al P. Fray Vicente en su casa y yo me fui ala del Señor Embaxador. Allí vino Frai Vicente a las quatro para que hiciesemos dos visitas que me faltaban, y vuelto a mi posada me recogí á rezar y á recoger mis trastos y papeles, y despues tomé chocolate y me fui a la cama.

Viernes 29

A las nueve de la mañana parti de Lisboa, dirigiendome al Real sitio de Mafra, Monasterio antes de Franciscos descalzos ó Alcantarenses, y ahora de once años á esta parte de Canonigos Reglares de San Agustin, trasladados allí con sus rentas de otros Monasterios del Reyno: Obra segun me dixeron en Lisboa del Marqués de Pombal. Acompañóme el P. Frai Vicente con otro cavallero hasta salir de Lisboa, es decir bien tres quartos de legua y allí nos abrazamos y despedimos.

Al salir vi el magnifico aqueducto o cañeria, por donde se introduce gran porcion de aguas em Lisboa. Obra verdaderamente romana y cotejable con qualquiera de los antiguos conductos de Roma y de Italia por su gran firmeza y elevación de los arcos, que se descubren aun a más de dos leguas de la Ciudad.

Todo el dia nos llovió y se puso el camino impracticable, y como salimos tarde de Lisboa hubieramos llegado a Mafra de noche, lo que yo no quise, por la experiencia que tengo de quan malo és buscar posada después de anochecido; y mas quando supe que el dia siguiente del Señor San Andrés era Feria en Mafra. Asi me quedé una legua antes en un pequeño lugar llamado Cilleiros si bien lo comprendi. Iba a la verdad cansado y con un dolor de cabeza grande, de suerte que me puso en alguna aprensión. Tomé chocolate, y me recogí.

Sabado 30

MAFRA—Dormi a Dios gracias con reposo unas quatro horas, y disparté aliviado de mi dolor de cabeza, lo que me consoló mucho. Antes de las ocho me puse otra vez en marcha. A las nueve llegaría a Mafra. Con la Feria era aquello una confusion. Aun de dia se tardó bastante en hallar posada. Yo me fui a la Iglesia desde luego, oi misa: comenzó el coro la Tercia, y yo me mantuve allí y asistí tambien a la Misa conventual, que se cantó y sirvió con mucha gravedad. Vi después con algun cuidado el todo de la Iglesia, el Presbiterio, el Cruzero, sus Capillas, y las del cuerpo de ella. Todo es

mucho, mucho bueno. La Iglesia es mediana: cabe con mucha olgura dentro de la del Escorial: el presbiterio es mui hermoso: el quadro del altar mayor es cosa singular: Yo creo que és de Agustin Massucci, Pintor Romano de quien hablé en otra ocasión. El coro está dentro del presbiterio: la silleria estaba cubierta de paño ó vayeta verde (si no me engaño). Havia en el como veinte y seis residentes: La Comunidad me dixeron que era como de sesenta y cinco. Hay Convento y Colegio no en edificios separados como en el Escorial, sino en el mismo, pero el Convento está en la habitación baja.

Volviendo a la Iglesia, tiene en el cuerpo ó nave tres capillas por vanda y una puerta mui capaz por donde se entra á ellas. Assi las capillas del cruzero como las de la nave de la Iglesia tienen en lugar de quadros unos relieves mui hermosos de marmol blanquísimo con sus retablos de piedras correspondientes. Dentro de cada capilla hai quatro nichos con sus estatuas de marmol, y el techo tiene un cerramiento ó boveda baja admirable. Assi la boveda de las capillas como la del cuerpo de la Iglesia y todas las paredes de aquellas y de esta estan incrustadas de varias piedras de colores mui diversos y contrapuestos de suerte que forman un matiz agradable. Todo es uniforme, y vista una capilla se ven todas. Estas tienen mucho más fondo que las del Escorial y es menester confessar que las paredes de la Iglesia de Mafra estan mucho más adornadas y son más hermosas que aquellas.

Volvíme a mi posada. Estaba la Plaza que hai delante del Monasterio hecha una Babilonia con la Feria: Paños, lienzos, suelas, pieles, frutas, pan, vino, empanadas ó pasteles, y otros mil comestibles. Havia tambien charlatanes, sacamuelas, juegos de manos y otras habilidades.

Entre esta turba me puse a observar la fachada principal del Monasterio, que desde luego me pareció no tener menos extensión que la del Escorial, y en caso de duda me inclinaria a que es algo mayor. Puseme frente el centro del edificio. Presentase una portada grandiosa, y seria correspondiente a la elevación y cuerpo de la Iglesia entre dos Torres. Campaniles mui elevadas y graciosas por entre ellas se descubre la cupula ó cimborio, que está sobre el centro de la cruz que forma la Iglesia, y és mui elevado y gracioso. A uno y otro lado se extiende uniformemente el edificio, rematando en dos Torres mui gruesas y cuadradas, cubiertas por encima á manera de los pavellones de campaña. En el comedio, de uno y otro lado entre la fachada y las torres de los angulos, hai otros dos arranques del edificio que quieren ser torres; pero se elevan tan poco sobre él que

sino estando cerca apenas se descubren. Esto me dissonó algo: en lo demás es seguramente edificio mui magnífico.

Subese a la Iglesia por una escalera ó escalinata mui espaciosa de tres haces, entre las quales queda formada una plaza mui capaz que coge todo el frente de la fachada. Entrase por esta plaza al Portico, el qual se cierra con verjas de hierro muy fuertes y hermosas, y assi está mui claro y despejado á diferenciá de el del Escorial que tiene poca luz. Hai en el portico, dudo si son más, ocho grandes nichos y en cada uno su estatua de marmol semicolossal, a lo menos igual á las que en la Iglesia de San Pedro de Roma han puesto las Religiones a sus Fundadores. El todo de las paredes y bovedas estan tambien cubiertas com marmoles, jaspes, y otras piedras de varios colores, al mismo modo que el Portico de San Pedro de Roma; de suerte que se hecha de ver haverse por el Arquitecto de Mafra tenido presente aquella gran Basilica ó su dibujo.

La Iglesia tambien por lo exterior es mui hermosa. Está aislada en medio del quadro ó quadrilongo que forma el todo del edificio. Vase por todo su derredor por un descubierto bastantemente espacioso y quadrado, y desde el palacio y convento hai dos pasadizos sobre arcos para la comunicación.

Yo hubiera querido sacar de esto y de la fachada (á lo menos) de este edificio un dibujo, pero era imposible en aquella confusión y hubieran las gentes (rusticas y aldeanas cassi todas) oprimido al dibujante: Llovía además de eso con un viento mui recio. De el sitio de la Iglesia, quiero decir, de el lugar que ocupa en el centro de el edificio creo que podré yo dar una tosca idea para que se comprenda de algun modo¹.

Yo no sé ni puedo explicarme de otro modo. El edificio al derredor de la Iglesia tiene mucho fondo pero no tanto como tiene de frente la fachada principal. Por mi curiosidad estuve como tres quartos de hora cerrado en aquel descubierto, que tenia un palmo de yerba mojada con solo un pequeño sendero ó vereda. Fue el caso que hallé abierta una puerta de verjas de hierro, por donde se entra al descubierto del derredor de la Iglesia, la qual puerta está al lado izquierdo de la escalinata: metime por ella en aquel paramo: di vuelta a la Iglesia y registré todo su exterior que és magnífico. Quise salir por la puerta de verjas que está al otro lado de la escalinata: halléla cerrada: retrocedi hacia la puerta por donde havia entrado, y halléla tambien con su candado: puseme como los presos llamando

¹ [Falta o desenho ou a descrição].

a quantos pasaban. Eran casi todos gente de aquellas aldeas que tenian atadas sus bestias a las verjas de la puerta; y alli estaban á cubierto de la lluvia que caía con el grueso de la pared. Ellos ni bien me entendian, y tenian más cuidado de irse á sus casas. En vano expuse á quantos alli llegaban mi necesidad. Vino al fin uno que me dixo tuviesse paciencia: era de ropage pobre: ofrecile que le gratificaria su trabajo; buscó y trajo consigo sugeto que me abrió y sacó del encierro. Paguéle mi carcelage. Preguntóme: ¿Como havia entrado alli? Dixe haver hallado abierta la puerta. No sabia como ni quando se abrió hasta que cayó en la cuenta de que poco antes havia entrado un mozo por algun recado que le mandaron, y dejó abiertas las verjas, y se salió sin verme, ni que yo le viesse salir (que seria quando yo estaba en el lado opuesto del descubierto) cerró sus verjas y me dexó en clausura.

Puesto en libertad, me encaminé al convento cuya entrada és por la fachada del edificio que mira á Norte. Como sabia que en Mafra hai Colegio de Religiosos, á que se agregan Colegiales Seglares convictores y otros Estudiantes de fuera, y que hai enseñanzas de Latinidad, Philosophia, Theologia, Matematicas, y Lenguas Griega, Francesa, Inglesa &c., rogué al Padre que está en la Porteria que me favoreciese en encaminarme á la celda de alguno de los Padres Profesores. Llevóme á la del P. D. Tomas de la Virgen, Maestro de Filosofia, y haviendole yo dicho que era yo un Canonigo de la Metropolitana de Valencia y que havia sido Profesor en la Universidad de Salamanca, me recibió con la mayor atención. Manifestéle mi deseo de conocer y tratar á aquellos R. R. Padres Profesores especialmente á los de Theologia y Lenguas, é informarme del metodo de aquellos estudios y ver la Biblioteca y lo demás que alli hubiese perteneciente á Literatura: Llamó á algunos de dhos Padres, con quienes estuve con ¹ buena conversación literaria. Preguntaronme el motivo de mi venida á Portugal. Expuselo llanamente y con essa ocasión quisieron ver el primer Tomo de la Obra que estoy trabajando *De numis Hebr. Samar.* Hizose llevar de mi posada y tambien mi Diario de este viaje, gustoless desde luego mucho la impression: glosaron sobre lo que el arte de imprimir se havia adelantado en España. Tampoco havian visto el Salustio de Su Alteza el Señor Infante Don Gabriel, y mostraron gran deseo de tener un exemplar. El P. Don Tomas de la Virgen me regaló el Metodo de Estudios

¹ [Ou en?].

de los Colegiales Seminaristas Convictores y Alumnos de aquel Colegio, que él mismo havia compuesto y las Conclusiones de Philosophia que aquel año havian sustentado algunos de sus discipulos.

Fueron viendo mi primer Tomo: Leyó el Padre Don Tomas la dedicatoria: me hizo el favor de elogiarla mas que vulgarmente: lo mismo hicieron los demás Padres, no sé si por juicio que de ello hicieron, ó si por buena crianza ó cortezania. Vieron las laminas; todas les parecieron bien y á mi me doblaron el favor. Tocaronse algunos puntos de Erudición Latina, y Griega, y de Disciplina Eclesiastica y Liturgia. Expuseles el todo del proyecto de mi obra, manifestaron gusto en oírlo, y lo celebraron: y dixeron que él mismo llevaba en si su recomendación y que les parecia mui natural y probable. Sintieron mucho que yo no me pudiese detener alli algunos dias por que les dixe que al siguiente tenia precisión de marchar. Instaronme para que á lo menos me detuviese alli el dia siguiente. Dixeles que era primera Dominica de Adviento; que estarian ocupados en el coro y no podrian enseñarme la biblioteca, que era lo que yo más deseaba ver. Dixeronme que la veria, y quanto huviese; por que el colegio y los P. P. Maestros no iban al coro. Comprometime en que me quedaria en Mafra el dia siguiente por la mañana y que iria temprano á verles.

Domingo 1 día de Diciembre

Fui en efecto antes de las ocho, oí misa, y me passé al colegio, Ya me esperaban los Padres: Quisieron darme desayuno. Yo le havia ya tomado. Mostraronme la sacristia, y ornamentos, todo mui rico: el lugar donde se preparan para el Sacrificio, el aguamanil, el armario ó alacena de los calizes, y quanto creyeron digno de atención.

Fuimos de alli á la libreria. Es numerosa, segun me dixeron de cincuenta y tres mil volumenes. Hoi está dividida en dos sitios separados por que la pieza hecha de proposito para libreria aun no tiene estantes. De esta pieza hablaré después. Está pues hoi la libreria de Mafra como de prestado en dos divisiones, una alta, y otra baja; La alta tiene tres piezas, seguidas las dos primeras como entramos medianas, la tercera mayor, todas rebutidas de libros muy bien encuadernados. Encima están las targetas que dicen las facultades de que tratan los Libros que las corresponden. Tuve gusto de leer en una de ellas:

Philosophia rancido — barbaro — sophistico — tumultuoso — inutilis.

Allí estaban los conimbricenses¹, y nuestros Froylan, Palanco, Bonaventura, Yribarren con otros muchos: lo que me hizo acabar de creher que tambien en Portugal se iba desterrando el mal gusto de la Filosofia que ha reinado en las Universidades de España en el presente, y todo el passado siglo y á que han querido llamar Peripatetica y Aristotelica.

Otro titulo semejante vi en la división ó biblioteca baxa, que és una pieza muy capaz, quadrada, con varios estantes sueltos puestos en el medio de ella además de los que estan arrimados á las paredes. Decia assi sobre los libros de Theologia llamada Escolastica:

Theologia Escolastica

garrulo—disceptrix

Godoy, Palanco, los Salmanticenses, y otros ocupaban allí su lugar, y yo decia entre mi: *si viera esto el Maestro Apodáca de Salamanca!* (Es este un Padre Premonstratense, que aun creo que escribe y morirá escribiendo de el *Lumen gloriæ: de gloria ut corona: de si purus Homo de condigno &c. de si Angeli in primo suæ creationis instanti &c.* volviendo á la libreria.

No vi en ella cosa particular mas que multitud de libros. Manuscritos á penas tienen: ni está la Biblia de Moguncia: la Española de Ferrara si. Libros anteriores al 1500 no muchos, el mas antiguo que vi no sube de el 1474. El Homero Griego de Florencia le tienen, pero incompleto y sin fecha. Otros libros me enseñaron antiguos: no cosa de espantarme con ellos.

Toda la mañana se pasó como un soplo en conversacion de libros. Estaba el P. Bibliothecario: el P. Catedratico de Griego: el P. Don Tomas de la Virgen y otros, todos Profesores. Sobrevinieron, concluido el coro, otros del convento y colegio. Vino uno mui apasionado á Horacio, y de quien dixeron que lo havia aprendido de memoria. En efecto hechó sus rhapsodias de este Poeta siempre que se hablava de asunto á que venia bien. Mostréle en más de una ocasión que no me era nuevo quanto me recitaba de él, y quando acababa de recitar la Oda, Epistola, ó Sermon, ó algun pasage de la Arte Poetica lo proseguia yo, que he tenido desde mi juventud, y conservo una afición grande á este Autor.

Salimos al fin de la bibliotheca ó de las piezas donde estan ahora los libros. Llevaronme á que viese la que está destinada desde la

¹ [Isto é, os comentadores do Collegio Conimbricense (Filosofia)].

fundación del Monasterio para que se junten todos allí. Es mui capaz y desahogada. Ancha como la del Escorial y alta, larga un terci-más: En medio forma una cruz cuyos brazos no son mui largos. El techo y las paredes hasta la cornisa estan bastantemente adornados. Dixerónme que pensaban ya en ir haciendo los estantes y que tenían para ello copia de buenas maderas.

Mostrarónme gran deseo de tener el Salustio Español de Su Alteza el Señor Infante Don Gabriel. No lo han visto. Dixerónme que si se vendiese lo comprarían á qualquiera precio. No pude ofrecerles sino que hablaria á S. A. y añadi que quedaban mui pocos exemplares. Ofreciles mi Libro de *num. Hebr. Samar.* y mostraron agradecerlo mucho. Assi que quedé con esta nueva obligación.

Lo ultimo que vi del Convento de Mafra fue el refectorio que me pareció mayor y mejor, y mucho más curioso que el del Escorial, y me dixerón (quando se habló de comprar el Salustio) que el Monasterio tenia anualmente de renta ciento y veinte mil cruzadós, que son sesenta mil pesos fuertes ó de á veinte reales de vellon cada uno.

Despedime de aquellos buenos Padres en cuya compañía havia estado mui gustoso por el buen acogimiento que me hicieron. Quedaronse con mi nombre por si á caso se les ofrecia algun encargo literario en Madrid ó en España.

TORRES VEDRAS—Fuime á la Posada: comi de prisa: y proseguí por la tarde mi ruta, ya cara á España. Encaminéme á la Villa de *Torres Vedras* que dista de Mafra tres leguas. A una legua pasé por un lugar llamado *Libramento*, á dos por otro llamado *Trosifal*, donde quise pernoctar, pero no me dieron posada y huve de proseguir de noche, y con muchos barro hasta *Torres Vedras* donde hubo tambien dificultad de hallar hospedage, pero al fin nos recogieron por Dios y nuestro dinero.

Lunes 2

AIENQUER—Este dia temprano proseguimos nuestra ruta acia al Villa de *Alenquer* á la qual llegamos á las once y media. Dista de *Torres Vedras* quatro leguas largas. A la legua pasamos por un lugarito llamado *Runa*: poco después por las Caserías de *Vxavens* y *Tiracorda*. *Alenquer* es una villa de mui extraordinaria situación. Lo principal de ella está en una gran cuesta que baxa asta un pequeño rio llamado de *Alenquer*, el qual se pasa en medio de la villa por puente. El resto de la villa está en lo llano y orillas del rio.

VILANOVA—Proseguimos por la tarde nuestro camino con animo de hir á dormir á un lugar llamado *Sambuja* (que los Portugueses

pronuncian *Sambuixa*, como *Beja Beixa*), el qual dista de Alenquer dos leguas; pero nos llovió bastante y huvimos de quedarnos en otro llamado *Vilanova*, á una sola legua de Alenquer, donde nos enjugámos y dormimos.

Martes 3

Este dia nos amaneció lloviendo. Aclaró después algo. Proseguimos nuestra ruta con intención de llegar á Coimbra, distante como tres jornadas de donde nos hallabamos. Deseaba yo mucho conocer y tratar á aquellos Profesores, y ver el metodo practico de los estudios y enseñanzas de aquella celebre Escuela. Pasamos por *Sambuja* y seguimos nuestro camino azia Santaren, cerca de tres leguas, lloviendonos á ratos, otros descubriendose el sol, pero siempre por barrizales y pantanos. Temi que algun aguazero nos clavase ocho dias en una posada, y assi, después de mil cuentas y reflexiones sobre lo recio y embarazoso de la estación y el poco tiempo que quedaba asta la Pasqua de Navidad para llegar antes de ella á Madrid, me resolví á mudar de ruta, pasar el Tajo por el primer barco de pasage que ocurriese, y meterme en la carrera ó camino real de España, dirigiendome á las ciudades de Elvas y Badajoz.

En efecto á una legua de donde estabamos y tres mui largas de *Vilanova*, llegamos á un lugarito á la orilla del Tajo llamado *VELADA* ó *VALADA*. Passamos el brazo mayor del rio á una grande isla que alli forma; y después el brazo menor, ambos por barco, y comimos en una hosteria en la ribera izquierda del rio, llamada *Escoropin*.

Seguimos nuestro viaje por la tarde con intención de llegar á una Villa llamada *Coruche*, quatro leguas distante de *Escoropin*, con la prevención de que si se nos hacia tarde (seria como la una quando salimos) podriamos quedarnos en otro lugarcito, á orillas del camino, llamado *GLORIA*: Caminamos toda la tarde; cayeronnos algunos chaparrones, que nos mojaron bien. Haciasenos tarde: era todo aquel terreno sitio Real donde no viamos sino manadas de gamos, sin un alma á quien preguntar ni chozo, ni caserio: Jamás pudimos ver el lugar de *Gloria*, ni un palmo de tierra labrada que nos hubiera guiado á él. Alfin nos anocheció, y seguimos como una hora el carril que traíamos, y apenas podiamos distinguir con la escuridad de la noche y los barro.

Assi anduvimos otro rato pensando ya en pasar la noche como se pudiese bajo un arbol; quando vimos que por la izquierda del

carril por donde íbamos, venia un hombre á cavallo cruzando, no más que á diez pasos de mí que iba delante. Alegramonos todos mucho: Yo le pregunté si havia algun lugar cerca? Dixome que si, que Coruche estaba de allí como media legua. Pedile por merced que nos guiase allá, y le añadí que yo le gratificaria su trabajo.

Tardó el hombre en responder y ponía dificultades. Yo le volví á decir que nos hiciese favor y que no perderia su jornal. Resolvióse al fin á guiarnos asta el lugar. Pusose delante de mí en el camino por el mismo carril que nosotros traíamos con lo que nos aseguramos que no dormiríamos al raso. Caminaba su caballo mucho. Dixe yo que templase algo el paso *porque, añadi, vienen cargas y no pueden caminar tanto.*

El hombre que oyó *cargas* confirmóse (como nos confessó quando ya estábamos en Coruche) en que eramos contravandistas, y le sobrecojió el miedo. Prosiguió guiandonos por el mismo camino como unos trecientos passos, y se paró, y nos dixo: *Señores, perdonen que yo he perdido el camino: vengan Vñdes conmigo que yo lo encontraré y los guiaré.*

A nadie nos gustó lo que oímos: Yo le dixe: *Que significa esto, Amigo; ¿Se pierde Vñd en su Casa?* El, medio turbado, respondió *por este camino hai mucha agua y barros: vengan Vñdes conmigo que yo les conduciré por otro á Coruche.* Dixe yo: *Está bien, quíenos Vñd; pero cuidado con ello.* Volvió el hombre atrás por el mismo carril por donde havíamos venido asta el sitio donde lo havíamos encontrado. Retrocedia aun más. Dixe Yo entonces: *Adonde nos hace Vñd volver: por aqui hemos venido.* Dixome: *Siganme Vñds que voy á ponerme y ponerles en el camino.*

Huvimos de seguirle: dió una gran buelta ó rodeo: Yo tuve mis recelos de que fuese algun bergante que quisiese descaminarnos y escapar. Lo mismo recelaron mis gentes. Di orden á los Mozos que fuese uno delante y uno á cada lado de nuestra guia con las escopetas montadas (dixeselo en lengua Valenciana) y les añadí: *Y executad lo que yo os dixere:* y assi me dixeron que lo harían. Pusieronse pues delante y á los lados, y assi anduvimos como medio quarto de legua; y habiendo llegado á cierto sitio en que al lado del carril por donde íbamos (mui diverso del primero) havia una pequeña vereda nos dixo: *Señores, yo soy guarda del Rey de este bosque: esta vereda vá para mi casa, que dista un quarto de legua de aqui: Vñds, siguiendo el carril, llegarán seguramente á Coruche: y assi yo me hiré por aqui á mi casa:* Roguéle yo entonces que pues nos havia sacado de nuestro camino y guiado hasta allí, lo continuase: y le añadí: *que no se arre-*

pentiria, que yo se lo gratificaria bien: Dixelo assi para ganarlo por bien, por que si se huviera resistido lo huvieramos obligado con la fuerza.

CORUCHE—Convinose al fin en acompañarnos asta Coruche, y lo cumplió, guiandonos asta la posada. Gratifiquéle correspondientemente: quedó mui contento y confesó entonces el gran miedo que havia pasado; que al principio sospechó que eramos contravandistas: que se confirmó en su sospecha quando yo dixe *que fuese más despacio porque nosotros traíamos cargas: que entonces se turbó y perdió de animo:* y mucho más quando yo dixe á los Mozos unas palabras que el no entendió, y luego vió que se le puso uno delante y dos á los lados con sus escopetas. Assi que el se volvió contento y nosotros lo quedamos más por havernos Dios librado de passar al sereno y mojados una noche de Diciembre. Cenamos y se fué enjugando la ropa que venia calada. Yo me fui á la cama con intencion de no madrugar mucho el dia siguiente.

Miercoles 4

MORA—Salimos de Coruche á las ocho y cuarto con intencion de no hacer medio dia en el Camino. A tres leguas pasamos por unas caserías llamadas *San Anton de Cors*. Hizose un poco de alto, y se tomó un bocado y proseguimos hasta la Villa de Mora, á donde llegamos que serian las tres y media de la tarde. Malissima posada (havia segun supe después otra mejor) pero alli se passó como se pudo.

Jueves 5

VIÑEROS—Tampoco este dia madrugué mucho. Salimos después de las ocho. A dos leguas passamos por una Villa llamada Pavia; y á otras tres después llegamos á un Pueblo llamado *Viñeiros* sin haver parado en el Camino. Alli dormimos y se passó algo mejor que en Mora.

Viernes 6

ESTREMOZ—Por la mañana salimos para la Villa de Estremoz que dista de Viñeiros tres leguas mui largas: Llegamos cerca de las once: Es Estremoz plaza fuerte, pero se conoce que nó está mui á punto de defensa. En la entrada me preguntaron: *Quien era?* Dixe mi nombre: Más: *Que empleo tenia?* Dixe que era canonigo de Valencia. Preguntaronme (esto un oficial) si era confesor de los Principes (assi lo dixo) de España? Respondi que no: y me dexaron pasar para la posada. La ultima pregunta me hizo juzgar que se tenia alli alguna noticia de mi llegada, aunque no acertaban con mi empleo, y no me engañé en ello.

Estremoz és pueblo grande: Mientras se disponia la comida fui á ver la Iglesia de un convento de Monjas Hospitalarias de San Juan donde no se admiten si no son mui fidalgas. La Iglesia és miserable; ni la fabrica del convento me pareció desde fuera gran cosa.

Puseme á comer, y vino un soldado de parte de el Governador á saber á que hora pensaba yo salir de Estremoz. Manifestó el soldado que el Governador queria hacerme algun obsequio. Respondi que estaba en animo de hirme aquella tarde, pero añadi que antes iria yo á dar gracias al Governador y á ver si tenia que mandarme. Fuesse el soldado con la respuesta: Acabé de comer, y me fui á casa del Governador. En el camino encontré á un oficial, el qual me dixo que no no me cansase en visitar al Governador (diome el recado de su parte) y añadió *que su señoria huviera venido á visitarme si no estuviera como estaba enfermo en cama: que yo viese si alguna cosa se me ofrecia en mi viaje.* &.^a

Dile gracias y le dixe que yo no insistia en mi proposito de visitarle por no incomodar: que me mandase el Governador quanto gustase &.^a Volvime á la Posada y ya hallé frente de ella en una gran plaza que hay, tres soldados de á caballo que me esperaban para acompañarme. Llegóse el cabo á mi y me dixo: Que tenia orden de su Governador para acompañarme hasta donde yo quisiesse. Dixe que yo estimaba mucho: que diese al Governador las gracias de mi parte: que no era necesario: y le supliqué que se retirasse con sus soldados como lo hizo haviendole antes dado una decente gratificación.

Aun despues de esto me detuvieron al tiempo de salir asta que se dió cuenta al Governador por el Oficial que mandaba en la puerta, y huve de esperar asta que volvió un soldado con la respuesta de que no se nos detuviese.

ALCARABIZA—Proseguimos nuestro camino dos leguas asta una Venta llamada la *Alcarabiza* al pié de un montezito, sobre el qual hai una pequeña Iglesia que se llama *La Señora Adorada*, ó *Dorada* (esto és *Adolorada* ó como decimos en España *Dolorida* ó de los Dolores). No hai asta Elvas, que dista seis leguas de Estremóz, pueblo ni otra venta sino una mui desacreditada, y assi nos quedamos en la Alcarabiza, donde estuve bien hospedado y hubo chimenea y leña, con que no tuve frio y trabajé con gusto en mi diario, hasta hora de cenar y recogerme.

Sabado 7

Nos amaneció lloviendo de temporal y llovió casi toda la noche. En parte me alegraba oír la lluvia por que tenia gana de descansar, y el sitio era mui á proposito para ello. Levantéme tarde, rezé, puseme á escribir, y advertí que el tiempo aclaraba algo. Consulté con mis gentes si nos pondriamos en marcha. Resolviose que si, y en efecto me puse á cavallo. A un quarto de hora, como salimos volvió la lluvia de recio y nos acompañó todo el camino asta Elvas que hai quatro leguas.

ELVAS—Tardamos en andarlas largas seis horas por que el Camino estaba impracticable de barro. Llegamos á Elvas á las tres de la tarde hechos una sopa de agua. Como á dos leguas de la Ciudad vimos apostado á un soldado de á caballo, el qual se llegó á mi y me preguntó quien era; Dixe que un Ecclesiastico Español. Preguntóme: Que empleo tenia? Dixe que era Canonigo de Valencia. Con esta respuesta apretó el caballo, y se fué corriendo. Como á otra legua, descubrimos otros dos soldados apostados como el primero, y uno de ellos me dixo que el Señor Mariscal Governador de Elvas me esperaba con otros cavalleros á comer.

Huvimos con esta noticia de acelerar el passo enquanto lo permitia el tiempo y el suelo. Acompañaronme los dos soldados y nos dixeron que otro iba ya delante á avisar al Señor Mariscal Governador de mi llegada. Entrase por aquella parte en Elvas costeando por un largo trecho un aqueducto moderno, pero que puede competir con magnificencia con los Romanos. Segun más se acerca á la ciudad vá creciendo en altura con quatro series de arcos, todos de una grande pero proporcionada elevación. En un recodo que hace atravesando el Camino Real con dos arcos y sobre arcos mui grandes hai un relieve de marmol blanco y en él esculpido un personage armado á caballo. Tambien lo está guarnecido el caballo, y en la guarnición están las *Quinas* de Portugal. Muestra su figura ser coza de el siglo decimo quarto. Tal me pareció y despues me dixeron que representaba al Rey N. de Portugal que floreció en dicho siglo y mandó fabricar aquel aqueducto.

Al llegar á la Ciudad havia formados doce soldados de á caballo con su oficial, el qual me saludó, y dió el bien llegado, y añadió que su Governador lo havia mandado apostar alli con su tropa y estar á mis ordenes. Agradeciselo mucho y le supliqué que se retirase con su gente y que yo iba á casa del Señor Governador y le daria las gracias.

Acompañaronme asta la casa. Al pié de la escalera me recibió el Señor Mariscal Governador con otros cavalleros con quienes estaba. Yo ni noticia tenia de este sugeto ni podia discurrir de donde me venia tanto favor. Llamase este cavallero Don Guillermo Luis António de Vallaré y es Frances y natural de Paris. Su grado Mariscal de Campo y Coronel de Artilleria, y tiene el Gobierno de las Armas de la provincia de Alentejo. No hubo atención ni cortesania que no debiese yo á su bondad. Iba yo calado y destilando agua como un alambique por sombrero y capote, las botas hechas una sopa, y mojaba el suelo donde pisaba: conduxome á la pieza en que habiamos de comer: havia chimenea: Yo me huviera de buena gana arrimado á ella; pero pedi antes licencia á Su Ex.^a para retirarme donde pudiese mudarme calzado enjuto. Conduxome el mismo Señor á una pieza donde me puse calzetras, medias, y zapatos; me lavé, y peiné y tal qual me puse en limpio para sentarme á la mesa que estaba puesta. Antes procuré dar orden para que se regalasse de mi parte decentemente á la tropa y á los tres soldados apostados.

Pusimonos á comer y mi interior matanza era discurrir de que principio procedia tanta merced como recibia, y más el adivinar; como se havia podido en Elvas y en Estremóz (donde ya se me esperaba como insinué antes) tener noticia de mi venida por aquella parte haviendo yo salido de Lisboa com intención de ir á Coimbra y de entrar en España por Salamanca ó por Ciudad Rodrigo?

Comimos, y después del café me enseñó Su Ex.^a una carta del Marques de Ustariz, Intendente de Badajoz y Estremadura: en que le decia que su Pariente Don Miguel Pacheco le avisaba de el campo sobre Gibraltar (donde yo le vi) que yo pasaria por Badajoz y que le estimaria me obsequiase. El Marques no se contentó con executar lo por si (como lo executó y dixe en su lugar) sino que escribió al Señor Mariscal Governador suplicandole practicase lo mismo conmigo. *Hinc illae lacrumae.*

Por la noche hubo conversacion. La esposa é hija del Mariscal estaban segun se me dixo en Lisboa. Quando comenzó á escurecer pedi licencia á Su Ex.^a para retirarme á la posada donde estaba mi familia á excepcion de uno que se quedó conmigo. No me lo permitió Su Ex.^a, antes bien queria que viniessen los que cuidan de mi y quedassen en la posada solo los mozos. Dixome que havia camas para todos & &. No pude resistirme: Cené y dormi alli con el criado que antes dixe y tuve una cama pontifical.

Domingo 8

Día de la Immaculada Concepcion de Maria Santissima, y segunda Dominica de Adviento quise irme tempranito á decir Misa; pero me previno la diligencia de Su Ex.^a Luego que me puse los habitos largos entró un recado que tenia la seggia puesta y que Su Ex.^a queria acompañarme. Agradecilo mucho: dimonos los buenos dias y fuimos al convento de PP.^{es} Predicadores. Como llevaba tan buena compaña, me trataron aquellos Religiosos mui bien: casulla rica: caliz precioso: misal de á folio.

Volvimos á casa: tomé chocolate y luego me llevó Su Ex.^a en su seggia á ver lo que hai digno en la Ciudad: á la Catedral cuyos Canonigos me honraron mucho y enseñaron quanto alli hay que ver: Es Iglesia pequeña y no pingüe, y assi ni lo son sus Canongias. Llevome de alli á ver las fortificaciones de la plaza, que muestra estar mui á punto de defensa: á la armeria: á los trenes de artilleria gruesa y de campaña, á los almacenes &c.^a Ultimamente me llevó á ver al Ill.^{mo} Obispo, que dixo Su Ex.^a tendria mucho gusto en tratarme por que havia sido Professor en Coimbra y era sugeto docto. Experimenté que lo era en su conversación (es Jurista) y que tiene buen gusto y critica. Hizome mil preguntas especialmente á cerca del motivo de mi viaje. Expuselo con franqueza, y como hubo de hablarse de mi primer tomo impresso de *num. Hebr. Samar.* mostró gran deseo de verlo. Embiose por él á Casa, violo por defuera primero y lo registró, y hojeó, y confessó que era una de las impresiones más magnificas que havia jamás visto. Leyó la Dedicatoria, y dixo que no podia dexar de alabarla mucho *por la fluidez* (assi lo dixo), *por la naturalidad y propiedad del estilo*, y aun dixo más. Diome muchas enorabuenas y manifestó más que vulgarmente el gusto que havia tenido en conocerme y se me ofreció para quanto pudiesse en aquella Ciudad ofrecerseme.

Era ya la una y nos ibamos á comer para después marcharme yo á Badajoz. Pidiome que le permitiesse leer algo de mi libro mientras comiamos añadiendo, vuelto al Governador: *Yo le embiaré á casa de V. Ex.^a luego*: Dixe á Su Ill.^{ma}: que me honraba en ello mucho y á mi obra; y que me era sensible no poderle decir que se quedasse con él; porque no tenia conmigo otro exemplar. Fuimonos y quedóse Su Ill.^{ma} con el libro, y quando lo restituyó repitió muchos elogios de la Obra.

Comimos y á esso de las tres y media me puse en marcha para Badajoz. Acompañóme el Señor Governador con algunos cavalleros

á pié asta la salida de la Ciudad. Allí estaba formada una partida de soldados de á cavallo. Supliqué á Su Ex.^a que mandasse se retirassen. Di orden que se se les gratificasse decentemente, como se executó. Quiso Su Ex.^a despedirme á cavallo. Por más ruegos é instancias que le hice no pude recabarlo de su cortesania. Despedime de los demás cavalleros acompañantes. Pusose Su Ex.^a y yó tambien me puse á cavallo y tomamos nuestro camino. Venia con Su Ex.^a un criado y dos soldados á cavallo. Instéle muchas veces para que se volviesse. Respondiame: *aquí aun mando yó*: En una palabra me acompañó hasta la misma raya de Portugal, donde encontré al Señor Marques de Ystariz que me esperaba en su coche con un cavallero oficial de marina su pariente.

Despedime del Señor Governador con la más expresiva acción de gracias que pude, pues no és ponderable lo que en el corto tiempo que estuve en Elvas debí á su generosidad. Regalóme una antigalla descubierta poco há en las cercanias de aquella ciudad, que en mi juicio és parte de un arnes ó aderezo de cavallo, digo, adorno que pudo servir para la cabeza ó frente. Es de cobre como de un palmo de largo: curvo como la assa de una herrada, y á un lado y otro cuelga una como medalla con un mascarón á manera de las larvas Scenicas. Dióme assi mismo quatro piezas pequeñas de madera ajustadas entre si y travadas de suerte que añadiendo otras, y otras con los mismos cortes forman un techo llano sin la menor curvatura, y sin necesitar de estribos por que todos gravitan sobre el suelo.

BADAJOS.—Metimonos en el coche y el Señor Governador se puso á cavallo y nos separamos. Serian las seis ya anochecido quando llegamos á Badajoz. Recibióme la Señora Marquesa con el mayor agasajo. Havia varios Señores, los mas Oficiales. Tomé chocolate y estuve un buen rato en su compañía á la chimenea; pero me faltaba que rezar, y huve de pedir licencia para retirarme.

Concluido mi Oficio, volvi á la conversacion asta hora de cena y despues me fui recoger.

.....

André de Resende e a Crónica do Mouro Rasis

Os amadores da paleo-literatura peninsular não esqueceram seguramente que o erudito antiquário eborense *Mestre André de Resende*¹ foi possuidor e explorador de um exemplar (ou, melhor, do único, e por isso preciosíssimo, exemplar de que há notícia) de um texto histórico árabe do século x, traduzido por trecentistas portugueses, talvez por instigação de elrei D. Dinis: a *Geografia e História de Espanha do Mouro Rasis*². Esta tradução, segundo deduzo dos factos pouco a pouco apurados pela laboriosidade científica dos nossos vizinhos³, já não representava o genuíno *Rasis*, denominado por antonomásia o *Cronista (At-tariji)*, mas antes uma

¹ Quanto aos prenomes *Lúcio* e *Angelo*, que André de Resende antepôs, na sua mocidade, ao seu verdadeiro nome de baptismo, a fim de latinizá-lo bem, assim como a respeito de todos os escritos de Resende de que terei de falar, o leitor encontra amplas e seguras informações na obra magistral de A. Braamcamp Freire, intitulada *Notícias da Vida de André de Resende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, publicadas, anotadas e aditadas...* (1916). Referências à *Crónica de Rasis*, há-as a pp. 95 e xvi.

² *Rasis*, ortografado às vezes *Rases* (o que mostra que o acento tónico está no á), mais exactamente *Ahmed Ar-Râzi Ben Mohammed-Ben-Muza*, conforme se vê no próprio texto, § 3, ou com o nome completo, que é uma verdadeira genealogia, *Ahmed Ben Mohammed Ben-Muza Abu Bequer Ar-Râzi, Andalusi Cordovi*, é corrupção da designação étnica *Razi*, que significa: 1) natural de *Ray* ou *Rayya* da Pérsia; 2) descendente duma família vinda de *Ray*. Este último é o caso do cronista: Seu pai *Mohammed Ben-Bozejo Ben Chenad Ben Lakit Al Quenani*, viera da Pérsia a Espanha cerca de 865, onde floresceu no reinado de Al-Haquem I, Abderrahman II e Mohammed I. O cronista pertence ao reinado de Abderrahman III. E o filho continuou a obra, que se ocupava em especial da dinastia dos Omayyadas (Beni-Omeia) até Al-Haquem II, de alcunha Al-Mostansir-billah (976), ou até Xixem II, e seu ministro Almanzor.

³ A importância do *Livro de Rasis*, quanto às *Coisas de Espanha* ou *Antiguidades de Espanha*, era tal que os historiadores árabe-espanhóis posteriores o citavam a cada passo, muita vez à letra, e os da Espanha cristã, como o Arcebispo D. Rodrigo (Ximenez de Rada) o aproveitavam igualmente, com mais alguma liberdade. Nos alvares da ciência, na época do Renascimento, também foi utilizado como fonte pelos mais sérios e eruditos investigadores, embora não falte quem o tratasse de inepto, fabulista e mero compilador de crónicas, eivado de patranhas.

Nos tempos modernos a sua importância foi criteriosamente patenteada, com vasto saber, pelo arabista castelhano Pascual de Gayangos, numa *Memoria sobre la autenticidad de la Cronica denominada del Moro Rasis*, impressa pela Academia de la Historia de Madrid (*Memorias*, vol. VIII, 1852), depois de

redacção continuada¹ (e porventura compendiada) por outros Muçulmanos, entre os quais figurava seu próprio filho *Isa* e um *Mohammed*—homónimo daquele Mouro aporuguesado que na vila do Marmelar fôra ditando, entre 1279 e 1315, *tant bien que mal*, ao capelão Gil Perez o que dizia o texto árabe².

Diego Clemencín a haver invalidado, apesar do valor que lhe attribuía, num *Examen y juicio de la descripción de España, atribuida al Moro Rasis* (vol. VII).

Com relação a uma parte do *Livro*, que Gayangos ainda julgava apócrifa e desprezível, invenção arbitrária dos tradutores portugueses, esta opinião foi combatida eficazmente por E. Saavedra num *Estudio sobre la invasión de los Arabes en España* (1892). Quanto a essa, que contém o reinado do último rei godó, embora não tam novelescamente contado como na última redacção de 1344, há trabalhos scientificos de extraordinário valor dos irmãos Menendez Pidal, D. Ramón e D. Juan. De D. Ramón: *La Leyenda de los Infantes de Lara* (1896); *Catálogo de Crónicas Generales de España* (1898); *Primera Crónica General de España* (1906); *Discurso sobre la Crónica General* (1916); *Cantar de mio Cid* (1906); e de D. Juan: *Leyendas del último Rey Godo* (1906). Valioso é também o estudo sobre o mesmo D. Rodrigo e Rasis, de Menendez y Pelayo (*Antología* XI, cap. II, p. 133-175).

Quanto ao arabista belga R. Dozy, desconheço a *Introdução à Crónica de Ibn-Adhasi*, mas não os dois volumes *Recherches*, 3.^a ed. (de 1881) nem a *Histoire des Musulmans d'Espagne* (1861).

¹ O genuíno *Livro de Rasis* parecia-se, salvo erro, com a redacção de que Gayangos publicou dois Extractos, ou duas Partes, deixando por publicar a terceira, do meio, que julgava apócrifa.

As publicadas são a Primeira Parte, geográfica, ou seja a *Descrição da Espanha árabe* (Apêndice I, de Gayangos); e a Terceira, ou seja os *Anais* dos reis sarracenos que governaram em Espanha, desde a batalha do Guadalete até o fim da dinastia dos Omayyadas (711-977), (Apêndice II, de Gayangos). A Segunda tratava da península antes da irrupção dos Muhamedanos; e incompleta no manuscrito de Morales, porque lhe faltava o reinado de Rodrigo, occupava relativamente pouco espaço, dando só em resumo uma resenha da povoação nos tempos fabulosos, vinda de fenícios e cartagineses, dominação dos romanos, série dos reis godos.

O *Livro de Rasis* continuado levava os dinastas árabes até Hixem II.

E sómente o ampliado de 1344 continha, em redacção desproporcionadamente extensa e poética, as aventuras e amores de D. Rodrigo.

² *Tant bien que mal*—adulterando principalmente os nomes próprios. Quem vê que no Rasis hispanizado *Wamba* tem o nome de *Benete*; *Ervigio* o de *Etanto*; *Eyica* o de *Abarca*; *Witiza* o de *Acosta* ou *Costa*; e que *Abdulaziz* ficou sendo *Belaçim* ou *Abelaçim*; *Abu-Beger*, *Abubenquina* e também *Altobucar*; e *Abdalla*, *Adela*, etc., pasma evidentemente. Só o compreende quem, conhecendo as consoantes árabes pontuadas e a representação gráfica das vogais, não ignora quanto custa ler textos *sem moção*; e quanto o apanhar com o ouvido, e transcrever, palavras duma língua estrangeira.

Talvez Mestre Mohamed seja o intérprete Mahomad que, residindo em

Vagamente êsses «antiquários» de hoje estarão lembrados também de que houve dúvidas, não só acêrca da autenticidade do texto português, de que se utilizaram Resende e Gaspar Barreiros¹, e da versão castelhana aproveitada por Morales e Argote de Molina, mas também discussões a respeito do original, nunca visto, a não ser por autores sarracenos; discussões igualmente acêrca da figura do Rasis e do soberano cujo historiôgrafo fôra.

Pouco provável me parece todavia que os interessados conheçam as evoluções dos diversos problemas resendianos e rasisianos, e a impossibilidade de serem satisfactoriamente resolvidos, sem prévia publicação, integral, não só do *Rasis*², mas também de outras *Crônicas de Espanha e Portugal*³, em que o *Livro do Mouro* foi interpolado, com extensos acrescentos novelescos sôbre o assunto magno da perdição de Espanha: a curiosidade fatal do último rei godo que abrija a misteriosa Casa dos Reis de Toledo, desvendando as profecias sôbre os Árabes; as suas aventuras amorosas com a filha do Conde D. Julião (aquela que figura nas apócrifas oitavas⁴ pseudo-arcaicas do *Rouço da Cava*) e os resultados funestos dêsses amores.

Sentindo-me capaz de alinhar a pontos largos o tema «Rasis Resende» — alargando assim uma NOTA duma *Memória sôbre Crônicas Gerais de Espanha e Portugal*, que redigi para os meus alunos de Filologia de 1913 a 1914⁵ — ofereço as páginas seguintes ao ve-

Toledo, assinou diversos documentos históricos de Ciudad-Real que traduzira por ordem de Afonso XI. — Vid. *Boletín de la Academia de la Historia*, vol. VII, p. 370, e vol. XXXIII, p. 247, Nota 2.^a

¹ *Chorografia*, fl. 4 (1561).

² Se juntarmos às 30 páginas do Apêndice I de Gayangos e às 33 do Apêndice II as 20 dadas à luz por Saavedra, e outras tantas impressas por Pidal no *Catálogo*, ainda não possuímos o *Rasis* completo. É um exemplar pouco fácil de manejar. Uma nova edição, em forma de livro, deveria apresentar ao lado do texto castelhano a retroversão portuguesa, de que me ocupo no fim deste esboço, e os trechos latinizados por Mestre André.

³ As de 1344 e 1457, pelo menos.

⁴ Vid. *Miscelânea de Leitão de Andrada*, *Dialogo* XVI (1609). — Do século VIII, segundo os crédulos!

Tratei dêsse Fragmento-Relíquia num estudo geral sôbre os *Apócrifos da literatura portuguesa*.

⁵ Essas Lições sôbre *Crônicas Gerais* ainda não fôram publicadas, porque me faltavam na ocasião (e continuam a faltar) fac-similes importantes, de Paris, da *Crônica Geral de 1457*, que eu encomendara aos bons cuidados do ilustre director da *Revue Hispanique*.

nerando destinatário deste número do *Archeologo Português*, pedindo desculpa da ousadia.

*

Lógicamente principio com os trechos latinos e o passo português em que o *Livro de Rasis* foi utilizado por Mestre André, decênios antes que o apontassem outros Humanistas, nacionais e estrangeiros¹. Em regra elogia-o como autor fidedigno e defensor de opiniões sensatas sobre arqueologia, muito embora acompanhe quasi sempre os seus louvores, especiais, com censuras gerais ao *Bárbaro*, *Infel*, *Pagão* por ser pouco sabedor de cousas latinas, mau intérprete dos livros sagrados, e propagador leviano de fábulas².

Quatro são os assuntos com relação aos quais Resende, traduzindo-os, transcreve trechos de Rasis, às vezes extensos³. O confronto

Na minha *História da Literatura Portuguesa* o *Livro de Rasis* não ficou mencionado senão concisamente (Grøber, *Grundriss* II b, p. 211).

Na sua *Literatura Espanhola* Gottfried Baist dá algumas indicações (*Ibid.*, pp. 417 e 437), insuficientes todavia.

¹ Eis, cronologicamente ordenadas, as referências a Rasis: *Adnotationes in Vincentium* (1545). Nota 4.^a e 8.^a—*Antiquidades de Évora* cap. xi e xii (1553).—*Epistola ad Vaseum De Colonia Pacensi* (1553).—*Epistola Ad Bartolomeum Kebedium Pro Sanctis Christi Martyribus Vincentio Olisiponensi Patrono, Sabina et Christethide Eborensibus civibus & ad quaedam alia Responsio* (1567).—Na carta que escreveu a Ambrosio de Morales, em resposta à de 30 de Janeiro de 1570 que recebera do notável historiador, não há alusões a Rasis. Dessa data em diante, tendo sido obsequiado com um exemplar do *Vicente*, é que o eloquente e criterioso continuador da *Crónica General* se interessou pelo historiógrafo árabe, facto esse de que há provas, tanto na sua *Historia de España* (1574) como nas *Antigüedades de las Ciudades de España* (1577).

² Veja-se, por exemplo, o cap. xi da *Antiguidade de Évora* e na *Carta a Quevedo* o trecho seguinte: «Is igitur Rases de montibus, fluminibus et urbibus ante Romanos, de Romanis ac Gothis, nonnulla commode, permulta inepte, quo pacto ethnici scriptores atque poëtae de rebus sacris diuinæ scripturæ quasi per somnium loquuti sunt, omnia fabulis inuoluentes. Vt tamen ad Saracenorum regum compertiora sibi tempora deuenit, non contemnendus scriptor iudicandus est». Cfr. Nota 29.

³ Quem tiver ao seu dispor as OBRAS de Resende, impressas em Colónia (1600), deve procurar e ler no tomo I, as pp. 283, 286, 288, e no tomo II, as pp. 64 e 65, 134, 163, 167, 174.

A p. 64 do vol. II umas dez linhas traduzidas; a p. 65 mais dezanove; a pp. 164-165 as mesmas em redacção divergente, e mais doze, e cinco novas; a pp. 286-288 do vol. I duas páginas inteiras em versão livre, não grifada e seguida da notula «Hæc Rases». Ou, na *Antiguidade de Évora*: «Assim Rases.

deles com os correspondentes castelhanos, e com as retroversões delas a portuguez, abona a sua veracidade quanto ao manuscrito que possuía¹, mas por desgraça nunca mais foi explorado após o seu falecimento (1573),—apesar de ter passado a livrarias de outros eruditos, e ter desaparecido sómente ao cabo de dois séculos, provavelmente para sempre.

Do primeiro desses assuntos,—a cidade de *Beja* ou *Pax Julia*—, tratou Mestre André minuciosamente na Epístola *Pro Colonia Pacensi* àquele João Vaseu que, com Clenardo, viera à península, contratado por D. Fernando Colombo e se ficara em Salamanca; de passagem também em outra, complexa, dirigida ao cônego da Catedral de Toledo, Bartolomeu Quevedo.

Do segundo tema,—a sua própria terra natal—, occupou-se naturalmente, na *História da Antiguidade da cidade de Évora*, sobretudo nos capítulos XI e XII, dedicados à cidade de Sertório nas mãos dos Mourós².

Do terceiro tema—o corpo-reliquia de S. Vicente, achado em Valença no tempo de Abderahman³—, o filho de Moabi fala com particular interesse nas ANOTAÇÕES explicativas do poema épico que consagrou ao Padroeiro de Lisboa; e novamente na *Carta*, já citada, a Quevedo.

Do quarto ponto,—a divisão das Espanhas, por Constantino, em seis bispados—, discorre nas duas obras que acabo de mencionar. E, bom é lembrá-lo, o testemunho do Mouro, a respeito dessa divisão, já fôra invocado, *si vera est fama*, em 1239, numa questão da

Mas segundo ho screue confuso he necessario per coniecturas addivinhar».—Os dizeres relativos a S. Vicente tem o seu paralelo em Gayangos (Apêndice II, § 29) e, em forma muito reduzida, na *Crónica Geral* de 1457 (cap. 192).

¹ Gayangos parece que hesitou bastante quanto à veracidade do Eborense. No princípio da sua *Memoria* diz: «De la versión portuguesa de este libro, *dado caso la hubiese*, no se *conoce exemplar alguno*». Em outro sítio fala de duas versões castelhanas feitas sobre a portuguesa. Em ainda outro afirma que o manuscrito de Resende (Barreiros) não era senão um riscunho do de Morales e do Toladano. De resto, dá a prova de que vários historiadores árabo-espanhóis, mais modernos que Rasis, o copiaram à letra, e que muitos trechos correspondentes, colacionados com a tradução castelhana (e a portuguesa, acrescento eu), documentam a autenticidade.

² Cap. XI: *Rasis Historici Arabi de Eborense Episcopatu testimonium*; e cap. XII: *De Ebore a Mauris captæ statu*.

³ Resende diz (quero dizer que na edição de 1600 das suas OBRAS se lê) Abderahman IV, em vez de III.

Igreja de Toledo contra a de Tarragona, por causa de Valença, arrancada aos Mouros por Jaime, o *Conquistador*¹.

*

Os pormenores que nessas ocasiões Resende dá a respeito do seu manuscrito são preciosos, conquanto nem de longe sejam tam abundantes nem tam precisos como o critério moderno o exigiria. É exclusivamente por ele que sabemos por quem e quando o *Livro de Rasis* foi traduzido.

Explicando ao Cónego de Toledo quem esse Mouro fôra, chama-o, na certeza de comunicar novidades:

Historiôgrafo de Dalharab Miramolim de Marrocos e do rei de Cordova;

*Rases Maurus Dalharab Marrochiorum Miramolini ac Cordubae regis historicus*²,

para em seguida transcrever os dizeres, a modo de título ou argumento, que caracterizavam ou classificavam o volume, repetindo o que, alguns lustros antes, ele indicara no seu *Vicente*³, e também, em português, na *Antiguidade de Évora*.

Libri titulus est: Incipit liber Rase historici Dalharab Marrochiorum Miramolini Cordubaeque regis quem ipsius iussu composuit.

*Versus est in linguam lusitanam ex arabico per me magistrum Machometum Saracenum nobilem architectum. Et scribebat mecum Aegidius Petri clericus Domini Petri Ioannidae Portellensis, patris*⁴ *Domini Ioannis Auolini.*

Em português, sem a classificação de architecto (*alarife*), e sem a nota relativa às ordens do rei de Córdoba, diz o seguinte:

«Rasis Mouro, cronista de Miramolim de Marrocos screeuo hũ liuro das cousas de Hispania. Ho qual liuro foi de lingua arabica trasladado em Portughes aper meestre Mafamede, Mouro dos que

¹ Eu entendo que o livro submetido a Mouros e Judeus era o texto árabe Gayangos, deseioso de estabelecer que Castela precedeu Portugal na nacionalização do *Livro de Rasis*, pensa numa tradução espanhola, anterior a Gil Perez.

² *Opera* II, 193.

³ *Ibid.*, p. 64. Nota 4.^a: «Exstat annalium regum Saracenorum qui in Hispaniis post cladem Gothicam regnaverunt quem librum Rases Saracenus historiographus Miramolini Marrochiorum Cordubae regis arabice scripsit atque ex arabica lingua in lusitanam vertit Magister Machometus itidem Saracenus».

⁴ *Patris* é lapso por *filii*.

em Portugal sohia haver & screveo com elle hũ Gil Perez, capelão de Pedreanes de Portel, filho de dom Joam de Avoim»¹.

Digno de nota é que dos dois códices antigos —tidos em conta de traduzidos do português de Gil Perez, apesar dos escrúpulos de Gayangos— um (o de Morales) esteja falho da fórmula relativa aos tradutores; e no de Toledo ela tenha teor bem diverso—tam diverso que sugere a idea da existência dum exemplar-modelo, copiado com bastante liberdade por vários.

«Et nos Maestre Mahomad et Gil Perez, clerigo de Don Peynos² Porcel³, por mandado del muy noble rrei Don Dionis, por la gracia de Dios rrei de Portugal, trasladamos este libro de arabigo en lengua portogalesa, et ternemos por bien de seguir el su curso de Rasi. De mi Gil Perez os digo que non menti⁴ mas nin menos de quanto me dixeron Mahomad et los otros que me leieron»⁵. (Ed. de Gayangos, § 2).

Importante declaração (adulterada) que atesta a boa-fé do tradutor, mesmo aos olhos de Gayangos.

*

Na designação de Rasis como funcionário letrado (escrivão, historiador, cronista) dum *Miramolim* de Marrocos, chamado *Dalharab*, que ao mesmo tempo era rei de Córdova, é que está, no modelo português e na versão castelhana, o aparentemente triplo desatino que tem indisposto os Arabistas contra o nosso Resende.

¹ Por se dirigir ao Príncipe D. João, a quem dedicou o livrinho, e em geral a Portugueses, é que Resende juntou ao nome *D. João de Aboim* a explicação: «ho que deu ha villa do Marmellar ha ordem de sanct Joam», e em abono dela citou o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro (título 35, § 9, e título 22, § 3. *Dos Sousa*).— Quem desejar conhecer melhor esse lial vassalo e valido de D. Afonso III, que foi um dos mais distintos trovadores do seu tempo (c. 1213 a c. 1284), assim como seu filho Pedro Eanes de Portel (c. 1246 a c. 1315), abra outra obra valiosa de A. Braamcamp Freire e Pedro de Azevedo, *O Livro dos Bens de D. João de Portel*; ou então o vol. iv do *Arquivo Histórico* (pp. 106-194 e 195-360). Cfr. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, 355.

² *Peynos*, leitura errada de *Po* (*Pedro*, abreviado) *Eanes*.

³ *Porcel* por *Portel*, porque o *t* baixo da escrita medieval se parecia muitíssimo com *c*.

⁴ Erro evidente por *meti*!

⁵ Erro não menos evidente, mas mais difícil de corrigir. Talvez: *que com ele leieron*, ou *que para mi leieron*. Em ambos os casos Mestre Mafamede não trabalhava só, mas com mais alguns peritos mouros.

Cronista dum rei de Córdoba,—o qual, segundo o próprio *Livro*, era aquelle Al-Haquem II (Alacan, nas traducções) que faleceu no ano 366 dos Muçulmanos (isto é, no 976 ou 977 de Cristo)¹, ou o seu antecessor Abderahman III,—está bem; muito bem.

Mas que qualquer dêsses dois nomes illustres fôsse substituído pelo desconhecido, e até hoje inexplicado, de *Dalharab*, e que o tal *Dalharab* seja intitulado *Miramolim*, de mais a mais de *Marrocos*, está mal, está péssimo, na opinião de Gayangos e Dozy, visto que sómente os califas do Oriente, senhores das cidades santas de Meca e Medina, tinham jus a denominar-se *Emir dos crentes*; e a cidade de Marrocos foi fundada apenas em 1077.

Injusto é contudo imputar a Resende culpas que são, quer de Gil Perez e Mestre Mafamed, quer de copistas (do trabalho dos dois ou do original de Rasis).

A suposição que algum deles acrescentasse *honoris causa* a rei de Córdoba aquilo de *Dalharab* e *Miramolim*, e sobretudo a especificação de *Miramolim* de *Marrocos*, não parece desacertada. Lembro todavia a respeito do título que, segundo as duas autoridades já tantas vezes alegadas, foram exactamente os últimos Omayyadas de Córdoba (em cujo serviço Rasis esteve) que o usurparam para si². No passo final do *Livro* (que é ao mesmo tempo o passo final do Episódio de D. Rodrigo) o *Miramolim* volta a aparecer como quem mandou³ compô-lo, em harmonia com o que Resende explicou a Quevedo!

¹ Resende (II, p. 174) equipara o ano 366 (muçulmano) ao 990.^o de Cristo, e não ao 977.^o, como faz quem, segundo a regra, toma para ponto de partida a fuga de Mohamed de Meca a Medina (611). Propositadamente não dou mais pormenores. Vid. Dozy, *Histoire*, III, 133.

² Vid. Dozy, *Histoire*, III, p. 49, e Gayangos, Apêndice I, §§ 12 e 15.—Ao Apêndice II foi dado pelo Arabista, na *Memoria*, o título de: *Historia de los Beni-Umeyya* e no cabeçalho o de: *Historia de la España arabe, desde sua conquista por Tariq Ben Zeyyad hasta la muerte de Al-Haquem Al-Mostansi-billah, noveno rei de Cordova, de la estirpe de Umeyya*.

³ No códice de Morales o *Livro* acaba com o parágrafo seguinte: «Et estonce embiaron selo a dizer a *Mirabomelim*, et este *Mirabomelim* fiçola; et por esta raçon mando poner en eserito la hacienda del rey D. Rodrigo et compo-
ner este libro, et assi compuesto andaua la era de los moros en 366 años. Et este *Mirabomelim* agradesciolo mucho, et non quiso parar mientes á lo que antes auia errado. Era señor grande et de buen seso et auia grant poder et otrosi auia grant plaçer en aquellos que trabajauan et le facian estas cosas atales et de los que eran sabedores et entendidos». Passo este que Gayangos, segundo as suas ideias scépticas, acompanhou com a nota seguinte: «Por lo demás lo que aqui se cuenta

Quanto a *Marrocos*, o nome existia muito antes da cidade, como termo étnico, e aparece freqüentemente como equivalente de *Berberia*, *Mauritânia*, *África*, *Além-mar* em textos coevos.

Sómente a respeito de *Dalharab* não cheguei a apurar coisa alguma. ¿Corrução duma alcunha, composta de duas raízes, dada a Al-Haquem ou a Abderrahman? Mas qual?

Ligando importância maior aos dizeres dos tradutores do que aos do verdadeiro autor, procedimento que lastimo mas compreendo, o Eborense não chega a expor qual era o título e o conteúdo do *Livro árabe*; talvez porque achasse escuros os dizeres complicados do original, bárbaramente transpostos para neo-latino¹, tais como se conservam, ainda mais deturpados pelos copistas, porventura, na tradução castelhana. Delas e das indicações que o próprio Resende dá a Quevedo, ressalta todavia que elle constava das três partes que conhecemos: a *Geografia*; a *História de Espanha antes da irrupção dos Árabes*; a *História da Espanha árabe até o último dos Beni-Omeia*².

Explicações materiais faltam por completo. Resende deixa de dizer: se o seu códice era membranáceo ou de papel? um in-folio ou in-quarto? do século que decorre de 1250 a 1350, ou moderno? original ou cópia? tirada por quem, onde e quando? (pode ser que pelo próprio humanista, cuja letra tam clara e bela é um gosto ler).

de Miramolim á quien se consultó sobre cual de los hermanos de Al-Haquem habia de ser rey, y que mandó poner por escrito la hacienda del rey D. Rodrigo parece añadidura de los traductores». (Apêndice II, § 39).

Urge conferi-lo com o passo correspondente da *Segunda Crônica Geral*, de 1344, e da versão portuguesa, em que aparece o mesmo Myramolim «que fez meter em escripto a vyda e morte del rey rrodrigo e compoer este livro. (cap. VIII, p. 186, da impressão de 1863).

¹ Gayangos, Apêndice I, § 2. Mal se percebe que é o próprio Cronista que fala na primeira pessoa («compuse este livro—começo en Espanha»), e que promete dar primeiro a *Geografia*, depois a *História dos Romanos e Godos* e, finalmente, a dos Mouros até Abderrahman e Almanzor (caso eu interprete bem o *foyo de Alfaquí* por *Alfaquí*), pormenor que faz supor que o cronista que fala não seja o próprio Rasis Al-Taríji, mas sim seu filho e continuador.

² Resende relata que o Mouro dizia ora cousas boas, ora inépcias, tanto, acêrea dos montes, rios e lugares de Espanha (Parte I, *Geografia*), como acêrea dos mais vetustos reinantes, não sómente pre-romanos, mas também de origem latina e gótica (Parte II, *Espanha anterior à invasão árabe*), naquelle estilo em que escritores e poetas pagãos costumam dissertar sobre cousas sagradas, sonhando e envolvendo tudo em fábulas. Depois acrescenta que, chegado aos reinantes sarracenos (Parte III, *Espanha árabe*), Rasis era autor não deprecando. Cfr. Nota 9.

Nem diz onde lhe constava ficara o exemplar-módulo. O original árabe foi provavelmente queimado pela Ordem de S. João, no Marmelar, depois de utilizado, em virtude daquele pio fanatismo de que há tantas provas.

Apesar do silêncio de Resende não ignoramos porém todas essas particularidades. O fadário do *Livro* permitiu sabermos, pelo menos, que era um in-fólio e de letra moderna: translado, portanto.

No século XVII, depois da morte do único filho de Mestre André¹, o manuscrito passara (por compra) às mãos de outro letrado Eborense: o benemérito cônego e chantre da catedral, Manuel Severim de Faria (1583-1655)². E, com numerosos trabalhos inéditos da lavra desse autor e outros manuscritos preciosos que colleccionara, entrou (durante a segunda metade do século) na opulenta livraria dos Condes de Vimieiro. Nessa estava quando em 1724 o 4.º Conde da Ericeira, o estimado polígrafo D. Francisco Xavier de Meneses, deu contas, perante a *Academia da História Portuguesa*, das investigações que nela fizera, prometendo falar de todos os 400 volumes. De 27 de Abril até 16 de Novembro de 1724, e novamente em 1728, occupou-se de duzentos apenas.

É *vox publica*, e infelizmente muito acreditável, que o *Livro de Rasis*, com toda a livraria dos paços dos Vimieiros, percesse no terremoto de 1755, pôsto que alguns manuscritos de Severim se conservem na Biblioteca Nacional³.

Pois bem: ao comunicar no dia 28 de Junho que encontrara o precioso códice que fôra de Resende, e em seguida a dar, a 13 de Julho, algumas notícias mais pormenorizadas⁴, o Conde declarou que o n.º 146 dos manuscritos que ia inventariando era um *in-folio de letra moderna*. Para o original assenta a data 976; para a tradução portuguesa a de 1312. Afirma que Mestre Mafamede fôra o explicador, e Gil Perez⁵, capelão de elrei D. Dinis⁶, quem escrevia.

¹ Barnabé de Resende faleceu em 1596.

² Lembra-me haver encontrado nos escritos de Severim referências a manuscritos de Resende, por êle adquiridos. Mas não tomei nota dos sítios.

³ A respeito de manuscritos não-inventariados pelo Conde de Ericeira, seguramente por não terem ingressado na livraria dos Vimieiros, veja-se o estudo de J. Leite de Vasconcelos, *Severim de Faria*, I, 1917.

⁴ *Academia da História*, 1724: Parcela N.º XVII, p. 9; e N.º XIX, p. 6.

⁵ *Gil Eanes*, por lapso.

⁶ Pode ser que o nome de D. Dinis entrasse *per nefas* nas notas do Conde de Ericeira, que naturalmente conhecia os depolmentos de Morales e Nicolas Antonio. Confira-se todavia Brandão, *Monarquia Lusitana*, v, livro xv, cap. 3.

E dá parte de que a *Geografia* constava de 34 capítulos, e a *História* de 25, numerados de 35 a 59¹. Do número das fôlhas nada diz². Nem registou os cabeçalhos dos capítulos, que muito nos auxiliariam.

*

Ainda assim, apesar de o volume de Resende se ter perdido, restam importantes vestígios d'êlé. Resta mesmo o *Rasis completo* em tradução de terceira e quarta mão, alterado porventura nas proporções.

Já aludi à tradução castelhana do século XIV e à retroversão portuguesa, provavelmente, do século XV.

Da tradução castelhana subsistem, soltos, dois exemplares antigos, além de numerosas cópias dos séculos XVI e XVII.

Um dos dois antigos, da primeira metade do século XIV (talvez de 1312), pertenceu a Ambrósio de Morales, correligionário e correspondente de Resende (1513-1591)³; passou a ser propriedade de Argote de Molina⁴ e está hoje na Biblioteca do Escorial, difficilmente acessível, ao que parece (A). O outro, na posse outrora do Colégio de Santa Catalina de Toledo, está arrecadado agora na livraria da Catedral dessa Roma espanhola. De 1400, segundo Gayangos (B).

Quanto ao texto, há variantes numerosas entre os dois, muitas das quais parecem ser, não meras alterações devidas a copistas, mas antes a redactores differencados, que se cingiam ao sentido,

¹ Os 34 capítulos da *Geografia* são os do Apêndice I de Gayangos, e correspondem, comquanto repartidos diversamente, aos 35 (13 a 47) da *História Geral de Espanha*, de que o Dr. Nunes de Carvalho publicou metade (Coimbra 1863.) — Os 25 da *História de Espanha* talvez sejam 162 a 192 do texto citado. Pouco mais ou menos, visto êle ser uma refundição de terceira mão, às vezes reduzida, às vezes alargada.

² O *Rasis* da Biblioteca Régia de Madrid consta de apenas 32 fôlhas. Mas não é completo.

Na *Memória* de Gayangos, da qual a parte do meio foi excluída, os Apêndices preenchem sessenta e tres páginas. — Os autores árabes que falam do *Livro de Rasis*, tratam-no de grosso ou volumoso.

³ Repito que o erudito Cordovês trocou Cartas e Obras com o Eborense em 1570. — Activo literariamente desde 1546, começou a dar provas do seu interesse pelo *Livro de Rasis* em 1574, conforme está expresso na Nota 10.

⁴ O autor da *Nobreza de Andalucia* (1588) nomeia o Mouro na Bibliografia que precede aquela notável publicação.

e não à letra do texto que um Mestre Mafamede português lhes explicava. Já o deixei dito mais acima.

Além disso há lacunas em ambos, sobretudo na parte novelesca, relativa ao último rei godo, quer os copistas deixassem em branco as respectivas páginas, quer leitores escrupulosos as arrancassem¹.

A contém a *Descrição* e os *Anais*; e entre essas partes principais apenas apontamentos, relativamente breves, sobre os reinantes godos até Wamba². Em B há igualmente a *Geografia*; mas em vez da parte árabe, de que carece, existe a do meio, relativa à *História de Espanha*, falha só no fim³.

Com relação às didascálias iniciais, já deixei dito que a relativa aos tradutores, comunicada por Mestre André, não entrou no exemplar de Morales, existindo contudo no toledano, báralhada, deturpada e incompleta⁴.

¹ A última hipótese parece a verdadeira. Veja-se todavia Menendez Pelayo, *Antología*, xi, p. 145: «Tan fabuloso pareció este cuento (sc. o de D. Rodrigo) á los mismos copistas de la Crónica del moro *Rasis* que, por mal empleado escrupulo de conciencia histórica, *dejaron de transcribirle*, resultando en los códices mas famosos, como el de Santa Catalina de Toledo y el que perteneció á Ambrosio de Morales, una considerable laguna, precisamente en el sitio que debía contener la aventura de la hija de D. Julian». — *Deixaram de transcrever?* ou leitores escrupulosos arrancaram o escrito?

² Gayangos diz a p. 8: «El exemplar que disfrutó Ambrosio de Morales solo contiene la descripción topográfica de la España árabe, unos breves apuntes de los reyes godos desde Athanasio hasta Wamba y la parte puramente arábica. . . . Toda aquella parte de la crónica que hace relación a la población de España, venida de fenicios y cartagineses y tiempos de la dominación romana hasta la irrupción de los vándalos, suevos y otras naciones del Norte falta del todo en el ejemplar de Morales y la sucesión de los reyes godos que en el código toledano ocupa muchas hojas, está referida en aquel en muy escasos renglones».

³ «Al (sc. código) de Morales falta una ó más hojas desde la muerte de Wamba hasta la batalla del Guadalete» (p. 8.)

⁴ O sentido d'esses dizeres, adulterados e abreviados no código de Gayangos, no Toledano, nos da Biblioteca Régia de Madrid (N.º 14 e 15), deve ter sido o seguinte: «No nome de Deus Amen: muitas cousas meteu Deus no homem: entendimento, espirito, vontade e lhe deu lume como a um espelho seu. Para que as cousas que se passam neste mundo não fôsem esquecidas, *compus eu* este livro (em outros traslados há o verbo na 3.ª pessoa e no passivo: foi composto). E primeiramente *começo* com as vilas, os lugares e rios de Espanha. Depois direi quais foram os reis e césares. E direi dos Godos como vieram. E dos Muslimes, como entrou Tarife e Muza e Abderrahman e Almanzor. E direi quem fez a Igreja (*axemi*) de Córdova e o paço de Riçafa». Como no fim dessa rubrica appareça Abubequer, filho de Muza Ar-Razi, é possível que duas redacções diversas, a do pai e a continuada do filho, fôsem fundidas nos traslados.

A impressão das duas partes, que todos julgavam autênticas, foi promovida por Pascual de Gayangos (em 1852), acompanhada da *Memória sobre a autenticidade* e de anotações preciosas.

Da parte do meio, de interesse magno para os que estudam literaturas, possuímos até hoje apenas as páginas publicadas em 1862 por E. Saavedra, e o resumo de Gayangos (pp. 64-66).

Quanto às folhas que faltam, — em que provavelmente se contavam os amores de D. Rodrigo e a filha do Conde Julião, de modo resumido —, elas foram supeditadas em 1898 por D. Ramón Menéndez Pidal, que as descobriu, interpoladas, em outro texto histórico de grande alcance.

*

Eis o que revelou o insigne investigador das *Crónicas Generales* e dos *Cantares de gesta*¹.

A *Crónica* de Rasis existe inteira (no seu estado mais completo) na *Crónica Geral*.

Não na *Primeira*, mandada fazer por Afonso, o *Sábio*, embora os vácuos da proto-história já estejam preenchidos nela com lendas tradicionais e poesias prosificadas². É na *Segunda*, refundida (conquanto grandíssimas partes entrassem inalteradas nela), redigida em tempo de Afonso XI, o muito castelhano, que se encontra o *Livro de Rasis*, entremetido aos pedaços, em diversos sítios nos diversos traslados, e talvez aumentado³ ou amplificado.

Essa refundição, datada de 31 de Janeiro de 1344 num dos melhores códices, agradou sobremaneira aos coevos e à posteridade, exactamente por conter quantas notícias históricas e tradições poéticas se achavam vulgarizadas então; isto é, abundante matéria novelesca, parte da qual parece ser a prosificação de *Cantares de gesta*. Substituiu por completo a *Primeira*, e foi reproduzida e explorada du-

¹ No *Catálogo de Crónicas Generales de España manuscritas*, e *Infantes de Lara*, p. 394.

² Se abstrairmos de *Abenalfarax* e *Alhuacazi*, etc., que historiaram os feitos do Cide, nenhum cronista árabe contribuiu para a *Primeira Crónica Geral*.

³ Há quem suspeite que o desconhecido compilador da *Segunda Crónica* foi também o primeiro inventor da novela de el-rei D. Rodrigo, retocada um século mais tarde (1443) por Pedro del Corral. E a extensão desproporcionada do episódio de D. Rodrigo, a incoerência do relato, a deslocação das parcelas, a multidão de figuras históricas que nele surgem, os discursos e as cartas, tornam pelo menos provável que se trate de originais fabricados nos alvares dos romances de cavalaria.

rante dois séculos, de sorte que existem numerosas cópias, e numerosas derivações, refazimentos parciais e integrais, e traduções.

Nem todos os exemplares trazem a História do último rei godo: sua curiosidade voluntariosa que o levou a abrir em Toledo, na Casa dos Reis, a arca dos evangelhos, em que estava guardado o lenço com profecias a respeito da perdição da Espanha, efectuada pela vinda de gente do Levante, com turbantes na cabeça e arcos turquis às costas; e a história dos seus amores com Alataba, filha do Conde Julião, assim como o casamento da viúva de D. Rodrigo com Abdulaziz (Belaçarim), tam poéticamente estilizada que parece haurida num *Cantar*, segundo o sentir de D. Juan Menendez Pidal, malgrado erudito, de finíssima tèmpera, que analisou a Lenda com arte e engenho.

Completo há dois manuscritos da crónica de 1344 em Madrid, na *Biblioteca Régia*, aliás muito incorrectos. Do melhor deles (marcado 2-I-2 N.º 15 do *Catálogo*, ou *M* nos *Infantes de Lara*, p. 384) provêm as vinte e tantas páginas com as quais D. Ramón preencheu a lacuna do *Livro de Rasis*¹. Começando onde acaba *B*, termina onde é o fim da lacuna de *A*.

*

A redacção castelhana do *Livro de Rasis*, tal qual anda interpolada na *Crónica Geral* de 1344 (fundamentalmente igual à dos dois manuscritos independentes), tornou a ser vertida para português. *Retrovertida*. E isso numa linguagem arcaica como a dos trovadores, eivada embora com formas modernizadas, do tempo de transição, que historicamente é o da segunda dinastia borgonhesa. *Retrovertida*: mas quando? e por instigação de quem?

O filho mais letrado de elrei D. Dinis, D. Pedro, Conde de Barcelos (1354), poeta e coleccionador de um *Livro das Cantigas*, que legou a Afonso XI de Castela, aproveitou a então nova redacção da *Crónica Geral* no *Livro das Linhagens*, e talvez tirasse de lá a bela descrição da batalha do Salado. Bem possível é chamasse para ela a atenção de algum seu apaniguado. Mas também não seria de estranhar que só decénios depois, perto de 1400, o seu desejo vingasse, e um Infante da *insigne geração* mandasse realizar o plano. Cronologicamente essa hipótese é mesmo a mais racional, visto que a *Primeira crónica* mal acabava de ser traduzida no tempo de D. Dinis, tal qual o *Livro de Rasis* e as *Sete Partidas*.

¹ *Catálogo*, pp. 26 a 49 (f. 26^d a 36^d do original).

Do tempo de D. João I é, quanto à caligrafia e linguagem, uma das duas *Crônicas de Espanha* que tenho em vista, e pertence desde 1878 à Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, códice tam ricamente iluminado e belamente escrito em pergaminho como não há nenhum em Espanha¹.

A outra é posterior ainda: de 1457; e de grande valor. Saída das mãos do *Condestável D. Pedro*, cujo brasão e cuja divisa—*Payne pour joye*—se vê no frontispício, escrita portanto durante o reinado de Afonso V, acha-se, desde os dias do cardeal Mazarin, na Biblioteca Nacional de Paris².

Se quanto ao exemplar de Lisboa apenas posso afirmar (louvando-me em Menendez Pidal) que ele representa a verdadeira *Crônica de 1344*, mas não deriva dos exemplares mais puros dela, provindo antes duma redacção alterada na frase³, sem saber ao certo que aspecto tem nela o *Livro de Rasis*, conheço um pouco melhor o manuscrito de Paris, em que ele figura, na sua totalidade e conforme com uma das refundições que se escreveram entre 1344 e 1443. E quem quer pode verificá-lo, visto que a primeira metade dessa *História Geral de Espanha* saía impressa, em virtude dos esforços dum benemérito professor da Universidade de Coimbra. O Sr. António Nunes de Carvalho⁴ teve a paixão e paciência suficientes para, com as suas próprias mãos, tirar cópia das quinhentas e oito páginas do códice, e em seguida mandou imprimi-las à sua custa⁵. Mas, chegado ao meio da revisão, perdeu o ânimo, perante a indiferença do público, e parou⁶.

Estudando, no exemplar que possuo e devo à amizade de Bruno, (sem a folha litografada), o texto, que dá margem a infinitas observações, reconheci que, derivado de um refazimento da *Geral de 1344*, aparentemente duma família a que pertence o manuscrito 2-M-5

¹ No meu estudo inédito, citado na Nota 9.^a, ocupei-me a fundo tanto dêsse manuscrito da Academia (de que possuo uma série de fotocópias relativas à morte de D. Fernando, o Magno), como do de Paris. O de Lisboa (Academia, Gabinete 5, Estante 2; códice de 323 fôlhas, incompleto no fim) deriva dum códice marcado U por Menendez Pidal (propriedade de D. Francisco Zabalburu). Vid. *Infantes de Lara*, p. 394. Cfr. *Catálogo da Livraria do Conde de Castelo Melhor*, N.º 50.

² Morel-Fatio, *Catalogue des Manuscrits Espagnols et des Manuscrits Portugais* (Paris 1892), p. 248: N.º 4.

³ «La expresión, no el fondo de la narración, es lo que alteraron», dizia-me em 1914 o ilustre Romanista.

⁴ Vid. Innocência da Silva, vol. I, 213; VIII, 261; e X, 25.

⁵ Êsse autógrafo existe.

⁶ De 573 capítulos, saíram 202 (em 192 páginas).

da Biblioteca Régia de Madrid, elle contém, alteradas embora, as duas parcelas principais do *Livro de Rasis*: a *Geografia*, nos capítulos 13 a 47; a *História de D. Rodrigo*, nos capítulos 172-195.



E colacionando essa última parte com as páginas publicadas em 1898¹, escritas com um desleixo extraordinário, encontrei provas curiosas dum facto que não escapara aos olhos argutos de Pidal: no texto castelhano, interpolado em 1344 na *Crónica Geral*, há ainda restos do português de Gil Perez: lusismos, como *o rei por elrei*, e *esteio por pilar, pilastral*.

Dos mais casos que descobri vou registar um², bastante curioso.

Desdobrando o lenço pintado da arca que abrira na Casa de Hércules é que D. Rodrigo vê: *alaraves figurados con sus tocas en sus cabeças e en sus manos lanças con pendones e sus espadas a los cuellos e sus bestias trasi e en los arzones de las sillas sus lingaueras* (sic), p. 34, f. 30.

Quem conhece a Lenda e sabe que se trata de Árabes *a cavalo*, com turbantes, armados de *ballestas* e frechas³, guardadas naturalmente em *aljabas*, adivinha logo que *bestia* é um erro crasso, tradução errada do português *besta* que com *ê* fechado é realmente *bestia* (transformado por atracção do *i* em *beista*), mas com *ê* aberto corresponde a *beesta*, *baesta* de *balista* — único termo que dá sentido no passo citado.

Verificando depois, encontrará na redacção portuguesa: *allarues fejurados com toucas em suas cabeças e em suas mãos lanças com pendoões e suas espadas a seus collos e suas beestas tras ssy nos arçoões das sellas*. (Cap. 175).

E fica então certo de que o tradutor, não compreendendo *e suas beestas trassi*, transcreveu literalmente a fórmula inalterada, acrescentando em seguida o significado que lhe parecia verossímil: *e en los arzones de sus sillas lingaveras*⁴. Mas o copista pôs *bestias* por *beestas*.

¹ Com ajuda do texto português podemos emendar muito o deturpadíssimo texto castelhano, desfazendo erros e preenchendo lacunas.

² Já apontei um desses lusismos, em 1908, na *Revista Lusitana*, xi, p. 38: *Aufaz* (em castelhano tem a forma culta e rara *antifaz*) corrompido em *aufas*!

³ Na *Primeira Crónica Geral*, cap. 553 (p. 307), as *ballestas* aparecem na descrição dos ginetes.

⁴ Ainda não descobri a etimologia de *linjavera*, embora a procure desde 1844 (*Jahrbuch*, xiii), confrontando-a com o sinónimo *aljavera* de *aljaba*; e com *cañavera*. — Estará por ventura por *lenha-vera*?

Deixando à margem uma longa série de minúcias, acabo perguntando como foi que formas dum texto, traduzido no tempo de D. Dinis — antes de 1315 — de árabe para português, se conservaram, através de vários traslados para castelhano e de novo para português, até 1457?

E respondo que um exemplar do trabalho de Gil Perez e Mestre Mafamede estaria na posse do último tradutor (ou dos últimos tradutores) que, a fim de pouparem esforços, e talvez para serem mais correctos, se serviram dêsse *Livro de Rasis*, e não da versão castelhana.

Sendo assim, ainda haveria esperança de algum exemplar se ter salvo. Oxalá apareça! E no entretanto publique-se entre nós a *Crónica* do tempo de D. João I, e a de Paris; e no país vizinho a *Crónica de 1344*. E em terceiro lugar, aqui ou acolá, o texto completo do *Rasis*, com todas as variantes.

Porto, Julho de 1919.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Estudos sobre a época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 300)

VIII

Tesouro do Casal dos Fiéis-de-Deus

Por 1893 ou 1894, ao fazerem-se excavações agrarias em umas campinas do Casal dos Fiéis-de-Deus, freguesia do Carvalhal, antigo concelho de Obidos, hoje do Bombarral, appareceram, numa area de 2 metros quadrados, a 1 metro de fundo, doze objectos de que passo a falar:

seis braceletes abertos, maciços, lisos, mais estreitos nas extremidades do que no corpo, de secção quadrangular ou sub-quadrangular, sendo porém curvos alguns dos lados d'ela (vid. figs. 1 a 6, tamanho natural); o machado 6.º está mutilado;

folha de lança, incompleta, de vasado circular (vid. fig. 7; de 0^m,14 de comprimento);

a parte inferior da lâmina de um machado de alvado quadrangular (vid. fig. 8; de 0^m,083 de comprimento);

Deixando à margem uma longa série de minúcias, acabo perguntando como foi que formas dum texto, traduzido no tempo de D. Dinis — antes de 1315 — de árabe para português, se conservaram, através de vários traslados para castelhano e de novo para português, até 1457?

E respondo que um exemplar do trabalho de Gil Perez e Mestre Mafamede estaria na posse do último tradutor (ou dos últimos tradutores) que, a fim de pouparem esforços, e talvez para serem mais correctos, se serviram dêsse *Livro de Rasis*, e não da versão castelhana.

Sendo assim, ainda haveria esperança de algum exemplar se ter salvo. Oxalá apareça! E no entretanto publique-se entre nós a *Crónica* do tempo de D. João I, e a de Paris; e no país vizinho a *Crónica de 1344*. E em terceiro lugar, aqui ou acolá, o texto completo do *Rasis*, com todas as variantes.

Porto, Julho de 1919.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS.

Estudos sobre a época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, XIII, 300)

VIII

Tesouro do Casal dos Fiéis-de-Deus

Por 1893 ou 1894, ao fazerem-se excavações agrarias em umas campinas do Casal dos Fiéis-de-Deus, freguesia do Carvalhal, antigo concelho de Obidos, hoje do Bombarral, appareceram, numa area de 2 metros quadrados, a 1 metro de fundo, doze objectos de que passo a falar:

seis braceletes abertos, maciços, lisos, mais estreitos nas extremidades do que no corpo, de secção quadrangular ou sub-quadrangular, sendo porém curvos alguns dos lados d'ela (vid. figs. 1 a 6, tamanho natural); o machado 6.º está mutilado;

folha de lança, incompleta, de vasado circular (vid. fig. 7; de 0^m,14 de comprimento);

a parte inferior da lâmina de um machado de alvado quadrangular (vid. fig. 8; de 0^m,083 de comprimento);

folha triangular, chata, de punhal, com espigão também triangular, e dois buracos neste para se fixar ao cabo por meio de brochas, que faltam (vid. fig. 9; de 0^m,193 do comprimento);

folha de espada, partida em dois pedaços, e punho separado dela: a folha é de secção romboidal; o punho de secção rectangular nos dois terços superiores, e de secção circular no terço inferior, conserva ainda dois pregos de quando era revestido de osso, madeira, etc., e tem o capacete de forma de disco, de cujo centro sai perpendicularmente um prolongamento cilíndrico, estreito e curto, já publicada na *Historia do Museu Etnologico*, p. 361, fig. 32. O comprimento total é 0^m,57 (vid. fig. 10);

dois pedaços de folhas de espada, analogas á da anteriormente mencionada.

O punhal (fig. 9) é de cobre, os restantes objectos são de bronze: conforme análises amavelmente feitas pelo S.^{or} D.^{or} Alfredo Bensaude, illustre Professor e Director do Instituto Superior Tecnico de Lisboa.

Estes objectos pertencem hoje ao Museu Etnologico, por dadiua que d'elles me fizeram o Rev.^{do} José Prata, Prior do Carvalho, que me deu o punhal, e o Sr. Adriano Pereira Horta, dono do casal, que em casa, em 1904, me deu os restantes objectos por intervenção do mesmo Sr. Prior.

No local do achado não appareceu mais nada, nem cacos, nem cinzas, nem pedras, nem vestigio algum de casa ou sepultura; excavações especiais que no local mandei fazer ulteriormente por um empregado do Museu nada mais produziram. Talvez os objectos constituíssem um tesouro, *ripostiglio*, que por qualquer circumstancia foi escondido no chão.

*

Ao merito archeologico de cada peça acresce o do conjunto, pois este nos dá auxilio para estabelecermos cronologia relativa entre uns poucos de objectos, diversos entre si. Para estabelecer a cronologia absoluta, não ha ainda em Portugal elementos suficientes; o que é exacto ou provavel com relação a uns países, não o é com relação a outros, sobretudo quando estes estão, como o nosso, tão afastados dos centros da civilização; todavia direi que os tipos da espada e do machado concordam com os que os archeologos attribuem á fase 4.^a da epoca do bronze, ou bronze iv; a lança de vasado poderá pertencer á mesma fase; o punhal e os braceletes serão talvez de tempo anterior, embora, pela sua simplicidade, conservados, como tipos, até tarde.

Nas nossas colecções archeologicas conhecem-se outras espadas de bronze, não porém exactamente como a de que falo aqui, a qual pela forma do remate do punho, se parece, à parte a falta de ornatos, com as que vem em Naue, *Die vorrömischen Schwerter*, Munich 1903, album, est. xx, n.º 2, etc. Machados de alvado são comuns em todo o Portugal; lanças, punhais e braceletes não abundam tanto, mas ha outros exemplares no Museu Etnologico, provenientes do Sul.

N. B.—As figs. 1 a 9 são desenhos de Francisco Valença. A fig. 10 é desenho de Guilherme Gameiro.

IX

Xorcas de bronze de Alcainça

Em fins de Janeiro de 1904 enviou ao Museu Etnologico a Repartição de Minas do então Ministerio das Obras Publicas uma colecção de cinco xorcas que vão representadas de tamanho natural nas figs. 11 a 15. A não ser a xorca n.º 12, que está mutilada, todas as restantes estão em bom estado de conservação; esta mesma xorca n.º 12, foi analisada pelo S.^{or} D.^{or} Bensaude, e a análise mostrou que era de bronze, d'onde concluo que tambem as outras o serão. Tres das xorcas são de secção sub-quadrangular, uma é de secção semi-circular, e a outra de secção eliptica.

Juntamente com as xorcas vinha um objecto, representado na fig. 16, tamanho natural, o qual deve ser o remate (fr. *bouterolle*) da bainha, de madeira ou de couro, de um punhal.

Algum tempo depois de ter recebido o Museu os mencionados objectos, ofereceu-lhe o S.^{or} Ascensão Valdês, funcionário da Biblioteca Nacional, outra xorca, fig. 17, tamanho natural, cuja secção é um quadrante, ou quarto de círculo.

Todos estes objectos tinham apparecido no Cabeço dos Orgãos, freguesia da Igreja Nova, concelho de Mafra, sitio que porém fica mais perto de Alcainça (d'onde dista menos de 1 kilometro), do que da Igreja-Nova (d'onde dista 2 kilometros). Acharam-nos em trabalhos do campo, não em sepulturas regulares, mas entre pedras. Mais nada appareceu de bronze.

*

As xorcas são do mesmo tipo das dos Fieis-de-Deus. O remate do punhal é igual a outros que existem no Museu, provenientes do «castelo» de Pragança.

N. B. As figs. 11 a 16 são desenhos de Francisco Valença. A fig. 17 é desenho de Saavedra Machado.

X

Xorca de bronze do Moledo

Na fig. 18, tamanho natural, representa-se outra xorca de bronze, que tem internamente, quasi em todo o comprimento, um sulco resultante de imperfeição da fundição. Por causa d'este sulco, a secção da xorca é a seguinte:



A xorca, que obtive para o Museu Etnologico, appareceu na Serra da Cezareda, no sitio das Eiras, termo do Moledo, Concelho da Lourinhã. Na Serra da Cezareda tem-se feito muitos achados de objectos da mesma epoca.

XI

Ponta de seta da Moita

O objecto representado na fig. 19, tamanho natural (desenho de Saavedra Machado), é uma ponta foliforme de seta, de cobre (análise do S.^{or} D.^{or} Bensaude), de espigão curto. Apareceu nos arredores da Moita, concelho da Lourinhã, onde a obtive.

No Museu ha outras pontas de setas analogas, provenientes de varias localidades portuguezas.

XII

Vaso de barro, de Santa Vitoria de Ervidel¹

O vaso representado na fig. 20 appareceu, com outro analogo, mas mais belo, em Santa Vitoria de Ervidel (Beja), e foi-me oferecido para o Museu Etnologico, em 1917, pelo Sr. Dr. Manoel Marques da Costa, no que prestou á Arqueologia valioso serviço.

É de barro, levemente avermelhado; foi feito á roda, e ficou da cozedura muito endurecido. O desenho indica perfeitamente a fórma: a parte inferior consiste numa calote esferica, o pescoço é curvo, com os bordos um pouco revirados para fóra; o bojo, na linha média, está ornamentado de incisões verticais e paralelas entre si; superiormente a esta linha, e junto d'ela, ha em toda a volta outra ornamentação, constante de tres series de pontos; na base do pesco-

¹ Desenho de Francisco Valença.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

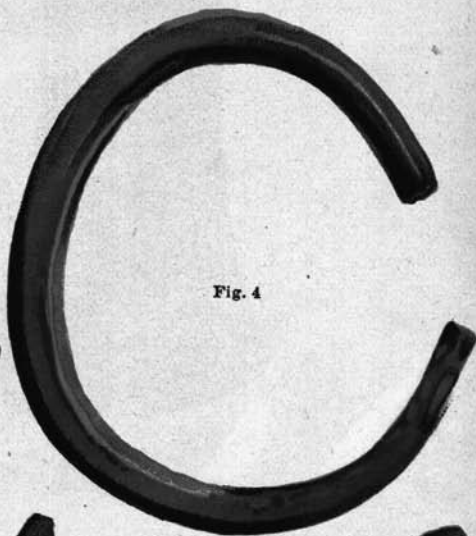


Fig. 4

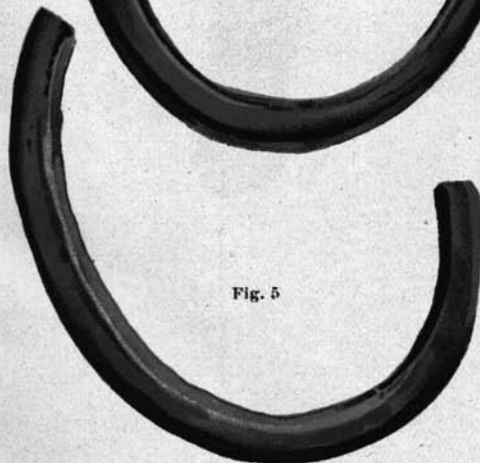


Fig. 5

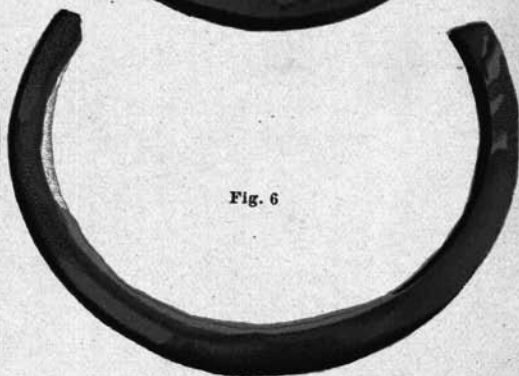


Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 9

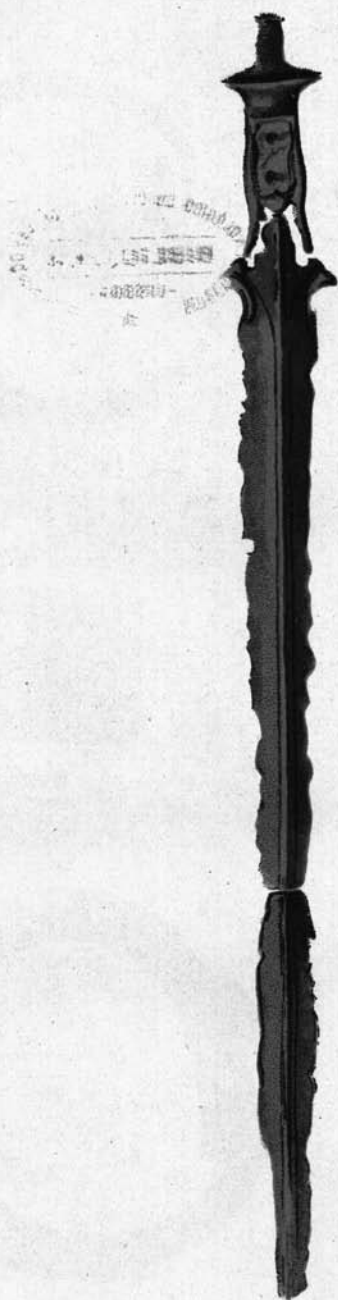


Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 16



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15

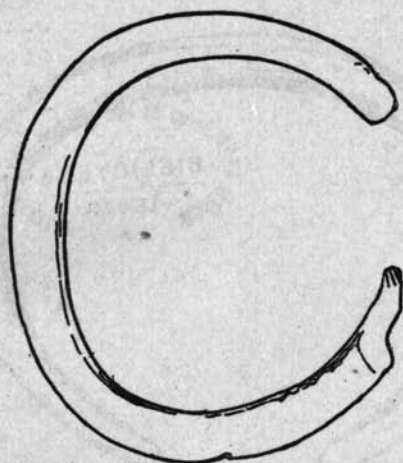


Fig. 1

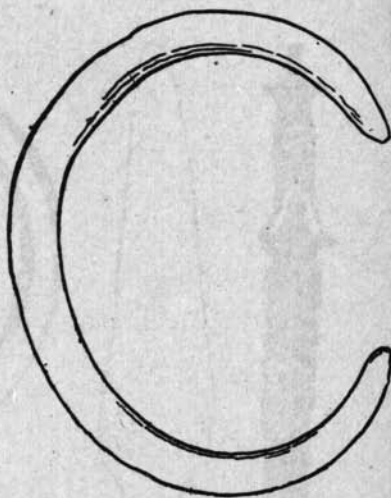


Fig. 2

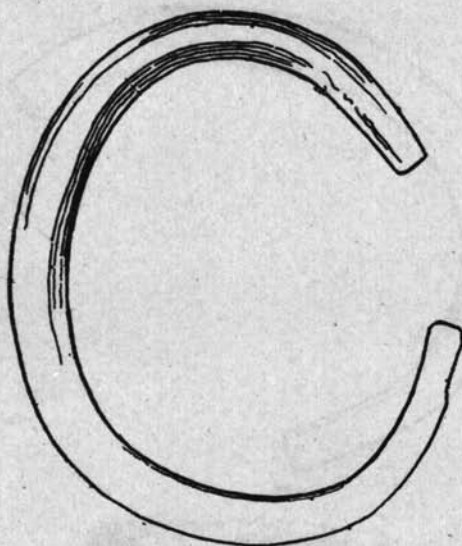


Fig. 3

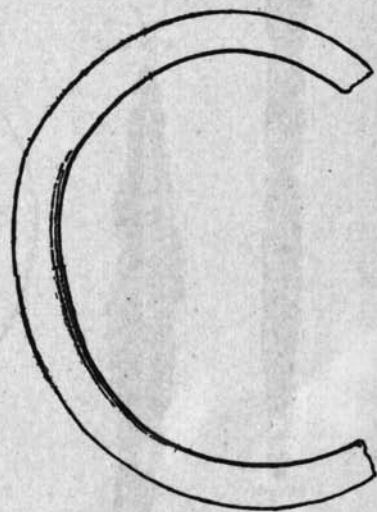


Fig. 4

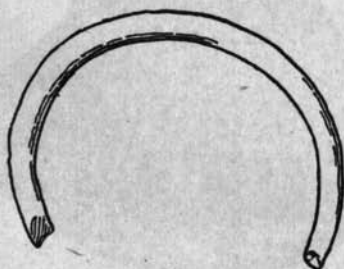


Fig. 12

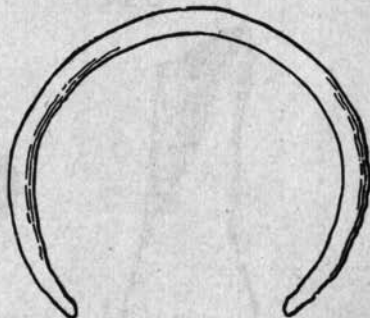


Fig. 14

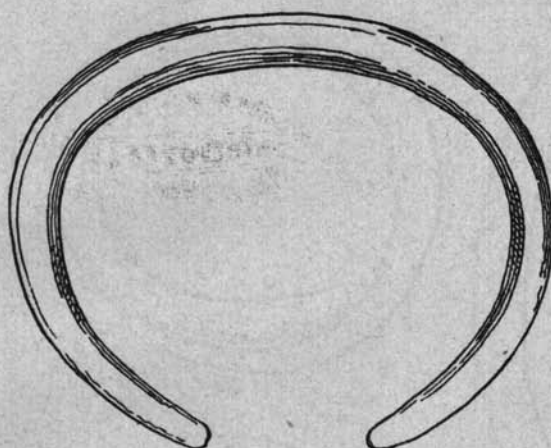


Fig. 5

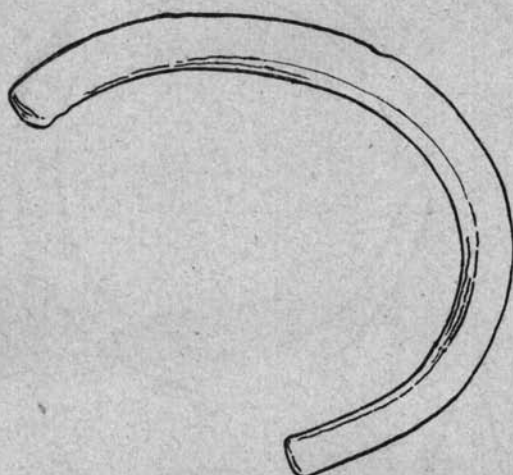


Fig. 6



Fig. 20



Fig. 9



Fig. 7



Fig. 10



Fig. 8

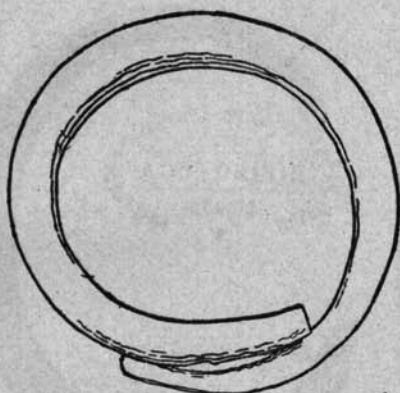


Fig. 13

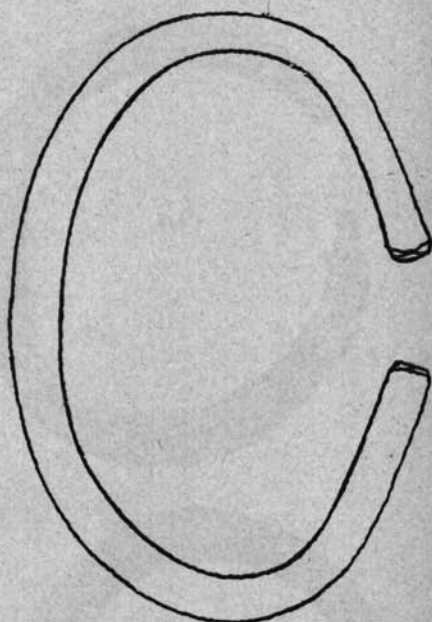


Fig. 18

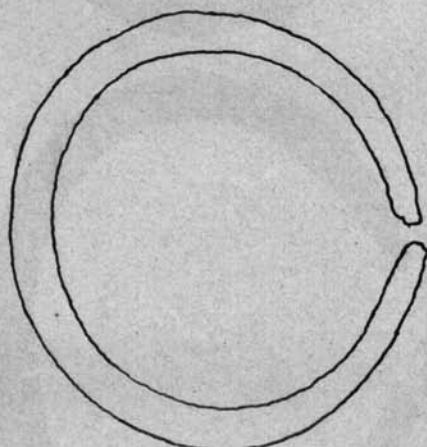


Fig. 17

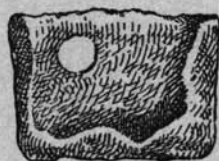


Fig. 16

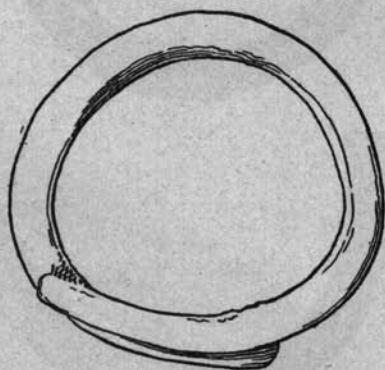


Fig. 11



Fig. 19

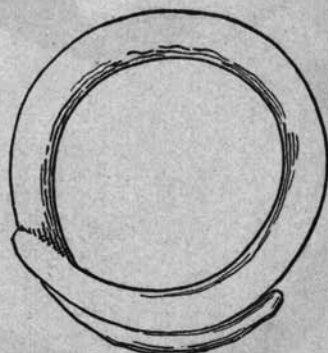


Fig. 15

go, também á volta, mais duas series pontuadas. Tanto as incisões como os pontos são irregulares.

A fôrma geral e em parte a ornamentação parecem-se um tanto com as de um vaso da necropole de Pongues-les-Eaux (França), que Déchelette coloca na fase chamada «bronze III» (cêrca de 1600 a 1300 a. C.)¹. Esta attribuição do nosso vaso á epoca do bronze combina com o haverem-se descoberto outros testemunhos da mesma epoca em Santa Vitoria, ou na sua área².

Devo acrescentar que o vaso de Ervidel tem no fundo aderencias de calcareo, o que mostra que esteve assente em chão d'essa natureza. Não sei ao certo as condições em que appareceu, mas provavelmente foi em sepultura.

J. L. DE V.

Uma ara inédita

De apontamentos meus sobre *Conimbriga*, que um dia, possivelmente, se integrarão num pequeno estudo acêrca do grau de civilização atingido pelo famoso *oppidum*, e revelado nos contínuos achados que a falta duma exploração metódica vai deixando desperdiçar, extraio estas poucas linhas, humilimo subsidio à homenagem que *O Archeologo Português* hoje presta ao Dr. Simões de Castro, decano dos arqueólogos portugueses, e com cuja amizade me honro.

Trata-se duma árula proveniente de Condeixa-a-Velha, comprada em fins de 1918 a um indivíduo da localidade pelo seu actual possuidor — Dr. Pinto de Almeida.

Está inédita; por isso, e por me parecer interessante, a apresento.

É o cumprimento dum voto a Apolo, divindade tutelar da civilização luso-romana: APOLLINI AUG(USTO) CAECILIA AVITA V(OTUM) S(OLVIT). Além das suas dimensões, não necessita de grandes considera-



¹ *Manuel d'Archéologie*, II, 383.

² Vid. *O Arch. Port.*, XI, 180 sgs.

go, também á volta, mais duas series pontuadas. Tanto as incisões como os pontos são irregulares.

A fôrma geral e em parte a ornamentação parecem-se um tanto com as de um vaso da necropole de Pongues-les-Eaux (França), que Déchelette coloca na fase chamada «bronze III» (cêrca de 1600 a 1300 a. C.)¹. Esta attribuição do nosso vaso á epoca do bronze combina com o haverem-se descoberto outros testemunhos da mesma epoca em Santa Vitoria, ou na sua área².

Devo acrescentar que o vaso de Ervidel tem no fundo aderencias de calcareo, o que mostra que esteve assente em chão d'essa natureza. Não sei ao certo as condições em que appareceu, mas provavelmente foi em sepultura.

J. L. DE V.

Uma ara inédita

De apontamentos meus sobre *Conimbriga*, que um dia, possivelmente, se integrarão num pequeno estudo acêrca do grau de civilização atingido pelo famoso *oppidum*, e revelado nos contínuos achados que a falta duma exploração metódica vai deixando desperdiçar, extraio estas poucas linhas, humilimo subsidio à homenagem que *O Archeologo Português* hoje presta ao Dr. Simões de Castro, decano dos arqueólogos portugueses, e com cuja amizade me honro.

Trata-se duma árula proveniente de Condeixa-a-Velha, comprada em fins de 1918 a um indivíduo da localidade pelo seu actual possuidor — Dr. Pinto de Almeida.

Está inédita; por isso, e por me parecer interessante, a apresento.

É o cumprimento dum voto a Apolo, divindade tutelar da civilização luso-romana: APOLLINI AUG(USTO) CAECILIA AVITA V(OTUM) S(OLVIT). Além das suas dimensões, não necessita de grandes considera-



¹ *Manuel d'Archéologie*, II, 383.

² Vid. *O Arch. Port.*, XI, 180 sgs.

ções, fácilmente dispensadas à arqueologia que não quer «fazer literatura».

A ara é de calcáreo da região, bastante perfeita, e de pequenas dimensões: altura — 0^m,265; base — 0,132 × 0,096; campo, entre as molduras, ocupado pela epígrafe: 0,084 de altura × 0,107; espessura do corpo central, 0^m,067.

Letras levemente desiguais, as palavras sem pontuação e assimetricamente dispostas; há, contudo, uma certa proporção no conjunto de toda a ara, e podemos talvez assinar-lhe o sec. II para data.

AVITA, *cognomen mulieris*, é já conhecido no onomástico pessoal lusitano-romano; e é interessante notar duas inscrições que Hübner nos aponta, onde figura um *Caecilius Avitus* (*Corp. Insc. Lat.*, II).

O culto de Apolo não é dos que maior documentação deixaram; e percorrendo os inventários do *Corpus*, das *Religiões da Lusitania*, e das revistas de arqueologia, verifica-se quam deminuto número de lápides votivas se consagram a Apolo, razão por que o registo desta ara se me afigura dalgum interesse.

Coimbra, 16 de Junho de 1919.

ANTÓNIO G. R. MADAÍL

Objectos arqueológicos de Alcoutim

I

Do concelho de Alcoutim possui o Museu Etnologico, além de espécimes de Etnografia moderna¹, vários objectos antigos, uns colhidos por Estacio da Veiga, anteriormente á fundação daquele Museu, outros colhidos já depois que ele existe. Entre os que obteve Estacio, que fizeram parte do extinto Museu do Algarve, agora incorporado no Etnologico, sobressai, a estátua (mutilada) de Apolo, proveniente do Alamo, e publicada nas *Religiões da Lusitania* III, 234-235.

¹ Por exemplo: um *cossoiro*, de madeira, ornamentado; um *tambolarão*, de madeira (pêso de tear); um descanso, também de madeira, de tampa de baú; um *machucador*, da mesma substancia; um *palhêto* (vid. *Historia do Museu de estanho*; cinco colhéres ornamentadas, etc. Cf. Livro de entradas do Museu, *Etnol.*, p. 388-389; um garfo grande, de ferro; um saco, de pele; um galheteiro, n.º 4869 sgs.

ções, facilmente dispensadas à arqueologia que não quer «fazer literatura».

A ara é de calcáreo da região, bastante perfeita, e de pequenas dimensões: altura — 0^m,265; base — 0,132 × 0,096; campo, entre as molduras, ocupado pela epígrafe: 0,084 de altura × 0,107; espessura do corpo central, 0^m,067.

Letras levemente desiguais, as palavras sem pontuação e assimetricamente dispostas; há, contudo, uma certa proporção no conjunto de toda a ara, e podemos talvez assinar-lhe o sec. II para data.

AVITA, *cognomen mulieris*, é já conhecido no onomástico pessoal lusitano-romano; e é interessante notar duas inscrições que Hübner nos aponta, onde figura um *Caecilius Avitus* (*Corp. Insc. Lat.*, II).

O culto de Apolo não é dos que maior documentação deixaram; e percorrendo os inventários do *Corpus*, das *Religiões da Lusitania*, e das revistas de arqueologia, verifica-se quam deminuto número de lápides votivas se consagram a Apolo, razão por que o registo desta ara se me afigura dalgum interesse.

Coimbra, 16 de Junho de 1919.

ANTÓNIO G. R. MADAÍL

Objectos arqueológicos de Alcoutim

I

Do concelho de Alcoutim possui o Museu Etnologico, além de espécimes de Etnografia moderna¹, vários objectos antigos, uns colhidos por Estacio da Veiga, anteriormente á fundação daquele Museu, outros colhidos já depois que ele existe. Entre os que obteve Estacio, que fizeram parte do extinto Museu do Algarve, agora incorporado no Etnologico, sobressai, a estátua (mutilada) de Apolo, proveniente do Alamo, e publicada nas *Religiões da Lusitania* III, 234-235.

¹ Por exemplo: um *cossoiro*, de madeira, ornamentado; um *tambolarão*, de madeira (pêso de tear); um descanso, também de madeira, de tampa de baú; um *machucador*, da mesma substancia; um *palhêto* (vid. *Historia do Museu* de estanho; cinco colhéres ornamentadas, etc. Cf. Livro de entradas do Museu, *Etnol.*, p. 388-389; um garfo grande, de ferro; um saco, de pele; um galheteiro, n.º 4869 sgs.

No presente artigo vou dar noticia especial dos objectos archeológicos (prehistoricos e romanos), adquiridos por pessoal do Museu Etnologico, isto é, por mim, e pelo Ex-Preparador Almeida Carvalhais, quando em 1908 estivemos em Alcoutim. Nestas aquisições nos ajudou, contribuindo grandemente para elas, o S.^{or} Manuel António Torres, Secretário da Camara Municipal, e pessoa muito apaixonada da historia da sua terra.

a) Objectos prehistoricos:

1. Machado de pedra polida, de superficie rugosa: tem 0^m,243. de comprimento, 0^m,075 de largura, e 0^m,057 de maior espessura. Secção eliptica. A extremidade oposta á base terminava em ponta, mas está esmurrada. O gume é convexo. Aspecto geral do instrumento: subtriangular.

Foi achado no Marmeleiro.

N.^o de entrada no Museu 4:597; n.^o de catalogação 8:532. Fig. 1.

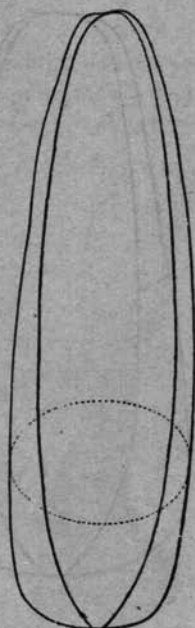


Fig. 1

2. Outro machado de pedra polida (xisto), de 0^m,145 de comprimento, de 0^m,056 de largura, de 0^m,037 de espessura. Secção eliptica. A extremidade oposta á base é arredondada, o gume está muito mutilado. Aspecto geral do instrumento, na sua forma actual: triangular.

Foi achado nos campos do monte do Torneiro.

N.^o de entrada no Museu 4:599; n.^o de catalogação 8:572. Fig. 2.

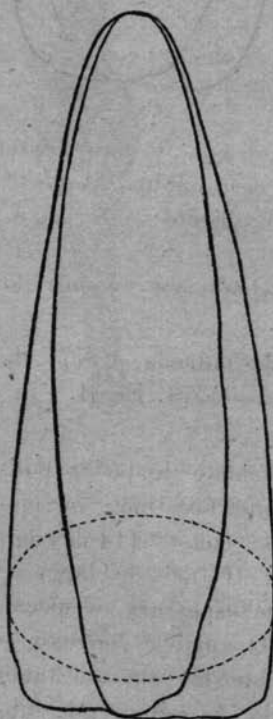


Fig. 2

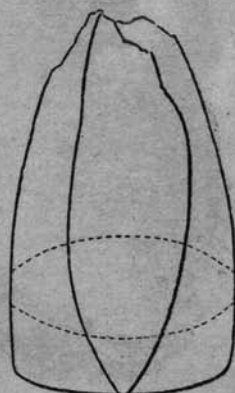


Fig. 3

3. Machado de fibrolite, quebrado na parte superior da extremidade oposta ao gume. Superficie muito lisa, gume convexo, um pouco

poido. Comprimento 0^m,078; largura 0^m,042; espessura 0^m,025. Secção sub-rectangular.

Foi achado nos campos do Torneiro.

N.º de catalogação 8:575. Fig 3.

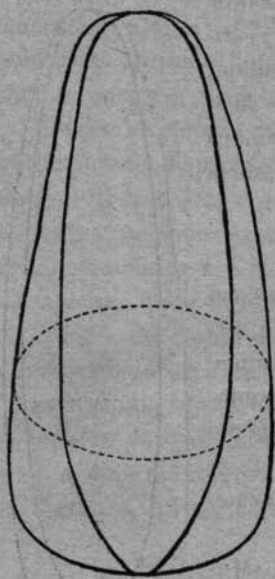


Fig. 5

4. Objecto de pedra polida, que deve ter sido primitivamente machado, mas que foi quebrado na parte superior; o gume está muito esmurrado e gasto, pois o instrumento, depois de deixar de ter a serventia originaria, foi aplicado, não só (como parece) a polidor, mas a martelo (é possível que os vestígios que

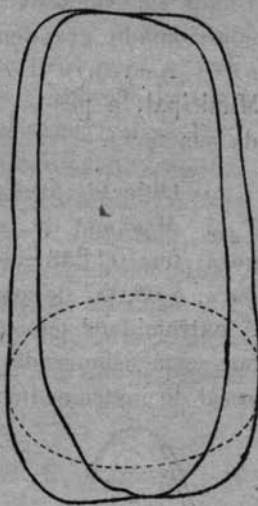


Fig. 4

tem de percussão não datem dos tempos prehistoricos). Comprimento 0^m,101; largura 0^m,055; espessura 0^m,042. Secção elíptica. Aspecto actual do objecto: sub-rectangular.

Foi achado nos campos do Torneiro.

N.º de entrada 4:877; de catalogação 8:574. Fig 4.

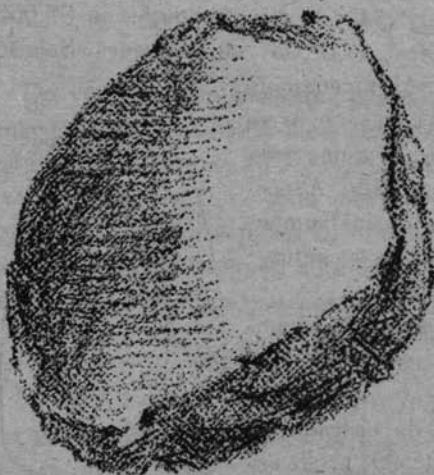


Fig. 6

5. Machado de pedra polida, de superficie mais ou menos rugosa, com 0^m,114 de comprimento, 0^m,056 de largura, 0^m,039 de espessura, e secção elíptica. O gume é convexo, e a parte oposta está um tanto esmurrada. Aspecto geral: sub-trapezoidal.

Foi achado na Côte das Sedas.

N.º de entrada 4:598; de catalogação 8:573. Fig. 5.

6. Mó de granito: a escavação não é funda; mas está perfeitamente poida; a base ou parte oposta é um tanto aplanada.

Superfície $0^m,203 \times 0^m,0173$; espessura $0^m,057$. N.º de entrada 4:878. Fig. 6.

N. B.—Não tenho inteira certeza que esta mó seja de Alcoutim, porem é provavel que o seja, porque estava no Museu ao pé dos objectos prehistoricos de Alcoutim, e porque nos meus apontamentos da excursão àquele concelho figura uma mó.—É de notar que o Museu tem levado varias voltas, por causa de arrumações, de quedas de estuque, etc: e nestes vai-vens perdem-se muitos rotulos. Acresce que ha falta de pessoal que olhe constantemente por tudo. Cf. *Historia do Museu Ethnologico*, p. 346. Convém insistir nestas observações, para inutilizar a lingua perversa dos maldizentes.



Fig. 7

b) Objectos romanos:

Mostra-nos a fig. 7 um instrumento de ferro que appareceu em 1907 no *bar-ranco*¹ do Esteio, ao pé do Balurco de Baixo, freguesia de Alcoutim; tem de comprimento $0^m,165$, e foi-nos oferecido pelo S.^{or} Antonio Cavaco Faustino. Ai não consta que apparecesse mais nada, mas a uns dois quilometros há *alcariais*, isto é, ruínas antigas ou locais com restos arcaicos².

Este objecto é inteiramente comparavel a outro, um pouco maior, que já existia no Museu, colhido por Estacio no concelho de Alcoutim: fig. 8. Perdeu-se o rótulo, mas creio ser do Montinho das Laranjeiras, onde se encon-



Fig. 8

traram muitas cousas, sem dúvida romanas, que no Museu estão ao pé do mesmo objecto.

Não hesito em os incluir a ambos na classe das *asciae*. A qualquer d'elles convem a definição que de certos instrumentos d'essa classe dá E. Saglio no seu *Dict. des antiquit.*, vol. 1-1, 2.^a ed., p. 465: «tous .. se composent d'un manche .. auquel est adapté un fer à côtés inégaux; l'un de ces côtés au moins est tranchant et légèrement courbé, l'autre plus court et quelquefois .. terminé par

¹ Rio que se fôrma no inverno.

² Acêrea de *alcariais* vid. *Religiões*, III, 175, nota 9.

une tête plate». Os desenhos que traz Saglio também convêm aos nossos objectos. Ao instrumento do Esteio chamaria eu, por causa da sua pequenez, *asciola* vel *asciculus* = *acisculus*¹. A *ascia*, como se vê das figuras e da definição, servia para cortar e para martelar. Na industria moderna há um instrumento parecido, pelo menos, quanto á forma: é o *faztudo*, de que publiquei um desenho n-*O Archeologo*, XIX, 178.

Passemos a outro objecto, de outra especie: vid. fig. 9, bustozinho de bronze, adquirido por Almeida Carvalhais no *alcarial* do Garcia, freguesia do Pereiro, concelho de Alcoutim (tem no Museu, no livro das entradas, o n.º 1:790. Altura: 0^m,035. Está um tanto deteriorado ou gasto. Este busto, que na parte correspondente ao tronco é muito estreito, e achatado por detrás, não se firmava, devia fixar-se a outro objecto, ou adaptar-se-lhe. É de mulher, como o penteado e a face o denotam; do ombro esquerdo passa para debaixo do braço direito um *balteus* ou «tiracolo», a que devia prender-se qualquer cousa que não se figurou. Parece obra do seculo III. Que entidade representa ele? Acaso Diana. O *balteus* se-lo-ia da *pharetra* ou «aljava» da deusa-caçadora.



Fig. 9

Com o busto apareceram duas moedas de cobre romanas (mediões bronzes), difíceis de decifrar, pelo seu mau estado de conservação.

II

Já depois do nosso regresso a Lisboa, o S.^{or} Manuel Antonio Torres continuou, com grande zêlo, a enriquecer o Museu Etnologico.

Em Agosto de 1917 enviou uma importante lapide, que contém uma inscrição iberica, a qual será publicada noutra ocasião. Em Julho de 1919 enviou tres azulejos, provenientes da vila de Alcoutim. E está para enviar mais objectos, segundo me declarou em cartas.

Quando chegarem estes objectos, verei se, além do que prometi dizer da inscrição iberica, posso acrescentar mais alguma cousa á historia antiga de Alcoutim, que, como vimos, ascende pelo menos, á epoca da pedra polida.

Todos os desenhos que acompanham este artigo foram feitos por Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico Português.

J. L. DE V.

¹ Deve ser por equívoco que Saglio emprega o diminutivo *ascicula*, palavra que não se documenta em latim.

Castro de Penude

Chamo Castro de Penude à pequena fortificação situada no monte do Poio e não muito distante da povoação de Penude. A designação primitiva dêste castro, e, porventura, as que teve através dos tempos, não me foi possível ainda saber.

Crismei o castro com o nome de Penude para assim mais facilmente poder ser encontrado por aqueles que desejem visitar o local

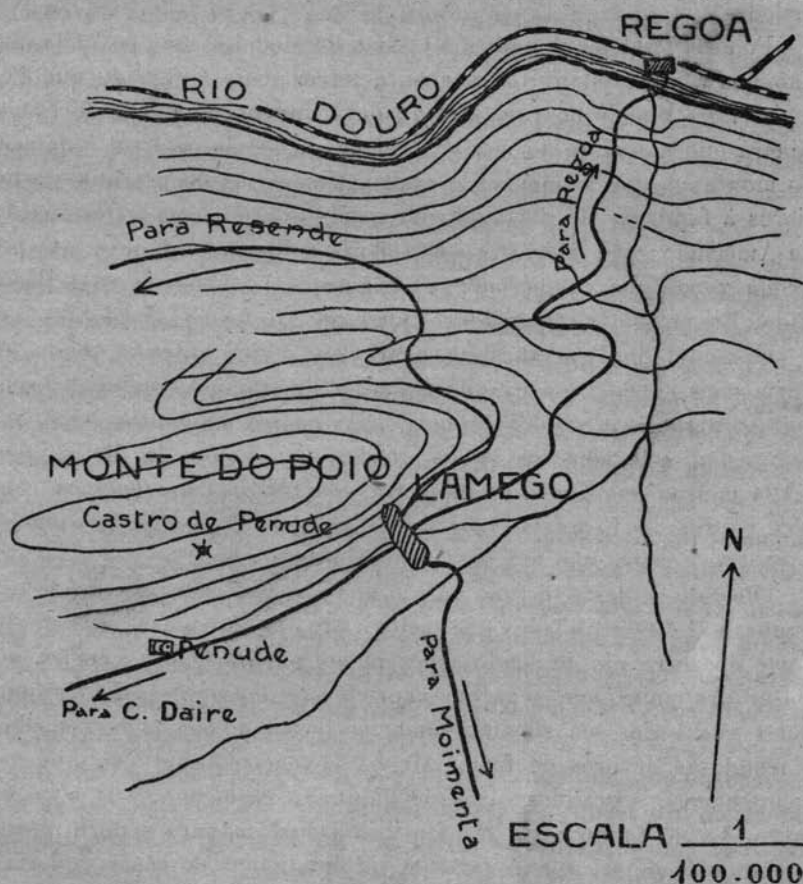


Fig. 1

em que ele foi construído e queiram estudar, nos apagados vestígios que ainda se encontram, mais elementos dos que os que deixo apontados neste artigo.

Penude é uma pequena aldeia, a 6 quilómetros a oeste de Lamego, e situada próximo e a norte da estrada que une a cidade com Castro Daire. Em alguns trabalhos antigos esta povoação aparece com o nome

de Penide. Dá o nome a parte da serra do Poio que é um extenso contraforte da serra do Montemuro estendido de oeste para leste, formando a margem esquerda do rio Douro até a foz do rio Varosa ou Barosa, onde termina. Vid. fig. 1.

É na vertente sul do monte Poio, e na parte que se chama monte de Penude, que se encontra o castro. Os pastores desta região chamam Fraga do Castro ao local onde se vêem os vestígios da antiga fortificação. Fraga, para os pastores, é um elevado amontoado de penedos.

Poderia também chamar-lhe Castro de Medelo, zona povoada que não fica muito distante do castro, e talvez mais antiga do que Penude. Fica Medelo no vale do rio Coura, outrora chamado de Fafel, ribeira que nascendo no monte Poio passa depois pelo sul e na raiz do monte em que se elevava o castro. Em vários documentos posteriores à fundação de Portugal esta região aparece com a designação de Amedelo; não encontrei ainda a razão do nome dado a esta pequena zona, que compreende os seguintes pequenos povos: Paço, Eido, Enxertado, Estremadouro, Quintans, Coito e Teixeira.

O monte do Poio abrange uma área muito extensa, tendo na parte mais elevada um grande planalto, ligeiramente ondulado, sem cultura alguma, e todo êle é baldio. Nos pontos mais altos dêste maciço estão colocados os sinais geodésicos: Fonte da Mesa, com 1:124 metros de altitude; Castanheira, com 995 metros; Quelhas, com 953 metros; e Redonda, com 1:074 metros. O monte em que se encontra o castro não tem 900 metros de altitude.

Olhando-se dêste terreno para o norte goza-se um panorama deslumbrante, dos mais belos que temos visto. A nossos pés, a vertente norte da serra vai descendo ásperamente para o Douro, mostrando rugas profundas que separam caprichosas ondulações do terreno, todas cultivadas em sucaleos onde se desenvolvem ricos vinhedos e frondosas árvores de fruto. Muitas povoações, com seus alegres campanários, e grandes casas de quinta se vêem por entre a vegetação. Lá no fundo corre o majestoso Douro, e para o norte dêste levantam-se outras serras também salpintalgadas de casais, quintas e povoações que espreitam por entre os vinhedos, dando uma impressão muito agradável e característica a esta paisagem. Formando fundo a tam encantador quadro ergue-se o enorme e altivo dorso do Marão, mancha cinzento-azulada com largos tons negros da sombra das suas fundas rugas, e notam-se em esbatido inúmeras cristas das serras de Trás-os-Montes que se perdem no extenso horizonte que nos é permitido ver.

Estes encantos da natureza levam muita gente a subir à serra para os observar. Por lá andei repetidas vezes, não só para disfrutar as belezas da região, como também para ir colhendo elementos para o estudo de carácter militar destes sítios, que vou elaborando nas horas que tenho disponíveis.

Já há muito sabia da existência dum castro no monte Poio, mas nunca tinha conseguido uma referência que me facilitasse encontrá-lo. Foi conversando com um pastor que me foi possível descobrir a situação do antigo castro, pois mal eu supunha que essa fortificação tivesse sido elevada na vertente sul do planalto e no lugar em que o fui encontrar.

É que embora o rio Douro seja um fundo fôssco, com vertentes ásperas, e, portanto, um obstáculo considerável à deslocação de tropas, supunha que a linha de vigilância e de protecção dos núcleos populosos da margem esquerda do rio se fixasse na parte que olha para o norte, por me parecer ser mais natural e mais fácil que por aí se fizessem as razias e surpresas militares, tam contínuas e vulgares nos antigos tempos em que o rio Douro tantas vezes serviu de fronteira aos diversos povos que se estabeleceram no nosso país. Daqui resultava derivar as minhas pesquisas para a vertente norte. Apesar de não achar nesta direcção vestígio algum de fortificação, não desistirei das minhas investigações por ali, até encontrar motivo que me leve a abandoná-las.

Faltam-me ainda muitos elementos para poder chegar a definir a linha de vigilância e de protecção que em outros tempos deveria haver em tórno de Lamego, para com eles determinar a existência de fortificações na vertente norte da serra ou monte Poio; e, também, para melhor precisar se essa vigilância e protecção se correlacionavam com Lamego apenas, ou com outro núcleo populoso mais afastado, ou mesmo existente na própria serra.

A circunstância do castro de Penude ser um posto de observação fortificado, situado na vertente sul da serra e quasi sem horizonte para o norte, é para se ter em muita consideração nas deducções a fazer-se para se chegar a concluir qual a situação do núcleo populoso com que se correlacionava.

Numas memórias manuscritas encontrei a indicação de que o castro de Penude juntamente com outro próximo do rio Douro constituíam postos de vigilância duma povoação fortificada que em tempos remotos existiu próximo de S. Domingos da Queimada, capela que coroa um alto esporão pedregoso compreendido entre o rio Douro e o rio Varosa. Se tal povoação existiu, parece-nos que o castro de

Penude não se correlacionava directa e imediatamente com ela, por o castro ficar a mais de 10 quilómetros de distância do local que se indica como tendo sido ocupado pela tal povoação; por ser muito acidentado o terreno que separa esses dois pontos, demais cortado por dois profundos vales, o do Balsemão e o do Varosa; e serem difíceis e morosas as comunicações da serra do Poio com o monte de S. Domingos da Queimada. Os processos de guerra daqueles tempos, e até mesmo os de hoje, não exigem que a linha de vigilância e de protecção seja lançada a distância tam considerável.

Julgamos, por enquanto, que o castro de Penude ou o posto da Fraga do Castro se correlacionava directamente com as fortificações de Lamego, das quais dista uns 3 quilómetros; se é que não fazia parte dalgum conjunto de obras defensivas ligadas a qualquer centro populoso que tivesse existido na própria serra.

Só um estudo muito pormenorizado e investigações muito exactas poderão levar-nos a precisar este interessante assunto.

Mas deixemos este dedicado ponto para o trabalho que espero um dia publicar sobre a história militar desta região, e que desenvolvido aqui não só tornaria extenso de mais este artigo como poria em segundo plano o que pretendemos dizer sobre o castro de Penude.

Não é o castro de Penude, tal como hoje se encontra, reduzido a quasi nada, uma fortificação que interesse aos que não estudam. Não impressiona pelos sentidos. Destinada a conter pequena guarnição, a sufficiente para fornecer sentinelas e vedetas e oferecer resistência em caso de supresa, não devia ter grande desenvolvimento.

O castro de Penude coroava um cabeça destacado no alto da vertente sul da serra, cabeça com 23 metros de altura em relação ao terreno em que se eleva, coberto de penedos nas suas encostas leste, sul e oeste, e de fácil descida para o colo que fica na frente norte.

No alto do cabeça definem-se ainda os limites das faces que constituíam o recinto da fortificação, apresentando a configuração poligonal que se mostra na planta junta. Só na face do sul, que certamente era construída sobre rocha, não notamos vestígios dos alicerces das muralhas.

Foi com bastante trabalho, mas com a maior alegria, que defini os limites do castro. As muralhas tinham a largura de 2 metros na base. Pela disposição das pedras, pelo aspecto do terreno que forma o cabeça em que assenta o castro e pela situação relativa das faces que limitavam a fortificação fui levado a concluir que a porta de entrada olhava ao norte e que o traçado do caminho que dava acesso ao

castro deveria ser sensivelmente o que representamos na planta que acompanha este artigo (fig. 2).

Mas se não bastassem essas indicações para deduzirmos com segurança a situação da porta e a direcção do caminho de acesso à obra fortificada, outras vieram corroborar a dedução feita.

Pesquisando o terreno exterior aos limites do castro; interrogando morosamente as pedras trabalhadas que encontrava dispersas pelo cabeço, embora com mágoa reconhecesse que se conservavam silenciosas às minhas interrogações ou que era minha a insuficiência para as compreender; insistindo contudo no meu exame, foi com a maior

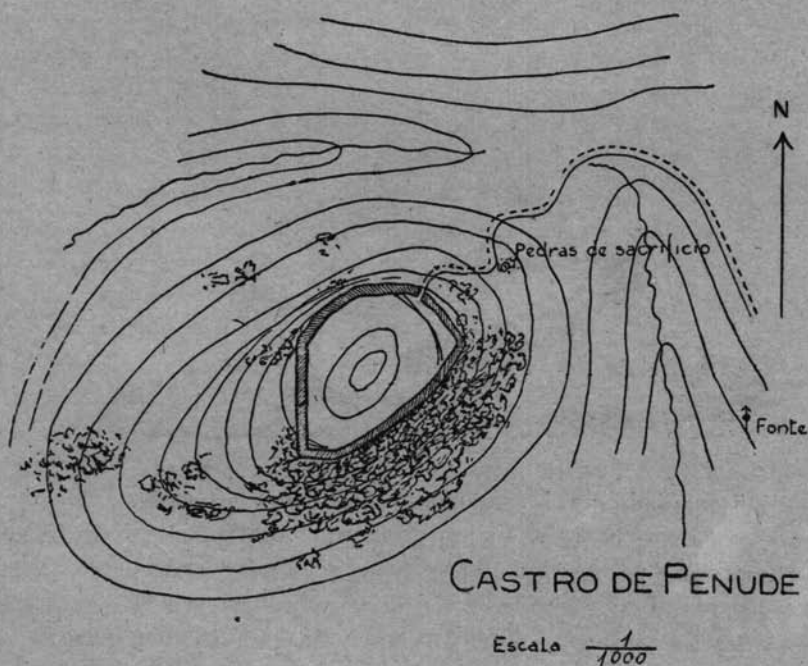


Fig. 2

alegria que vim a encontrar um rochedo com claros indícios de ter sido aproveitado pela guarnição do castro para qualquer fim especial, talvez de carácter religioso.

Fica este rochedo, de que damos idea no desenho que acompanha este artigo (fig. 3), a uns 25 metros a nordeste da porta, e, por ele, deveria passar naturalmente o caminho de acesso ao castro. Deste ponto o caminho continuava a descer até a linha de água que parte do colo para sul e próxima da qual se encontra uma fonte, provavelmente utilizada pela guarnição militar de castro.

Esse rochedo de granito fendeu pela acção do tempo, resvalando a parte (a) que, pela posição que tomou, oculta a continuação que deveria haver em seguida à segunda pia que mostra o desenho. Na superfície superior do rochedo vêem-se ainda duas grandes pias, cada uma com 0^m,50 de diâmetro e 0^m,25 de profundidade, ligadas entre si por um rêgo com uma face vertical e outra inclinada, e que mede 0^m,90 entre o afastamento de duas pias.

Quis tentar colocar a porção da pedra resvalada na sua primitiva posição, mas a força dos homens que me acompanhavam foi impotente para conseguir esse meu desejo. O Sr. Luís Nápoles, distinto professor de desenho do Liceu de Lamego que me acompanhou numa das excursões à serra, teve a amabilidade de executar o desenho que acompanha este artigo e que dá idea da posição que o calhau devia ter antes de se fracturar.



Fig. 8

Fui auxiliado no levantamento da planta do castro pelo Sr. António Freitas e Silva, distinto professor de matemática do Liceu de Lamego; e por seu filho, aproveitando mais esta ocasião para lhes agradecer as suas atenções e auxílio que me dispensaram.

A situação da porta do castro e a direcção do caminho de acesso à fortificação são outros pontos a ter em consideração ao procurar-se definir o fim para que foi construída.

O vasto horizonte que se observa do alto da Fraga do Castro para sueste, para sul e para sudoeste, contrasta com o limitadíssimo campo de vista na direcção norte, que não vai além duns 600 metros; do que se pode concluir que esta atalaia permanente se destinava mais especialmente a observar o vale do rio Balsemão, que corre de oeste para leste e a sul da serra do Poio, e as cristas cortadas por vários caminhos que se avistam nas outras direcções acima indicadas.

Na crista da vertente sul da serra afloram várias fragas, e é curioso citar aqui a existência de uma a pouco mais de 1 quilómetro

a leste do castro, e que na zona de Medelo é conhecida pelo nome de Fraga do Sino.

Fica esta fraga entre o castro e Lamego e próxima duma funda ravina chamada Vale Escuro, que desce da serra na direcção norte-sul vindo entrar no rio Coura no Estremadouro de Medelo.

Depois de ouvir aos pastores a história de tal fraga, resolvi ir observá-la. Ouvindo a um pastor idoso afirmar que ali houve um sino, e ficando impressionado com tal afirmativa, tratei de proceder a averiguações, pois este facto alguma cousa de interessante deveria trazer-me que se ligasse com o estudo em que estava empenhado.

Visitei com demora alguns povos de Medelo e, depois de interrogar as pessoas de mais idade, cheguei a convencer-me de que de facto em tempo esteve colocado um sino na referida fraga, e que esteve nela occulto por qualquer circunstância durante muito tempo, sendo por fim encontrado por mero acaso.

O povo daqueles lugares conserva a tradição da existência do sino, cantando a seguinte quadra que me foi comunicada pelas pessoas mais idosas:

Oh sino dourado
Da Sé de Lamego!
Vinde oh ladrões
Não vos temos medo,

Esta alusão à Sé de Lamego indicou-me novo rumo a seguir para continuar as investigações. Talvez o povo se julgasse roubado por lhe terem tirado o sino a que se supunha um direito e que alguém o mandasse transportar para a Sé da cidade.

Fui à Sé de Lamego, analisei um por um todos os sinos da sua vetusta torre e outros que estão em outras dependências do grandioso templo, mas em nenhum encontrei inscrição ou vestígio de que pudesse ser o sino retirado da serra; todos foram feitos directamente para lugares religiosos.

Procurando outros elementos de investigação consegui obter uma interessante história sobre Lamego, manuscrita, por Joaquim de Oliveira Chaves, em 1843, na qual encontrei a seguinte referência ao sino dourado, no capítulo em que descreve a Sé: «Tem grandes sinos em vulto no que o bispo Pincio gastou grosso cabedal desfazendo os antigos, e um *pequeno*, chamado *dourado*, pela liga de ouro e prata de que era composto, o qual tinha sido achado, no monte que vai para a freguesia de Penude, por uma pastora, entre fragas, que andava guardando gado. Dizem que esta, sentando-se ao sol sobre um grande penedo, para receber os seus raios da manhã, não

só por encantarem, como por muito saborear àquela hora o seu suave calor, principiou a fiar, e neste serviço se desprende o fuso, e cafu por uma aberta, que umas fragas juntas dêste tinham, e vae tocar no sino; com o tenir se espanta e corre a dar parte ao seu abade, o qual logo com gente se dirige àquele sítio, entrando a descavar, o acharam e como o vissem ainda muito amarelo, o nominaram dourado, e mesmo pelo finíssimo toque. Então o abade ofereceu-o ao Prelado governante. Isto é o que por vulgar tradição consta; porém o que certo foi é que *êle esteve na torre e que foi fundido pelos outros*. O que transcrevo também me foi contado por um pastor com mais de 90 anos de idade.

Consultando a *História eclesiástica da cidade e bispado de Lamego*, vim a saber que o bispo Pincio governou a diocese desde 29 de Abril de 1787 até Novembro de 1821. Foi neste período que o sino dourado foi inutilizado por ser fundido. Pelas informações que me foi possível colher serviu para a fundição dum sino que tem marcada a era de 1802, e está situado na face da torre que olha para o poente.

Restava saber em que data teria sido transportado o sino da serra de Penude para a torre da Sé de Lamego. Não me foi possível até hoje precisar essa data, mas numa memória manuscrita que o Dr. Pedro Augusto Ferreira afirma ter sido escrita em 1758, encontrei a propósito da descrição da Sé a seguinte referência ao sino dourado: «... Tem a Sé uma casa de Cabido, grande, com janelas de grade de ferro de sacada pintadas que caem sobre o ladrilho, que com a torre que fica para a parte do sul, encostada à Igreja faz tudo uma notável perspectiva, e a torre cheia de sinos, três grandes e bem sonorosos e um deles é *dourado e foi achado* no monte que vai para a freguesia de Penude». Pelo que se transcreveu se conclui que a trasladação do sino se realizou em data anterior a 1758.

Se o bispo Pincio não tivesse tido a lamentável idea de mandar fundir o sino dourado, talvez fôsse possível, por qualquer inscrição que êle contivesse, descobrir-se o fim para que o collocaram na fraga do monte. Com a sua fundição desapareceu a única esperança de se poder precisar tam interessante caso.

Mas esta lamentação infelizmente liga-se a quasi todos os nossos monumentos e documentos históricos, tratados em geral com o máximo desprezo em todos os tempos, mesmo por aqueles que pela sua illustração e educação deveriam ser os seus mais acérrimos defensores.

A collocação do sino na fraga da serra não nos parece que se possa considerar independentemente da existência do castro de Penude. Talvez o sino servisse para a sinalização entre o castro e as fortifica-

ções de Lamego, utilizável em dias de denso nevoeiro, muito vulgares nesta região, e sempre que não fôsse possível o emprêgo de sinais ópticos entre os guarnições, ou ainda para prevenir as populações do vale a sul da serra quando se aproximasse qualquer perigo que os pusesse em risco. E em tempos remotos parece que a população em Amedelo ou Medelo era já importante, por isso que nas pesquisas a que por lá procedi encontrei desde as proximidades da Senhora da Guia de Medelo, e por todo o terreno chamado Fonte de El-Rei, grande quantidade de tejos e telhas de rebordo, e o mesmo encontrei no sítio das Moreiras a norte de Medelo, onde me disseram terem aparecido moedas romanas quando o terreno foi arroteado para vinhas.

Não me foi possível até hoje fazer qualquer outra hipótese tendente a justificar a existência do sino na fraga do monte de Penude. Observando-se os penedos da fraga, e tendo-se em vista a disposição da cavidade em que o sino teria estado, mais nos convencemos de que êle seria destinado a fins militares.

Julgo não ser êste um facto isolado e único de se utilizar o emprêgo dos sinos para a sinalização entre as antigas fortificações o para aviso às populações agrícolas e pastoris sempre ameaçadas, em tempos remotos, pelas investidas e razias dos povos vizinhos.

Além dêste meio de sinalização, encontrei já referência ao emprêgo de fachos de luz que, para o mesmo fim, eram colocados em diversos lugares que circundam Lamego, e a situação de esculcas para observação e ligação. Mas termino por aqui a comunicação do do que me foi possível colhêr sôbre o castro de Penude, deixando para outros artigos a informação do que puder vir a saber sôbre os interessantes assuntos que deixo indicados.

Lamego, 17 de Dezembro de 1919.

ÂNGELO CRUZ E SOUSA.

O Pelourinho de Castro Laboreiro

Numa digressão que fizemos pelo Norte em Julho de 1917, depois de termos regressado do sul de Angola, onde estivemos como expedicionário comandando a 10.^a companhia de infantaria n.º 20, tivemos ocasião de ir a Castro Laboreiro. Logo que ali chegámos, feita a viagem desde Melgaço a cavalo e acompanhado de guia, preguntámos pelo pelourinho.

ções de Lamego, utilizável em dias de denso nevoeiro, muito vulgares nesta região, e sempre que não fôsse possível o emprêgo de sinais ópticos entre os guarnições, ou ainda para prevenir as populações do vale a sul da serra quando se aproximasse qualquer perigo que os pusesse em risco. E em tempos remotos parece que a população em Amedelo ou Medelo era já importante, por isso que nas pesquisas a que por lá procedi encontrei desde as proximidades da Senhora da Guia de Medelo, e por todo o terreno chamado Fonte de El-Rei, grande quantidade de tejos e telhas de rebordo, e o mesmo encontrei no sítio das Moreiras a norte de Medelo, onde me disseram terem aparecido moedas romanas quando o terreno foi arroteado para vinhas.

Não me foi possível até hoje fazer qualquer outra hipótese tendente a justificar a existência do sino na fraga do monte de Penude. Observando-se os penedos da fraga, e tendo-se em vista a disposição da cavidade em que o sino teria estado, mais nos convencemos de que êle seria destinado a fins militares.

Julgo não ser êste um facto isolado e único de se utilizar o emprêgo dos sinos para a sinalização entre as antigas fortificações o para aviso às populações agrícolas e pastoris sempre ameaçadas, em tempos remotos, pelas investidas e razias dos povos vizinhos.

Além dêste meio de sinalização, encontrei já referência ao emprêgo de fachos de luz que, para o mesmo fim, eram colocados em diversos lugares que circundam Lamego, e a situação de esculcas para observação e ligação. Mas termino por aqui a comunicação do do que me foi possível colhêr sôbre o castro de Penude, deixando para outros artigos a informação do que puder vir a saber sôbre os interessantes assuntos que deixo indicados.

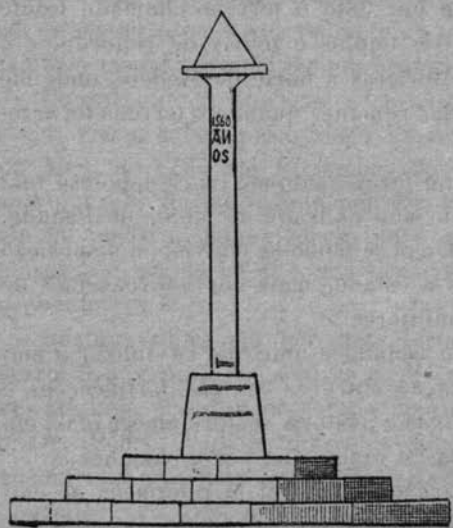
Lamego, 17 de Dezembro de 1919.

ÂNGELO CRUZ E SOUSA.

O Pelourinho de Castro Laboreiro

Numa digressão que fizemos pelo Norte em Julho de 1917, depois de termos regressado do sul de Angola, onde estivemos como expedicionário comandando a 10.^a companhia de infantaria n.º 20, tivemos ocasião de ir a Castro Laboreiro. Logo que ali chegámos, feita a viagem desde Melgaço a cavalo e acompanhado de guia, preguntámos pelo pelourinho.

Fomos então informado de que estava fazendo parte da chaminé duma casa onde residia um professor primario aposentado. Convidado a entrar na referida casinha, ali se nos deparou um esteio de granito de secção octogonal, com dois metros de comprimento, tendo num dos extremos a inscrição que se vê no desenho, 0^m,22 abaixo da linha, em que devia assentar um *chapéu* de pedra, segundo ouvimos referir a um individuo de idade avançada, que havia sido encarregado



por um antigo pároco de apear o pelourinho, a fim de empregar o fuste na casa que andava construindo. No outro extremo apresentava vestígios de ter estado metido numa cavidade. Por acaso apareceu então uma rapariga castreja, que disse ter ouvido a um dos seus falecidos avós que uma pedra fazendo parte da parede exterior duma outra casa da localidade era do pelourinho. Dirigindo-nos à casa indicada, deparou-se-nos uma pedra em forma de pirâmide quadrada

truncada, tendo na parte superior uma cavidade, onde devia introduzir-se o extremo inferior do esteio. Numa das suas faces viam-se dois pequenos sulcos paralelos, que talvez tivessem servido de sinais de referência, pois que um dos circunstantes disse recordar-se de ter visto na sua infância as mulheres servirem-se do pelourinho para medirem as meadas de linho. As dimensões do tronco da pirâmide eram as seguintes: altura 0^m,70; lado da base 0^m,43; distância entre a base e o traço inferior de referência 0^m,36 (dois palmos); da mesma base ao traço superior 0^m,56 (três palmos e meio); dèste traço à aresta superior 0^m,14 (meio palmo).

O esteio tinha também um traço horizontal de referência, 0^m,02 acima do extremo inferior. A espessura do esteio era de 0^m,15 e cada face da secção octogonal tinha a largura de 0^m,05.

Segundo informações o *chapéu*, de secção quadrada, tinha um pequeno friso em volta e na parte superior um chanfrado, no qual entrava a base duma pirâmide de granito, com 0^m,60 de altura aproximadamente, e que rematava o pelourinho. Entre a base da pirâmide e o rebôrdo exterior havia a distância aproximada de 0^m,15. O con-

junto assentava em três degraus de granito, de 0^m,30 de altura cada um, e tendo o inferior 2^m,5 de lado. O informador foi Melchior Gonçalves, de 85 anos de idade, tendo sido ele quem em 1860 destruiu o pelourinho, como dissemos, por ordem do pároco da freguesia. É oportuno dizer que aquele informador já não se lembrava de que a pedra que nos foi indicada pela rapariga castreja fizera parte do pelourinho, como devia ter feito, segundo a nossa observação.

Vê-se, pois, do que fica dito que este pelourinho, que se levantava em frente duma pequena casa térrea servindo noutros tempos de câmara municipal, esteve no seu lugar durante três séculos.

Setúbal, Novembro de 1920.

FERNANDO BARREIROS.

Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

No dia 20 de Setembro de 1919, parti para Setúbal com intenção de ir visitar Tróia e fazer lá algumas excavações, se «Madame» Cabral de Aquino Mascarenhas mo permitisse. Chegado àquella cidade, dirigi-me a casa desta illustre senhora, com quem tive a honra e o prazer de conversar. Exposto o fim da minha visita, S. Ex.^a deu-me gentilmente a licença desejada e disse-me que lastimava muito que um solo tão fértil (arqueologicamente falando, é claro), fosse assim desprezado pelo Estado, e que por conta d'este não se fizessem explorações metódicas, nem se velasse pela conservação das ruínas da antiga cidade romana!

Em seguida expôs-me S. Ex.^a uma idea, que consistia em: formar uma sociedade para tomar conta de Tróia, aproveitando as suas especiaes condições.

Os fins principais desta sociedade, que seria formada por homens de iniciativa, e por isso verdadeiros patriotas, seriam: pôr as ruínas a descoberto, termas, casas de habitação, etc.; velar pela conservação delas; aproveitar a bela e enorme praia para banhos, o que seria excelente, já pelas suas condições naturais, já pela maravilhosa paisagem que se disfruta daquella misteriosa Tróia!

Que belo seria se se construíssem ali casas de habitação no estilo regional, com os seus lindos alpendres e as suas branquinhas paredes, recortando-se no céu azul de Portugal ou então na maravilhosa e serena serra da Arrábida, de tons azulados e lilases!

Que bem para o país se se conseguisse fazer de Tróia um centro de viageirismo, com um belo pôrto de mar, com a sua alfândega,

junto assentava em três degraus de granito, de 0^m,30 de altura cada um, e tendo o inferior 2^m,5 de lado. O informador foi Melchior Gonçalves, de 85 anos de idade, tendo sido ele quem em 1860 destruiu o pelourinho, como dissemos, por ordem do pároco da freguesia. É oportuno dizer que aquele informador já não se lembrava de que a pedra que nos foi indicada pela rapariga castreja fizera parte do pelourinho, como devia ter feito, segundo a nossa observação.

Vê-se, pois, do que fica dito que este pelourinho, que se levantava em frente duma pequena casa térrea servindo noutros tempos de câmara municipal, esteve no seu lugar durante três séculos.

Setúbal, Novembro de 1920.

FERNANDO BARREIROS.

Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

No dia 20 de Setembro de 1919, parti para Setúbal com intenção de ir visitar Tróia e fazer lá algumas excavações, se «Madame» Cabral de Aquino Mascarenhas mo permitisse. Chegado àquella cidade, dirigi-me a casa desta illustre senhora, com quem tive a honra e o prazer de conversar. Exposto o fim da minha visita, S. Ex.^a deu-me gentilmente a licença desejada e disse-me que lastimava muito que um solo tão fértil (arqueologicamente falando, é claro), fosse assim desprezado pelo Estado, e que por conta d'este não se fizessem explorações metódicas, nem se velasse pela conservação das ruínas da antiga cidade romana!

Em seguida expôs-me S. Ex.^a uma idea, que consistia em: formar uma sociedade para tomar conta de Tróia, aproveitando as suas especiaes condições.

Os fins principais desta sociedade, que seria formada por homens de iniciativa, e por isso verdadeiros patriotas, seriam: pôr as ruínas a descoberto, termas, casas de habitação, etc.; velar pela conservação delas; aproveitar a bela e enorme praia para banhos, o que seria excelente, já pelas suas condições naturais, já pela maravilhosa paisagem que se disfruta daquella misteriosa Tróia!

Que belo seria se se construíssem ali casas de habitação no estilo regional, com os seus lindos alpendres e as suas branquinhas paredes, recortando-se no céu azul de Portugal ou então na maravilhosa e serena serra da Arrábida, de tons azulados e lilases!

Que bem para o país se se conseguisse fazer de Tróia um centro de viageirismo, com um belo pôrto de mar, com a sua alfândega,

que não permitisse o descarado contrabando que se faz todos os dias, proveniente do Alentejo e até de Espanha!

A construção dum hotel de primeira ordem impunha-se, assim como a dum casino.

Também seria de grande utilidade, para a ciência e história, a construção dum edificio destinado a museu, onde se expusessem as preciosidades arqueológicas do local. Tróia é rica. A lagoa só por si é um tesouro, pois cada vez que se colhe o peixe que vem com a maré obtem-se uma receita superior a quatrocentos escudos, o que é importante. Além disso tem terrenos bons para a lavoura, e muitas mais qualidades que serão fontes de riqueza quando forem aproveitadas com critério.

Emfim, uma grande idea que se transformaria numa louvável obra no dia em que meia dúzia de portugueses amigos da sua Pátria, e com algum capital, o unam à sua energia e iniciassem a grande empresa. Mostra «madame» Cabral de Aquino Mascarenhas bastante surpresa por ainda não terem aparecido esses iniciadores...

*

Depois de agradecer a sua amabilidade, parti para Tróia, onde me demorei apenas três horas.

Fiquei encantado com a bela paisagem, mas triste por ver o abandono das ruínas romanas, documentos da nossa história. Apesar do pouco tempo que estive em Tróia pude colher, ao acaso, alguns objectos que «madame» Cabral teve a amabilidade de me oferecer.

Foram elles: um grande fragmento de capitel iónico (de coluna), um fragmento de inscrição, bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas, um grande tijolo de sepultura, um peso de barro (*pondus*), um fragmento de prato de barro branco, decorado por sulcos circulares (no fundo convexo tem vestígios de marca), uma pequena lança oxidada encontrada numa sepultura, etc.

*

Oxalá que o Estado olhe por Tróia e faça alguma cousa para bem da ciência e da nossa Pátria.

Que se mostre aos estrangeiros que somos um povo civilizado¹!

¹ Saíu este modesto artigo na edição da noite, de 9 de Outubro de 1919, do jornal *O Seculo*, onde por erro da tipografia se lê: Praia de Setúbal «Cetrobrega dos Romanos?» e onde se devia ler: Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»

Ofereci ao Museu Etnológico Português os seguintes objectos: o capitel iónico, o fragmento de inscrição, os bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas e a pequena lança oxidada.

Ofereci também ao Museu (em formação) da Universidade Popular Portuguesa: um péso de barro e vários fragmentos de ânforas e de outros vasos¹.

Reservei portanto para a minha modesta colecção: o tijolo grande de sepultura, que é semelhante aos que estão no Museu Etnológico Português provenientes da mesma estação arqueológica, e o fragmento do prato com sulcos circulares².

Quêluz, 12 de Maio de 1920.

JORGE DE ALMEIDA SEGURADO.

Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, XXIII, 356-369)

110. Excursão arqueológica pela Beira Alta e Baixa

As notas que se seguem foram tomadas em Agosto e Setembro de 1896, em que andei pela Beira-Alta e Baixa (carteiras LXIV a LXVI)³. De excavações que fiz em *orcas* ou dolmens falarei noutros lugares do *Archeologo*; agora só trato de cousas avulsas. Deixo também de mencionar muitas observações dialectologicas e etnograficas, que fiz: esses assuntos não pertencem aqui.

a) Sepultura da Quinta do Mosteiro (Penalva do Castelo):

Numa encosta sobranceira ao Rio-Dão frêguesia dos *Trancosêlos* (assim ouvi pronunciar), concelho de Penalva do Castelo, ha uma quinta chamada do *Mosteiro* ou do *Mosteirinho* (diz-se dos dois modos), cuja casa a tradição reza ter sido um mosteiro. Estive lá em 19 de Agosto, em companhia do meu amigo o Rev.^{do} José de Almeida

¹ Também pela mesma ocasião ofereci ao mesmo Museu, provenientes do dólmen do Montalvão (Belas), diversos ossos humanos (das mãos e crânio e um fragmento de costela) encontrados numa pequena excavação a que procedi acompanhado do meu colega e amigo Eugénio Correia.

² [Acêrcia das dificuldades que ha em identificar *Cetóbriga* em Tróia vid. o que escrevi n-*O Archeologo*, I, 62.—J. L. DE V.].

³ Cf. uns artigos que publiquei na *Gazeta da Figueira* de Setembro-Outubro de 1896, e na *Folha* (Viseu) de 26 de Janeiro de 1902.

Ofereci ao Museu Etnológico Português os seguintes objectos: o capitel iónico, o fragmento de inscrição, os bocados de estuque com pintura a fresco, vários fragmentos de ânforas e a pequena lança oxidada.

Ofereci também ao Museu (em formação) da Universidade Popular Portuguesa: um pêsco de barro e vários fragmentos de ânforas e de outros vasos¹.

Reservei portanto para a minha modesta colecção: o tijolo grande de sepultura, que é semelhante aos que estão no Museu Etnológico Português provenientes da mesma estação arqueológica, e o fragmento do prato com sulcos circulares².

Quêluz, 12 de Maio de 1920.

JORGE DE ALMEIDA SEGURADO.

Coisas Velhas

(Vid. *O Arch. Port.*, XXIII, 356-369)

110. Excursão arqueologica pela Beira Alta e Baixa

As notas que se seguem foram tomadas em Agosto e Setembro de 1896, em que andei pela Beira-Alta e Baixa (carteiras LXIV a LXVI)³. De excavações que fiz em *orcãs* ou dolmens falarei noutros lugares do *Archeologo*; agora só trato de cousas avulsas. Deixo também de mencionar muitas observações dialectologicas e etnograficas, que fiz: esses assuntos não pertencem aqui.

a) Sepultura da Quinta do Mosteiro (Penalva do Castelo):

Numa encosta sobranceira ao Rio-Dão frêguesia dos *Trancosêlos* (assim ouvi pronunciar), concelho de Penalva do Castelo, ha uma quinta chamada do *Mosteiro* ou do *Mosteirinho* (diz-se dos dois modos), cuja casa a tradição reza ter sido um mosteiro. Estive lá em 19 de Agosto, em companhia do meu amigo o Rev.^{do} José de Almeida

¹ Também pela mesma ocasião ofereci ao mesmo Museu, provenientes do dólmen do Montalvão (Belas), diversos ossos humanos (das mãos e crânio e um fragmento de costela) encontrados numa pequena excavação a que procedi acompanhado do meu colega e amigo Eugénio Correia.

² [Acêrcia das dificuldades que ha em identificar *Cetóbriga* em Tróia vid. o que escrevi n-*O Archeologo*, I, 62.—J. L. DE V.].

³ Cf. uns artigos que publiquei na *Gazeta da Figueira* de Setembro-Outubro de 1896, e na *Folha* (Viseu) de 26 de Janeiro de 1902.

e Silva, de Casal-Diz, hoje falecido. D'este mosteiro fala Viterbo, *Elucidario*, s. v. «Sepulcro», e conta que ele pertencêra a Conegos da Ordem do Sepulcro¹, acrescentando que o mosteiro se encorporou depois no de Agoa-Santa, e tudo passou no sec. xv ou xvi para a Ordem de Malta². Junto da casa de habitação existe uma capela antiga, de portas ogivais (duas), ao presente transformada em loja, e nela vi uma sepultura rasa que tinha a tampa que represento na fig. 108: a cruz cantonada por quatro parece que escudetes: em baixo, á esquerda do observador, um sino-saimão (á direita é provavel que houvesse outro, porém a pedra está safada naquele ponto).



Fig. 108

Num monte alto, sobranceiro a esta capela, ha rochedos com excavações, que o povo explica, dizendo que passou por ali Nossa Senhora, e deixou vestigios no lugar em que esteve sentada; da burrinha em que ela ia, ficou tambem a pégada. Á primeira d'estas excavações chama-se ainda *O assento de Nossa Senhora*.

b) Nome antigo do rio Dão:

Os nomes antigos do rio Dão são *Adon* e *Dom*. O primeiro figura em um documento do sec. x³. No *Elucidario* de Viterbo, 1.^a ed., t. II, p. 314, lê-se «na margem do rio d'Om»: em vez de d'Om podia Viterbo ter escrito *Dom*. Esta fôrma *Dom* escreve-se ainda hoje, estereotipada num composto: *Ponte-Dom* (por «Ponte do Dom»), nome de uma ponte do rio Dão, perto de Cezures (Penalva do Castelo). É curioso que ha um rio chamado *Dinho* ou *Dinha* (ouvi dos dois modos, não sei qual é o exacto), afluente do Dão, nome que é certamente diminutivo de *Dão*⁴. Conheço até um proverbio ou dito:

Entre o rio Dinho e o Dão
Ha um rio em que todos tem quinhão ...

este ultimo rio é o *d'Asnos*, que corre na frêguesia de Coitos, concelho de Viseu. O ditado é pois muito satirico, e baseado num tro-

¹ Se houve ou não em Portugal Cavaleiros da Ordem do Sepulcro, é duvidoso: vid. Gama Barros, *Hist. da administ. publ.*, I, 374, e n. 5. Viterbo, porém, fala de *Conegos*, e não de *Cavaleiros*. Cf. tambem G. Barros, *ibidem*.

² *Elucidario*, *ibidem*.

³ *Diplomata et Chartae*, n.º 114, linha 20 e 23. Fala-se aí da *villa*, isto é, da extensa «quinta» de *Sancta Columba*, que chega *usque in ribulo Adon*, *usque in fove ribulo Adon*. A foz d'este rio é no Mondego, e *Sancta Columba* deu origem ao moderno nome de *Santa Comba-Dão*.

⁴ Por **Dainho* > **Deinho*.

cadilho. Também os Hespanhoes dizem que de *médico, poeta y loco* || *todos tenemos um poco!* Arqueologia, Filologia, Etnografia são por vezes sciencias inseparaveis: d'uma passa-se insensivelmente para as outras.

c) Campos de Esmolfe (Penalva do Castelo):

Aparecem por aí machados de pedra polida: tres me deu o S.^{or} João Patricio de Albuquerque e Castro: vid. figs. 109 a 111, respectivamente de 0^m,12, 0^m,105 e 0^m,085 de comprimento¹.

Aparecem também, ao que me dizem, muitos fragmentos de telhas e de alguidares grossos, e *mòzinhas* (isto é, *molae manuariæ*).

No lugar de Esmolfe ha sepulturas abertas em rocha.



Fig. 109



Fig. 111



Fig. 110

Temos, assim seguidas, tres civilizações: pre-romana, romana, cristã-medieval.

d) «Vestigium» ou pègada de Cristo:

Vi em Esmolfe, e obtive para o Museu Etnologico, uma fôrma de pé, de cartão, que vai desenhada na figura 112. Está coberta de seda por um lado, e tem ao centro, entre as imagens de N. Senhora e S. João, a de Cristo pregado na cruz, e em volta, em duas linhas: VESTIGIUM D. N. JESU. C. || IN MONTE OLIVETI. Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 232.

e) Senhora das Verdes:

Junto da capela da Senhora das Verdes, frèguesia de Forninhos, concelho de Trancoso, vi sepulturas abertas em rocha, de fôrma trapezoidal: fig. 113.

f) Casa d'Orca de Aldeia Velha:

Ouvi dizer que ao pé da quinta de *Aleudra*, em Aldeia Velha,

¹ O 3.^o está incompleto — falta o tópo oposto ao gume.

frêguesia de Aldeia Nova, concelho de Trancoso, ha uma *casa d'orca*, isto é, um «dolmen», de que só restam os esteios. Por estes sitios chamam aos dolmens *orcas* ou *casas d'orca*.

g) Casa d'Orca de Carapito:

Na margem esquerda do rio de Carapito, frêguesia do mesmo nome, antigo concelho de Aguiar da Beira, hoje de Trancoso, ha outra *casa d'orca*, ao que ouvi, e muito grande. Em frente fica uma varzea e um caminho paralelo ao rio.

h) Pelourinho da Matança:

A Matança é uma povoação do concelho de Fornos de Algodres. Foi vila antigamente, e ainda se lá mostra a *casa da câmara*, e o pelourinho, de que dou um esquema na fig. 114: a parte superior, que em alguns tem fôrma de gaiola, e outras, tem aqui a de lanterna.

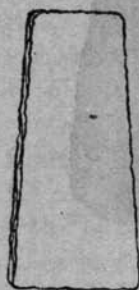


Fig. 113



Fig. 112



Fig. 114

i) Inscrições de Enfias:

Na frontaria da igreja de Enfias ou Infias, á esquerda da porta principal, ha uma inscrição romana gravada numa pedra de granito. Copio-a ao lado, e já a transcrevi tambem nas *Religiões*, III, 273.

Se a torno a publicar aqui, é porque a transcrição que fiz naquela obra foi literaria, e não epigrafica, quero dizer, não reproduzi a clausula, como está, com os pontos separativos, mas dei apenas a interpretação: *a(nimo) l(ibens) r(otem) s(olvit)*. Na 2.^a linha falta *O*, porque não coube; o lapicida não quis destruir a simetria das linhas, passando-o para a 3.^a, e preferiu fazer a abrevitura.

A proposito de uma casa da mesma povoação diz uma noticia do sec. XVIII que ha lá «hũa pedra que tem hum letreyro que por antigo se nam sabe ler»: n-*O Arch. Port.*, v, 27. Esta pedra a vi tambem na minha excursão: estava numa casa de José Chagas, e tempos depois obtive-a para o Museu Etnologico, onde hoje se encontra.

Publico-o aqui ao lado. O texto diz:

(Diis) M(anibus) S(acrum). Marcus Marcini f(ilius), an(orum)

LX. Cilea uxor ... A pedra está quebrada em baixo, e parece que ha lá o principio de uma letra (F). Na 4.^a linha está N por A. O estar por extenso o prenome Marcus, contra os habitos, não é caso raro: vid. *Corpus*, II, 19 (*Quintus*), 1485 (*Lucius*) etc. Esta inscrição vem já no *Corpus*, II, 426, porém não se alude á linha falha no fim. Altura da pedra 0^m,50, largura 0^m,40; altura das letras 0^m,061.

D M S
M A R C V S
M A R C I N
I F · N · L X
C I L I A
V X O R
.....

j) Quinta da Alagoa:

Na Quinta da Alagoa, frêguesia de Algôdres, concelho de Fornos, ha, ao que me disseram, «pedras com letras». Não sei se isto será letreiro, se insculptura.

k) Antighalhas da Matança, e fonte:

Além do quê já disse:

Na Matança appareceu um denario de Augusto, e apparecem frequentemente fragmentos de tegulas.

Num pateo de uma casa ha uma pedra com inscrição romana difficil de ler, por estar gasta: fig. 115, a pedra tem de altura 0^m,86

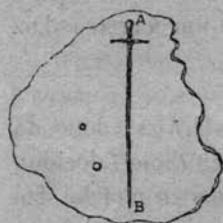


Fig. 117



Fig. 115

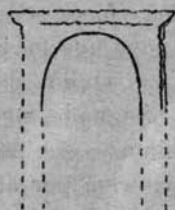


Fig. 116

e de largura 0^m,45. Na 1.^a linha nada percebo, embora aí haja restos de letras; na 2.^a só percebo um ponto; na 3.^a as ultimas tres letras são duvidosas; na linha 7.^a a ultima letra é tambem duvidosa. Esta inscrição refere-se a duas pessoas sepultadas no local onde a pedra esteve primitivamente: da parte respectiva à primeira pessoa só resta «XXV» (a idade); a segunda pessoa era *Camira*, de 16 anos de idade. Se os II da 4.^a linha pertencem ao nome, este está em genitivo, CAMIRAI = *Camirae*, e o que se segue (TAL? por *Talavi*?) é o começo do nome do pai. Na 6.^a e 7.^a linha temos TONGETA ARANTO(ni?) .. As palavras *Camira* e *Tongeta* são muito conhecidas da epi-

grafia iberica. No *Corpus* II, 453 (Capinha), ha ARANTONI, com abreviatura, que podemos supôr genitivo de *Arantoni* (e não flexão de *Aranto*, como traz Holder, *Alcelt. Sprachsch.*, s. v., e Hübner, *Mon. ling. Iber.*, p. 255). Os nomes são indigenas, e temos pois aqui vestígios de civilização preromana.

A fonte pública da Matança tem o aspecto que represento na fig. 116, vid. a da Silvã na fig. 124.

l) Cortiço d'Algôdres:

No sitio da Lage Alta¹ ha um «penedo com uma espada», diz o povo. Fui lá e copiei o que se vê na fig. 117.

Fica a pouca distancia de uma orca, que explorei na mesma ocasião.

Por baixo da «espada» ha duas *covinhas*. Não será cruz, porque as cruces costumam ter menor a haste; será realmente espada. O comprimento de *a-b* é 1 metro.

m) Quinta da Aveleira:

Na Quinta da Aveleira ou *Aboleira*, a 1 ou 2 kilometros da orca de Cortiço d'Algôdres, appareceram numa baixa muitos cacos antigos,

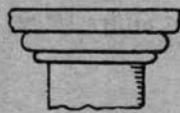


Fig. 118

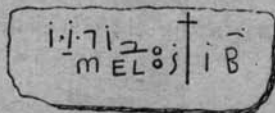


Fig. 120

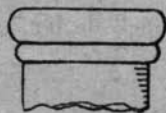


Fig. 119

uma «fonte sêca», e um «martelo» e «tanazes» de um ferreiro. Diz o povo que foi lá a cidade de *Alpedrinha*.

n) Quinta de Gôje:

Segundo me disse o S.^{or} Antonio de Magalhães, dono da quinta, e que muito me obsequiou na minha excursão (hoje falecido), apparecem por ai com frequência tegulas (fragmentos) e moedas romanas. Tambem appareceu uma especie de pia achatada, de calcareo, e dois capiteis, figs. 118 e 119. A pia ofereceu-m'a ele para o Museu Etnologico.

o) Silvã (antigualhas):

Ao cimo do local onde se faz a feira da Silvã vi um penedo granitico em que se insculpiu uma inscrição que parece conter a palavra *Melo* (cf. infra): fig. 120. Na parte superior do penedo vê-se um orificio, como para espetar aí uma cruz.

No lugar ha um cruzeiro com a cruz de Avis.

¹ Isto é: *Laije Alta*. Assim ouvi pronunciar.

Ao pé de uma casa, que dizem ser da cadeia, ha uma columna que represento na fig. 121. A casa tem uma inscrição que diz o que se lê na fig. 122; a mesma casa tem num dos angulos um brasão d'armas.

Numa vinha, proximo da Silvã, ha o resto do *castelo da Silvã*, que consiste hoje apenas numa parede que represento na fig. 123. Este *castelo* era de certo apenas uma «torre», como a de Gandufe (Mangualde), de que dei uma vista n-*O Arch.*, xx, 73.

Na mesma localidade da Silvã vi uma fonte «de poço», como várias vezes se encontra na Beira: é de caracter monumental; vid. fig. 124.

A Silvã divide-se em *Silvã de Cima*, de cabanas de tecto conico, e *Silvã de Baixo*, a mais nobre das duas.

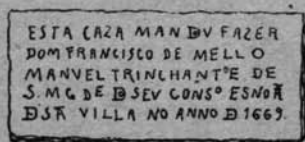


Fig. 122

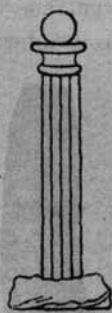


Fig. 121

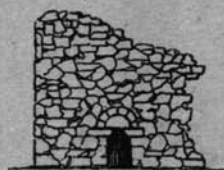


Fig. 123

A uns hectometros da Silvã, em direcção ao Avelal, encontrei num mato fragmentos de tegulas.

p) Orcas:

Tanto em Lamas, onde pousei, como noutras terras vizinhas de Castendo, ouvi sempre dizer «uma orca», «havia ali uma orca» etc.: d'onde se vê que *orca* pertence á lingua comum, sinonimo de «dolmen» e de «anta». *Dolmen* é termo scientifico, da linguagem internacional; *orca* e *anta* são termos da nossa linguagem popular, aquele da da Beira, este da do Alentejo.

Ouvi dizer que na Serra da Nave, indo de Ariz para Alvito, havia, pelo menos, uma orca; e parece que ha mais por lá. Ouvi tambem dizer que havia outra ao pé de Touro, concelho de Sátão; outra no sitio dos Carris, entre Frágoas, Covêlo de Paiva e Queiriga (na estrada de Barreiras a Viseu); outra no Val-d-Uz ou Us, entre Queiriga e Barreiras; outra na Fraga das Antas (serra), ao poente da Queiriga, chamada pelo povo *orquinha*¹; duas ao pé do Cruzeiro do Zonho;

¹ Vê-se que tambem por aqui houve o nome geral de *anta*, estereotipado agora no onomastico. A ele se sobrepôs o nome local de *orca*.

outra ao Auganais; outra ao cimo do Estreito; duas no Campo-Bem-feito; outra na Cova do Veiro: todas estas últimas sete perto de Queiriga; outra no Val da Serra, ao pé de Cas-Freires; outra no Marroio, ao cimo de Barrelas; outra no Pontão, abaixo de Barrelas, ao pé do rio Paiva; outra ao pé de Pendilhe (Vila-Cova-á-Coelheira). Nos arredores de Lamas, e Queiriga, concelho de Câtão, ha bastantes, que explorei, e cujos espolios estão no Museu Etnologico.

Da etimologia de *orca* tratei nas *Religiões*, I, 254, n. 5.

q) Machados de bronze:

Em Rio de Moinhos ha um individuo chamado José de Carvalho, que possuiu um, — talvez achado por ali. — Na Quinta do Paço, limite das Lamas, appareceram em 1870 muitos machados de argola, mais de uma duzia. Alguns venderam-nos para fundidores de Viseu,



Fig. 124



Fig. 126

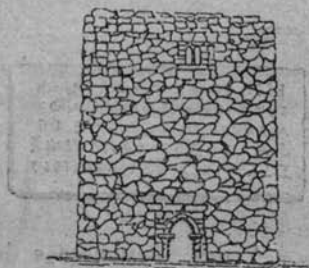


Fig. 125

outros dispersaram-nos. Não vi nenhum, mas pelas miudas informações que colhi, não ha dúvida que eram machados de argola. Certamente constituiram um *ripostiglio* ou «tesouro» de fundidor ou de negociante.

r) Lamas:

Pelo campo apparecem muitos fragmentos de tegulas e pesos de barro romanos; tambem appareceu uma vasilha de barro antiga, do tipo que o povo chama *padela*, vasilha que de certo era romana. — *Padela* é uma «caçoila grande»: o etimo está no lat. *patella*.

s) Torre do Paço:

Fica ao pé das Lamas. Tem quatro faces: na da frente há uma porta e um postigo geminado; em cada uma das outras há tambem postigo. Porta e postigos são ogivais; aquella ornamentada de «bolas» ou esferas. O postigo da frente fica um pouco ao lado da linha da porta, vid. fig. 125. Por dentro divisa-se ainda a certa altura o sitio em que se fixavam as traves, para se formar uma sala. Com a torre ligava-se uma muralha, de que resta parte. — Á torre andam

anexas lendas de Moiros e de uma Viscondessa. Deixo-as para outro lugar.

t) VILA-BOA:

Num monte, ao cimo dos Ourivos, limite de Dessermilo, aparece telha grossa, como a romana, e escumalha. Tambem há por ali campas abertas em rocha.

u) COVA DE MOURA:

Nos Calhaus de Marrôio, acima de Barreelas, indo para o Touro, dizem que aparecem lá «muitas coisas» (entenda-se: antigas).

v) Machados de pedra de Castendo:

Os tres machados de pedra que por ocasião da minha excursão me offereceu o Rev.^o José de Almeida e Silva, e a que aludi n-*O Arch. Port.*, III, 108, vão copiados nas figs. 126, 127 e 128



Fig. 127



Fig. 128



Fig. 129



Fig. 130

(desenhos de Ruy Pacheco): o 1.^o (do Pindo) é de fôrma irregular, secção eliptica (num sitio) e circular (noutro sitio), tem partido o tópo oposto ao gume, e mede de comprimento 0^m,23; o 2.^o (do mesmo lugar do Pindo) é de secção oval, tambem com o tópo quebrado, e mede de comprimento 0^m,19; o 3.^o (da Moradia) é de secção eliptica, fôrma geral de chifre de boi, tem o tópo levemente esmoucado, e mede de comprimento 0^m,185. Ao centro do machado n.^o 1 há como que uma cintura irregular, moderna, porque o objecto serviu pendurado, talvez como peso.

x) Machados de bronze:

Nas figs. 129 e 130 representam-se dois machados de bronze adquiridos, um em Castendo, por oferta do S.^{or} Professor Adelino (mede de comprimento 0^m,025), o outro em Sátão, na feira do Ladario (mede de comprimento 0^m,215). Ambos são de meias canas, e de argolas laterais: no primeiro o bôrdo inferior da meia cana fôrma

uma curva; no segundo fórma uma recta; além d'isso abaixo da terminação da meia cana do último há uma nervura vertical e ornamental que occupa uns $\frac{4}{5}$ do comprimento d'esta parte do machado, e termina em disco.—No Museu Etnologico guardam-se outros machados do Centro e do Norte do país (ou de meia cana ou de alvado), tambem com nervura media, embora de diversos feitios.

111. Moeda barbara de ouro ¹

Numa ourivezaria de Faro vi uma moeda barbara de ouro, achada no Monte de Alportel, em S. Brás de Alportel, a qual tinha no anverso um busto, e as seguintes letras: LIYYIIIDVSPC † e no reverso uma cruz sobre tosca peanha ou degraus, e as seguintes letras: SPALLCVMDOOPIILNI †.

É de Leovigildo, de *Hispalis*.

112. Inscrição medieval de Tavira

Em Tavira copiei de uma pedra, pertencente ao S.^{or} Capitão Mimoso, de Caçadores 4, a seguinte inscrição, de letra uncial:

DON DEONIS : PELA GRACIA : DE
 DEVS : REY : DE PORTVG
 AL : ET DO ALGARVE : EN ER
 A : DE : MIL : E CCC : E XXXI : A
 5 : NO : MÃO DO : EZER : OPORTA
 L : DA ALCACEVA : DO CASTE
 LO : DE TAVIRA : APERO DGIJ : DA
 : SEV

Não tenho mais indicações na carteira onde fiz a cópia, nem conservo de memoria a pedra; mas a penúltima palavra da linha 7.^a não estará exacta, e na última linha devem faltar palavras. A palavra *gracia* e a palavra *mando* («mandou»), bem como o *n* de *don* e de *en* podem fazer crer que quem gravou a pedra seria de nação hespanhola.

¹ As noticias constantes dos n.ºs 111 a 126 d'estas «Coisas Velhas» foram colhidas durante uma excursão que fiz pelo Algarve e Alentejo em fins de Dezembro de 1896 e comêços de Janeiro de 1897. Extráio-as das minhas carteiras LXVII e LXVIII.

113. Castro Marim

No terreno abrangido pelos muros do castelo encontram-se varios restos de ceramica romana, tais como asas de anforas, cacos arretinos, tejos grossos quadrados, pedaços de tegulas. Eu mesmo encontrei um *pondus* de barro.—Todo o castelo está em ruínas. A povoação de Castro Marim foi primeiro aí dentro, e há pois tambem no recinto ruínas de casas portuguesas.—Vi lá um fuste de calcareo, e, um, segundo parece, fragmento de capitel da mesma substancia: talvez igualmente cousas romanas.

As antigualhas romanas denunciam *Baesuris*; cf. *Religiões*, II, 14.

Disseram-me que num sitio chamado *Cerro da Cova do Mouro*, ao pé de Castro Marim, havia Estacio da Veiga explorado uma sepultura, feita de pedras a pino, muito grandes, com tampa de diferentes pedras, e que estava coberta de terra: na exploração achou uma «serrinha de pederneira», ossos e pucarinhos «com enfeites», isto é, ornamentados. Vê-se que isto são cousas prehistoricas.

No sitio do *Enterreiro* appareceram, segundo me disseram, muitas pedras-marmores avulsas, que tinham por baixo ossos «que se desfaziam ao ar». Em vez de pedras-marmores seria talvez melhor dizer simplesmente «pedras de calcareo», que eram sem dúvida tampas de sepulturas.

114. S. Bartolomeu de Castro Marim

Num campo dos suburbios de S. Bartolomeu de Castro Marim appareceu por 1890 um machado de pedra polida, que me foi oferecido pelo S.^{or} Tomás Joaquim da Silva, por intermedio do meu, hoje falecido, amigo Sousa Rocha.—Acêrca de Sousa Rocha vid. *O Arch. Port.*, v, 247, e iv, 336.

No sitio da Fornalha appareceram mós romanas.

115. Fazenda do Maudinheiro

A fazenda do Maudinheiro (na pronúncia popular *Mudinheiro*) é um vasto terreno plano, que fica situado no concelho de Castro Marim, perto do *monte* da Fornalha, e é atravessado pelo ribeiro, ou *barranco*, da Silveira. Vid. a planta junta (esbôço), fig. 131.

Em cima, num cerro, para o NE., appareceram muitas antigualhas: rebolos de pedra, loiça grossa com e sem ornatos, dois pregos de cobre ou bronze (perdidos), pedaços de *opus Signinum* ou formigão,

«uma candeiazinha de barro» não vidrado e quebrada (*lucerna*), fragmentos de tegulas, conchas, e além d'isso alicerces de edificações,

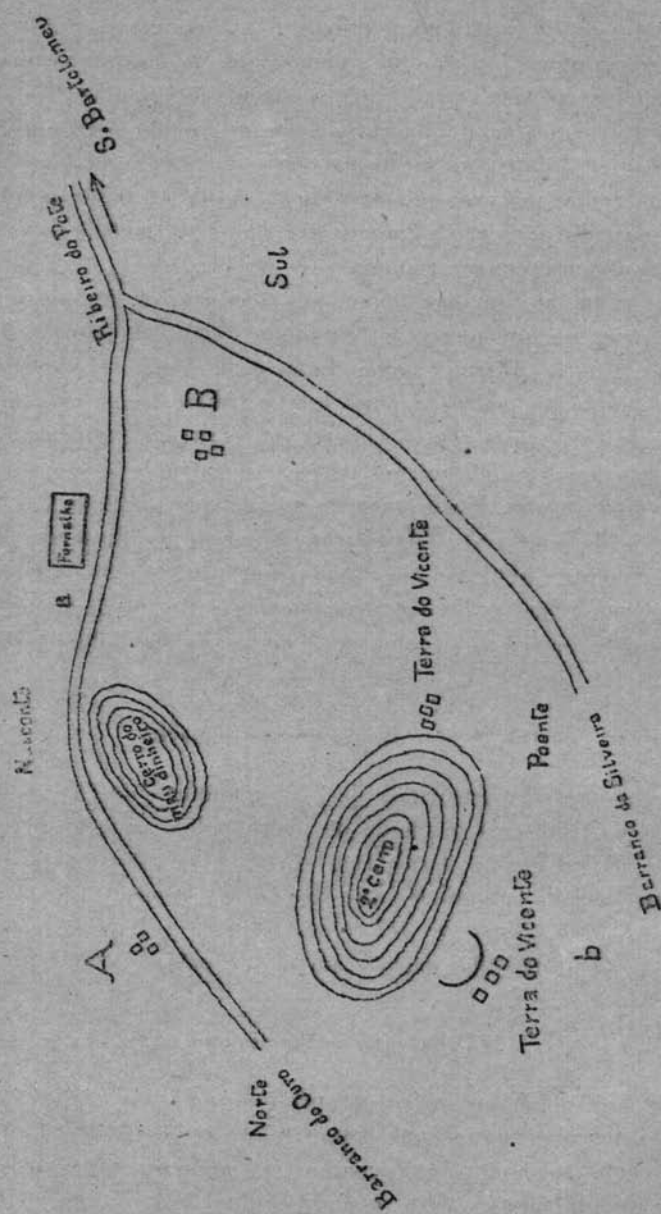


Fig. 131

e um «celeiro», isto é, um silo. Temos aqui pois não só coisas romanas, mas outras de diversa idade.

Na encosta septentrional do mesmo cerro escavou o dono da propriedade várias sepulturas, que tinham, me disse ele, esta configuração, fig. 132: e pouco mais de 1 metro de comprimento. Uma das pedras arrancadas da sepultura media, como verifiquei: $0^m,64 \times 0^m,73$. Pela fazenda toda havia dezenas de sepulturas como esta. Provavelmente sepulturas romanas.

Ao pé da Fornalha, que péga com o Maudinheiro, encontraram-se pedaços de tegulas.

Noutro cerro, que chamarei 2.º cerro, achei muitos cacos grossos e restos de vasos; não achei tégulas, mas sim tejos romanos.

Na encosta de outro cerro, logo adiante, escavou o dono do terreno três sepulturas de que extraiu as pedras (uma de $0^m,82 \times 0^m,54$); as sepulturas não continham nada. Este terreno pertence a João Vicente Rodrigues, de S. Bartolomeu de Castro Marim.

Entre o barranco do Oiro e o barranco da Silveira, ao Norte do monte ou casa do Maudinheiro, havia três sepulturas que tinham sido

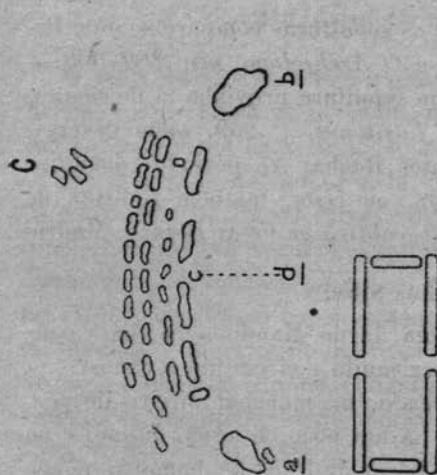


Fig. 132

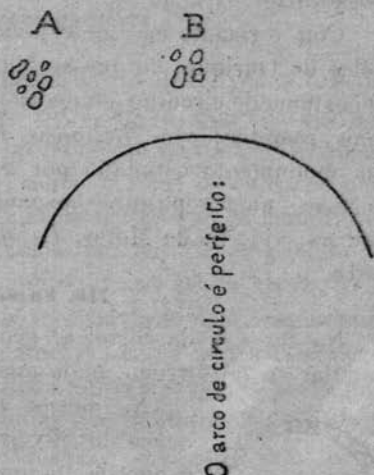


Fig. 133

mexidas: uma das pedras (xisto) media $1^m,14 \times 0^m,47$; outra, $0^m,58 \times 0^m,60$; outra, $0^m,56 \times 0^m,54$. Acharam-se aí ossos partidos, e terra queimada, com carvões. Este terreno pertence a João Vicente Júnior, de S. Bartolomeu de Castro Marim. — Junto das sepulturas do terreno de João Vicente Júnior vi três fiadas de pedras que formavam arcos de circulo concentricos, de $1^m,33$ de raio, fig. 133-134. As pedras estavam postas de cutelo. Entre a 1.ª e a 2.ª fila havia umas pedras que serviam de cunha. A 2.ª e 3.ª filas estavam mais unidas que a 1.ª e 2.ª Não sei se o semi-circulo fechava, porque o terreno fóra d'ele

era declivado, e poderia, se aí houvesse pedras, tê-las arrastado a agoa da chuva: todavia as pedras estavam muito firmes, e o haver nas duas extremidades pedras maiores (*a*, *b*) que as restantes pode fazer supor que não existia circulo. Logo para baixo o terreno era agriculturado; o semi-circulo ficava ainda no que estava inculto. Em A B e C havia ruínas de sepulturas. Quem as viu ainda inteiras disse que eram caixas pequenas, e que lá não cabia deitado um corpo de homem, nem de cócoras. O meu informador acrescentou que «elas tinham geito» de só dentro haverem recebido ossos descarnados. As sepulturas do grupo A eram cinco ou seis. Sobre os ossos estava às vezes uma coveira; outras vezes estava ao lado; e uma tigelinha ao pé. Estacio da Veiga explorou, como me informou o dono, algumas das sepulturas; o dono explorou outras, e encontrou dentes humanos e uma lamina de cobre ou bronze, e contas azues (ou verdes?). Efectivamente Estacio, *Antiquidades do Algarve*, IV, 114 e 120, refere-se a sepulturas da idade do cobre no sitio do Maudinheiro.—Dos grupos B e C nada posso dizer especial.

Com o recinto em que estavam as sepulturas compare-se o de Panoias de Ourique, de que se falou n-*O Archeologo*, XIII, 302-303.—O costume de circuitar de pedra uma sepultura provinha já de tempos mais remotos: vid. *Religiões da Lusitania*, I, 269, onde descrevi um monumento estudado por Santos Rocha. Ao periodo calcolítico pertence uma sepultura hespânica, ou *cista*, também rodeada de pedras: vid. F. de Motos, *La edad neolitica en Velez Blanco*, Madrid 1918, p. 72.

116. Fazenda da Silveira

Na *fazenda* da Silveira, proxima da do Maudinheiro, há varias ondulações de terreno, onde aparece muito pedregulho e cacos.

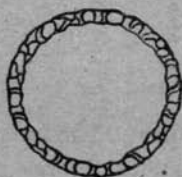


Fig. 135

Na mesma *fazenda*, na margem direita do *barranco* da Silveira, há um poço de agua, antigo, e na esquerda, há umas bôcas de 1^m,81 de diametro, pouco mais ou menos, feitas de argamassa grossa (barro e caquinhos: *opus Signinum*): mandei cavar, acharam-se pedras de cal, meias cozidas, do que se conclue que isto eram, como aqui dizem, *caleiras* (fornos de cal, de curtas dimensões): fig. 135. A certa altura appareceu agua.

117. Val do Bôto

Na *fazenda* do Val do Bôto há um alto que foi habitado pelos Lusitano-Romanos, pois aí apparecem muitos alicerces de edificações, muitos fragmentos de tegulas e de imbrices, moedas romanas, de que vi um

bronze mediano de Tiberio, pedaços, que também vi, de *opus Signinum*, e beiras de vasos de barro.

Na encosta e campo vizinho, em grande extensão, há inumeros cacos romanos: o que prova que aquella zona foi séde, não de uma casa, ou de uma *villa* (em sentido latino), mas de uma povoação.

Proximo do Val do Bôto appareceu uma moedinha arábica de prata.

118. Sequência arqueologica

Tomando em conta a olaria lusitano-romana do sitio dos Olhos (freguesia de S. Bartolomeu de Castro Marim), de que falei n-*O Archeologo*, IV, 336, temos seguidamente antiguidades nestes locais: Olhos, Fornalha, Maudinheiro, Silveira, Val do Bôto e S. Bartolomeu de Castro Marim,—antiguidades de diferentes eras: prehistorica, romana (acaso romano-visigotica) e arabica. O Algarve é um manancial!

119. Cemiterio romano da Horta

O sitio da Horta, entre a *fazenda* da Torre dos Frades e a do Arrife, é um campo de lavradio, onde me disseram que appareceram muitas sepulturas com ossadas, que ao contácto das mãos de quem as remexia se desfaziam. Fui lá, e vi ainda tabulas de calcareo que de certo constituíam as caixas. Informaram-me de que as sepulturas eram cobertas por tegulas, que formavam uma especie de telhado de duas aguas, de certo analogo ao que publiquei nas *Religiões*, III, 372, fig. 159.^a, de *Balsa*. Efectivamente *in loco* havia muitos fragmentos de tegulas, e também de imbrices ornamentados (os imbrices deviam firmar em cima as tegulas, como na citada figura). — Foi ao pé d'estas sepulturas que appareceu a candeia arabica que publiquei n-*O Archeologo*, V, 248, e VII, 119; cf. também V, 247.

120. Olaria lusitano-romana (?) da Manta Rôta

Na Manta-Rôta, que fica por esses sitios, e onde Estacio da Veiga colheu várias antigualhas que hoje estão no Museu Etnologico, apparecêra em 1895, segundo me informaram, um «forno de loiça», e bem assim anforas e candeias de barro. Os trabalhadores quebraram muita cousa, mas parece que ainda ficaram cousas enterradas. — De uma olaria lusitano-romana de S. Bartolomeu falei, como já disse, n-*O Archeologo*, IV, 336. Não seria pois estranho que houvesse outra na Manta-Rôta.

121. Candeia arabica de Cacela

A candeia arabica que publiquei n-*O Archeologo*, VII, 120, fig. 3, e que eu disse era proveniente de Cacela, appareceu na Quinta da Fidalga, d'essa frêguesia. At por Cacela apparecem tambem ás vezes moedas arabicas, de que vi uma (metade), que me offereceram, por intermedio do Rev.^{do} Jacinto Augusto Quintino, então (1896) Prior de Cacela (hoje é Prior de C. Marim).

122. Outras antigualhas de Cacela

Junto da Igreja de Cacela, em frente da porta da fortaleza, há um tanque romano rectangular, forrado de *opus Signinum*, e em parte aterrado. Um dos lados menores, descoberto, mede 2^m,12. Junto da fortaleza, que fica á beira mar, há vestigios de mais dois tanques, contiguos um ao outro, e tambem rectangulares. Eis um esboço: fig. 136. Um d'elles está coberto de cal romana, o outro já sem ela. — Estes tanques deviam servir para salgar peixe: cf. *Religiões*, III, 185.

Na área em que jaz a actual Cacela devia ter assentado uma importante povoação romana, — tantos são os vestigios que nela ainda restam da vida do povo-rei! Alem do que fica apontado, vê-se, ou acha-se, por lá o seguinte: na base da muralha da fortaleza porções de *opus Signinum*; um fuste de columna em uma porta de uma casa; fragmentos de tegulas e de tejos (cilindricos, e de forma de quarto

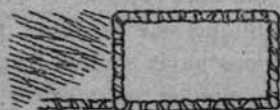


Fig. 136

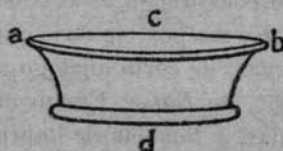


Fig. 137

de círculo); marmores em paredes de casas, ou soltos; moedas *passim*. Conta a tradição que o mar se adiantou, e se descobriu ou descobre dentro d'ele um pôço e alicerces de edificios. Acerca de mudanças de nível do oceano nas nossas costas, cf. *O Arch.*, x, 193-194 (P. Choffat), e *Sur les macrosimes de l'Algarve* de Pereira de Sousa, Paris, s. d., fig. 2. Mais diz o povo que Cacela fôra outr'ora tão grande, que três ferradores que lá havia, em diversos pontos da povoação, não se ouviam entre si, quando estavam martelando o ferro.

123. Antigualhas da Torre d'Ares

Na posse do S.^{or} Sebastião Estacio, de Tavira, vi uma taça de vidro, que vai esboçada na fig. 137: diametro 0^m,15; altura 0^m,041. Apareceu na sua Quinta da Torre d'Ares (Balsa).

Nessa quinta tinham ultimamente aparecido muitas coisas romanas, alem da taça de vidro: instrumentos agrarios, de ferro, bolas ou *glandes*, telhas ornamentadas (*imbrices*), lucernas de barro, moedas, pregos, e uma lapide com um fragmento de inscrição que publiquei n-*O Archeologo*, v, 175.

124. Mertola

I. Informaram-me no Algarve que ao pé do *monte* de Alcaria-Longa, freguesia de S. Miguel do Pinheiro, concelho de Mertola, havia alicerces de «casas dos Moiros», e que a esse respeito diz o o povo:

Entre Longa¹ e Galo²
Stá o coiro do boi-bragado³
Atado pelo rabo,

versos que constituem uma especie de roteiro tradicional, de que já por vezes tenho falado noutros escritos, por exemplo, n-*O Arch.*, XIX, 312.—Já se vê que o boi de que se aqui fala é *d'oiro*.

II. Notas tomadas em Mertola:

a) Num entulho, ao pé das muralhas do castelo, encontrei cacos romanos (asa de anfora, fragmentos de tegulas, de *imbrices* e de ladrilhos) e um caco arabigo ornamentado.

b) Na muralha do castelo, do lado do quintal do S.^{or} Manuel Gomes, há varios marmores esculpturados, e pedras de sepulturas cupiformes. Parte d'isso veio depois para o Museu Etnologico.—Pelo quintal aparecem tegulas partidas, asas de vasos e tejos.

c) Numa rua vi uma mó de granito, de uns 0^m,50 de diametro, certamente romana. Coisas romanas aparecem a cada passo: ás portas das casas ha poiais feitos de colunas; pelas ruas vários materiais de construção, como os de que falei no § a: ladrilhos rectangulares grossos, *imbrices*, tegulas.

d) Noutra rua vi uma cabeceira de sepultura cristã, de um dos tipos que publiquei nas *Coisas velhas*, n.º 3, a qual tinha de um lado,

¹ Isto é, Alcaria-Longa.

² *Monte*, ou casa de herdade, de Manuel Galo, onde tambem aparecem «coisas dos Moiros».

³ Ou *bargado* (que tambem se diz), isto é, com *bargadelas* ou malhas de diversas côres (brancas, etc).

em cima, esculpida a cruz de Cristo, e do lado oposto parece que uma charrua (a pino): figs. 138 e 139.

e) O castelo de Mertola está todo em ruínas: apenas uma torre



Fig. 138



Fig. 139

em sofrível estado de conservação, com uma inscrição portuguesa sobre a porta, a qual foi copiada por Estácio da Veiga no seu livro intitulado *Antiquidades de Mertola*, Lisboa 1880. Por todos os lados as muralhas têm pedras de marmore e de granito, que pertenceram a edificios romanos. Já no § b notei algo d'isto.—Do castelo, que fica em um alto, e domina a vila toda, disfruta-se o melhor panorama de Mertola, que é o do lado

da estrada do Algarve, cortada por uma ponte sobre o rio ou ribeira de Oeiras, que desagôa no Guadiana.—As antigas muralhas da vila existem ainda em parte, e nelas algumas ameias, por vezes um tanto derrocadas.

*

Em Mertola prestou-me muitos serviços, que reverteram para o Museu Etnologico, o S.^o João Manuel da Costa, então Secretário da Camara, hoje aposentado. Já tambem a ele me referi n-*O Arch. Port.*, v, 239-241¹.

O mais que poderia dizer de Mertola reservo-o para um artigo especial que tenciono consagrar á antiga cidade lusitanica chamada *Myrtilis*.

125. Cela

Parti de Mertola para Beja em 3 de Janeiro. Á direita da estrada, a 1 hora de Mertola (em trem), fica a herdade da Cela, aonde fui. Diante da casa há um gradeamento: uma das pedras da portada é uma sepultura cupiforme, de marmore, que, por estar rebocada, e com a convexidade para baixo, não sei se teria inscrição; outra pedra é uma base de columna, tambem de marmore. No terreiro, junto da portada, vi no chão duas bases de colunas, igualmente marmo-

¹ Depois de escrito isto, chegou-me noticia de que o S.^o Costa falecêra. Era pessoa muito querida na terra, e sabedora da historia de Mertola. A sua morte representa pois uma perda para a vila.

reas. Tudo isto fôra de Mertola para ali.—O dono da herdade, o D.^{or} Fabricio Pessanha, tempos depois que ali tornei a passar prometeu-me a *cupa* sepulcral para o Museu Etnologico.

126. Falcões e Salvada

Na herdade dos Falcões, frèguesia de Santa Clara de Louredo, concelho de Beja, lá, segundo me informaram, «muitos edificios da Moirama», isto é, restos de edificios antigos, provavelmente romanos.

Informaram-me tambem que ao sair do povo da Salvada, no mesmo concelho, existem algumas pedras com letras, que tapavam sepulturas.

127. Coimbra

Tendo estado em Coimbra no Entrado de 1897, vi no Museu do Instituto (hoje transferido para o Museu de Machado de Castro), a seguinte marca figulina no fundo de uma lucerna romana, fig. 140, que deve interpretar-se por *L. Caecilii Sae(cularis)*, nome do oleiro, que aparece talvez em uma lucerna de Hespanha,—vid. *Corpus*, II, 4969—13.



Fig. 140

Numa das galarias do Museu Antropologico da Universidade existe, ao lado de varios instrumentos prehistoricos estrangeiros, uma collecção de objectos da mesma epoca, achados em Portugal:

a) facas e setas de sillex, um percutor, e dois machados: tudo do concelho da Figueira (estações archeologicas do Arneiro, do Lirio, do Facho, do Cabeço dos Moinhos),—oferta do D.^{or} Santos Rocha;

b) treze instrumentos neoliticos, dos chamados «machados», de Campo Maior,—oferta de Daniel Filipe dos Santos;

c) um fragmento de machado de sillex, encontrado em S. Pedro da Cova, no leito do ribeiro da Murta, em 1891, e um fragmento de machado polido, encontrado perto da Murtinheira e do Cabo Mondego em 1860;

d) dois machados de bronze, um de argolas (estando uma quebrada), outro sem argolas: não tem indicação de proveniencia, mas pareceram-me de Portugal.

Na mesma galaria ha colares de dentes de mamiferos, usados pelos Indios do Amazonas (Brasil): dois dos colares são de dentes de porco, afeiçãoados e com orificio do lado da raiz. Ha outro colar de sementes de «uapuhu»: estas sementes assemelham-se a dentes (e d'aí o seu uso?). Ha outro colar de dentes incisivos de macacos,

pertencentes aos Indios Parintitius (Brasil).—Nas *Religiões da Lusitania*, I, 120 sgs., juntei bastantes exemplos do uso de dentes como amuletos. Os colares que mencionei pertencem certamente a essa classe.

128. Condeixa-a-Velha

Na mesma ocasião em que estive em Coimbra, fui a Condeixa-a-Velha, de visita ás ruínas de *Conimbriga*.

Na Atadôa, ao pé de Condeixa-a-Velha, vi em poder do D.^{or} Alberto Martins de Carvalho um fragmento de lapide em que se lia o que se vê na fig. 141, inscrição já publicada no *Corpus*, II, 6275, segunda lição de Borges de Figueiredo. Depois do G, inicial de *G(aio)*, ha porém em cima uma curva, que poderá considerar-se sinal separativo. Ordinariamente estes sinais, nas nossas inscrições, são cir-

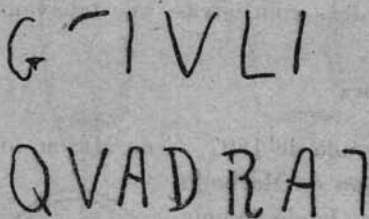


Fig. 141

culares, triangulares ou de fôrma de *hedera*; mas ás vezes na Epigrafia ha singularidades, e aqui teremos uma. Outras explicações occorrem, porém não vale a pena gastar mais tempo com cousa tão humilde.—O texto, depois de restauradas as letras que faltam, dizem: *G(aio) Jul[i]o Quadrato*, como já Figueiredo sem difficuldade nenhuma tinha assentado. A inscrição é honorifica.

Em Almedina ou «Cidade dos Mouros», sitio ao pé de Condeixa-a-Velha¹, tinham apparecido, pouco antes da minha visita, duas sepulturas de pedras toscas, postas de cutelo; continham esqueletos, um que o S.^{or} D.^{or} Benardino Machado, então Lente de Antropologia na Universidade de Coimbra, levava para o Museu Antropologico, outro que se escangalhou.

Pela povoação de Condeixa vi moedas de cobre de varios imperadores romanos, de Licinio e Gordiano.

129. — Agualva (Setubal)

Informou-me em 1897 o hoje falecido Manuel Maria Portela, escritor setubalense, que na herdade da Agualva, frêguesia de S. Pedro de Marateca, tinham apparecido em tempo, em escavações, antigualhas romanas, que foram outra vez soterradas.

¹ Cf. *Arch. Port.*, IV, 305.

130.—Grandola

O Sr. Jules Philippe conhece, segundo me disseram em 1897, uma lapide cylindrica, com inscriçãõ arabiga, achada no Canal de Grandola, e pertencente ao Sr. J. Champalimaud.

131.—Antigualhas de S. Mamede de Obidos

Em um sítio appareceu um denario, com DIVVS M AN..ONIVS PIVS, busto á direita, e no reverso CONSECRATIO, aguiã, etc.

Detrás de S. Mamede appareceram mais objectos que eu de lá trouxe em 1897:

1) um pedaço de cano grosso, do feitio de imbrice, envólto externamente em argamasas, como se vê do esbôço junto (fig. 142 e 143);



Fig. 142

2) um *pondus* de barro;

3) um pêso de ferro, que teve uma argola de suspensãõ, a qual se quebrou (resta no pêso o sítio em que se fixava);

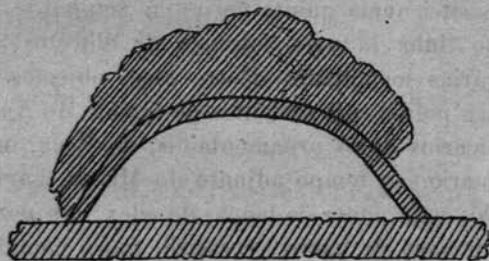


Fig. 143

4) um instrumento de ferro, de fôrma de martelo encabado;

5) uma moeda romana de bronze.

Com estes objectos tinham apparecido outros, tais como: duas asas de anfora e parte dum gargalo; um pedaço de ladrilho; cascas de ostras.

Por toda a área de S. Mamede se encontram a cada passo antigualhas, já romanas, como estas de que estou falando, já mais antigas, e até ha na frêguesia uma estação prehistorica que está bem representada no Museu: vid. *Historia do Museu Etnologico*, p. 182.

132.—Olho-Marinho

O serrador Florencio Tereso, de Olho-Marinho (Obidos), possui um campo nas *Cezaredas* (i. é, na serra da Cezareda), onde, ao fazerem-se escavações agrarias, apparecem frequentemente machados de pedra, e cacos de character antigo. Em 1897 obtive em Olho-Marinho alguns machados de pedra e de cobre achados perto das *Cezaredas*. Toda a região é rica de achados desta especie, e de lá tenho trazido para o Museu muita cousa.

133.—Adão-Lobo e Panoias

Em Adão-Lobo (Cadaval) ouvi chamar aos pesos de tear *consiciencias*. Numa charneca ao pé d'esse lugar appareceu um de pedra, com orificio biconico, analogo ao dos objectos prehistoricos. O pêso tinha o aspecto geral indicado pela fig. 144, e o orificio vai representado na fig. 145. Em 1908 obtive para o Museu um pêso, tambem de pedra, em Panoias de Ourique, o qual tem igualmente orificio biconico (n.º de entrada 1634).

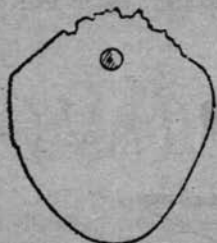


Fig. 144



Fig. 145

134.—Colecção archaeologica

Em 1897 visitei numa quinta ao pé de Setubal o Sr. Arronches Junqueiro, que tinha lá uma collecção de objectos archaeologicos, achados em varias localidades. Entre esses objectos vi: cinco machados de pedra polida, provenientes da Quinta do Anjo, da Rotura, e dos Barris; varios cacos ornamentados, da Pena, onde o Sr. Maximiano Apolinario, ao tempo adjunto do Museu, havia feito explorações em 1896; uma ponta de lança, de silex; um *pondus* de barro, de Alcacer; um vaso de barro grosseiro, quasi completo; um fragmento de anfora, e testo de barro, tudo de Troia; uma anfora, quasi inteira, de Grandola; pedaços de cano (*fistula*), de barro, apparecidos na quinta de S. Romão (Setubal) com pedras de *opus Signinum*; ladrilhos provenientes da mesma quinta.—O Sr. Junqueiro referiu-se já a algumas d'estas antigualhas n-*O Arch. Port.*, VII, 176 sgs.

Os tastos de que acima falei (*opercula*) eram provavelmente de anforas; pelo menos adaptam-se-lhes ás vezes, como pode ver-se no Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde existe uma anfora, porvida de tasto, comprada por mim para lá, ha muitos anos, em um leilão. Não é muito raro encontrar no Sul tastos

d'estes; no Museu Etnologico guardam-se alguns, tambem de Troia, por exemplo um que vai desenhado na fig. 146.

135.—S. Pedro de Sintra

Numa quinta em Sintra, ao pé de S. Pedro, appareceram em 1897 várias moedas imperiais romanas de bronze, de Constante, do tipo empiricamente chamado «bronze mínimo», ou de 3.^a grandeza, divisão do asse: uma d'elas tinha SECVRITAS REIP no reverso.

136.—Lucerna cristã de Troia

Tendo estado em Setubal, em 1897, vi nas mãos do Sr. Fragoso uma lucerna de barro vermelho, de tipo cristão, com o *crismon* no an-



Fig. 146

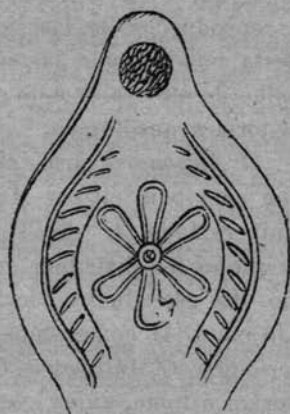


Fig. 147

verso, achada havia quatro anos nas areias de Troia, que ficam em frente da cidade. Vid. fig. 147.

137.—Dolmen de Vilarinho da Castanheira

Em Vilarinho da Castanheira, concelho de Carrazeda de Anciães, ha um dolmen chamado *Cova da Moira*. Diz a lenda que na noite de S. João vem a Moira dançar dentro d'ele: quantas voltas a Moira dá, tantas dá a tampa do dolmen, a qual se vê mexer, acompanhando o movimento da Moira, que dança por baixo.—Ouvi isto em 1897.

138.—Moedas arabicas

Em Casével (Alentejo) appareceram por 1897 moedas arabicas de prata. Disseram-me que adquirira algumas o Sr. Antonio Revés.

Curiosidades antigas de Coimbra

O Antiquario Conimbricense. — Projecto de *Epigraphia Conimbricense.* — O arqueólogo e paleógrafo P.^e Pereira Coutinho.

O *Antiquario Conimbricense* foi publicado em Coimbra nos anos de 1841 e 1842, pelo Sr. P.^e Manuel da Cruz Pereira Coutinho, escritor, arqueólogo e paleógrafo distintíssimo, e antigo e muito considerado prior da Sé Velha desta cidade, falecido em 24 de Janeiro de 1880.

Este jornal é ainda hoje apreciadíssimo, pois contém importantes documentos inéditos encontrados no cartório da Câmara Municipal, no mosteiro de Santa Cruz, e em vários conventos extintos de Coimbra, bem como diversas notícias, *fac-similes* interessantes, e reproduções de inscrições lapidares de caracteres antigos, quer desta cidade, quer das suas proximidades, o que representa um trabalho de alto valor e de reconhecida utilidade para o estudo da nossa história arqueológica.

O *Antiquario* principiou a publicar-se em Julho de 1841 e terminou com o n.º 9 em Maio de 1842. Foi impresso na Imprensa da Universidade, 4.º de 72 páginas. Num prospecto que o Sr. Pereira Coutinho fez distribuir em 1869, para um novo e importante trabalho, diz este ilustre escritor, acêrca do seu *Antiquario*, o seguinte: «Já em 1841 começámos uma publicação epigraphica, em fôrma de periodico, *O Antiquario Conimbricense*, de que apenas nove numeros vieram a lume, cujos exemplares *em pouco tempo se esgotaram*. Trabalhos de maior urgencia nos obrigaram então a sobreestar nessa empresa».

O Sr. Ricardo Pinto de Matos, referindo-se ao *Antiquario Conimbricense* no seu importante *Manual Bibliographico Portuguez*, diz que é jornal estimado, sendo raro encontrar-se já então a collecção completa à venda. O único exemplar de que teve noticia o Sr. Matos foi vendido por 16\$40.

É tam apreciado o *Antiquario Conimbricense* que quatro individuos de Lisboa, na impossibilidade de obterem uma collecção para cada um, e possuindo alguns números, os reuniram, conseguindo formar uma collecção da qual eram coproprietários.

Actualmente não se encontra à venda um único exemplar do *Antiquario*, e, se por acaso tal succede, o preço que por elle se exige, embora a collecção esteja incompleta ou imperfeita, é muito superior ao mencionado pelo Sr. Pinto de Matos, em 1878, no seu *Manual Bibliographico*.

Em 1869, como dissemos, tencionou o Sr. Pereira Coutinho fazer uma outra publicação análoga, a qual deveria intitular-se *Epigraphia Conimbricense* ou *Collecção de inscripções lapidares*, chegando a distribuir-se o prospecto, de que possuímos um exemplar, e que contém litografadas, no fim da respectiva página, as primeiras linhas de três epitáfios gravados nos túmulos de S. Teotónio e de D. Fernando Fernandes Cogominho, no templo de Santa Cruz, e do P.^e Lourenço, nas ruínas do mosteiro de S. Jorge, junto a Coimbra.

Nesse prospecto dizia o Sr. Pereira Coutinho, a propósito da sua projectada publicação *Epigraphia Conimbricense*:—«Dois fins ha nesta resolução: 1.^o, libertar da destruição do camartello, do enxadão e do tempo as memorias epigraphicas de nossos remotissimos antepassados, reproduzidas aos olhos do leitor, e transmittidas ás gerações futuras, nos caracteres originaes, em tudo exactissimos, menos na proporcional redução a mais pequena fórma: 2.^o, habilitar os curiosos na leitura da paleographia lapidar, para o que damos em frente de cada estampa de caracteres antigos, outra, devidamente numerada, em tipos modernos. Em caracteres antigos sobem as inscripções de 50 a 60, e nos modernos excedem o numero de 290, sendo umas e outras acompanhadas de uma breve noticia historica, tanto dos monumentos e factos que memoram como dos varões que n'elles figuram».

Infelizmente não chegou a publicar-se a annunciada *Epigraphia*, o que foi deveras para sentir, porque nessa especialidade muito havia que fazer em Coimbra. Alguns dos elementos que o Sr. Pereira Coutinho tinha já reunido foram oferecidos pelo seu herdeiro, Sr. Dr. Gonçalo de Meireles, em 22 de Junho de 1880, à secção de archeologia do Instituto de Coimbra, os quais se encontram presentemente no importante e valiosissimo Museu Machado de Castro, pois que o Instituto lhe ofereceu, em 1911, tudo quanto existia no seu museu de archeologia.

Por se ligarem com este assunto, e por serem deveras interessantes e curiosos, remataremos estas linhas transcrevendo do *Conimbricense*, de Janeiro de 1880, os primeiros periodos do artigo que o saúdoso jornalista Joaquim Martins de Carvalho publicou a propósito do falecimento do Sr. P.^e Manuel da Cruz Pereira Coutinho:

«Na primeira quadra d'este seculo, e ainda alguns annos depois, havia um botequim na loja á Sé Velha, onde posteriormente se estabeleceu o livreiro Sr. José Diogo Pires. Pertencia ao Sr. Antonio de Oliveira e Sá, que anteriormente havia sido caixeiro no antigo botequim do Sr. Manuel Marques de Figueiredo, tambem á Sé Velha.

Via-se no referido botequim do Sr. Oliveira e Sá, a servir os fregueses, um mocinho, chamado apenas Manuel da Cruz, que havia nascido em 1808 no lugar de Almagreira, concelho de Pombal.

Nos intervalos de aviar os fregueses agarrava-se logo aos livros, que lia com avidez, e á falta de mestres pedia a alguns frequentadores da loja para o ensinarem.

O mocinho de então, totalmente desajudado, e limitado exclusivamente aos seus proprios esforços, acaba de falecer nesta cidade em a noite de sabado para domingo ultimo, na idade de 72 anos.

Do pobre filho do povo, do caixeiro do botequim, saiu o sr. P.^o Manuel da Cruz Pereira Coutinho, amanuense da Administração Geral d'este distrito em 1837, vice-reitor do Collegio dos orphãos a cargo da Misericordia, secretario particular do reitor da Universidade, Conde de Terena, prior de S. Pedro, prior de S. Christovão, conego honorario da Sé de Coimbra, associado provincial da Academia Real das Sciencias, socio effectivo do Instituto de Coimbra, vice-presidente da secção de archeologia, distinctissimo paleographo, investigador e escriptor incansavel!

Tanto podem o trabalho e a força de vontade!

Coimbra, Julho de 1920.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

Um monumento funerário de Pinhovelo, concelho de Macedo de Cavaleiros

Só agora, Julho de 1920, pude ler o vol. xv de *O Archeologo Português*, em que, a p. 2, se trata dum monumento funerário que foi origem de desavenças pessoais por eu pretender que dêsse entrada, como deu, no Museu Municipal de Bragança, que então estava a meu cuidado como seu fundador. Estudei-o com todo o cuidado, e figura num trabalho há tempos concluído, que preenche mais de 400 páginas de papel de officio que contém muitas e interessantes noticias archeológicas de verdadeiro valor, algumas colhidas nos concelhos de dois distritos do norte, Bragança e Vila Real, e que intitulei: *Apontamentos archeologicos*; illustrados com centenaes de estampas e em especial com as fotografias dos vestigios da *Urbs Zoeliobriga*.

Pois discordando da cópia do referido monumento e da interpretação d'ele dada, e não sabendo quando os meus *Apontamentos* verão a luz da publicidade, se os virem, vou reproduzir aqui o que neles

Via-se no referido botequim do Sr. Oliveira e Sá, a servir os fregueses, um mocinho, chamado apenas Manuel da Cruz, que havia nascido em 1808 no lugar de Almagreira, concelho de Pombal.

Nos intervalos de aviar os fregueses agarrava-se logo aos livros, que lia com avidez, e á falta de mestres pedia a alguns frequentadores da loja para o ensinarem.

O mocinho de então, totalmente desajudado, e limitado exclusivamente aos seus proprios esforços, acaba de falecer nesta cidade em a noite de sabado para domingo ultimo, na idade de 72 anos.

Do pobre filho do povo, do caixeiro do botequim, saiu o sr. P.^o Manuel da Cruz Pereira Coutinho, amanuense da Administração Geral d'este distrito em 1837, vice-reitor do Collegio dos orphãos a cargo da Misericordia, secretario particular do reitor da Universidade, Conde de Terena, prior de S. Pedro, prior de S. Christovão, conego honorario da Sé de Coimbra, associado provincial da Academia Real das Sciencias, socio effectivo do Instituto de Coimbra, vice-presidente da secção de archeologia, distinctissimo paleographo, investigador e escriptor incansavel!

Tanto podem o trabalho e a força de vontade!

Coimbra, Julho de 1920.

F. A. MARTINS DE CARVALHO.

Um monumento funerário de Pinhovelo, concelho de Macedo de Cavaleiros

Só agora, Julho de 1920, pude ler o vol. xv de *O Archeologo Português*, em que, a p. 2, se trata dum monumento funerário que foi origem de desavenças pessoais por eu pretender que dêsse entrada, como deu, no Museu Municipal de Bragança, que então estava a meu cuidado como seu fundador. Estudei-o com todo o cuidado, e figura num trabalho há tempos concluído, que preenche mais de 400 páginas de papel de officio que contém muitas e interessantes noticias archeológicas de verdadeiro valor, algumas colhidas nos concelhos de dois distritos do norte, Bragança e Vila Real, e que intitulei: *Apontamentos archeologicos*; illustrados com centenaes de estampas e em especial com as fotografias dos vestigios da *Urbs Zoeliobriga*.

Pois discordando da cópia do referido monumento e da interpretação d'ele dada, e não sabendo quando os meus *Apontamentos* verão a luz da publicidade, se os virem, vou reproduzir aqui o que neles

consta de mais importante para o seu conhecimento e apreciação do seu valor. É interessantíssimo este monumento, único no género que tem aparecido por estes sítios. Tem a configuração duma estátua e apresenta como esculturas o suástica LABOENA e um animal que parece ser um veado na corrida, que CILVRNI talvez não queira representar um símbolo religioso, mas VXORIS sim, pela sua attitude, a velocidade da vida ou do tempo. TAVI. Julgo de fácil leitura a sua inscrição, que interpreto C ANCI assim:

LABOENA (F.) CILVRNI VXOR ISTAVI C(uravit ou condidit). AN(orum) CI; isto é: *Laboena, filho de Cilurno. A mulher de Istavo levantou (o monumento). Morreu de cento e um anos*¹.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Aquisições do Museu Etnológico Português

Observação prévia.—Na última menção das aquisições do Museu Etnológico, publicada no vol. XVIII d-*O Archeologo*, houve engano na seqüência cronológica, pois alguns meses de 1911, e todos os de 1912, ficaram depois dos de 1913. Acerte-se assim:

Janeiro a Setembro de 1911, pp. 146-152;

Outubro a Dezembro do mesmo ano, pp. 157-158;

Janeiro a Dezembro de 1912, pp. 158-195;

Janeiro e Fevereiro de 1913, pp. 152-157.

Continúa agora aqui a menção dos objectos lançados no respectivo livro, de Março de 1913 em diante; mas de Outubro de 1913 a Agosto de 1917 não se especificam meses.

Março de 1913

J. L. DE V.

O Sr. Director do Museu adquiriu por compra e em excursões: quatro obras latinas de Aquiles Estação, impressas em Roma no séc. XVI; uma obra latino-grega do mesmo autor, impressa em Florença, em 1567; trinta e seis machados de pedra completos, no Cadaval; quatro fragmentos de machados de pedra, *ibidem*;

¹ [Tambem aqui me não parece boa a interpretação. O principio deve ser: *Laboena Cilurni uxor*, se a palavra *Laboena* está bem copiada. O resto é duvidoso: acaso (h)i(c) (s)ita. *Vix(it) an(nos)* cr. Parte d'esta leitura é já do Rev.º Ab.º de Braçal, n-*O Arch. Port.*, xv, 3.—J. L. DE V.].

consta de mais importante para o seu conhecimento e apreciação do seu valor. É interessantíssimo este monumento, único no género que tem aparecido por estes sítios. Tem a configuração duma estátua e apresenta como esculturas o suástica LABOENA e um animal que parece ser um veado na corrida, que CILVRNI talvez não queira representar um símbolo religioso, mas VXORIS sim, pela sua attitude, a velocidade da vida ou do tempo. TAVI. Julgo de fácil leitura a sua inscrição, que interpreto C ANCI assim:

LABOENA (F.) CILVRNI VXOR ISTAVI C(uravit ou condidit). AN(orum) CI; isto é: *Laboena, filho de Cilurno. A mulher de Istavo levantou (o monumento). Morreu de cento e um anos*¹.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Aquisições do Museu Etnológico Português

Observação prévia.—Na última menção das aquisições do Museu Etnológico, publicada no vol. XVIII d-*O Archeologo*, houve engano na seqüência cronológica, pois alguns meses de 1911, e todos os de 1912, ficaram depois dos de 1913. Acerte-se assim:

Janeiro a Setembro de 1911, pp. 146-152;

Outubro a Dezembro do mesmo ano, pp. 157-158;

Janeiro a Dezembro de 1912, pp. 158-195;

Janeiro e Fevereiro de 1913, pp. 152-157.

Continúa agora aqui a menção dos objectos lançados no respectivo livro, de Março de 1913 em diante; mas de Outubro de 1913 a Agosto de 1917 não se especificam meses.

J. L. DE V.

Março de 1913

O Sr. Director do Museu adquiriu por compra e em excursões: quatro obras latinas de Aquiles Estação, impressas em Roma no séc. XVI; uma obra latino-grega do mesmo autor, impressa em Florença, em 1567; trinta e seis machados de pedra completos, no Cadaval; quatro fragmentos de machados de pedra, *ibidem*;

¹ [Tambem aqui me não parece boa a interpretação. O principio deve ser: *Laboena Cilurni uxor*, se a palavra *Laboena* está bem copiada. O resto é duvidoso: acaso (h)i(c) (s)ita. *Vix(it) an(nos)* cr. Parte d'esta leitura é já do Rev.º Ab.º de Braçal, n-*O Arch. Port.*, xv, 3.—J. L. DE V.].

três colhéres de pau, artisticas, de Alcoutim;
tambolarão de madeira (Alcoutim);
pontão de segurar as tampas das caixas (Alcoutim);
çurrão de cabrito (Alcoutim);
pisadoiro (Alcoutim);
 instrumento de pedra polida (Alcoutim);
 mó prè-histórica de Alcoutim;
 cossoiro de madeira com o *signo-saimão dobrado* e a data
 de 1886 (Alcoutim);
 instrumento agrário (talvez romano) do Sul do Tejo;
 garfo grande antigo de Alcoutim;
 candeia moderna do Algarve.

O Sr. Prof. Gustavo Ramos ofereceu um «cocho» de cortiça, de Évora.

Abril de 1913

O Sr. Director adquiriu:

duas ânforas romanas achadas ao Sul do Tejo;
 vasilha romana ou prè-romana achada no Alentejo;
De vero et perfecto clerico Alberti Trotii, Lugduni 1535.

O Sr. Condutor Bernardo de Sá obteve para o Museu, em exploração, os seguintes objectos:

uma ânfora de Mértola;
 ânfora, sem gargalo, achada tambem provavelmente ali.

O Sr. Director obteve, numa exploração que fez, uma ânfora romana da olaria de Castro-Marim.

A Academia das Belas Artes ofereceu uma ânfora, que parece ser de Tróia de Setubal.

O antigo Ministério das Obras Públicas ofereceu uma reprodução, de gesso, da 1.^a tábula de bronze de Aljustrel.

O Ex.^{mo} Sr. Freire de Andrade, Director Geral das Colónias, ofereceu: oito instrumentos de pedra lascada, achados em Mailana (Moçambique).

Mai de 1913

O Sr. Director adquiriu, numa escavação que fez:

uma tégula do cemitério da Rouca (Alandroal), concertada.

O Sr. Bernardo de Sá obteve, numa exploração que fez:

uma ânfora do Mértola;
 outra ânfora de Mértola.

O Sr. Cristóvão Brochado ofereceu:

um «dolium», achado em Sinfães.

O Sr. **Jácome de Vasconcelos** ofereceu:

dois caleiros, um deles com inscrição, romanos, achados na quinta do **Avelar (Braga)**.

Vindos do Museu das Janelas Verdes, entraram no Museu Etnológico os seguintes objectos:

uma ânfora incompleta, proveniente do sul do Tejo;

outra ânfora incompleta, do sul do Tejo.

O Sr. **Dr. Joaquim Fontes** ofereceu:

nove instrumentos paleolíticos de sílex e quartzite, do Casal do Monte.

Em Mértola foi oferecida ao Museu uma tégula achada em S. Sebastião.

Junho de 1913

O Sr. **Director** adquiriu por compra os seguintes objectos, do espólio do falecido Prior de Salir (Algarve):

um punhal de cobre, falho na ponta;

dois escopros de bronze ou cobre;

ponta de machado de bronze;

duas campainhas de bronze, do sítio de Soidos;

dedal de bronze antigo (arábico?);

ponteira de bainha, de bronze;

uma argola de bronze;

ave de bronze, que fazia parte de uma lucerna, como outras do Algarve (arábicas);

chapa de lousa prè-histórica ornamentada;

fragmento de inscrição ibérica de Salir, vid. *Arch. Port.*, vol. v, n.º 2;

inscrição ibérica, gravada em laje, que estava numa parede no Monte de Vermelhos, freguesia do Ameixial, concelho de Loulé;

uma tégula inteira;

uma tégula em duas metades;

mó manuária (dormente);

outra mó manuária;

ânfora quebrada na parte superior;

cipo com inscrição romana, da mesma procedência. Vid. *Arch. Port.*, v, 42;

«Cão de chaminé» de ferro;

dez machados de pedra polida;

três machados incompletos;
 um pilão de pedra;
 faca de sílex incompleta (serrilhada).

Julho de 1918

- O Sr. **Director** adquiriu, por compra, os seguintes objectos:
 ex-voto de madeira que representa um milagre: 1819;
 estampas litográficas antigas de monumentos de Lisboa e de Evora;
 estampa que representa uma visita de D. Miguel à gruta de Carnaxide em 1822 (tem valor etnográfico: representação de ex-votos na parede, moletas, etc.);
 colecção de machados de pedra polida de vários lugares do Cadaval;
 estatueta de barro vidrado, a qual representa a Mofina Mendes de Gil Vicente;
 tampa sepulcral, de forma de baú, apparecida em Caparide, da época romana: vid. *Religiões*, III, 401-403;
- O Conservador Sr. **Pinto da Fonseca** adquiriu por compra:
 mó de pedra, primitiva, do Casal do Garoto (Da-Maia);
 duas tampas com vestígios de inscrição romana, de Caparide;
- O Preparador Sr. **Chaves Lopes** adquiriu por compra:
 uma colecção de figurinhas de barro coloridas, que representam tipos populares portugueses e soldados (arte moderna);
 um amuleto de osso, que representa uma guitarra terminada em figa;
 uma jarrinha artistica de louça de Barcelos, moderna.
- O Sr. **Pedro de Azevedo** ofereceu:
 um anúncio de teatro, que imita uma nota de banco;
 outro anúncio que representa uma letra de banco.
- O Sr. **António de Mira Barros Fialho** ofereceu:
 uma tampa sepulcral cupidiforme de mármore, anepígrafa, achada na freguesia de Beringel, concelho de Beja.
- O Sr. **Abade José Augusto Tavares** ofereceu:
 a «Mulher de pedra»: vid. *Religiões*, III, 613-614.
- O Sr. **Visconde de Ferreira do Alentejo** ofereceu:
 uma lápide sepulcral romana, de Santa Margarida do Sado (cf. *O Arch. Port.*, XIX, 313);
 base de mármore romana, do mesmo local.

O Sr. **Bernardo Rodrigues do Amaral** ofereceu:

uma pedra de granito com um sulco, antiga, vinda de Outeiro de Espinho, concelho de Mangualde.

Agosto de 1913

O Sr. **Director** adquiriu por compra os seguintes objectos:

um anel de ouro romano, comprado ao ourives Cunha da R. da Palma;

dois papéis colados que contêm versos religiosos de estilo popular, provenientes de uma casa religiosa (Manuscrito do séc. XVIII);

um fragmento de uma espiral de ouro, da época do bronze, aparecida em tempos na Cezareda, perto do Pó.

O Conservador Sr. **Pinto da Fonseca** adquiriu por compra os seguintes objectos:

um machado de pedra, de Almoçageme (Serra de Sintra);

um machado de pedra, de Olegueira (Serra de Sintra);

um machado de pedra, de Almoçageme (Serra de Sintra);

um machado de pedra, da Tapada (Serra de Sintra);

um machado de pedra, de Olegueira (Serra de Sintra);

um caco ornamentado do castro do Monte de S. Domingos da Queimada (Lamego), descoberto e explorado em parte pelo mesmo Conservador;

seis cacos ornamentados, do mesmo lugar;

trinta e cinco fragmentos cerâmicos, simples, da mesma procedência.

uma pedra polida, do mesmo lugar.

O Sr. **João C. de Castro** ofereceu:

um paliteiro de bronze que representa caricaturalmente um soldado cujo corpo está dentro de uma pipa e tem na cabeça um barril e os pés assentes numa celha; está de grande uniforme e de espingarda ao ombro;

O Sr. **João Evangelista**, Servente do Museu, ofereceu um cavalinho de bronze selado, assente numa base, que faz corpo com ele.

Setembro de 1913

O Sr. **Director** adquiriu por compra:

dois pratos (um com letras, outro com figuras).

O Sr. **Prof. Bernardino Barbosa** ofereceu:

pintadeira (fôrma para bolos), artística, de madeira, de Évora.

- O Sr. Dr. **António José do Carmo Borges** ofereceu:
uma tegelinha de barro, encontrada numa anta perto das
Alcáçovas (Alentejo).
- O Sr. **António Pais** (Avis) ofereceu:
três machados de pedra;
um chapão de lousa, provindo do Alentejo.
- O Sr. **Alfredo Raposo** ofereceu:
um alfinete de gravata feito de uma moeda estrangeira.
- O Sr. **Prof. Beato**, da Escola de Farmácia, ofereceu:
uma escultura de pedra, antiga, de Sousel.

Outubro de 1913 a Agosto de 1917

O Sr. **Director** adquiriu por compra ou oferta os seguintes objectos:

um azulejo azul com uma figura de mulher, do convento
de S. Francisco de Coimbra;

azulejos azúis com: uma figura geométrica e o fragmento
de um mapa geográfico, os quais deviam ter forrado uma
sala de aula, como acontece no liceu de Évora;

azulejo de várias cores com uma figura que tem adiante
uma balastrada e de cada lado um cipreste.

Numa excursão que fez a Óbidos e Lourinhã, em Outubro de
1913, o mesmo Sr. adquiriu os seguintes objectos:

um machado chato de cobre ou bronze, do Pó (Óbidos);

outro machado, do Moledo (Lourinhã);

outro da mesma localidade;

coupe-pâte de madeira, que é como as carretilhas alen-
tejanas.

E noutras excursões obteve mais:

dois broches amuléticos, comprados em Oxford;

um pendente de osso que representa S.^{to} António, vindo
de Pádua;

uma candeia de bico, feita de barro, portuguesa, antiga,
achada na Vermelha (Cadaval) em alicerces de casa velha;

um machadinho de pedra (diorite) do Peral (Cadaval);

um instrumento de pedra polida, da Vermelha (Cadaval);

uma goiva de rocha eruptiva, aparecida perto dos Casais
da Murteira, concelho do Cadaval;

meia goiva, de rocha, que parece xistosa, aparecida ao
pé do Pó, concelho de Óbidos;

um belo machado de pedra polida, do Moledo (Lourinhã);

um pergaminho português de 1555, com excelente caligrafia e um selo pendente gravado em massa;

Evidencia apologetica, Lisboa 1733, com encadernação dourada antiga, luxuosa;

um amuleto feito de um dente de javali engastado em prata, de Loulé;

uma tabaqueira feita de corno, com o feitiço de caixa, com as armas portuguesas (xviii) gravadas na tampa, — comprada em Londres;

um quadro do século xviii, respeitante à fundação da Basilica da Estrela;

uma carta-planta da cidade do Rio de Janeiro;

uma estampa (registro) da Sr.^a dos Milagres, da cidade de Ponta Delgada;

um machadinho de pedra da Bouça de Loivos, concelho do Cadaval;

um marco miliário que estava em S. Pedro da Torre (Alto Minho);

uma lápide do deus *Mirobiaeus*: vid. *Religiões*, vol II, p. 234;

um sarcófago de granito: vid. o *Arch. Port.*, XI, 369;

um retrato emoldurado, de Aquiles Estação;

Diffiniçoens da ordem de Cistel: e congregaçam de Nossa Senhora de Alcobaça; Lisboa 1593;

uma caixa de rapé, redonda, que tem por fóra, na tampa: DONA MARIA DOM PEDRO (isto é, D. Maria II e D. Pedro IV) e os respectivos retratos;

outra caixa de rapé, redonda, que tem na tampa, por fóra: SUA ALTEZA RIAL O SERENÍSSIMO SENHOR INFANTE DOM MIGUEL, e o respectivo retrato. Nome do fabricante: *Hesse et Cie à Paris*;

uma caixa de rapé rectangular, com uma miniatura na tampa por fóra (dama com cesta de flores na mão esquerda); três «retábulos» de milagres;

um paliteiro de louça antiga (séc. xviii), que representa caricaturalmente um tipo de homem do século (Português?);

uma asa de sítula romana, de bronze, aparecida nos arredores da Roliça (Óbidos), no campo;

seis machados de pedra polida, dos arredores do Moledo, Lourinhã;

um bronze que representa Mercúrio (por baixo do busto

havia uma haste férrea de que restam vestígios). Apareceu dentro do lugar da Columbeira, num sítio donde há outros objectos romanos já no Museu, e donde também vieram três moedas: de Máximo, séc. iv (Aragão, n.º 2300), de Honório, com um orifício antigo, e o R sumido, e outra sem nome de imperador, com VRBS ROMA, no anverso, a loba e duas estrélas no exergo com R. O. Q. ou R, aparecidas na mesma ocasião (quanto à última, cf. Aragão, n.º 2075). Estes objectos foram obtidos por intermédio do Sr. Jaime Leite;

um «gato de chaminé», de ferro, Évora;

«*Vida e morte de Dom Affonso de Castelbranco, bispo de Coimbra e visorey d'este reyno de Portugal: composto por João de Almeida Suares. Fielmente copiado de outra copia*». Livro manuscrito de 88 fôlhas. Cópia do séc. XVIII.—Acêrca de outro, que é seiscentista, e desta obra, vid. Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, s. v.;

um boião de botica, antigo, português, de louça, comprado em Lisboa;

uma candeia de ferro;

uma palmatória escolar (ou menina de cinco olhos);

um friso de mármore, do castelo de Sines;

uma lápide com a inscrição de Pagusicus, de S. Tiago de Cacém, *Corpus* II, 27. Obtida da Câmara Municipal;

dois pedaços de uma coluna que servia de soleira da porta de uma casa (Mertola) de Manuel Francisco Gomes, que os ofereceu ao Museu. Têm esculturas;

uma lápide de Sines, *Corpus* II, 3;

dois machadós de pedra polida: um dos arredores das Azenhas do Mar, o outro dos arredores da Ribeira, concelho de Sintra;

um instrumento de pedra, de cabo comprido e extremidade arredondada, da Vermelha (Cadaval);

duas figuras de barro, portuguesas, antigas, coloridas, que representam tipos populares;

cinco figuras portuguesas de barro, antigas, como as anteriores, compradas no antiquário Vilas;

uma figura de barro que representa um gaiteiro (de pre-sepe);

uma estampa com o milagre da Nazaré com dizeres extensos (séc. XVIII), emmoldurado;

uma medalha de barro, da República;

uma medalha elíptica, de barro, que representa o milagre da Nazaré. Adquirida no concelho de Óbidos;

Noções geographico-historicas da Vila de Ourique, ms. de 9 pp., do 1.º quartel do séc. XIX;

um pergaminho: documento do tempo de D. Miguel (1830);

um machado de pedra, do Moledo (Lourinhã);

uma conta de ribeirite e uma ponta de seta da orca da Fonte do Alcaide (Nelas): vid. *O Arch. Port.*, vol. XVIII, 79; estes objectos foram obtidos numa escavação feita pelo Sr. Director;

mós prehistóricas das orcas dos Palheiros e de Gandufe: vid. *O Arch. Port.* XVIII, 80. Estas mós foram obtidas também numa escavação feita pelo Sr. Director;

pequena mó prehistórica da anta da Fonte do Alcaide: vid. *O Arch. Port.*, XVIII, est. II, fig. 6; obtida em escavação do Sr. Director;

mó da Fonte do Alcaide: vid. *O Arch. Port.*, XVIII, 79-80;

rebôlo da mesma orca: vid. *O Arch. Port.*, XVIII, 79-80;

uma pedra de amolar, da orca da Fonte do Alcaide (Nelas): vid. *O Arch. Port.*, XVIII, 8, est. II, fig. 8; estes objectos foram obtidos numa escavação que o Sr. Director fez;

um pedaço de cobre achado na herdade dos Pintos (Fronteira), informe;

um pedaço encurvado de cobre ou bronze, achado no sítio da Lapa, frêguesia e concelho de Fronteira;

um cartão com quatro «ganchos de meia» artisticos, de Castelo de Vide;

um cartão com três amuletos semilunares, de Castelo de Vide;

um machado chato de bronze ou cobre, Elvas;

nove figuras artísticas de barro (das Devesas?), compradas no antiquário Vilas;

uma adobeira de madeira do concelho do Bombarral (fôrma de fazer adobas); este objecto foi oferecido pelo fabricante Sr. António Vicente da Silva, da Columbeira;

um forcado do concelho do Bombarral;

oito instrumentos de pedra polida do concelho do Cadaval; um destes instrumentos, o que tem o número de entrada 5:446, foi oferecido pelo Sr. António Nunes Pereira dos Reis, da Vermelha;

treze instrumentos de pedra polida do concelho do Bombarral;

um instrumento de pedra polida da Azinheira, concelho do Rio Maior;

nove instrumentos de pedra polida, do concelho das Caldas da Rainha;

um raspador de pedra polida de Vila-Boa, concelho do Sabugal, oferecido pelo Sr. Dr. Joaquim Manuel Correia;

seis instrumentos de pedra polida com aspecto de brunidores (alguns dêles foram primitivamente machados, depois adaptados para outro uso);

um cabaço da Estremadura, de lata;

uma canada de barro, meados do século XIX, da Da Gorda (Cadaval);

uma meia canada de barro, meados do século XIX, da Da-Gorda (Cadaval);

um meio-quartilho de barro, meados do século XIX, da Da-Gorda (Cadaval);

medidas de vidro para 5 réis e 10 réis de aguardente da Da-Gorda (Cadaval);

um cacifo (cacifro) de ferro: medida de uma maquia de moleiro, do Peral, concelho do Cadaval;

veio antigo de moinho, de pedra, do Landal (Caldas da Rainha);

um machado de pedra, do Pó (Bombarral);

um forcado de ferro, de dois dentes, comprado em Rio Maior;

um ancinho de ferro, de cinco dentes, comprado em Rio Maior;

uma forquilha de cinco dentes curvos, comprada em Rio Maior;

um grenanço de três dentes, de ferro, comprado em Rio Maior;

uma cestinha de vêrga feita por cegos do Asilo de Castelo de Vide;

uma cabaça (mareada) para vinho, do Baixo-Douro;

um cabaço (marcado) dos lumes, para pôr fósforos, Baixo-Douro;

um púcaro de lata, de Lisboa;

um aro de fazer queijos, de madeira, da Beira;

um aro de fazer queijos, de lata, de Lisboa;

um migalheiro (mealheiro) de lata, de Lisboa;

- uma lata para chá, de Lisboa;
- um corredor para o açúcar e o arroz nas mercearias, de Lisboa;
- uma ripadeira de lata para fazer doce de abóbora, de Lisboa;
- um *cabaço* dos garfos, de cabaço «colondro», de Baião;
- uma roca de sabugueiro, ornamentada, trabalho de um pastor de Vilarouco;
- uma bengala cujo castão é uma cabeça humana feita à navalha (arte popular do Baixo-Douro);
- um prato covo, de estanho, de Portalegre;
- seis pratos baixos, de estanho, comprados em Portalegre; têm a marca: P. B.^{co};
- um gomil de estanho, comprado em Portalegre;
- uma cafeteira de estanho, idem;
- uma peça composta de três partes, idem;
- dois pares de castiçais de estanho, idem;
- uma costela e uma esparrela para apanhar pardais, de Avis;
- uma colher de madeira, para tirar a comida, de Avis;
- uma colher de pau, de Avis;
- um batedor de madeira, de Avis;
- duas pintadeiras de madeira, Avis;
- uma par de pintadeiras pendentes de uma argola de madeira, de Avis;
- meia fôrma para fazer doces, de madeira, de Avis;
- uma fôrma completa, de madeira para fazer doces, Avis;
- uma punhal, de Fronteira;
- uma estátua de Apolo, de pedra, proveniente do concelho de Alcoutim: vid. *Religiões da Lusitânia*, 111, 234; esta estátua fazia parte da colecção de Estácio da Veiga e veio da Academia das Belas-Artes;
- seis fôrmas de (respectivamente): *coturno* de homem, *meiuco* de criança, *meia* de menina, idem, *coturno* de rapaz, *meia* de mulher, todas provenientes de Mondim da Beira, outrora chamada Mondim das Meias, por nela se fazerem muitas;
- dois ex-votos de prata, olhos;
- uma jarra de faiança antiga, portuguesa;
- uma azeiteira dupla, da fábrica de Portalegre;
- oito lascas de sílex que se vendem para *petiscar lume*. Vêm de ao pé das Caldas da Rainha;

- uma chapa de latão, do capacete da cavalaria;
 um copo de vidro, antigo e grande, de Castelo de Vide;
 um quartão de barro antigo (preto), para vinho; levava
 12 $\frac{1}{2}$ quartilhos; adquirido em Castelo de Vide;
 um quartilho do mesmo barro e da mesma procedência;
 um par de jarras de faiança antiga, portuguesa, com os
 dizeres: S.(enhora) Docarmo;
 seis ex-votos de madeira, vindos de Sátão;
 três ex-votos de lata (olhos);
 um testículo de prata, oferecido a S. Gonçalo de Amarante;
 três gargantilhas de prata, oferecidas em ex-voto, da Boa
 Nova (Terena);
 uma muleta alegórica, de madeira, de S. Tiago do Cacém;
 quatro ex-votos de pau, figurando animais, adquiridos em
 Sátão;
 um assentador de aço, encabado, dos arredores de Lisboa,
 Idanha;
 um instrumento da Nova Guiné, constituído por uma lâmina
 de pedra, de forma de machado neolítico, polido e por um cabo
 que termina em ponta; a lâmina está segura por fitas vege-
 tais. O todo tem o aspecto de formão. Foi adquirido em
 Londres na casa comercial de Fenton & Sons, 11 New Oxford
 street;
 um punhal cuja fôlha é de obsidiana, e cujo cabo é de ma-
 deira mui leve; na ligação da folha com o cabo há uns orna-
 tos ondulados pretos e brancos; foi adquirido na mesma casa
 em que foi o anterior;
 um manuscrito, *Subida do Monte Carmelo*, séc. XVII ou
 XVIII;
 uma pedra (lousa), das crianças aprenderem as contas,
 com o respectivo lápis;
Miscelânea poética, ms. do séc. XVIII, comprado na Livra-
 ria Lusitana;
 um manuscrito do século XVII, latino e português, in-folio;
 uma candeia de lata, dos lagares de azeite, das Caldas da
 Rainha;
 um machado chato, de cobre ou bronze, dos arredores de
 Évora, comprado ao relojoeiro Rêgo, de Évora;
 um almofariz de bronze e mão. O almofariz é ornamen-
 tado de caras; foi comprado no mesmo relojoeiro;
Epithalamio dos... despozorios do Ill.^{mo} S.^{or} Anselmo da Silva

Franco, Lisboa 1816, encadernado de sêda com as figuras de dois corações atravessados por setas, e encimados de uma coroa de flores;

uma caixa de rapé, redonda, com o retrato de D. João VI estampado por fora;

um registo da Senhora da Nazaré, encaixilhado (o registo é artístico);

dois objectos de bronze antigos: fundo de baihna e chapinha com vestígios de dourado. Comprados em Évora;

Patente da Confraria dos Escravos da Senhora da Conceição, impressa, 1865;

uma *Carta dos privilegios do tabaco* (1817), impressa;

um quadro emoldurado que representa a história de Martin de Freitas, diante do túmulo de D. Sancho II;

O *Triunfo da Inocencia*, comédia em 3 actos, por Luís José Bayardo, copiada em 1829; manuscrito;

Zulmira, drama em verso, por António Xavier de Azevedo; manuscrito do século XIX;

La nueva luz del Carmelo, comédia nova, autor Josepho da Mota y Silva. É escrita em espanhol; século XVII ou XVIII;

quatro estampas alusivas às viagens dos portugueses, século XIX;

uma colecção de louça infantil e outros objectos infantis relacionados com a casa: a) funil, fogareiro, regador, chocolateiras ou cafeteiras (2 exemplares), bilha, prato, jarro, panela, almotolia, pimenteiro, tegela da casa, púcaro, cabide com o saco do café, frigideira, passador para cozinha, chaleira: tudo de lata, feito em Lisboa;—b) tenaz de lata pintada de preto; há as igualmente pintadas de preto, para o cisco; grelha de arame para peixe, vassoura de palma para varrer o chão, feitas em Lisboa;—c) mealheiro, bilha, dois púcaros (de tamanhos diferentes), tegela, tacho, vaso para flores, tacho de rabo, prato, tudo de barro não vidrado (de Mafra);

um bebedouro de pássaros, de barro, comprado em Mafra;

três copinhos de madeira para vinho, ornamentados, feitos por um pastor do Alentejo;

uma enchadeira de pau (imitação das de lata) para encher as tripas com carne e fazer chouriços. Ameixial de Estremoz, feita pelo mesmo pastor;

umas trancanholas (ou castanholas) de madeira ornamentadas, feitas pelo mesmo artista;

uma colher de madeira ornamentada, feita pelo mesmo artista;

duas fôrmas de fazer cordões, ornamentadas, feitas pelo mesmo artista;

uma medalha de madeira, de corrente de relógio, a qual representa 1\$000 réis de D. Carlos. Feita pelo mesmo artista;

uma fusileira ou bolinha de pano bordado, para fusil, isca e pederneira; do Ameixial de Estremoz;

um reclamo de fole, do Ameixial de Estremoz;

um amuleto: anel singelo de latão contra a melancolia, do Alandroal;

um amuleto, caroço de tâmara, contra sofrimento do peito de quem anda a criar, do Alandroal;

um receptáculo de lâmpada, para iluminação, de Lisboa;

um par de corações de pau prateado, com iniciais à pena e fixas numa travessa. Para leito de noivos? De Lisboa;

um quadro (gravura) moderno, que representa a procissão dos Passos da Graça, de Lisboa;

um par de pauzinhos, feição de castanhetas, que os rapazitos tocam pelas ruas de Lisboa (é agora moda, Março-Maio de 1915). Tocá-se colocando os paus entre os dedos;

uma coleira de cão, de correia, com chapa e argola de metal, de Lisboa;

um selo de chumbo do Hospício ou «Roda» de Estremoz;

um amuleto feito de dez réis de D. Luís: representa uma meia lua com uma imperfeita figa na curva, do Ameixial de Estremoz;

Primera parte de la vida de Cristo de Frei Christoval de Fonseca, Lisboa 1600. (Comprada para a secção da «História do Livro»: impressão e encadernação);

um assobio de lata, de ventoinha, brinquedo infantil. (Praça da Figueira, S. João de 1915);

uma colecção de sinas (prosa e verso) compradas em Lisboa em Junho de 1915;

um manuscrito de fisiologia (e anatomia) adquirido em Vila Rial de Trás-os-Montes em 23-VIII-915;

um «tropêço» de cortiça, novo, com alguns enfeites, de Avis;

uma cunha para pelar peles: vid. *O Arch. Port.*, XIX, 388;

uma corna de Sousel, muito bem adornada: vid. *O Arch. Port.*, XIX, 390;

uma cardoa, de Évora: vid. *O Arch. Port.*, XIX, 389;

um ferro de puxar (peles): vid. *O Arch. Port.*, XIX, 388;
uma corna com labores, por acabar. De Portalegre; foi adquirida para se mostrar como se faz o trabalho;

um furador de fazer ilhós: Fronteira. É feito de madeira e tem labores que imitam um torneado;

um pino de esteva para coser o cortiço de alto a baixo. Avis;

um pino para pregar a tampa e fundo do cortiço. Avis;

uma corna, de Avis, 1910, com ornatos mágicos;

amuletos da Beira-Baixa: «pedras de S.^{ta} Ana», cristais de piritite de ferro, transformados por oxidação em sesquióxido. (Linhares da Serra);

um palito ornamentado;

dois exemplares de barbilho (Tomar) para a boca dos cabritos, para não mamarem;

um instrumento de bronze, de forma de chave (com dentes), análogo a outros que servem para marcar bolos. Do Alentejo onde aparecem muitos;

um sinete de prata com cabo de pau preto. Adquirido em Fronteira em 1914;

um «azeiteiro»: chifre de boi adaptado a fraseco, com tampa de cortiça e pregaria metálica, de Avis;

um reclamo para atrair os perdigões (Sousel);

um furador para fazer ilhós nos coletes, de Sousel;

um sinete metálico, adquirido em Évora: vid. *O Arch. Port.*, XIX, 389;

uma corrente metálica, preta, de relógio;

um polvorinho de chifre, artisticamente lavrado e acompanhado de respectivo carregador, também artístico. Alentejo;

uma corna ornamentada com símbolos amorosos, mágicos, etc. Galveias. (Adquirido em 1912);

quatro sovinos ornamentados, das Galveias. (Adquirido em 1912);

uma pintadeira dupla; dois pingentes unidos por uma argola. Pau inteiriço. Adquiridos em Castelo de Vide, em 1914;

uma fôrma de fazer cordões, ornamentada. Adquirida em Fronteira, em 1914;

um tinteiro de faiança antiga, portuguesa, adquirido no Alentejo;

um «breve» de Vilaroco, acompanhado de três contas pretas; uma travessa de faiança antiga, portuguesa;

um instrumento de madeira, ornamentado, que servia talvez para fazer cordões. Adquirido no Vilaroco em 1914;

um tarro de cortiça, das Galveias, adquirido em 1912;

um polvorinho de chifre muito ornamentado; trabalho pastoril do Alentejo, adquirido em 1912;

um brinquedo de barro que representa uma junta de bois jungidas. Serve também para ter em cima da mesa. Comprado na Praça da Figueira, em Junho de 1915;

um assobio de barro, que representa um lagarto colorido, da mesma procedência;

um açucareiro de estanho, com tampa, da mesma procedência;

uma medida de pau, de base rectangular, para sólidos, com marcas de aferição; adquirida em Castelo de Vide, em 1914;

uma bacia de estanho, de barbear adquirida no Alentejo (Portalegre) em 1914;

um prato redondo, de estanho, da mesma procedência;

uma fechadura antiga, muito sólida, com a respectiva chave de ferro, adquirida em Castelo de Vide, em 1914;

meia faca de sílex «descoberta nas escavações feitas no monte de S. Roque, no Minho, por Possidónio da Silva, 1877» (nota manuscrita dele próprio que acompanhava o objecto). Comprada ao neto em 1915. Pertencia ao espólio do arqueólogo Possidónio da Silva;

uma asa de sítula de bronze que se comprou ao neto de Possidónio da Silva e tinha a seguinte nota, manuscrita, deste: «P. da S., n.º 53, Nabancia, Romano»; da mesma procedência que o objecto anterior;

uma ponta de seta de cobre ou bronze, folha de loureiro, do espólio de Possidónio da Silva (sem indicação);

um *pondus* de barro, romano, tronco de pirâmide, com orifício transversal e grosseira ornamentação de traços cruzados, nas mesmas faces dos furos. Sem indicação; comprado em 1915. Pertencia ao espólio de Possidónio da Silva;

Crónica de El-Rei Don Duarte, de Rui de Pina. Manuscrito comprado ao neto de Possidónio da Silva;

Acordaons e eleigoens da matrix de S. Pedro de Obidos. Livro manuscrito, de 1752. Do espólio de Possidónio da Silva a cujo neto foi comprado. No Museu Etnológico já há outros manuscritos da mesma igreja;

Aritmetica pratica, por Alberto Taqueri de Sales, manuscrito de 1764, da mesma procedência;

Rezum(o) de Sales (título da lombada): isto é, resumo da obra mencionada no número anterior. Da mesma mão e procedência;

Aparição de Jesus Cristo a El-Rei D. Afonso Henriques, 2.^a parte. Manuscrito do século XVIII, da mesma procedência;

Breviarium Bracarense, edição de D. Rodrigo da Cunha, Braga 1634, da mesma procedência;

costura de cortiça, com ornamentação (escultura pintada), do Ameixial;

arrebicas ou grupo de amuletos (meia lua feita de uma moeda, figa e cornicho, cruz etc.). Do Ameixial;

três ganchos de meia de madeira, artisticamente esculpidos por pastores (Ameixial);

dois pauzinhos para contar medidas de vinho que saem do lagar para o tonel ou pipa, ou destes para vender. De Baião;

dois registos: um de *Por ter amor* [Anjos f(ecit)], outro do Senhor da Piedade;

lápide funerária de Frende, com o suástica flamejante, e «CONVGI. P. C.»;

lápide de granito, em duas metades, com um ornato central;

uma lápide funerária da cidade de Viseu. D. M. || FIRMINI || FIRMI. AN. XX, etc;

duas pedras graníticas do castro de S. Paio (Sinfães);

um capitel que estava numa quinta ao lado dos Anjos;

doze lápides do cemitério visigótico de Mértola, explorado pelo Sr. Director em 1908;

um monólito com lavores, de Sines, descrito e figurado no *Arch. Port.*, XIX, 323, fig. 60;

um instrumento polido, quebrado numa ponta, com sulco central ao meio de uma das faces maiores, e mais dois a cada lado deste sulco maior. Veio dos arredores de Évora. Objecto prehistórico muito raro;

treze machados de pedra, dos arredores de Évora;

dois *pondera* de barro, de Beja;

um podão de ferro tido como romano, dos arredores de Évora;

um machado polido de 0^m,22, de Múgem;

três machadinhos de pedra, do mesmo local;
dois *verticilli* romanos de S. Bartolomeu de Messines (Algarve);

um sêlo metálico do séc. xv, que diz: S(ello) (de) *Don Martinz q(u)e foi alcaide de Viana*, proveniente de Évora;

um machado de pedra polida, dos arredores de Évora;

uma figura de barro, que representa uma mulher do tipo popular, com a roca e o fuso; foi comprada na Praça da Figueira;

três ganchos-de-meia, da Estremadura;

um canhão de madeira gravada, com aplicações de chumbo; de Lagoaça, Freixo de Espada-à-Cinta;

uma figura de barro que representa um padeiro; é moderna e foi comprada na Praça da Figueira;

um assobio de barro, que representa um saloio, moderno;

miscelânea manuscrita: a) *Inconstancia da Fortuna*; b) *Adiçoens e... para a Historia das Antiquidades de Beja... Autor desta Historia, Félix Caetano da Silva*. Volume in-fólio, séc. xviii: vid. *O Arch. Port.*, xvii, 113. Acêrca do Autor, vid. o mesmo periódico, vol. v, 228;

um capitel de pedra medieval (arábico);

uma lápide romana de ao pé da Capinha: vid. *O Arch. Port.*, vol. xxii, no artigo «Pela Beira»;

uma caixinha de coiro com filetes dourados, para conter um livro. Adquirida em Estremoz, em 1916;

um almofariz e mão de bronze; o almofariz é decorado de caretas. Comprado em Belém;

um album de desenhos de moedas, colados;

um manuscrito do *Hissope* com anotações marginais;

Memoria das moedas, de Lopes Fernandes, anotado por ele em quasi todas as páginas, com apontamentos também dele no fim, papéis, desenhos e decalques pelo meio;

um machado de bronze, de caneluras, e uma asa; dos lados de Margaride (Felgueiras). Comprado em Guimarães;

duas carrancas de asas de sítula, compradas em Évora;

uma letra de 7-xii-1821;

um *cocharro* de chifre, comprado em Lisboa;

uma verónica da Senhora do Cabo;

um capitel marmóreo de Beja;

um pedaço de mármore com restos de inscrição da muralha de Beja;

um cilindro de mármore com uma cruz em cada face, de Beja;

um capitel romano, de Beja;

um mármore com flores estilizadas, de Beja;

Extracto do ensaio geral da tática para uso da Escola de recrutas do Regimento de Cavalaria de Castello Branco; manuscrito do seculo XVIII, comprado em Lisboa num alfarfabista;

Oração de M. Tullio Cicero a favor de T. Annio Milão, vertida em português por A. L. C.; comprado em Lisboa num alfarfabista;

A Sr.^a **D. Sofia Furtado Coelho** ofereceu um machado neolítico Gáfete (Crato);

O Sr. **José Bensaúde** ofereceu uma figura de cortiça das que costumam colocar-se no alto dos mastros dos barcos do Tejo;

O Sr. Conservador **Pinto da Fonseca** adquiriu por compra um candieiro de metal amarelo, de quatro bicos, com balde, pinça, espevitador e quebra-luz;

O Sr. Professor **Sales**, do Liceu de Pedro Nunes, ofereceu uma colecção de dezasseis reduçõeszinhas de objectos de barro negro que se vendem em Vila Rial durante a feira de Santo António;

O Sr. **Dr. Artur Lamas** ofereceu dois arganéis de ferro, comprados em Vizela (Minho);

O Sr. Conservador **Pinto da Fonseca** adquiriu por compra os seguintes objectos: um maço de madeira para bater o sal nas fôrmas;

seis fôrmas para o sal, com desenhos, cada uma composta de cinco partes;

um machadinho de fibrolite, dos arredores de Pavia;

dois machados de cobre, um grande, esmocado, outro pequeno, perfeito, adquiridos em Évora;

um escopro de cobre, da mesma proveniência;

sessenta e dois machados de pedra, de diversos tamanhos, feitos e substâncias, adquiridos em Évora;

um martelo feito de um antigo machado, da mesma proveniência;

um instrumento chato e longo, de pedra, furado nas extremidades, da mesma procedência;

um martelo feito de um fragmento de machado, com duas depressões laterais para percussão do objecto;

um prato grande, antigo, decorado a azul, adquirido em Pancas;

dois pratos covos, de estampilhas, tendo um o desenho de um gaiteiro saloio, no fundo; é da mesma procedência do anterior;

três vasos de cerâmica vidrada, popular, de Coruche;

um crucefixo de bronze;

duas lápides cupiformes, com inscrições; vieram do concelho de Sintra;

quatro pratos de faiança, antigos, do Alentejo;

um *infundibulum* de bronze, com orifício na parte superior, para subir e descer na haste de um candeeiro ou candelabro; romano; do sítio da Mata (Pavia), onde aparecem vestígios romanos;

várias mós primitivas, do castelo de Pavia (idade calcólica) explorado pelo mesmo Conservador;

vários teijolos da estação romana de Vila Verde (Sintra);

três fragmentos de uma pedra escavada, circulante, da mesma estação de Vila Verde (Sintra);

três pedaços de cabeceiras sepulcrais cristãs das Odrinhas (Sintra);

um mármore decorativo romano com uma estrêla de seis raios, de Cabeção (Alentejo);

três assobios de barro, comprados em Lisboa, que representam, um a cabeça de João Franco, outro um eclesiástico, outro o busto de uma freira;

uma pintura com vários temas de uma cozinha à portuguesa;

quinze pratos comprados em Pavia, Cabeção e Vimieiro, por ocasião da segunda excursão arqueológica do Conservador ao Alentejo (1914);

três canudos de barro vidrado, de arte religiosa, comprados em Pavia;

uma jarra de barro de Estremoz, de Pavia (igreja paroquial);

dois anjos de faiança, pintados de azul e amarelo, de Pavia (igreja paroquial), provavelmente do século XVII;

um prato pequeno, de estanho, de Brotas (Alentejo);

um frasco de vidro, pintado com flores brancas e azuis, de Pavia;

um galheteiro completo, de estanho, de Cabeção;

um azeiteiro e um tinteiro de estanho, comprados em Pavia, do Alentejo;

- um alcatruz medieval, de Évora;
- 45 tegelinhas para iluminação, de barro, do século passado,
- do convento das *Mónicas*, de Évora;
- cinco verónicas de Nossa Senhora, da Estremadura;
- uma ventarola de madeira;
- vinte tegelinhas, de barro, de Évora;
- duas panelas de louça (Tórres Vedras);
- uma cafeteira, da mesma procedência;
- uma infusa, da mesma procedência;
- um telhador, da mesma proveniência;
- um pôtezinho com asas, antigo, de louça alentejana;
- uma rabeira, tacho de rabo, de louça de Árgea;
- dois vasos para flores, da mesma procedência;
- um boneco de louça das Caldas que representa um forçado em posição de *pegar*;
- dois bonecos de barro, pequenos, que representam figurantes de presépio infantil, moderno;
- sete figuras de barro, pequenas, que representam indivíduos vestidos com trajes populares;
- nove figurinhas de barro, de presépio, pequenas;
- (caixilho) com um bolo de mel, dos que se vendem nas feiras do Algarve; este está marcado com uma fôrma;
- funil feito de um pedaço de cabaça;
- nove moldes de fôlha de Flandres que servem para fazer desenhos em tapêtes, de Lisboa e arredores;
- dois pares de galochas, sapatos de abafar, de sola de madeira, do Algarve;
- uma bilhinha de louça de Mafra (dã Neuda);
- um coco com tampa da louça de Mafra (Neuda);
- uma cangireta de louça, da mesma localidade;
- um garrafão de louça, da mesma procedência;
- um boião de louça de Mafra, das Mercês;
- um pote usado, de louça, da mesma proveniência;
- uma cafeteira de louça, da mesma localidade;
- duas cabacinhas de louça, da mesma localidade;
- uma bilha pequena, só com uma asa, da mesma localidade;
- um pratinho, pintado com dois corações, da mesma localidade;
- um prato saloio, grande, da mesma proveniência;
- um prato saloio, pequeno, da mesma procedência;

- dois pratinhos, pintados, um com cadeia de circunferências e o outro com um galo, da mesma proveniência;
- uma infusa pequena, da mesma procedência, mas comprada em Pavia (Alentejo);
- uma infusa, de barro claro, de Brotas (concelho de Mora), Alentejo;
- um telhador, furado, de Pavia, do Alentejo;
- um testo, da mesma localidade;
- uma grelha de fogareiro, da mesma proveniência;
- um barril pequeno, de duas asas, da mesma procedência;
- uma infusa grande, para água, de Viana do Alentejo;
- uma infusa de S. João, de asa entrançada, da mesma localidade;
- um barril normal, de Viana;
- uma infusinha, da mesma localidade;
- uma tegela de fogo, vidrada, da mesma localidade;
- um tacho fundo, vidrado, da mesma localidade;
- uma tegelinha, vidrada, da mesma localidade;
- duas tegelas, vidradas, da mesma localidade;
- uma cafeteira, de barro vidrado, da mesma localidade;
- uma rabeta ou tacho de rabo, da mesma localidade;
- uma almotolia para vinagre, da mesma localidade;
- uma almotolia, pequena, para azeite, da mesma localidade;
- uma terrina, vidrada, redonda, de louça de Santa Rita (Algarve), comprada em Faro;
- um alguídar, vidrado, pintado, da mesma localidade;
- dois púcaros, vidrados e pintados, da mesma localidade;
- uma quarta, de louça grossa de pasta grosseira, fabrico de Loulé;
- um púcaro, idem;
- uma bilha, grande, vidrada, fabrico de Loulé;
- três cangirões (jarros), vidrados e pintados, fabrico de Loulé;
- três borrachas, para azeite, vidradas e pintadas, de Loulé;
- quatro infusas, de duas asas, vidradas, de fabrico de Loulé;
- dois púcaros, um com asa entrançada, outro com asa simples, vidrados, de Loulé;
- um migalheiro, de barro, de feitio especial; fabrico de Moncarapacho (Algarve) adquirido em Faro;
- um prato, vidrado e pintado da mesma localidade;

um assador, pequeno, vidrado e pintado, assente sobre três pés, da mesma localidade;

dois fogareiros ou perfumadores, pequenos, um com duas asas, outro com uma, com tampas, vidrados e pintados, do mesmo lugar;

três panelinhas, pequenas, vidradas, com uma e duas asas, da mesma localidade;

uma bilhinha, vidrada e pintada, da mesma localidade;

uma borrachinha, vidrada e pintada, da mesma localidade;

quatro canecas, vidradas e pintadas, de formas diversas; dois pratos de cozinha, vidrados e pintados, fabrico de Loulé;

uma tegela pequena, vidrada, da mesma localidade;

um mealheiro de barro vermelho, fabrico de Moncarapacho (Algarve), para brincadeiras de crianças;

dois fogareiros, da mesma localidade e para o mesmo fim;

uma frigideira de rabo, idem;

um tachinho, vidrado, idem;

uma tegela de fogo com asas, vidrada, idem;

dois pratinhos, idem;

uma canequinha, idem;

uma panelinha, idem;

um cesto de palha, fabrico dos pastores de Oriola (Alentejo);

duas costuras de palha, fabrico dos pastores de Oriola Alentejo, Portel;

uma alcofa redonda e com tampa, enfeitada policrômicamente, de fabrico algarvio, adquirida em Faro;

duas alcofas compridas, com tampa, enfeitadas como a anterior, idem;

duas alcofas abertas (ceiras), com enfeites, idem;

um cesto de vime, grande, fabrico da Charneca, aldeia dos arredores de Milharado, comprado nas Mercês;

um cabaz saloio, de vime descascado, com varas coloridas pelo meio, comprado nas Mercês;

dois cabazes com tampa, de vime descascado, carregado de cores vivas, comprado na feira das Mercês;

três acafates de costura, pintados policrômicamente, de fabrico de Lisboa e seus arredores, comprado na feira das Mercês;

um cesto de meia (de meter as linhas, os novelos e as agulhas), colorido, comprado na feira das Mercês;

outro cesto idêntico, comprado na mesma localidade;

um cabaz de asa, com uma borda colorida, sobreposta, do tipo dos cabazes do Alentejo;

um açafate comprido, de vime descascado, sem côres, comprado na feira das Mercês;

dezanove pratos, na maioria grandes, vidrados e pintados, de louça comum do Redondo (Alentejo). Entre eles há muitos a que freqüentes vezes chamam «saladeiras». As pinturas têm em geral aparência antiga; comprado em Pavia;

três tegelas, pintadas e vidradas, da mesma proveniência;

uma tegela de fogo, vidrada, da mesma procedência;

dois alguidares, pintados e vidrados, da mesma localidade;

um pratinho de azeitonas (que serve de azeitoneira), da mesma localidade;

uma cafeteira, pequena, vidrada por dentro, do mesmo lugar;

três pratos de faiança portuguesa antiga, comprados na Oriola (Alentejo);

uma travessa, idem;

dois machados de pedra, da Alapraia (concelho de Cascais);

três azulejos pintados de azul, de figura avulsa (figuras geométricas) achados nos entulhos da Casa Pia;

um molde de palha, dos que servem para os tapêtes, comprado em Alhandra;

uma caixa circular de madeira fina, pintada à moda alentejana, verde, vermelha e negro, adquirida em Pavia (Alentejo);

alforges algarvios, com o rebordo das bôcas das bôlsas ornado de bordados populares, fabrico do Baixo-Alentejo, comprado na feira de Faro;

um prato grande de faiança, estilo dito Bico do Sapato (fim do século XVIII) comprado em Viana do Alentejo;

uma travessinha de faiança, do começo do século XIX, comprada na mesma localidade;

um prato fundo de louça do Redondo, moderno, tendo um peixe pintado, comprado na mesma localidade;

um seixo rolado com a forma de *coup-de-poing*, encontrado num terreno perto das ruínas romanas de Oriola (Alentejo);

um assobio infantil, feito de um caroço de pêssego;
mó neolítica, encontrada perto dos Jerónimos num monte de pedras vindas de Queluz;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço ao meu pingente*; adquirido em Lisboa;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço ao meu pindérico*; adquirido em Lisboa;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço ao meu talassa*; adquirido em Lisboa;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço ao meu barbeiro*; adquirido em Lisboa;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço à minha cegonha*; adquirido em Lisboa;

um prato de faiança grosseira, com a seguinte legenda: *ofereço à minha sogra*; adquirido em Lisboa;

dois moldes de fôlha, para tapêtes, de Lisboa;

um mealheiro de madeira coberto de desenhos de palha colorida, feito pelos presos do Limoeiro;

uma caixinha oblonga de madeira coberta de palha colorida, servindo de estojo de caneta, feita pelos presos do Limoeiro;

moldura de madeira, coberta de palha colorida e disposta à maneira de embutidos, feita pelos presos do Limoeiro;

um mealheiro de madeira, rectangular, com as faces lavradas com desenhos populares (rosetas, etc);

um anel feito de fios de piassaba entrançados, feito pelos presos do Limoeiro;

uma argola de guardanapo, feita de fios de piassaba entrançados, da mesma proveniência;

O mesmo Sr. Pinto da Fonseca ofereceu ao Museu, antes de ser Conservador:

um machado paleolítico, do Casal do Monte;

uma ponta de lança ou lâmina de punhal, de sílex, encontrada pelo oferente na estação neolítica de Vila Pouca, Monsanto;

dois instrumentos de sílex lascado (ponta de lança ou fôlha de punhal, e um *coup-de-poing*) encontrados pelo oferente em Monsanto;

um tejozinho de forma de paralelepípedo rectangular, recolhido pelo oferente em Óstia;

um disco de barro vermelho, da mesma procedência;

uma espingarda de cana das brincadeiras das crianças, de Lisboa;

uma ponta de sílex alvo, patinada, perfeita, proveniente de Monsanto;

um fragmento de uma cruz antiga, de consagração, de pedra de Ançã e pintada, encontrada nos entulhos de demolição do claustro da Sé Velha de Coimbra.

O Preparador, Sr. **Chaves Lopes** adquiriu por compra os seguintes objectos:

uma borracha para vinho;

um «gato para» transportar vinho;

uma ampulheta para marcação de cinco minutos;

uma gaiola para aves;

cinco gaiolas de modelos diferentes, para grilos;

uma figura de barro, fabricada em Barcelos, simbolizando a República;

uma caneca de louça com uma pintura alusiva à República;

caneca de louça, antiga, portuguesa, da Fábrica Darque;

uma tegela de faiança, antiga, portuguesa;

oito figurinhas de barro vestidas à maneira popular, algumas com traje de toureiro;

uma carta de formatura em Cânones, na Universidade de Coimbra, passada em português e latim; pergamináceo com orla e inicial iluminadas. Foi dada «aos 15 de Janeiro de 1760», ao bacharel José António Pacheco. Adquirida em Estremoz;

uma chapa do boné e chapéu dos guardas da C(asa) R(eal) Tapada de Mafra;

um gancho de madeira, em forma de folha de trevo de quatro lóbulos, adquirido em Santa Vitória do Ameixial;

um monólito de Santa Vitória do Ameixial, com *Bono reip. natus*, achado fora do mosaico.

O antigo Conservador, Sr. Dr. **Félix Alves Pereira**, adquiriu os seguintes objectos, oferecidos pelo S.^{or} Morgado Marrocos:

uma lápide igitaniense, com forma de baú, e desenhos em um dos topos. Trazida de Idanha-a-Velha;

uma lápide igitaniense com uma inscrição que diz: *Decia Ve || nusta Igae(ditanensis) ||*; vinda de Idanha-a-Velha;

uma lápide igitaniense que diz: *TI. CLAUDIO REDEMP || TO. VRBANA LONGINI || LIB(esta). ET SIBI. || F. C. ||* obtida em escavação;

uma lápide igeditaniense com uma inscrição que diz: CCVRIO
|| CFQ CLEMEN || TINO || CVALERIVS RV.... || ;

uma lápide igeditaniense com uma inscrição metrificada,
que começa *Pubescens ego*, etc.;

uma lápide de Idanha-a-Velha com uma inscrição que co-
meça: IVLIAE, etc.;

E obteve mais:

a parte superior de uma ara de granito de Cendufe, Val-
devez;

a parte superior de um cipo de granito, com letras em
três faces, dos Arcos de Valdevez;

mó do Alto do Estoril (Lisboa), côncava;

uma pedra ornamentada, brigantina, de Idanha-a-Velha,
talvez protolstórica;

um pedra ornamentada, de Valdevez;

um fragmento de tampo de sepultura bárbaro-medieval,
de Valdevez, com restos de insculpturas;

uma pedra ornamentada, de Valdevez; talvez protohistó-
rica;

um sílex ornamentado, talvez protohistórico, de Valdevez;

um paralelepípedo ornamentado nas quatro faces, em dois
fragmentos, do Castro de Cendufe (Valdevez);

uma voluta de granito, talvez de monumento sepulcral,
com uma estrêla e uma meia lua, do Alentejo;

duas colunas (fustes), uma estriada e outra lisa. Do Alen-
tejo, talvez de Viana;

um fuste, de secção elíptica, de Valdevez, castelo de S.
Miguel, o Anjo;

várias pedras de castros de Valdevez, protohistóricas;

várias outras pedras de castros de Valdevez, protohistó-
ricas;

pedras de castro do Alto Minho, protohistóricas;

um capitel calcáreo, de Odrinhas;

O antigo Preparador Sr. José de Almeida Carvalhais obteve os
seguintes objectos:

um sarcófago de pedra, de Alfeizerão, em pedaços; figu-
rado n-*O Arch. Port.*, VIII, 90: cf. p. 91, e *Religiões*, III, 380;

uma lápide com suástica, e inscrição: FVSCVS SEVERI F.
etc., da Guarda;

uma cabeça de animal, de granito, do castro de Arados:
cf. *Religiões*, II, 287-288;

O Sr. Major **Fernando Barreiros** ofereceu os seguintes objectos:

uma estela granítica funerária romana, com inscrição falhada; na parte superior da estela, que terminava em ângulo, gravou-se uma figura humana barbaríssima, e sobre a cabeça desta um crescente. Apareceu no leito de um riacho, no sítio de Paroselos, freguesia de Padroso, concelho de Montalegre; o riacho chama-se *Rigueiro dos Mouros*;

uma ara, já sem letreiro, achada no sítio da Veiga de Carigo, de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre; perto dêste sítio há um castro;

mola manuária do sítio de Lamego, aro da povoação de Pedrário, freguesia de Sarraquinhos, concelho de Montalegre, onde também apareceram pedaços de tégulas, e há uma sepultura aberta em rocha;

mola manuária do sítio de Soutelo, concelho de Montalegre, próximo de um castro «onde o povo diz ter havido uma cidade». No mesmo sítio apareceram pedaços de tégulas que vieram para o Museu;

mó primitiva achada em um dólmen do concelho de Montalegre. (O dólmen não tem nome, mas fica perto da Capela da Senhora das Neves);

mola manuária do sítio de Pardieiros, concelho de Montalegre, onde aparecem pedaços de tégulas;

um machado de cobre, de forma de cunha, achado no sítio da Lagoa, freguesia das Gralhas, concelho de Montalegre;

mola manuária do Castelo do Romão (castro) da freguesia das Gralhas, concelho de Montalegre;

três jarros de louça (boiões de farmácia) um dêles com tampa, e outro com uma faixa oblíqua e o dístico: IEROPIGA; de Montalegre;

um lampeão cilíndrico de lata; cobertura cónica, provida de anel de suspensão, de Montalegre;

uma pedra rectangular com dois orifícios (para defesa do pulso, ao arremessar a seta?) achada no sítio de Ferrialhos, freguesia de Cervos concelho de Montalegre;

O Sr. Dr. **Joaquim P. Rebêlo Arnaud** ofereceu:

dois vasilhos preistóricos, achados na anta da Forca, junto de Pavia;

três chapões de lousa, ornamentados, fragmentados, de mesma anta;

um machado chato, novo em fôlha, da mesma anta;
um instrumento de pedra com o feitio das modernas pica-
retas, da mesma procedência;

O Sr. **José Homem** ofereceu:

um instrumento oblongo, do feitio de um escopro, de pe-
dra esbranquiçada, achado numa anta a leste de Pavia;

O Sr. Dr. **Alberto Osório de Castro** ofereceu os seguintes objectos:

um diadema emplumado dos dançadores de *têbedai* (batu-
que ou dança de guerra e de cerimonial, do reino de Lantêm
(Timor);

rabeca que tem a caixa feita de coco, e o cabo de madeira
da cidade da Praia (Cabo Verde);

um guarda-chuva de fôlha de palmeira, de uso geral em
Timor (Indonésia);

um recipiente para água, feito de uma fôlha de palmeira;
da ilha de Ataúro ou Pulo-Cambing (Timor); encontrado junto
a um poço na praia do Sul;

um modelo de uma casa *lulik* «tabú» de uma aldeia do
reino português de Lantêm (Timor). Nestas casas se guardam
certos objectos *lulik*, por exemplo, um bracelete e machado de
bronze que estão no Museu;

uma arma de cana, para atirar aos *pastrinhos* «passari-
nhos», em Timor. Arremessa-se com arco, como as setas;
(domínio português);

um bracelete de bronze, de Timor, achado numa casa
lulik;

um porrinho com cara tatuada, dos Celes, povo das cerca-
nias do Novo Redondo (África, Loanda);

O Sr. Prof. **Benardino Barbosa** ofereceu os seguintes objectos:

um relógio de sol, de pau, ou meridiano, de «José da
Silva»;

uma candeia de ferro, moderna, para azeite, de Loulé;

um unguentário de vidro, romano, do Algarve, da Horta
do Ramos (Luz de Tavira).

A Ex.^a Sr.^a D. **Isabel Maria Rodrigues** ofereceu:

um espécime de encadernação do século XVIII;

O Sr. **Joaquim David Gomes** ofereceu:

quatro fotografias com aspectos da Igreja do Espinheiro
(Évora);

uma senha da C(antina) da I(mpressão) N(acional) de Lis-
boa;

O Sr **Pedro de Azevedo** ofereceu:

um manuscrito de 1817, de Pangim, respeitante a Cândido José Mourão Garcez Palhã;

«Famosa comédia em 5 actos intitulada *A Scencebilidade*» copiada em 1858, manuscrito;

um manuscrito hespanhol do século XVIII, que começa:

A la purissima concepción de la siempre Virgen de Vigo. In-8.º de 389 fls. numeradas. Comprado num alfarrabista de Lisboa pelo oferente;

uma *Planta topografica da varzea de Vila Nova da Rainha*, levantada por Teodoro Marques Pereira da Silva & Feliciano José Pereira da Silva.

Por intermédio do Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha**, foi oferecido ao Museu, pela junta de paróquia de Paredes de Coura:

uma lápide romana, funerária, cortada nos lados, o que estragou a inscrição; estava na igreja de Rubiães (Paredes de Coura);

O mesmo Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha** ofereceu:

uma lápide do deus Macarius: vid. *Religiões*, III, 167.

LUÍS SAAVEDRA MACHADO.

Hierologia lusitanica

(Novos aditamentos às *Religiões da Lusitania*, vol. I a III)

A hierologia lusitanica, a que consagrei tres grossos volumes, vindos a lume respectivamente em 1897, 1905, e 1913, é, por assim dizer, assunto inexgotavel, porque estão sempre a aparecer documentos novos. Para os registar, bem como para esclarecer ou corrigir pontos já tratados, e para dar noticia de cousas que primeiro me escaparam, ou de outras, inauguro hoje n-*O Archeologo* a presente secção, em que sucessivamente irei abrindo capitulos à medida que outras occupaões me permitirem escrever.

1.—Pedra de anel

(Fig. 1)

Deram-me ha muitos anos um decalque da pedra de um anel romano de ouro, o qual decalque represento no adjunto desenho (de

O Sr **Pedro de Azevedo** ofereceu:

um manuscrito de 1817, de Pangim, respeitante a Cândido José Mourão Garcez Palhã;

«Famosa comédia em 5 actos intitulada *A Scencebilidade*» copiada em 1858, manuscrito;

um manuscrito hespanhol do século XVIII, que começa:

A la purissima concepción de la siempre Virgen de Vigo. In-8.º de 389 fls. numeradas. Comprado num alfarrabista de Lisboa pelo oferente;

uma *Planta topografica da varzea de Vila Nova da Rainha*, levantada por Teodoro Marques Pereira da Silva & Feliciano José Pereira da Silva.

Por intermédio do Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha**, foi oferecido ao Museu, pela junta de paróquia de Paredes de Coura:

uma lápide romana, funerária, cortada nos lados, o que estragou a inscrição; estava na igreja de Rubiães (Paredes de Coura);

O mesmo Sr. Dr. **Narciso C. Alves da Cunha** ofereceu:

uma lápide do deus Macarius: vid. *Religiões*, III, 167.

LUÍS SAAVEDRA MACHADO.

Hierologia lusitanica

(Novos aditamentos às *Religiões da Lusitania*, vol. I a III)

A hierologia lusitanica, a que consagrei tres grossos volumes, vindos a lume respectivamente em 1897, 1905, e 1913, é, por assim dizer, assunto inexgotavel, porque estão sempre a aparecer documentos novos. Para os registar, bem como para esclarecer ou corrigir pontos já tratados, e para dar noticia de cousas que primeiro me escaparam, ou de outras, inauguro hoje n-*O Archeologo* a presente secção, em que sucessivamente irei abrindo capitulos à medida que outras occupaões me permitirem escrever.

1.—Pedra de anel

(Fig. 1)

Deram-me ha muitos anos um decalque da pedra de um anel romano de ouro, o qual decalque represento no adjunto desenho (de

Saavedra Machado): fig. 1. Este anel apareceu em Gouveia (Beira-Baixa).

Parece-me poder interpretar-se do seguinte modo o decalque: uma figura (de mulher) *vittata* e sentada numa *sella* diante de uma ara em que pousa uma *aedicula*; na *aedicula* uma planta, a que a figura apresenta com a mão esquerda uma *patera*. A figura tem a parte inferior do corpo envolta numa roupagem (*pallium*), e a mão direita encostada ao abdomen.



Fig. 1

Teremos pois aqui um sacrificio (libação) feito a uma planta sagrada, comparavel aos que se representam nas figs. 449 e 452 do *Dict. des antiquités* de Daremberg & Saglio, t. I, s. v. «arbores sacrae».

Este objecto pertence à classe que nas *Religiões*, III, 492, intitulei «Arte e religião», e cabem-lhe as considerações gerais que fiz *ibidem*.

2.—Bronze canéforo

Segundo uma nota que eu tomára em 1904, o bronze canéforo que publiquei nas *Religiões*, III, 495, «apareceu numa vinha chamada *A Forca*, ao pé do Fundão, com tijolos romanos e mós manuais, por 1880 e tantos».

3.—Successa

Nota á inscrição *dibus successis* que inseri nas *Religiões*, III, 311: «Fingia deoses a Gentilidade a cada instante, e ainda aos minimos acontecimentos, tendo deoses que adoravam com este epiteto, como mostra a lapide que está na esquina dos Padres de S. Caetano da Divina Providencia, dentro d'esta corte, onde se lê *DIBVS «SVCCISSIS, etc.»*», — diz Fr. Vicente Salgado numa dissertação numismática, que se guarda manuscrita na Biblioteca da Academia das Sciencias, gab. 5.º, est. 25, n.º 1, fls. 18.

Vê-se que antes de eu ter lido esta nota me encontrei com o P.º Salgado na interpretação da referida inscrição.

4.—Estatuas de Montalegre

No *Portugal Pittoresco* de F. Denis, publicado por uma Socie-

dade, vem, t. iv (1847), uns nonadas sobre as estatuas de Montalegre (*Religiões*, III, 48-49),—e bem assim sobre antas e castros.

5.—Mão com pátera

A mão com pátera, publicada nas *Religiões*, III, 466-467, será a mesma de que fala Fr. Vicente Salgado nas *Memorias do Algarve*, p. 129, n. 6, e que ele diz apparecera em Sulatesta (Beja)? Nesse caso pecaria por erronea a informação que me deram, e que eu exarei a p. 464, de que essa mão se tinha encontrado dentro do templo romano de Évora.

6.—Árula de bronze

A árula de bronze que se vê figurada nas *Religiões*, III, 508, disse-me o meu illustre amigo e colega Dr. Claudio Basto que já não está no Liceu de Viana, mas que fôra, com outros objectos, remetida ao Presidente da Camara Municipal daquela cidade em 3 de Agosto de 1911. Deve pois hoje existir no edificio da Camara. Oxalá não se perca, pois é objecto raro e valioso.

7.—Mars Gradivus

Figura em Orense, numa oferenda de *L. Didius Marinus*, procurador de Caracala e Geta: vid. *Boletim de Orense*, IV, 16-21, e cf. *Bulletin Hispan.*, xv, 150.

8.—Poemana

Nas *Religiões*, II, 342, e III, 240, fiquei em dúvida se o nome *Poemana*, de uma deusa, era indigeno ou desfiguramento de *Pomona*. Schulze, *Geschichte lateinischen Eigennamen*, Berlim 1904, p. 8, vê em *Poemana* um nome celtico relacionado com Πουμαννόν, como também já Hübner, *Monum. Linguae Ibericae*, cix, que Schulze cita. Cf. este último, p. 10.

9.—Dias da semana

Acêrca das denominações dos dias da semana em português (*Religiões*, III, 568, nota 4) cf. Severim de Faria, *Discursos varios*, 1.^a ed., fl. 183.

10.—Quadrupedes votivos

(Figs. 2 e 3)

Na fig. 2 vemos um porco de bronze, que appareceu, como penso, na Beira-Baixa, e foi adquirido pelo hoje falecido Dr. Barbosa Correia, que o trouxe uma vez ao Museu Etnologico, onde Saavedra Machado o desenhou.

Na fig. 3 vemos um cavalo do mesmo metal, que pertence ao Museu Etnológico (por compra que fiz ha anos), e appareceu nas ruínas



Fig. 2

de uma antiga povoação denominada Crasto Velho (na Serra da Estrela). Com o cavalo veio uma moeda de bronze de Constantino Magno (*soli invicto comiti*; no campo *FT*; no exergo *PLC*), que dizem se

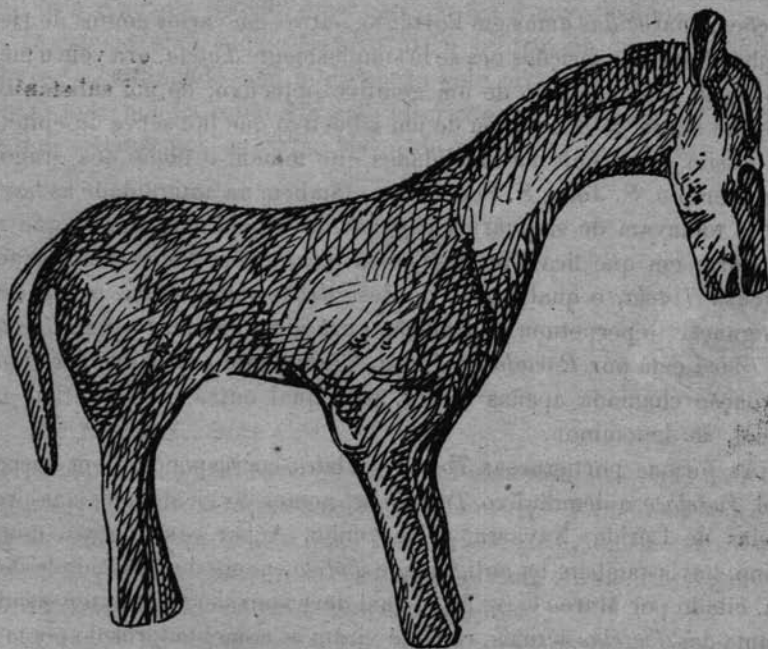


Fig. 3

encontrára com ele. O animal está na posição de parado, e tem a crina rapada, o topete largo, o sobr'olho esquerdo maior que o direito, talvez por desgaste do segundo, as narinas demasiado baixas, os órgãos

genitais pouco aparentes, e os cascos dianteiros mal distintos, faltando os trazeiros, o que torna oblíqua a posição do quadrupede. — O desenho que se publica foi feito por Saavedra Machado, de uma aguarela do falecido Desenhador Guilherme Gameiro.

A tecnica de um e outro quadrupede tem caracter iberico e bar-baro. Julgo-os ambos votivos, e por isso os emparelho com os que publiquei nas *Religiões*, II, 283 sgs. As figuras são de tamanho natural.

11. — Todeia

Quando nas *Religiões*, III, 594, estudei varios vestigios do paganism existentes na tradição moderna portuguesa, citei alguns nomes que ficaram de antigas divindades, como *Fada*, *Jã*, *Sereia*. Agora citarei mais um: *Todeia*, que entra no composto *Parada-Todeia*, nome de uma localidade do concelho de Paredes. A palavra *Todeia* aparece na fôrma *Todea* no 5.º *Livro de Linhagens*, que ascende talvez ao sec. xv: vid. pp. 181 e 277; e cf. Cortesão, *Onomastico medieval*, p. 342.

Todea representa o nome de uma divindade romana, *Tutela*, que vem mencionada no *Corpus Inscr. Lat.*, t. II, p. 1130, em dezanove inscrições, aparecidas umas em Portugal, outras em varios pontos de Hespanha. Nessas inscrições ora se lê simplesmente *Tutela*, ora vem o mesmo nome acompanhado de um genitivo objectivo, de um substantivo que lhe serve de aposto, ou de um adjectivo que lhe serve de epiteto.

Assim como hoje ha localidades que tomam o nome dos oragos, por exemplo, S. João, S. Pedro, etc., tambem na antiguidade as havia que o tomavam de santuarios pagãos: deve pois entender-se que no territorio em que fica *Parada-Todeia* existiu um *fanum* consagrado à deusa *Tutela*, o qual serviu de designação topografica, e que esta designação se perpetuou na tradição até à actualidade. *Parada-Todeia* ou *Todea* está por *Parada de Todea*. Certamente houve primeiro uma povoação chamada apenas *Todea*, pela qual outra, representada na actual, se denominou.

As fôrmas portuguesas *Todeia* e *Todea* correspondem em hespanhol *Tudela* e o diminutivo *Tudelinha*, nomes de localidades nas provincias de Lérida, Navarra, e Logronho. A par com *Tutela*, nome divino, havia tambem na antiguidade *Tutela*, nome de uma cidade iberica, citado por Marcial, IV, 55, o qual deve considerar-se antepassado de uma das *Tudelas* actuais, como já viram os comentadores do poeta¹.

¹ Por exemplo, Colesso, *Martialis Epigramata*, Londres 1701, p. 170, e ultimamente A. Schulten, «*Martials spanische Gedichte*» nos *Neue Jahrbücher f. d. Klass. Altertum*, vol. xxxi, pp. 470-472.

Temos pois, em resumo, no que toca à lingua portuguesa: Tutela, Tudela, Todela, Todea, Todeia. A fôrma Tudela (Todela) não figura, que eu saiba, em documentos escritos, mas está conservada, como vimos, em hespanhol. — O apelido Tudela, que se encontra em Portugal, veio de Hespanha, como Aguilar, Avilès, Castilho, etc.

A nossa palavra escreve-se muitas vezes Thodeia ou Thodea, com h adventicio e puramente honorifico, analogo ao de Thomar, Thedo, Themudo, Thiago. Escrevendo erradamente esses nomes com h, tem-se de certo em mira o θ helenico, e julga-se que eles ficam assim mais nobilitados, — como se do que é falso pudesse vir nobreza!

12. — Anel de ouro da epoca visigotica

(Figs. 4, 5 e 6)

Quando estive em Castelo-Branco, em 1916, vi em poder do benquista Advogado, Dr. João Pires Marques, um anel d'ouro que appareceu ao pé de Manteigas, e vai representado de tamanho natural na fig. 4, segundo um desenho que o Snr. Sales Viana, Professor do Liceu d'aquella cidade, amavelmente fez a meu pedido.

O aro do anel é de secção oval; o centro, ou cabeça, tambem d'ouro, e continuado sem interrupção pelo aro, é redondo, e tem ao centro uma pomba e na orla uma inscrição que diz SAXSONI, seguida de dois ramusculos ou palmulas, e de uma cruz equilateral. A cruz



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

e a pomba dão ao anel character cristão. Pelo conjunto, — tipo da letra, pomba, palmulas, e fôrma e colocação da cruz, — julgo-o da epoca visigotica. Basta comparar a letra da inscrição com a das moedas d'esta epoca. A palavra *Saxsoni* = *Saxoni*, de origem germanica, é genitivo de *Saxonius*, nome do primitivo dono do anel.

A titulo de comparação curiosa notarei que num opusculo do Conde de Marsy, intitulado *Note sur un anneau mérovingien en or*, Compiègne 1882, extr. do t. v do *Bullet. de la Soc. Hist. de Compiègne*, vem um anel semelhante ao beirão, tambem com uma pomba no centro do *châton* circular, e uma legenda na orla, a qual contém

um nome proprio e uma fórmula cristã: reproduzo-o da p. 5 nas figs. 5 e 6 (conjunto e pormenor), cópias feitas de um decalque por Saavedra Machado. No seu livro intitulado *Le port des anneaux dans l'antiq. rom. et dans les premiers siècles du moyen âge*, Paris, 1896, p. 52, fala também Deloche do uso da pomba, como emblema de aneis cristãos da idade-media ou dos fins da idade antiga.

Hübner menciona varios aneis da mesma especie, isto é, cristãos, com inscrições, achados em Hespanha¹; em Portugal, porém, só conheço aneis anepigrafos²; e por isso e porque também não abundam entre nós documentos do tempo dos Visigodos, não me desagraderão os leitores a informação que aqui publico. O anel de Manteigas relaciona-se com outras antigualhas beirãs, moedas de Egítania³, lucerna de Monte-Canhão⁴, etc.

13. — Toiro de brônze

(Fig. 7)

No Museu Municipal do Castelo-Branco existe um bronze fundido, que representa um toiro, e se reproduz, de tamanho natural, na fig. 7 (desenho do S.^{or} Sales Viana). Ignora-se a procedencia, mas deve ter apparecido na Beira-Baixa.

O toiro vai como que a andar. Na cabeça, entre os galhos, que são curtos, ha um orificio. As orelhas estão arrebitadas. Falta parte da perna traseira direita, e da cauda, vendo-se porém o resto da mesma junto d'aquella. O trabalho artistico é cuidado, e o animal está representado com elegancia.

Temos aqui uma figura votiva romana ou pre-romana, como outras de que já falei acima. O orificio da cabeça é comparavel ao que se observa numa vaquinha, também de bronze, que se guarda no

¹ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4976-40 (muito parecido ao de Manteigas), 6260-23 sgs., e *Inscr. Hispan. Christian.* (Suppl.), n.º 421 sgs.

² *Religiões da Lusitania*, III, 586-587.

³ Cfr. *Religiões*, III, 574, nota 4. Além das moedas cunhadas em Egítania, pelos reis visigóticos Recaredo, Sisebuto, Sisenando, etc., apparecem pela provincia da Beira outras de outras fábricas: lembro-me agora, por exemplo, de um triente de Leovigildo, que vi em poder do Dr. Tabor da Ramos, em Castelo-Branco, e que appareceu no local em que esteve a capela de S. Tiago, aro de Medelim: diz no anv. *DNLIVVIGILDVS RM*; no rev. *VICTORIA EMERITA*. No mesmo local se encontram sepulturas, e muitas moedas, que vão desde o tempo, como vimos, de Leovigildo até o reinado de D. José: deve ter aí havido pois cemitérios cristãos sobrepostos ou successivos.

⁴ Vid. «Antigualhas da Beira», cap. I (n-*O Arch.*, XXIII, 1).

Museu de Guimarães e foi publicada nas *Religiões*, III, 238, onde eu supus que o orifício seria para segurar uma lamina de metal representativa da lua, emblema de Diana. Como comparação lembrarei

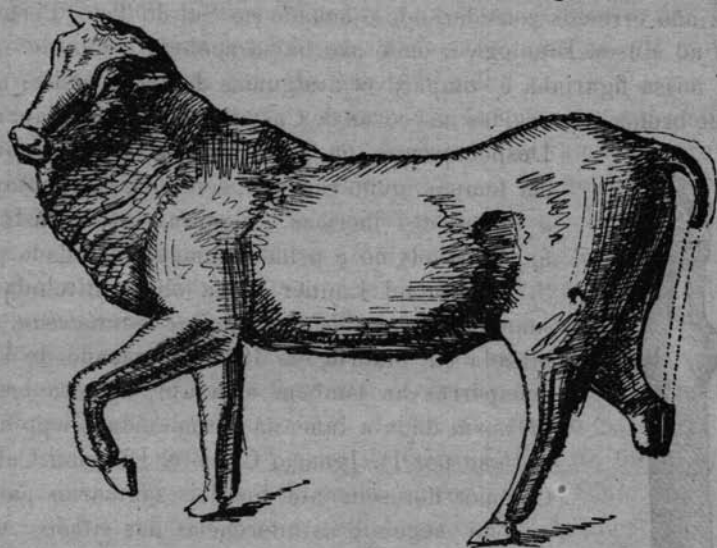


Fig. 7

que no *Catalogue of the bronzes* do Museu Britanico, Londres 1899, p. 281, n.º 1803, se fala de um toiro que tem efectivamente um disco entre os galhos.

14. — Figura votiva de bronze

(Desenho de Saavedra Machado)

Aparentada com a figura nua e priapica de bronze que publiquei nas *Religiões*, III, 68, pertencente á Biblioteca Nacional de Lisboa, onde ha outras semelhantes, todas elas provenientes de Alcacer-do-Sal, é a que vai desenhada aqui junto (tamanho natural).

A testa é fugidia, continuada pelo nariz; os olhos sobressaem esbogalhados e disformes; as orelhas estão assimetricas, no tamanho e na situação; os braços, curtos, erguem-se como arcos, na postura da adoração ou da prece, e estão espalmados nas extremidades, o que representa as mãos; pescoço, torax e abdomen constituem quasi um todo, principalmente o abdomen e o torax, que formam um unico e comprido cilindro, assente em duas perninhas levemente escanchadas, e terminadas por ganchos, em guisa de pés. O sexo másculo define-se com bastante rudeza. Posteriormente a figurinha tem uma saliencia correspondente ao dorso; e na parte inferior outra, correspondente ao *coccix*. O *occiput* parece que o martelaram, e ficou com o aspecto de solideo episcopal.

Este objecto comprei-o a um individuo de Evora, que disse que ele lhe fôra de Terena (Alhandroal); não dou porém muita fé á informação, porque o individuo havia-o adquirido de outrem. Em todo o caso, talvez não erremos considerando-o achado no Sul do Tejo. Pertence agora ao Museu Etnologico, onde não havia nenhum como ele.

A nossa figurinha é comparavel a algumas das mais rudes, tambem de bronze, apparecidas nas covas de Castellar de Santisteban, e de

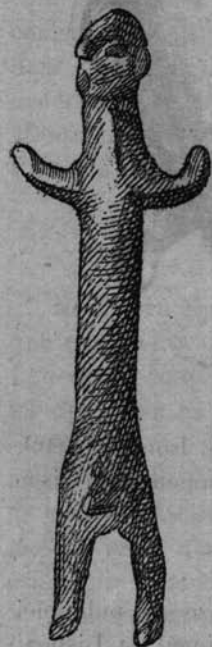


Fig. 8

Despeñaperros, na Serra Morena, as quais covas, em tempos muito remotos, serviram de santuarios a divindades ibericas. O santuario de Castellar foi desenvolvido e primorosamente estudado pelo S.^{or} Raymond Lantier numa obra intitulada *El santuario ibérico de Castellar de Santisteban*, publicada em Madrid em 1917; acêrca do de Despeñaperros ha tambem uma util, embora breve, *Memoria* dada a lume na mesma cidade e no mesmo ano por D. Ignacio Calvo & D. Juan Cabré. O maior florescimento dos dois santuarios parece que foi, segundo as inferencias dos citados AA., nos seculos IV-III antes da era cristã, mas os cultos prolongaram-se até á epoca do imperio. Pelo que toca a analogias entre as figuras de cá e as de lá, compare-se, por exemplo, a figurinha portuguesa com a de Castellar que tem o n.^o 1 na est. IV de Lantier, e que, como a nossa, está nua, e levanta os braços para o ar (propriamente levanta só o direito, porque falta parte do esquerdo); mas nenhuma das figurinhas de Cas-

tellar, ao contrario da nossa, tem representadas as orelhas¹. Nas figurinhas de Despeñaperros, est. XVII, penultima figurinha, da *Memoria* de Calvo & Cabré, ha outra em iguais circunstancias á de Castellar, e tão iguais, que do mesmo modo lhe falta parte do braço esquerdo.

A proposito da figurinha de Alcacer, e das restantes portuguesas de que falei nas *Religiões*, dissera eu, *loc. cit.*, que elas seriam idolos ou ex-votos. Da exploração dos dois santuarios hespanhois onde apareceram centenas de figurinhas de bronze congeneres com aquelas, de varios tipos e feitios, umas nuas, como a nossa, outras vestidas,

¹ *Ob. cit.*, pp. 46 e 62.

umas de homens ou de guerreiros, outras de mulheres, e algumas com oferendas, e muitas com aspecto de quem suplica ou adora, vê-se claramente, — e isso concluíram pelo seu lado os supramencionados AA. —, que todas as figurinhas eram ex-votos. As nossas figurinhas, quer a de que estou particularmente falando, quer as que publiquei nas *Religiões*, devem pois também tê-lo sido.

Se de facto fosse exacta a informação de que a figurinha aqui desenhada apparecêra em Terena, eu não me admiraria que ela proviesse do vizinho santuario lusitano-romano do deus Endovelico (*Religiões*, II, 111), tanto mais que por uma inscrição sabemos que ao deus se ofereciam estatuetas metalicas (*Relig.*, II, 137). O culto de Endovelico floresceu principalmente no periodo imperial, mas provinha de tempos pre-romanos (*Relig.*, II, 145); tambem por este lado não havia desconcordancia com a data das figurinhas hespanholas. Porém a semelhança total da nossa figurinha é com as que de Alcacer do Sal publiquei nas *Religiões*, III, 68. Às de Alcacer do Sal havia eu já attribuido como data a 2.^a epoca do ferro (*Relig.*, III, 69), e aí comparado essas figurinhas com as de outros países. Sinto que os tres mencionados archeologos, principalmente o S.^{or} Lantier, não conhecessem o meu livro.

Alcacer-do-Sal ou corresponda, ou não, á antiga *Salacia*, foi uma importante estação antiga, onde se descobriu uma necropole que já existia no sec. IV-III a. C.¹, e em cujos espolios se contam vasos gregos, fibulas, braceletes, armas de ferro. Ainda por 1894 appareceu nos arredores da actual vila outra figurinha como as de que falei acima². Provavelmente existiu tambem ali um santuario semelhante aos dois da Serra Morena. Que pena que não possam fazer-se em Alcacer excavações methodicas e extensas! Assim poderíamos acaso aclarar dúvidas que as antigualhas já descobertas suscitam, e descobrir novos elementos para o conhecimento do nosso passado.

15.—Caprinos de bronze do Museu Etnologico

(Figs. 9, 10 e 11)

Além das duas cabrinhas que reproduzi nas *Religiões*, II, 283 e 284 (do Redondo, e de Almodovar), e de duas ineditas de que falei *ibidem*, p. 284, nota, possui o Museu Etnologico mais outra, tambem inedita, que recebeu no livro das entradas dos objectos o n.º 3391.

¹ Vid. *Hist. do Museu Etnolog.*, pp. 187-188.

² Vid. *O Arch. Port.*, I, 80.

Vou aqui publicar e descrever as cabrinhas ainda ineditas. Represento-as nas figs. 9, 10, e 11 (desenhos de Saavedra Machado, tamanho natural).

Fig. 9:

Esta cabra appareceu por 1906 numa excavação agraria feita ao pé da mina de S. Vicente (de cobre e manganês), freguesia e concelho de Silves, e foi oferecida ao Museu Etnologico Português, com grande abnegação, pelo Sr. Dr. Pedro Mascarenhas Judice, illustre Agronomo¹.

A cabra está de pé, com as duas tetas pendentes. Os pelos que cobrem a parte superior do tronco, os quartos (dianteiros e traseiros)

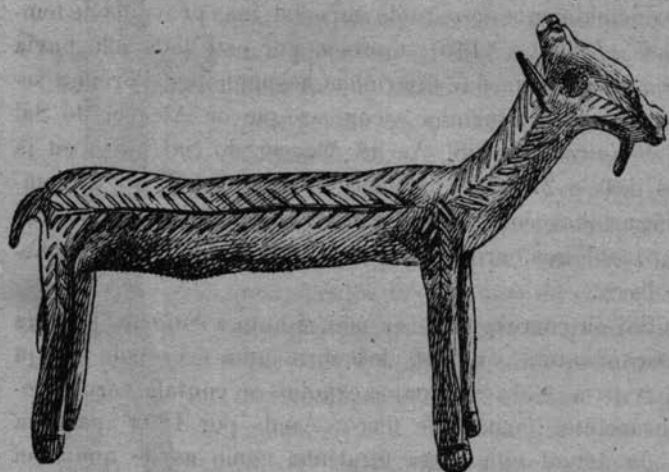


Fig. 9

e a testa e chanfro estão figurados por linhas incisas e compridas, ao longo das quais, de cada lado, ha outras menores, que formam com aquellas angulos

agudos e simetricos; cada grupo de linhas tem aspecto de palma. Os olhos (o direito maior que o esquerdo) são salientes, e orlados de covinhas, o que lhes transmite o aspecto de rosetas. As patas, que mais parecem expansões terminais das pernas, estão fendidas inferiormente de lado a lado. Parte do focinho, dos galhos e da orelha esquerda falta; o que resta do galho direito é maior que o que resta do outro.

Tanto o corpo como as pernas do animal são rigidos, inteiriços, sem vida, e ele, com os seus olhos esbogalhados e o seu pêlo uniforme e duro, dá impressão de grande braveza como ser, e de grande barbarie como arte; sem embargo, constitue um objecto curiosissimo, de muito valor archeologico.

¹ Cf. *O Arch. Port.*, XXIII, 120.

Fig. 10:

A cabra (ou bode?) representada na fig. 10 comprei-a no espolio de Teixeira de Aragão. Consta por uma carta (sem data, embora provavelmente de 1877), dirigida a ele, de Viseu, por José do Amaral¹, que não só o bronze apparecera em 1875, em Alcafache, a 10 kilometros d'aquella cidade, numa propriedade chamada *Casal Queimado*, mas que fôra o referido Amaral quem o remetêra a Aragão. Noutra carta, datada de 13 de Setembro de 1877, escreve Amaral, ao fazer a re-

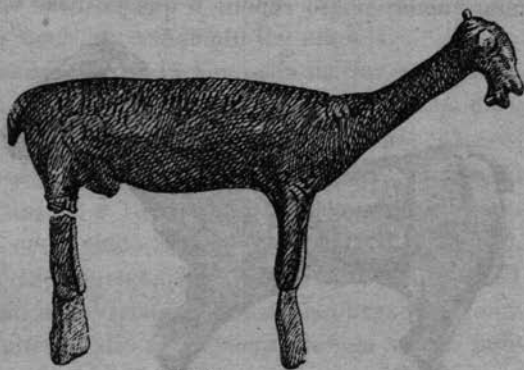


Fig. 10

messa: «É necessario ter toda a cautela com a cabra porque os pés estão a desfazer-se, e já foram soldados a estanho» (isto é, com estanho). Apesar da afirmação de Amaral, ha tanta semelhança entre o bronze agora aqui reproduzido, e o que reproduzi nas *Religiões*, II, 283, proveniente do Alentejo, que me parece estranho que aquelle não tenha a proveniencia d'este. Não quereria Amaral glorificar Alcafache, pois que a propriedade em que se realizára o descobrimento pertencia ao pai?

Ao contrário da cabra precedentemente descrita, esta está toda ella coberta de pêlo; os pés aderem a duas chapas (uma d'elas solta, com parte das pernas), o que lembra um pouco as cabras de Evora publicadas nas *Religiões*, II, 170-171. O pescoço é muito comprido, a cabeça pequena, os olhos saídos; dos galhos só resta um pedaço, do esquerdo; faltam já tambem as orelhas, apenas se vêem vestígios da esquerda, que limaram, na expectativa de ser ouro o metal. O aspecto geral é menos barbaro que na cabra de Silves, e mais conforme com a realidade. O sexo fica porém um pouco indeciso.

Fig. 11:

O 3.º animal é um pouco atarracado; a parte superior do corpo, as pernas, e a cabeça, estão cobertos de pêlo; o sexo vê-se claramente

¹ José do Amaral dedicava-se um pouco á Numismatica: cf. Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 129-130. Tambem falo d'ele no meu livro intitulado *Da Numismatica em Portugal* (no prelo), pt. III, secção 1.ª, cap. 13..

definido; as pernas, grosseiramente esboçadas, aderem a chapas, como as da figura n.º 10. A parte inferior das chapas foram limadas, para se saber se o metal era ouro.

Talvez a proveniencia da cabra seja tambem trastagana. Por mim apenas posso repetir o que já disse nas *Religiões*, II, 283, nota

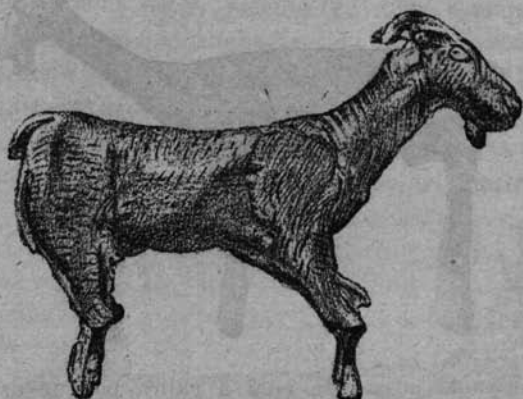


Fig. 11

1: isto é, que ela pertencêra á collecção archaeologica de Joaquim José Colaço, a quem a comprei em Lisboa. Colaço era numismatico, hoje falecido. Com as moedas possuia varias antigualhas, e bem assim conchas, livros, etc.: entre as antigualhas contava-se a cabra.

Os caprinos de que estou falando são manifestamente cultuais, quer fossem ex-votos, quer imagens sagradas, o que, pelo menos no que toca aos dois ultimos, parece mais provavel, por causa das chapas a que se prendem e que serviam para fixar os animais, acaso a bases de madeira, que podiam fazer parte de insignias, ou estar em locais de culto.

Quanto á arte e á epoca, julgo-os fabricados na Peninsula em tempos pre-romanos. Eles relacionam-se sem dúvida com os que em não pequena quantidade aparecem na Hespanha: cf. Pierre Paris, *Essai sur l'art*, II, 196 sgs., onde tambem reproduz o bronze do Redondo e o de Almodovar, já por mim publicados, como acima disse.

16.—A proposito do funeral de Viriato

(*Religiões*, III, 14)

O S.^{or} Prof. Adolf Schulten, conhecido explorador alemão de Numancia, publicou um opusculo com o titulo de *Viriatus*, separata dos *Neue Jahrbücher*, 1917 (Leipzig). Consta de dez capitulos, além de introdução, appendice e um mapa: 1) Fontes; 2) Lusitania e Lusitanos; 3) As guerras anteriores; 4) Patria e mocidade de Viriato; 5) A campanha da liberdade; 6) O fim; 7) De como a guerra foi dirigida; 8) Personalidade de Viriato; 9) Fama postuma; 10) Viriato e Sertorio. O appendice é formado por tres textos gregos, de Apiano.

Diodoro, e Dião Cassio, com biografias do herói. O mapa representa a Iberia na época da guerra viriatina.

Está feito o trabalho com vasta erudição, e o S.^{or} Schulten vota a Viriato muita admiração e simpatia. O estado de guerra em que ardia a Europa no momento em que o trabalho apareceu, arranca ao autor algumas expressões que indirectamente lhe aludem.

O S.^{or} Schulten não só adopta ainda a opinião de que a Serra da Estrela era o *mons Herminius*, mas de que Viriato nascera lá. Ele, com quanto cite o vol. II das minhas *Religiões da Lusitania*, não conheceu ou não citou o vol. III, onde consagro algumas palavras á guerra de Viriato, pp. 116-125, e 156-158, e especifico datas e factos, no que me auxiliou o ms. liviano achado em Oxirineo. A p. 122, nota 2, interpreto já *ἀσπᾶροι* como «capitães de guerrilhas», e a p. 161 ponho Sertorio em paralelo com Viriato. A lista das obras mencionadas no § 9 pelo S.^{or} Schulten podia ser aumentada com as que indiquei na minha obra, pp. 125(-126), nota 1.

Valia a pena que alguém traduzisse em português, e o anotasse, o opusculo do S.^{or} Schulten.

*

Sempre a Alemanha tem dado grande atenção ás antiguidades peninsulares, que muito lhe devem, sobretudo na pessoa de Hübner¹. O S.^{or} Schulten segue a mesma via: a par com artigos e monografias várias², inseriu na *Real-Encyclopädie* de Pauly-Wissowa, substancias páginas consagradas á *Hispania*³, e começou a publicar em 1914, em Munich, uma obra muito notavel, intitulada *Numantia*; 1.^o volume, *Os celtiberos e suas guerras com Roma* (xvi-403 páginas, com mapas).

17.—Dois bustos de Mercúrio

(Figs. 12 e 13)

As tres figuras romanas de bronze, representativas de Mercúrio, publicadas nas *Religiões*, III, 275, 276 e 279 — dois bustos e uma

¹ Cf. *O Arch. Port.*, VI, 49 sgs.

² Por exemplo: *Martialis hispanische Gedichte* (1913); noticias das «Excavações de Numancia» no *Jahrbuch des kais. deutsch. Archaeologischen Instituts* (tenho a noticia 7.^a e 8.^a) e no *Bulletin Hispanique* (vol. xv, n.^o 4, 1913).

³ A proposito do que diz do *Promunturium Cuneus* (p. 11) chamo a atenção do A. para o que escrevi nas *Religiões*, II, 12-14. — D'este artigo vai, segundo nos consta, publicar-se em Barcelona, com o mesmo titulo de *Hispania*, uma tradução feita por Bosch Gimpera & Artigas Ferrando, e acrescentada por aquele com um appendice sobre «La Arqueología prerromana hispánica».

estatueta de corpo inteiro —, agrego aqui mais dois bustos, também de bronze, ultimamente adquiridos pelo Museu Etnológico, -vid. figs. 12 e 13 (desenho de Saavedra Machado).

Figura 12:

O busto assenta numa base horizontal e trisseccionada, em cuja parte inferior, ao centro, sobressai o resto de um espigão de ferro; alguma ferrugem até se espalhou em volta do espigão. O deus, com uns fios (estilizados) de cabelo ao longo da testa e na fonte direita,



Fig. 12

ostenta na cabeça o classico *petasus* alado, e está revestido de clamide, presa no ombro direito por um botão ou fibula, e delimitada inferiormente por uma especie de cordão encurvado e simétrico. No ombro esquerdo nota-se uma falha, que devia corresponder à inserção do *caduceus*, hoje perdido. O nariz acha-se igualmente falhado, por pancada e golpe que recebeu, ainda em epoca antiga. Pela parte posterior o busto está rude e irregular, como a fusão o deixou.

Não póde dizer-se apurado o trabalho artistico, pois a orelha direita, unica que se vê, porque Mercúrio desvia um pouco a cabeça,

é demasiado grande, os olhos são assimétricos no talho, a bôca linear, o queixo algo saído: todavia o conjunto mostra certa proporção, que faria com que os cultores do deus olhassem com agrado para a *aedicula* em que imagino que o busto estaria seguro pelo espigão de que falei a cima, — *aedicula* provida de cavidade apropriada: cf. as que publiquei nas *Religiões*, III, 479 e 623.

Este bronze, que obtive por intermédio de meu Primo Jaime Leite, appareceu ha uns anos na Columbeira (Bombarral), numa propriedade rustica chamada *A Cerca*, pertencente ao S.^{or} Jo aquim de Carvalho Júnior. Aí se descobrem na lavoura, a cada passo, alicerces de edificações, pedaços de telhas e de tijolos, pesos de barro,

moedas de cobre e de prata: daquelas tenho presentes tres de Constantino Magno (306-337), Maximo (383-388), Honório (355-423)¹.

Podemos, pois, concluir que na Cêrea houve habitação na epoca lusitano-romana.

Figura 13:

O busto é ôco inteiramente, e aberto na parte inferior, correspondente à base. Na parte superior da cabeça ha tambem uma abertura, mas pequena e circular, que devia ser fechada por uma especie de tampa, ora não existente, a qual se prendia atrás a uma charneira, cuja parte estavel, e eixo (de ferro) ainda restam no bôrdo da abertura.

A cabeça, com uma quasi microscópica *ala* de cada lado, prêsa cada uma a sua argola, verticalmente sobranceira, está descoberta, mas, com excepção da abertura de que falei, provida de farto cabelo, que em violentas ondas cai na testa, e envolve de todo a nuca. O resto do cabelo representava-o a tampa, que falta. O personagem, que supponho ser Mercúrio, por causa das asinhas da cabeça, veste clamide, atada no ombro esquerdo por um laço de que se vêem duas pontas, uma atrás, de fôrma de franja ou crina, e outra adiante, terminada numa especie de borla ou pata.

Para que servia este singular, mas elegante busto?

A tampa faz crer que temos diante de nós um recipiente; neste caso à abertura inferior convinha um fundo, a não ser que o busto aderisse a outro recipiente, posto por baixo. As argolas da cabeça mostram que a figura se destinava a pendurar-se, o que igualmente se patenteia do desgaste interno, resultante de atrito da suspensão.



Fig. 13

¹A de Honório tem um orifício de suspensão, que é antigo, como se conhece da patina das paredes. Pertence, sem dúvida, à classe que estudei n-*O Arch. Port.*, x, 169 sgs.

Deve o Museu Etnologico a posse d'este objecto (n.º de entrada 6:011) à benevolência e illustração do Sr. Bernardino Barbosa, actualmente Professor do Liceu de Gil Vicente (Lisboa), o qual me informou que aquelle apparecêra numa propriedade chamada *Pinheiro*, frèguesia da Luz de Tavira, onde têm tambem apparecido sepulturas romanas, ossadas, inscrições, barros e moedas. A região a que pertence a referida propriedade é a que na época lusitano-romana se designava pelo nome de *balsense*.

P. S.— Infelizmente, na face direita do deus ha um rasgão que chegou a danificar o olho e o competente lado do nariz; mais abaixo, no peito, junto do braço, ha outro. O primeiro rasgão causou-o quem, ao cavar, achou a figura; o segundo rasgão, de aspecto mais antigo que o primeiro, parece-me resultante de estalamento, causado por pancada.

J. L. de V.

Cartas de Augusto Filipe Simões

(Com um retrato)

I

(Tres cartas)

Estive em Penacova em Junho de 1919, e tendo-me eu aí relacionado com o S.^{or} Alipio Leitão, Chefe da Secretaria da Camara Municipal, ele fez o obsequio de me emprestar um retrato de Filipe Simões, já antigo, que reproduzo aqui. Para que o retrato do falecido Archeologo e Professor, a quem a sciencia portuguesa tanto deve, não fique completamente desacompanhado, publico adiante tres cartas que Filipe Simões dirigiu ao D.^{or} Teixeira de Aragão em diferentes epochas, cartas que com outras do mesmo adquiri ha anos para o Museu Etnologico, onde se guardam.

1.^a carta

Ill.^{mo} S.^{or}. Am.^o e collega.— O meu am.^o e condiscipulo Pedro Augusto Dias tem uma collecção de moedas que deseja augmentar. Entregando-se como V. S.^a ao estudo de uma especialidade que eu não posso cultivar, mas cujos cultores estimo e admiro, desejo relational-o com V. S.^a a fim de que se auxiliem reciprocamente no estudo de um ramo tão interessante como descurado em Portugal.

Grande mercê me fará V. S.^a se pois attender o meu am.^o e o auxiliar no seu empenho.

Deve o Museu Etnologico a posse d'este objecto (n.º de entrada 6:011) à benevolência e illustração do Sr. Bernardino Barbosa, actualmente Professor do Liceu de Gil Vicente (Lisboa), o qual me informou que aquelle apparecêra numa propriedade chamada *Pinheiro*, frèguesia da Luz de Tavira, onde têm tambem apparecido sepulturas romanas, ossadas, inscrições, barros e moedas. A região a que pertence a referida propriedade é a que na época lusitano-romana se designava pelo nome de *balsense*.

P. S.— Infelizmente, na face direita do deus ha um rasgão que chegou a danificar o olho e o competente lado do nariz; mais abaixo, no peito, junto do braço, ha outro. O primeiro rasgão causou-o quem, ao cavar, achou a figura; o segundo rasgão, de aspecto mais antigo que o primeiro, parece-me resultante de estalamento, causado por pancada.

J. L. de V.

Cartas de Augusto Filipe Simões

(Com um retrato)

I

(Tres cartas)

Estive em Penacova em Junho de 1919, e tendo-me eu aí relacionado com o S.^{or} Alipio Leitão, Chefe da Secretaria da Camara Municipal, ele fez o obsequio de me emprestar um retrato de Filipe Simões, já antigo, que reproduzo aqui. Para que o retrato do falecido Archeologo e Professor, a quem a sciencia portuguesa tanto deve, não fique completamente desacompanhado, publico adiante tres cartas que Filipe Simões dirigiu ao D.^{or} Teixeira de Aragão em diferentes epochas, cartas que com outras do mesmo adquiri ha anos para o Museu Etnologico, onde se guardam.

1.^a carta

Ill.^{mo} S.^{or}. Am.^o e collega.— O meu am.^o e condiscipulo Pedro Augusto Dias tem uma collecção de moedas que deseja augmentar. Entregando-se como V. S.^a ao estudo de uma especialidade que eu não posso cultivar, mas cujos cultores estimo e admiro, desejo relational-o com V. S.^a a fim de que se auxiliem reciprocamente no estudo de um ramo tão interessante como descurado em Portugal.

Grande mercê me fará V. S.^a se pois attender o meu am.^o e o auxiliar no seu empenho.

Recordo-me muitas vezes do pouco tempo em que V. S.^a esteve em Evora, desejando sempre que venha a repetir a sua visita no que me dará verdadeiro prazer.

Entretanto dê-me V. S.^a muitas occasiões de provar-lhe a estima e consideração com que sou

De V. S.^a

Att.^o vene.^{or} obg.^o

Evora 18 de
Janeiro de 1866.

Augusto Filippe Simões.

2.^a carta

Meu caro am.^o e collega. — Já para aqui me remetteram o exemplar do Catalogo que eu lhe tinha pedido e agora muito agradeço.

Nem na Bibliotheca nem no archivo da Camara ha documentos algum relativo a Vasco da Gama. A tradição, que poderá ver na *Evora Gloriosa*, diz que habitou n'esta cidade. As casas, em que residiu e que depois serviram aos inquisidores geraes, pertencem hoje ao Dr. A. J. Potes de Campos. Chamavam-lhe *casas pintadas* e á rua em que estão *Rua das casas pintadas*.

Ha pessoas antigas n'esta cidade que se lembram de ter visto pintados e doirados por cima da porta uns indios e arvores ou outros objectos orientaes allusivõs ao descobrimento da India.

A meu pedido mudaram o nome da rua que hoje se denomina de *Vasco da Gama*. A casa foi de todo transformada, de sorte que não conserva ja um so testemunho da sua antiguidade. Eis aqui o muito pouco que lhe posso dizer a respeito de tão grande homem.

O Inocencio cita no artigo respectivo a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara um seu escripto relativo ao Almirante, publicado ha alguns anos no *Jornal do Commercio*. Ainda o não pude ler. Talvez que o meu antecessor fosse mais feliz do que eu. Se não viu o tal artigo, e se o puder ler, talvez adiante alguma coisa.

Adeus, disponha com franqueza do

Seu am.^o e collega

obg.^{do}

Evora 18 de
Março de 1871.

A. Filippe Simões.

3.^a carta

Meu caro am.^o e coll.^a — Quinta da Rainha 5 de Novembro de 77.

Ha ja alguns dias que o nosso amigo Dr. Mirabeau me entregou o 2.^o tomo da sua obra. Agradeço-lhe muitissimo tão valioso brinde, e felecito-o pela publicação desta segunda parte, pela qual esperavam anciosos todos os apreciadores da numismatica portugueza, tanto pelo que ella em si vale, como pelos grandes subsidios que presta á historia politica, social e artistica da nossa terra.

Aceite pois os meus parabens e agradecimentos e disponha do

Seu velho am.^o obg.^{do}

A. Filippe Simões.

*

Na 1.^a carta põe o nosso Archeologo em relações com Aragão o S.^{or} D.^{or} Pedro Augusto Dias, Lente, hoje aposentado, da antiga Escola Medico-Cirurgica do Porto, onde tive a honra de ser seu discipulo. O S.^{or} D.^{or} Pedro Augusto Dias, além de se dedicar profissionalmente à Medicina, dedicou-se em tempo, nas horas vagas, tambem á Numismatica, e d'ele possue o Museu Etnologico Português, a este respeito, muitas e valiosas cartas escritas a Aragão, que adquiri na mesma occasião em que adquiri as de Filipe Simões. Do S.^{or} D.^{or} Pedro Dias, como cultor da sciencia das moedas, falo com maior individualização no livro que tenho no prelo, intitulado *Da Numismatica em Portugal*, parte III, secção II. — Filipe Simões lamenta-se de estarem descurados entre nós os estudos numismaticos, porque ao tempo não havia ainda vindo á luz a obra grandiosa de Aragão. *Moedas de Portugal*, o 1.^o volume da qual só se publicou anos depois (1874).

Na 2.^a carta menciona Filipe Simões um *Catalogo*, que não sei que catalogo é, e refere-se a Vasco da Gama, como informação para a obra que acêrca do heroi da India escreveu Aragão; cf. *O Arch. Port.*, IX, 141. — Incidentemente cita a *Evora Gloriosa*, que é, como no resto se diz, um *Epilogo* da *Evora Illustrada*, de Manuel Fialho, publicado por Fr. Francisco da Fonseca, em Roma, em 1728. — Simões, aludindo a Cunha Rivara, chama-lhe «antecessor»: entenda-se, na direcção da Biblioteca Eborense.

Na 3.^a carta agradece Filipe Simões o 2.^o tomo das *Moedas de Portugal*, impresso em Lisboa em 1877. — O D.^{or} Mirabeau, a quem na carta se faz referência, foi Lente da Universidade de Coimbra

(hoje falecido), e coleccionador numismatico: vid. o t. I da citada obra de Aragão, Lisboa 1874, pp. 96-97.

II

(Mais duas cartas)

Já depois de impressas as cartas precedentes, o Sr. José dos Santos livreiro-alfarrabista d'esta cidade, a quem as nossas letras devem alguns bons catalogos illustrados, e sobretudo uma util *Bibliographia da Literatura classica luso-brasileira*, de que estão publicados 9 fasciculos (1917), deu-me conhecimento de mais duas cartas de Filippe Simões, uma, que me ofereceu, e que publico infra, sob o n.º 1, e outra que me deixou copiar, e publico infra sob o n.º 2: ambas elas dirigidas ao falecido bibliógrafo Anibal Fernandes Tomás.

Como Filippe Simões era parente de Augusto Mendes Simões de Castro, e nas duas cartas se lhe refere, tem todo o lugar a publicação d'elas no presente volume d-*O Archeologo*, consagrado, como é, a este último escritor.

1.ª Carta

Ex.^{mo} Sr.—Quinta da Rainha, 26 de Janeiro de 1879.—Meu primo Augusto Mendes entregou-me o 1.º número do *Boletim de Bibliographia Portugueza*, com que V. Ex.^a se dignou brindar-me.

Com os meus agradecimentos pela sua valiosa oferta, darei a V. Ex.^a os meus parabens pelo modo por que apresentou o primeiro jornal de bibliographia portugueza, que verdadeiramente merece este nome e que possa entrar em competencia, e sem desvantagem, com os melhores jornaes estrangeiros d'esta especialidade.

Foi excelente idea publicar as cartas de João Pedro Ribeiro, as quaes eu conhecia já.

Lembro-me tambem de uma carta do Abbade Correia da Serra concernente à *Noticia dos Foraes*, de José Anastácio de Figueiredo, que está tambem na Bibliotheca de Evora no codice $\frac{CI}{1-27}$, e que me parece importante.

No Archuivo da Camara de Evora ha uma carta de El-Rei D. Manuel, dando noticia á camara da victorias de Duarte Pacheco, monumento historico importante e inedito. No Catalogo dos Mss. achará V. Ex.^a muitos outros documentos dignos de se publicarem; e como tem em Evora o Barata, facilmente obterá copias.

Repito os meus agradecimentos, desejando ao *Boletim* uma longa vida, para bem das letras patrias.

Sou, com estima e consideração, De V. Ex.^a Am. Vend.^{or} e Cr. Obr.^o, *A Filipe Simões*.

P. S. As fotografias?

2.^a Carta

Quinta da Rainha, 1 de Abril de 1880. — Ex.^{mo} am.^o e Sr. — Meu primo Augusto Mendes deu-me hontem uma prova da gravura que representa um ornato de um dos tumulos. Parece-me porem que seria melhor dar unicamente as estampas das estatuas. Os ornatos são pequenos e o de Judas ridiculo. São com efeito curiosos e ficarão muito bem em qualquer jornal illustrado. Emfim querendo aproveitar o outro ornato que representa uma janela, ainda se poderia fazer isto collocando a gravura na capa ou no final da Memoria. Mas o Judas destoa inteiramente da indole da publicação. Não vejo logar para ele.

O hespanhol tinha muito mais e muito melhor para copiar nas faces dos tumulos. Poderia até desenhar todas as faces completas. Mas teria muito maior trabalho.

Parece-me que as estatuas deverão sahir gravadas a par na mesma estampa. É assim que veem na Iconographia Hespanhola as estampas de alguns tumulos, quero dizer de algumas estatuas tumulares. E o texto poderia ficar tambem a duas colunas em harmonia com a estampa. Mas V. Ex.^a fará o que melhor entender.

Não posso trabalhar na parte de que me encarregaram sem ter os desenhos ou provas das gravuras. Rogo portanto a V. Ex.^a que logo que for possivel me mande ou os desenhos originaes, ou uma copia d'eles ou uma prova das gravuras.

Insisto na impossibilidade de sahir o Judas e na conveniencia do aproveitar o outro desenho, como vinheta final ou cousa semelhante.

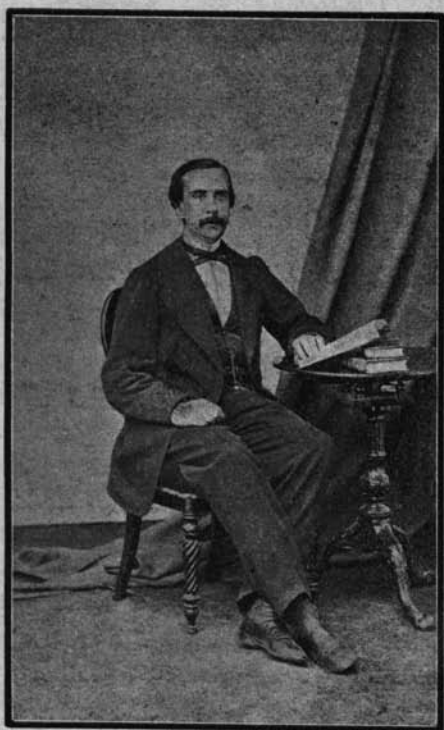
Sou com estima — De V. Ex.^a; Am.^o Vend.^{or} e Obg.^o — *Augusto Filipe Simões*.

*

A 1.^a carta alude a uma conhecida revista, que porém teve menos vida do que a que Filipe Simões lhe agourou: eu conheço, e pos-suo, do *Boletim de Bibliographia* dois volumes: um, publicado por Anibal Fernandes Thomás em 1879, e que consta de vi-212 páginas; o outro, publicado por ele juntamente com Graça Barreto, e que consta de 256 páginas, distribuidas por 8 fascículos.

A 2.^a carta não sei a que assunto se refere, nem disponho de tempo para fazer buscas a este respeito. — O «Barata» de que nela se fala é Antonio Francisco Barata, empregado da Biblioteca Eborense, e escritor, hoje falecido.

J. L. DE V.



Augusto Filipe Simões

Para a historia da Medalhistica

O fisico francês Bouch

Buscando ha pouco tempo na biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa materiais para um trabalho que estou fazendo, aí folheei o *Catalogo da Collecção do Rev.^{mo} Salgado* (isto é, Catalogo dos papeis possuidos por Fr. Vicente Salgado)¹, onde, § 20, se menciona o seguinte folheto como possuido por Fr. Vicente em 1793:

Subscrição para os dois quadros de medalhas de huma composiçãõ solida, e bella, relativas á Historia de Portugal, e de Inglaterra. Impresso.

Este folheto é o do fisico francês Bouch, que foi reproduzido pelo S.^{or} Ferreira Lima no vol. XIX d-*O Archeologo Português*, onde o precedeu de valiosa noticia bibliografico-historica (pp. 371-376). Da indicação de Fr. Vicente resulta que a *Subscrição* já estava impressa em 1793, por tanto dois anos antes da data que o Sr. Ferreira Lima dubitativamente lhe attribuiria (*loc. cit.*, p. 373). Fica assim averiguado mais um ponto, embora de pouca monta, da biografia de Bouch.

J. L. DE V.

Estelas discoides antigas
do Museu Etnologico Português

O S.^{or} Eugenio Frankowski, que reside actualmente em Madrid, e se occupa de Etnografia comparativa, campo em que tem dado a lume alguns trabalhos meritórios², tenciona agora, seguindo a mesma

¹ Gabinete 5.º, est. 22, n.º 49.

² Por exemplo:

— *As cangas e jugos portugueses*, Lisboa 1916;

— *Los signos quemados y esquilados sobre los animales de tiro de la Peninsula Ibérica*, Madrid 1916;

— *La lucha entre el hombre y los espiritos malos*, Madrid 1916;

— *Hórreos y palafitos de la Peninsula Ibérica*, Madrid 1918.

D'estes quatro o mais importante, por mais vasto, é o último. No primeiro trata e desenvolve um assunto que eu inicialmente apresentei á consideração

via, publicar um estudo das antigas estelas discoides de Hespanha e Portugal: e para ele pediu-me que lhe enviasse desenhos das que existem no Museu Etnologico Português. Gostosamente acedi ao pedido, e encarreguei Saavedra Machado, Desenhador do Museu, de as copiar, o que fez com o costumado esmero: porém, a fim de não privar desta colecção artistica *O Archeologo*, envio ao S.^{or} Frankowski os desenhos por intermedio da mesma revista.

N.^o 1. Estela ornamentada em cada uma das faces do disco. Altura total 0^m,72; largura ou diametro do disco 0^m,35. — Na parte inferior ha um orificio, de ter a pedra tido alguma applicação modernamente.

N.^o 2. Estela ornamentada em cada uma das faces do disco. Altura total 0^m,53; largura do disco 0^m,285.

N.^o 3. Estela ornamentada em cada uma das faces do disco. Altura total 0^m,52; largura do disco 0^m,30.

N.^o 4. Resta só o disco, que porém é ornamentado em cada uma das faces. Dimensões: 0^m,24 $\times$ 0^m,26. Quanto ao desenho do reverso, cf. o do reverso da estela 3 (arado, pá, etc).

N.^o 5. Só uma das faces do disco está ornamentada. Altura da estela 0^m,59; largura do disco 0^m,31.

N.^o 6. Só uma das faces do disco está ornamentada. Altura total 0^m,67; largura do disco 0^m,33.

N.^o 7. Só resta parte do disco; ornamentada em uma unica face. Dimensões: 0^m,23 $\times$ 0^m,28.

N.^o 8. Só resta parte do disco, que porém está ornamentado dos dois lados. Dimensões 0^m,24 $\times$ 0^m,28.

N.^o 9. Estela ornamentada em cada uma das faces do disco. Altura total 0^m,73; largura do disco 0^m,44.

N.^o 10. Estela quebrada na parte inferior. Ornamento em uma das faces do disco. Altura da estela no seu estado actual 0^m,49; largura do disco 0^m,36.

N.^o 11. Estela ornamentada em cada uma das faces do disco. Altura total 0^m,84; largura 0^m,47.

*

N-*O Archeologo*, xxiii, 297, figs. 153, 154 e 155, no meu artigo sobre o *Signum Salomonis*, publiquei outros desenhos de estelas do

dos estudiosos em 1881, num opusculo intitulado *Estudo ethnographico a proposito dos jugos e cangas dos bois do Douro e Minho*, que o S.^{or} Frankowski conhece e cita. Evidentemente voltarei a occupar-me d'isto na *Etnografia Portuguesa*, que estou preparando para o prelo.



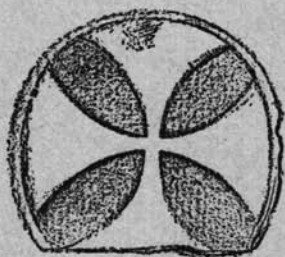


Fig. 7



Fig. 2

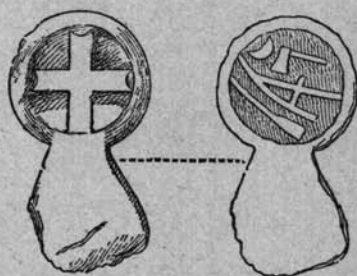


Fig. 3

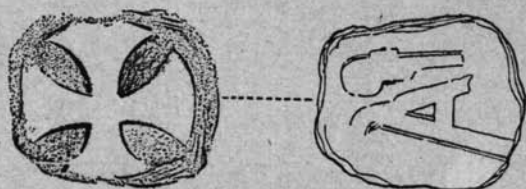


Fig. 4



Fig. 5



Fig. 10



Fig. 6

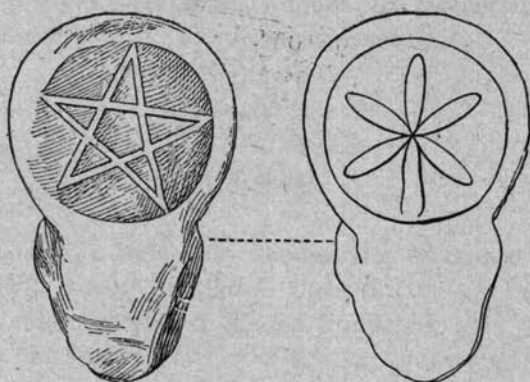


Fig. 9

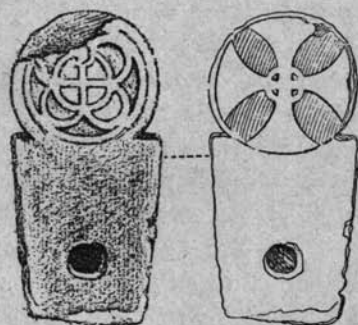


Fig. 1

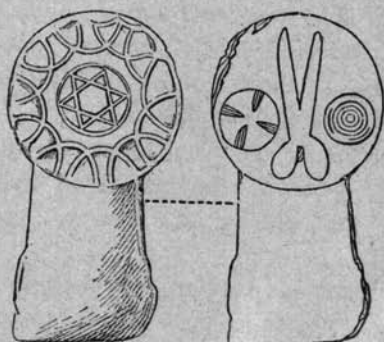


Fig. 11

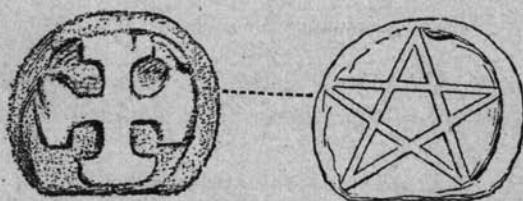


Fig. 8

Museu Etnologico, em que se vê o pentalfa: podia ter-lhes juntado os desenhos n.ºs 8, 9 e 10, que publico agora. Ao mesmo artigo podia tambem ter junto o n.º 11, em que se vê o hexalfa¹.

J. L. DE V.

Bibliografia

Anais da união dos Amigos dos monumentos da Ordem de Cristo, Lisboa, s. d. (Tipografia do *Anuário Commercial*).

Assim intitulada, recebeu o Museu Etnológico uma publicação, s. d. (creio ser dos fins de 1918), dividida em duas partes: volume I, tomo 1.º, *Memorias e estudos*; volume I, tomo 2.º, *Documentos associativos*. Posto que não apresente nenhum prólogo onde se expliquem ao leitor os intuitos da União, vê-se do contexto que esta está instalada em Tomar, e que procura não só organizar um Museu onde se reúnam objectos da região, e sobretudo do antigo Convento de Cristo, mas arquivar documentos e noticias concernentes á mesma região e cidade. Efectivamente no tomo 2.º, vem já uma lista de objectos coligidos, e no tomo 1.º, alguns artigos historico-arqueologicos.

É do maior alcance scientifico e patriotico a nova sociedade, e pela minha parte lhe dou sinceros aplausos, tanto mais que já por vezes me tenho referido n-*O Archeologo* ás antiguidades tomarenses, por exemplo, no vol. I, p. 13 sgs., no vol. XIX, p. 146 sgs. e no vol. XXII, p. 143 sgs.

Como observação meramente bibliografica, direi que achava conveniente que o tomo 1.º e 2.º se fundissem em um só, porque assim se facilitaria a consulta.

J. L. DE V.

Necrologia

Francisco Tavares de Proença Júnior

De Francisco Tavares de Proença Júnior não escrevo só com a pena do critico e arqueógrafo que saúda respeitoso, para além

¹ As figs. 151, 152 e 156 do *Signum Salomonis* representam campas sepulcrais respectivamente do Museu de Faro, do Museu de Beja, e da aldeia de Santa Margarida do Sado. Aproveito a ocasião para notar que tendo deixado de, por engano, se imprimir a gravura a que corresponde o n.º 161, esta pertence ao artigo intitulado «Coisas velhas», § 110, a).

Para a historia da Medalhística

O físico francês Bouch

Buscando ha pouco tempo na biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa materiais para um trabalho que estou fazendo, aí folheei o *Catalogo da Collecção do Rev.^{mo} Salgado* (isto é, Catalogo dos papeis possuidos por Fr. Vicente Salgado)¹, onde, § 20, se menciona o seguinte folheto como possuido por Fr. Vicente em 1793:

Subscrição para os dois quadros de medalhas de huma composiçãõ solida, e bella, relativas á Historia de Portugal, e de Inglaterra. Impresso.

Este folheto é o do físico francês Bouch, que foi reproduzido pelo S.^{or} Ferreira Lima no vol. XIX d-*O Archeologo Português*, onde o precedeu de valiosa noticia bibliografico-historica (pp. 371-376). Da indicação de Fr. Vicente resulta que a *Subscrição* já estava impressa em 1793, por tanto dois anos antes da data que o Sr. Ferreira Lima dubitativamente lhe attribuiria (*loc. cit.*, p. 373). Fica assim averiguado mais um ponto, embora de pouca monta, da biografia de Bouch.

J. L. DE V.

Estelas discoides antigas
do Museu Etnologico Português

O S.^{or} Eugenio Frankowski, que reside actualmente em Madrid, e se occupa de Etnografia comparativa, campo em que tem dado a lume alguns trabalhos meritórios², tenciona agora, seguindo a mesma

¹ Gabinete 5.º, est. 22, n.º 49.

² Por exemplo:

— *As cangas e jugos portugueses*, Lisboa 1916;

— *Los signos quemados y esquilados sobre los animales de tiro de la Peninsula Ibérica*, Madrid 1916;

— *La lucha entre el hombre y los espiritos malos*, Madrid 1916;

— *Hórreos y palafitos de la Peninsula Ibérica*, Madrid 1918.

D'estes quatro o mais importante, por mais vasto, é o último. No primeiro trata e desenvolve um assunto que eu inicialmente apresentei á consideração

Museu Etnologico, em que se vê o pentalfa: podia ter-lhes juntado os desenhos n.ºs 8, 9 e 10, que publico agora. Ao mesmo artigo podia tambem ter junto o n.º 11, em que se vê o hexalfa¹.

J. L. DE V.

Bibliografia

Anais da união dos Amigos dos monumentos da Ordem de Cristo, Lisboa, s. d. (Tipografia do *Anuário Commercial*).

Assim intitulada, recebeu o Museu Etnológico uma publicação, s. d. (creio ser dos fins de 1918), dividida em duas partes: volume I, tomo 1.º, *Memorias e estudos*; volume I, tomo 2.º, *Documentos associativos*. Posto que não apresente nenhum prólogo onde se expliquem ao leitor os intuitos da União, vê-se do contexto que esta está instalada em Tomar, e que procura não só organizar um Museu onde se reúnam objectos da região, e sobretudo do antigo Convento de Cristo, mas arquivar documentos e noticias concernentes á mesma região e cidade. Efectivamente no tomo 2.º, vem já uma lista de objectos coligidos, e no tomo 1.º, alguns artigos historico-arqueologicos.

É do maior alcance scientifico e patriotico a nova sociedade, e pela minha parte lhe dou sinceros aplausos, tanto mais que já por vezes me tenho referido n-*O Archeologo* ás antiguidades tomarenses, por exemplo, no vol. I, p. 13 sgs., no vol. XIX, p. 146 sgs. e no vol. XXII, p. 143 sgs.

Como observação meramente bibliografica, direi que achava conveniente que o tomo 1.º e 2.º se fundissem em um só, porque assim se facilitaria a consulta.

J. L. DE V.

Necrologia

Francisco Tavares de Proença Júnior

De Francisco Tavares de Proença Júnior não escrevo só com a pena do critico e arqueógrafo que saúda respeitoso, para além

¹ As figs. 151, 152 e 156 do *Signum Salomonis* representam campas sepulcrais respectivamente do Museu de Faro, do Museu de Beja, e da aldeia de Santa Margarida do Sado. Aproveito a ocasião para notar que tendo deixado de, por engano, se imprimir a gravura a que corresponde o n.º 161, esta pertence ao artigo intitulado «Coisas velhas», § 110, a).

do túmulo, um colega que foi um trabalhador cheio de méritos: sinto também guiar-me minha mão sobre o papel a verdadeira saúde dum bom amigo, cuja débil compleição a morte andou sempre espreitando mais ou menos encobertamente. Quinze dias antes de Tavares de Proença Júnior se finar, eu recebia d'ele a sua derradeira publicação com a nota affectuosa de *Lembrança do autor*. Foi depois que tive noticia do seu trespasso, eu que ignorava o adiantamento da sua doença, que medi toda a sensibilidade daquela dedicatória. Longíssimo da sua Beira Baixa, a sua terra de origem¹ e o campo dos seus primeiros e predilectos estudos, ele enviava-me de Lausanne o adeus d'esse livrinho, talvez ainda um êxtase de esperança, dessa esperança que é o segredo da «vida», de que elle inquiria os fundamentos e que se lhe antolhava bem fora do alcance do seu microscópio de trabalho.

Desde muito novo manifestava interesse pelos vestígios da antiguidade; contudo a circumstancia de pertencerem a sua familia os terrenos da estação de S. Martinho e outros convizinhos deve ter-lhe estimulado a paixão archeologica. O que é certo, é que, estudante ainda em Coimbra, em cuja Universidade se matriculava em 1902, aos 19 anos, iniciava-se no *Instituto* (1903, pp. 444 e 572) com as suas primeiras publicações archeológicas *Coisas Velhas*; mas nesse mesmo ano dava-nos o primeiro relatório de explorador de estações arcaicas e aí se entreviam, já de modo acentuado, os seus dotes de método no trabalho e de conciso da exposição (*Antiquidades. I.— Resultado de explorações feitas nos arredores de Castelo-Branco em Setembro e Outubro de 1903, Coimbra ... 1903*).

Incompatível, pelas suas preferências intellectuais com o estudo do Direito e, por outro lado, um tanto rebelde à disciplina das escolas, em 1905 deixava a Universidade, ainda assim com a aprovação no 1.º ano jurídico².

As pesquisas de 1903 tinham-lhe ateado vivamente a chama archeologica, premiando a sua dedicação e bizzarria com dois achados de grande importância. Eram para Tavares de Proença Júnior *un sombre mystère* as duas lápides então exumadas, o que não o impedia de as considerar *objet d'un culte* (*Notice sur deux monuments épigraphiques ... Coimbra ... 1905*).

¹ Tavares de Proença Júnior era lisboeta por nascimento, mas beirão por ascendência.

² A 5 anos de distância, ainda flagelava a Universidade Coimbra com brava critica; veja-se a p. 32 dos *Materiais*, Julho e Agosto de 1910.

Estes monumentos verdadeiramente notáveis davam-lhe ensejo para três opúsculos: primeiro, a comunicação ao Congresso Prè-histórico de França, de Perigueux, a cujo seio Tavares de Proença Júnior levou a surpresa da sua juventude; outro de desfôrço, por uma afirmação menos exacta dum congressista francês (*O Dr. Capitán e a Notice sur deux monuments épigraphiques ... Coimbra 1906*) e o terceiro, a *Separata do Instituto, O Congresso Prè-histórico de França. Nota apresentada ao Instituto de Coimbra ... Coimbra 1906*; deixando anunciado um quarto intitulado *Os monumentos insculptados de Castelo Branco*¹.

O primeiro destes escritos valeu-lhe as palmas de official da Academia Francesa.

Depois disto, ainda publicou outros opúsculos dos quais, em arqueologia, conheço a *Anta da Urgueira (Beira Baixa) Leiria ... 1909*, modelo de método arqueológico e *Arqueologia do Distrito de Castelo Branco ... Leiria ... 1910*, onde juntou uma carta arqueológica do mesmo distrito, facto merecedor de maior encomio e exemplo digno de ser imitado.

Neste volume dá-nos Tavares de Proença Júnior uma resenha dos seus escritos, que confesso não cheguei a conhecer todos. Neles prometia ainda utilíssimas monografias, que infelizmente a sua fuga de Portugal impediu de elaborar. E assim digo, pois que, tendo saído de cá em Setembro de 1911, para se colocar a coberto de perseguições políticas, só veio a falecer em Setembro de 1916; se tivesse podido permanecer em Castelo Branco, ao lado do seu Museu ou na sua Quinta da Cortiça, em Leiria, Tavares de Proença Júnior não teria esquecido a arqueologia e valiosos serviços teria prestado à sciência das antiguidades portuguesas.

Em 1910 inaugurou a sua revista *Materiais*, de que saíram 3 números até Dezembro desse ano e em que Proença Júnior acenhuava a sua grande qualidade de concisão quasi lacónica e se revelava crítico cheio de rude franqueza.

Como documentação dos seus escritos e arquivo patriótico das antiguidades do seu distrito, fundou a expensas suas, em 1910, no edificio de Santo Antonio, um Museu inaugurado em 17 de Abril, onde reuniu o resultado de 8 anos de trabalho. A maior parte dos objectos foi oferecida pelo fundador ao município de Castelo-Branco; a parte

¹ Os monumentos figurados de S. Martinho são actualmente três, segundo me informa o Sr. Dr. Paiva Pessoa; o ultimo relaciona-se patentemente com os outros; é um fragmento encontrado depois.

que provinha do espólio das antas do distrito foi depositada, por estar ainda inédita. Para a iniciativa de Tavares de Proença Júnior jamais Castelo Branco terá exageros de aplauso ou sequer de reconhecimento, porque a instituição dum museu é um dos factores que mais rápidamente elevam a instrução dum povo e portanto um dos actos do mais inatacável patriotismo, e da mais inteligente dedicação.

Em 1912 foi a colecção de antiguidades de Castelo-Branco transferida para o vasto edificio, onde estivera instalada a Escola Normal, e tempos depois, novamente se fez a sua mudança para a sua antiga séde, onde ainda se encontra enriquecido com grandes obras de arte do Paço Episcopal, presidindo pessoalmente a estas translações forçadas um amigo de Tavares de Proença Junior e entusiasta albicas-trense o Sr. Dr. Manuel de Paiva Pessoa¹.

Não deve ter sido inofensivo para o débil, embora diligente, organismo de Proença Júnior a forçada separação do que constituía a sua propriedade intelectual, que ele próprio amaria com maior affecto e desvanecimento do que os seus domínios rurais. Mas de todos os tempos é o «mal haver por bem fazer».

Em 1912 a sua precária saúde empurrava-o mais uma vez para a Suíça. Separado da sua Beira, e do seu Museu, Tavares de Proença estrangulou em si a lembrança das suas antas, castros e lápides, e lançou-se nos braços da biologia, sciência sem fronteiras.

Montou a seguir em Lausanne um laboratório de microfotografia e fez trabalhos apreciados pelos especialistas, deixando no prelo estudos sobre fisiologia e microscopia e introduzindo mais que um melhoramento em delicados aparelhos de observação. Dessa sua nova orientação resultou um livro vibrante de convicção adquirida pela sua incansável actividade e pela sua intelligência já robusta: *La Vie*, que eu li com sincera admiração e que era um satirizante adeus à própria vida. A obsessão do trabalho consumia-o.

Parece que, por ter em pouca conta as precauções que a conservação da sua existência lhe impunha, do seu querido exilado a illustre familia, prevenida tardiamente, já não foi encontrar em Lausanne mais que o inesperado e inerte despojo da morte. Em 24 de Setembro de 1916 Francisco Tavares de Proença Júnior extinguiu-se, victima do seu horror á ociosidade.

Contava 33 anos.

F. ALVES PEREIRA.

¹ A este illustrado notário de Castelo-Branco deve esta cidade os resultados da pertinaz campanha, em que salvou para este museu as referidas preciosidades.

II

Vieira Natividade

Em 20 de Fevereiro de 1918 faleceu em Alcobaça, sua terra natal, o S.^{or} Manoel Vieira Natividade, a respeito de quem se lê num jornal o seguinte:

«A morte d'este eminente alcobacense, cuja noticia nos encheu de sincero desgosto porque tambem pessoalmente o conheciamos, não representa apenas para a terra que ele adorava, para a qual tanto trabalhou e que era a sua, uma perda enorme e insubstituivel. Vieira Natividade, sendo o mais prestimoso e illustre cidadão da sua terra, era tambem, e mesmo por esse facto, um portuguez dos que mais mereciam a nossa consideração e admiração enternecida.

Morto quando ainda longe da velhice, ele deixa uma obra de capital importancia para o estudo da arqueologia, da historia, das tradições e da arte na sua provincia, e deixa tambem um exemplo admiravel de labor honrado e fecundo, independente e cheio de fé, digno de um verdadeiro benemerito. Não é esta a ocasião de esboçar sequer a sua biografia. Mas queremos acreditar que Alcobaça está coberta de luto diante da memoria daquele seu filho, que foi o mais fiel e enternecido de quantos a teem honrado.

A obra de Natividade é vasta e variada, mas é nos seus estudos de arqueologia e etnografia que se encontra o grande e autentico valor deste homem de sciência, que era ao mesmo tempo um delicado poeta da natureza, grande amador e cultivador de flores e pomares, aos quais dedicou algumas brochuras notaveis. Entre os seus livros principais, citaremos «Ignês de Castro e Pedro o Cru perante a iconografia dos seus tumulos», «As grutas de Alcobaça», «O Mosteiro de Alcobaça», tendo ainda recentemente publicado n'«A terra portuguesa» um notabilissimo estudo intitulado «O Povo da minha terra».

(*Diario de Noticias*, de 22 de Fevereiro de 1918).

*

O *Archeologo Português* tambem deveu colaboração a Vieira Natividade, e eu pessoalmente mantive sempre com ele boas relações: por isso, e porque a sua morte representa uma falha sensivel nos estudos archeologicos e etnograficos, não quero deixar passar a ocasião que se me oferece de mais uma vez tributar o meu preito ao labor intelectual de Vieira Natividade. Cf. o que já a respeito do falecido eu escrevêra nas *Religiões*, I, 18 e 40-41, e n-*O Archeologo*, XI, 338-3339. Vieira Natividade possuia em Alcobaça um valioso

museu de Arqueologia, constituido por objectos obtidos por ele proprio em excavações e excursões nos arredores de Alcobaca; ultimamente havia-lhe agregado, como creio, espécimes etnograficos, os quaes porém não cheguei a ver.

J. L. DE V.

III

Paul Choffat

«Faleceu ontem¹ sepultando-se hoje no cemitério dos Prazeres, o illustre geologo suíço Paul Choffat, antigo funcionario da nossa Direcção dos trabalhos geologicos, onde era muito estimado pelo seu caracter e seu saber.

Foram notaveis os serviços que prestou, quer no levantamento da carta geologica de Portugal, em colaboração com Nery Delgado, quer no estudo especial de jurassico e cretacio portuguezes, sobre os quaes publicou importantes memorias. A par disso produziu muitas obras de caracter geral, e artigos de vulgarização dispersos em jornais scientificos, nacionais e estrangeiros. Paul Choffat nasceu em 14 de Março de 1847, na Suíça, em Porrentruy, de uma familia abastada. Muito novo ainda, começou os seus estudos no «Polytechnicum» de Zurich, recebendo com distincção o grau de doutor em sciencias, e entrando pouco depois para aquele grandioso estabelecimento scientifico como professor agregado.

Logo ao terminar o curso, se dedicou ao estudo de geologia e paleontologia, realizando vastos trabalhos de campo. Percorreu a pé e em estudo toda a região que vai de Zurich a Viena, bernal aos hombros e martelo de geologo na mão, e bem assim todo o Jura meridional. A carta geologica, que então realizou dessa região, ficou classica. tendo sido publicada no mapa n.º 11, do Atlas de Geografia, de J. Serhader. Com uma erudita preparação e tão aturados trabalhos de campo, adquiriu bem depressa a reputação de geologo autorizado. Uma afecção de laringe, que não lhe permitia falar por muito tempo seguido, afastava-o do exercicio do magisterio.

Por conselho medico determinara-se a procurar cura dos seus padecimentos nas regiões temperadas da Andaluzia ou da Argelia, quando encontrou Carlos Ribeiro, em Paris, no ano de 1878. Sugeriu-lhe este experimentar clima portuguez, onde efectivamente encon-

¹ 6 de Junho de 1919.

trou alivio para os seus incomodos. Sob indicação de Nery Delgado, ofereceu-se então para, oficialmente, estudar o jurassico português.

Mais tarde entrou como geologo contratado para o serviço Geologico de Portugal, onde permaneceu por muito tempo, tendo produzido os mais assinalados trabalhos, como se poderá avaliar da longa e importante lista das suas publicações, entre as quais avultam: os «Estudos estratigraficos e paleontologicos dos terrenos jurassicos de Portugal»; «Estudo geologico do tunel do Rocio»; «Estudo geologico sobre os terrenos sedimentares da Africa portuguesa», e muitos outros trabalhos de importancia. Paul Choffat casou, em 1880, com uma filha do general francês Lagerot, irmão mais novo do outro general do mesmo nome, que, sendo ministro, da guerra ordenou a prisão de Boulanger.

Foi socio correspondente da Academia Rial das Sciências e condecorado com o officialato de S. Tiago. Ultimamente foi-lhe conferido pela Sociedade Geologica de França, de que foi membro, o premio pecuniario e medalha Viquesnel, sendo o primeiro estrangeiro a quem tal distincção foi concedida».

*

O precedente necrologio, inserido no *Diario de Noticias*, de 7 de Junho de 1919, foi feito por pessoa que estava bem informada da vida do sabio e preclaro geologo, e por isso o transcrevi na integra. Ilustro-o com o retrato que devo á amabilidade da familia.

Quem porém desejar mais amplo conhecimento dos trabalhos scientificos de Choffat tem uma lista d'elles, respectiva ao periodo que vai de 1874 a 1910, a p. 143 sgs. do tomo VII das *Comunicações da Comissão do Serviço Geologico de Portugal*, publicação de que ele foi assíduo colaborador.

Se Paul Choffat, cultivou com o maximo esmero a Geologia, pelo que a sua morte representa grande perda na sciência portuguesa, tambem, embora de passagem, lhe mereceram cuidados os estudos prehistoricos; e é por isso que n-*O Archeologo* se publica o presente artigo.

Trouxe a lume sôbre a nossa Prehistoria o seguinte:

L'homme tertiaire en Portugal (nas *Archives des Sciences physiques et naturelles de Genève*, t. IV: separata, 12 pp., 1 est), 1880.

Industrie préhistorique (no seu trabalho intitulado *Tunel do Rocio*: 2 pp., 1 est.), 1889.

Sur une station préhistorique à Obidos et sur la dispersion de l'Ostrea edulis aux temps préhistoriques (nas *Comunicações*, II, 158-160), 1890.

Tem, de mais a mais, referencias a ela em artigos de outra natureza, biograficos, bibliograficos etc.,

Nas *Comunicações*, IV, 202 sgs., publicou uma análise especial de um livro de Stainier sobre a idade da pedra no Congo, análise adornada de muitas figuras. Foi por causa d'esta atenção que concedia á Prehistoria africana que ele me incitou a publicar a breve nota que appareceu n-*O Arch. Port.*, XVIII, 174-177, á qual o proprio Choffat acrescentou uma linha *ibidem*, XXI, 366.

Posto que Paul Choffat, por vezes, e com muita insistencia, promettesse dar colaboração á nossa revista, e até tencionasse escrever para ella uma memoria acêrca das regiões portuguezas onde apparece sílex (o que seria muito valioso para a Prehistoria nacional, por constituir essa substancia a materia prima de grande número de instrumentos paleo- e neolíticos), apenas colaborou aqui escassamente: *Archeologo Português*, II, 301; IV, 62; X, 193; XII, 338. O último artigo é reprodução, modificada, d'aquelle que acima mencionei com o título de *Industrie préhistorique*.

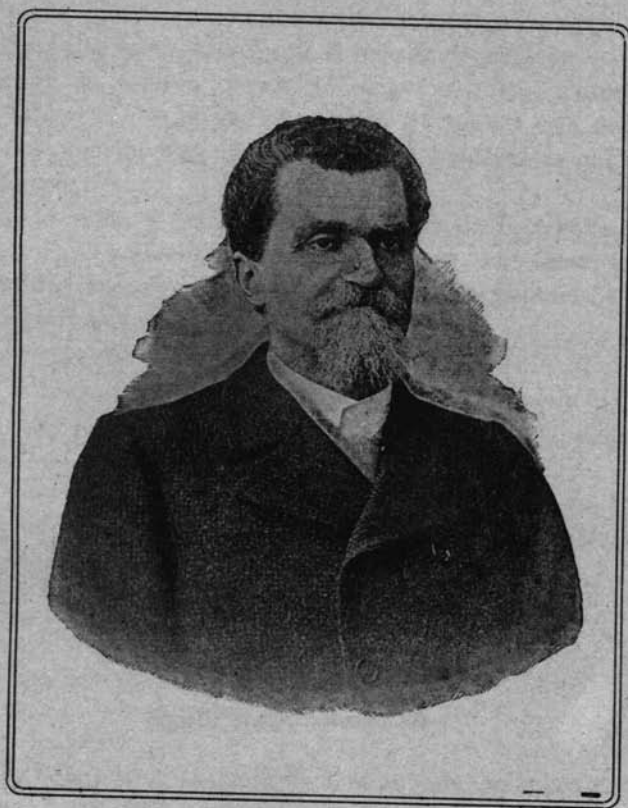
O Museu Etnologico deve a Paul Choffat alguns objectos prehistoricos, e entre eles a preciosa fôrma de foice da idade do bronze, que foi peritamente descrita pelo D.^{or} Joaquim Fontes n-*O Arch. Port.*, XXI, 337 sgs. (com gravuras).

Pena autorizada exporá certamente um dia ao público português todos os serviços que o falecido geologo prestou a Portugal. Quem, tendo frequentado a Comissão Geologica, se não lembra de o ver a todas as horas, de manhã cedo, pelo dia adiante, e ao fim da tarde, sempre entregue á labutação scientifica? Alguem em Portugal trabalhou com mais afinco, ora no gabinete e nos museus da especialidade, ora percorrendo a pé, com um sacco ás costas, o campo geologico, para colher exemplares de rochas e de fósseis, e estudar os terrenos *in situ*?

Em tempos o Governo quis galardoá-lo, como penso, com uma cadeira de Geologia em um dos nossos estabelecimentos de ensino superior: Choffat, que era extremamente modesto, e já tambem andava doente, não aceitou. Pena foi, pois teria, entre os seus jovens alunos, formado acaso discipulos, que continuassem a tradição de homens eminentes, como Pereira da Costa, Carlos Ribeiro, Joaquim Delgado, e outros, de que o nosso país com razão se orgulha.

Lisboa, 1 de Julho de 1919.

J. L. DE V.



Paul Choffat

Museu Etnologico, em que se vê o pentalfa: podia ter-lhes juntado os desenhos n.ºs 8, 9 e 10, que publico agora. Ao mesmo artigo podia tambem ter junto o n.º 11, em que se vê o hexalfa¹.

J. L. DE V.

Bibliografia

Anais da união dos Amigos dos monumentos da Ordem de Cristo, Lisboa, s. d. (Tipografia do *Anuário Commercial*).

Assim intitulada, recebeu o Museu Etnológico uma publicação, s. d. (creio ser dos fins de 1918), dividida em duas partes: volume I, tomo 1.º, *Memorias e estudos*; volume I, tomo 2.º, *Documentos associativos*. Posto que não apresente nenhum prólogo onde se expliquem ao leitor os intuitos da União, vê-se do contexto que esta está instalada em Tomar, e que procura não só organizar um Museu onde se reúnam objectos da região, e sobretudo do antigo Convento de Cristo, mas arquivar documentos e noticias concernentes á mesma região e cidade. Efectivamente no tomo 2.º, vem já uma lista de objectos coligidos, e no tomo 1.º, alguns artigos historico-arqueologicos.

É do maior alcance scientifico e patriotico a nova sociedade, e pela minha parte lhe dou sinceros aplausos, tanto mais que já por vezes me tenho referido n-*O Archeologo* ás antiguidades tomarenses, por exemplo, no vol. I, p. 13 sgs., no vol. XIX, p. 146 sgs. e no vol. XXII, p. 143 sgs.

Como observação meramente bibliografica, direi que achava conveniente que o tomo 1.º e 2.º se fundissem em um só, porque assim se facilitaria a consulta.

J. L. DE V.

Necrologia

Francisco Tavares de Proença Júnior

De Francisco Tavares de Proença Júnior não escrevo só com a pena do critico e arqueógrafo que saúda respeitoso, para além

¹ As figs. 151, 152 e 156 do *Signum Salomonis* representam campas sepulcrais respectivamente do Museu de Faro, do Museu de Beja, e da aldeia de Santa Margarida do Sado. Aproveito a ocasião para notar que tendo deixado de, por engano, se imprimir a gravura a que corresponde o n.º 161, esta pertence ao artigo intitulado «Coisas velhas», § 110, a).

Crónica

Portaria de louvor

Ministério de Instrução Pública—Secretaria Geral.— Atendendo ao alto e acrisolado labor científico da Direcção do Museu Etnológico Português e aos serviços prestados à investigação arqueológica e etnográfica pelos colaboradores da revista *O Archeólogo Português*;

Atendendo ao esforço persistente e ao sacrificio material que a mesma Direcção do Museu Etnológico Português tem feito para obtenção dos objectos que enriquecem as já hoje vastas galerias do referido Museu;

Atendendo ainda a que cabe ao Ministério da Instrução Pública patrocinar empreendimentos deste alcance, que muito elevam o país no conceito das nações cultas e proporcionam aos estudiosos grande cópia de materiais científicos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja dado público testemunho de louvor à Direcção do Museu Etnológico Português e à revista *O Archeólogo Português*.

Paços do Governo da República, 15 de Fevereiro de 1918.— O Ministro de Instrução Pública, *José Alfredo Mendes de Magalhães*.

(*Diário do Governo* n.º 52, 2.ª série, de 20 de Fevereiro de 1918).

L. S. M.

Excursão arqueológica

Em 9 de Maio de 1918 parti de Lisboa para o Cadaval, e de lá fui a outras localidades, tais como Pragança, Peral, Columbeira e Leiria. Regressei a Lisboa em 27.

Adquiri bastantes objectos para o Museu Etnologico.

Entre as pessoas que me obsequiaram especifico: S.^{res} João Ribeiro, de Adão-Lobo, que me ofereceu um podão, ornamentado com uma moeda no cabo; Abel Gaspar, da mesma localidade, que me cedeu um lindo raspador de fibrolite; Leonel Ribeiro, da mesma localidade, que me ofereceu duas figurinhas de barro antigas que representam aguias, destinadas a terem ramos de flores artificiais fixos na cabeça; Anselmo Marques da Silva, do Cadaval, que me ofereceu um real-preto de D. Duarte, e um ceitil de D. Afonso V,

e foi meu companheiro de excursões; Graciano Siopa, da mesma vila, que me ofereceu uma moeda de prata do Norte de Africa, que tem figurado um hexalfa; Antonio Rodrigues dos Reis, da mesma vila, que me ofereceu trinta moedas de prata e cobre, portuguesas e estrangeiras; José Antonio Leandro, de Pragança, que me ofereceu tres machados de pedra; Pedro Filipe, da mesma localidade, que me ofereceu um espelho de porta artistico, do sec. XVIII, e me acompanhou numa excursão archeologica; Joaquim Martins, de Leiria, que me ofereceu um baralho de cartas de jogar, de caracter historico, e varios espécimes de papel selado, antigo.

Por compra obtive: facas e setas prehistoricas de silex; uns quinze instrumentos neoliticos, alguns d'elles muito belos; dois machados de bronze, e várias miudezas da mesma epoca; uma moeda portuguesa de prata do sec. XVIII; amuletos portugueses; objectos de etnografia artistica, etc.

*

Em Leiria vi o Museu Regional, que se deve principalmente ao esforço do S.^{or} Tito de Sousa Larcher, antigo redactor da *Leiria Illustrada*, e pessoa muito sabedora, e dedicada ao bem da sua terra. O Museu foi criado em Novembro de 1917, e serviu-lhe de nucleo uma collecção de objectos particulares do S.^{or} Larcher, o qual depois continuou a reunir cousas de várias procedencias, de extintos conventos, do paço episcopal, etc. O Museu podemos considerá-lo formado de secção numismatica, e secção archeologica propriamente dita.

No que toca a Numismatica, possui o Museu algumas moedas da Republica e Imperio romano, de cobre e prata; tres moedas arabicas de prata; algumas portuguesas, de prata e cobre, do continente, ilhas e colonias; moedas estrangeiras, de prata e cobre (Brasil, Hespanha, Norte de Africa, Africa Oriental); cedulas da Casa da Moeda; *fichas* madeirenses de 40 e 50 réis, de Vicente de Oliveira & C.^a, de 1799; senhas, do mesmo genero, da *Companhia de Boror* (Zambezia), de estanho ou aluminio, com a fôrma de quadrado perfeito, e de quadrado cortado nos angulos¹. Tambem aí vi pesos de *r(apé)*, *s(abão)*, *p(olvora)*, e varias medalhas portuguesas (poucas).

¹ Têm no anv. *Companhia do Boror* * Zambezia *, e no centro, dentro de um circuito granulado, respectivamente «200» e «100»; no rev., dentro de outro circuito granulado, uma estrela de cinco raios, com BOROR no centro. Possuem um orificio, para os Pretos as enfiarem.

Na secção arqueologica ha objectos pre-romanos e romanos, tudo provindo do local de S. Sebastião, que é já conhecido dos antiquarios: tres machados de pedra; contas de vidro azul, e um fragmento de uma conta oculada, grande; moedas coloniais ibericas; fibulas e fivelas; uma pinça de bronze (*forceps*); fragmentos de uma chapa de bronze pequena, de 2 milímetros de espessura, e com inscriçãõ em que só leio o que se vê na fig. 1: *mi erarum arumi*; um peso de barro (*pondus*), que tem no topo o suastica e uma inscriçãõ que, depois de bem examinada, li assim: *Bovanniu(s) Bouti(i)*¹ (vid. fig. 2); outros pesos, mas anepigrafos; dois cossoiros de barro (*verticilli*), um d'elles com traços ornamentais. De epochas mais recentes tem o Museu: mobilia, loiça, quadros, objectos de igreja (castiçais, turibulo, candelabro), veronicas, sinetes.



Fig. 1



Fig. 2

Oxalá os Colipolenses auxiliem, como devem, os esforços e o patriotismo do S.^{or} Larcher. Em Leiria existe um Liceu; o Museu Regional oferece sem dúvida optimo campo para os alumnos irem ali receber lições practicas de Historia e Arte antiga.

Junto do Museu ha uma rica Biblioteca, igualmente a cargo do S.^{or} Larcher, e a ele devedora de muito do que contem. Estão nela muitos livros do antigo paço episcopal. O S.^{or} Larcher não se tem descuidado de, a par de obras impressas, coligir obras manuscritas: entre as ultimas notei o fragmento de uma antiga arte de canto.

*

Na minha excursão visitei uma gruta, onde já appareceu uma lança de silex, de esplendida feitura, e muitos cranios. Falar mais especificadamente d'isto ficará para outra vez.

J. L. DE V.

¹ Isto é: «Bovano, filho de Boucio». A palavra *Bovannius* apparece agora pela primeira vez, quanto sei, na epigraphia peninsular; deriva do tema de *Bovanna*, que se lê numa inscriçãõ de Coria (*Corpus*, II, 775). *Boutius* é palavra muito conhecida. Acêrca do suastica vid. *Regiões da Lusitania*, III, 633. Temos nesta inscriçãõ certamente uma marca figulina, como se póde inferir do suastica.

Crónica

Portaria de louvor

Ministério de Instrução Pública—Secretaria Geral.— Atendendo ao alto e acrisolado labor científico da Direcção do Museu Etnológico Português e aos serviços prestados à investigação arqueológica e etnográfica pelos colaboradores da revista *O Archeólogo Português*;

Atendendo ao esforço persistente e ao sacrificio material que a mesma Direcção do Museu Etnológico Português tem feito para obtenção dos objectos que enriquecem as já hoje vastas galerias do referido Museu;

Atendendo ainda a que cabe ao Ministério da Instrução Pública patrocinar empreendimentos deste alcance, que muito elevam o país no conceito das nações cultas e proporcionam aos estudiosos grande cópia de materiais científicos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja dado público testemunho de louvor à Direcção do Museu Etnológico Português e à revista *O Archeólogo Português*.

Paços do Governo da República, 15 de Fevereiro de 1918.— O Ministro de Instrução Pública, *José Alfredo Mendes de Magalhães*.

(*Diário do Governo* n.º 52, 2.ª série, de 20 de Fevereiro de 1918).

L. S. M.

Excursão arqueológica

Em 9 de Maio de 1918 parti de Lisboa para o Cadaval, e de lá fui a outras localidades, tais como Pragança, Peral, Columbeira e Leiria. Regressei a Lisboa em 27.

Adquiri bastantes objectos para o Museu Etnologico.

Entre as pessoas que me obsequiaram especifico: S.^{res} João Ribeiro, de Adão-Lobo, que me ofereceu um podão, ornamentado com uma moeda no cabo; Abel Gaspar, da mesma localidade, que me cedeu um lindo raspador de fibrolite; Leonel Ribeiro, da mesma localidade, que me ofereceu duas figurinhas de barro antigas que representam aguias, destinadas a terem ramos de flores artificiais fixos na cabeça; Anselmo Marques da Silva, do Cadaval, que me ofereceu um real-preto de D. Duarte, e um ceitil de D. Afonso V,

Outra excursão arqueológica

Nas férias da Pascoa de 1920 o Sr. Director do Museu Etnológico fez uma excursão a várias terras da Extremadura (concelhos do Bombarral, Lourinhã, e Caldas da Rainha), e não só obteve muitos machados neolíticos e alguns espécimes de Etnografia, mas excavou uma *lapa* onde encontrou objectos de bronze.

Por seu intermédio ofereceram ao Museu machados de pedra os seguintes Srs. D.^{or} Joaquim Manuel Correia, Advogado nas Caldas da Rainha; Bento da Silva, dos Baraçais; Bernardo Gomes, da Zambujeira.

- L. S. M.



VOLUME XXIV

ÍNDICE ANALÍTICO

ALFAIAS:

Religiosas : 133.

AMULETOS:

Referência a brasileiros : 233.

ANEL:

Romano de ouro com gravura : 271.

Anel de ouro da época visigótica : 275.

ANIMAL:

Vid. *Religião*.

ANTAS:

No concelho de Montalegre : 58, 59, 62, 69, 70, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85 e 86.

Utilização delas : 59.

«Casas de Orca» e outras : 218, 220, 221, 231 e 237.

ANTIGUIDADES E NOTÍCIAS LOCAIS:

Alentejo:

Arronches, distrito de Portalegre (estação paleolítica) : 47 e 58.

Santiago do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo (mina romana) : 88.

Mértola (peça de xorca) : 100; (vária) : 231.

Beja (espêto) : 101; (figuras, inscrições, etc.) : 113 e seguintes; (ruínas) : 233.

Moura (vária) : 111.

Serpa (moeda com caracteres desconhecidos) : 114.

Cuba (inscrição) : 130.

Évora (antiguidades) : 131; (Vasco da Gama) : 287.

Vendas Novas (palácio real) : 140.

Elvas (aquedutos) : 173.

Santa Vitória de Ervidel, concelho de Beja (vaso de barro) : 196.

Campo-Maior (preistória) : 233.

Grândola (notícia de lápide arábica) : 235.

Algarve:

- Lagôa (xorcas e contas): 100.
 Cabo de S. Vicente (espetos de bronze): 101.
 Alcoutim (machados neolíticos, utensílios romanos, etc.): 198.
 Alportel (moeda de ouro): 224.
 Castro-Marim (castelo, numerosos vestígios): 225 e seguintes.
 Cacela (candeia arábica, etc.): 230.
 Tavira (taça de vidro e numerosas antigualhas romanas): 230 e 231.
 Silves (cabra de bronze): 280.
 Luz, concelho de Tavira (busto de Mercúrio): 286.

Beira:

- Coimbra (estatuária): 45; (antigualhas nos museus): 233; (notícias do P. Cruz Coutinho): 238.
 Mealhada (estação paleolítica): 58.
 Quatro Freiras, concelho do Sabugal (mina antiga): 90.
 Condeixa (peça de xorca): 100; (ara): 197; (lápide de sepultura): 234.
 Monsanto, concelho de Idanha (jóias de prata): 103.
 Monforte, concelho de Idanha (xorca): 104.
 Vila Velha de Ródão (xorca): 104.
 Penamacôr (objectos de prata): 107.
 Castelo-Branco (fibula de bronze): 107; (toiro de bronze): 276.
 Quinta do Mosteiro, concelho de Penalva do Castelo (sepultura rasa, etc.): 215.
 Esmolfe, concelho de Penalva do Castelo (vária): 217.
 Forninhos, concelho de Trancoso (sepulturas): 217.
 Aldeia Nova e Carapito, concelho de Trancoso (antas): 218.
 Matança, concelho de Fornos de Algodres (pelourinho): 218.
 Enfiães, concelho de Fornos de Algodres (inscrições romanas, moedas): 218 e 219.
 Alagôa, Cortiça, Aveleira, Goje e Silvã, concelho de Fornos de Algodres (pedras com letras, antas, etc.): 219.
 Cátão (notícias de antas): 221 e 222.
 Castendo (machados de bronze): 223.
 Figueira da Foz (prelística): 223.
 Gouveia (anel romano): 271.
 Fundão (estatueta): 271.
 Beira-Baixa (porco votivo): 273.
 Crasto-Velho, concelho do Fundão (cavalo votivo): 273.
 Manteigas (anel visigótico): 275.
 Medelim, concelho de Idanha (triente): 276.
 Alcafache, concelho de Viseu (cabra de bronze): 281.

Entre-Douro e Minho:

- S. Salvador de Freixo, concelho de Amarante (igreja românica): 83.
 Vilarinho, concelho de Santo Tirso (igreja românica): 35.
 Serzedelo, concelho de Guimarães (igreja românica): 37.
 S. Martinho de Cando, concelho de Guimarães (igreja românica): 39.

- Santa Maria de Airães, concelho de Felgueiras (igreja românica) : 40.
 S. Romão de Arões, concelho de Fafe (igreja românica) : 42.
 S. Vicente de Sousa, concelho de Penafiel (igreja românica) : 43.
 Porto e Viana do Castelo (estações paleolíticas) : 58.
 Cendufe, concelho de Arcos de Valdevez (peça de xorca) : 100.
 Guimarães (portada do Capitulo) : 93.
 Penude, concelho de Lamego (castro) : 203.
 Castro Laboreiro, concelho de Melgaço (pelourinho) : 211.

Estremadura:

- Palmela, concelho de Setúbal (vasos prehistóricos):
 Peniche (idem) : 58.
 Cezareda, concelho de Óbidos (idem) : 58.
 Lisboa (estação paleolítica) : 58; (vária) : 141; (ara) : 271.
 Caldas da Rainha (estação paleolítica) : 58.
 Leiria (estação paleolítica) : 58; (museu e biblioteca) : 302.
 Alcobaça (estação paleolítica) : 58.
 Queiriga, concelho de Cátão (mina antiga) : 90.
 Alguber de Figueirós, concelho do Cadaval (espetos de bronze) : 101.
 Painho, concelho do Cadaval (idem) : 102.
 Aldeia Galega (embarcadouro) : 140.
 Mafra (vária) : 162.
 Casal dos Fiéis de Deus, concelho do Bombarral (tesouro da época de bronze) : 195.
 de Moita, concelho da Lourinhã (ponta cúprica de seta) : 196.
 Tróia, concelho de Setúbal (vários achados) : 213; (têsto e lucerna) : 237.
 Agualva, concelho de Setúbal (notícia de antigualhas) : 234.
 S. Mamede de Óbidos (cano, etc) : 235 e 236.
 Adão-Lobo, concelho de Cadaval (pêso de pedra) : 236.
 Setúbal (coleção arqueológica) : 236.
 Moledo, concelho de Lourinhã (xorca de bronze) : 196.
 Alcainça, concelho de Mafra (xorcas de bronze) : 195.
 Alcácer do Sal (figura votiva) : 277.
 Columbeira, concelho do Bombarral (busto de bronze) : 284.

Trás-os-Montes:

- Chaves (paleolítico) : 58.
 Montalegre (vária) : 58.
 Negrões, concelho de Montalegre (lugar da Grova) : 87.
 Carrazeda de Anciães (anta e lenda) : 237.
 Pinhovo, concelho de Macedo de Cavaleiros (inscrição em estátua) : 240.
 Vid. *Castros*.

ARA:

- Uma ara inédita : 197.
 Vid. *Arqueologia romana, Epigrafia*.

ÁRABES:

- Vid. *História, Moedas*.

ARCO DE FERRADURA:

Em um sinal de tabelião: 18.

Arcos de ferradura: 93.

ARQUEOLOGIA:**Preistórica:**

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre): 47.

Objectos paleolíticos de Arronches: 56.

Aparecimento de objectos: 70, 72, 88, etc.

Estela talvez preistórica: 71.

Estudos sobre a época do bronze em Portugal: 193.

Machados de pedra: 199.

Objectos num museu de Coimbra: 223.

Vid. *Cerâmica, Mamão, Gruta, Insculturas, Machado*.

Protoistórica:

Vid. *Castro, Anta, Bronze, Xorca*.

Romana:

Arco de cantaria (?): 76.

Ara na proximidade de um castro: 80.

Estela funerária: 83.

Cerâmica romana proveniente de mina: 88.

Ara de Conímbriga: 197.

Utensílios romanos: 201.

Busto romano de bronze: 202.

Tróia de Setúbal, Cetóbriga dos Romanos?: 213.

Forno de cal, talvez romano: 228.

Tanque de salga: 230.

Lápide epigráfica: 234.

Cano argamassado: 235.

Têsto de Tróia: 237.

Pedra de anel: 270.

Dois bustos de Mercúrio: 283.

Vid. *Museu, Bronze, Epigrafia romana, Arquitectura*.

Medieval:**Arábica:**

Notícia de lápide: 235.

Vid. *Espada, Cerâmica, Moeda*.

Bárbara:

Gravura animalesca: 81.

Triente de Leovigildo: 224.

Anel visigótico: 275.

Vid. *Sinais, Escultura, Arquitectura, Epigrafia*.

Vária:

Materiais para a Arqueologia do concelho de Montalegre: 58.

Objectos arqueológicos de Alcoutim: 198.

Casas velhas: 110; *Excursão arqueológica pela Beira-Alta e Baixa*: 215.

Excursão arqueológica: 301.

Indeterminada:

Peça de arreio antigo de cobre: 176.

Portuguesa:

Vid. *Sepultura*.

Estrangeira:

Vasos de Ciempozuelos: 24 e sgs.

ARQUITECTURA:**Civil (antiga):**

Friso com bucranios: 139.

Capitéis, fragmentos e estuque: 214 e 220.

Coluna: 221.

Vid. *Arqueologia, Tôrre, Pelourinho e Fonte*.

Religiosa:

Uma semana românica: 1; *A igreja de Freixo de Baixo*: 2; *A igreja de Vilarinho*: 3; *A igreja de Serzedelo*: 4; *A igreja de Santa Maria de Airões*: 5; *A igreja de S. Vicente de Sousa*: 33.

Arquitecto português: 132.

Capela ogival: 216.

Vid. *Pelourinho*.

ARREIO:

Peça de arreio antigo: 176.

ARTE IBÉRICA:

Estatuetas metálicas de animais: 272, 273, 276 e 279 a 282.

Figura humana de bronze: 277.

Vid. *Ourivesaria, Pintura*.

BIBLIOGRAFIA:

Do paleolítico português: 53.

Curiosidades antigas de Coimbra: 238.

Opúsculo de M. A. Shulten, com o título de *Viriatus*: 282.

Bibliografia: 293.

Vid. *Biografias, Biblioteca*.

BIBLIOTECA:

Uma biblioteca do sec. XVIII: 122.

Livrarias em Lisboa de outrora: 144 e sgs.

Vid. *Miscelânea, Leiria*.

BIOGRAFIAS:

D.^o Augusto Mendes Simões de Castro: 3.

Particularidades biográficas do bispo Cenáculo: 120.

Referências a homens de letras portugueses do sec. XVIII: 146.

Cartas de Augusto Filipe Simões: 286.

Necrologia:

Francisco Tavares de Proença Júnior: 293.

Vieira Natividade: 297.

Paulo Choffat: 298.

Vid. *Miscelânea, Bibliografia*.

BRACELETE:

Vid. *Arqueologia Pré-histórica*.

BRASÃO:

Em sinal de tabelião: 19.

Num cunhal: 221.

Vid. *Sepultura*.

BRONZE:

Xorcas de bronze: 100.

Espetos de bronze: 101.

Tesouro do Casal dos Fiéis de Deus: 193.

Toiro de bronze: 276.

Figura votiva de bronze: 277.

Caprinos de bronze: 279.

Vid. *Fíbula, Arqueologia pré-histórica, Machado, Gruta*.

CANO:

Fragmento: 235.

CAPITEL:

Dois, romanos: 220.

CASTELO:

Em sinal de tabelião: 17 e 20.

Restos: 221 e 224.

Em ruína: 232.

CASTRADOS:

Cantores castrados, em Lisboa: 161.

CASTROS:

No concelho de Montalegre:

Monte de Crasto: 58.

Crastelos: 62 e 65.

De Pedrário: 68.

De Fernão Mouro: 69.

- Castelo da Chaira: 69.
De Soutelo: 69.
De Cortiços e Alto do Castro: 72.
Em Contim e Paradela: 73.
Crastelo em Tourém: 75.
Coroa do Coto e Cividade: 75.
Crasto de Travaços: 76.
Cabeço dos Mouros: 79.
Castro no Outeiro: 81.
Cabeça do Castro: 81.
Cidade do Grou: 82.
Castro em Donões: 86.
Castros de Negrões, Vilarinho e Lamachã: 87.
Castro de Mourilhe: 87.
Castro de Penude: 203.

CERÂMICA:

- La cerâmica pré-histórica decorada*: 23.
Vasos em sepultura: 66, 68 e 81.
Aparecimento de vária: 73, 76, 81, 86, 88, 217, 219, 220, 222, 225 e 231.
Vaso de barro de Santa Vitória de Ervidel: 196.
Fragmentos de ânforas, tijolos, etc.: 214 e 231.
Vid. *Tijolos*, e espécies ocorrentes.

CERÁUNIA:

- Ceráunias: 87.

CHAVE:

- Em sinais de tabelião: 17, 18 e 20.

COBRE:

- Pontã de lança: 72.
Baixela de cobre esmaltado: 153.
Punhal: 194.

COLUNA:

- Antiga: 231.

CONTA:

- De vidro: 100, 101 e 303.

COUP DE POING:

- Exemplares de Arronches: 48 e sgs.

CRÂNIO:

- Com um «dedo» de grossura: 153.

CRUZEIRO:

- Com a cruz de Avis: 220.

EPIGRAFIA:**Romana:**

- Fragmento de inscrição: 214.
 Duas inscrições romanas: 218 e 219.
Um monumento funerário de Pinheiro: 240.
Ara dos Dibus Successis: 217.
 Chapa de bronze com inscrição: 303.
Pondus com marca: 303.
 Vid. *Miscelânea, Ara, Bibliografia*.

Medieval: 61, 85 e 224.**Moderna:** 61, 62, 64, 73, 74, 220 e 221.

- Inscrição da Imaculada Conceição em Beja: 119.
 Inscrição dum arquitecto: 132.

Hebraica:

- Notícias de uma *epigrafe* de Lisboa: 127.

Indeterminada: 73.**ESCULTURA:**

- Estatuária medieval de Coimbra*: 45.
 Estátua jacente: 85.
 Estátua equestre de D. José: 142.
 Escultura de cavaleiro em Elvas: 173.
 Busto romano de bronze: 202.
 Vid. *Arte Ibérica, Arqueologia romana*.

ESPADA:

- Antiga (arábica?): 76.
 Notícia de várias de bronze: 194.

ESPÊTO:

- De bronze: 101.

ETIMOLOGIA:**Toponímica:**

- Coronado: 40.
 Escoural: 88.
 Ferreira e Ferraria: 89.
 Rio Dão: 216.
 Parada-Podeia: 274.

Lexicológica:

- Barraneiro: 92.

ETNOGRAFIA:

- Um sarau literário-musical no sec. XVIII: 129 e 136.
 Obra de madeira: 176.

Pegada de Cristo: 217.

Vid. *Cerâmica, Miscelânea, Folclore, Lendas, Sepultura, Museu Etnológico, Museu.*

FERRO:

Objectos como picaretas: 79.

Estudos sobre a época do ferro em Portugal: 99.

Instrumentos romanos: 201 e 235.

FÍBULA:

De prata: 103.

Fíbula de bronze do Museu de Castelo Branco: 107.

FIGURA:

Pedra com vestígios de figura humana: 59 e 80.

Cabeças de toros em Beja: 116.

FOLCLORE:

Quadras alusivas a um castro: 77.

Quadra alusiva a um sino: 209.

Roteiro versificado: 231.

FLOR DE LIS:

Em sinais de tabelião: 15 e 18.

FONTE:

Aspectos de duas na Beira: 220 e 222.

Monumental: 221.

FORNO:

Fornos de cal romanos (?): 228.

FORTIFICAÇÃO:

Rectangular: 62.

Com muralhas: 65 e 73.

Ruínas: 86.

Vid. *Castro*.

GLÍPTICA:

Vid. *Anel*.

GRUTAS:

Talvez artificiais: 81.

Natural: 85.

Chamadas «Casas dos Mouros»: 86.

Lapa de bronze: 304.

Vid. *Cerâmica*.

HIEROGLIFO:

Vid. *Cerâmica*.

HISTÓRIA:

André de Resende e a Crónica do Mourô Rasís: 177.
Vid. Bibliografia.

INSCULTURAS:

Rupestres: 59 (nota 2), 61 e 62 (Penascrita), 72, 73, 75, 76, 77, 80, 82 (duvidosa), 83, 86, 208, 210, 219 e 220.
Em estela: 71.
Em pia baptismal: 81.
Pegadas: 81 e 217.
Fossettes: 87.
Pias em castros, etc.: 208 e 220.

LANÇA:

De bronze: 193.
De ferro (?): 214.
De sílex: 303.
Vid. Arqueologia Préhistórica.

LENDAS:

Sobre a construção de igrejas: 43 e 84.
De êxodo de populações: 60.
De mouras encantadas ou vagas: 64, 65, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 81, 82, 83, 86, 223 e 237.
Fixadas em castros: 69, 75, 76, 77, 80, 86, 89 e 209.
De fuga de imagem: 72.
De cidade aluída: 85.
Fixada em fonte: 86 e 87.
Vid. Cerâmicas.
Inerente a um sino: 209.
Comprobativa da grandeza de uma cidade: 230.

LUCERNA:

Do sec. I: 88 e 89.
Com marca: 233.
Cristã: 237.
Vid. Cerâmica.

MACHADOS:

Notícias de machados de bronze: 59, 193, 222, 223 e 233.
De pedra, avulsos ou de ruínas: 88, 90, 199, 200, 217, 223, 233 e 303.

MAMÔA:

Vid. Anta.

MANUSCRITOS:

Vid. Viagem.

MARCA:

Figulina: 233 e 303.

MARCO:

Com sigla gravada: 84.

MEDALHÍSTICA:

Para a história da Medalhística: o físico francês Bouch: 291.

MEDIÇÃO:

Medida popular gravada em pedra: 212.

MINA:

Da época romana: 88.

MISCELÂNEA:

Viagem de Perez Bayer em Portugal em 1872: 108.

Vid. Religião.

MOEDAS:

Achados delas: 66, 75, 78, 81, 211, 219, 220, 228, 229 (arabica), 234, 235, 237 (arábica), 273, 285 e 286.

Antiga interpretação de uma: 114.

Monetário do bispo Cenáculo: 123.

Museus numismáticos antigos de Lisboa: 153 e 157.

Bárbaras de ouro: 224 e 276.

Denário: 235.

Vid. Biografia, Museu.

MOS:

Aparecimento delas: 59, 68, 69, 77, 80, 86, 201, 217 e 225.

MÚMIA:

Egípcia em Lisboa: 153.

MUSEU:

Do Instituto de Coimbra: 5, 233 e 239.

Da Direcção dos Trabalhos Geológicos: 24.

Arqueológico Nacional de Madrid: 24.

De Faro: 99 e 101.

De Castelo Branco: 102 e 107.

Museu antigo de história natural: 153.

Da Universidade Popular Portuguesa: 215.

De Machado de Castro: 233 e 239.

Antropológico da Universidade de Coimbra: 233 e 234.

Gabinete numismático da Biblioteca Nacional de Lisboa: 236 e 277.

Municipal de Bragança: 240.

Municipal de Castelo Branco: 276.

De Guimarães: 277.

De Leiria: 302.

Etnológico Português: 48, 56, 59, 68, 69, 72, 80, 83, 100, 101, 104, 105, 194, 195, 196, 198, 215, 220, 222, 224, 231, 233, 236, 237, 273, 278, 279, 284, 286, 300, 301 e 304.

Aquisições do Museu Etnológico Português: 241.

Estelas antigas discóides do Museu Etnológico Português: 291.

Crónica—Portaria de louvor: 301.

Vid. *Moedas*.

MÚSICA:

Confraria antiga: 157.

NAVIO:

Em sinal de tabelião: 19.

NOMES:

De divindades:

Apolini Aug(usto): 197.

Mercúri(o): 283.

Dibus Successis: 271.

Mars Gradivus: 272.

Poemana: 272.

Tutela: 274.

De cidades antigas:

Cetóbriga: 213.

Urbs Zoelióbriga: 240.

Salácia: 279.

De pessoas em inscrições lusitano-romanas:

Caecilia Avita: 197.

Aponius Sosumus: 218.

Marcus Marcini f(ilius): 219.

Cileá: 219.

Camirae: 219.

Talavi?: 219.

Tongeta: 219.

Arantoni: 219.

L. Caecilii Sae(cularis): 233.

G. Juli[o] Quadrat[o]: 234.

Laboena Cilurni uxor: 241.

Bovauniu(s) Bouti(i filius): 363.

Da época visigótica:

Saxsoni: 275.

OCEANO:

Mudança de nível: 230.

ORDEM MILITAR:

Referência à do Sepulcro: 216.

Vid. *Bibliografia*.

OURIVÉSARIA:

Custódia do Santo Lenho: 133.

OURO:

Aparecimento de objectos: 106.

Vid. *Sino, Anel, Moedas.*

PÁ:

De madeira, antiga: 90.

PALEOGRAFIA:

Vid. *Sinais.*

PAPAGAIO:

Em sinais mediéviços de tabelião: 16.

PEDRAS:

Com «letras»: 219.

PÉGADA:

Vid. *Inscultura.*

PELOURINHO:

O Pelourinho de Castro Laboreiro: 211.

Na povoação da Matança: 218.

PÊSO:

De pedra: 72.

Romanos: 222, 225, 235 e 303 (com marca).

Preistórico?: 236.

PINTURA:

Notícia de um pintor português: 127.

Quadro da Sé de Évora: 132.

POUSADA:

Em Lisboa: 141 e 143.

POVOAÇÃO:

Vestígios ou noticia: 59, 68, 69, 71, 80, 83, 85, 86, 233, 285 e 286.

Vid. *Cerâmica, Tijolos.*

PRATA:

Jóias (xorças e fíbulas): 102 e sgs.

Fragmentos de um vaso: 106.

Tesouro de objectos: 107.

PUNHAL:

Vid. *Arqueologia Preistórica, Xorca.*

RELIGIÃO:

Hierologia lusitânica:

1—*Pedra de anel*: 270.

2—*Bronze canéforo*: 271.

- 3—*Successa*: 271.
- 4—*Estátuas de Montalegre*: 271.
- 5—*Mão com pátera*: 272.
- 6—*Árula de bronze*: 272.
- 7—*Mars Gradivus*: 272.
- 8—*Poemana*: 272.
- 9—*Dias da semana*: 272.
- 10—*Quadrúpedes rotivos*: 272.
- 11—*Todeia*: 274.
- 12—*Anel de ouro da época visigótica*: 275.
- 13—*Toiro de bronze*: 276.
- 14—*Figura votiva de bronze*: 277.
- 15—*Caprinos de bronze do Museu Etnológico*: 279.
- 16—A propósito do funeral de Viriato: 282.
- 17—Dois bustos de Mercúrio: 283.

SEPULTURAS:

- Rupestres: 59, 60, 61, 67, 70, 71, 77, 78, 80, 85, 86, 217 e 223.
 Cistiformes: 65, 68, 76, 81 e 228.
 Cupiformes: 231 e 232.
 Tectiformes: 229.
 Romanas: 227, 234 e 286.
 Cristã, com cabeceira: 232.
 Brasonada: 216.
 Preistórica: 225.
 De tijolos: 68, 75 e 214.
 Indeterminada: 233.
Estelas discóides antigas do Museu Etnológico Português: 291.
 Vid. *Epigrafia*.

SETA:

- Ponta de seta da Moita*: 196.

SÍLEX:

- Vários utensílios, incluindo um fragmento de machado: 233.
 Lança: 303.

SIL0:

- Notícia de um: 226.

SINAIS:

- Sinais medievais de tabelião*: 13.
 De canteiro: 43.
 Alfabetiforme: 64.
 Vid. *Insculturas*.

SINO:

- Vid. *Lenda*.

SUÁSTICA:

- Vid. *Marca*.

TABELIÃO:

Vid. *Sinais*.

TANQUE:

Para salga de peixe: 230.

TERREMOTO:

Efeitos do de 1755 em uma tórre: 113.

Pretensos efeitos de um terremoto: 134.

Vid. *Oceano*.

TÊSTO:

Romano: 237.

TIJOLOS E TÉGULAS:

Fragmentos no solo: 59, 60, 61, 62, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 80, 96, 220, 221, 222, 225, 227, 230 e 284.

De sepultura: 214 e 229.

TÔRRE:

Antiga, em Évora: 134.

Antiga, do Paço: 222.

Vid. *Castelo*.

VANDALISMOS:

Vaso de prata em fragmentos: 106.

Açougue no templo romano de Évora: 133.

Lápide romana em uma cozinha: 134.

VIAGEM:

Vid. *Miscelânea*.

VIDRO:

Taça romana: 230.

Vid. *Contas*.

XORCA:

De bronze: 100 e 103.

Xorcas de bronze de Alcainça: 195.

Xorca de bronze do Moledo: 196.

ÍNDICE DOS AUTORES

A. Gonçalves:

Estatuária medieval de Coimbra: 45.

Albino Pereira Lopo:

Um monumento funerário de Pinhovelo, concelho de Macedo de Cavaleiros: 241.

Angelo Cruz e Sousa:

Castro de Penude: 203.

Antonio G. R. Madall:

Uma ara inédita: 197.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

André de Bêsende e a Crónica do mouro Rásis: 177.

Edmundo Alves:

Uma semana românica: 1. A igreja de Freixo de Baixo; 33. 2. A igreja de Vilarinho: 35; 3. A igreja de Serzedelo: 37; 4. A igreja de Santa Maria de Airães: 40; 5. A igreja de S. Vicente de Sousa; 43.

Edmundo Arménio Correia Lopes:

Arcos de ferradura: 93.

F. A. Martins de Carvalho:

Curiosidades antigas de Coimbra: 238.

Félix Alves Pereira:

Francisco Tavares de Proença Júnior: 293.

Os índices: 305 e sgs.

Fernando Braga Barreiros:

Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre: 58.

O Pelourinho de Castro Laboreiro: 211.

Fortunato de Almeida:

D.^o Augusto Mendes Simões de Castro: 1.

H. Breuil:

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches (Portalegre): 47.

Jorge de Almeida Segurado:

Tróia de Setúbal, «Cetóbriga dos Romanos?»: 213.

D.^o José Leite de Vasconcellos:

Sinais medievais de tabelião (sec. XI-XIII): 13.

Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo P.^o H. Breuil: 56.

Ceraunias: 87.

Estudos sobre a época do ferro em Portugal: 99.

Estudos sobre a época do bronze em Portugal: 193.

Objectos arqueológicos de Alcoutim: 198.

Coisas velhas: 215.

Hierologia-lusitânica: 270.

Cartas de Augusto Filipe Simões: 286.

Para a história da Medalhística: 291.

Estelas discóides antigas do Museu Etnológico Português: 291.

Bibliografia: 293.

Vieira Natividade: 297.

Paul Choffat: 298.

Excursão arqueológica: 301.

D. José Ramón Melida:

La cerámica prehistórica decorada (Los vasos de las grutas de Palmela): 23.

Luís Saavedra Machado:

Aquisições do Museu Etnológico Português: 241.

Portaria de louvor: 301.

Outra excursão arqueológica: 304.

Pérez Bayer:

Viagem em Portugal, em 1782: 108.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Arqueologia Preistórica

- Sinais em zigue-zague : 31.
Instrumentos paleolíticos : 56 e 57.
Planta de uma anta : 65.
Esquema de vaso : 66.
«Pedra de raio» : 88.
Machados de pedra : 90, 217, 222 e 223.
Enfeites de colar : 101.
Esquemas de machados : 199 (3 figuras) ; 200 (2 figuras).
Mó escavada : 200.
Machados de bronze : 223 (2 figuras).
Vasos de Palmela : estampas v a vii.
Vasos de Ciempozuelos : estampas viii a xi.
Vasos egípcios : estampa xii.
Coups de poing : estampa xxi, fig. 1 a 4.
Outros : estampa xxii, figuras 5 a 7.
Outros : estampa xxiii, fig. 8 e 9.
Outro : (estampa xxiv, fig. 10).
Outro : estampa xxiv, fig. 11.
Disco : estampa xxiii, fig. 14.

Arqueologia romana

- Lucerna : 89.
Dúas *asciolae* : 201 (2 figuras).
Bustozinho de bronze : 202.
Forno de cal : 228.
Cetárias : 230.
Vaso de vidro : 230.
Marca figulina : 233.
Lápide com pórtilco figurado : 125.
Lápide com frontão : 128.
Fragmento de cipo : 134.
Ara a Apolo : 197.
Esquema de cipo : 219.
Cano de telha coberta : 235 (2 figuras).
Têsto de ânfora : 237.

Jóia gravada: 271.
Busto de bronze (Mercúrio): 284.
Outro: 285.

Arqueologia medieval

Plantas de sepultura rupestre: 71 e 218.
Gravura animalesca: 81.
Campa visigótica: 135.
Cabeceiras de sepulturas: 232.
Lucerna cristã: 237.
Anel visigótico: 275.
Outro (estrangeiro): 275.

Arqueologia indeterminada

Padrão com gravura: 71.
Pá de madeira: 91.
Rochedos com insculptura: 208 e 219.
Pêso de tear: 237.

Arquitectura religiosa

Igreja de S. Romão de Arões: estampas XIII a XVI.

Arquitectura civil

Pelourinhos: 212, 218 e 221 (?).
Esquemas de fonte: 219 e 222.
Esquemas de capitéis: 220 (2 figuras).
Ruínas de castelo: 221.
Tôrre: 222.

Arte iberica

Porco de bronze: 273.
Cavalo de bronze: 273.
Toiro de bronze: 277.
Figura priápica de bronze: 278.
Caprino de bronze: 280.
Outro: 281.
Outro: 282.

Epigrafia

Data do sec. XIV: 61.
Inscrições do sec. XVI: 61 e 73.
Inscrições do sec. XVII: 61 e 221.
Inscrição rupestre: 62.
Inscrições do sec. XVIII: 64.
Cipo com anaglifos: 117.
Inscrição visigótica: 124.
Fragmentos de inscrição romana: 234 e 303.

Escultura

Imaginaria religiosa de Coimbra: estampas xvii a xx (figs. 1 a 4).

Etnografia

Gravura de Santa Bárbara: 92.

Medalha de suspensão: 93 (2 figuras).

Pêgada de cartão: 218.

Sinais medievais de tabelião: estampas i a iv.

Heráldica

Brasão em campá: 216.

Topografia

Levantamento de estações arqueológicas: 60, 63, 67, 68, 70, 74, 77, 78, 79, 83, 84, 203, 207, 226 e 227.

ERRATAS DO VOL. XXIV

Pag.	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
16	6	<i>mudus pinxit</i>	<i>mudus canonicus pinxit</i>
17	21	37	49
20	4	14	16
33	28	<i>abside (passim)</i>	<i>abside</i>
33	2 (Nota)	<i>Bragança</i>	<i>Bragança</i>
36	8	<i>estilizam</i>	<i>estilizam</i>
37	17	<i>idnetifica</i>	<i>identifica</i>
37	34	<i>postal</i>	<i>portal</i>
38	6 (Nota)	<i>comtempo</i>	<i>contempo</i>
39	5	<i>discrita</i>	<i>discreta</i>
39	13	<i>cingi-a</i>	<i>cingia-a</i>
41	14 (Nota)	<i>mutilição</i>	<i>mutilação</i>
44	7 (")	<i>à</i>	<i>lá</i>
45	30	<i>caiem</i>	<i>caem</i>
46	37	<i>intrepetação</i>	<i>interpretação</i>
48	2	<i>olivaies</i>	<i>olivaes</i>
55	10	<i>importants</i>	<i>importantes</i>
55	37	<i>a</i>	<i>la</i>
77	34	<i>povações</i>	<i>povoações</i>
91	1	<i>trovoada</i>	<i>trovoadas</i>
98	7 (Nota)	<i>n.º , p. .</i>	<i>n.º 3, p. 37.</i>
99	14	<i>podem</i>	<i>pode</i>
102	24	<i>primaira</i>	<i>primeira</i>
105	18	<i>xi</i>	<i>ix</i>
107	21	<i>bronse</i>	<i>bronze</i>
132	25	<i>em</i>	<i>me</i>
143	7	<i>estutua</i>	<i>estátua</i>
178	5 (Nota)	<i>Saavredra</i>	<i>Saavedra</i>
180	16 (")	<i>1 Veja-se</i>	<i>2 Veja-se</i>
181	8 (")	<i>riscunho</i>	<i>rascunho</i>
183	12 (")	<i>o t</i>	<i>o t</i>
186	7	<i>translado</i>	<i>translato</i>
206	17	<i>dedicado</i>	<i>delicado</i>
218	22	<i>interpetação</i>	<i>interpretação</i>
218	23	<i>v(otem)</i>	<i>v(otum)</i>
219	2	<i>an(orum)</i>	<i>an(norum)</i>
234	12	<i>segunda</i>	<i>segundo</i>
234	27	<i>Benardino</i>	<i>Bernardino</i>
236	37	<i>porvida</i>	<i>provida</i>
241	4 (Nota)	<i>xv,³</i>	<i>xv,</i>
244	32	<i>cupidiforme</i>	<i>cupiforme</i>
266	40	<i>LIB(esta)</i>	<i>LIB(erta)</i>

Pág.	Linha	Onde se lê:	Leia-se
269	29	<i>Benardino</i>	<i>Bernardino</i>
283	22	<i>substâncias</i>	<i>substanciosas</i>
289	31	<i>Arquivo</i>	<i>Archivo</i>
294	2	<i>saúde</i>	<i>saúdade</i>
296	20	<i>e</i>	<i>e</i>
297	38	<i>3339</i>	<i>339</i>
298	23	<i>Percurreu</i>	<i>Percorreu</i>
298	25	<i>asim</i>	<i>assim</i>
303	9	<i>mi erarum arumi</i>	<i>nii erarum arumi</i>

P. 61 linha 9—A inscrição ficou invertida.

P. 235.—As figs. 142 e 143 estão invertidas.